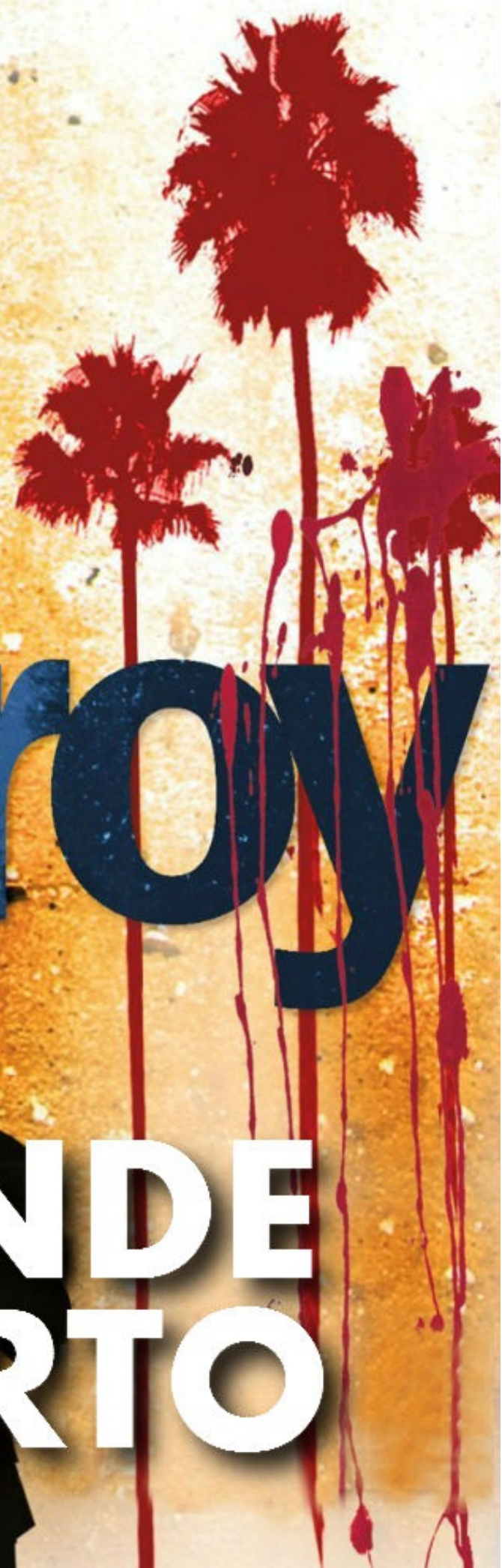
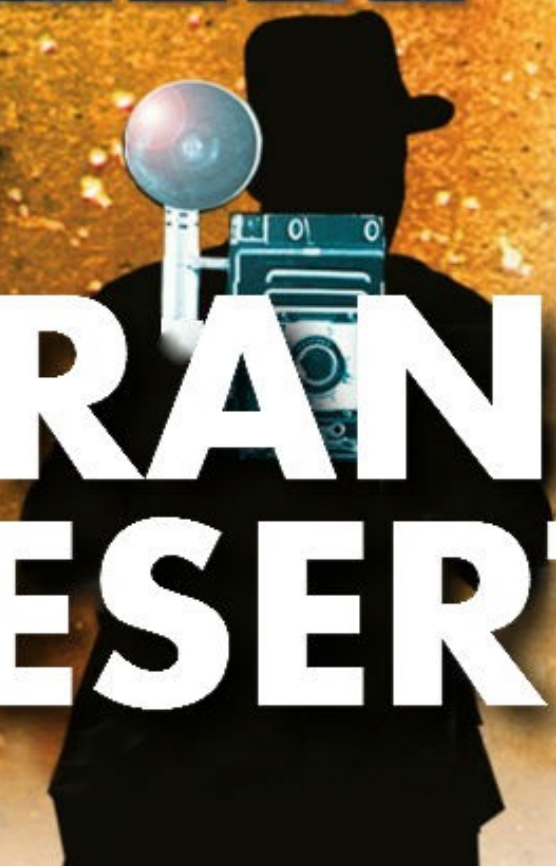


JAMES

Elroy

**O
GRANDE
DESERTO**





O GRANDE DESERTO

James Ellroy

TRADUÇÃO DE:
Alves Calado



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

E48g

Ellroy, James, 1948-

O grande deserto / James Ellroy; tradução de Ivanir Alves Calado. — Rio de Janeiro:
Record, 2001 (Coleção Negra)

Tradução de: The big nowhere
ISBN 85-01-05533-6

1. Romance americano. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

01-1041

CDD — 813

CDU — 820(73)-3

Título original norte-americano
THE BIG NOWHERE

Copyright © 1988 by James Ellroy

Design de capa: Glenn O'Neill.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em
parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-
2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 85-01-05533-6

Para
Glenda Revelle

Estava escrito que eu deveria ser leal ao pesadelo de minha preferência...

Joseph Conrad
Heart of Darkness

Parte 1

CONTRACORRENTES VERMELHAS

CAPÍTULO I

Um aguaceiro caiu logo antes da meia-noite, afogando os buzinaços e o barulho que geralmente assinalavam o Ano-Novo na Strip, trazendo 1950 para a delegacia de West Hollywood em meio a uma onda de discussões acaloradas com o apoio de um camburão.

À 0:03, uma batida entre quatro veículos na esquina da Sunset com La Cienega resultou em meia dúzia de feridos; os policiais que atenderam ao chamado conseguiram testemunhas oculares: o acidente foi causado pelo palhaço do DeSoto marrom e pelo major do Exército no carro oficial de Camp Cooke, que estavam disputando corrida sem as mãos no volante e levando no colo cachorros que usavam chapeuzinhos de festa de aniversário. Duas prisões; um telefonema para o abrigo de animais da Verdugo Street. À 0:14, um abrigo de veteranos desabitado na Sweetzer desmoronou, formando uma pilha encharcada de material pré-fabricado, matando um adolescente e uma garota que se esfregavam debaixo do alicerce; os dois estavam no necrotério do condado. À 0:29 um enfeite de néon representando Papai Noel e seus ajudantes entrou em curto-circuito num quintal, lançando chamas pelo fio elétrico até a extremidade dentro da casa — uma tomada presa a um labirinto de adaptadores que alimentava um presépio e uma árvore de Natal grande e muito iluminada —, queimando seriamente três crianças que cobriam de presentes embrulhados com lenço de papel um Menino Jesus que brilhava no escuro. Um caminhão dos bombeiros, uma ambulância e três radiopatrulhas do Departamento do Xerife chegaram ao local, e houve uma pequena briga por causa da jurisdição quando o Departamento de Polícia de Los Angeles apareceu com força máxima, já que um despachante novato confundira o endereço Sierra Bonita Drive como território metropolitano — e não do condado. Depois, cinco prisões por embriaguez ao volante; depois, uma fiada de bêbados e desordeiros à medida que as boates da Strip fechavam; depois, um assalto à mão armada na frente do Dave's Blue Room, as vítimas sendo dois caipiras de Iowa que tinham vindo à cidade para o Rose

Bowl, e os bandidos, dois crioulos que haviam escapado num Merc 47 com saíotes de para-lamas roxos. Quando a chuva foi diminuindo, pouco depois das três horas, o detetive Danny Upshaw, que estava comandando o plantão na delegacia, previu que a década de 50 seria uma década de merda.

A não ser pelos infratores bêbados e sóbrios no xilindró, ele estava sozinho. Todos os carros oficiais e não oficiais trabalhavam no turno da madrugada; não havia cadeia de comando, nenhuma telefonista ou secretária, nenhum policial à paisana no esquadrão. Nenhum patrulheiro vestido de cáqui ou verde-oliva andando de um lado para o outro, rindo por causa do serviço moleza — a Strip, mulheres vistosas, cestas de Natal mandadas por Mickey Cohen, a chateação verdadeira por causa da disputa territorial com o DPLA. Ninguém para censurá-lo com o olhar quando ele pegasse seus livros de criminologia: Vollmer, Thorwald, Maslick — perícias de cenas de crime, explicações para marcas de sangue, como revistar uma sala de cinco por sete metros em busca de provas em apenas uma hora.

Danny acomodou-se para ler, os pés apoiados na mesa à frente, o rádio de comunicações da delegacia em volume baixo. Hans Maslick estava fazendo uma digressão sobre como tirar impressões digitais de carne muito queimada, os melhores compostos químicos para remover tecido com crosta sem estragar a pele abaixo do padrão de impressão. Maslick aperfeiçoara essa técnica logo depois do incêndio em uma prisão em Düsseldorf, em 1931. Ele teve uma quantidade de defuntos e de impressões digitais com os quais trabalhar; havia uma fábrica de produtos químicos ali perto, com um jovem e ambicioso assistente de laboratório disposto a ajudá-lo. Juntos os dois trabalharam rapidamente: as soluções cáusticas queimavam muito fundo, compostos mais leves não penetravam na pele chamuscada. Danny anotava símbolos químicos num caderno, à medida que lia; visualizava-se como assistente de Maslick, trabalhando lado a lado com o grande criminologista, que lhe daria um abraço paternal a cada vez que ele conseguisse um brilhante salto de lógica. Em breve estava transpondo para a leitura a cena dos meninos queimados no presépio, trabalhando sozinho, tirando impressões de dedos minúsculos, comparando-as duas vezes com os registros de nascimento, precaução tomada nos hospitais para o caso de os recém-nascidos serem trocados...

— Chefe, temos um negócio quente.

Danny ergueu os olhos. Hosford, um policial uniformizado que trabalhava na fronteira nordeste do distrito, estava junto à porta.

— O quê? Por que você não ligou?
— Eu liguei. O senhor não deve ter...
Danny empurrou o livro e o caderno para fora das vistas.
— O que é?
— Homem morto. Eu o encontrei... na Allegro, a oitocentos metros da Strip. Minha nossa, o senhor nunca viu nada...
— Fique aqui. Eu estou indo.

A Allegro Street era uma rua residencial estreita, metade ocupada por bangalôs em estilo hispânico, metade por terrenos para construção com letreiros prometendo VIVA COM LUXO nos estilos Tudor, francês provincial e moderno. Danny seguiu por ela em seu carro civil, reduzindo a velocidade ao ver uma barreira de cavaletes com luzes vermelhas piscando, três radiopatrulhas estacionadas atrás, os faróis apontados para um terreno baldio cheio de mato.

Deixou seu Chevy junto ao meio-fio e andou até lá. Um punhado de policiais com capas de chuva apontava lanternas para o chão; o brilho das lâmpadas cor de cereja girava sobre um letreiro do condomínio ALLEGRO PLANTATION ARMS — CASAS PRONTAS PARA MORAR NA PRIMAVERA DE 1951. Os facho das lanternas cruzavam o terreno, captando garrafas vazias de bebida, madeira encharcada e restos de papel. Danny pigarreou; um dos homens girou e sacou a arma, num espasmo tenso.

— Calma, Gibbs. Sou eu, Upshaw.

Gibbs recolocou a arma no coldre; os outros policiais abriram caminho. Danny olhou para o cadáver, sentiu os joelhos se dobrarem e bancou o criminologista, para não desmaiar ou vomitar:

— Deffry, Henderson, mantenham as luzes no defunto. Gibbs, anote o que eu disser tintim por tintim. Homem branco, nu. Aproximadamente trinta a trinta e cinco anos. O cadáver está deitado de barriga para cima, braços e pernas abertos. Há marcas de amarração no pescoço, os olhos foram retirados, e está escorrendo uma substância gelatinosa de dentro das órbitas.

Danny agachou-se junto ao cadáver. Deffry e Henderson moveram o facho das lanternas para lhe proporcionar alguns detalhes.

— Os órgãos genitais estão machucados e inchados, há marcas de mordidas na glândula do pênis. — Danny enfiou a mão debaixo das costas do homem morto e sentiu a terra molhada; tocou o peito perto do coração, sentiu

a pele seca e um resíduo de calor corporal. — Não há precipitação sobre o cadáver, e como choveu forte entre a meia-noite e as três da madrugada, podemos presumir que a vítima foi colocada aqui no máximo há uma hora.

Uma sirene uivou, vindo para a cena do crime. Danny pegou a lanterna de Deffry e buscou um close extra, examinando o pior.

— Há um total de seis ferimentos ovais, irregulares, circunscritos ao torso entre o umbigo e a costela. Carne dilacerada delineia os perímetros, entranhas cobertas de sangue coagulado saem dos ferimentos. A pele ao redor de cada ferimento está inflamada, delineando diretamente as marcas das lacerações, e...

— Carinho barra-pesada, está na cara — disse Henderson.

Danny sentiu seu livro didático se fechar com barulho.

— Do que está falando?

Henderson suspirou.

— Você sabe, mordidas de amor. Que nem quando uma dona começa a dar um chupão no seu pescoço. Ei, Gibbsey, mostre ao paisana aqui o que aquela garota do Blue Room fez com você no Natal.

Gibbs deu um risinho e continuou escrevendo. Danny levantou-se, puto por estar sendo tratado com paternalismo por um gorila uniformizado. Ficar quieto fez com que o defunto lhe desse um soco de tirar o fôlego; suas pernas eram de borracha e o estômago dava saltos mortais. Apontou a lanterna de cinco pilhas para o chão ao redor do cadáver, viu que fora totalmente pisoteado pelos idiotas do Departamento do Xerife de Los Angeles, e que as radiopatrulhas haviam obliterado quaisquer possíveis marcas de pneu.

— Não sei se escrevi todas as palavras direito — disse Gibbs.

Danny encontrou sua voz de livro didático.

— Não importa. Fique com isso e entregue ao capitão Dietrich de manhã.

— Mas eu saio às oito. O chefe só chega às dez, e eu tenho ingressos para o Bowl.

— Desculpe, mas você vai ficar aqui até que o turno do dia chegue para rendê-lo ou que os peritos apareçam.

— O laboratório do condado está fechado até o Ano-Novo, e eu estou com os ingressos...

Um furgão do Departamento de Medicina Legal parou perto dos cavaletes, desligando a sirene; Danny virou-se para Henderson.

— Cordão de isolamento na cena do crime. Nada de repórteres ou curiosos. Gibbs fica aqui, você e Deffry vão começar a interrogar o pessoal

da vizinhança. Vocês conhecem a rotina: testemunhas da desova, gente suspeita andando por aí, veículos.

— Upshaw, são quatro e vinte da madrugada, porra.

— Bom. Comece agora e talvez você termine ao meio-dia. Deixe um relatório em duplicata com Dietrich e anote todos os endereços onde não houver gente em casa, de modo que possam ser verificados depois.

Henderson andou furioso até sua radiopatrulha; Danny observou o pessoal do Departamento de Medicina Legal colocar o corpo numa maca e cobri-lo com um lençol, Gibbs falando sem parar com eles, as chances para o Rose Bowl e um palavrório sobre o caso Dália Negra, ainda não solucionado, ainda assunto quente. A profusão de luzes vermelhas, lanternas e faróis cobria o terreno, captando detalhes: poças de lama refletindo o luar e sombras, a névoa de néon de Hollywood a distância. Danny pensou em seus seis meses como detetive, seus dois homicídios solucionados. Os homens do necrotério carregaram o corpo, fizeram o retorno e partiram sem sirene. Uma máxima de Vollmer veio-lhe à mente: “Em assassinatos de paixão extrema o assassino sempre trairá sua patologia. Se o detetive estiver disposto a examinar objetivamente as evidências físicas e depois *pensar* subjetivamente, segundo o ponto de vista do assassino, frequentemente resolverá crimes que são espantosos por sua característica aleatória.”

Olhos arrancados. Órgãos sexuais mutilados. Carne nua dilacerada com os dentes. Danny acompanhou o furgão do necrotério até o centro da cidade, desejando que o seu carro tivesse uma sirene para levá-lo mais depressa.

Os necrotérios da área metropolitana e do condado de Los Angeles ocupavam o primeiro andar de um armazém na Alameda, logo ao sul de Chinatown. Uma divisória de madeira separava as duas instalações: bancadas de exame, geladeiras e mesas de dissecação para cadáveres encontrados nos limites da cidade, um outro conjunto de instalações para defuntos da área não incorporada, patrulhada pelo Departamento do Xerife. Antes que Mickey Cohen pusesse o DPLA e a prefeitura de cabeça para baixo com suas revelações sobre Brenda Allen — dizendo que os figurões da polícia recebiam grana das putas mais famosas de Los Angeles — havia uma colaboração sólida entre o DPLA, que tinha sob jurisdição a área metropolitana da cidade, e o DXLA, que agia no condado, os patologistas e transportadores de cadáveres compartilhando lençóis plásticos, serras para

ossos e líquido de preservação. Agora, com os policiais do condado dando abrigo para Cohen na Strip, havia apenas conflitos entre as polícias.

Tinham chegado memorandos do pessoal da Prefeitura: *nada* de emprestar ferramentas médicas da cidade; *nada* de confraternizar com o pessoal do condado durante o serviço; *nada* de festas com uísque falsificado à luz dos bicos de Bunsen, por medo de erros nas etiquetas dos cadáveres e de que partes de corpos fossem roubadas como suvenires, resultando em escândalos que dariam força ao caso Brenda Allen. Danny Upshaw seguiu a maca onde estava o Fulano de Tal número 1-1/1/50 até a área de carga do condado, sabendo que a chance de conseguir seu patologista predileto da área metropolitana para fazer a autópsia era próxima de zero.

O lado do condado estava numa agitação só: vítimas de trânsito enfileiradas em macas, funcionários do necrotério etiquetando dedões dos pés, policiais uniformizados escrevendo relatórios sobre mortos e o pessoal da Medicina Legal fumando um cigarro atrás do outro para matar o fedor de sangue, formol e comida chinesa rançosa. Danny foi até uma saída de incêndio e em seguida circulou para a área de carga da cidade, interrompendo um trio de patrulheiros do DPLA que estava cantando “Auld Lang Syne”. Dentro, a cena era idêntica à da área do condado, só que os uniformes eram azul-marinho — e não verde-oliva e cáqui.

Danny foi direto à sala do Dr. Norton Layman, legista-chefe do Departamento de Medicina Legal da Cidade de Los Angeles, autor de *A ciência contra o crime* e seu professor no curso noturno “Medicina Legal para Iniciantes” da USC. Havia um bilhete grudado à porta: “Estou de folga a partir de 1/1. Que Deus abençoe nossa nova época com menos trabalho do que a primeira metade deste século bastante sangrento — N.L.”

Xingando baixinho, Danny pegou sua caneta e o bloco de anotações e escreveu:

“Doutor: eu deveria saber que o senhor estaria de folga na noite mais ocupada do ano. Há um interessante 187 no lado do condado — homem, sexualmente mutilado. Material para o seu livro novo e, como atendi ao chamado, tenho certeza de que pegarei o caso. O senhor tentaria fazer a autópsia? O capitão Dietrich disse que o legista do condado só estará no turno diurno, e que é suscetível a subornos. Já falei o bastante — D. Upshaw.”

Em seguida, colocou o papel sobre o papel mata-borrão da mesa de Layman, ancorou-o com um crânio humano ornamental e voltou para o território do condado.

A agitação diminuía. A luz do dia começava a se infiltrar na área de carga; a colheita noturna estava enfileirada sobre bancadas de aço para exame. Danny olhou ao redor e viu que o único ser vivo era um assistente de legista sentado numa cadeira perto da sala de despachos. Alternadamente palitando os dentes e limpando o nariz.

Foi até lá. O velho, com hálito de álcool de passas, disse:

— Quem é você?

— Detetive Upshaw, delegacia de West Hollywood. Quem é o encarregado?

— Belo turno de serviço. Você não é um pouco novo para um trabalho tão mole assim?

— Eu trabalho duro. Quem é o encarregado?

O velho enxugou na parede o dedo que estava limpando o nariz.

— Dá para ver que a conversa não é o seu ponto forte. O Dr. Katz era o encarregado, mas encheu a cara. Agora está tirando um cochilo naquele calhambeque dele. Por que todo judeu dirige Cadillac? Você é detetive, tem resposta para isso?

Danny sentiu os punhos se fechando e se travando nos bolsos; era o aviso para ficar frio.

— Não faço ideia. Qual é o seu nome?

— Ralph Carty, isso é...

— Ralph, você alguma vez já fez preparação para autópsia?

Carty gargalhou.

— Filho, já fiz todas. Fiz Rudy Valentino, que era bem-dotado que nem um jumento. Fiz Lupe Velez e Carole Landis, e tirei fotos das duas. Lupe raspava a xota. Se você fingir que elas não estão mortas, dá para se divertir. O que diz? Lupe e Carole, cinco pratas cada?

Danny pegou a carteira e tirou duas notas de dez; Carty enfiou a mão no bolso de dentro do paletó, tirando um maço de fotos brilhantes.

— Não — disse Danny. — O sujeito que eu quero está numa bancada ali.

— O quê?

— Eu vou fazer os preparativos. *Agora.*

— Filho, você não é credenciado como atendente de necrotério.

Danny acrescentou mais cinco pratas à sua gorjeta e entregou a Carty; o velho deu um beijo numa foto desbotada de uma estrela de cinema falecida.

— Acho que agora você é.

Danny pegou no carro seu kit de coleta de provas e foi trabalhar, enquanto Carty ficava de sentinela para o caso de o legista de plantão aparecer puto da vida.

Tirou o lençol de cima do cadáver e tateou os membros, testando a lividez *post mortem*; ergueu os braços e as pernas, largou-os e percebeu o tremor que indicava o *rigor mortis* se aproximando. Escreveu no caderno: “Morto provavelmente por volta da uma da madrugada.” A seguir passou tinta nas digitais do sujeito e rolou os dedos dele sobre um pedaço de cartão rígido, satisfeito ao conseguir de primeira uma impressão perfeita.

Depois examinou o pescoço e a cabeça, medindo com um compasso de calibre as marcas roxas e anotando os resultados. As marcas envolviam todo o pescoço; compridas e largas demais para que tivessem sido feitas com uma ou duas mãos. Franzindo os olhos, viu uma fibra debaixo do queixo; pegou-a com uma pinça, identificou como um pano felpudo branco, colocou-a num tubo de ensaio e, num impulso, forçou o maxilar meio trancado a se abrir, mantendo-o escancarado com uma espátula de língua. Em seguida lançou o facho da lanterna miniatura dentro da boca. Viu fibras idênticas no palato, na língua e nas gengivas; escreveu: “Estrangulado e sufocado com uma toalha felpuda branca”, respirou fundo e verificou as órbitas dos olhos.

O facho da lanterna captou membranas machucadas, com a substância gelatinosa que ele percebera no terreno da construção; Danny pegou um cotonete e preparou três amostras para microscópio a partir de cada cavidade. A gosma tinha um odor medicinal mentolado.

Descendo pelo cadáver, verificou cada centímetro; ao examinar a dobra interna dos cotovelos, estremeceu: antigas cicatrizes de agulha — fracas mas nítidas, tanto no braço direito quanto no esquerdo. A vítima era um viciado em drogas — talvez recuperado nenhuma das marcas era nova. Anotou a informação, pegou o compasso de calibre e se preparou para os ferimentos no tronco.

Os seis ferimentos ovais estavam a menos de três centímetros um do outro. Todos tinham marcas de dentes, dilaceradas demais para poder fazer moldes — e todas muito grandes para terem sido feitas por uma boca humana

mordendo direto. Danny retirou sangue coagulado das alças intestinais que se projetavam dos ferimentos; colocou as amostras em lâminas de microscópio e deu um salto especulativo pelo qual o Dr. Layman poderia tê-lo crucificado:

O assassino usou um animal ou animais no abuso póstumo da vítima.

Olhou para o pênis do morto; viu marcas inconfundíveis de dentes humanos na glândula, o que Layman chamava de “afeto homicida”, provocando gargalhadas numa sala de aula apinhada de ambiciosos policiais de licença. Ele sabia que deveria verificar a parte de baixo e o escroto. Viu Ralph Carty observando-o e fez isso, sem perceber qualquer mutilação adicional. Carty disse, com sua voz rachada:

— Bem-dotado que nem um jumento.

— Cale a porra da boca.

Carty deu de ombros e voltou ao seu exemplar de *Screenworld*. Danny virou o cadáver de costas e ficou boquiaberto.

Cortes profundos, nítidos como se tivessem sido feitos por navalhas, dezenas cruzando-se nas costas e nos ombros a partir de todos os ângulos, lascas de madeira grudavam-se às tiras finas de sangue coagulado.

Danny ficou olhando, comparando as mutilações da frente e das costas, tentando juntá-las. O suor frio encharcava os punhos de sua camisa, provocando coceira nas mãos. Em seguida ouviu uma voz rouca.

— Carty, quem é esse cara? O que ele está fazendo aqui?

Danny virou-se, pondo no rosto um riso “pacifique os nativos”; viu um homem gordo de guarda-pó branco manchado e com um chapéu de festa onde estava escrito “1950” em lantejoulas verdes.

— Detetive Upshaw. O senhor é o Dr. Katz?

O gordo começou a estender a mão, depois deixou-a cair.

— O que está fazendo com esse cadáver? E com que autoridade o senhor entra aqui e fica mexendo no meu trabalho?

Carty estava se encolhendo ao fundo, com olhos suplicantes.

— Eu recebi o chamado e quis preparar o corpo pessoalmente — disse Danny. — Sou qualificado para isso, e menti ao dizer a Ralph que o senhor falou que estava tudo bem.

— Saia daqui, detetive Upshaw — disse o Dr. Katz.

— Feliz Ano-Novo.

— É verdade, doutor — disse Ralph Carty. — Que um raio caia sobre mim se eu estiver mentindo.

Danny guardou seu kit de coleta de provas, pensando num destino: entrevistas na Allegro Street ou casa, sono e sonhos: Kathy Hudgens, Buddy Jastrow, a casa ensanguentada numa estradinha no Condado de Kern. Ao sair na área de carga e descarga, olhou para trás. Ralph Carty estava dividindo o dinheiro da propina com o médico de chapéu de lantejoulas.

CAPÍTULO II

O tenente Mal Considine estava olhando para uma foto da mulher e do filho, tentando não pensar em Buchenwald.

Passava pouco das oito da manhã; Mal estava em seu cubículo no Departamento de Investigação Criminal da Promotoria, saindo de um sono reparador alimentado por uísque demais. As pernas de suas calças estavam cobertas de confete; a estenógrafa do esquadrão, que dava para todo mundo, havia carimbado beijos na sua porta, formando aspas nas palavras “OFICIAL EXECUTIVO” em Decadência Carmesim da Max Factor. O sexto andar da Prefeitura parecia uma avenida depois de um desfile; Ellis Loew tinha acabado de acordá-lo com um telefonema: deveria encontrá-lo e a “alguém mais” no Pacific Dining Car dentro de meia hora. E ele deixara Celeste e Stefan sozinhos em casa para romper o ano — porque sabia que sua mulher transformaria a ocasião numa guerra.

Pegou o telefone e discou para casa. Celeste atendeu ao terceiro toque, sua frase mal construída dando a entender que estivera falando tcheco com Stefan:

— Sim? Quem é esse que está telefonando?

— Sou eu. Só queria que você soubesse que vou demorar mais algumas horas.

— A loura está fazendo exigências, *Herr* tenente?

— Não há loura, Celeste. Você sabe que não há loura. E sabe que eu sempre durmo na Prefeitura depois do Ano-Novo...

— Como vocês dizem *rotkopf* em inglês? Ruiva? *Kleine rotkopf scheisser schtupper*...

— Fale em inglês, droga! Não venha com isso para cima de mim!

Celeste gargalhou: os risos teatrais que perpassavam seu show de língua estrangeira sempre o deixavam louco.

— Passe o telefone para o meu filho, que droga!

Silêncio. Depois o desfecho padrão de Celeste Heisteke Considine:

— Ele não é seu filho, Malcolm. O pai dele era Jan Heisteke, e Stefan sabe disso. Você é meu benfeitor e meu marido, e o garoto tem onze anos e deve saber que a herança dele não é papo de polícia *amerikanisch*, beisebol e...

— *Passe o telefone para o meu filho, que droga!*

Celeste deu um riso baixo. Mal sabia que ela estava reconhecendo a derrota no jogo — o fato de ele usar sua voz de policial. A linha ficou silenciosa. Ao fundo dava para ouvir Celeste acordando Stefan em voz baixa, cantarolando palavras em tcheco. Depois o garoto estava ali — bem no meio deles.

— Papai... Malcolm?

— É. Feliz Ano-Novo.

— Nós vimos os fogos. Fomos até o telhado com guar-guar...

— Com guarda-chuvas?

— É. Nós vimos a Prefeitura se iluminando, depois os fogos, depois eles... estocaram?

— Eles espocaram, Stefan. E-S-P-O-C-A-R-A-M. Estocar é guardar coisas.

Stefan experimentou a palavra nova.

— E-S-T-O-C-Á?

— Com R no final. Nós vamos estudar uma lição quando eu chegar em casa. Talvez a gente vá até o Westlake Park dar comida aos patos.

— Você viu os fogos? Olhou pela janela para ver?

Ele estivera tentando se livrar da oferta de uma rapidinha com Penny Diskant no vestiário, seios e pernas grudando-o, querendo que ele pudesse.

— É, foi bonito. Filho, preciso ir agora. Trabalho. Vá dormir de novo para estar esperto na hora da nossa lição.

— Certo. Quer falar com Mutti?

— Não. Tchau, Stefan.

— Tchau, p-p-papai.

Mal desligou o telefone. Suas mãos estavam trêmulas e os olhos tinham uma película de lágrimas.

O Centro de Los Angeles estava fechado, como se dormindo, de ressaca. Os únicos cidadãos à vista eram mendigos em fila para ganhar bolinhos e café perto da Missão Union Rescue; os carros estavam estacionados

aleatoriamente na frente dos hotéis de alta rotatividade na South Main — para-choques encostados em para-lamas amassados. Confetes encharcados grudavam-se nas janelas e cobriam a calçada, e o sol que pairava acima da bacia do leste trazia a sensação de calor, vapor e ressacas ruins. Mal dirigiu até o Pacific Dining Car desejando uma morte antecipada ao primeiro dia da nova década.

O restaurante estava apinhado de turistas com máquinas fotográficas comendo o “Rose Bowl Special” — fritadas gordurosas, panquecas, *bloody marys* e café. O *maître* disse a Mal que o Sr. Loew e outro cavalheiro o esperavam no Salão Corrida do Ouro — uma área reservada, a preferida dos advogados do centro da cidade. Mal foi até lá e bateu na porta; ela se abriu numa fração de segundo e o “outro cavalheiro” ficou ali parado, rindo.

— *Toc, toc*, quem está aí? É o Dudley Smith, portanto cuidado, comunistas. Entre, por favor, tenente. Esta é uma auspiciosa reunião de cérebros da polícia, e devemos comemorar a ocasião com amenidades adequadas.

Mal apertou a mão do sujeito, reconhecendo seu nome, seu estilo, sua voz de tenor imitada com frequência. Tenente Dudley Smith, DPLA, Delegacia de Homicídios. Alto, largo e de cara vermelha; nascido em Dublin, criado em Los Angeles, formado num colégio jesuíta. Solucionador de casos prioritários para cada chefe de polícia de Los Angeles, desde Dick Steckel. Matara sete homens no cumprimento do dever, usava gravatas com estamparia feita sob encomenda: 7’s, catracas de algemas e escudos do DPLA bordados em círculos concêntricos. Segundo boatos, portava um .45 do Exército carregado com balas dundum cobertas de alho e uma faca de mola.

— Tenente, é um prazer.

— Me chame de Dudley. Temos o mesmo posto. Eu sou mais velho, mas você é muito mais bonito. Posso dizer que seremos grandes parceiros. Você não diria isso, Ellis?

Mal olhou para Ellis Loew, que estava atrás de Dudley Smith. O chefe da Divisão Criminal da Promotoria estava sentado numa cadeira de couro que parecia um trono, pegando as ostras e o bacon de sua fritada.

— Claro que sim. Sente-se, Mal. Está interessado num café da manhã?

Mal sentou-se diante de Loew; Dudley Smith sentou-se entre eles. Os dois usavam ternos de tweed com colete — o de Loew, cinza; o de Smith, marrom. Os dois usavam adereços: o advogado uma chave da Phi Beta Kappa, e nas lapelas do policial havia broches da maçonaria. Mal ajustou o

vinco de sua calça de flanela amarrotada e pensou que Smith e Loew pareciam dois filhotes malignos da mesma ninhada de cachorros.

— Não, obrigado, senhor.

Loew apontou para uma cafeteira de prata.

— Café?

— Não, obrigado.

Smith riu e bateu nos joelhos.

— Que tal uma explicação para essa intrusão matinal na sua pacífica vida familiar?

— Acho que sim — disse Mal. — Ellis quer ser promotor, eu quero ser investigador-chefe da Promotoria, e você quer tomar posse da Delegacia de Homicídios quando Jack Tierney se aposentar no mês que vem. Temos jurisdição sobre algum negócio quente do qual não ouvi falar, nós dois como investigadores, Ellis como promotor. É algo para fazer carreira. Adivinhei bem?

Dudley soltou uma gargalhada. Loew disse:

— Fico feliz por você não ter terminado a faculdade de Direito, Malcolm. Eu não gostaria de enfrentá-lo no tribunal.

— Então acertei?

Loew pegou uma ostra com o garfo e mergulhou-a na gema de ovo.

— Não. Mas conseguimos os ingressos para os cargos que você mencionou. Pura e simplesmente. Dudley se apresentou como voluntário para o dele...

Smith interrompeu:

— Eu me apresentei como voluntário por um sentimento de patriotismo. Odeio a imundície comunista mais do que Satã.

Mal observou Ellis morder um pedaço de bacon, um de ostra, um de ovo. Dudley acendeu um cigarro e ficou observando; dava para ver um soco-inglês projetando-se da cintura dele.

— Por que estou pensando em alguma coisa para um júri de instrução?

Loew se recostou e se espreguiçou. Mal soube que ele estava procurando sua personalidade de tribunal.

— Porque você é esperto. Está em dia com as notícias locais.

— Na verdade, não.

— Bom, há um bocado de problemas trabalhistas acontecendo, em particular nos estúdios de cinema de Hollywood. O pessoal do Sindicato dos Caminhoneiros vem fazendo piquetes contra a AUFC, a Aliança Unida dos

Figurantes e Contrarregras. A AUFC tem um contrato de longo prazo com a RKO e os estúdios que fazem filmes classe B, na Gower. Eles estão pedindo mais dinheiro e participação nos lucros, mas não entraram em greve...

Dudley Smith bateu na mesa com as duas mãos abertas.

— São comunistas subversivos, comedores de criancinha, todos eles!

Loew ficou quieto, parecendo irritado; Mal avaliou as mãos enormes do irlandês como especialistas em pescoções e telefones, em extrair confissões. Deu um salto rápido, percebeu que Ellis tinha medo de Smith, que Smith odiava Loew em termos gerais: como um judeu advogado e esperto, filho da puta.

— Ellis, nós estamos falando de um serviço *político*?

Loew acariciou sua chave da Phi Beta Kappa e sorriu.

— Estamos falando de uma extensa investigação por parte do júri de instrução sobre a influência comunista em Hollywood, você e Dudley como meus principais investigadores. A investigação irá se concentrar na AUFC. A organização está cheia de subversivos, e eles têm um comando central que organiza as coisas: uma mulher e meia dúzia de homens... todos muito bem conectados com colegas comunistas que foram para a cadeia por apelar à Quinta Emenda diante da Comissão de Atividades Antiamericanas em 47. Coletivamente, os membros da AUFC trabalharam em vários filmes que defendem a linha comunista, e são ligados a uma verdadeira matilha de outros subversivos. O comunismo é como uma teia de aranha. Um fio leva a um ninho, outro fio leva a toda uma colônia. Os fios são nomes, e os nomes se tornam testemunhas e citam mais nomes. E você e Dudley vão conseguir para mim todos esses nomes.

Divisas prateadas de capitão dançavam na cabeça de Mal; olhou para Loew e foi levantando-as objeções, bancando o advogado do diabo contra sua própria causa.

— Por que eu, em vez do capitão Bledsoe? Ele é investigador-chefe da Promotoria, é ele quem faz os brindes para toda a cidade, é o tio predileto de todo mundo; o que é importante, já que você está vindo como um tubarão. Eu sou um detetive especializado em recolher provas de homicídios. Dudley é um evidente chefe da Delegacia de Homicídios. Por que *nós*? E por que agora, às nove da manhã do dia de Ano-Novo?

Loew contou as réplicas nos dedos, as unhas cobertas de esmalte transparente e polidas até brilhar.

— Um: ontem à noite fiquei acordado até tarde com o promotor distrital. O orçamento fiscal final de 1950 para o departamento tem de ser submetido amanhã ao Conselho Municipal, e eu o convenci de que os cerca de quarenta e dois mil dólares que tínhamos de sobra deveriam ser usados para lutar contra a Ameaça Vermelha. Dois: o promotor Gifford, da Divisão do Júri de Instrução, e eu concordamos em trocar de cargos. Ele quer experiência em processos criminais, e você sabe o que eu quero. Três: o capitão Bledsoe está ficando senil. Há duas noites fez um discurso no Greater Los Angeles Kiwanis Club e falou um monte de obscenidades. Criou um tremendo rebuliço quando anunciou sua intenção de “mostrar o pinto” para Rita Hayworth, de “rosetar com ela até ela sangrar”. O promotor verificou com o médico de Bledsoe e ficou sabendo que o nosso querido capitão teve uma série de pequenos derrames que escondeu de todo mundo. Ele irá se aposentar no dia 5 de abril... seu vigésimo aniversário no departamento... e até então não passa de uma figura de proa. Quatro: você e Dudley são bons demais, detetives muito espertos, e com estilos de um contraste intrigante. Quinto...

Mal bateu na mesa *à la* Dudley Smith.

— Quinto: nós dois sabemos que o promotor distrital quer um homem de fora para ser investigador-chefe. Ele procurará os federais ou fará uma pescaria no DPLA antes de me pegar.

Ellis Loew se inclinou à frente.

— Mal, ele concordou em dar a você o cargo de investigador-chefe e o posto de capitão. Você está com trinta e oito anos?

— Trinta e nove.

— Ainda é um guri. Faça bem o serviço e em cinco anos estará cutucando chefes de polícia com um palito. E *eu* serei promotor distrital e McPherson será governador. Você topa?

A mão direita de Ellis Loew estava sobre a mesa; Dudley Smith cobriu-a com a sua e sorriu; a bajulação em pessoa. Mal revisou seus casos: a morte de uma prostituta em Chinatown, dois assassinatos de negros não resolvidos em Watts, um assalto à mão armada com vítima num puteiro de crioulas frequentado por chefões do DPLA. Baixa prioridade, prioridade nenhuma. Pôs a mão na pilha e disse:

— Topo.

A pilha se dispersou; Dudley Smith piscou para Mal.

— Grandes parceiros numa grande cruzada.

Ellis Loew levantou-se ao lado de sua cadeira.

— Primeiro vou lhes dizer o que nós temos, depois o que necessitamos. Temos depoimentos, feitos sob juramento, de membros do Sindicato dos Caminhoneiros, declarando que há comunistas dentro da AUFC. Temos listas de comunas, comparadas com listas de membros da AUFC; com um bocado de nomes constando em ambas. Temos cópias de filmes pró-soviéticos feitos durante a guerra, pura propaganda vermelha, nos quais membros da AUFC trabalharam. Temos a artilharia pesada que mencionarei dentro de um minuto, e estou trabalhando para conseguir um lote de fotos de vigilância dos federais: líderes da AUFC lado a lado com membros conhecidos do Partido Comunista e pessoas indiciadas pela Comissão de Atividades Antiamericanas participando dos protestos em Sleepy Lagoon em 43 e 44. Boa munição, de fonte segura.

— O negócio de Sleepy Lagoon pode ser um tiro pela culatra — disse Mal. — Os garotos que foram condenados eram inocentes, a polícia nunca pegou o verdadeiro assassino e a causa era popular demais. Republicanos assinaram a petição de protesto. Talvez você devesse repensar essa abordagem.

Dudley Smith apagou o cigarro nos restos do café.

— Eles eram culpados, garoto. Todos os dezessete. Eu conheço o caso. Eles espancaram José Diaz até quase a morte, arrastaram-no até a laguna e afundaram-no num calhambeque velho. Um crime passionai chicano, puro e simples. Diaz estava saindo com a prima do irmão de alguém. Você sabe como aqueles *cucarachas* se casam e procriam entre as famílias. Idiotas mongoloides, todos eles.

Mal suspirou.

— Foi uma prisão ilegal, tenente. Foi logo antes dos tumultos daqueles latinos de ternos *zoot suits*, e todo mundo estava com o pé atrás com relação aos chicanos. E foi o governador republicano quem perdoou aqueles garotos, não os comunistas.

Smith olhou para Loew.

— O nosso amigo aqui aceita a palavra do Quarto Poder acima da palavra de um irmão policial. Daqui a pouco vai dizer que o departamento foi responsável por todos os nossos pobres irmãos latinos feridos durante o tumulto. Uma interpretação popular entre os vermelhos, devo acrescentar.

Mal estendeu a mão para um prato de bolinhos — mantendo a voz firme para mostrar ao irlandês grandalhão que não tinha medo.

— Não, uma interpretação popular no DPLA. Na época eu estava no departamento, e os homens com quem eu trabalhava disseram que o serviço foi uma besteira total, *pura e simplesmente*. Além disso...

Loew ergueu a voz — no momento exato em que Mal ouvia sua própria voz começar a estremecer.

— *Cavalheiros, por favor.*

A interrupção permitiu que Mal engolisse em seco, montasse um olhar frio e o lançasse para Dudley Smith. O grandalhão lançou de volta um sorriso leve e disse:

— Chega de discussão por causa de um chicano morto e sem valor — e estendeu a mão. Mal apertou-a; Smith piscou.

— Assim está melhor — disse Ellis Loew —, porque, culpado ou não culpado, isso nada tem a ver com o nosso assunto. O fato é que o caso de Sleepy Lagoon atraiu um bocado de subversivos, e *eles* o exploraram com objetivos próprios. Este é o *nosso* foco. Agora sei que vocês dois querem ir para casa, para suas famílias, de modo que vamos encerrar por hoje.

— Essencialmente, vocês dois conseguirão o que os federais chamam de “testemunhas amigáveis”, pessoal da AUFC e outros esquerdistas dispostos a se limpar das ligações com os comunistas e a citar nomes. Vocês precisam conseguir confirmações de que os filmes pró-vermelhos em que o pessoal da AUFC trabalhou faziam parte de uma trama consciente: propaganda para a causa comunista. Precisam conseguir provas de jurisdição; atividades subversivas dentro da cidade de Los Angeles. Também não seria mau conseguir alguns nomes graúdos. É de conhecimento geral que um bocado de grandes astros de Hollywood são simpatizantes. Isso nos daria algum...

— Argumento publicitário? — disse Mal.

— Sim. Bem colocado, ainda que um pouco cínico. Devo dizer que o sentimento patriótico não surge fácil em você, Malcolm. Mas você poderia tentar mostrar algum fervor nessa tarefa.

Mal pensou num boato que ouvira: Mickey Cohen tinha comprado uma parte do Sindicato dos Caminhoneiros de Los Angeles do homem de frente deles na Costa Leste — um ex-pistoleiro mafioso procurando dinheiro para investir nos cassinos de Havana.

— Mickey C. poderia ser uma boa fonte de alguns trocados se as verbas da Prefeitura forem poucas. Aposto que ele não se importaria em ver o pessoal da AUFC de fora e os rapazes dele dentro. Há muito dinheiro a ganhar em Hollywood, vocês sabem.

Loew ruborizou. Dudley Smith bateu na mesa com um punho gigantesco.

— Nosso amigo Malcolm não é bobo. Sim, garoto. Mickey gostaria de ver os caminhoneiros dentro e os estúdios gostariam da AUFC fora. O que não nega o fato de que a AUFC está apinhada de comunas. Vocês sabiam, garotos, que nós quase fomos colegas uma vez?

Mal sabia: Thad Green oferecendo-lhe uma transferência para a Delegacia de Homicídios quando ele recebeu o posto de sargento em 41. Ele recusou, não tinha colhões para entrar no meio de assaltos à mão armada, atravessar portas com a arma estendida, trabalho policial com diplomacia de canhão: receber na estação um ônibus vindo de Quentin, bater nos valentões com o cano do revólver para conseguir uma condicional dócil. Dudley Smith matara quatro homens naquele serviço.

— Eu queria trabalhar na Delegacia de Costumes.

— Não culpo você, garoto. Menos risco, mais chance de promoção.

Os velhos boatos: o patrulheiro/sargento/tenente Mal Considine, do DPLA/entrando na Promotoria, não gostava de sujar as mãos. Tinha fugido de medo quando era recruta, trabalhando para a delegacia da 77th Street — o coração do Congo. Mal perguntou-se se Dudley Smith sabia do homem do gás em Buchenwald.

— É isso mesmo. Eu nunca vi coisa alguma por lá.

— O esquadrão era muito divertido, garoto. Você teria se dado bem. Os outros não achavam, mas você poderia tê-los convencido.

Ele conhece o papo antigo. Mal olhou para Ellis Loew e disse:

— Vamos terminar isso, certo? Qual é a munição pesada que você mencionou?

Os olhos de Loew moveram-se para trás e para a frente entre Mal e Dudley.

— Nós temos dois homens nos apoiando. O primeiro é um ex-federal chamado Edmund J. Satterlee. Ele é chefe de um grupo chamado Contracorrentes Vermelhas. É contratado por várias corporações e pelo que você poderia chamar de pessoas “astutas” na indústria do entretenimento. O grupo analisa futuros empregados em busca de ligações com os comunistas e ajuda a separar os elementos subversivos que podem já estar lá dentro. Ed é especialista em comunismo e vai dar a vocês uma aula sobre como analisar bem as provas. O segundo homem é um psiquiatra, o Dr. Saul Lesnick. Ele é o psiquiatra “aprovado” pelo Partido Comunista de Los Angeles desde os anos 40, e é informante do FBI há anos. Temos acesso a todo o seu dossiê de

registros psiquiátricos... de todos os figurões da AUFC... com informações pessoais remontando a antes da guerra. *Artilharia pesada*.

Smith bateu na mesa e se levantou.

— Um obus, uma arma de fogo antiaéreo, talvez até uma bomba atômica. Vamos nos encontrar com eles na sua casa amanhã, Ellis? Às dez horas?

Loew apontou-lhe um dedo.

— Às dez em ponto.

Dudley imitou o gesto para Mal.

— Até lá, parceiro. Não é a Homicídios, mas mesmo assim vamos nos divertir.

Mal assentiu e viu o grandalhão sair da sala. Segundos se passaram.

— Um trabalho duro — disse Loew. — Se eu não achasse que vocês dois iriam se dar bem juntos, não teria deixado que ele entrasse.

— Ele se ofereceu?

— Ele tem linha direta com McPherson, e sabia do serviço antes de eu receber autorização para começar. Você acha que pode mantê-lo em rédea curta?

A pergunta era como um mapa rodoviário para todos os velhos boatos. Ellis Loew considerava-o puramente um assassino de nazistas e provavelmente acreditava que ele estava por trás da malfadada tentativa de assassinato contra Buzz Meeks. Eles teriam de apagar completamente as histórias das delegacias de Costumes e da 77th. Dudley Smith era quem sabia.

— Não vejo problemas, senhor.

— Bom. Como vão as coisas com Celeste e Stefan?

— Nem queira saber.

Loew sorriu.

— Então anime-se. Coisas boas esperam por você.

CAPÍTULO III

Turner “Buzz” Meeks observava os seguranças patrulharem o terreno da Hughes Aircraft, apostando quatro contra um que Howard contratara aqueles sacanas ineficazes porque gostava dos uniformes deles, dois contra um que ele próprio desenhara as roupas. O que significava que a agência Mighty Man era um dos “cães sem dono” da RKO Pictures/Hughes Aircraft/Tool Company — empresas que o figurão comprava e vendia de pura veneta e usava para operações de sonegação de impostos. Hughes era dono de uma fábrica de sutiãs em San Ysidro — com 100% de imigrantes ilegais trabalhando; era dono de uma fábrica que produzia troféus cromados; era dono de quatro lanchonetes estrategicamente localizadas — essenciais para a manutenção de sua dieta totalmente composta por *cheeseburgers* e cachorros-quentes com pimenta. Buzz estava parado junto à porta da sua sala. Percebeu que os bolsos do homem da Mighty Man parado junto ao hangar do outro lado tinham abas pregueadas, considerou que o estilo era idêntico a uma blusa que Howard desenhara para enfatizar as tetas de Jane Russell, e desfez a aposta. E, pela trilhonésima vez na vida, pensou por que sempre desfazia as apostas quando estava chateado.

Agora estava muito chateado.

Eram pouco mais de dez da manhã de Ano-Novo. Buzz, no seu cargo de chefe de segurança da Hughes Aircraft, estivera acordado a noite inteira organizando os Mighty Men no que Howard Hughes chamava de “patrulha perimetral”. Os guardas regulares da fábrica tinham recebido folga durante a noite; espectros bêbados atravessavam o terreno desde a noite da véspera. O ponto alto do passeio era o bônus de Ano-Novo do Big Howard: um caminhão cheio de cachorro-quente e Coca-Cola que chegou logo antes de 1949 se transformar em 1950 — com os cumprimentos da lanchonete de Culver City. Buzz guardara sua folha de cálculos de apostas para olhar o Mighty Man comer; apostou seis contra um que Howard subiria pelas paredes se visse seus uniformes bordados a mão manchados de mostarda e chucrute.

Buzz olhou o relógio — 10:14 — devia ir para casa dormir ao meio-dia. Deixou-se cair numa cadeira, examinou as paredes e estudou as fotos emolduradas. Cada uma o fazia pensar nas possíveis apostas contra e a favor dele próprio, fazia-o pensar em como seu trabalho de figura de proa era perfeito, e em como era perfeito o que ele *realmente* fazia.

Ali estava ele — baixo, corpulento, ficando gordo, parado junto de Howard Hughes, alto e bonito num terno de risca de giz — um caipira de Oklahoma e o milionário excêntrico, cada um colocando chifres no outro. Buzz via a foto como os dois lados de um registro numa delegacia de cidade pequena: um dos lados falava de um xerife corrompido por mulheres e dinheiro, o outro era um lamento pelo chefão que o comprara. Em seguida havia uma coleção de fotos da polícia — Buzz todo nos trinques como recruta do DPLA em 34; ficando mais gordo e mais bem vestido à medida que as fotos saltavam para a frente no tempo: temporadas nas Delegacias de Defraudações, Roubos e Furtos e Narcóticos; paletós de cashmere e pelo de camelo, o olhar ligeiramente nervoso, comum aos corruptos de toda a parte. Depois o sargento-detetive Turner Meeks numa cama do Queen of Angels, com os figurões da polícia ao redor, apontando para os ferimentos aos quais sobrevivera — enquanto *ele* perguntava se não fora um colega policial que aprontara para ele. Uma fileira de fotos civis na parede acima de sua mesa: um Buzz mais gordo e mais grisalho com o prefeito Bowron, com o ex-promotor Buron Fitts, Errol Flynn, Mickey Cohen, produtores para quem ele trabalhara de cafetão, *starlets* que ele livrara de litígios e levava para fazer abortos, médicos que curavam drogados, agradecidos pelas referências dadas por ele. Solucionador de problemas, biscateiro, pistoleiro.

Completamente duro.

Buzz sentou-se à mesa e começou a anotar créditos e débitos. Era dono de cinco hectares e meio de terra agrícola no Condado de Ventura; terra seca e sem valor, que comprara para os pais irem para lá depois da aposentadoria — mas eles o enganaram, morrendo numa epidemia de tifo em 44. O corretor com quem estivera falando disse que conseguiria sessenta pratas por hectare — melhor pegar, a coisa não poderia ficar pior. Possuía um cupê Eldo 48 verde-menta — idêntico ao de Mickey C., mas sem lataria à prova de bala. Tinha uma porrada de ternos da Oviatt's e da London Shop, todas as calças apertadas demais na barriga — se Mickey comprasse roupas de segunda mão ele estaria feito — Buzz e o judeuzinho aparatoso tinham exatamente o mesmo tamanho. Mas o Mick jogava fora camisas que tinha usado duas

vezes, e a lista de dívidas estava escapando da página e chegando ao papel mata-borrão.

O telefone tocou; Buzz atendeu.

— Segurança. Quem é?

— É Sol Gelfman, Buzz. Lembra de mim?

O velho da MGM que tinha um neto puxador de carros, um bom garoto que roubava conversíveis nos estacionamento de restaurantes, corria com eles em Mulholland e sempre deixava sua marca registrada — um monte de merda — no banco de trás. Buzz havia comprado o oficial encarregado da prisão, que alterou o relatório para mostrar duas — e não 27 — denúncias de roubo, além de não mencionar o *modus operandi* do cagão. O juiz soltara o garoto sob *sursis*, citando a boa família e a verve juvenil.

— Claro. O que posso fazer pelo senhor, Sr. Gelfman?

— Bom, Howard disse que eu deveria telefonar para você. Estou com um probleminha e Howard disse que você poderia ajudar.

— Seu neto voltou às velhas brincadeiras?

— Não, que Deus não permita. Há uma garota no meu filme novo que precisa de ajuda. Uns bandidos têm umas fotos pornográficas dela, de antes de eu contratá-la. Dei um dinheiro para eles manerarem, mas estão insistindo.

Buzz gemeu — a coisa estava parecendo um serviço de intimidação.

— Que tipo de fotos?

— Imundas. Com animais. Lucy e um dinamarquês com uma jeba do tamanho de King Kong. Eu é que devia ter uma jeba daquelas.

Buzz pegou uma caneta e virou sua lista de dívidas para o lado em branco.

— Quem é a garota e o que o senhor sabe sobre os chantagistas?

— Não consegui saber bulhufas com os homens que foram recolher o dinheiro; mandei meu assistente de produção se encontrar com eles. A garota é Lucy Whitehall e, escute, eu coloquei um detetive particular para rastrear os telefonemas. O chefe da tramoia é um grego com quem ela está morando, Tommy Sifakis. Não é uma tremenda cara de pau? Ele está chantageando a própria namorada, e fazendo as exigências a partir de seu próprio ninhozinho de amor. Ele tem uns colegas para fazer as coletas, e Lucy nem sabe que aprontaram para cima dela. Dá para acreditar numa cara de pau dessas?

Buzz pensou em etiquetas de preço; Gelfman continuou seu discurso:

— Buzz, isso vale quinhentos para mim, e eu estou lhe fazendo um favor, porque Lucy costumava fazer striptease com Audrey Anders, garota do Mickey Cohen. Eu poderia procurar o Mickey, mas você me fez um bom serviço uma vez, por isso estou lhe entregando esse. Howard disse que você saberia o que fazer.

Buzz viu seu velho cassetete pendurado por uma correia na maçaneta do banheiro, e se perguntou se ainda levava jeito.

— O preço é mil, Sr. Gelfman.

— O quê? Isso é um assalto!

— Não, mas é uma chantagem resolvida fora dos tribunais. O senhor tem o endereço de Sifakis?

— Mickey faria isso de graça!

— Mickey faria merda e arranjaria para o senhor uma acusação de conspiração para homicídio. Qual é o endereço de Sifakis?

Gelfman exalou devagar.

— Seu caipira vagabundo desgraçado. É Vista View Court, 1.187, em Studio City, e por mil eu quero esse negócio limpo direitinho.

— Que nem merda no banco de trás — disse Buzz e desligou.

Em seguida, pegou seu revólver dos tempos do DPLA e foi para Cahuenga Pass.

A corrida até o vale demorou uma hora; à procura da Vista View Court e mais vinte minutos rodando por novos empreendimentos imobiliários: cubos de estuque em semicírculos que brotavam nas colinas de Hollywood. O número 1.187 era uma casa pré-fabricada, cor de pêssego, a tinta já desbotando, o acabamento de alumínio marcado de ferrugem. Casas idênticas flanqueavam-na — amarelo-limão, lavanda, turquesa, salmão e rosa-choque alternando-se morro abaixo, terminando num letreiro que proclamava: VISTA VIEW GARDENS! O MELHOR MODO DE VIVER NA CALIFÓRNIA! SEM ENTRADA PARA VETERANOS! Buzz estacionou em frente ao cafofo amarelo, pensando em chicletes jogados numa valeta.

Crianças pequenas corriam em triciclos pelos quintais de cascalho; nenhum adulto tomava sol. Buzz prendeu na lapela um distintivo ganho em caixa de cereal, saiu e apertou a campainha do 1.187. Dez segundos se passaram sem que ninguém viesse à porta. Olhando ao redor, enfiou um

grampo no buraco da fechadura e sacudiu a maçaneta. A tranca estalou; ele empurrou a porta e entrou na casa.

A luz do sol vazando pelas cortinas de gaze deram-lhe uma visão da sala de estar: mobília barata, fotos de atrizes seminuas nas paredes, pilhas de rádios Philco junto ao sofá — obviamente vindos de algum roubo num depósito. Buzz tirou o porrete da cintura e atravessou uma quitinete toda suja de gordura, indo até o quarto.

Mais fotos nas paredes — strippers de cinta-liga e adesivos sobre os mamilos. Buzz reconheceu Audrey Anders, a “Garota Fenomenal”, que supostamente tinha diploma de mestrado de uma faculdade onde Judas perdeu as botas. Perto dela, uma loura esguia ocupava espaço. Buzz acendeu um abajur para olhar melhor; viu fotos de publicidade mais compostas: “Lucy Suculenta” num maiô de lantejoulas, o endereço de uma agência de talentos no centro da cidade carimbado na parte de baixo. Forçando a vista, percebeu que a garota tinha olhos desfocados e um riso letárgico — provavelmente doidona com algum tipo de droga.

Em cinco minutos Buzz decidiu revirar a casa, olhou o relógio e foi trabalhar. Gavetas puxadas revelaram roupas íntimas masculinas e femininas emboladas indiscriminadamente e um punhado de cigarros de maconha; um armário de canto tinha discos 78 e romances baratos. O armário de roupas mostrava uma mulher subindo na vida, um homem correndo em segundo lugar: vestidos e saias de lojas de Beverly Hills, uniformes da Marinha fedendo a naftalina, paletós cheios de caspa.

Às 3:20 Buzz virou-se para a cama: lençóis de cetim azul, cabeceira estofada, bordada com cupidos e corações. Passou a mão debaixo do colchão, sentiu madeira e metal, agarrou e puxou uma espingarda de cano serrado, cano preto e grande, provavelmente uma calibre 10. Checando o tambor, viu que estava carregada — cinco cartuchos de carga dupla. Retirou a munição e enfiou no bolso; teve uma intuição sobre o cérebro de Tommy Sifakis e olhou embaixo do travesseiro.

Uma Luger alemã, carregada, com uma bala na câmara.

Ejetou a bala da câmara e esvaziou o pente, puto por não ter tido tempo de procurar um cofre, encontrar o negócio com o cachorro para depois esfregar na cara de Lucy Whitehall, algo para assustá-la e afastá-la de gregos com caspa e quarto organizado. Voltou à sala de estar, parando ao ver um caderno de endereços sobre a mesinha de centro.

Folheou-o, nenhum nome familiar até chegar ao G e ver Sol Gelfman, os números de telefone de sua casa e da MGM cercados por garatujas. No M e no P encontrou Donny Maslow e Chick Pardell, uns escrotos que ele arrochava enquanto trabalhava para a Narcóticos, vendedores de baseados que estavam sempre com representantes dos estúdios — não faziam o gênero chantagista. Então chegou ao S e conseguiu sua alavanca para espremer o grego e talvez ganhar alguns trocados por fora:

Johnny Stompanato, Crestview, 6.103. Guarda-costas pessoal de Mickey Cohen. Segundo boatos tinha financiado a própria saída dos serviços de terceira na Cleveland Combination através de esquemas de extorsão; segundo boatos entregava maconha mexicana a traficantes locais recebendo 30%.

O belo Johnny Stomp. O nome *dele* cercado por sinais de dólar e pontos de interrogação.

Buzz voltou ao seu carro para esperar. Virou a chave de partida para ligar a parte elétrica, rodou o botão do rádio por meia dúzia de estações, encontrou Spade Cooley e sua *Cowboy Rhythm Hour* e ouviu com o volume baixo. A música era xarope em cima de caramelo — muito doce, demais. Fez com que pensasse em Oklahoma, como seria se ele tivesse ficado. Então Spade passou do ponto — gorjeando uma canção sobre um homem em vias de ser mandado para a prisão estadual por um crime que não cometera. Isso o fez pensar no preço que tinha pago para sair.

Em 1931, Lizard Ridge, Oklahoma, era uma cidade agonizante nos pulmões de um vale empoeirado. Tinha uma fonte de renda: uma fábrica que produzia tatus de pelúcia, bolsas de tatu e carteiras de couro de lagarto, depois vendia para turistas que passavam à toda pela rodovia. Os moradores locais e os índios da reserva atiravam nos répteis, arrancavam suas peles e as vendiam para a fábrica; algumas vezes empolgavam-se demais e atiravam uns nos outros. Então as tempestades de poeira de 1931 fecharam a rodovia durante seis meses direto, os tatus e os lagartos ficaram malucos, comiam figueira-brava até adoecerem, arrastavam-se até a morte ou paravam na estrada principal de Lizard Ridge e eram esmagados pelos carros. De qualquer modo, suas peles ficavam esmagadas e estragadas demais para render um tostão a qualquer pessoa. Turner Meeks, o ás dos matadores de lagartos, capaz de acertar os sacanas com uma .22 a trinta metros de distância — justo na espinha, onde a fábrica fazia a costura —, soube que estava na hora de sair da cidade.

Por isso mudou-se para Los Angeles e foi trabalhar no cinema — bancando o figurante de faroeste — na Paramount um dia, na Columbia no outro, nos filmes classe B da Gower Gulch quando as coisas ficavam apertadas. Qualquer branco razoavelmente apresentável que pudesse girar um laço e cavalgar de verdade era mão de obra especializada na Hollywood da época da Depressão.

Mas em 1934 a tendência mudou dos *westerns* para os musicais. O trabalho ficou escasso. Ele estava para fazer um teste oferecido pela Companhia Municipal de Ônibus de Los Angeles — três vagas para seiscentos candidatos — quando Hollywood salvou-o de novo.

A Monogram Studio estava sendo sitiada por piqueteiros — vários sindicatos sob a bandeira da AFL. Ele foi contratado como fura-greve — cinco dólares por dia, trabalho extra garantido como bônus assim que a greve terminasse.

Rachou cabeças durante as duas semanas seguintes. Era tão rápido com o cassete que um policial fora de serviço apelidou-o de “Buzz” — zunido — e apresentou-o ao capitão James Culhane, chefe do Esquadrão Antimotim do DPLA. Culhane sabia identificar um policial nato. Duas semanas depois, estava dando serviço no Centro de Los Angeles; um mês depois era instrutor de tiro na Academia de Polícia. Ensinar a filha do chefe Steckel a atirar com uma .22 e a cavalgar garantiu-lhe o posto de sargento, passagens pelas delegacias de Defraudações, Roubos e Furtos e o prato principal, Narcóticos.

O serviço na Delegacia de Narcóticos tinha uma ética não escrita: você arrocha as formas mais baixas de seres humanos, faz o seu turno de serviço afundado até os joelhos na merda, recebe uma dispensa. Se você faz o serviço direito, não sacaneia os que não fazem. Se não faz, deixa uma porcentagem do que confisca direto com os negros ou com os rapazes do crime organizado que vendem somente para os crioulos — Jack Dragna, Benny Siegel, Mickey C. — e fica de olho nos interessados das outras divisões — os caras que querem que você saia para pegarem o seu trabalho.

Quando entrou para a Narcóticos em 44 ele fez seu acordo com Mickey Cohen, que na época era o azarão entre os mafiosos de LA, o sujeito faminto por ascensão. Jack Dragna odiava Mickey; Mickey odiava Jack; Buzz arrochava os traficantes de Jack na área dos negros, tirava duzentos gramas de cada quilo e vendia a Mickey, que o amou por fazer Jack sofrer. Mickey levava-o a festas em Hollywood, apresentou-o a pessoas que precisavam de favores na polícia e estavam dispostas a pagar; colocou-o em contato com

uma loura vagabunda, cujo marido estava de serviço como policial militar na Europa. Conheceu Howard Hughes e começou a trabalhar para ele, pegando garotas caipiras ansiosas pelo estrelato, escondendo-as nas *garçonnières* que o figurão tinha por toda a Los Angeles. A coisa ia bem em todas as frentes: o serviço, o dinheiro, o caso com Laura Considine. Até 21 de junho de 1946, quando uma dica anônima sobre uma operação numa loja na esquina da 68th Street com Slauson levou-o a uma emboscada num beco: dois tirambaços no ombro, um no braço, um através da banda esquerda da bunda. E um rápido bilhete de saída do DPLA com aposentadoria integral, direto para os braços de Howard Hughes, que por acaso precisava de um homem...

E ele ainda não sabia quem tinham sido os pistoleiros. As balas que os médicos haviam tirado dele indicavam dois homens; *ele* tinha dois suspeitos: capangas de Dragna ou independentes contratados por Mal Considine, marido de Laura, o sargento da Delegacia de Costumes que voltara da guerra. Mandou checar Considine dentro do departamento, ouviu dizer que ele fugia de brigas de bar em Watts, que adorava mandar recrutas novatos dar batidas contra as putas quando assumia o plantão noturno na Delegacia de Costumes, que trouxe uma mulher tcheca e o filho dela de volta de Buchenwald, e estava planejando se divorciar de Laura. Nada de concreto — de um modo ou de outro.

A única coisa certa era que Considine sabia do negócio com sua futura ex e o odiava. Buzz teve uma passagem final pela Divisão de Detetives, uma chance de dizer adeus e pegar seu distintivo de cortesia, uma chance de dar uma olhada num homem em quem pusera chifres. Passou pela mesa de Considine no esquadrão da Delegacia de Costumes, viu um sujeito alto que mais parecia advogado do que policial, e estendeu a mão. Considine olhou-o devagar e disse:

— Laura sempre teve uma queda por cafetões — e olhou para o outro lado.

Chances iguais: Considine ou Dragna, é só escolher.

Buzz viu um Pontiac conversível último tipo parar na frente do 1.187. Duas mulheres com roupas de festa saíram e foram cambaleando de salto alto em direção à porta: um grego grandalhão, com paletó apertado demais e calças curtas demais, acompanhava-as. A mais alta prendeu o salto-agulha numa rachadura do calçamento e caiu sobre um dos joelhos; Buzz reconheceu Audrey Anders, cabelo cortado em estilo pajem, duas vezes mais bonita do que na foto. A outra garota — a “Lucy Suculenta” das fotos de publicidade

— ajudou-a a se levantar e a entrar na casa, com o grandalhão logo atrás. Buzz apostou três contra um que Tommy Sifakis não reagiria à abordagem sutil, pegou seu cassete e foi até o Pontiac.

O primeiro golpe arrancou o enfeite de capô com cabeça de índio. O segundo despedaçou o para-brisa. O terceiro, o quarto e o quinto cantaram um refrão de Spade Cooley que afundou a grade do radiador, fazendo com que nuvens de vapor girassem em volta. O sétimo foi um giro em direção à janela do lado do motorista, com o barulho acompanhado por um alto “Que porra é essa?!” e o ruído familiar de metal contra metal: um cursor de espingarda jogando um cartucho na câmara.

Buzz virou-se e viu Tommy Sifakis descendo pela entrada da casa, segurando com as mãos trêmulas a arma de cano serrado. Quatro contra um que o grego estava louco demais para perceber a leveza da arma; dois contra um que ele não tivera tempo para pegar sua caixa de cartuchos e recarregar. Era um blefe, sem tirar nem pôr.

Buzz partiu, segurando o porrete do lado direito. Quando os dois estavam a uma distância capaz de provocar danos pesados, o grego puxou o gatilho e ouviu um estalido minúsculo. Buzz contra-atacou, golpeando a mão esquerda e cabeluda que tentava freneticamente acionar uma munição que não estava ali. Tommy Sifakis gritou e largou a espingarda; Buzz derrubou-o com dois socos nas costelas. O grego cuspiu sangue e tentou se enrolar numa bola, aninhando as partes feridas. Buzz ajoelhou-se ao seu lado e falou baixo, acentuando o sotaque caipira:

— Filho, o que passou, passou. Rasgue as fotos e jogue fora os negativos e eu não conto a Johnny Stomp que você o dedurou. Trato feito?

Sifakis cuspiu um grosso jorro de sangue e um “f-f-foda-se”; Buzz golpeou-o nos joelhos. O grego guinchou uma algaravia.

— Eu ia dar para você e Lucy outra chance de resolver as coisas — disse Buzz. — Mas agora acho que vou aconselhá-la a arranjar uma hospedagem mais adequada. Está com vontade de se desculpar com ela?

— F-f-fo-da-se.

Buzz deu um longo suspiro, tal como quando fez o papel de um proprietário rural que já aguentara merda demais num velho seriado da Monogram.

— Filho, esta é minha última oferta. Você se desculpa com Lucy ou eu conto a Johnny que você o dedurou, conto a Mickey C. que você está

extorquindo a colega da namorada dele e a Donny Maslow e Chick Pardell que você dedurou os dois para a Delegacia de Narcóticos. Trato feito?

Sifakis tentou estender um dedo médio esmagado; Buzz golpeou-o com o cassete, captando uma visão lateral de Audrey Anders e Lucy Whitehall junto à porta, boquiabertas. O grego revirou a cabeça no calçamento e falou rouco:

— D-d-desculpe.

Buzz viu lampejos de Lucy com seu astro canino, de Sol Gelfman embromando a carreira dela com filmes classe Z, a garota se arrastando de volta para o grego em busca de sexo violento. Falou:

— Bom garoto. — Em seguida, enfiou o cassete na barriga de Sifakis e foi até as duas mulheres.

Lucy Whitehall estava se encolhendo para dentro da sala; Audrey Anders bloqueava a porta, descalça. Ela apontou para a lapela de Buzz.

— Isso é falso.

Buzz captou o Sul na voz dela; lembrou-se de conversas de vestiário: a “Garota Fenomenal” era capaz de girar os bicos dos peitos em direções opostas ao mesmo tempo.

— Você é de Nova Orleans? Atlanta?

Audrey olhou para Tommy Sifakis arrastando-se de barriga até o meio-fio.

— Mobile. Foi Mickey quem mandou você fazer isso?

— Não. Eu estava me perguntando por que você não parece surpresa. Agora sei.

— Poderia me contar o que é?

— Não.

— Mas você já fez trabalho para Mickey?

Buzz viu Lucy Whitehall sentar-se no sofá e pegar um rádio roubado, só para ter algo que segurar. Seu rosto estava vermelho, e rios de rímel corriam pelas bochechas.

— Sem dúvida já trabalhei. Mickey desaprova o Sr. Sifakis?

Audrey gargalhou.

— Ele conhece lixo quando vê, isso tenho de admitir. Qual é o seu nome?

— Turner Meeks.

— *Buzz* Meeks?

— Isso mesmo. Srta. Anders, você tem um lugar para a Srta. Whitehall ficar?

— Tenho. Mas o que...

— Mickey ainda passa o Ano-Novo no Breneman's Ham 'n' Eggs?

— Passa.

— Então mande Lucy preparar uma bolsa. Eu levo vocês até lá.

Audrey se apressou. Buzz perguntou-se até que ponto Mickey iria aguentá-la bancando a espertinha antes de puxar a corrente; se ela já fizera o truque dos mamilos para ele. Ela ajoelhou-se ao lado de Lucy Whitehall, alisando seu cabelo, tirando o rádio de suas mãos. Buzz entrou no carro e foi de ré até o pátio de cascalho, com um olho no grego que ainda gemia baixo. Gente da vizinhança espiava das janelas, venezianas escancaradas ao redor do beco. Alguns minutos depois, Audrey saiu com Lucy da casa, abraçando-a pelos ombros, a outra mão carregando uma bolsa de papelão. A caminho do carro, parou para dar um chute nos bagos de Tommy Sifakis.

Buzz pegou o Laurel Canyon na volta para Hollywood — mais tempo para imaginar o jogo, caso Johnny Stompanato aparecesse ao lado de seu chefe. Lucy Whitehall murmurava litanias dizendo que Tommy Sifakis era um sujeito legal com alguns problemas, e Audrey murmurava “Pronto, pronto”, dando-lhe cigarros para fazê-la calar-se.

Estava parecendo uma aposta tripla: mil de Gelfman, qualquer trocado que Mickey lhe passasse caso ficasse sentimental com Lucy, e um arrocho ou um favor arrancado de Johnny Stomp. Era bom pegar leve com o Mick — não o via desde que saíra do departamento e do trato de porcentagem entre os dois. Desde então o sujeito sobreviviera a uma explosão, a duas auditorias do Imposto de Renda, a quando seu braço direito Hooky Rothman enfiou o cano de uma Ithaca calibre 12 na sua cara e ao tiroteio do lado de fora da Sherry's — o que podia ser coisa de Jack Dagna ou de atiradores do DPLA, vingança pelas cabeças de policiais que rolaram por causa do caso Brenda Allen. Mickey era dono de metade das apostas ilegais, da agiotagem, dos batedores de carteira e do tráfico de drogas em LA; era dono do xerife de West Hollywood e dos poucos figurões da Prefeitura que não queriam vê-lo crucificado. E Johnny Stomp ficara grudado com ele durante isso tudo: o pau-para-toda-obra de um príncipe judeu. Era bom lidar com os dois *muito* de leve.

O Laurel Canyon terminava logo ao norte da Strip; Buzz pegou ruas secundárias até a esquina de Hollywood com Vine, demorando-se nos sinais

de trânsito. Podia sentir Audrey Anders olhando-o do banco de trás, provavelmente tentando descobrir o que havia entre ele e Mickey. Ao parar diante do Breneman's, ele disse:

— Você e Lucy ficam aqui. Preciso falar com Mickey em particular.

Lucy soluçou e remexeu em seu maço de cigarros; Audrey estendeu a mão para a maçaneta.

— Eu vou também.

— Não, não vai.

Audrey ficou vermelha; Buzz virou-se para Lucy.

— Meu doce, isso tem a ver com aquelas fotos suas com o cachorrão velho. Tommy estava arrojando o Sr. Gelfman, e se você entrar com cara de perturbada, Mickey pode simplesmente matá-lo e colocar todos nós numa tremenda encrenca. Tommy tem alguns problemas, mas talvez vocês dois possam resolver as coisas...

Lucy uivou e fez com que ele parasse; o olhar de Audrey disse que ele era mais baixo do que o cachorro. Buzz entrou rapidamente no Breneman's. O restaurante estava apinhado, a equipe de rádio do *Café da Manhã de Tom Breneman em Hollywood* guardava o equipamento e o levava para a saída lateral. Mickey Cohen estava num reservado, com Johnny Stompanato e outro capanga sanduichando-o. Um terceiro homem sentava-se sozinho numa mesa contígua, os olhos constantemente circulando, um jornal aberto na cadeira ao lado — obviamente camuflando uma arma monstruosa.

Buzz foi até lá; a mão do pistoleiro entrou debaixo do *Herald* matutino. Mickey levantou-se, sorrindo; Johnny Stomp e o outro cara grudaram risos idênticos no rosto e se afastaram para que ele entrasse no reservado. Buzz estendeu a mão; Cohen ignorou-a, agarrou sua nuca e beijou-o nas duas bochechas, arranhando-o com a barba crescida.

— Amigão, já faz tanto tempo!

Buzz recuou diante de uma explosão de perfume.

— Tempo demais, amigão. Como vão os negócios?

Cohen gargalhou.

— A camisaria? Agora eu tenho também uma floricultura e uma sorveteria.

Buzz viu que Mickey estava olhando-o de cima a baixo; que captara seus punhos de camisa puídos e as unhas feitas em casa.

— Não. Os *negócios*.

Cohen cutucou o homem à esquerda, um sujeito ossudo com olhos grandes e azuis e palidez de cadeia.

— Dave, ele quer saber dos negócios. Conte a ele.

— Os homens precisam jogar, pegar dinheiro emprestado e comer mulheres — disse Dave. — Os crioulos precisam voar até o sétimo céu nas linhas aéreas pó branco. Os negócios vão bem.

Mickey uivou numa gargalhada. Buzz deu um risinho, fingiu um ataque de tosse, virou-se para Johnny Stompanato e sussurrou:

— Sifakis e Lucy Whitehall. *Fique com a porra da boca fechada.*

Mickey deu-lhe um soco nas costas e estendeu-lhe um copo d'água; Buzz continuou tossindo, desfrutando do olhar no rosto de Stompanato — um Adônis italiano transformado num colegial apanhado com a mão na massa, seu topete perfeitamente brilhantinado em vias de desmoronar de pânico. Os tapas de Cohen nas costas; Buzz tomou um gole d'água e fingiu recuperar o fôlego.

— Dave, você é um sujeito engraçado.

Dave deu um meio sorriso.

— O melhor do Oeste. Eu escrevo todos os números do Sr. Cohen para as reuniões no Friar's Club. Pergunte a ele “como vai a esposa?”.

Buzz saudou Dave com seu copo.

— Mickey, como vai a esposa?

Mickey Cohen ajeitou o paletó e cheirou o cravo enfiado na lapela.

— Algumas mulheres você quer ver, da minha mulher você quer fugir. Dois capangas de Dragna estavam de tocaia perto da minha casa depois do serviço do Sherry's, minha mulher levou leite e biscoito para eles, mandou atirar baixo. Ela não transa comigo desde que Lindbergh atravessou o Atlântico, mas também não quer que ninguém transe. Minha mulher é tão fria que a empregada chama nosso quarto de calota polar. As pessoas chegam perto de mim e perguntam “Mickey, como andam as coisas?”, aí eu tiro um termômetro de dentro da cueca e ele está marcando vinte e cinco abaixo de zero. As pessoas dizem: “Mickey, você é popular com as mulheres, elas devem lhe fazer barba, cabelo e bigode todo dia.” E eu digo: “Você não conhece minha mulher... o mais comum é ela jogar água, passar o rodo e me varrer para longe.” Algumas mulheres você *precisa* ver, de algumas você *precisa* fugir. Epa... aí vem ela!

Mickey terminou o número com um gesto largo para pegar o chapéu. Dave, o escritor de piadas, desmoronou sobre a mesa, numa convulsão de

gargalhadas. Buzz tentou invocar risinhos mas não conseguiu; estava pensando que Meyer Harris Cohen havia matado onze homens, pelo que ele sabia, e ganhava *pelo menos* dez milhões por ano, livres de impostos. Balançando a cabeça, falou:

— Mickey, você é um sacana.

Um grupo de otários na mesa ali perto estava aplaudindo o número; Mickey levou o dedo até o chapéu, na direção deles.

— É? Então, por que não está rindo? Dave, Johnny, vão sentar em outro lugar.

Stompanato e o escritor de piadas deslizaram silenciosamente para fora do reservado.

— Você precisa de um trabalho ou de uma força, estou certo? — perguntou Cohen.

— Não.

— Howard está tratando bem de você?

— Ele me trata muito bem.

Cohen brincou com seu copo, batendo nele com a pedra de seis quilates do dedo mindinho.

— Sei que você está encrencado com alguns *bookmakers*. Você deveria estar comigo, garoto. Os termos são bons, sem suor para ganhar o pagamento.

— Eu gosto do risco. Ele me deixa alerta.

— Você é um escroto maluco. O que você quer? É só dizer.

Buzz olhou o salão ao redor, viu Stompanato junto ao balcão, tomando um puro para arrumar coragem, e figuras que pareciam cidadãos honestos lançando olhares sub-reptícios para Mickey, como se ele fosse um gorila de zoológico que pudesse fugir da jaula.

— Quero que você não pegue pesado com um sujeito que está para deixá-lo realmente furioso.

— O quê?

— Você conhece Lucy Whitehall, a amiga de Audrey?

Mickey traçou no ar a figura de uma ampolheta.

— Claro. Solly Gelfman vai usá-la em seu próximo filme. Ele acha que ela vai longe.

— Talvez até o inferno — disse Buzz e em seguida viu Mickey entrando em seu característico fogo baixo: narinas abertas, maxilar trincado, olhos procurando alguma coisa para esmagar, e entregou-lhe o *bloody mary* pela

metade que Johnny Stompanato deixara para trás. Cohen tomou um gole e lambeu polpa de limão nos lábios.

— Desembuche. *Agora*.

— O macho de Lucy andou chantageando Solly com umas fotos pornográficas. Eu acabei com o negócio, dei umas porradas no cara. Lucy precisa de um lugar seguro para ficar, e tenho certeza de que o grego tem colegas com o pessoal do xerife de West Hollywood, colegas seus. Também sei que ele costumava vender bagulho no território de Dragna... o que deixou o velho Jack D. realmente furioso. Dois motivos muito bons para você deixá-lo em paz.

Cohen estava segurando o copo com dedos que pareciam salsichas branco-azuladas, de tanta força.

— Que... tipo... de... fotos?

A grande pergunta errada. Talvez Mickey andasse conversando com Sol Gelfman e soubesse da verdade. Buzz preparou-se.

— Lucy é um cachorro.

A mão de Mickey estourou o copo, estilhaços explodindo por cima de toda a mesa, suco de tomate e vodca borrifando Buzz. Mickey olhou para a mão sangrenta e apertou-a contra o tampo da mesa. Quando a toalha branca começou a ficar vermelha, ele disse:

— Esse grego está morto. Ele já virou comida de cachorro, porra.

Dois garçons haviam se aproximado. Ficaram por perto, arrastando os pés. Os otários da mesa ao lado tinham rostos chocados — uma senhora idosa estava com o maxilar praticamente caído na sopa. Buzz acenou para que os garçons se afastassem, sentou-se ao lado de Cohen e passou um dos braços ao redor de seus ombros que tremiam.

— Mickey, você não pode, e sabe disso. Você espalhou a notícia de que todo mundo que sacaneia Jack D. é seu amigo, e o grego fez isso, em grande estilo. Audrey me viu trabalhando nele, e ela *vai saber*. E o grego não sabia como você é leal; que os amigos da sua garota são como parentes para você. Mickey, você precisa deixar isso de lado. Você tem muito a perder. Arranje um bom lugar para Lucy ficar, um lugar onde o grego não possa encontrá-la. Faça disso um *mitzvah*.

Cohen tirou a mão de cima da mesa, sacudiu-a para soltar estilhaços de vidro e lambeu gosma de limão dos dedos.

— Quem estava nisso, além do grego?

Buzz mostrou-lhe os olhos, o capanga leal que jamais mentiria; falou o nome de dois veados que ele expulsara da cidade por terem roubado Lew, o *bookmaker* do judeu Wershow da Paramount.

— Bruno Geyer e Steve Katzenbach. São bichas. Você vai arranjar um lugar para Lucy.

Cohen estalou os dedos; garçons se materializaram e limparam a mesa numa rapidez de dervixe. Buzz sentiu engrenagens girando atrás do rosto impassível de Mick — na *sua* direção. Afastou-se para dar um pouco de rédeas ao sujeito; manteve a cara de pau quando Mickey disse:

— *Mitzvah*, hein? Seu merdinha *goy*. Onde Audrey e Lucy estão agora?

— Ali fora no meu carro.

— Quanto Solly pagou a você?

— Mil.

Mickey enfiou a mão no bolso das calças e pegou um rolo de notas de cem. Tirou dez, colocou-as enfileiradas sobre a mesa e disse:

— Esse é o único *mitzvah* que você conhece, seu sacana. Mas você me economizou uma chateação, por isso estou pagando igual. Compre umas roupas.

Buzz embolsou o dinheiro e levantou-se.

— Obrigado, Mick.

— Foda-se. Como você chamaria um elefante que faz bico rodando bolsinha?

— Não sei. De quê?

Mickey abriu um riso enorme.

— Uma puta de duas toneladas cujo michê é o seu peso em amendoins.

— É de matar de rir, Mick.

— Então por que não está rindo? Mande as garotas entrarem... *agora*.

Buzz foi até o balcão e flagrou Johnny Stompanato tomando outra dose. Ao se virar, viu Cohen sendo atendido por Tom Breneman e o *maître*, levando-o para longe das vistas. Johnny Stomp girou; Buzz colocou na mão dele cinco das notas de cem dadas por Mickey.

— Sifakis dedurou você, mas não quero que toque nele. E não contei bulhufas ao Mickey. *Você me deve uma*.

Johnny sorriu e guardou o dinheiro no bolso.

— Obrigado, meu chapa.

— Não sou seu chapa, seu carcamano chupador de rola. — E saiu, guardando as outras notas de cem no bolso da camisa, cuspiendo na gravata e

usando-a para tirar as manchas de suco de tomate do seu melhor paletó da Oviatt's. Audrey Anders estava parada na calçada, olhando-o.

— Bela vida você tem, Meeks — disse ela.

CAPÍTULO IV

Parte dele sabia que era apenas um sonho — que era 1950, e não 1941; que a história seguiria seu curso enquanto parte dele tentava agarrar novos detalhes e outra parte tentava ficar numa imobilidade de morte para interromper o desenrolar.

Estava disparando para o sul através da 101, dirigindo um sedã LaSalle envenenado. Sirenes da patrulha rodoviária se aproximavam; o mato baixo do Condado de Kern crescia ao redor. Viu uma série de estradas de terra serpenteando para longe da rodovia e entrou na da extrema esquerda, achando que os carros que o perseguiam seguiriam direito em frente ou pelo meio. A estrada passava por fazendas e cabanas de colhedores de frutas, entrando num desfiladeiro apertado; ele ouvia sirenes à esquerda e à direita, atrás e na frente. Sabendo que qualquer estrada significaria a captura, diminuiu a marcha e enfiou-se pela terra coberta de mato baixo, ganhando distância do barulho dos carros. Viu luzes paradas adiante e achou que fosse uma casa de fazenda; uma cerca se materializou; ele reduziu a marcha, fez uma curva em segunda, devagar, e teve a visão perfeita de uma janela muito iluminada:

Dois homens dando machadadas numa mulher loura e jovem encostada num portal. Um lampejo de meio segundo de um braço decepado. Uma boca escancarada borrada com batom cor de laranja e gritando muda.

O sonho acelerou.

Ele chegou a Bakersfield; descarregou o LaSalle; foi pago. De volta a San Berdoo, aulas de biologia na JC, pesadelos com a boca e o braço. Pearl Harbor, dispensa por causa de um tímpano perfurado. Nenhuma quantidade de estudos, de dinheiro ou de *qualquer coisa* pode afastar a garota. Meses passam, e ele volta para descobrir como e por quê.

Demora um tempo, mas descobre um triângulo: uma garota desaparecida chamada Kathy Hudgens, seu amante rejeitado Marty Sidwell — morto em Saipan — interrogado pelos policiais e liberado porque não encontraram

qualquer corpo. O homem número dois era com toda a probabilidade Buddy Jastrow, solto de Folsom sob condicional, conhecido por gostar de torturar cães e gatos. Também desaparecido — visto pela última vez dois dias depois de ter atravessado a plantação de repolho seca. O sonho dissolvendo-se em textos datilografados — textos de criminologia preenchidos com escabrosas fotos de legistas. Entrou para o Departamento do Xerife de LA em 1944 para saber POR QUÊ; avançando através do serviço de cadeia e de patrulha; outros policiais zombando de sua busca perpétua a Harlan “Buddy” Jastrow.

Houve um barulho. Danny Upshaw despertou de súbito, pensando que era uma sirene. Então viu os redemoinhos de estuque no teto do quarto e soube que era o telefone.

Pegou-o.

— Comandante?

— É — disse o capitão Al Dietrich. — Como sabia?

— Você é o único que me telefona.

Dietrich fungou.

— Alguém já o chamou de asceta?

— Já, você.

Dietrich gargalhou.

— Gosto da sua sorte. Uma noite como chefe interino da vigilância e você tem enchentes, duas mortes acidentais e um homicídio. Quer me colocar em dia sobre isso?

Danny pensou no cadáver: marcas de mordida, os olhos faltando.

— Foi a pior coisa que já vi. Conversou com Henderson e Deffry?

— Eles deixaram relatórios das entrevistas com os moradores. Nada importante. Feio, não é?

— O pior que já vi.

Dietrich suspirou.

— Danny, você é um detetive novato no esquadrão, e nunca trabalhou num serviço assim. Você só viu isso nos livros, em preto e branco.

A boca e o braço de Kathy Hudgens ficaram superpostos sobre o teto — em Technicolor. Danny agarrou-se à calma.

— Certo, comandante. Foi ruim. Fui até o necrotério e... acompanhei a preparação. O negócio ficou pior. Depois voltei para ajudar Deffry e Henderson...

— Eles me contaram. Também disseram que você ficou bancando o chefão. Pare com isso, do contrário vai ganhar uma reputação de prima-dona.

Danny engoliu em seco.

— Certo, capitão. O corpo já foi identificado?

— Ainda não, mas acho que encontramos o carro em que ele foi transportado. É um Buick Super 1947, verde, abandonado a meio quarteirão do terreno de construção. Estofamento branco com o que parece ser marcas de sangue. Hoje, às dez da manhã, ele foi dado como roubado, sumiu do lado de fora de um clube de jazz na South Central. O dono ainda estava bêbado quando telefonou; ligue para ele para conseguir detalhes.

— O pessoal das digitais está trabalhando?

— Isso está sendo feito agora.

— O pessoal do serviço de identificação foi até o local?

— Não. Só consegui o sujeito das digitais.

— Merda. Capitão, eu quero esse caso.

— Você pode tê-lo. Mas sem publicidade. Não quero outra confusão como a da Dália Negra.

— E quanto a outro homem para trabalhar comigo?

Dietrich deu um suspiro, longo e lento.

— Se a vítima garantir isso. Por enquanto é só você. Só temos quatro detetives, Danny. Se esse Fulano de Tal era um lixo, não quero desperdiçar outro homem.

— Um homicídio é um homicídio, senhor — replicou Danny.

— Você é mais inteligente do que isso, detetive.

— Sim senhor — disse Danny, em seguida desligou.

O dia esfriara e estava coberto de nuvens. Danny ligou o rádio na ida até a Allegro; o homem do tempo estava prevendo mais chuva, talvez enchente nos cânions — e não havia novidades sobre o horrível Fulano de Tal. Ao passar pela área de construção, viu crianças jogando futebol na lama e curiosos apontando para a cena do espetáculo da noite anterior — agora qualquer exame no terreno renderia zero.

O furgão do encarregado das digitais e um Buick abandonado estavam no final do quarteirão. Danny percebeu que o sedã estava estacionado perfeitamente, alinhado a cerca de quinze centímetros do meio-fio, os pneus apontados para dentro impedindo que o veículo escorregasse morro abaixo. Uma pista psicológica: o assassino tinha acabado de apagar brutalmente a sua vítima e transportado o corpo de Deus sabe onde, e mesmo assim teve a

calma para descartar friamente o carro — *perto* do local de desova — o que significava que provavelmente não havia testemunhas da morte.

Danny rodeou o furgão e estacionou seu Chevy, captando as pernas do técnico penduradas para fora da porta do Buick. Indo até lá, ouviu a voz do dono das pernas.

— Marcas de luva no volante e no painel, detetive. Sangue recém-coagulado no banco de trás e alguma substância branca e pegajosa na lateral interna da porta.

Danny olhou, viu um policial velho, à paisana, salpicando pó para impressões no porta-luvas, e uma mancha fina de sangue seco pintalgada de tufo branco de tecido atalhado no banco de trás. O encosto do banco logo atrás do motorista estava marcado com riscas cruzadas de sangue — o material felpudo entranhado mais fundo na sujeira. A lateral aveludada junto à janela estava manchada com a substância gelatinosa que ele etiquetara no necrotério. Danny cheirou aquela coisa, sentiu o mesmo perfume medicinal mentolado, fechou e abriu os punhos enquanto fazia uma reconstituição no local:

O motorista levou sua vítima até a área de construção como se fosse um chofer, o defunto sentado e vestido num robe atalhado branco, a cabeça sem olhos balançando de encontro à lateral, deixando escorrer o unguento. As marcas cruzadas nos encostos no banco eram os cortes de navalha nas suas costas, que atravessaram o tecido do roupão; a mancha de sangue no assento se devia ao fato de o cadáver ter balançado para o lado quando o assassino fez uma curva fechada à direita.

— Ei! Detetive!

O homem das impressões estava sentado ereto, obviamente puto por ele estar tomando liberdades.

— Olhe, eu tenho de trabalhar na parte de trás agora. Você se importa...

Danny olhou para o retrovisor, viu que estava posicionado de um modo estranho, e sentou-se atrás do volante. Outra reconstituição: o espelho dava uma visão perfeita do banco de trás, das riscas de sangue e da lateral suja com a gosma. O assassino o havia ajustado para olhar a vítima enquanto dirigia.

— Qual é o seu nome, filho?

Agora o velho técnico estava realmente chateado.

— Detetive Upshaw — disse Danny. — E não se incomode com o banco de trás. Esse sujeito é esperto demais.

— Gostaria de me dizer como sabe disso?

O rádio no furgão do técnico estalou; o veterano saiu do Buick, balançado a cabeça. Danny memorizou a lâmina de registro presa à barra de direção: Nestor J. Albanese, S. St. Andrews, 1.236, LA, Dunkirk — 4.619. Pensou em Albanese como assassino — um informe falso de roubo de carro — e descartou a ideia por achá-la absurda; pensou na fúria necessária para trucidar a vítima, no gelo necessário para dirigir com ela pela Los Angeles no trânsito da noite de Ano-Novo. *Por quê?*

O técnico gritou:

— Para você, Upshaw.

Danny foi até o furgão e pegou o microfone.

— Sim?

Uma voz feminina, filtrada pela estática, respondeu:

— Karen, Danny.

Karen Hiltcher, a despachante da delegacia; *sua* garota esporádica — uma conversa mole ocasional em troca dos favores dela. Karen não sacava que ele não estava interessado e insistia em usar seu primeiro nome pelo rádio da polícia. Danny apertou o botão de falar.

— Sim, Karen.

— Há uma identificação do seu 187. Martin Mitchell Goines, branco, data de nascimento 9/11/16. Duas condenações por posse de maconha, dois anos na prisão do condado pela primeira, três a cinco na do estado pela outra. Saiu de St. Quentin sob condicional depois de cumprir três anos e meio, em agosto de 48. Seu último endereço conhecido era uma casa entre a Oitava e a Alvarado. Ele estava violando a condicional do estado, e já tinha um mandado de busca. Como profissão ele disse que era músico, registrado na seção local 3.126 do sindicato em Hollywood.

Danny pensou no Buick roubado do lado de fora de um clube de jazz no bairro negro.

— Você tem fotos?

— Acabaram de chegar.

Ele usou sua voz açucarada.

— Me ajuda com a papelada, meu doce? Uns telefonemas?

A voz de Karen veio gemida e ronronante — mesmo por cima da estática.

— Claro, Danny. Você vem pegar as fotos?

— Em vinte minutos.

Danny olhou ao redor e viu que o técnico tinha voltado ao trabalho.

— Você é uma boneca — disse, esperando que a garota engolissem.

Danny ligou para Nestor J. Albanese de um telefone público na esquina da Allegro com Sunset. O homem tinha voz rouca e a fala hesitante de quem sofria de ressaca; contou uma versão bêbada do que fizera na noite de Ano-Novo, repassando-a três vezes antes que Danny conseguisse uma cronologia correta.

Ele estava percorrendo as boates do bairro negro a partir das nove horas, as espeluncas de jazz perto da Slauson e da Central — o Zombie, o Bido Lito's, o Tommy Tucker's Playroom, o Malloy's Nest. Ao deixar o Nest por volta da uma da madrugada, foi até onde pensara ter deixado seu Buick. O carro não estava lá, por isso ele voltou, bêbado, achando que tinha deixado o veículo numa rua lateral. A chuva o estava encharcando, ele estava tonto de tomar *mai tais* e champanhe. Pegou um táxi para casa e acordou — ainda amarrotado — às oito e meia. Pegou outro táxi de volta à South Central, procurou o Buick durante uma hora inteira, não encontrou e ligou para a polícia para dizer que havia sido roubado. Em seguida pegou outro táxi e voltou para casa de novo, e foi contatado pelo sargento de plantão da delegacia de West Hollywood, que lhe disse que seu orgulho e alegria tinha sido provavelmente usado como veículo de transporte num caso de homicídio, e agora, às 3:45 da tarde, dia de Ano-Novo, ele queria seu neném de volta — e era isso.

Danny descartou Albanese 99% como suspeito — o sujeito parecia um legítimo estúpido, declarou não ter ficha criminal e parecia sincero quando negou conhecer Martin Mitchell Goines. Danny falou que o Buick seria liberado do depósito do condado dentro de três dias, desligou e foi até a delegacia em busca de fotos e favores.

Karen Hiltscher estava fora, na folga do almoço; Danny agradeceu por ela não se encontrar por ali para fazer olhos melosos e cutucar seus bíceps, surrupiando sensações enquanto o sargento de plantão dava risinhos. Karen havia deixado a tira de fotos sobre a mesa. Vivo e com olhos, Martin Mitchell Goines parecia jovem e valentão — um gigantesco topete brilhantinado era a principal característica de suas fotos de frente, perfil direito e esquerdo. As fotos datavam da segunda prisão por porte de maconha: numa placa pendurada ao pescoço estava escrito DPLA 16/4/44. Há seis anos; três e meio

passados em Quentin. Goines envelhecera mal — e morrera parecendo mais velho do que os seus 33 anos.

Danny deixou um memorando para Karen Hiltscher:

“Meu doce — pode fazer isso para mim? Um: ligue para a Yellow, a Beacon e a cooperativa de táxis independentes. Pergunte sobre homens sozinhos apanhados na Sunset entre Doheny e La Cienega e nas ruas laterais, entre três e quatro da madrugada de ontem. O mesmo sobre um homem bêbado apanhado na Central com Slauson e levado até o quarteirão 1200 da S. St. Andrews, entre meia-noite e meia e uma da madrugada. Pegue todas as anotações sobre pessoas apanhadas nessas horas e nesses locais. Dois: continue amigável, certo? Desculpe aquele almoço que cancelei. Eu tinha de estudar para uma prova. Obrigado — D.U.”

A mentira deixou Danny irritado com a garota, com o Departamento do Xerife e consigo próprio por estar abrindo as pernas para uma paixão adolescente. Pensou em ligar para a delegacia da 77th e dizer que estaria atuando na área metropolitana, depois afastou a ideia — era como baixar a cabeça para o DPLA e para a birra deles porque o pessoal do xerife apoiava Mickey Cohen. Segurou o pensamento, o desprezo. Um bandido mafioso, que queria ser cômico de boate e chorava por causa de cachorros perdidos e crianças aleijadas, havia comprado um departamento de polícia de uma cidade grande, deixando-o de joelhos com uma gravação feita a partir de grampos: policiais da Delegacia de Costumes recebendo subornos e servindo de motoristas para prostitutas; o pessoal da ronda noturna da divisão de Hollywood comendo as putas de Brenda Allen em colchões na cadeia da delegacia de Hollywood. Mickey C. usando todo o seu arsenal de chantagem porque os figurões da Prefeitura aumentaram em dez por cento sua propina para agiotagem e apostas ilegais. Feio. Estúpido. Cobiçoso. *Errado*.

Danny deixou aquela litania fervilhar no caminho até o bairro negro — da Sunset para o leste até a Figueroa, da Figueroa à Slauson, da Slauson a leste até a Central — uma rota hipotética para o ladrão de carro/assassino. O crepúsculo começou a chegar, nuvens de chuva eclipsando o sol do fim da tarde que tentava iluminar os pardieiros dos negros: casas depauperadas cercadas de telas de arame, salões de bilhar, lojas de bebida e igrejas em cada

rua — até que a terra do jazz tomou conta. Então uma elegância maluca em meio à miséria, um longo quarteirão assim.

O Bido Lito's tinha a forma de um Taj Mahal em miniatura, só que roxo; o Malloy's Nest era uma cabana de bambu com falsas palmeiras havaianas na frente, cheias de luzes de árvore de Natal. Listas zebradas eram a pintura do Tommy Tucker's Playroom — um armazém adaptado, com saxofones, trompetes e claves musicais de gesso alternando-se na beira do telhado. O Zamboanga, o Royal Flush e o Katydid Klub eram rosa-choque, mais roxo e verde-vômito, um prédio parecido com um hangar subdividido, com as portas delineadas em néon. E a boate Zombie era uma mesquita mourisca que tinha um morto-vivo com a altura de três andares projetando-se da fachada: um negro gigante com olhos vermelhos e luminosos dando um passo em direção à noite.

Estacionamentos gigantescos ligavam as boates; enormes leões de chácara negros estavam parados juntos às portas e aos letreiros que anunciavam “jantares com galeto”. Havia um pequeno número de carros estacionados nos pátios. Danny deixou seu Chevy numa rua lateral e começou a enfrentar os leões de chácara.

Os porteiros do Zamboanga e do Katydid lembravam-se de ter visto Martin Mitchell Goines “por aí”; um homem que estava colocando um cartaz com um cardápio do lado de fora do Royal Flush levou a identificação um passo adiante: Goines era um trombonista de segunda, geralmente contratado para substituições. Desde “mais ou menos o Natal” ele vinha tocando com a banda da casa no Bido Lito's. Danny procurou ler cada rosto negro suspeito com quem falava, em busca de sinais de estar guardando alguma coisa; só conseguiu um sentimento de que aqueles sujeitos achavam que Martin Goines era um branco xexelento.

Danny chegou ao Bido Lito's. Um letreiro na frente proclamava DICKY MCCOVER E SEUS SULTÕES DO JAZZ — SHOWS ÀS 19:30, 21:30 E 23:30 TODAS AS NOITES — EXPERIMENTE NOSSO CESTO DE FRANGO DE LUXO. Ao entrar, pensou que estava penetrando numa alucinação. As paredes eram de cetim cor pastel banhadas por minúsculos refletores coloridos que tingiam o pano em espalhafato sobre espalhafato; o fundo do palco era uma recriação das pirâmides em papelão brilhante. As mesas tinham bordas fluorescentes, as garçonetes mulatas que carregavam bebida e comida usavam roupas de tigre curtas, todo o lugar cheirava a carne frita. Danny sentiu o estômago roncar, percebeu que não comia há 24 horas e

aproximou-se do balcão. Mesmo sob a luz alucinatória, viu que o barman identificou-o como policial.

Ele estendeu a tira de fotografias.

— Conhece este homem?

O barman pegou a tira de fotos, examinou-a debaixo da luz da caixa registradora e devolveu.

— É o Martin. Toca trombone com os Sultões. Chega antes do primeiro show, para comer, se você quer falar com ele.

— Quando o viu pela última vez?

— Ontem à noite.

— Para o último show da banda?

A boca do barman retorceu-se num sorriso tenso; Danny sentiu que “banda” era nomenclatura de otário.

— Eu fiz uma pergunta.

O homem enxugou o balcão com um trapo.

— Acho que não. Lembro de ter visto ele no show da meia-noite. Os Sultões tocaram mais duas vezes ontem à noite, por causa do Ano-Novo.

Danny percebeu uma prateleira de garrafas de uísque sem etiquetas.

— Vá chamar o gerente.

O barman apertou um botão junto à caixa registradora; Danny ocupou um banco e girou de frente para o palco. Um grupo de negros estava abrindo caixas de instrumentos, tirando saxofones, trompetes e pratos de bateria. Um mulato gordo com terno de paletó trespassado foi até o balcão, com um sorriso de puxa-saco de autoridade.

— Eu achava que conhecia todos os rapazes do esquadrão.

— Eu sou do Departamento do Xerife — disse Danny.

O sorriso do mulato se evaporou.

— Geralmente eu lido com a 77, Sr. Xerife.

— Isso é negócio do condado.

— Aqui não é território do condado.

Danny apontou um polegar para as costas, depois assentiu na direção das garrafas.

— Você tem bebida ilegal, aquelas luzes são um risco de incêndio, e o condado administra o Controle de Bebidas e Saúde e cuida do Código de Segurança. Eu tenho uma intimação no carro. Quer que eu vá pegar?

O sorriso voltou.

— Claro que não. Em que posso servi-lo, *senhor*?

— Fale-me de Martin Goines.

— O que é que tem ele?

— Tente tudo.

O gerente demorou-se acendendo um cigarro; Danny soube que seu pavio estava sendo testado. Por fim, o homem soltou fumaça e disse:

— Não há muita coisa a dizer. A seção local do sindicato mandou-o quando o trombonista dos Sultões deu no pé. Eu preferiria alguém de cor, mas Martin tem a reputação de se dar bem com não brancos, por isso eu disse que estava tudo certo. A não ser por ter sacaneado os caras ontem à noite, Martin nunca aprontou pra cima de mim, só fazia seu trabalho direitinho. Não é o melhor trombonista do mundo, mas também não é o pior.

Danny apontou para os músicos no palco.

— Aqueles caras são os Sultões, certo?

— Certo.

— Goines tocou com eles num show que terminou logo depois da meia-noite?

O mulato sorriu.

— “Old Lang Syne”, de Dicky McCover, em ritmo acelerado. Até Bird inveja isso...

— Quando o show terminou?

— Mais ou menos à meia-noite e vinte. Eu dou uma pausa de quinze minutos ao meu pessoal. Como disse, Martin faltou a esse show e ao encerramento às duas horas. A única vez em que me sacaneou.

Danny foi atrás do álibi dos Sultões.

— Os outros três homens estavam no palco para os dois últimos shows?

O gerente confirmou com a cabeça.

— É. Depois disso tocaram numa festa particular que eu dei. O que Martin fez?

— Foi assassinado.

O mulato engasgou na fumaça que estava inalando. Tossiu, jogou o cigarro no chão e pisou em cima, falando em voz rouca:

— Quem você acha que fez isso?

— Nem você nem os Sultões. Vamos experimentar outra coisa: Goines tinha algum hábito?

— De que tipo?

— Bagulho, droga pesada, uma porra de um vício em heroína.

O gerente deu um passo atrás.

— Eu não contrato viciados.

— Claro que não, assim como não serve álcool falsificado. Vamos tentar outra: Martin e mulheres.

— Nunca ouvi nada, de um jeito ou de outro.

— E quanto a inimigos? Caras a fim de pegá-lo?

— Nada.

— E amigos, gente conhecida, homens que apareciam perguntando por ele?

— Não, não e *não*. Martin nem tinha família.

Danny mudou de marcha com um sorriso — uma técnica de interrogatório que treinara diante do espelho de seu quarto.

— Olha, desculpe se peguei pesado.

— Não, não pegou.

Danny ruborizou, esperando que a iluminação maluca não revelasse.

— Você tem alguém vigiando o estacionamento?

— Não.

— Lembra-se de um Buick verde no estacionamento ontem à noite?

— Não.

— O pessoal que trabalha na sua cozinha costuma ficar no estacionamento?

— Cara, o meu pessoal da cozinha é ocupado demais para ficar em qualquer lugar.

— E as garçonetes? Elas fazem michê lá fora depois de você fechar?

— Cara, você está fora de sua jurisdição e muito fora da linha.

Danny deu uma cotovelada, empurrando o mulato para o lado, e abriu caminho através da multidão que jantava, indo até o palco. Os Sultões viram-no chegando e trocaram olhares: conhecendo a polícia, *experientes*. O baterista parou de arrumar seu equipamento; o trompetista recuou e ficou perto das cortinas que levavam às coxias; o saxofonista parou de ajustar a boquilha e manteve posição.

Danny subiu na plataforma, piscando por causa da luz branca e quente. Achou que o do sax era o chefe, e optou por uma tática macia — seu interrogatório estava sendo feito para uma casa cheia.

— Departamento do Xerife. É sobre Martin Goines.

O baterista respondeu:

— Martin está limpo. Já se curou.

Uma pista — se não fosse um ex-presidiário defendendo o outro.

— Eu não sabia que ele era viciado.

O saxofonista fungou.

— Foi durante anos, mas se curou.

— Onde?

— Lex. Hospital Estadual Lexington, no Kentucky. Isso é por causa da condicional de Martin?

Danny deu um passo atrás para olhar os três homens ao mesmo tempo.

— Apagaram Martin ontem. Acho que ele foi sequestrado aqui perto, logo depois do show da meia-noite.

Três reações limpas: o trompetista apavorado, mas provavelmente por medo da polícia em termos gerais; o baterista tremendo; o saxofonista perplexo, mas voltando furioso.

— Todos nós temos álibis, caso você já não saiba.

Danny pensou: descanse em paz, Martin Mitchell Goines.

— Eu sei, então vamos tentar o de sempre. Martin tinha algum inimigo que vocês soubessem? Problema com mulheres? Ou colegas das drogas dando em cima?

— Martin era uma porra indecifrável — disse o saxofonista. — A única coisa que eu sabia é que ele tinha furado a condicional de Quentin, que estava tão doido para parar que foi para o Lex violando a porra da condicional. É um sujeito que tem colhão, se quer saber. Aquele é um hospital federal, e eles poderiam ter feito uma busca dele. Uma porra indecifrável. Nenhum de nós sabia nem mesmo onde ele estava morando.

Danny girou e viu o trompetista se afastar um pouco das cortinas, segurando o instrumento como se fosse um ícone para afastar demônios.

— Moço — disse o sujeito —, acho que tenho uma coisa para o senhor.

— O quê?

— Martin me disse que tinha de encontrar um cara depois do show da meia-noite, e eu vi ele atravessando a rua até o estacionamento do Zombie.

— Ele disse o nome?

— Não, só que era um cara.

— Ele disse *alguma coisa* mais sobre o cara? O que eles iam fazer, alguma coisa do tipo?

— Não, e disse que ia voltar logo.

— Você acha que ele estava indo comprar droga?

O saxofonista atravessou Danny com olhos azuis mais claros do que os dele, que eram castanhos.

— Cara, eu disse que Martin estava limpo, porra, e que pretendia continuar limpo.

Vaias irromperam da plateia; bolas de papel acertaram as pernas de Danny. Ele piscou diante do refletor e sentiu o suor escorrendo pela costela. Uma voz gritou: “Fora, seu escroto”; aplausos vieram em seguida; uma asa de galinha meio comida bateu nas costas de Danny. O saxofonista sorriu para ele, lambeu a boquilha e piscou. Danny resistiu ao desejo de chutar o instrumento garganta abaixo do sujeito e saiu rapidamente da boate por uma porta lateral.

O ar da noite esfriou seu suor e o fez estremecer; o néon pulsante atacou seus olhos. Pequenos jorros de música fundiam-se num único ruído enorme, e o crioulo morto-vivo em cima do Zombie parecia o juízo final. Danny sabia que estava apavorado, e foi direto em direção à aparição.

O porteiro recuou diante de seu distintivo e o deixou entrar em quatro paredes de fumaça e guinchos dissonantes — o conjunto que tocava na frente da sala seguia para um *crescendo*. O bar ficava à esquerda, na forma de um caixão e com o emblema do clube, o morto-vivo. Danny foi em linha reta até lá, sentou num tamborete e apontou o dedo para um branco que limpava copos.

O barman colocou um guardanapo na frente dele:

— Duplo, meio a meio! — gritou acima do ruído. Um copo apareceu; Danny engoliu o *bourbon*; o barman colocou outra dose. Danny bebeu de novo e sentiu os nervos passando de lixados para quentes. A música terminou com um bombo e um guincho; as luzes da casa se acenderam em meio a aplausos enormes. Quando diminuíram, Danny enfiou a mão no bolso e pegou uma nota de cinco dólares e a tira de fotos de Goines.

— São dois pela bebida — disse o barman.

Danny enfiou a nota de cinco no bolso da camisa dele e segurou a tira de fotos.

— Parece familiar?

Franzindo os olhos, o homem disse:

— Esse cara está mais velho agora? Talvez com um corte de cabelo diferente?

— Essas têm seis anos. Viu o sujeito?

O barman tirou os óculos do bolso, colocou-os e segurou as fotos a distância.

— Ele anda espremendo os bofes por aí?

Danny não entendeu a pergunta, e imaginou se seria uma gíria sexual que ele não conhecia.

— Explique o que quer dizer.

— Quero dizer se ele faz som, se ele toca por aí.

— Trombone no Bido Lito's.

O barman estalou os dedos.

— Certo, então o conheço. Martin-não-sei-das-quantas. Ele vem beber entre os shows do Bido, tem feito isso desde o Natal, porque o bar do Bido não serve aos funcionários. Gosta de beber, mais ou menos que nem...

Que nem você. Danny sorriu, o álcool melhorando seu humor.

— Você o viu ontem à noite?

— Vi, na rua. Ele e outro cara indo para um carro que estava na esquina da 67. Ele parecia doidão. Talvez...

Danny se inclinou para a frente.

— Talvez o quê? Desembuche.

— Talvez estivessem indo transar um fumo. A gente trabalha um tempo em boates de jazz e fica sabendo das coisas. Esse tal de Martin estava andando que parecia feito de borracha, como se estivesse cheio de bagulho. O outro cara estava com o braço ao redor dele, ajudando a ir até o carro.

— Agora devagar e tranquilo — disse Danny. — A hora, uma descrição do carro e do outro homem. Bem devagar.

Os fregueses estavam começando a encher o bar — negros com ternos *zoot suits* modificados, as mulheres meio passo atrás, todas maquiadas e enfeitadas para se parecerem com Lena Horne. O barman olhou para o trabalho que tinha de fazer, depois de volta para Danny.

— Tinha de ser entre meia-noite e quinze e meia-noite e quarenta e cinco, por aí. Martin-não-sei-das-quantas e o outro cara estavam atravessando a calçada. Sei que o carro era um Buick porque tinha portinholas nas laterais. Do outro cara eu só lembro que era alto e tinha cabelos grisalhos. Só vi os dois meio de lado, e pensei: “Eu devia ter os cabelos bonitos assim.” Agora posso servir essas pessoas?

Danny ia dizer não; o barman virou-se para um rapaz barbudo com um sax-alto pendurado no pescoço.

— Coleman, você conhece aquele trombonista branco do Bido? Martin-não-sei-que-porra?

Coleman estendeu a mão por cima do bar, pegou dois punhados de gelo e apertou contra o rosto. Danny observou: alto, loiro, perto dos trinta anos e

com uma beleza estranha, como o astro do musical para onde Karen Hiltcher o arrastara. Sua voz estava áspera, exausta.

— Claro. Um músico chinfrim, pelo que me disseram. Por quê?

— Fale com este cavalheiro da polícia, ele vai lhe dizer.

Danny apontou para o copo, subindo duas doses acima de seu limite noturno. O barman encheu-o, depois se afastou. O saxofonista perguntou:

— Você é da 77?

Danny matou a bebida e, num impulso, estendeu a mão.

— Meu nome é Upshaw. Da delegacia de West Hollywood, Departamento do Xerife.

Os dois apertaram-se as mãos.

— Coleman Healy, de Cleveland, Chicago e do planeta Marte. Martin está encrencado?

O *bourbon* deixou Danny quente *demais*; ele afrouxou a gravata e aproximou-se mais de Healy.

— Foi assassinado ontem à noite.

O rosto de Healy se contorceu. Danny viu cada tremor, repuxão e espasmo; olhou para outro lado a fim de deixar que ele acomodasse o choque e ficasse inteiro de novo. Quando se virou outra vez, Healy estava se segurando no balcão. O joelho de Danny roçou na coxa do saxofonista — ela estava dura, de tão tensa.

— Você o conhecia bem, Coleman?

Agora o rosto de Healy estava pálido, frouxo debaixo da barba.

— Bati papo com ele umas duas vezes por volta do Natal, aqui mesmo neste bar. Só papo furado; o disco novo do Bird, o tempo. Tem ideia de quem fez isso?

— Tenho uma pista de um suspeito, um homem alto e grisalho. O barman viu o sujeito com Goines ontem à noite, indo na direção de um carro estacionado na Central.

Coleman Healy correu os dedos pelas teclas de seu saxofone.

— Eu vi Martin com um cara assim umas duas vezes. Alto, meia-idade, aparência digna — ele fez uma pausa. — Olhe, Upshaw, não quero falar mal dos mortos, mas posso dar uma impressão que tive, cá entre nós?

Danny recuou no banco, só o suficiente para ter uma reação de rosto inteiro — Healy tenso, ansioso para ajudar.

— Vá em frente, às vezes as impressões ajudam.

— Bom, acho que Martin era fruta. O cara mais velho parecia meio veado, que nem um papaizão. Os dois estavam se esfregando numa mesa e, quando percebi, Martin se afastou do cara, que nem uma criança apanhada com a boca na botija.

Danny sentiu uma coceira, pensando nos rótulos que evitara porque eram grosseiros demais e a antítese de Vollmer e Maslick: *APAGAMENTO DE MARICAS. TRUCIDAMENTO DE VEADO. ASSASSINATO DE FRUTA. CRIME PASSIONAL HOMO.*

— Coleman, você seria capaz de identificar o sujeito mais velho?

Healy ficou brincando com o saxofone.

— Acho que não. A luz aqui é estranha, e esse negócio de veado foi só uma impressão que tive.

— Você tinha visto o sujeito antes, ou viu depois dessas vezes com Goines?

— Não. Nunca vi o cara sozinho. E eu estava aqui a noite inteira, para o caso de você pensar que fui eu.

Danny balançou a cabeça.

— Você sabe se Goines estava usando drogas?

— Não. Ele era interessado demais em álcool para ser um drogado.

— E as outras pessoas que o conheciam? Outros músicos por aqui?

— Não faço ideia. Nós só batemos papo duas vezes.

Danny estendeu a mão; Healy torceu-a para baixo, transformando um cumprimento de otário num de jazzman.

— Vejo você na igreja — disse ele e foi para o palco.

Trucidamento de veado.

Assassinato de fruta.

Crime passionai homo.

Danny observou Coleman Healy subir ao palco e dar tapinhas nas costas dos outros músicos. Gordos e cadavéricos, com a pele manchada, untuosos e de aparência tísica, eles pareciam errados perto do esguio saxofonista — como uma foto de cena do crime com borrões que fodiam a simetria e faziam você perceber as coisas erradas. A música começou: o piano entregando uma melodia ritmada ao trompete, a bateria entrando, o sax de Healy uivando, saltitando, uivando, afastando-se do refrão de base em variações de acordes. A música se desviou para ruído; Danny viu uma fileira de cabines telefônicas perto do camarim e voltou ao trabalho policial.

Sua primeira moeda colocou-o em contato com o chefe do plantão na delegacia da 77th. Danny explicou que era detetive do xerife e estava trabalhando num homicídio — um músico de jazz e possível viciado em drogas morto e desovado perto da Sunset Street. A vítima provavelmente não estava usando drogas no momento, mas mesmo assim ele queria uma lista de traficantes de heroína do local — a morte podia estar ligada a intrigas de drogas.

— Como vai o Mickey atualmente? — disse o chefe do plantão. E acrescentou: — Mande uma requisição através dos canais oficiais. — E desligou.

Puto da vida, Danny ligou para o número pessoal do Dr. Layman no necrotério municipal, com um olho fixo no palco. O patologista atendeu ao segundo toque.

— Sim?

— Danny Upshaw, doutor.

Layman gargalhou.

— Seria melhor dizer Danny Carreirista; acabei de autopsiar o fulano que você tentou usurpar.

Danny inspirou fundo, dando as costas para Coleman Healy, que estava girando com seu sax.

— É? E?

— E primeiro uma pergunta. Você enfiou uma espátula de língua na boca do cadáver?

— Sim.

— Detetive, nunca, *jamais*, introduza elementos estranhos nas cavidades superiores até ter examinado por completo o exterior. O cadáver tinha cortes com lascas de madeira entranhadas por toda a área das costas... pinho. E você enfiou um pedaço de pinho na boca dele, deixando lascas semelhantes. Está vendo como poderia ter estragado minha avaliação?

— Sim, mas era óbvio que a vítima foi estrangulada por uma toalha ou uma faixa... as fibras de tecido felpudo eram uma indicação clara.

Layman suspirou — um suspiro longo, exasperado.

— A causa da morte foi uma overdose gigantesca de heroína. A droga foi administrada numa veia perto da coluna vertebral, pelo próprio assassino... a vítima não poderia ter alcançado o lugar. A toalha foi posta na boca para absorver sangue quando a heroína chegasse ao coração da vítima e fizesse as

artérias estourarem, o que significa que o assassino tinha pelo menos um conhecimento anatômico elementar.

— Jesus, caralho — disse Danny.

— Uma blasfêmia apropriada, mas o negócio fica pior. Primeiro, alguns fatos incidentais:

“Um: nenhuma heroína residual na corrente sanguínea; o Sr. Fulano de Tal não estava viciado no momento, ainda que as marcas de agulha nos braços indiquem que já tinha sido. Dois: a morte ocorreu entre uma e duas da madrugada, e os ferimentos no pescoço e nos órgãos genitais foram produzidos *post mortem*. Os cortes nas costas foram produzidos *post mortem*, quase com certeza feitos por giletes presas a algo como um pedaço de pinho ou um porrete de duas por quatro polegadas. Até agora, brutal; mas nada fora do meu conhecimento. Entretanto...”

Layman fez uma pausa, a velha pausa de orador em sala de aula. Suando suas doses de *bourbon* com água, Danny disse:

— Vamos lá, doutor.

— Certo. A substância nos globos oculares era gel K-Y. O assassino inseriu o pênis nas órbitas e ejaculou... pelo menos duas vezes. Encontrei seis centímetros cúbicos de sêmen escorrendo para dentro da caixa craniana. O positivo, o tipo mais comum de sangue entre as pessoas brancas.

Danny abriu a porta da cabine telefônica; ouviu retalhos de *bebop* e viu Coleman Healy abaixando-se sobre um dos joelhos, com o sax erguido para o teto.

— As mordidas no tronco?

— Não são humanas, é o que estou achando — disse Layman. — Os ferimentos estavam muito dilacerados para possibilitar moldes; eu não tinha como levantar qualquer tipo viável de marcas de dentes. Além disso, o legista assistente que assumiu o serviço depois de você representar o seu pequeno número passou álcool na área afetada, de modo que não pude fazer um teste de saliva ou sucos gástricos. O sangue da vítima, AB positivo, foi tudo o que encontrei. Você descobriu o corpo quando?

— Pouco depois das quatro da madrugada.

— Então é pouco provável que tenham sido animais de rapina dos morros. De qualquer modo os ferimentos são localizados demais para essa teoria.

— Doutor, tem certeza de que estamos lidando com marcas de dentes?

— Totalmente. A inflamação ao redor dos ferimentos é de uma sucção bucal. E larga demais para ser humana...

— O senhor acha...

— ...não interrompa. Eu estou achando que, *talvez*, o assassino tenha espalhado sangue como isca na área afetada e deixou algum tipo de cachorro bem treinado e maligno atacar a vítima. Quantos homens estão trabalhando nesse serviço, Danny?

— Só eu.

— Já tem a identidade da vítima? Pistas?

— Estou no rumo certo, doutor.

— Pegue-o.

— *Vou pegar.*

Danny desligou e saiu. O ar frio diminuiu um pouco o calor da bebida que ele tomara e lhe permitiu cotejar as evidências. Agora tinha três pistas sólidas:

As mutilações homossexuais combinadas com a observação de Coleman Healy, de que Martin Goines era “fruta”; o “veado” “papaizão” que se parecia com o homem alto e grisalho que o barman viu com Goines, indo na direção do Buick roubado ontem à noite — cerca de uma hora antes do momento estimado para a morte; a overdose de heroína como causa da morte; a descrição feita pelo barman, de Goines cambaleando drogado — aquela dose de droga como um precursor provável da dose que explodiu seu coração; o vício prévio de Goines e a cura recente. Afastando da cabeça as possíveis mutilações por um animal, ele tinha uma pista *forte*: o homem alto e grisalho — um papaizão capaz de conseguir heroína, seringas hipodérmicas e de convencer um viciado curado a se aplicar ali mesmo e abandonar seu trabalho na noite de Ano-Novo.

E nenhuma cooperação do DPLA — ainda — sobre os traficantes locais; a única explicação lógica era um assassinato por causa de drogas.

Danny atravessou a rua até o Tommy Tucker’s Playroom, encontrou um reservado vazio e pediu café para matar o álcool que estava em seu sistema circulatório e mantê-lo acordado. A música e a decoração eram baladas e estofamento com listras de zebra, papel de parede barato, imitando selva, iluminado por tochas cujas chamas lambiam quase o teto, outro risco de fogo, um incêndio capaz de transformar todo o quarteirão na Cidade das Cinzas. O café era preto e forte, e atravessou os drinques; a música era suave — carícias para os casais nos reservados: pombinhos de mãos dadas e tomando bebidas à

base de rum. O pacote inteiro fez com que ele pensasse em San Berdoo por volta de 1939, ele e Tim disparando num Olds envenenado até um baile de formatura numa cidadezinha, trocando de roupas na sua casa enquanto a velha entregava exemplares de *A Sentinela* do lado de fora da loja de departamentos Coulter. De cuecas, fazendo brincadeiras, piadas sobre substitutos para garotas; Timmy com Roxanne Beausoleil do lado de fora do ginásio naquela noite — os dois fazendo o Olds sacudir, quase arrancando o carro da suspensão. Ele tomando chá de cadeira no baile, recusando ser o segundo com Roxy, tomando ponche batizado, ficando arrasado com as músicas lentas e o sofrimento.

Danny matou as lembranças com trabalho policial — olhando em volta à procura de violações do Código de Saúde e Segurança —, infrações quanto a bebidas alcoólicas, *coisas erradas*. O porteiro estava admitindo menores; multas de vestido com talhos circulavam, solicitando negócios — havia apenas uma saída lateral num salão gigantesco a dezesseis segundos do início de um incêndio. O tempo passou; a música mudou de suave para alta e para suave de novo; o café e os constantes circuitos de olhar ajustaram seus nervos. Então encontrou sujeira que valia a pena, ao ver dois negros perto das cortinas da saída fazendo uma transação: dinheiro em troca de algo na palma da mão, uma ida rápida para o estacionamento.

Contou até seis e foi atrás, abrindo a porta, espiando para fora. O crioulo que pegou o dinheiro estava indo em direção à calçada; o outro estava a duas fileiras de carros abaixo, abrindo a porta de um carango com uma enorme antena-chicote. Danny lhe deu trinta segundos para se aplicar, acender ou cafungar, depois pegou seu .45, abaixou-se e se aproximou.

O carro era um Merc cor de lavanda; fumaça de maconha saía pelos quebra-ventos. Danny segurou a porta do motorista e abriu; o negro guinchou, largou o baseado e se encolheu, afastando-se da arma em sua cara.

— Departamento do Xerife — disse Danny. — Mãos no painel, devagar, ou eu mato você.

O rapaz obedeceu, em câmera lenta. Danny enfiou o cano do .45 debaixo do queixo dele e fez uma revista: bolsos externos e internos do paletó, tapinhas na cintura em busca de armas. Encontrou uma carteira de couro de lagarto, três cigarros de maconha e nenhum berro; abriu o porta-luvas e acendeu a luz do painel. O garoto disse:

— Olha, cara.

Danny apertou a arma com mais força, até interromper o suprimento de ar e forçá-lo a ficar quieto.

O cheiro de baseado estava ficando brutal; Danny encontrou a bagana no assento e apagou-a. Com a mão livre abriu a carteira, pegou uma carteira de motorista e mais de cem em notas de dez e vinte. Enfiou a grana no bolso e leu a carteira: Carlton W. Jeffries, M.N., 1,79 m, 82kg, D.N. 19/6/29, 98th Street, 4.391-4E, L.A. Um exame rápido do porta-luvas rendeu-lhe os documentos do carro com o mesmo nome e várias multas de trânsito não pagas, ainda nos envelopes do correio. Danny colocou a carteira, os baseados, o dinheiro e os documentos do carro num envelope e largou-o na calçada; afastou o .45 de baixo do queixo do rapaz e usou o cano para virar a cabeça dele em sua direção. De perto, viu um elemento cor de chocolate à beira das lágrimas, lábios tremendo, o pomo de adão subindo e descendo enquanto ele lutava para respirar.

— Informação ou um mínimo de cinco anos numa prisão estadual — disse Danny. — Você escolhe.

Carlton W. Jeffries encontrou uma voz: alta, guinchada.

— O que você acha?

— Acho que você é esperto. Dê-me o que eu quero e eu coloco aquele envelope no correio para você amanhã.

— Você poderia devolver agora. Por favor. Eu preciso daquele dinheiro.

— Eu quero que você banque o dedo-duro. Se der uma de agente duplo e eu me machucar, tenho você na minha mão. As provas e a confissão que você acabou de fazer.

— Cara, eu não fiz confissão nenhuma!

— Claro que fez. Você estava vendendo meio quilo por semana. Você é o avião número um no South Side.

— Cara!

Danny pousou o cano de sua arma no nariz de Carlton W. Jeffries.

— Quero nomes. Quem vende heroína por aqui. Diga.

— Cara...

Danny jogou o .45 para cima e agarrou o cano, segurando a arma invertida para que pudesse ser usada como um cassetete.

— *Diga, seu escroto.*

Jeffries afastou as mãos do painel e se abraçou.

— O único que eu conheço é um cara chamado Otis Jackson. Mora em cima da lavanderia automática na 103 com Beach, e por favor, não espalhe

que eu dedurei!

Danny enfiou a arma no coldre e afastou-se da porta do carro. Seu pé bateu no envelope do Departamento de Trânsito no momento exato em que ele ouvia Carlton W. Jeffries começar a gemer. Pegou as provas, jogou-as no banco e correu para o seu Chevy para não ouvir aquele escrotinho de merda balbuciar sua gratidão.

A 103 com Beach era um cruzamento chinfrim no coração de Watts: salões de alisamento de cabelo em duas esquinas, uma loja de bebidas na terceira, a lavanderia Koin King ocupando a número quatro. Havia luzes acesas no apartamento em cima da lavanderia; Danny estacionou do outro lado da rua, apagou os faróis e examinou o único acesso possível: uma escada lateral levando a uma porta de aparência frágil.

Foi até lá e subiu na ponta dos pés, sem tocar no corrimão por medo de que ele estalasse. No topo, sacou a arma, encostou um ouvido na porta e prestou atenção, captando a voz de um homem contando: oito, nove, dez, onze. Batendo na porta, fingiu uma voz engrolada saída direto de um programa de rádio caipira:

— Otis? Cê tá aí, cara? Sou eu, cara.

Danny ouviu um “merda!” dentro; segundos depois, a porta se abriu, presa ao portal por uma corrente. Uma mão segurando um canivete estendeu-se para fora; Danny golpeou o canivete com o cano da arma, depois jogou o peso do corpo para dentro.

O canivete bateu no degrau de cima; uma voz guinchou; a porta soltou-se para dentro, com Danny cavalgando-a. Depois foi uma queda no tapete e uma visão de cabeça para baixo de Otis Jackson agarrando pacotes de bagulho no chão, correndo para o banheiro, o som de descarga. Danny ajoelhou-se, mirou e gritou:

— Departamento do Xerife!

Otis Jackson apontou-lhe o dedo médio esticado e voltou para a sala usando um riso de quem acabou de comer merda.

Danny levantou-se, a cabeça martelando com acordes de jazz.

— A porra do Departamento do Xerife não tem porra nenhuma que fazer por aqui — disse Otis Jackson.

Danny golpeou seu rosto com a .45. Jackson caiu no tapete, gemeu e cuspiu um pedaço de ponte dentária. Danny agachou-se ao lado.

— Você vende para um branco alto e grisalho?

Jackson cuspiu sangue e um pedaço da língua.

— Eu estou com Jack D. e a 77, seu...

Danny segurou a arma em posição de mira.

— Eu estou com Mickey e o condado, e daí? Eu lhe fiz uma pergunta.

— Eu negocio em Hollywood, cara! Conheço uma porrada de escrotos grisalhos!

— Dê o nome, e dê o nome de todo mundo que você conhece e que vende nas boates da South Central.

— Primeiro eu deixo você me matar, seu escroto!

O barulho de jazz estava voltando, trilha sonora de imagens: Coleman Healy acariciando seu sax, o cara do baseado em vias de implorar.

— Mais uma vez — disse Danny. — Quero que fale sobre um branco alto. Meia-idade, cabelo prateado.

— E eu já disse...

Danny ouviu passos subindo a escada, grunhidos e o som inconfundível de revólveres sendo destravados. Otis Jackson sorriu; Danny percebeu a parada, pôs a arma no coldre e pegou o distintivo. Dois brancos grandalhões entraram rapidamente, cada um apontando um 38; Danny já tinha a postos o distintivo e uma oferta de paz.

— É do xerife. Sou detetive do Departamento do Xerife.

Os homens vieram, apontando as armas. O mais alto ajudou Otis Jackson a se levantar; o outro, um gordo de cabelos ruivos encaracolados, pegou a identificação de Danny, examinou-a e balançou a cabeça.

— Já é bastante ruim que vocês se deem com Mickey, o judeu; agora você tem de espancar meu informante predileto. Otis, você é um crioulo de sorte. Detetive Upshaw, você é um branco estúpido.

O policial alto ajudou Otis Jackson a ir até o banheiro. Danny levantou-se e pegou seu distintivo. O ruivo gordo disse:

— Volte para a porra do condado e espanque seus próprios crioulos.

CAPÍTULO V

— ...e o aspecto mais conhecido do comunismo, sua ferramenta mais insidiosamente eficaz, é que ele se esconde sob um milhão de bandeiras, um milhão de flâmulas, títulos e siglas diferentes, disseminando seu câncer sob um milhão de disfarces, todos destinados a perverter e corromper em nome da compaixão, da bondade e da justiça social. AUFC, CDSL, NAACP, AFL-CIO, Liga de Ideais Democráticos e Americanos Preocupados Contra a Intolerância. São organizações sonoras às quais todos os bons americanos deveriam ter orgulho de pertencer, Todas são sediciosas, pervertidas, tentáculos cancerosos da Conspiração Comunista.

Durante quase meia hora Mal Considine estivera avaliando Edmund J. Satterlee, ex-federal, ex-seminarista jesuíta, lançando olhares ocasionais para o resto da plateia. Satterlee era um homem alto, em forma de pera, de quarenta e poucos anos; seu estilo verbal era um cruzamento entre o discurso caseiro de Harry Truman e o papo maluco de Pershing Square — e nunca dava para saber quando ele ia gritar ou sussurrar. Dudley Smith, fumando um cigarro atrás do outro, parecia estar gostando; Ellis Loew ficava olhando para o relógio e para Dudley — provavelmente com medo de que ele jogasse cinza em seu tapete novo da sala. O Dr. Saul Lesnick, psiquiatra e antigo informante dos federais, sentava-se o mais distante possível do Caçador de Vermelhos ao mesmo tempo em que permanecia na mesma sala. Era um homem pequeno, frágil e velho, com olhos azuis brilhantes e uma tosse que ficava alimentando com grosseiros cigarros europeus; tinha o olhar comum a todos os dedos-duros de toda parte — um desprezo pela presença de seus captores — mesmo que supostamente tivesse se apresentado como voluntário para o serviço.

Agora Satterlee estava andando de um lado para o outro, gesticulando como se eles fossem quatrocentos, e não quatro. Mal retorceu-se na cadeira, lembrando-se de que esse sujeito era seu ingresso para o cargo de capitão e investigador-chefe da promotoria.

— ...e nos primeiros anos da guerra eu trabalhei com o Esquadrão de Controle de Estrangeiros, realocando japoneses. Tive as primeiras ideias de como cresce o sentimento antiamericano. Os japoneses que queriam ser bons americanos se ofereciam para se alistar nas Forças Armadas, a maioria estava ressentida e confusa, e o elemento subversivo, disfarçado de patriotismo, tentava coagi-los à traição através de ataques planejados, altamente intelectualizados, contra supostas injustiças raciais americanas. Sob uma bandeira de preocupações americanas: liberdade, justiça e livre-empresa, os japoneses sediciosos retratavam esta democracia como uma terra de negros linchados e oportunidades limitadas para as pessoas de cor, ainda que os nisseis estivessem começando a ficar conhecidos como comerciantes de classe média quando a guerra irrompeu. Depois da guerra, quando a Conspiração Comunista emergiu como a ameaça número um para a segurança interna da América, vi como o mesmo tipo de pensamento, de manipulação, estava sendo usado pelos vermelhos para subverter nossa fibra moral. A indústria da diversão estava cheia de agentes infiltrados, e aí fundei a Contracorrentes Vermelhas para ajudar a descobrir radicais e subversivos. As organizações que querem se manter livres dos vermelhos nos pagam uma quantia para examinar seus empregados e candidatos a empregos em busca de ligações com o comunismo, e nós mantemos um dossiê detalhado sobre os vermelhos que descobrimos. Esse serviço também permite que pessoas inocentes acusadas de ser simpatizantes provem sua inocência e consigam o emprego que lhes poderia ser negado. Além disso...

Mal ouviu o Dr. Saul Lesnick tossir; olhou de lado para o velho e viu que o acesso era metade gargalhada. Satterlee fez uma pausa; Ellis Loew falou:

— Ed, podemos pular os preâmbulos e ir direto ao que interessa?

Satterlee ruborizou, pegou sua pasta e tirou dela uma pilha de papéis, quatro maços presos com cliques. Entregou um para Mal, um para Loew e um para Dudley Smith; o Dr. Lesnick recusou o seu, balançando a cabeça. Mal virou a primeira folha. Era um depoimento detalhando agitações num piquete: membros da Aliança Unida de Figurantes e Contrarregras gritando chavões ouvidos por fura-greves do Sindicato dos Caminhoneiros. Mal verificou os nomes das pessoas que assinavam e reconheceu Morris Jahelka, Davey Goldman e Fritzie “Fura-gelo” Kupferman — conhecidos capangas de Mickey Cohen.

Satterlee retomou sua posição à frente do grupo; Mal pensou que ele parecia capaz de matar por um pódio — ou qualquer local de descanso para

seus braços compridos e desengonçados.

— Esses papéis são nossa primeira onda de munição. Trabalhei com vários júris de instrução municipais por todo o país, e as declarações de cidadãos patriotas sob juramento sempre têm um efeito salutar sobre os membros de um júri de instrução. Acho que agora temos grande chance de conseguir um bem-sucedido aqui em Los Angeles; a luta trabalhista entre os caminhoneiros e a AUFC está com grande ímpeto, uma oportunidade que provavelmente não acontecerá de novo. A influência comunista em Hollywood é um tópico amplo, e os problemas com piquetes e o fomento da subversão por parte da AUFC, dentro de ambos os contextos, é um bom instrumento para interessar o público. Deixe-me citar o depoimento do Sr. Morris Jahelka: “Enquanto participava de um piquete do lado de fora da Variety International Pictures na manhã de 29 de novembro de 1949, ouvi um militante da AUFC, uma mulher chamada ‘Claire’, dizer a outro militante da AUFC: ‘Com a AUFC nos estúdios podemos fazer a causa avançar melhor do que toda a guarda vermelha. O cinema é o novo ópio do povo. Eles vão acreditar em qualquer coisa que pusermos na tela.’” Cavalheiros, essa Claire é Claire Katherine De Haven, consorte dos dez maiores traidores de Hollywood e membro conhecido de nada menos do que catorze organizações que foram classificadas como frentes comunistas pela Promotoria Geral do Estado da Califórnia. Não é impressionante?

Mal levantou a mão.

— Sim, tenente Considine? — disse Edmund J. Satterlee. — Uma pergunta?

— Não, uma declaração. Morris Jahelka tem duas condenações por estupro. O seu cidadão patriota come garotas de doze anos.

— Que droga, Malcolm — disse Ellis Loew.

Satterlee experimentou um sorriso, não conseguiu e enfiou as mãos no bolso.

— Sei. Mais alguma coisa sobre o Sr. Jahelka?

— Sim. Ele também gosta de garotinhos, mas nunca foi apanhado com um.

Dudley Smith gargalhou.

— A política forma estranhos companheiros de cama, o que não nega o fato de que neste caso o Sr. Jahelka está do lado dos anjos. Além disso, meu chapa, nós vamos nos certificar de que o envelope com a ficha dele seja

lacrado, e os porcarias dos vermelhos provavelmente não vão trazer advogados para redirecionar o interrogatório.

Mal concentrou-se em manter a voz calma.

— Isso é verdade, Ellis?

Loew afastou tiras de fumaça do cigarro do Dr. Lesnick.

— Essencialmente, sim. Estamos tentando conseguir o maior número possível de pessoas da AUFC para se apresentarem como testemunhas voluntárias, e as testemunhas hostis, convocadas por intimação, tendem a tentar demonstrar inocência não requisitando advogado. Além disso, os estúdios têm uma cláusula no contrato com a AUFC, declarando que eles podem encerrar o contrato se determinados delitos puderem ser provados contra o contratado. Antes que o júri de instrução seja convocado, se nossas provas forem bastante fortes, irei aos chefes do estúdio conseguir que a AUFC seja afastada a partir dessa cláusula, o que deve fazer os sacanas pularem feito loucos hidrófobos quando subirem ao banco de testemunhas. Uma testemunha raivosa é uma testemunha ineficaz. Você sabe disso, Mal.

Cohen e seus caminhoneiros entrando; a AUFC saindo. Mal perguntou-se se Mickey C. contribuía para a caixinha eleitoral de Loew — que deveria chegar à marca de meio milhão na época das primárias de 52.

— Você é bom, promotor.

— Você também, *capitão*. Vamos ao que interessa, Ed. Preciso estar no tribunal ao meio-dia.

Satterlee entregou folhas mimeografadas a Mal e Dudley.

— O que eu penso sobre o interrogatório de subversivos — disse ele. — Culpado por associação é uma acusação forte contra essas pessoas. Todas elas são conectadas, todo mundo na extrema esquerda conhece todas as outras pessoas num grau ou em outro. Junto com os depoimentos, consegui listas de reuniões de frentes comunistas comparadas com listas de doações, que formam pistas excelentes para conseguir informações e fazer com que os vermelhos denunciem outros vermelhos para salvar a pele. As doações também significam registros bancários que podem ser reivindicados como prova. Mostrar fotos de vigilância a testemunhas potenciais é minha técnica favorita; ser mostrado numa reunião subversiva coloca o temor de Deus na maioria dos vermelhos incréus, e eles denunciam a própria mãe para ficar fora da cadeia. Talvez eu consiga para nós algumas fotos extremamente danosas de um amigo que trabalha para os canais vermelhos... algumas fotos extremamente boas dos piqueniques do Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon.

De fato, disseram-me que as fotos são os Rembrandts da vigilância federal; figurões do PC e estrelas de Hollywood junto com nossos amigos da AUFC. Sr. Loew?

— Obrigado, Ed — disse Loew e fez seu gesto padrão erguendo um dedo, indicando que todo mundo deveria se levantar. Dudley Smith praticamente saltou de pé; Mal levantou-se e viu o Dr. Lesnick andar até o banheiro segurando o peito. Tosses úmidas, medonhas, ecoaram no corredor; ele visualizou Lesnick cuspiendo sangue. Satterlee, Smith e Loew romperam seu círculo de apertos de mão; o Caçador de Vermelhos foi até a porta, com o promotor logo atrás.

— Os fanáticos são sempre cansativos — disse Dudley Smith. — Ed é bom no que faz, mas não sabe quando parar de representar. Ele ganha quinhentos dólares por palestra. É a exploração capitalista do comunismo, não acha, capitão?

— Ainda não sou capitão, tenente.

— Oh! E você tem um grande senso de humor, para combinar com o posto.

Mal examinou o irlandês, menos apavorado do que estava ontem de manhã no restaurante.

— O que vai ganhar com isso? Você é um homem que gosta de trabalhar em casos, não quer o cargo de Jack Tierney.

— Talvez eu só queira estar perto de você, garoto. Você é uma boa aposta para chefe de polícia ou xerife do condado em algum momento da vida. Todo aquele grande trabalho que fez na Europa, liderando nossos perseguidos irmãos judeus. Por falar nisso, aí vem o contingente hebreu.

Ellis Loew estava levando Lesnick para a sala de estar e acomodando-o numa poltrona perto da lareira. O velho arrumou no colo um maço de Gauloises, um isqueiro e um cinzeiro, cruzando o graveto de uma perna sobre a outra para segurá-las no lugar. Loew puxou cadeiras ao redor dele num semicírculo; Smith piscou e sentou-se. Mal viu caixas de papelão cheias de pastas de papel enchendo a sala de jantar, quatro máquinas de escrever arrumadas num canto para realizar o trabalho da equipe do júri de instrução. Ellis Loew estava se preparando para a guerra, colocando sua casa de estilo campestre como quartel-general.

Mal ocupou a cadeira que sobrava. O Dr. Lesnick acendeu um cigarro, tossiu e começou a falar. A voz era de um judeu de Nova York funcionando

com apenas um pulmão; Mal identificou seu discurso como processado, já dito para uma cacetada de outros policiais e promotores.

— O Sr. Satterlee lhes prestou um desserviço ao não recuar ainda mais em sua história bastante superficial dos elementos subversivos da América. Ele deixou de mencionar a Depressão, a fome e as pessoas desesperadas, preocupadas, que queriam modificar condições de vida terríveis. — Lesnick fez uma pausa, respirou e apagou seu Gauloise. Mal viu um peito ossudo subindo e descendo, sacou que o velho era isca de coveiro e sentiu que ele estava hesitando: a dor de falar versus a chance de justificar seu serviço de dedo-duro. Por fim, sugou uma enorme corrente de ar e continuou, com os olhos iluminados por uma espécie de fervor.

— Eu fui uma daquelas pessoas, há vinte anos. Assinei petições, escrevi cartas e compareci a reuniões trabalhistas que não conseguiram coisa alguma. O Partido Comunista, a despeito de suas conotações malignas, era a única organização que não parecia ineficaz. Sua reputação lhe dava um certo encanto, um sinal distinto, e os hipócritas que o condenavam sem conhecimento faziam com que eu quisesse pertencer a ele, para demonstrar meu desafio com relação a eles.

“Foi uma decisão impensada, da qual vim a me arrepender. Sendo psiquiatra, fui designado como analista oficial do PC aqui em Los Angeles. O marxismo e a análise freudiana estavam na moda intelectual, e uma quantidade de pessoas que mais tarde percebi serem conspiradoras contra este país me contou seus... segredos, por assim dizer, emocionais e políticos. Muitos eram gente de Hollywood, escritores, atores e seus satélites... gente da classe trabalhadora tão desiludida do comunismo quanto eu, gente que queria se aproximar das pessoas de Hollywood por causa de suas ligações com o cinema. Logo antes do pacto Hitler-Stalin fiquei desiludido com o partido. Em 39, durante as investigações do Comitê de Atividades Antiamericanas do Estado da Califórnia, apresentei-me como voluntário para servir ao FBI como informante. Tenho atuado nessa função há mais de dez anos, ao mesmo tempo em que sirvo como analista do PC. Secretamente, pus meus arquivos particulares à disposição dos investigadores da Comissão de Atividades Antiamericanas de 1947, e agora estou fazendo o mesmo para esta investigação do júri de instrução. Os dossiês são de membros da AUFC fundamentais para sua investigação, e caso vocês precisem de ajuda para interpretá-los, eu ficaria feliz em ajudar.”

O velho quase engasgou nas últimas palavras. Estendeu a mão para o maço de cigarros; Ellis Loew, segurando um copo d'água, chegou a ele primeiro. Lesnick bebeu, tossiu, bebeu; Dudley Smith entrou na sala de jantar e deu uns chutezinhos nas caixas e nas máquinas de escrever com seus sapatos engraxados a cuspe — chutes preguiçosos, o que era pouco característico.

Uma buzina soou do lado de fora. Mal levantou-se para agradecer a Lesnick e apertar sua mão. O velho olhou para o outro lado e tentou se levantar, quase não conseguindo. A buzina soou de novo; Loew abriu a porta e fez um gesto para o táxi que estava na entrada de veículos. Lesnick saiu arrastando os pés, sugando o ar puro da manhã.

O táxi afastou-se; Loew ligou um ventilador de parede. Dudley Smith falou:

— Quanto tempo ele tem, Ellis? Você vai mandar para ele um convite para sua comemoração da vitória em 52?

Loew pegou uma enorme pilha de dossiês no chão e colocou-os sobre a mesa da sala de jantar; repetiu o processo até haver duas pilhas de papel chegando à metade da altura da sala.

— O suficiente para servir aos nossos propósitos.

Mal aproximou-se e olhou para as provas: informação conseguida com tortura.

— Mas ele não vai testemunhar diante do júri de instrução?

— Não, nunca. Ele morre de medo de perder a credibilidade como psiquiatra. Sigilo profissional, você sabe. É um bom esconderijo para os advogados, e os médicos também desejam isso. Lesnick estaria acabado como psiquiatra se testemunhasse.

— Mas é de se imaginar que ele gostaria de encontrar o seu criador como um grande americano patriota — disse Dudley. — Ele realmente se apresentou como voluntário, o que deveria ser uma grande satisfação para alguém cuja próxima vida está tão iminente.

Loew gargalhou.

— Dud, *alguma vez* você deu ao menos um passo sem avaliar todos os ângulos?

— Quando foi a última vez em que *você* deu, promotor? Capitão Considine, e você?

— Há muito tempo, nos loucos anos vinte — disse Mal, pensando que, *mano a mano*, cérebro a cérebro, ele preferiria o gorila da Dublin Street ao

Phi Beta de Harvard.

— Ellis, quando começamos a abordar testemunhas?

Loew bateu na pilha de dossiês.

— Logo. Depois de vocês terem digerido isto. Com base no que ficarem sabendo aqui, vocês vão fazer suas primeiras abordagens a partir de pontos fracos, pessoas fracas, que pareçam ter mais probabilidade de cooperar. Se pudermos montar rapidamente um conjunto de testemunhas amigáveis, ótimo. Mas se não conseguirmos uma boa quantidade de cooperação inicial, teremos de armar um esquema. Nossos amigos do sindicato dos caminhoneiros ouviram uma conversa num piquete; que a AUFC está planejando reuniões de estratégia destinadas a forçar exigências exorbitantes nos contratos com os estúdios. Se tivermos reações negativas logo de saída, quero recuar e infiltrar alguém dentro da AUFC. Quero que vocês dois pensem em policiais jovens e inteligentes, durões, de aparência idealista, que possamos usar quando chegar a hora.

Arrepios agarraram Mal. Enfiar infiltrados, *operar agentes*, lhe garantira a reputação na Delegacia de Costumes — era seu ponto forte como policial. Falou:

— Vou pensar a respeito. Como investigadores seremos só eu e Dudley?

Loew fez um gesto que abarcava toda a sua casa.

— Funcionários da Prefeitura estão vindo aqui para cuidar da papelada. Ed Satterlee serve para usarmos seus contatos, Lesnick para nossa identificação psiquiátrica, vocês dois para interrogar. Talvez eu possa conseguir um terceiro homem para vasculhar delitos, levantar lebres, esse tipo de coisa.

Mal sentiu uma coceira, vontade de ler, pensar, operar. Falou:

— Vou resolver algumas pontas soltas na Prefeitura, ir para casa e trabalhar.

— Eu vou processar um agente imobiliário por ter pilotado bêbado a motocicleta do filho — disse Loew.

Dudley Smith brindou seu chefe com um copo imaginário.

— Tenha piedade. Muitos agentes imobiliários são bons republicanos patriotas, e talvez um dia você possa precisar da contribuição deles.

De volta à Prefeitura, Mal deu telefonemas para satisfazer sua curiosidade sobre os dois novos colegas. Bobby Cathcart, um sujeito inteligente da

Divisão Criminal do FBI, com quem ele trabalhara, deu-lhe a ficha de Edmund J. Satterlee. O sujeito era um fanático religioso com um fogo no rabo com relação ao comunismo, de visão tão extrema que Clyde Tolson, o homem número dois de Hoover no FBI, repetidamente lhe dava ordens para se conter quando ele servia como agente encarregado do escritório de campo em Waco, Texas. Dizia-se que Satterlee ganhava cinquenta mil dólares por ano fazendo palestras anticomunistas; a Contracorrentes Vermelhas era “um empreendimento especializado em chantagens” — “eles inocentariam Karl Marx se o pagamento valesse a pena”. Segundo boatos, Satterlee fora expulso do Esquadrão de Controle de Estrangeiros por tentar uma operação para receber dinheiro ilegalmente: vales de dinheiro recebidos de prisioneiros japoneses em troca de ele salvaguardar suas propriedades confiscadas até que fossem libertados. Resumo do agente Cathcart: Ed Satterlee era um maluco, ainda que um maluco rico e muito eficiente — adepto de teorias conspiratórias que se sustentavam nos tribunais; muito bom em reunir provas; muito bom em causar interferências externas para investigadores dos júris de instrução.

Um telefonema para um velho colega que trabalhava no Esquadrão Metropolitano do DPLA e outro para um ex-funcionário da Promotoria que agora trabalhava no escritório do promotor estadual deram-lhe a verdadeira história de Saul Lesnick, M.D., Ph.D. O velho era, e continuava sendo, portador de uma carteirinha do PC; era dedo-duro dos federais desde 39 — quando foi abordado por dois agentes do escritório de LA, que fizeram um acordo com ele: entregar sujeira confidencial psiquiátrica a vários comitês e agências policiais, e sua filha ficaria livre da sentença de cinco a dez anos por atropelamento e fuga enquanto bêbada — um ano presa, com o mínimo de mais quatro a cumprir — na época a garota estava cumprindo pena em Tehachapi. Lesnick concordou; sua filha foi solta e colocada sob condicional por tempo indeterminado — que seria revogada caso o bom doutor algum dia revelasse seu disfarce ou se recusasse a cooperar de qualquer modo. Lesnick, que tinha no máximo seis meses em sua luta com o câncer nos pulmões, conseguira a promessa de uma alta autoridade do Departamento de Justiça: depois de sua morte, todos os arquivos confidenciais que ele entregara seriam destruídos; a condenação de sua filha por atropelamento com morte e os registros da condicional seriam expurgados, e todas as anotações dos júris de instrução federais, municipais e estaduais, atualmente em papéis oficiais, relativas a Lesnick e suas quebras de sigilo com relação aos pacientes

subversivos seriam queimadas. Ninguém saberia que durante dez anos Saul Lesnick, comunista, psiquiatra, jogara nas duas extremidades contra o meio — e saíra ileso.

Mal foi em frente, novos colegas para velhos negócios, pensando que o canceroso recebia em dobro o que pagara, que sua dança com os federais era uma boa mercadoria: uma filha poupada do estupro com cabo de vassoura e a anemia perniciosa da famosíssima cozinha de Tehachapi em troca do resto de sua vida — encurtada pelo suicídio através do tabaco francês. E *ele* teria feito a mesma coisa por Stefan — não teria pensado duas vezes.

A papelada estava arrumada sobre sua mesa. Dando olhares de soslaio para a enorme pilha do júri de instrução, Mal atacou-a. Escreveu memorandos para Ellis Loew sugerindo investigadores para conseguir provas de apoio; datilografou fichas de percurso: dossiês de caso para os jovens promotores que estariam fazendo os processos agora que Loew estava engajado em tempo integral na batalha contra o comunismo. O assassinato de uma prostituta em Chinatown foi para um garoto que saíra há seis meses da pior escola de Direito na Califórnia; o assassino, conhecido por adorar infligir dor com um consolo de viúva cheio de metal, provavelmente se livraria da acusação. Dois assassinatos de crioulos foram mandados para um jovem que ainda não tinha 25 anos — inteligente mas ingênuo. Esse assassino, um líder da Cobra Roxa, disparara contra um grupo de garotos que estava do lado de fora do Ginásio Manual Arts, esperando que entre eles pudesse haver membros da Escorpiões Roxos. Não havia; uma excelente aluna e seu namorado morreram. Mal avaliou que o garoto teria uma chance de meio a meio de condenação — negros assassinando negros entediavam júris brancos, e eles frequentemente davam os veredictos de pura veneta.

O assalto à mão armada no Minnie Robert's Casbah foi para um protegido de Loew; escrever os resumos de provas dos três casos demorou quatro horas e deu cãibras nos dedos de Mal. Ao terminar, ele olhou para o relógio e viu que eram três e dez — Stefan já teria chegado da escola. Se ele tivesse sorte, Celeste estaria visitando a amiga na rua mais adiante, falando baboseiras em tcheco, tagarelando sobre a terra natal antes da guerra. Mal pegou sua pilha de sujeira psiquiátrica e foi para casa, resistindo a uma ânsia infantil: parar numa loja do Exército e da Marinha e comprar um par de divisas prateadas de capitão.

Sua casa ficava no distrito de Wilshire: uma casa grande, de dois andares, que devorava suas economias e a maior parte do salário. A casa que era boa

demais para Laura — um casamento juvenil com base no tesão não garantia o pagamento. Ele a comprou quando voltou da Europa em 46, sabendo que Laura estava com nada e Celeste estava com tudo, sentindo que amava o garoto muito mais do que poderia amar a mulher — que o casamento era para a segurança de Stefan. Havia um parque com tabelas de basquete e um campo de beisebol ali perto; a taxa de crimes na vizinhança era próxima do zero e as escolas locais tinham a melhor avaliação acadêmica do estado. Era seu final feliz para o pesadelo de Stefan.

Mal estacionou na entrada de veículos e atravessou o gramado — o trabalho malfeito de Stefan com o cortador de grama, a bola e o bastão de beisebol de Stefan encostados na cerca viva que ele tinha podado com negligência. Indo até a porta, ouviu vozes: a luta em duas línguas para a qual ele servira de juiz mil vezes antes. Celeste estava fazendo conjugações verbais em tcheco, sentada no divã de sua sala de costura, gesticulando para Stefan, seu cativo numa cadeira. O garoto se distraía com objetos numa mesinha de canto — dedais e carretéis de linha — arrumando-os por progressão de cor, tão inteligente que precisava se manter ocupado mesmo enquanto recebia um sermão. Mal ficou parado junto à porta, olhando, amando Stefan por seu desafio; satisfeito por ele ser moreno e atarracado, como seria seu pai verdadeiro — e não esguio e de cabelos cor de areia como Celeste — mesmo que Mal fosse louro, e que isso servisse como pista para que as pessoas pensassem que os dois não tinham parentesco consanguíneo.

Celeste estava dizendo:

— ...e esta é a língua do seu povo.

Stefan estava empilhando os carretéis, fazendo uma casinha com eles — cores escuras no alicerce, cores pastel no topo.

— Mas agora eu vou ser americano. Malcolm me disse que pode conseguir ci-ci-cidadania.

— Malcolm é filho de um pastor, é um policial que não entende as tradições da nossa terra natal. Stefan: é a sua herança. Aprenda a deixar sua mãe feliz.

Mal podia sentir que seu garoto não estava engolindo aquilo; sorriu quando Stefan demoliu a casa de carretéis, os olhos escuros incendiados.

— Malcolm disse que a Tchecoslováquia é um... um... um...

— Um o quê, querido?

— Um monturo de gente imbecil! Uma pilha de merda! *Scheiss! Scheiss!* Em alemão para *mutti!*

Celeste ergueu uma das mãos, parou e bateu em seus próprios joelhos encostados um no outro.

— Em inglês para você, seu ingrato, uma desgraça para seu pai de verdade, um homem culto, um doutor, e não um consorte de prostitutas e bandidos...

Stefan derrubou a mesinha de canto e saiu correndo da sala, direto para Mal, que bloqueava a passagem. O garoto pequeno e gorducho desviou-se de seu padraço de 1,90m, depois agarrou-o pela cintura e enterrou a cabeça em seu paletó. Mal segurou-o ali, uma das mãos firmando seus ombros, a outra desganhando seus cabelos. Quando Celeste se levantou e os viu, ele disse:

— Você nunca vai desistir, vai?

Celeste murmurou palavras; Mal sabia que eram obscenidades em língua nativa, que ela não desejava que Stefan ouvisse. O garoto se agarrou com mais força, depois soltou-se e correu para seu quarto no andar de cima. Mal ouviu um ting-ting-ting — os soldadinhos de brinquedo de Stefan sendo jogados contra a porta.

— Você sabe em que isso faz que ele pense — disse Mal — e mesmo assim não desiste.

Celeste ajustou os braços dentro do cardigã comprido demais — a afetação europeia que Mal mais odiava.

— *Nein, herr leutnant* — puro alemão, pura Celeste, Buchenwald, o homem do gás, major Considine, assassino a sangue-frio.

Mal forçou-se a passar pela porta.

— Logo serei capitão, *Fräulein*. Investigador-chefe da Promotoria, e subindo cada vez mais. É pistolão, *Fräulein*. Só para o caso de eu achar que você está arruinando meu filho e que eu precise tirá-lo de você.

Celeste sentou-se com os joelhos juntos, um gesto de fim de aula, Praga, 1934.

— À mãe a criança pertence. Até mesmo um advogado fracassado como você deveria conhecer esta máxima.

Uma frase que não poderia ser contradita. Mal chutou o tapete na saída; sentou-se nos degraus e ficou olhando as nuvens de chuva passarem. A máquina de costura de Celeste começou a ronronar; lá em cima, os soldados de Stefan ainda estavam marcando a porta do quarto, já arranhada e cheia de furos. Mal pensou que logo eles estariam sem tinta, dragões sem uniformes, e esse fato simples rasgaria tudo o que ele construía desde a guerra.

Em 45 ele era major do Exército, estacionado num alojamento temporário da Polícia Militar perto do campo de concentração de Buchenwald, recém-liberto. Sua tarefa era interrogar sobreviventes, especialmente aqueles que as equipes médicas de evacuação consideravam doentes terminais — os farrapos de seres humanos que tinham a maior probabilidade de jamais viver para identificar seus captores no tribunal. As sessões de perguntas e respostas eram aterrorizantes; Mal sabia que apenas a presença fria e pétrea de seu intérprete mantinha-o gélido, contido, profissional. As notícias do front doméstico eram igualmente ruins: amigos lhe escreviam dizendo que Laura estava trepando com Jerry Dunleavy, um colega da Delegacia de Homicídios, e com Buzz Meeks, um detetive da Narcóticos, corrupto, e que coletava dinheiro para Mickey Cohen. E em San Francisco, seu pai, o reverendo Liam Considine, estava morrendo de doença cardíaca e lhe mandava telegramas diários implorando que abraçasse Jesus antes que ele morresse. Mal odiava demais o velho para lhe dar essa satisfação, e estava ocupado demais rezando pela morte rápida e indolor de cada um dos sobreviventes de Buchenwald, pela interrupção completa das memórias e dos pesadelos deles. O velho morreu em outubro; Desmond, o irmão de Mal, rei dos carros usados em Sacramento, mandou-lhe um telegrama rico em invectivas religiosas. Terminava com palavras de repúdio. Dois dias depois, Mal conheceu Celeste Heisteke.

Ela saiu de Buchenwald fisicamente saudável e desafiadora, e falava inglês suficiente para tornar o intérprete desnecessário. Mal fez sozinho os interrogatórios de Celeste; os dois falaram apenas sobre um assunto: a prostituição dela com um tenente-coronel da SS chamado Franz Kempflerr — o preço de sua sobrevivência.

As histórias de Celeste — contadas de modo explícito — mataram seus pesadelos de modo melhor do que o fenobarbital contrabandeado que ele vinha tomando há semanas. Elas o excitavam, enojavam, faziam com que ele odiasse o coronel nazista e se odiasse por ser um voyeur a treze mil quilômetros de distância de suas lendárias operações contra prostitutas na Delegacia de Costumes. Celeste sentiu sua excitação e seduziu-o; juntos, refizeram todas as aventuras dela com Franz Kempflerr; Mal apaixonou-se por ela — porque sabia que ela o conhecia melhor do que a imbecil e atraente Laura jamais conhecera. Então, quando ela o tinha bem fisgado, falou-lhe do marido morto e do filho de seis anos, que ainda poderia estar vivo em algum

lugar de Praga. Será que ele, um detetive veterano, estaria disposto a procurar o garoto?

Mal concordou, pelo desafio e a chance de se tornar algo mais para Celeste do que um amante voyeur, mais do que o policial metido nos esgotos que era como sua família o considerava. Viajou três vezes a Praga, fazendo perguntas em seu tcheco e seu alemão estropiados. As redes de primos da família Heisteke resistiram a ele; duas vezes foi ameaçado com armas e facas e recuou, com o medo nas costas como se estivesse fazendo uma batida na zona negra de LA, sussurros e zombarias dos policiais caipiras que dominavam as rondas noturnas lá: covardia de universitário, com medo dos crioulos, covarde. Na última viagem localizou Stefan Heisteke, um criança pálida e de cabelos escuros, com a barriga inchada, dormindo do lado de fora de uma barraca que vendia cigarros, num tapete enrolado emprestado por um vendedor do mercado negro. O homem disse a Mal que o garoto ficava apavorado quando as pessoas lhe falavam em tcheco, a língua que ele parecia entender melhor; frases em alemão e francês provocavam simples sim ou não. Mal levou Stefan para seu hotel, alimentou-o e tentou lhe dar banho, mas parou quando ele começou a gritar.

Deixou Stefan tomar banho sozinho; deixou-o dormir por dezessete horas ininterruptas. Depois, armado com livros de frases em alemão e francês, começou seu interrogatório mais medonho. Demorou uma semana de longos silêncios, longas pausas e perguntas hesitantes, e respostas com metade do quarto entre os dois, para que Mal conseguisse montar a história.

Stefan Heisteke tinha sido deixado com primos de confiança logo antes de Celeste e seu marido, gentios antinazistas, serem capturados pelos alemães; na fuga eles haviam deixado o garoto com parentes distantes que o deixaram com amigos que o entregaram para conhecidos que estavam ocultos num porão de uma fábrica deserta. Ficou lá durante quase dois anos, acompanhado por um homem e uma mulher que tinham ficado meio enlouquecidos pela reclusão. A fábrica processava comida de cachorro, e tudo o que Stefan comeu durante aquele tempo foram latas de carne de cavalo. O homem e a mulher usavam-no sexualmente, depois falavam frases melosas com ele em tcheco, carinhos de amante para uma criança de cinco e seis anos. Stefan não podia tolerar o som daquela língua.

Mal levou Stefan de volta para Celeste, fez-lhe um relato misericordiosamente abreviado dos anos perdidos, e lhe disse para falar francês com ele — ou ensinar-lhe inglês. Não contou que considerava os

primos dela cúmplices no trauma do menino, e quando o próprio Stefan contou à mãe o que acontecera, Celeste capitulou diante de Mal. Ele sabia que antes ela o estivera usando; agora ela o amava. Ele tinha uma família para substituir a que fora despedaçada na América.

Juntos começaram a ensinar inglês a Stefan; Mal escreveu para Laura, pedindo o divórcio, e conseguiu a papelada pronta para levar sua família nova. As coisas estavam indo muito bem; e então desandaram.

O oficial que trepava com Celeste escapara antes da libertação de Buchenwald; assim que Mal estava para ser dispensado, ele foi capturado em Cracóvia e mantido no alojamento da Polícia Militar. Mal foi a Cracóvia apenas para vê-lo; o oficial de serviço mostrou-lhe os bens confiscados do nazista, que incluíam inconfundíveis cachos do cabelo de Celeste. Mal voltou à cela de Franz Kempflerr e esvaziou seu revólver na cara do sujeito.

Uma rede de cobertura foi lançada sobre o incidente; o governador militar, general do Exército, gostou do estilo de Mal. Mal recebeu uma dispensa com honras, trouxe Celeste e Stefan para a América, voltou para seu cargo de sargento no DPLA e se divorciou de Laura. Dos dois homens que lhe haviam posto chifres, Buzz Meeks foi ferido num tiroteio e mandado para a vida civil, com pensão; Jerry Dunleavy ficou no serviço — mas fora do caminho dele. Corria o boato de que Meeks achava que Mal estava por trás do tiroteio — vingança pelo caso com Laura. Mal deixou o boato aumentar: servia como um bom contraponto para a sugestão de covardia que ele inspirara em Watts. Os boatos vazavam aqui e ali; Ellis Loew, promotor em ascensão, judeu, que fugira ao alistamento, assumiu um interesse por ele e se ofereceu para facilitar o seu caminho assim que ele passasse no exame para tenente. Em 47 ganhou o posto de tenente e foi transferido para o setor de investigações da Promotoria, policial protegido do mais ambicioso promotor distrital que a cidade de Los Angeles já viu. Casou-se com Celeste e acomodou-se à vida familiar, com uma criança pronta fazendo parte do acordo. E quanto mais pai e filho tornavam-se próximos, mais a mãe se ressentia; e quanto mais ele pressionava para adotar formalmente o garoto, mais ela recusava — e tentava moldar Stefan à maneira da velha aristocracia tcheca que lhe fora arrancada pelos nazistas — aulas de língua, cultura e costumes europeus, sem que Celeste prestasse atenção às lembranças que aquilo desenraizava.

“À mãe a criança pertence. Até um advogado fracassado como você deveria conhecer esta máxima.”

Mal ouviu a máquina de costura de Celeste, os soldados de brinquedo de Stefan batendo contra a porta. Pensou em sua própria epígrafe: salvar a vida de uma mulher apenas induz gratidão se a mulher tiver algo pelo qual viver. Tudo o que Celeste possuía eram lembranças e uma existência odiada como mulher de policial. Tudo o que ela queria era levar Stefan de volta ao tempo do horror pelo qual ele passara e torná-lo parte das lembranças. Sua epígrafe final: ele não permitiria isso.

Mal voltou para casa para ler os dossiês de denúncia contra comunistas: seu glorioso júri de instrução e tudo o que ele renderia.

Pistolão.

CAPÍTULO VI

Os dois piquetes seguiam devagar pela Gower, passando pelas entradas dos estúdios de terceira categoria. A AUFC ia pelo lado de dentro, mostrando cartazes presos em placas de compensado: PAGAMENTO JUSTO POR HORAS EXTRAS, NEGOCIAÇÕES CONTRATUAIS AGORA! PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS PARA TODOS OS TRABALHADORES. Os caminhoneiros marchavam ao lado, deixando uma faixa de calçada livre, seus cartazes — FORA VERMELHOS! NADA DE CONTRATOS PARA COMUNISTAS — presos em caibros de duas por quatro polegadas, enrolados com fita adesiva para facilitar o manuseio. A conversa entre as facções era constante; a intervalos de segundos, “foda-se”, “merda”, “traidor” ou “escória” eram gritados, uma onda de palavrões seguindo-se. Do outro lado da rua estavam os repórteres, fumando e jogando baralho nos capôs dos carros.

Buzz Meeks observava da passarela do lado de fora do escritório executivo da Variety International Pictures — no terceiro andar, uma visão de varanda. Lembrava-se de ter quebrado a cabeça de líderes dos sindicatos nos anos 30; avaliou os caminhoneiros versus a AUFC e viu uma briga capaz de rivalizar com a segunda luta entre Louis e Schmeling.

Fácil: os caminhoneiros eram tubarões, e a AUFC não passava de sardinhas. A linha de piquete dos motoristas tinha capangas de Mickey Cohen, seguranças do sindicato e valentões contratados nas espeluncas onde se juntavam desempregados no centro da cidade; o pessoal da AUFC eram velhas figuras esquerdistas, contrarregras que já haviam passado dos bons tempos, mexicanos magros e uma mulher. Se a coisa acontecesse, sem máquinas fotográficas por perto, os caminhoneiros usariam seus caibros de duas por quatro como porretes e atacariam — de perto usando socos-ingleses, sangue, dentes e cartilagem nasal caídos na calçada, talvez algumas orelhas arrancadas das cabeças. Depois iriam embora antes que o preguiçoso Esquadrão Antimotins do DPLA aparecesse em cena. *Fácil.*

Buzz olhou o relógio. 4:45; Howard Hughes estava 45 minutos atrasado. Era um dia frio de janeiro, céu azul-claro misturado com nuvens de chuva sobre as colinas de Hollywood. Howard ficava louco por sexo no inverno e provavelmente queria mandá-lo procurar alguma negrinha: na Schwab's Drugstore, nos galpões dos figurantes da Fox e da Universal, fotos de garotas peitudas nuas da cintura para cima. O sim ou não de Sua Majestade, depois os contratos padrões para os sins — papéis em filmes Z na RKO em troca de cama e comida nas *garçonnières* da Empresas Hughes, e frequentes visitas noturnas do próprio Homem. Havia esperança de bonificação: ele ainda estava preso a um *bookmaker* chamado Leotis Dineen, um selvagem de 1,90m que odiava gente de Oklahoma mais do que veneno.

Buzz ouviu uma porta abrindo atrás; uma voz de mulher chamou:

— O Sr. Hughes irá recebê-lo, Sr. Meeks.

A mulher enfiara a cabeça para fora da porta de Herman Gerstein; se o chefe da Variety International estava envolvido, então era bem possível um bônus. Buzz foi até lá; Hughes estava sentado atrás da mesa de Gerstein, examinando as fotos nas paredes: fotos semissensuais de atrizes da Gower Gulch que não iam a lugar algum. Ele estava vestido com seu terno usual de risca de giz, mostrando as cicatrizes usuais — ferimentos no rosto do último acidente de avião. O sujeito enorme as cultivava com loção hidratante — achava que elas lhe davam um certo encanto.

E nada de Herman Gerstein; nem a secretária de Gerstein. Buzz deixou de lado as formalidades que Hughes exigia quando havia outras pessoas presentes.

— Arranjou alguma, Howard?

Hughes apontou para uma cadeira.

— Você é o meu cão de caça, deveria saber. Sente-se, Buzz. Isto é importante.

Buzz sentou-se e fez um gesto que abarcava todo o escritório: fotos sensuais, tapeçarias rococó nas paredes e uma armadura de cavaleiro.

— Por que aqui, chefe? Herman tem um serviço para mim?

Hughes ignorou a pergunta.

— Buzz, há quanto tempo nós somos colegas?

— Já está fazendo cinco anos, Howard.

— E você trabalhou para mim em várias funções?

Buzz pensou: avião, coletor de dinheiro, cafetão.

— Isso mesmo.

— E durante esses cinco anos eu lhe dei referências lucrativas a outras pessoas que precisavam de seus talentos?

— Certamente que sim.

Hughes imitou duas pistolas com os dedos, os polegares no lugar dos cães.

— Lembra-se da estreia de *Billy the Kid*? A Legião da Decência estava do lado de fora do Grauman's gritando "libertino" para mim, e velhinhas de Pasadena estavam jogando tomates contra Jane Russell. Ameaças de morte, aquela coisa toda.

Buzz cruzou as pernas e tirou um fiapo da bainha da calça.

— Eu estava lá, chefe.

Hughes soprou fumaça imaginária das pontas de seus dedos.

— Buzz, aquela foi uma noite arriscada, mas alguma vez eu a descrevi como perigosa ou *grande*?

— Não, chefe. Certamente que não.

— Quando Bob Mitchum foi preso por causa daqueles cigarros de maconha e eu chamei você para ajudar com as provas, eu descrevi *aquilo* como perigoso ou grande?

— Não.

— E quando a *Confidential Magazine* estava se preparando para publicar aquele artigo alegando que eu gostava de garotas menores de idade e bem-dotadas, e você levou seu cassete até o escritório para argumentar com o editor, eu descrevi *aquilo* como perigoso ou grande?

Buzz se encolheu. Era final de 47, as *garçonnières* estavam apinhadas, Howard era um dervixe sexual e estava filmando suas conquistas adolescentes endossando sua prontidão — estratégia destinado a lhe conseguir um encontro com Ava Gardner. Uma das latas de filme foi roubada do Departamento de Edição da RKO e terminou na *Confidential*; ele quebrou três conjuntos de dedos da revista de escândalos para abafar a história — depois torrou o bônus de Hughes apostando estupidamente na luta entre Louis e Walcott.

— Não, Howard. Não descreveu.

Hughes atirou em Buzz com suas armas de dedo.

— Pou! Pou! Pou! Pois é. Eu estou lhe dizendo que aquele espetáculo sedicioso ali na rua é perigoso e grande. E é por isso que chamei você aqui.

Buzz olhou para o piloto/inventor/magnata, exausto com a teatralidade dele, querendo ir ao ponto.

— Howard, há algum dinheiro vivo envolvido em todo esse grande perigo? E se você está pedindo para eu quebrar a cabeça de alguns sindicalistas, pense de novo, porque estou velho demais e gordo demais.

Hughes gargalhou.

— Solly Gelfman não diria isso.

— Solly Gelfman é gentil demais. Howard, o que você quer?

Hughes pousou as pernas compridas sobre a mesa de Herman Gerstein.

— Qual é sua opinião sobre o comunismo, Buzz?

— Acho que fede. Por quê?

— A AUFC, ali embaixo, é toda composta por comunistas, vermelhos, subversivos. A cidade de Los Angeles está montando um júri de instrução para investigar a influência comunista em Hollywood, concentrando-se na AUFC. Um punhado de chefes de estúdios... eu, Herman e alguns outros... formamos um grupo chamado Amigos do Modo de Vida Americano no Cinema para ajudar a cidade. Eu contribuí para a caixinha, Herman também. Nós pensamos que você também gostaria de ajudar.

Buzz gargalhou.

— Com uma colaboração de meu magro salário?

Hughes imitou o riso, colocando um exagerado sotaque de Oklahoma.

— Eu sabia que era uma possibilidade remota apelar para o seu sentimento de patriotismo.

— Howard, você só é leal ao dinheiro, às bocetas e aos aviões, e engulo você como um bom amigo do modo de vida americano como engulo Drácula recusando trabalho num banco de sangue. Então esse negócio do júri de instrução é uma das três coisas, e eu aposto no dinheiro.

Howard ruborizou e coçou sua cicatriz de acidente aéreo predileta, aquela pela qual uma garota com a jovialidade do Wisconsin estava apaixonada.

— Indo direto ao ponto, então, Turner?

— Sim, senhor.

— A AUFC está dentro da Variety International, da RKO, de três outros estúdios aqui na Gower e de dois dos grandes. O contrato com eles é rígido e ainda tem mais cinco anos. Esse contrato é caro, e as cláusulas de escalação irão nos custar uma fortuna nos próximos anos. Agora a porcaria do sindicato está fazendo piquete querendo mais: bônus, cobertura médica e participação nos lucros. Totalmente inaceitável. *Totalmente.*

Buzz encarou Hughes.

— Então não renove a porcaria do contrato ou deixe que eles façam greve.

— Não basta. As cláusulas de progressão são muito caras, e eles não vão entrar em greve... vão fazer movimentos lentos e muito sutis. Quando assinamos com a AUFC, em 1945, ninguém sabia como a televisão ia crescer. Nós estamos nos dando mal na bilheteria e queremos os caminhoneiros... apesar da porcaria dos comunas da AUFC e de seu contrato rígido.

— Como você vai passar por cima do contrato?

Hughes piscou; com cicatrizes e tudo, e o ato fez com que ele parecesse uma criança grande.

— Há uma cláusula em letras miúdas no contrato, declarando que a AUFC pode ser expulsa caso algum crime... e isso inclui traição... possa ser provado contra eles. E os caminhoneiros trabalhariam por muito menos dinheiro, se forem feitos certos pagamentos a certos parceiros silenciosos.

Buzz piscou.

— Como Mickey Cohen?

— Não consigo enrolar um enrolador.

Buzz pôs os pés sobre a mesa de Gerstein, desejando ter um charuto para acender.

— Então você quer sujeira jogada sobre a AUFC, antes da convocação do júri de instrução ou durante os procedimentos. Desse modo, pode chutá-los segundo a cláusula criminal e colocar os rapazes de Mickey sem que os comunas processem você, por medo de receberem mais merda ainda.

Hughes empurrou os pés de Buzz para fora da mesa com seus próprios sapatos imaculados.

— “Sujeira” é uma palavra errada. Neste caso estamos falando do patriotismo como algo fundamental para os bons negócios. Porque a AUFC é composta por um punhado de subversivos comunistas de carteirinha.

— E você vai me dar uma bonificação em dinheiro para...

— E vou lhe dar uma licença de seus serviços na fábrica e um bônus em dinheiro para ajudar a equipe de investigadores do júri de instrução. Eles já têm dois policiais como interrogadores políticos, e o promotor que está comandando o espetáculo quer um terceiro homem para procurar esqueletos nos armários e fazer coleta de dinheiro. Buzz, há duas coisas que você conhece extremamente bem: Hollywood e os elementos criminosos de nossa

bela cidade. Você pode ser muito valioso para esta operação. Posso contar com você?

Cifrões dançaram na cabeça de Buzz.

— Quem é o promotor?

— Um homem chamado Ellis Loew. Ele concorreu para o cargo do chefe em 48 e perdeu.

O judeu Loew, aquele com um tesão colossal pelo estado da Califórnia.

— Ellis é uma doçura. E os dois policiais?

— Um detetive do DPLA chamado Smith e um homem da Promotoria chamado Considine. Buzz, você está nessa?

As velhas possibilidades: meio a meio, ou Jack Dagna ou Mal Considine armaram o tiroteio que lhe rendera dois tirambaços no ombro, um no braço e um pela banda esquerda da bunda.

— Não sei, chefe. Há um sangue ruim entre mim e o tal de Considine. *Cherchez la femme*, se é que está me acompanhando. Talvez eu precise de dinheiro, *tremendamente*, antes de dizer sim.

— Então não estou preocupado. Você vai se meter em encrenca; sempre se mete.

CAPÍTULO VII

— Recebi quatro telefonemas sobre suas pequenas escapadas em território metropolitano anteontem à noite — disse o capitão Al Dietrich. — Em casa ontem. No meu *dia de folga*.

Danny Upshaw estava de pé, em posição de descanso, diante da mesa do comandante da delegacia, pronto para dar um relatório oral sobre o homicídio de Goines — um discurso memorizado, para terminar num pedido de mais homens do xerife trabalhando e uma ponte com o DPLA. Enquanto Dietrich fumegava, ele detalhava o final e se concentrava em tornar suas evidências suficientemente fortes para que o velho o deixasse trabalhar exclusivamente no assassinato durante pelo menos mais duas semanas.

— ...e se você queria informações sobre traficantes de heroína, deveria ter pedido que os *nossos* rapazes da Narcóticos contatassem os *deles*. Você não espanca traficantes, sejam eles negros ou não. E o gerente do Bido Lito's administra outra boate dentro do condado, e ele é muito simpático com o sargento do plantão na delegacia de Firestone. E você foi visto bebendo durante o serviço, coisa que eu também faço, mas em circunstâncias mais discretas. Está me acompanhando?

Danny tentou parecer humilde — um pequeno truque que ele treinara — olhos baixos, rosto franzido.

— Sim senhor.

Dietrich acendeu um cigarro.

— Sempre que você me chama de senhor, eu sei que está puxando o meu saco. Você tem muita sorte porque eu gosto de você, detetive. Tem muita sorte porque eu acho que seus dons são maiores do que sua arrogância. Faça o relatório do homicídio. Omita as descobertas do Dr. Layman, eu li o seu resumo e não gosto de coisas nojentas de manhã cedo.

Num reflexo, Danny ficou rígido — quis exagerar os aspectos de horror para impressionar Dietrich.

— Capitão, até agora tenho duas descrições aproximadas sobre o assassino: alto, grisalho, meia-idade. Sangue O positivo tipificado a partir do sêmen, muito comum entre brancos. Não creio que qualquer das testemunhas possa identificar o homem a partir de fotos da polícia; aquelas boates são escuras e têm luzes que distorcem. O perito que procurou impressões digitais no carro não conseguiu coisa alguma, a não ser as do dono e da namorada do sujeito. Ele fez as eliminações baseado em registros da Defesa Civil; tanto Albanese quanto a namorada fizeram trabalho para a Defesa Civil durante a guerra. Eu verifiquei registros de táxi mais ou menos na hora em que o corpo foi desovado e o carro abandonado, e só foram apanhados casais saindo das boates da Strip. A história de Albanese, de que voltou ao bairro negro para procurar seu carro, foi verificada pelos registros dos táxis, o que o elimina como suspeito. Passei todo o dia de ontem e a maior parte da noite fazendo entrevistas de novo na Central Avenue, e não consegui encontrar qualquer outra testemunha que tenha visto Goines com o homem alto e grisalho. Procurei as duas testemunhas com quem tinha falado antes, pensando em fazer algum tipo de retrato falado com eles, mas tinham ido embora; parece que esse pessoal do jazz vive principalmente à noite.

Dietrich apagou seu cigarro.

— Qual é o seu próximo passo?

— Capitão, esse assassinato é coisa de veado. A melhor de minhas duas testemunhas identificou Goines como homossexual, e as mutilações apoiam isso. Goines foi morto com uma overdose de heroína. Quero mostrar fotos de homossexuais conhecidos a Otis Jackson e a outros traficantes locais. Quero...

Dietrich já estava balançando a cabeça.

— Não, você não pode voltar ao território do DPLA e interrogar o homem que espancou com uma pistola. E a Delegacia de Narcóticos de lá nunca vai cooperar dando uma lista de traficantes locais, graças às suas travessuras. — O capitão pegou na mesa um exemplar do *Herald*, dobrou-o e apontou para uma matéria de uma coluna: “Corpo de vagabundo desovado perto da Sunset Strip na noite de Ano-Novo”. — Vamos manter a coisa assim, discreta, sem dizer o nome da vítima. Temos um grande dever aqui nesta delegacia. Nós lucrmos com o turismo, e não quero que isso seja estragado porque alguma bicha matou outra bicha viciada e trombonista. Compreende?

Danny cruzou os dedos nas costas, depois soltou em cima do seu comandante uma das máximas de Vollmer:

— Códigos de investigação uniformes são o fundamento moral da criminologia.

— Lixo humano é lixo humano — disse o capitão Al Dietrich. — Vá trabalhar, detetive Upshaw.

Danny voltou ao esquadrão e ficou pensando em seu cubículo, com as divisórias isolando-o dos outros três detetives da delegacia — todos com pelo menos dez anos a mais do que ele — datilografando e falando sem parar nos telefones, o ruído chegando com força total, depois baixando até um vazio que parecia não ter som algum.

Uma ampliação de uma foto de Harlan “Buddy” Jastrow, assassino do machado no Condado de Kern, e o impulso que fez dele um policial, olhava da parede acima de sua mesa; algum detetive que ouvira seu alerta de busca ao sujeito desenhara um bigode de Hitler nele, com um balão de fala projetando-se da boca: “Oi! Eu sou a nêmesis do detetive Upshaw! Ele quer fritar meu rabo, mas não vai dizer a ninguém por quê! Cuidado com Upshaw! Ele é uma prima-dona de universidade, e acha que caga cheiroso!” O capitão Dietrich descobrira a obra de arte; sugeriu que Danny a deixasse ali como uma lembrança para controlar o humor e não bancar o superior com os outros homens. Danny concordou; ficou sabendo que seus colegas detetives gostaram do toque — fez com que pensassem que ele tinha um senso de humor que não tinha — e isso o deixava furioso e, de algum modo, capaz de pensar melhor.

Até agora, dois dias e meio depois, ele cobrira o básico. O quartirão do jazz na Central Avenue tinha sido investigado 24 horas por dia, cada barman, leão de chácara, músico e aficionado em termos gerais foi abordado no quartirão — o mesmo na área em que o corpo fora desovado. Karen Hiltcher ligara para San Quentin e para o Hospital Estadual Lexington em busca de informações sobre Goines e seus colegas, se é que havia algum; estavam esperando os resultados desses pedidos. Arrochar traficantes dentro dos limites do DPLA estava fora de questão por enquanto, mas ele podia preparar um memorando para a Delegacia de Narcóticos do DXLA em busca de uma lista de traficantes que agiam no condado, pressionar e ver se conseguia alguma pista que levasse de volta à área metropolitana. O sindicato

dos músicos ao qual Goines pertencia reabriria esta manhã, depois dos feriados, e por enquanto ele tinha apenas seus instintos — o que era verdade, o que não era verdade, o que era absurdo demais para ser verdade e o que era tão horrível que *tinha* de ser verdade. Com os olhos grudados nos de Buddy Jastrow, Danny reconstruiu o crime.

O assassino encontra Goines em algum lugar do quarteirão do jazz e o convence a se aplicar — a despeito da recente cura de Martin. Ele já está com o Buick preparado, a porta aberta ou destrancada, os fios soltos e prontos para ser juntados para uma partida rápida. Os dois vão a algum lugar calmo, algum lugar equidistante da zona negra e da Sunset Strip. O assassino aplica numa veia perto da espinha de Goines heroína suficiente para estourar as artérias de seu coração, mantendo uma toalha felpuda preparada para enfiar em sua boca e impedir que o sangue o encharque. Segundo a estimativa do barman do Zombie, o assassino e Goines deixaram a Central Avenue entre 0:15 e 0:45, levaram meia hora para ir até o destino, dez minutos para preparar o assassinato e realizá-lo.

Entre 1:00 e 1:30 da madrugada.

O assassino enforca a vítima após a morte; acaricia seus órgãos genitais até que eles fiquem machucados, retalha suas costas com o instrumento feito de giletes, arranca seus olhos, fode-o nas órbitas pelo menos duas vezes, morde — ou faz um animal morder — sua barriga até chegar aos intestinos, depois limpa-o e o leva até a Allegro Street, numa noite de chuva, sem qualquer umidade em cima do corpo, a chuva tendo parado pouco depois das três horas, e o defunto sendo descoberto às quatro da madrugada.

Entre 1:00 e uma 1:45 para mutilar o corpo, dependendo da localização do assassinato.

O assassino tão enlouquecido sexualmente a ponto de ejacular duas vezes nesse tempo.

O assassino — talvez — tomando um caminho tortuoso até a Strip, com o retrovisor apontado de modo a ver o cadáver que está conduzindo.

Falha na reconstrução até agora: a tênue teoria da “isca de sangue” do Dr. Layman não se ajusta. Cachorros malignos e bem treinados não colam com o cenário — seriam muito difíceis de controlar, uma chateação, uma confusão, barulhentos demais numa cena de assassinato, difíceis demais de conter em momentos de dificuldade psicótica. O que significa que as dentadas no tronco tinham de ser humanas, mesmo que as marcas da boca fossem grandes demais para terem sido feitas por um ser humano apenas mordendo.

O que significa que o assassino mordeu, roeu, se refocilou e rilhou os dentes para conseguir chegar às entranhas da vítima, puxando a carne para cima para deixar as bordas inflamadas enquanto criava uma devastação...

Danny saiu disparado de seu cubículo e voltou à sala de registros junto ao Esquadrão. Um velho armário tinha os dossiês de criminosos depravados e sexuais da delegacia — relatórios de crimes de West Hollywood, relatórios de denúncia, relatórios de prisão e de tumultos que remontavam à inauguração da delegacia em 37. Algumas pastas estavam arquivadas em ordem alfabética com o título geral de “Preso”; algumas com “Denunciante”; algumas organizadas numericamente, ou por “Endereço da ocorrência”. Algumas tinham fotos, outras não; vazios nas pastas de “Presos” indicavam que os presos haviam subornado policiais para roubar relatórios que poderiam ser embaraçosos para eles — e West Hollywood era apenas uma pequena parte do território do condado.

Danny passou uma hora examinando os relatórios de “Presos”, procurando homens altos, grisalhos e de meia-idade com violência no *modus operandi*, sabendo que era uma possibilidade remota para mantê-lo ocupado até que a seção local do Sindicato dos Músicos abrisse às 10:30. A papelada numa mixórdia — cheia de palavras mal escritas, cópias a carbono manchadas e relatórios praticamente analfabetos de crimes sexuais — deixou-o a ponto de gritar contra a incompetência do Departamento do Xerife de Los Angeles; relatos bombásticos sobre fatos acontecidos em banheiros e sobre garotos do segundo grau subornados para dar chupadas nos bancos de trás dos carros mantiveram seu estômago revirando com uma bile que tinha gosto de pó de café frito e das seis doses de ontem à noite. O tempo entregou-lhe quatro possibilidades — homens entre 43 e 55 anos, entre 1,88 a 1,95 m, com um total de 21 condenações por sodomia — a maioria das denúncias feitas por veados prisioneiros — *coitus interruptus* de cadeia que resultavam em acusações adicionais por parte do condado. Às 10:20 levou as pastas para Karen Hiltscher na sala de despachos, suado, as roupas amarrotadas antes que o dia mal tivesse começado.

Karen estava trabalhando na mesa telefônica, recebendo chamados, com um fone de ouvido preso ao penteado estilo Veronica Lake. A garota tinha dezenove anos, loura artificial e peituda — empregada civil do DXLA escolhida para a próxima vaga que surgisse na Academia do Departamento do Xerife. Danny achava que ela não daria grande coisa como policial: os dezoito meses obrigatórios de serviço numa penitenciária provavelmente

fariam com que ela perdesse a cabeça e saltasse nos braços do primeiro policial que promettesse afastá-la das sapatões, das gangues de putas mexicanas e das mães brancas encarceradas por abuso dos filhos. O coração da delegacia de West Hollywood não duraria duas semanas como policial.

Danny ajeitou a gravata e alisou a frente da camisa, seu prelúdio de bonitão para pedir favores.

— Karen? Está ocupada, meu doce?

A garota percebeu-o e tirou o fone de cabeça. Parecia emburrada; Danny se perguntou se deveria lubrificá-la com outro jantar.

— Oi, detetive Upshaw.

Danny colocou os dossiês de crimes sexuais encostados na mesa telefônica.

— O que aconteceu com “oi, Danny”?

Karen acendeu um cigarro *à la* Veronica Lake e tossiu — só fumava quando estava tentando bancar a *vamp* para os policiais do turno diurno.

— O sargento Norris me ouviu chamar Eddie Edwards de “Eddie” e disse que eu deveria chamá-lo de detetive Edwards, que eu não deveria ser tão familiar enquanto não subisse de posto.

— Diga a Norris que eu mandei você me chamar de Danny.

Karen fez uma careta.

— Daniel Thomas Upshaw é um belo nome. Eu disse à minha mãe, e ela também achou que era um belo nome.

— O que mais você contou a ela sobre mim?

— Que você é mesmo doce e bonito, mas que está bancando o difícil. O que há nessas pastas?

— Relatórios de crimes sexuais.

— Para aquele homicídio em que está trabalhando?

Danny assentiu com a cabeça, e perguntou em seguida:

— Meu doce, ligaram de volta de Lexington e Quentin respondendo às minhas perguntas sobre Martin Goines?

Karen fez outra careta — meio irascível, meio coquete.

— Eu teria dito a você. Por que me trouxe esses relatórios?

Danny curvou-se sobre a mesa telefônica e piscou.

— Eu estava pensando em jantar no Mike Lyman’s assim que resolvesse uns trabalhos. Está a fim de me dar uma mão?

Karen Hiltcher tentou devolver a piscadela, mas seu cílio falso grudou na dobra abaixo do olho e ela teve de procurar o cinzeiro para botar o cigarro

e depois soltá-lo. Danny olhou para outro lado, com nojo; Karen fez beicinho.

— O que você quer com esses relatórios?

Danny olhou para a parede da sala de reuniões, de modo que Karen não pudesse ler seu rosto.

— Ligue para o setor de registros da cadeia do Palácio de Justiça e consiga o tipo sanguíneo dos quatro homens. Se conseguir algo diferente de O positivo, esqueça. Dos que tiverem O positivo, ligue para a condicional do condado em busca dos últimos endereços conhecidos, das fichas e dos relatórios de condicional. Entendeu?

— Entendi.

Danny se virou e olhou para a sua Veronica Lake de terceira, com o cílio esquerdo grudado na pálpebra esquerda repuxada.

— Você é uma boneca. No Lyman's, quando eu resolver esse serviço.

A seção local do Sindicato dos Músicos ficava na Vine Street, logo ao norte da Melrose, um galpão pré-fabricado entre uma loja de *doughnuts* e uma de bebida alcoólica. Umas figuras com pinta de músicos demoravam-se perto da porta da frente, consumindo *doughnuts*, café, garrafinhas de cerveja e moscatel.

Danny estacionou e entrou, enquanto um grupo de bebedores de vinho se espalhava para deixá-lo passar. O interior do galpão era desagradável: cadeiras dobráveis alinhadas em filas desiguais, guimbas de cigarro pintalgando um chão de linóleo riscado, fotos da *Downbeat* e da *Metronome* presas com fita adesiva às paredes — metade brancos, metade negros, como se o gerente estivesse tentando estabelecer a paridade entre os jazzistas. A parede esquerda tinha um balcão embutido, arquivos atrás, e uma mulher branca e abatida montando guarda. Danny foi até lá, mostrando o distintivo e a tira de fotos de Martin Goines.

A mulher ignorou o distintivo e franziu os olhos para as fotos.

— Esse cara toca trombone?

— Isso mesmo. Martin Mitchell Goines. Vocês o mandaram para o Bido Lito's por volta do Natal.

A mulher franziu mais ainda os olhos.

— Ele tem lábios de trombone. O que ele fez para você?

Danny mentiu discretamente.

— Violação de condicional.

A bruxa bateu nas fotos com uma unha vermelha e comprida.

— A mesma velha história. O que posso fazer por você?

Danny apontou para os arquivos.

— O registro de empregos dele, do maior tempo possível.

A mulher deu meia-volta, abriu e fechou gavetas, folheou pastas, puxou uma e fez um rápido escrutínio na primeira página. Deixando-a sobre o balcão, falou:

— Músico de terceira. De alguma cidadezinha de otários.

Danny abriu a pasta e leu, captando imediatamente dois hiatos: de 38 a 40 — Goines preso pelo condado por posse de maconha: de 44 a 48 — o tempo que passou em Quentin pelo mesmo crime. Desde 48 as anotações vinham sendo esporádicas: trabalhos ocasionais de duas semanas em bares de Gardena e sua temporada fatal no Bido Lito's. Antes da primeira sentença de Goines ele só trabalhava *muito* ocasionalmente — temporadas em restaurantes para motoristas em Hollywood em 36 e 37. Foi no início dos anos 40 que Martin Goines trabalhou mais.

Sob o rótulo autoproclamado “Maluco Marty Goines e sua Cornucópia da Fartura” ele fez uma breve temporada com Stan Kenton; em 1941 fez uma turnê com Wild Willie Monroe. Havia uma pilha de páginas detalhando trabalhos com a banda em 42, 43 e início de 44 — apresentações de apenas uma noite com grupos de seis e oito homens tocando em espeluncas no vale de San Fernando. Apenas os líderes das bandas e/ou gerentes das boates que os contratavam eram listados nas fichas de emprego — não havia qualquer menção a outros músicos.

Danny fechou a pasta; a mulher disse:

— Bulhufas, não é?

— Isso mesmo. Olha, você acha que algum desses caras por aí pode ter conhecido, quero dizer, conhece, Martin Goines?

— Posso perguntar.

— Faça isso. Você se incomodaria?

A mulher revirou os olhos para o céu, fez um sinal de dólar no ar e apontou para o sulco entre os seios. Danny sentiu as mãos agarrando a beira do balcão e o cheiro da bebida de ontem à noite exsudando através da pele. Já ia pegar pesado quando se lembrou de que estava em território metropolitano e da lista de ordens de seu comandante. Enfiou a mão nos bolsos para pegar dinheiro, saiu com uma nota de cinco e bateu com ela sobre o balcão.

— Faça isso agora.

A bruxa pegou a nota e desapareceu atrás dos arquivos. Danny viu-a na calçada alguns segundos depois, falando com a turma da garrafa, depois indo para a turma das rosquinhas com café. Parou com um negro alto que segurava uma caixa de contrabaixo, agarrou seu braço e o levou para dentro. Danny sentiu cheiro de suor rançoso, fumo e antisséptico bucal no sujeito, como se o sobretudo que ia até o joelho fosse seu endereço permanente.

— Este é Chester Brown. Ele conhece Martin Goines.

Danny apontou a fila de cadeiras mais próxima para Brown. A senhorita enturmada voltou para seu balcão e o contrabaixista foi arrastando os pés, deixou-se cair na cadeira e pegou um frasco de Listerine.

— Café da manhã dos campeões — disse ele, em seguida gargarejou e engoliu; Danny sentou-se a duas cadeiras de distância, suficientemente perto para ouvir, suficientemente longe para evitar o fedor.

— Conhece Martin Goines, Chester?

Brown arrotou e disse:

— Por que eu deveria lhe contar?

Danny entregou-lhe um dólar.

— Almoço dos campeões.

— Eu como três vezes por dia, detetive. Dedurar me dá fome.

Danny pescou outro dólar; Chester Brown embolsou-o, tomou o resto do Listerine e deu tapinhas no frasco.

— Ajuda a memória. E como não vejo Martin desde a guerra, você vai precisar dessa memória.

Danny pegou sua caneta e o bloco.

— Manda ver.

O baixista respirou fundo.

— Eu andei tocando com Martin, na época em que ele se chamava de Cornucópia da Fartura. Restaurantes no vale, quando o Ventura Boulevard era uma porra de plantações de feijão. Metade dos caras fumava bagulho, metade se aplicava. Martin era viciado que nem um cachorro.

Até agora sua história de sete dólares estava sendo verdadeira — com base na pasta de Goines no sindicato e no que ele sabia sobre seu registro criminal.

— Vá em frente, Chester.

— Bom, Martin vendia baseados; não era muito bom nisso, já ouvi dizer que cumpriu pena, e que ele era uma porra de um ladrão. Todos os músicos sem emprego e que eram viciados estavam nessa. Eles pegavam bolsas nos

bancos e nas mesas dos bares, viam o endereço das pessoas e roubavam as chaves enquanto o barman mantinha as pessoas bebendo. Numa sessão você não tinha baterista, na outra não tinha trompete, e assim por diante, porque eles estavam aproveitando para roubar os clientes. Martin fez muito isso, trabalho solo, roubava um carro durante a folga, fazia um assalto a uma casa, e depois voltava para a próxima sessão. Como eu lhe disse, ele era a porra de um ladrão.

Material novo — até mesmo para um policial ex-ladrão de carros que achava conhecer a maioria das opções.

— De que ano você está falando, Chester? Pense bem.

Brown consultou seu Listerine.

— Eu diria que isso foi do verão de 36 até talvez meados de 44.

Goines pegou sua segunda condenação por venda de maconha em abril de 44.

— Ele trabalhava sozinho?

— Você quer dizer nos roubos de casas?

— Isso. E ele tinha parceiros em geral?

— A não ser por um garoto, o Cornucópia da Fartura era um tremendo solitário. Mas tinha um acompanhante, um garoto branco e louro, alto e tímido, que adorava jazz mas não conseguia aprender nenhum instrumento. Ele tinha passado por um incêndio e o rosto estava todo coberto de bandagens como se fosse a porra de uma múmia. Era só uma porra de um garoto, uns dezenove, vinte anos. Ele e Martin fizeram juntos uma porrada de roubos a casas.

A pele de Danny estava pinicando — mesmo que um garoto não pudesse ser o assassino — um garoto em 43 ou 44 não estaria grisalho e de meia-idade em 1950.

— O que aconteceu com o colega dele, Chester?

— Não sei, mas sem dúvida você está fazendo um monte de perguntas para uma violação de condicional, e não me perguntou onde eu acho que Martin pode estar.

— Eu ia chegando lá. Tem alguma ideia?

Brown balançou a cabeça.

— Martin sempre ficava na dele. Nunca se encontrava com a rapaziada fora da boate.

Danny engoliu em seco.

— Goines é homossexual?

— O que você disse?

— Bicha, fruta, veado! Ele gostava de garotos, caralho?

Brown matou a garrafa de Listerine e enxugou os lábios.

— Não precisa gritar, e isso é uma coisa feia para dizer de um cara que nunca lhe fez mal.

— Então responda à pergunta.

O baixista abriu a caixa de seu instrumento. Não havia contrabaixo lá dentro, só frascos de antisséptico bucal Listerine. Chester Brown tirou a tampa de um e tomou um gole comprido e lento.

— Esse é pelo Martin, porque eu não sou o idiota que você acha que eu sou, e sei que ele está morto. E ele não era veado. Ele podia não ser grande coisa, mas com toda a certeza não era a porra de uma fruta.

Danny pegou as velhas novidades de Chester Brown e foi com elas até um telefone público. Primeiro ligou para os departamentos de Pesquisa e Informações da cidade e do condado, ficou sabendo que Martin Mitchell Goines não fora detido sob suspeita de roubos de residências e que nenhum jovem louro estava listado como cúmplice em suas duas prisões por tráfico de maconha; nenhum jovem louro com marcas distintas de queimadura foi preso por roubo a residências ou violações de narcóticos em qualquer parte do vale de San Fernando entre 1942 e 1945. O telefonema foi uma expedição de pesca que não deu em coisa alguma.

Uma ligação para a delegacia de West Hollywood rendeu-lhe uma conversa emburrada com Karen Hiltcher, que disse que as quatro possibilidades remotas dos dossiês de crimes sexuais tinham se mostrado apenas isso — um exame dos registros penitenciários revelava que nenhum dos homens tinha sangue O positivo. Os administradores de San Quentin e do Hospital Estadual Lexington haviam ligado; disseram que Martin Goines era um solitário institucional, e seu conselheiro no Lex declarou que ele fora designado a um funcionário federal em LA — mas ainda não havia entrado em contato com ele, e não disse coisa alguma sobre onde ele ficaria quando fosse para Los Angeles. Mesmo que a pista provavelmente fosse um grande nada, Danny pediu a Karen para verificar o arquivo de roubos a residências da delegacia em busca de homens que fossem músicos de jazz e de qualquer menção a um assaltante de rosto queimado — um aficionado de jazz. Irritada,

a garota concordou; Danny desligou pensando que deveria elevar o temido jantar do Mike Lyman's para o Coconut Grove, para deixá-la feliz.

Logo depois da uma da tarde não havia coisa alguma que ele pudesse fazer, a não ser bater calçadas familiares de novo. Danny foi até o bairro negro e expandiu sua área de investigação, falando de Goines e do homem grisalho a moradores das ruas laterais próximas à Central Avenue, conseguindo quatro horas sólidas de nada; ao escurecer voltou para West Hollywood, estacionou na esquina da Sunset com Doheny e caminhou pela Strip, de oeste para leste, leste para oeste, ruas residenciais para o norte em direção às colinas, para o sul até o Santa Monica Boulevard, o tempo todo pensando por que o assassino escolheu a Allegro Street como área de desova para o corpo. Imaginou se o assassino não morava ali perto, e violara o cadáver de Goines durante muito mais tempo e escolhera a Allegro para poder zombar da polícia e dos esforços de prendê-lo — o carro abandonado seria um disfarce pessoal para convencê-los de que ele morava em outro lugar. Essa teoria levava a outras — pensamento subjetivo — um ponto fundamental de Hans Maslick. Danny pensou no assassino com seu carro de verdade estacionado ali perto para uma fuga rápida; o assassino caminhando pela Strip na manhã de Ano-Novo, abrigado por multidões comemorando, desgastado com suas medonhas explosões. E foi então que o negócio ficou assustador.

Num ensaio famoso, Maslick descrevia uma técnica que desenvolvera durante o processo de análise com Sigmund Freud. Era chamado de câmera humana, e implicava a projeção de detalhes segundo o ponto de vista do criminoso. Eram empregados ângulos e truques de câmera; os olhos do investigador tornavam-se uma lente capaz de fazer zoom para a frente e para trás, de congelar em closes, escolher motivos de fundo para interpretar evidências de cena do crime a uma luz estética. Danny estava atravessando a Sunset com a Horn quando lhe veio a ideia — transpor as 3:45 da madrugada de Ano-Novo para agora, ele próprio como um assassino sexual, andando para casa, para o seu carro ou para um mercado 24 horas com o objetivo de se acalmar de novo. Mas não via as outras pessoas andando pela Strip ou na fila do Mocambo ou sentadas junto ao balcão do Jack's Drive Inn. Foi direto para os olhos, as entranhas e a virilha de Martin Goines, um ultra-close em Technicolor, sua preparação pré-autópsia ampliada dez milhões de vezes. Um carro deu uma guinada na sua frente. Sentiu comichões, viu um caleidoscópio onde estavam o saxofonista Coleman, o sujeito parecido com ele no filme

com Karen, Tim. Quando apontou sua câmera humana para os passantes que ele deveria estar vendo, eram todos gárgulas, todos errados.

Demorou longos instantes para se acalmar, para acertar as coisas. Não comia desde ontem; tinha adiado sua ração de *bourbon* para andar pela Strip de cuca limpa. Atacar boates e restaurantes no final da noite com perguntas sobre o Ano-Novo de um homem alto e grisalho seria um trabalho de polícia capaz de mantê-lo gelado.

Fez isso.

E conseguiu mais nada.

Durante duas horas.

Os mesmos relatos no Cyrano's, no Dave's Blue Room, no Ciro's, no Mocambo, La Rue, Coffe Bob's, Sherry's, Bruno's Hideaway e Movieland Diner: cada um desses lugares estava apinhado até o amanhecer do Ano-Novo. Ninguém se lembrava de um homem solitário, alto e grisalho.

À meia-noite, Danny pegou o carro de novo e foi para o Moonglow Lounge tomar suas quatro doses. Janice Modine, sua informante predileta, estava vendendo cigarros para uma pequena freguesia de meio de semana: pombinhos esfregando-se em reservados; dançarinos se esfregando em lentas baladas de vitrolas automáticas. Danny ocupou um reservado que não dava para o palco; Janice apareceu um minuto depois, segurando uma bandeja com quatro copos já preparados e mais água gelada.

Danny tomou a bebida — bam, bam, bam, bam, olhos longe de Janice para que ela percebesse a dica e o deixasse sozinho —, nada de agradecer pelas prisões por prostituição das quais ele a salvara, nada de informações sobre Mickey C. — inúteis porque o criminoso mais auspicioso de West Hollywood estava molhando a mão da maioria dos figurões de West Hollywood. A tentativa não deu certo; a garota espremeu-se diante dele, uma das tiras da blusa escorregando do ombro, depois a outra. Danny esperou pelo primeiro jorro de quentura, recebeu, e viu todas as cores no salão mudarem de ligeiramente erradas para certas.

— Sente-se e diga o que quer antes que seu vestido caia.

Janice curvou-se ajeitando as tiras e sentou-se do outro lado da mesa.

— É sobre o John, Sr. Upshaw. Ele foi preso de novo.

John Lembeck era o amante/cafetão de Janice, um ladrão de carros especializado em encomendas específicas: chassis roubados para o veículo básico, peças roubadas com especificações exatas. Ele era de San Berdoo como Danny, sabia pelos boatos que um policial à paisana do condado, em

ascensão, costumava roubar carros em Kern e Visalia e manteve a boca fechada sobre isso quando foi preso sob suspeita de roubo de automóvel.

— Peças ou um carro inteiro?

Janice puxou do decote um lenço de papel e ficou amassando-o.

— O estofamento.

— Condado ou cidade?

— Eu... acho que foi no condado. Delegacia de San Dimas?

Danny se encolheu. San Dimas tinha o esquadrão de detetives mais violento do departamento; em 46 o chefe da ronda diurna, doido de cheirar terebintina, espancou um colhedor de frutas até a morte.

— Isso fica no condado. De quanto é a fiança dele?

— Não tem fiança, por causa do último roubo de John. Olha, é uma violação de condicional, Sr. Upshaw. John está apavorado porque disse que os policiais de lá são maus de verdade, e eles fizeram com que ele assinasse uma confissão de um monte de carros que ele não roubou de verdade. John falou que eu deveria lhe dizer que um cara de San Berdoo, que adora carros, deveria defender um outro cara de San Berdoo que adora carros. Ele não disse o que isso significava, mas disse que eu deveria lhe contar.

Mexer os pauzinhos para salvar sua carreira da primeira hipótese de estrago: ligar para os gorilas de San Dimas, dizer que John Lembeck era seu informante de confiança e que uma gangue de crioulos ladrões de carro tinha prometido acabar com ele dentro da cadeia, seria assassinato se aquela merda chegasse algum dia a uma prisão do condado. Se Lembeck estivesse dócil na delegacia, eles deveriam soltá-lo só com umas pancadas.

— Diga ao John que vou resolver isso de manhã.

Janice havia rasgado seu lenço de papel em tiras finas.

— Obrigado, Sr. Upshaw. John também disse que eu deveria ser boazinha com o senhor.

Danny levantou-se, sentindo-se quente e relaxado, imaginando se deveria arrochar Lembeck por ter bancado o espertinho com ele.

— Você é sempre boazinha comigo, meu doce. É por isso que tomo minha dose da noite aqui.

Janice bancou a *vamp* com ele, com seus grandes olhos azul-bebê.

— Ele disse que eu deveria ser *realmente* boazinha com o senhor.

— Eu não quero.

— Quero dizer, ser realmente *extra* boazinha.

— Isso é errado — disse Danny e colocou sua gorjeta usual de um dólar sobre a mesa.

CAPÍTULO VIII

Mal estava em sua sala, na 12ª leitura integral dos arquivos psiquiátricos do Dr. Saul Lesnick.

Era pouco mais de uma da madrugada; o escritório da Promotoria era uma fileira de cubículos escuros, iluminados apenas pela luz na parede de Mal. As pastas estavam espalhadas sobre sua mesa, intercaladas com folhas de anotações sujas de café. Logo Celeste estaria dormindo — ele poderia ir para casa e dormir na sala de estar sem que ela o incomodasse com propostas sexuais porque àquela hora da madrugada ele era seu único amigo, e dar a ele sua boca significava que os dois poderiam falar até que um provocasse a briga. Ofertas que ele aceitaria esta noite: a sujeira nos dossiês o havia deixado enervado como nos dias da Delegacia de Costumes, quando punha vigilância nas garotas antes de invadir um puteiro — quanto mais você soubesse a respeito de quem elas eram, melhor a chance de conseguir que dedurassem os cafetões e os homens do dinheiro. E depois de 48 horas remexendo papéis, ele sentia-se com a mão nos vermelhos da AUFC.

Iludidos.

Traíçoeiros.

Perversos.

Gritando clichês e palavras de ordem, pseudoidealistas sentindo-se na moda. Gafanhotos atacando causas sociais com a informação errada e soluções de mentira, sua única defesa legítima — o caso de Sleepy Lagoon — quase estragada pela culpa por associação: companheiros simpatizantes solicitando a membros do Partido que fizessem piquete e distribuíssem panfletos; quase desacreditando tudo que o Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon tinha dito e feito. Escritores, atores e parasitas de Hollywood esguichando drama barato, chavões e culpa comunista por terem ganhado muito dinheiro durante a Depressão e depois passando a grana para espúrias causas esquerdistas. Pessoas levadas ao divã de Lesnick pela promiscuidade e pela política de merda.

Iludidos.

Estúpidos.

Egoístas.

Mal tomou um gole de café e fez uma revisão mental dos arquivos, uma última paráfrase antes de escolher os indivíduos que ele e Dudley Smith interrogariam e os que seriam separados para fazer parte de seu grupo operacional ainda não montado: a possibilidade projetada de Loew, já sua ferramenta predileta. O que conseguiu foi um monte de gente com dinheiro demais e pouco cérebro dando cambalhota no final da década de 30 e na de 40 — traindo-se, traindo os amantes, o país e seus próprios ideais, dois acontecimentos atraindo sua loucura, fazendo com que girassem para fora das órbitas de festas, reuniões e camas:

O caso Sleepy Lagoon.

A investigação da Comissão de Atividades Antiamericanas de 1947 sobre a influência comunista na indústria de entretenimento.

E o engraçado era que os dois eventos tinham dado aos comunistas alguma credibilidade, alguma justificativa.

Em agosto de 1942, um rapaz mexicano chamado José Diaz foi espancado até a morte e atropelado com um carro perto do Sleepy Lagoon — um local com uma colina gramada, onde se encontravam membros de gangues, na área do centro de LA chamada Williams Ranch. Supostamente, o incidente fora provocado porque Diaz tinha sido expulso de uma festa ali perto mais cedo naquela noite; supostamente, ele insultara vários membros de uma gangue rival, e dezessete deles levaram-no até a lagoa e o mataram. As evidências eram poucas; a investigação do DPLA e o julgamento foram feitos numa atmosfera de histeria: os tumultos dos *zoot suits* em 42 e 46 tinham produzido uma enorme onda de sentimento antimexicano por toda a Los Angeles. Todos os dezessete rapazes receberam sentenças de prisão perpétua, e o Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon — membros da AUFC, do Partido Comunista, esquerdistas e cidadãos honestos — fez passeatas, circulou petições e levantou verbas para empregar uma equipe de advogados — que em última instância conseguiu absolver todos os dezessete. Hipocrisia dentro do idealismo: os pacientes masculinos de Lesnick, com o coração sangrando pelos pobres mexicanos, reclamavam com ele de mulheres brancas do Partido Comunista que trepavam com chicanos do “proletariado” — e instantes depois investiam como fanáticas hidrófobas.

Mal fez uma anotação mental para falar com Ellis Loew sobre Sleepy Lagoon: Eddie Satterlee queria requisitar aos federais fotos das passeatas do Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon — mas como os garotos foram inocentados, isso poderia ser um tiro pela culatra. O mesmo com relação às informações que o psiquiatra obtivera sobre a Comissão de Atividades Antiamericanas de 47. Era melhor que ele e Dudley mantivessem a coisa em nível confidencial, que não prejudicassem o sigilo profissional de Lesnick e usassem a informação apenas por implicação: para espremer os pontos fracos do pessoal da AUFC. Pegar pesado com o material da Comissão de Atividades Antiamericanas poderia prejudicar o júri de instrução que estavam montando: J. Parnell Thomas, o presidente da Comissão, atualmente estava cumprindo pena por acusações de suborno; grandes astros de Hollywood haviam protestado contra os métodos da Comissão, e os dossiês de Lesnick estavam cheios de traumas resultantes da primavera de 47 — suicídios, tentativa de suicídio, frenéticas traições de amizade, bebida e sexo para matar a dor. Se a equipe do júri de instrução de LA em 50 tentasse usar o material da Comissão de 47 — o primeiro precedente deles — poderia provocar simpatia pelos membros da AUFC e gerar testemunhas hostis. Era melhor não pegar antigos testemunhos da Comissão de Atividades Antiamericanas em busca de provas de conspiração; era imperativo que os esquerdistas não tivessem a chance de passar para a imprensa as táticas do júri de instrução.

Mal percebeu sua visão geral começando a se solidificar: boas evidências, boas ideias sobre o que usar, o que esconder. Matou o café e partiu para os indivíduos — a meia dúzia retirada dos 22 mais maduros para interrogatório e operação.

O primeiro era um talvez. Morton Ziffkin: membro da AUFC, membro do Partido Comunista, membro de onze outras organizações classificadas como fronts comunistas. Homem de família — esposa e duas filhas crescidas. Roteirista muito bem pago — cem mil por ano até que mandou a Comissão de Atividades Antiamericanas se foder — agora trabalhava por trocados remendando roteiros. Fez análise com o Dr. Lesnick a partir de um desejo declarado de “explorar o pensamento freudiano” e mitigar o impulso de trair a esposa com uma cacetada de mulheres do PC “que queriam a minha grana — e não o meu corpo”. Um ideólogo marxista hidrófobo, mal-humorado — um bom homem para colocar no banco de testemunhas — mas provavelmente jamais deduraria seus colegas vermelhos. Aparentava ser bastante inteligente para fazer Ellis Loew parecer um idiota, e sua passagem

diante da Comissão de Atividades Antiamericanas lhe deu um ar de martírio. Um talvez.

Mondo Lopez, Juan Duarte e Sammy Benavides. Ex-figurões do Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon, recrutados dos Sinarquistas — uma gangue de *zoot suits* que gostava de portar insígnias nazistas — por chefões do PC. Agora que eram importantes figuras étnicas na hierarquia da AUFC, os três passaram a década de 40 transando com mulheres de esquerda brancas e condescendentes — furiosos com os ares a que elas se davam, mas agradecidos pela ação; mais enfurecidos porque o puto do líder de sua célula lhes disse para “explorar” essa fúria consultando-se com o psiquiatra. Benavides, Duarte e Lopez trabalhavam atualmente na Variety International Pictures, metade do tempo como contrarregras, metade do tempo fazendo papel de índios em faroestes baratos. Também serviam como chefes de piquete na Gower Gulch — a coisa mais próxima que a AUFC tinha de capangas — dignos de pena quando comparados com os de Mickey Cohen, que o Sindicato dos Caminhoneiros estava empregando. Mal identificou-os como mulherengos que tinham caído na boa vida, e que o serviço de Sleepy Lagoon foi sua única preocupação política real. Os três provavelmente tinham fichas criminais e conexões de seus dias de *zoot suits*, uma boa abordagem para o solucionador de problemas da equipe — se Ellis Loew conseguisse arranjar um.

Agora a chefia da AUFC ficava feia.

Reynolds Loftis, ator de cinema, dedurado para a Comissão de Atividades Antiamericanas por seu ex-amante homossexual Chaz Minear, um roteirista de terceira em Hollywood. Loftis não suspeitava de que Minear o havia entregado, e de jeito nenhum devolvera a delação. Ambos ainda pertenciam à AUFC, ainda eram amigáveis nas reuniões e em outras funções políticas às quais compareciam. Minear, louco de culpa por causa da delação, dissera ao Dr. Lesnick: “Se o senhor soubesse por quem ele me deixou, entenderia por que fiz isso.” Mal examinara os dossiês de Loftis e Minear em busca de mais menções ao “ele” e voltou vazio; havia um enorme hiato nas transcrições de Lesnick sobre Loftis — dos anos 42 a 44 — e as páginas sobre Minear não tinham qualquer outra menção à terceira ponta do triângulo. Mal lembrava-se de Loftis dos filmes de faroeste aos quais tinha levado Stefan: um homem alto, esguio, de cabelos prateados, bonito como um senador americano idealizado. E comunista, subversivo, testemunha hostil na Comissão de Atividades Antiamericanas, que descrevia a si próprio como um gilete. Uma

potencial testemunha amigável por excelência — perto de Chaz Minear, o vermelho com mais esqueletos no armário.

E finalmente a rainha vermelha.

Claire De Haven não tinha um dossiê, e vários homens haviam-na descrito como inteligente, forte e boa demais para precisar de um psiquiatra. Além disso, trepava com metade de sua célula do PC e com todos os figurões do Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon, inclusive Benavides, Lopez e Duarte, que a cultuavam. Chaz Minear era seu escravo, apesar do homossexualismo; Reynolds Loftis falava dela como “a única mulher a quem realmente amei”. Mal captou a inteligência de segunda mão dela: Claire movia-se por trás dos panos, tendia a não gritar slogans e mantinha as ligações políticas e jurídicas de seu falecido pai — um sólido conselheiro de direita para os empresários de LA. Minear deu a entender ao Dr. Lesnick que as ligações políticas do velho impediram que ela fosse intimada pela Comissão de Atividades Antiamericanas em 47 — e nenhuma outra testemunha mencionou seu nome. Claire De Haven trepava como um coelho, mas não era considerada uma vagabunda; inspirava a lealdade de roteiristas homossexuais, atores giletes, contrarregras mexicanos e comunistas de todas as cores.

Mal apagou a luz, lembrando-se de escrever um memorando para o Dr. Lesnick: todos os dossiês terminavam no verão de 49 — há cinco meses. Por quê? Andando até o elevador, perguntou-se qual seria a aparência de Claire De Haven, onde ele poderia conseguir uma foto, se poderia fazer com que seu infiltrado se aproveitasse da luxúria dela — política e sexo para fisgar a mulher como testemunha amigável, a rainha vermelha espremida como uma puta de Chinatown, divisas de capitão dançando em seu caminho no final de um filme de sacanagem.

CAPÍTULO IX

Tempo de coletor de grana.

Sua primeira parada foi na Variety International, onde Herman Gerstein lhe fez uma palestra de cinco minutos sobre os males do comunismo e entregou um envelope gordo cheio de notas de cem; a segunda parada foi uma passagem curta pelos piquetes dos Caminhoneiros e da AUFC até a Hollywood Prestige National Pictures, onde Wally Voldrich, o chefe de segurança, soltou-lhe uma caixa de *doughnuts* cheia de notas de cinquenta salpicadas de açúcar e lascas de chocolate. Os dez mil de Howard já estavam em seu bolso; a colaboração de Mickey C. para os Amigos do Modo de Vida Americano no Cinema seria sua última coleta da manhã.

Buzz pegou a Sunset até Santa Monica Canyon, ao bangalô onde Mickey confraternizava com os patetas que o cercavam, recebia mulheres e se escondia da esposa. O dinheiro em seu bolso fazia com que se sentisse atrevido: se Mal Considine estivesse por perto quando entregasse a sacola a Ellis Loew, ele iria provocá-lo para ver o que os quatro anos desde Laura tinham feito com os bagos do sujeito. Se parecesse adequado, diria a Howard que iria se inscrever para lutar contra o comunismo — Leotis Dineen estava pressionando, cobrando as mil e quinhentas, e Leotis não era um crioulo bom para ser sacaneado.

O bangalô de Cohen era uma construção de bambu cercada por folhagens tropicais especialmente cuidadas, uma camuflagem para seus pistoleiros quando Mick e Jack Dragna entravam em escaramuças. Buzz estacionou na entrada de veículos atrás do Packard branco conversível, perguntando-se onde estaria o Cadillac à prova de balas de Mickey, e quem estaria ali para lhe entregar o envelope. Foi até a porta e tocou a campainha; uma voz de mulher com profundo sotaque sulista atravessou uma tela.

— Entre.

Buzz abriu a porta e viu Audrey Anders sentada a uma mesa da sala, batucando as teclas de uma máquina de somar. A falta de maquiagem, as

calças de brim e uma das camisas com monograma de Mickey não prejudicavam nem um pouco sua beleza; na verdade, ela parecia melhor do que na manhã de Ano-Novo, com vestido rosa de festa e saltos altos, chutando os bagos de Tommy Sifakis.

— Olá, Srta. Anders.

Audrey apontou para uma mesinha de centro chinesa laqueada; no meio dela havia um rolo de notas presas por um elástico.

— Mickey mandou dizer a você *mazel tov*, o que eu acho que significa que ele está satisfeito por você estar nesse negócio do júri de instrução.

Buzz sentou-se numa poltrona e levantou os pés, sinal de que pretendia ficar e olhar durante um tempo.

— Mickey não está se aproveitando desse mestrado seu?

Audrey terminou de batucar uma transação, verificou o que a máquina expeliu e escreveu num bloco, tudo muito devagar.

— Você acreditou no que dizia o programa do show no El Rancho?

— Não, só achei que você tinha cérebro.

— O cérebro para trabalhar como contadora numa operação de empréstimo?

— De agiotagem, seria mais adequado, mas eu falei de cérebro em termos gerais.

Audrey apontou para os pés de Buzz.

— Planejando ficar um tempo?

— Não muito. Você realmente tem mestrado?

— Meu Deus, nós ficamos fazendo essas perguntas um para o outro. Não, não tenho mestrado, mas tenho um diploma de contabilidade de uma faculdade de pedagogia de segunda, em Jackson, Mississippi. Satisfeito?

Buzz não sabia se a mulher queria que ele saísse pela porta imediatamente ou se estava gostando da interrupção — totalizar os lucros de agiotagem num belo dia de inverno era para ele a própria chateação. Jogou seu único ás, sua única abertura para ver o que ela pensava a seu respeito.

— Lucy Whitehall está bem?

Audrey acendeu um cigarro e soprou dois perfeitos anéis de fumaça.

— Está. Sol Gelfman a escondeu na casa dele em Palm Springs, e Mickey mandou um amigo dele no Departamento do Xerife emitir uma coisa chamada ordem de restrição. Se Tommy incomodar Lucy, a polícia irá prendê-lo. Ela me disse que está grata pelo que você fez. Não falei que foi por dinheiro.

Buzz ignorou a provocação e sorriu.

— Dê lembranças minhas a Lucy. Diga que ela é tão bonita que eu até poderia ter feito de graça.

Audrey gargalhou.

— Nem no inferno você faria. Meeks, o que há entre você e o Mickey?

— Vou responder essa pergunta com outra. Por que você quer saber?

Audrey soprou mais dois anéis e apagou o cigarro.

— Porque ontem à noite ele falou sobre você durante uma hora direto. Porque disse que não conseguia descobrir se você era o inteligente mais estúpido ou o estúpido mais inteligente que ele já conheceu, e que ele não consegue descobrir por que você torra todo o seu dinheiro com *bookmakers* de cor quando poderia apostar com ele sem pagar comissão. Disse que só os homens estúpidos amam o perigo, mas que você ama o perigo e não é estúpido. Disse que não consegue descobrir se você é corajoso ou maluco. Alguma dessas coisas faz sentido para você?

Buzz viu as palavras escritas em sua lápide, todas espremidas para caber. Respondeu direto, sem se importar a quem Audrey contaria.

— Srta. Anders, assumo os riscos que Mickey tem medo de assumir, por isso faço com que ele se sinta seguro. Ele é um sujeito baixo e eu sou um sujeito baixo, e talvez eu seja apenas um pouquinho melhor com minhas mãos e aquele meu cassetete. Mickey tem mais a perder do que eu, por isso tem mais medo do que eu. E se eu sou maluco, isso significa que ele é inteligente. Sabe o que me surpreende nessa conversa que estamos tendo, Srta. Anders?

A pergunta interrompeu o sorriso que Audrey estava começando a dar — um raio enorme que mostrava dois dentes ligeiramente tortos e uma rachadura de frio no lábio inferior.

— Não, o quê?

— Que Mickey gosta de você o bastante para lhe falar de coisas assim. Sem dúvida, isso me surpreende.

O sorriso de Audrey desapareceu.

— Ele me ama.

— Você quer dizer que ele aprecia os seus favores. Como na época em que eu era policial, e confisquei aquele bom e velho pó branco e vendi para Mickey, não para Jack D. Nós podemos ser tremendamente amigáveis, e Mickey pode ser a causa disso. Só estou surpreso por ele ser tão próximo assim de uma mulher.

Audrey acendeu outro cigarro; Buzz viu que era uma cobertura para maus pensamentos, boa caçoada descendo pela descarga. Falou:

— Desculpe. Eu não queria ser tão pessoal.

Os olhos de Audrey se incendiaram.

— Ah, queria, Meeks. *Sem dúvida* queria.

Buzz levantou-se e andou pela sala, verificando a estranha mobília chinesa, perguntando-se quem a havia escolhido, se a mulher de Mickey ou essa ex-stripper/contadora que o estava deixando agitado, como se uma arma fosse detonar caso ele dissesse a coisa errada. Tentou papo furado:

— Coisa bonita. Odiaria ver Jack D. fazer buracos de bala nisso.

A voz de Audrey estava trêmula.

— Mickey e Jack estão falando em acabar com o conflito. Jack quer fazer um acordo com ele. Talvez drogas, talvez um cassino em Vegas. Meeks, eu amo Mickey e ele me ama.

Buzz ouviu as últimas palavras como *bang, bang, bang*. Pegou o rolo de notas, enfiou no bolso e disse:

— É, ele ama levar você ao Troc e ao Mocambo, porque sabe que todo homem lá dentro vai estar babando por você e com medo dele. Depois, é uma hora na sua casa e de volta para a esposa. É realmente legal vocês dois baterem um papo de vez em quando, mas, pelo que acho, você está recebendo migalhas de um judeu que não tem cérebro para saber o que tem.

O queixo de Audrey caiu; seu cigarro despencou no colo. Ela o pegou e apagou.

— Você é *tão* maluco assim ou *tão* estúpido assim?

Bang, bang, bang, bang — alto que nem canhão.

— Talvez eu apenas confie em você. — Em seguida, foi até lá e beijou Audrey Anders de cheio nos lábios, uma das mãos segurando sua cabeça, aninhando-a. Ela não abriu a boca nem abraçou-o de volta, e não o empurrou. Quando Buzz sacou que era só isso que iria receber, interrompeu o amasso e flutuou até o carro com areia movediça sob os pés.

Foi *bang, bang, bang, bang* na ida até o centro da cidade, ricochetes, antigas idiotices chutadas para ver como elas se comparavam com esta maravilha.

Em 33 ele atacara seis piqueteiros do lado de fora da MGM, levou porradas com bastões de beisebol cheios de pregos, derrubou os caras com

seu cassete e pegou tétano — estúpido, mas a audácia o ajudou a conseguir seu cargo no DPLA.

No início de 42 trabalhou com a Divisão de Controle de Estrangeiros, pegando japoneses e empregando-os nas cavalariações do hipódromo de Santa Anita. Pegou um garoto metido a sabichão chamado Bob Takahashi no momento em que ele estava a caminho de dar sua primeira trepada, sentiu pena dele e levou-o para uma turnê de seis dias em Tijuana — bebida, putas, corridas de cachorro e um adeus lacrimoso na fronteira — o Bob Malvadeza fugindo no sul, um estranho de olhos repuxados numa terra de olhos redondos. Muito estúpido, mas ele cobriu seu rabo ausente arrochando um carro de aparência suspeita perto de San Diego, descobrindo quatro chicanos que transportavam meio quilo de maconha da boa. Os vagabundos tinham um total de nove mandados do município de LA; ele recebeu uma carta de recomendação e quatro marcas de crime resolvido em sua arma. Outra merda transformada em coisa boa.

Mas o pior foi seu irmão Fud. Três dias depois de sair da Penitenciária Estadual do Texas, Fud aparece na porta do então sargento-detetive Turner Meeks, informa-lhe que acabou de assaltar uma loja de bebidas em Hermosa Beach, tendo espancado com o revólver o proprietário, e pretendia pagar as seiscentas pratas que devia a Buzz com os lucros da parada. No momento em que Fud revirava a sacola de papel suja de sangue, houve uma batida na porta. Buzz espiou pelo olho mágico, viu dois uniformes azuis, considerou que sangue era mais grosso do que água e disparou seu próprio revólver na parede da sala de estar quatro vezes. Os uniformizados começaram a derrubar a porta; Buzz empurrou Fud até o porão, trancou-o lá dentro, quebrou a janela que dava na varanda de trás e pisoteou as maravilhosas petúnias de sua senhoria. Quando os patrulheiros conseguiram entrar, Buzz contou-lhes que era do DPLA e que o bandido era um drogado que ele mandara para San Quentin — Davis Haskins — na verdade um sujeito que acabara de tomar uma overdose em Billings, Montana; ele conseguira a informação trabalhando num serviço de extradição. Os uniformizados saíram correndo, chamaram reforço e rodearam a vizinhança até de madrugada; Davis Haskins saiu na primeira página do *Mirror* e do *Daily News*; Buzz cagou tijolos durante uma semana e manteve Fud dócil no porão com uísque, sanduíches e revistas de sacanagem apanhadas na Delegacia de Costumes. E ele se saiu da confusão, a bravata de branco levando-o à frente, ninguém informando às autoridades policiais que um homem morto havia roubado a loja de bebidas

Happy Time, dirigido um LaSalle roubado até a porta da frente do sargento Turner “Buzz” Meeks, depois atirado na parede de sua sala e escapado a pé. Quando Fud foi dessa para melhor, um ano depois em Guadalcanal, seu líder de esquadrão mandou uma carta a Buzz; as últimas palavras do irmãozinho eram algo do tipo: “Agradeça a Turner pelas revistas de mulher pelada e pelos sanduíches.”

Idiota estúpido, maluco, sentimental, lunático.

Mas beijar Audrey Anders era pior.

Buzz parou no estacionamento da Prefeitura, transferiu todo o dinheiro para a sua caixa de *doughnuts* e levou-a até a sala de Ellis Loew. Ao passar pela porta, viu Loew, Dudley Smith e Mal Considine sentados ao redor de uma mesa, todos falando ao mesmo tempo, um papo embaralhado sobre policiais infiltrados. Ninguém ergueu os olhos; Buzz encarou Considine quatro anos depois de lhe ter posto chifres. O sujeito ainda parecia mais um advogado que um policial; seu cabelo louro estava ficando grisalho; havia algo de nervoso e de inferior nele.

Buzz bateu na porta e jogou a caixa na cadeira, fazendo-a se abrir. Os três olharam; ele fixou os olhos em Considine. Ellis Loew assentiu, profissional; Dudley Smith falou:

— Olá, Turner, velho colega — todo adulação; Considine olhou-o de volta, todo curiosidade, como se estivesse examinando um espécime de réptil que jamais vira antes.

Os dois sustentaram o olhar.

— Olá, Mal — disse Buzz.

— Bela gravata, Meeks — disse Mal Considine. — De quem você roubou?

Buzz gargalhou.

— Como vai a ex, tenente? Ela ainda usa calcinhas abertas no meio?

Considine encarou-o, a boca tremendo. Buzz encarou de volta, a boca seca.

Impasse.

Meio a meio, Considine ou Dagna.

Talvez ele se segurasse só um pouco, desse um pouquinho de folga à Ameaça Vermelha antes de se alistar.

CAPÍTULO X

Foram duas noites de pesadelo e um dia de becos sem saída que o fizeram ir ao Malibu Canyon.

Seguindo para o norte pela Pacific Coast Highway, Danny considerou aquele um trabalho de eliminação: falar com os homens da lista de criadores de cães de briga que ele conseguira na Delegacia de Costumes do Xerifado, ser bonzinho com eles e conseguir confirmações educadas ou negações sobre a tese do Dr. Layman, de assassinato com ajuda de animal/isca de sangue. Nos dossiês de homicídio do condado não havia uma fera assim, e tampouco no Setor de Registro e Informações da Prefeitura; se os criadores, homens que saberiam, se é que alguém sabia, rissem da teoria como sendo absurda, talvez esta noite ele pudesse dormir sem a companhia de cães latindo, entranhas e jazz estridente.

Começou assim:

Depois do Moonglow Lounge e da cantada de Janice Modine, ele tivera uma ideia — montar seu próprio dossiê sobre a morte de Goines, anotar cada fiapo de informação, pegar cópias a carbono da autópsia e relatórios das impressões digitais, embromar Dietrich com resumos frouxos e se concentrar em *sua* papelada, *seu* caso — o 187 que ele seguiria mesmo se não apanhasse o sacana antes de o capitão puxar a tomada. Em seguida, foi ao mercado de Hollywood Ranch, pegou uma pilha de caixas de papelão, comprou envelopes de papel pardo, etiquetas de borda colorida, blocos de papel amarelo, papel para datilografia e carbono e voltou com eles para casa — permitindo-se duas doses extras de I.W. Harper como recompensa pela dedicação. A biritá fez com que ele apagasse no sofá — e o negócio ficou cabeludo.

As mutilações de Goines num Technicolor de 360 graus. Etranhas e pênis enormes e machucados, tão de perto que a princípio ele não conseguia dizer o que eram. Cães refocilando-se na gosma, ele ali, a câmera humana filmando até juntar-se à matilha e começar a morder.

Duas noites daquilo.

Com um dia de merda no meio.

Desconsiderou os sonhos na primeira noite como coisa de medo provocada por um caso frustrante e nenhuma comida no corpo. De manhã comeu bacon duplo, ovos, batatas, torradas e pães doces no Wilshire Derby, foi até o Escritório Central do Xerifado no centro da cidade e examinou dossiês de homicídio. Não havia registro de qualquer assassinato com ajuda de animais; as únicas atrocidades homossexuais sequer remotamente semelhantes às de Martin Goines eram casos resolvidos — brigas de amantes em que o criminoso fora capturado, ainda estava cumprindo pena ou fora executado pelo estado da Califórnia.

Em seguida, o trabalho de merda.

Ligou para Karen Hiltcher na delegacia e jogou conversa mole para convencê-la a fazer mais investigações telefônicas com outras seções do Sindicato dos Músicos que pudessem ter arranjado trabalho para Martin Goines, e clubes de jazz na área de LA que poderiam ter contratado seu trombone independentemente. Pediu que ela telefonasse para as outras delegacias do DXLA e solicitasse exames de seus arquivos de assaltos a residências: músicos de jazz/ladrões de residências que pudessem ser conhecidos de Goines. A garota concordou com relutância; ele mandou beijos pelo telefone, prometeu ligar pedindo os resultados mais tarde, e voltou de carro à seção do Sindicato dos Músicos.

A mulher do balcão deixou que ele olhasse de novo para o registro de empregos do Cornucópia da Fartura, e Danny copiou endereços de boates e restaurantes de beira de estrada que remontavam ao primeiro serviço do Maluco Martin em 36. Gastou o resto do dia passando por clubes de jazz que agora eram lavanderias automáticas e lanchonetes; clubes de jazz que tinham trocado de mãos meia dúzia de vezes; clubes de jazz que tinham mantido o mesmo proprietário há anos. E teve a mesma resposta o tempo inteiro: um dar de ombros para a tira de fotos de Goines, as palavras “Martin o quê?”, uma cara inexpressiva diante dos tópicos de jazzistas assaltando residências e a hipótese remota de um garoto ladrão com o rosto coberto de bandagens.

Ao entardecer, ligou para Karen. Nada. Mais “Martin quem?”, os dossiês de roubos a residências rendendo onze nomes — sete negros, dois mexicanos, dois brancos cujo registros penitenciários revelavam sangue AB positivo e O negativo. Pura merda não diluída.

Lembrou-se então da promessa a Janice Modine, ligou para a delegacia de San Dimas e conversou com o chefe do setor de roubos de automóveis. John Lembeck ainda estava sob custódia lá, recebendo um suadouro por causa de uma série de roubos de automóveis. Danny contou ao sujeito sua história sobre ele ser um informante, enfatizando que Lembeck seria carne morta caso chegasse à cadeia do condado. O chefe do setor concordou em prepará-lo para a soltura; ficou claro para Danny que o John das Selvas passaria primeiro por uma tremenda pancadaria — mas não seria tão ruim quanto o que ele faria.

Em seguida era voltar ao apartamento, quatro doses de I.W. e trabalhar no dossiê, etiquetas preenchidas e grudadas nas pastas — “Entrevistas”, “Eliminações”, “Cronologia”, “Provas físicas”, “Passado”. Um pensamento queimava durante toda a escrita de um relatório detalhado: onde Martin Goines estava morando entre a saída do Hospital Estadual Lexington e sua morte? O pensamento levou a um telefonema — para a telefonista da noite do hospital, pedindo uma lista de outros homens liberados para a Califórnia mais ou menos na época de Goines. A resposta, depois de segurar a linha interurbana durante vinte minutos — *nenhum*.

Exaustão, cãibra de escritor e nenhum sono. Quatro doses de bônus e um tempo rolando na cama trouxeram-lhe a inconsciência e os cães de novo, a câmera humana com dentes — seus — mordendo todo um necrotério de defuntos O positivo alinhados em macas. A manhã e outro enorme desjejum convenceram-no a fazer a eliminação; ligou para a Delegacia de Costumes, conseguiu a lista de criadores e foi alertado para ir com calma: as fazendas de criação de cães no Malibu Canyon eram administradas por gorilas caipiras, uns sujeitos barra-pesada. Eles criavam lá seus pit-bulls, o que não era contra a lei; só os colocavam para lutar em South LA, e nenhum dos homens tinha sido condenado por briga de cães desde a guerra.

Danny saiu da Pacific Coast Highway na Canyon Road e subiu para o interior por morros cobertos de mato baixo entrecortados por córregos e vales. Era uma estrada estreita, de duas pistas. Do lado esquerdo havia acampamentos de crianças, estábulos e algumas boates, na direita um bosque com um muro e uma queda longa até uma floresta de arbustos verde-amarronzados. Letreiros apontando para o mato indicavam clareiras, casas e pessoas; Danny viu telhados de propriedades elegantes, campanários em estilo Tudor, chaminés de chalés extravagantes. Gradualmente a qualidade das propriedades declinou — sem vista para o oceano, sem brisa do mar, os

arbustos cada vez mais espessos, nenhuma residência. Quando chegou no topo da encosta de Malibu e começou a descer, soube que as fazendas de cachorros tinham de estar perto — agora a paisagem era pintalgada de barracos e o calor disparava enquanto as folhagens que produziam sombras rareavam.

O policial da Costumes com quem ele falara disse que as três fazendas estavam a cerca de um quilômetro e meio por uma estrada de terra que tinha o letreiro FILHOTES DE PIT — PEÇAS DE AUTOMÓVEL. Danny encontrou o letreiro assim que a estrada de duas pistas se nivelou num trecho comprido e plano, com o vale de San Fernando a distância. Virou para a estradinha e arruinou o chassi de seu Chevy durante oitocentos metros, com barracos de ambos os lados. Então viu — três galpões de blocos de concreto cercados por arame farpado; três pátios de terra cheios de eixos de carro, barras de direção e blocos de cilindro; três cercados com cachorros atarracados e musculosos.

Parou junto da cerca, prendeu o distintivo à frente do paletó e apertou a buzina — uma pequena cortesia para os moradores do galpão. Os cães latiram para o ruído; Danny caminhou até a cerca de arame mais próxima e olhou para eles.

Não eram os cães de seus sonhos — negros e esguios com dentes brancos e luminosos — eram rajados, castanhos e pintalgados, de peito largo, mandíbula grande e cheios de músculos. Não tinham a genitália exagerada de seus cães; os latidos deles não eram anúncios de morte; não eram feios — eram apenas animais criados para uma utilidade maligna. Danny olhou os que estavam presos mais perto, perguntando o que fariam se lhes desse um tapinha na cabeça. Depois disse-lhes que estava satisfeito porque não se pareciam com alguns outros cães que ele conhecia.

— Estuprador, Serra Elétrica e Trem Noturno. Esses cachorros ganharam dezesseis lutas. O recorde do sul da Califórnia para um criador só.

Danny virou-se para encarar a voz. Um homem muito gordo e de macacão estava parado à porta do galpão logo à sua esquerda; usava óculos grossos e provavelmente não enxergava bem. Danny tirou o distintivo e enfiou no bolso, achando que o homem era falador e estava maduro para um engodo de corretor de seguros.

— Posso falar com o senhor por um segundo sobre seus cães?

O homem veio até a cerca, forçando a vista e piscando.

— Booth Conklin. Está procurando um bom pit-bull?

Danny olhou nos olhos de Booth Conklin, um deles estrábico e móvel, o outro nublado e cheio de catarata.

— Dan Upshaw. O senhor poderia me estimular com algumas informações sobre eles.

— Posso fazer melhor do que isso — Conklin foi até o cercado de um cão rajado e abriu a tranca. A fera disparou, bateu na cerca com as patas da frente e começou a lamber o arame.

Danny ajoelhou-se e coçou o focinho do animal, uma língua rósea, pegajosa, deslizando sobre seus dedos.

— Bom garoto, bom camarada — disse ele, afastando as teorias do Dr. Layman como uma probabilidade muito remota.

Booth Conklin voltou caminhando com dificuldade, segurando um pedaço comprido de madeira.

— A primeira lição com os pits é não falar que nem bebê com eles, do contrário eles não respeitam você. O Estuprador aqui adora se esfregar nas pernas dos outros, só quer molhar as suas calças. O meu primo Wallace chamou-o de Estuprador porque ele monta em qualquer coisa com má intenção. Sentado, Estuprador, sentado!

O pit-bull continuou focinhando os dedos de Danny; Booth Conklin deu-lhe uma pancada na bunda com a vara. Estuprador soltou um guincho agudo, afastou-se abaixado e começou a esfregar o traseiro no chão, com as quatro patas para cima sacudindo-se no ar. Danny sentiu os punhos trincando; Conklin enfiou a vara na boca de Estuprador. O cão travou os maxilares; Conklin levantou-o e segurou-o a distância. Danny ficou boquiaberto diante da demonstração de força.

Conklin falou calmamente, como se segurar 35 quilos de cachorro na ponta de um pau fosse tarefa cotidiana.

— Os pits administram punição, por isso têm de ser capazes de suportar. Não vou lhe vender nenhum cachorro se você vai ficar mimando ele.

Estuprador estava pendurado imóvel, grunhidos vibrando na garganta. Cada músculo era perfeitamente delineado; Danny pensou que o animal era uma perfeita beleza maligna.

— Eu moro em apartamento — disse ele —, por isso não posso ter cachorro.

— Você só veio olhar e jogar conversa fora?

Os grunhidos de Estuprador estavam ficando mais profundos e mais prazerosos; seus bagos se contraíram e brotou uma ereção. Danny olhou para

outro lado.

— Perguntas, mais do que qualquer outra coisa.

Conklin franziu os olhos, transformando-os em fendas por trás de óculos que pareciam garrafas de Coca-Cola.

— Você não é policial, é?

— Não, sou investigador de seguros. Estou trabalhando numa declaração de morte e acho que o senhor poderia me ajudar com algumas perguntas.

— Eu sou do tipo que ajuda, não sou, Estuprador? — disse Conklin, subindo e descendo com o pedaço de pau, movimentos de pulso enquanto o cão se sacudia no ar. Estuprador guinchava, gemia e gania; Danny sabia o que estava acontecendo e se fixou nas garrafas de Coca do gordo. Estuprador soltou um uivo/gemido/grunhido final, soltou a vara e caiu no chão. Conklin gargalhou.

— Você não tem senso de humor para os pits, dá para ver. Faça as suas perguntas, garoto. Eu tenho um primo que trabalha com seguros, por isso estou limpo com a criação.

Estuprador foi até a cerca e tentou esfregar o nariz no joelho de Danny; Danny deu um passo atrás.

— É uma acusação de assassinato. Nós sabemos que a vítima foi morta por um homem, mas o legista acha que ele pode ter deixado um cão, um coiole ou um lobo atacá-lo depois da morte. O que o senhor acha da ideia?

Conklin enfiou um palito de dente na boca e começou a passar as palavras ao redor dele.

— Moço, eu conheço muito bem a família canina, e coiotes e lobos estão de fora... a não ser que o assassino tenha capturado e feito com que eles passassem fome e tenha deixado o morto em algum lugar agradável para que eles o pegassem. Que tipo de dano tinha na sua vítima?

Danny observou Estuprador se enrolar na terra e ir dormir, cansado, os músculos frouxos.

— Localizados. Marcas de dentes na barriga, os intestinos mordidos e puxados para fora. Tem de ter acontecido em algum lugar fechado, porque o corpo estava limpo quando a polícia encontrou.

Conklin fez uma careta de desprezo.

— Então exclua os coiotes e lobos... eles ficariam malucos e comeriam a porra toda, e não é possível fazer eles ficarem dentro da casa. Está pensando em pits? Cachorros?

— Pode ser.

— Tem certeza de que as marcas de dentes não são humanas?

— Não, não temos certeza.

Booth Conklin apontou para seus cercados.

— Moço, eu cuido dessas três fazendas para meus primos, e sei conseguir o que eu quero com os cachorros, e se fosse suficientemente maluco para querer que um dos meus filhotes comesse as entranhas de um homem, imagino que poderia pensar num modo de fazer isso. Mas eu lhe digo, tenho um verdadeiro gosto por esportes sangrentos, e não conseguiria imaginar qualquer ser humano fazendo o que você acabou de me contar.

— Se o senhor quisesse fazer, como seria?

Conklin deu um tapinha no traseiro de Estuprador; o cachorro balançou a cauda preguiçosamente.

— Eu deixaria ele passar fome, o prenderia num cercado e deixaria cadelas no cio desfilarem na frente da jaula para deixar ele maluco. Colocaria uma mordaca e amarraria as pernas dele, e poria uma contenção no pau dele para que ele não pudesse se aliviar. Pegaria uma luva de borracha e faria cócegas no pau dele até ele quase chegar lá, depois apertaria os bagos dele para ele não poder gozar. Pegaria um pouco de sangue menstrual de cadela e borrifaria nos olhos e no focinho dele durante mais ou menos uma semana, até que ele passasse a pensar naquilo como comida e amor. Depois, quando eu tivesse o homem morto, esparramaria um monte de sangue de boceta ali mesmo onde eu quisesse que ele mordesse. E sabe de uma coisa, moço? Teria um revólver ao alcance da mão para o caso de o cachorro atormentado decidir *me* comer. Essa resposta satisfaz?

Danny pensou: nada de animais, simplesmente não é *certo*. Mas... mandar o Dr. Layman pegar amostras de órgãos de Goines, as partes de seu corpo perto das mutilações, fazer exames em busca de um segundo tipo sanguíneo não humano. Fez a Booth Conklin uma pergunta que era uma possibilidade remota:

— Que tipo de gente compra cachorros com você?

— Garotos que adoram esporte sangrento, e também não estou falando nessa merda maluca sua.

— Briga de cachorro não é contra a lei?

— Você sabe a mão de quem molhar, e aí não há lei. Tem certeza de que você não é policial?

Danny balançou a cabeça.

— Sou da Seguros Amalgamated. Olha, você se lembra de ter vendido um cachorro para um homem alto e grisalho, de meia-idade, mais ou menos nos últimos seis meses?

Conklin deu um chute de leve em Estuprador; o cachorro sacudiu-se, levantou-se e trotou de volta ao cercado.

— Moço, meus clientes são garotos valentões que dirigem picapes e crioulos que querem ter o cão mais bravo do quarteirão.

— Algum cliente seu é diferente disso? Incomum?

Booth Conklin gargalhou tanto que quase engoliu o palito.

— Na época da guerra, uns caras com pinta de cinema viram meu letreiro, apareceram e disseram que queriam fazer um filmezinho doméstico, dois cachorros mascarados e fantasiados lutando até a morte. Vendi para eles dois cachorros de vinte dólares por cem pratas cada um.

— Eles fizeram o filme?

— Eu não vi o filme anunciado no Grauman's Chinese, então como ia saber? Há um sanatório do lado do *canyon* perto da praia, um lugar para aquelas figuras de Hollywood se livrarem das drogas. Achei que eles estavam fazendo uma visita lá e indo para o vale quando viram meu letreiro.

— Algum dos homens era alto e grisalho?

Conklin deu de ombros.

— Não lembro. Um dos caras tinha um sotaque europeu esquisito, isso eu lembro. Além disso, meus olhos não são os melhores do mundo. Já está acabando com as perguntas, filho?

Noventa e cinco por cento contra a teoria da isca de sangue; talvez um fim para seus pesadelos; informação inútil sobre malucos de Hollywood.

— Obrigado, Sr. Conklin. O senhor ajudou muito.

— O prazer foi meu, filho. Volte uma hora dessas. Estuprador gosta de você.

Danny foi até a delegacia, mandou pedir um hambúrguer, batatas fritas e leite mesmo não estando com fome; comeu metade da refeição e ligou para o Dr. Layman no necrotério municipal.

— Aqui é Norton Layman.

— É Danny Upshaw, doutor.

— Exatamente o homem para quem eu ia ligar. As suas novidades primeiro ou as minhas?

Danny visualizou um relâmpago: Estuprador refocilando-se na barriga de Martin Goines. Jogou os restos do hambúrguer no cesto de lixo e falou:

— As minhas. Tenho certeza de que as marcas de dente são humanas. Acabei de falar com um homem que cria cachorros para briga, e ele disse que a sua teoria da isca com sangue é factível, mas seria necessário muito planejamento, e creio que o assassinato não foi *tão* premeditado assim. Ele disse que a melhor isca seria sangue menstrual de cadela, e eu estava pensando que o senhor poderia examinar os órgãos do cadáver perto dos ferimentos e ver se encontra algum sangue estranho.

Layman suspirou.

— Danny, o município de Los Angeles cremou Martin Mitchell Goines hoje de manhã. Autópsia completa, nenhuma reivindicação do cadáver em quarenta e oito horas, das cinzas às cinzas. Mas tenho boas notícias.

“Merda”, pensou Danny, e disse:

— Manda ver.

— Os cortes nas costas da vítima me interessaram, e aí me lembrei do livro sobre ferimentos de Gordon Kienzle. Você conhece?

— Não.

— Bom, Kienzle é um patologista que começou como médico, trabalhando numa emergência hospitalar. Era fascinado por agressões não fatais e montou um livro de fotos e especificações sobre ferimentos infligidos por pessoas. Consultei o livro, e os cortes nas costas de Martin Mitchell Goines são idênticos a amostras de ferimentos que estão sob o título “Porrete Zoot”, um pedaço de pau de duas por quatro polegadas, com uma gilete ou várias presas na ponta. Bom, o porrete *zoot* data de 42 e 43. Era popular entre as gangues antimexicanas e policiais do Esquadrão Antimotim, que o utilizavam para cortar os ternos estilo *zoot suits*, que alguns latinos estavam usando.

Verificar os dossiês de homicídios da cidade/condado em busca de mortes por porretes zoot.

— É uma boa pista, doutor. Obrigado.

— Não agradeça ainda. Verifiquei os dossiês antes de decidir ligar para você. Não há qualquer registro de homicídios causados por porretes *zoot*. Um amigo meu do Esquadrão Antimotim do DPLA disse que 99% das agressões de brancos contra mexicanos não eram denunciadas, e que os mexicanos nunca usavam esse tipo de porrete uns contra os outros, era considerado uma sujeira, ou qualquer coisa do tipo. Mas é uma pista.

Chumaço de roupão sufocando, mãos ou corda estrangulando, dentes mordendo, e agora um porrete zoot cortando. *Por que as diferentes formas de brutalidade?*

— Vejo o senhor na sala de aula, doutor — disse Danny. Em seguida desligou e voltou ao seu carro só para se movimentar. John das Selvas Lembeck estava encostado no capô, o rosto machucado, um olho roxo e fechado.

— Eles pegaram pesado comigo, Sr. Upshaw — disse ele. — Eu não teria mandado Janice procurar o senhor, mas eles estavam me machucando muito. Eu sou corajoso e digno de confiança, Sr. Upshaw, de modo que, se quiser se vingar, eu entendo.

Danny fechou o punho direito e se preparou para usá-lo — mas um relâmpago de Booth Conklin e seu pit-bull impediu-o.

CAPÍTULO XI

Os charutos eram havanas, e o aroma fez com que Mal desejasse não ter parado de fumar; o papo furado de Herman Gerstein e o acompanhamento de Dudley Smith — sorrisos, movimentos de cabeça, risinhos — fizeram com que ele desejasse estar de volta à academia do DPLA entrevistando recrutas para o papel de jovem esquerdista idealista. Seu dia fazendo isso não produzira qualquer um que fosse levemente adequado, e começar os interrogatórios sem um infiltrado a postos parecia equívoco. Mas Ellis Loew e Dudley, incendiados pela sujeira psiquiátrica de Lesnick, estavam felizes e dispostos — e se preparavam para dar em cima de Mondo Lopez, Sammy Benavides e Juan Duarte, membros da AUFC que faziam o papel de índios no set de *O massacre do tomahawk*. E agora o papo de Gerstein o estava deixando incomodado também.

O chefão da Variety International andava de um lado para o outro atrás de uma mesa, acenando com seu havana; Mal ficava pensando em Buzz Meeks escorregando de volta para sua vida no *pior* momento possível.

— ...e posso lhes dizer isso, cavalheiros: através de resistência passiva e outras merdas comunistas, a AUFC vai forçar os caminhoneiros a chutar umas bundas, o que vai fazer a AUFC parecer boa e nós parecermos maus. Os comunas gostam de se machucar. Eles são capazes de comer qualquer quantidade de merda, rir como se fosse filé mignon e pedir mais, dar a outra face, e depois eles mordem *você* na bunda. Como aqueles *cucarachas* em setembro de 23. Vagabundos usando ternos *zoot suits* que tinham carteira de sindicato, licença para fazer merda e pensar que a merda deles próprios não fedia. Estou certo ou Eleanor Roosevelt é uma fanchona?

Dudley Smith deu uma gargalhada.

— É uma tremenda sapatão. E adora carne preta, também, pelo que ouvi dizer. E todos nós conhecemos o gosto do falecido Franklin por cãesinhos terriers pretos. Sr. Gerstein, o tenente Considine e eu gostaríamos de lhe

agradecer por suas colaborações para o nosso trabalho e por sua hospitalidade nesta manhã.

Mal aproveitou a deixa e levantou-se; Herman Gerstein enfiou a mão num estojo e pegou um punhado de charutos. Dudley ficou de pé; Gerstein veio até eles como se fosse um zagueiro, apertando mãos, enfiando havanas em todos os bolsos disponíveis, mostrando-lhes a porta com fortes tapas nas costas. Quando ela se fechou atrás dele, Dudley falou:

— Não tem papas na língua. Você pode tirar o judeu da sarjeta, mas não consegue tirar a sarjeta do judeu. Está pronto para interrogar, capitão?

Mal olhou para baixo, para o piquete da AUFC, viu as costas de uma mulher de calças compridas e imaginou se ela seria Claire De Haven.

— Certo, *tenente*.

— Ah, Malcolm, como você é bem-humorado!

Os dois pegaram o elevador privativo de Herman Gerstein até o térreo, onde havia duas fileiras de estúdios de filmagens separadas por um corredor central. As construções eram de estuque castanho, altas como silos e corcundas no topo, com painéis em forma de cavaletes encostados junto às portas — o nome do filme, o diretor e a programação de filmagem escritos a *crayon* em plástico branco. Atores passavam de bicicleta a toda — cowboys, índios, jogadores de beisebol, soldados da guerra revolucionária. Carrinhos motorizados transportavam equipamento de filmagem; técnicos reuniam-se em volta de um carrinho de comida onde um centurião romano engolia *doughnuts* e café. Os estúdios fechados estendiam-se por quase quatrocentos metros, com números pretos acima das portas. Mal caminhava à frente de Dudley Smith, revirando na cabeça os dossiês de Benavides/Lopez/Duarte, esperando que um confronto no serviço não fosse demais, rápido demais.

Dudley alcançou-o junto ao estúdio 23. Mal tocou a campainha; uma mulher vestida de garota de *saloon* abriu a porta e estourou para eles uma bola de goma de mascar. Mal mostrou o distintivo e a identificação.

— Estamos trabalhando para o Departamento da Promotoria, e queremos falar com Mondo Lopez, Juan Duarte e Sammy Benavides.

A garota de *saloon* deu um último estalo na goma de mascar e falou com um forte sotaque do Brooklyn:

— Eles estão numa tomada. Eles são os índios jovens e esquentados que querem atacar o forte, mas o chefe velho e selvagem não quer que eles façam isso. Vão terminar daqui a alguns minutos, e vocês podem...

Dudley interrompeu.

— Não exigimos uma sinopse do enredo. Se você falar com eles que é a polícia, eles vão ajustar a programação para nos receber.

A garota engoliu a goma de mascar e entrou na frente deles. Dudley sorriu; Mal pensou: o sujeito é um mago da palavra — não deixe que ele comande o espetáculo.

O estúdio era gigantesco: paredes cheias de fios, luzes e câmeras sobre carrinhos, cavalos de aparência anêmica amarrados a postes de equipamentos e pessoas paradas, sem fazer coisa alguma. Bem no meio havia uma tenda de índio verde-oliva, obviamente feita com material de sobra do Exército, símbolos índios pintados dos lados — laca vermelho-maçã —, como se fosse o carrão envenenado de algum bravo. Havia câmeras e tripés de luzes fixos à tenda, e os quatro atores agachados diante dela — um velho homem branco pseudo-índio e três mexicanos pseudo-índios por volta dos trinta anos.

A garota de *saloon* fez com que eles parassem a poucos metros atrás das câmeras, sussurrando.

— Ali. Aqueles que parecem amantes latinos.

O velho chefe entoou palavras de paz; os três jovens bravos disseram frases sobre os olhos brancos que falavam com língua de serpente, suas vozes puro mexicano:

— Corta! — e a cena transformou-se num borrão de corpos em movimento.

Mal abriu caminho até lá e pegou os três tirando cigarros e isqueiros de suas calças de couro. Fez com que o identificassem como policial; Dudley Smith se aproximou; os bravos se entreolharam, assustados.

Dudley mostrou o distintivo.

— Polícia. Estou falando com Mondo Lopez, Juan Duarte e Samuel Benavides?

O bravo mais alto tirou um elástico do rabo de cavalo e ajeitou o cabelo num penteado de *cucaracha* — a parte de trás em estilo rabo de pato, topete na frente.

— Eu sou Lopez — disse ele.

Mal abriu o seu discurso, pegando pesado.

— Importa-se em apresentar seus amigos, Sr. Lopez? Nós não temos o dia inteiro.

Os outros dois ajeitaram os ombros e se adiantaram. O movimento era metade bravata, metade obediência à autoridade. Mal identificou o baixo e musculoso como Duarte, ex-líder de esquadrão dos sinarquistas, vestindo

zoot suits e braçadeiras com suásticas até que o PC o convocou; seu colega esguiou como Benavides — para o Dr. Lesnick era o próprio senhor lábios apertados, seu dossiê um tédio completo a não ser por uma sessão dedicada a um relato de como aos doze anos Sammy molestou a irmã de nove, encostando uma gilete na garganta dela. Os dois homens fizeram uma dança carrancuda, arrastando os pés; o musculoso disse:

— Eu sou Benavides.

Mal apontou para uma porta lateral, depois tocou no prendedor de gravata — um sinal do DPLA que indicava *deixa eu cuidar disso*.

— Meu nome é Considine, e este é o tenente Smith. Estamos trabalhando para o Departamento da Promotoria, e gostaríamos de fazer algumas perguntas. É apenas rotina, e vocês podem voltar ao trabalho em alguns minutos.

— Nós temos escolha? — perguntou Juan Duarte.

Dudley deu um risinho; Mal pousou uma das mãos em seu braço.

— Sim. Aqui ou na cadeia do Palácio de Justiça.

Lopez inclinou a cabeça em direção à saída; Benavides e Duarte juntaram-se a ele, acenderam cigarros e saíram. Atores e técnicos olhavam a migração de índios e caras-pálidas. Mal esquematizou o interrogatório, ele abrasivo a princípio, depois bancando o bonzinho, Dudley fazendo as perguntas duras, ele bancando o salvador no final — o grande impulso para convencê-los a ser testemunhas amigáveis.

Os três interromperam a marcha do lado de fora da porta, encostando-se à parede, parecendo casuais. Dudley estacionou à esquerda de Mal, cerca de meio passo atrás. Mal deixou os homens fumarem em silêncio, depois disse:

— Nossa, vocês se deram bem.

Três pares de olhos no chão, três índios falsos numa nuvem de fumaça de cigarro. Mal provocou o líder.

— Posso fazer uma pergunta, Sr. Lopez?

Mondo Lopez ergueu os olhos.

— Claro, detetive.

— Sr. Lopez, o senhor deve estar levando para casa quase cem pratas por semana. Verdade?

— Oitenta e um e uns trocados — disse Mondo Lopez. — Por quê?

Mal sorriu.

— Bom, está ganhando quase tanto quanto eu. Eu sou formado na faculdade e sou oficial de polícia com dezesseis anos de experiência. Todos

vocês abandonaram a escola, não é verdade?

Um olhar rápido passou pelos três. Lopez deu um risinho, Benavides deu de ombros e Duarte deu uma longa tragada no cigarro. Mal viu que eles estavam percebendo seu engodo rápido demais e procurou colocar um pouco de açúcar.

— Olhe, vou dizer por que puxei esse assunto. Vocês se saíram muito bem. Você andava com a gangue da First Street e com os sinarquistas. Cumpriu um tempo no reformatório e se manteve limpo. É impressionante, e não estamos aqui para arrochar vocês por qualquer coisa que tenham feito.

Juan Duarte apagou seu cigarro.

— Quer dizer que isso tem a ver com nossos amigos?

Mal revirou mentalmente os dossiês em busca de munição, pegando o fato de que todos os três tinham tentado entrar para o serviço militar depois do que aconteceu em Pearl Harbor.

— Nós verificamos os registros de vocês no serviço seletivo. Você largou os sinarquistas e a gangue, tentou lutar contra os japoneses, estava do lado certo no caso Sleepy Lagoon. Quando esteve errado, admitiu isso. Segundo meu manual, este é um sinal de um bom homem.

— Um dedo-duro é um bom homem no seu manual, Sr. Po... — disse Sammy Benavides.

Duarte silenciou-o com uma cotovelada.

— Quem vocês estão tentando nos dizer que está errado agora? Quem vocês *querem* que esteja errado?

Finalmente uma boa abertura.

— Que tal um Partido, cavalheiros? Que tal o tio Joe Stalin entrando debaixo dos lençóis com Hitler? Que tal os campos de trabalho escravo na Sibéria e todas as coisas que o Partido aprontou na América enquanto apoiava as coisas que aconteciam na Rússia? Cavalheiros, sou policial há dezesseis anos e nunca pedi a um homem para dedurar seus amigos. Mas sou capaz de pedir a *qualquer* homem que dedure seus *inimigos*, especialmente se por acaso também forem os meus.

Mal prendeu o fôlego, pensando na cadeira de Sumários 115 na faculdade de Direito de Stanford; Dudley Smith estava tranquilo ao seu lado. Mondo Lopez olhou para o chão, depois para os amigos, as outras estrelas de *O Massacre do tomahawk*. Então todos os três começaram a bater palmas.

Dudley ficou ruborizado; Mal podia ver seu rosto vermelho começando a ficar roxo. Lopez baixou a palma da mão devagar, matando o aplauso.

— Que tal vocês nos dizerem de que se trata tudo isso?

Mal tentou lembrar-se do dossiê e voltou vazio.

— Esta é uma investigação preliminar sobre a influência comunista em Hollywood. E não estamos pedindo que vocês denunciem os seus amigos, só os *nostros* inimigos.

Benavides apontou para o oeste, em direção ao escritório da frente e aos dois grupos fazendo piquete.

— E isso não tem nada a ver com o fato de Gerstein querer o nosso sindicato de fora e o dos caminhoneiros dentro?

— Não, esta é uma investigação preliminar que não tem nada a ver com os problemas atuais pelos quais o seu sindicato está passando. Isto é...

Duarte interrompeu.

— Por que *nós*? Por que eu, Sammy e Mondo?

— Porque vocês são criminosos regenerados e seriam testemunhas tremendamente boas.

— Porque vocês pensavam que teríamos medo da cadeia e seríamos fáceis de sangrar?

— Não, porque vocês já foram *zooters* e comunas, e achamos que talvez tivessem cérebro para saber que tudo isso era merda.

Benavides interveio, com um olhar desconfiado para Dudley.

— Vocês sabem que a Comissão de Atividades Antiamericanas já aprontou essa história de delação, e gente boa se machucou. Agora está acontecendo de novo, e vocês querem que a gente banque o dedo-duro?

Mal pensou em Benavides como um estuprador de criancinhas falando de decência; podia *sentir* Dudley pensando a mesma coisa, ficando maluco com aquilo.

— Olha, eu *conheço* corrupção. O presidente da Comissão de Atividades Antiamericanas está em Danbury, preso por suborno. A comissão em si foi irresponsável. E eu admito que o DPLA ferrou com o negócio de Sleepy Lagoon. Mas vocês não podem dizer...

Mondo Lopez gritou:

— Ferrou? Meu chapa, foi uma porra de um *pogrom* contra o meu povo, feito pelo seu povo! Vocês estão jogando conversa mole com as pessoas erradas, no caso errado, para conseguir a porra erra...

Dudley deu um passo na frente dos três, com o paletó aberto, a .45 automática, o cassetete e o soco-inglês a plena vista. Sua figura lançou os

mexicanos numa grande sombra, e sua fala subiu algumas oitavas, mas não se abalou.

— Seus dezessete compatriotas imundos assassinaram José Diaz a sangue-frio e escaparam da câmara de gás porque uns fracos traidores, pervertidos e iludidos se reuniram para salvá-los. E eu não vou admitir desrespeito por um colega policial na minha presença. Estão entendendo?

Silêncio completo, os homens da AUFC ainda na sombra de Dudley, enquanto trabalhadores do estúdio olhavam a ação do corredor. Mal adiantou-se para falar por si próprio, mais alto do que Dudley porém com metade de seu fôlego. Apavorado. Preparou-se para enviar sinais, e então Mondo Lopez contra-atacou.

— Aqueles dezessete foram fodidos pelo escroto do DPLA e pelo escroto do sistema judiciário municipal. *E isso es la porra de la verdad.*

Dudley deu mais um passo adiante, de modo que tudo que havia entre ele e Lopez era o espaço de um soco no rim. Benavides recuou, abalado; Duarte murmurou que o CDSL recebeu cartas anônimas denunciando um sujeito branco pela morte de José Diaz, mas que ninguém acreditou; Benavides puxou-o para fora do caminho do perigo. Mal agarrou o braço de Dudley; o grandalhão empurrou-o de volta e baixou seu falatório para uma extensão de barítono.

— Você gostou de perverter a justiça com o CDSL, Mondo? Você desfrutou dos favores de Claire De Haven; a capitalista rica e imunda, unha e carne com o Conselho Municipal, um verdadeiro amor para aquele pau pequeno de *cucaracha*?

Benavides e Duarte estavam com as costas na parede, e escorregavam para fora da cena, um centímetro de cada vez. Mal ficou congelado; Lopez olhava arregalado para Dudley; Dudley gargalhou.

— Talvez tenha sido injusto de minha parte, garoto. Todos nós sabemos que Claire espalhava muito seus favores, mas duvido que ela tivesse baixado ao seu nível. Agora, o seu amigo Chaz Minear, do CDSL, é outra história. Ele já andou aproveitando essa beleza de cu mexicano?

Benavides moveu-se na direção de Dudley; Mal saltou fora de sua imobilidade, agarrou-o e empurrou-o contra a parede, vendo giletes encostadas na garganta de uma garotinha. Benavides gritou:

— Aquele puto comprava garotos num serviço de acompanhantes, não fazia com a gente!

Mal apertou com mais força, terno saturado de suor contra roupa de couro encharcada; músculos duros retesando-se contra o corpo de um homem magro com quase quarenta anos. Subitamente, Benavides ficou frouxo; Mal tirou as mãos dele e recebeu um clarão do dossiê: Sammy falando contra veados com o Dr. Lesnick, um ponto fraco que eles poderiam ter aproveitado.

Sammy Benavides escorregou pela parede e ficou olhando o duelo de olhares entre Smith e Lopez. Mal tentou fazer com que suas mãos enviassem sinais, mas não conseguiu. Juan Duarte estava parado junto ao corredor, olhando o negócio a distância. Dudley interrompeu o impasse com um pivô e um papo furado:

— Espero que você tenha aprendido uma lição hoje, capitão. Não dá para bancar o bonzinho com essa escória. Você deveria ter se juntado a mim no Esquadrão Antigangues. Teria aprendido isso em grande estilo.

O primeiro round fora para o espaço.

Mal voltou para casa, pensando nas divisas de capitão arrancadas, amassadas nos pulsos enormes de Dudley Smith. E em parte a culpa tinha sido dele, indo muito fraco quando os mexicanos vieram muito espertos, pensando que poderia chamá-los à razão, embromá-los e atraí-los para armadilhas lógicas. Pensara em mandar um memorando para Ellis Loew — deixar de fora o caso Sleepy Lagoon, é simpático demais — depois jogou fora, dane-se a empatia, ficou irritado com os mexicanos e chateado pelo modo como Dudley se intrometeu no caso. E Dudley o defendera antes que ele próprio o fizesse, o que tornava difícil culpá-lo pela perda do humor; o que significava que talvez as abordagens diretas à AUFC estivessem mortas, e que eles devessem se concentrar apenas na infiltração e em interrogatórios confidenciais. Sua especialidade — o que não diminuía a pontada de Dudley falando do Esquadrão Antigangues, e que aumentava a necessidade de Buzz Meeks entrar para a equipe do júri de instrução.

Tudo isso era débito mas, do lado do crédito, o palavrório de Dudley não entregara informações restritas aos dossiês de Lesnick, deixando esta avenida de manipulação ainda aberta. O problemático era um policial tão esperto quanto o irlandês ter recebido de modo tão pessoal um ataque indireto e depois dando um soco em seu “irmão policial” abaixo da linha de cintura.

Pendejo.

Apavorado.

E Dudley Smith sabe disso.

Ao chegar, Mal aproveitou a casa vazia, tirando as roupas suadas, tomando um banho e vestindo uma camisa esporte e uma calça de brim para depois se acomodar no escritório e escrever um longo memorando a Loew — enfatizando bastante que não haveria mais interrogatório direto de membros da AUFC antes de plantar seu infiltrado — agora isso era uma necessidade. Ele já escrevera uma página quando percebeu que, em parte, aquele tinha de ser um serviço de confeitaria — não havia como descrever precisamente o que acontecera na Variety International sem se retratar como um fraco ou idiota. Por isso enfeitou a coisa e preencheu outra página com alertas sobre a escolha de Loew para um solucionador de problemas — Buzz Meeks — o homem que tinha a possível distinção de ser o policial mais corrupto da história do Departamento de Polícia de Los Angeles — traficante de heroína, artista da chantagem, coletor de dinheiro e agora glorificado cafetão para Howard Hughes. Depois dessa página ele sabia que era fútil; se Meeks quisesse entrar, ele *entrava* — Hughes era o maior colaborador para a caixinha do júri de instrução e era o chefe de Meeks — o que ele dissesse aconteceria. Depois de duas páginas soube *por que* não valia a pena prosseguir na tarefa: Meeks era absolutamente o melhor homem para o serviço. E o melhor homem para o serviço estava com medo dele, assim como ele sentia medo de Dudley Smith. Mesmo não tendo motivo para o medo.

Mal jogou o memorando sobre Meeks no cesto de lixo e começou a pensar no infiltrado. A Academia do DPLA já estava fora — rapazes convencionais demais, sem uma fagulha para a interpretação. A Academia do Departamento do Xerife era improvável — a confusão com o caso Brenda Allen e o fato de o DXLA dar guarida a Mickey Cohen tornavam improvável que emprestassem um recruta jovem e inteligente para o DPLA. A melhor aposta seria um policial da cidade, inteligente, de boa aparência, adaptável e ambicioso, entre vinte e cinco e trinta anos, um homem jovem, maleável, sem ar de policial durão demais.

Onde?

A delegacia de Hollywood estava fora — metade dos homens tinham se implicado no caso Brenda Allen e tiveram as fotos no jornal, estavam apavorados, com raiva e loucos — até mesmo corria um boato de que três homens do Esquadrão de Detetives de Hollywood estavam por trás do tiroteio

de agosto passado no Sherry's — uma fracassada tentativa de assassinar Mickey Cohen e que feriu três e matou um pistoleiro de Cohen. *Fora*.

E a Central estava apinhada de recrutas sem qualificação que tinham chegado ao departamento por causa de suas fichas de guerra; a 77th Street, a Newton e a University tinham valentões enormes contratados para manter os cidadãos negros na linha. Hollenbeck podia ser um bom lugar onde procurar — mas East Los Angeles era área mexicana, Benavides, Lopez e Duarte ainda tinham ligações lá, e isso poderia estragar o disfarce do infiltrado. As várias divisões de detetives eram um possível terreno de busca — se eles pudessem arranjar um homem que não se mostrasse irredimivelmente deturpado.

Mal pegou o caderno de telefones do DPLA e começou a examiná-lo, um olho no relógio de parede que se aproximava das três horas, quando Stefan chegava da escola. Estava para começar a telefonar para conversas preliminares quando ouviu passos no corredor, girou na cadeira, abriu os braços e preparou-se para deixar o filho montar nele.

Era Celeste. Ela olhou para os braços abertos de Mal até que ele os deixou cair.

— Falei para Stefan ficar mais tempo depois da escola, para eu conversar com você — disse ela.

— É?

— Essa sua cara não torna isso fácil.

— Desembuche, que droga.

Celeste agarrou sua bolsinha de contas, uma relíquia predileta de Praga, 1935.

— Vou me divorciar de você. Conheci um homem bom, um homem culto, e que vai dar para Stefan e para mim uma casa melhor.

Mal pensou: calma perfeita, ela sabe o efeito que causa.

— Não vou deixar. Não magoe o meu garoto, caso contrário eu magoo você.

— Você não pode. A mãe o filho pertence.

Mutile-a, deixe-a saber que ele é a lei.

— Ele é rico, Celeste? Se você precisa trepar para sobreviver, deveria trepar com homens ricos. Certo, *Fraülein*? Ou homens poderosos, como Kempflerr.

— Você sempre volta a isso porque é uma coisa tão medonha, e porque o excita tanto.

Gol marcado; Mal sentiu sua esportividade indo para o espaço.

— Eu salvei o seu rabo de garota rica. Matei o homem que fez de você uma puta. Eu lhe dei um lar.

Celeste sorriu, seu modo padrão de partir lábios finos sobre dentes perfeitos.

— Você matou Kempflerr para provar a si mesmo que não era um covarde. Você queria ser um policial de verdade, e estava disposto a se destruir para fazer isso. Apenas sua sorte idiota o salvou. E você não sabe guardar segredos.

Mal levantou-se sobre pernas bêbadas.

— Eu matei alguém que merecia morrer.

Celeste ficou remexendo na bolsa, dedos sobre bordados de contas. Mal viu aquilo como uma representação, a construção para uma frase de desfecho.

— Não tem resposta para isso?

Celeste colocou seu mais profundo sorriso iceberg.

— *Herr* Kempflerr era muito gentil comigo, e eu só aumentei sua sexualidade maligna para excitar você. Ele era um amante gentil, e quando a guerra tinha quase acabado, sabotou os fornos e salvou milhares de vidas. Você tem sorte porque o governador militar gostou de você, Malcolm. Kempflerr ia ajudar os americanos a procurar outros nazistas. E só me casei com você porque me senti muito mal com relação às mentiras que usei para seduzi-lo.

Mal tentou dizer “não”, mas não conseguiu formar a palavra; Celeste alargou o sorriso. Mal viu aquilo como um alvo e correu até ela. Agarrou seu pescoço, segurou-a de encontro ao portal e apontou uma direita dura contra sua boca, dentes se despedaçando através dos lábios, cortando os nós de seus dedos. Bateu, bateu e bateu; teria continuado batendo, mas “Mutti!” e punhos minúsculos batendo em sua perna fizeram-no parar e sair correndo da casa, com medo de um garotinho — seu garotinho.

CAPÍTULO XII

O telefone não parava de tocar. Primeiro foi Leotis Dineen, ligando para dizer que Art Aragon tinha nocauteado Lupe Pimentel no segundo assalto, aumentando sua dívida para dois mil e cem, com o pagamento pelo agenciamento devendo ser feito amanhã. Em seguida foi o agente imobiliário do Condado de Ventura. As boas notícias dele: a oferta mais alta para o terreno seco, sem sombras, cheio de pedras, não irrigável, mal localizado e misantropo era de 4,70 dólares por hectare, quem oferecia era o pastor da Primeira Igreja Pentecostal Divina Eminência, que queria transformá-lo num cemitério para os santificados animais de estimação dos membros de sua congregação. Buzz disse que o mínimo era sete por hectare; dez minutos depois o telefone tocou de novo. Nada de saudação, só:

— Não contei a Mickey porque você não merece sequer ir para a câmara de gás.

Ele sugeriu uma bebida romântica em algum lugar; Audrey Anders respondeu:

— Vá se foder.

Patinar sobre o movimento mais estúpido de todos os movimentos estúpidos de sua vida fez com que ele se sentisse petulante, apesar dos alertas implícitos de Dineen: meu dinheiro ou as suas rótulas. Buzz pensou em arrochos para conseguir dinheiro — ele contra ladrões de casa e de hotéis que conhecera quando policial, depois descartou a ideia — tinha ficado mais velho e mais frouxo, ao passo que eles provavelmente tinham ficado mais malignos e mais bem armados. Havia somente ele contra Mal Considine meio a meio, que tinha um olhar mau mas, afora isso, parecia bem desgastado. Pegou o telefone e ligou para o número particular de seu chefe no Hotel Bel-Air.

— Sim? Quem é?

— Eu. Howard, quero entrar naquele serviço moleza do júri de instrução. A vaga ainda está aberta?

CAPÍTULO XIII

Danny estava se esforçando muito para ficar abaixo do limite de velocidade, indo para Hollywood — jurisdição do DPLA — com a agulha do velocímetro cavalgando os 65 quilômetros. Alguns minutos atrás um administrador do Hospital Estadual Lexington havia telefonado para a delegacia; uma carta de Martin Goines, postada quatro dias antes, tinha acabado de chegar ao hospital. Era endereçada a um paciente e continha apenas coisas inócuas a respeito de jazz — e a notícia de que Goines se mudara para um apartamento em cima de uma garagem na North Tamarind 2.307. Era uma pista escaldante; se o endereço estivesse na jurisdição do condado, ele teria apanhado um carro oficial e rodado com as luzes vermelhas e a sirene ligada.

O 2.307 ficava oitocentos metros ao norte do Boulevard, no meio de um longo quarteirão de residências em estilo Tudor, com estrutura de madeira. Danny estacionou junto ao meio-fio e viu que a tarde fria mantivera os moradores dentro de casa — ninguém estava tomando ar. Pegou seu kit de coleta de provas, foi rapidamente até a porta da frente da casa e tocou a campainha.

Dez segundos, sem resposta. Danny rodeou até a garagem, viu algo que parecia um barracão em cima dela e subiu os degraus frágeis até a porta. Bateu três vezes — silêncio — pegou seu canivete e enfiou-o entre a tranca e o portal. Depois de alguns segundos tentando, um estalo! Danny olhou ao redor procurando testemunhas, não viu, empurrou a porta e fechou-a depois de entrar.

O cheiro atacou-o primeiro: metálico, ácido. Danny baixou em câmera lenta seu kit de coleta de provas até o chão, sacou a arma e tateou a parede em busca de um interruptor. Seu polegar esbarrou num rapidamente, antes que ele preparasse os nervos para olhar. Viu um cafofo de um cômodo transformado em matadouro.

Sangue nas paredes. Marcas gigantescas, inconfundíveis, marcas exemplares encontradas nos livros didáticos: o assassino expelindo grandes

jorros pela boca, espirrando o vermelho através dos dentes, desenhando pequenos padrões no papel de parede floral, barato. Quatro paredes inteiras assim — riscos e arabescos e um desenho que parecia uma elaborada letra T. Sangue encharcando um tapete puído, sangue em grandes poças coaguladas no chão de linóleo, sangue saturando um sofá de cor clara com o estofado se projetando para fora, sangue esparramado numa pilha de jornais perto de uma mesa onde havia um aquecedor elétrico, uma panela e uma lata de sopa. Sangue demais para ter saído de um ser humano trucidado.

Danny respirava sem controle; viu dois portais, sem porta, na parede esquerda. Colocou a .45 no coldre, enfiou as mãos nos bolsos para não deixar impressões digitais e verificou a mais próxima.

O banheiro.

Paredes brancas cobertas com linhas de sangue horizontais e verticais, perfeitamente retas, cruzando-se em ângulos de noventa graus, hábil, o assassino. Uma banheira, as laterais e o fundo sujos com uma substância rosa-amarronzada, que parecia sangue misturado com espuma de sabão. Uma pilha de roupas de homens — camisas, calças, um paletó esporte em tecido espinha de peixe — dobradas em cima do tampo da privada.

Danny abriu a torneira da pia com os nós dos dedos, baixou a cabeça, molhou-se e bebeu. Erguendo os olhos, captou o rosto no espelho; por um segundo achou que não era ele próprio. Voltou ao cômodo principal, pegou luvas de borracha em seu kit de coleta, calçou-as, voltou ao banheiro e examinou as roupas, largando-as no chão.

Três calças. Três camisetas. Três pares de meias enrolados. Um suéter, uma jaqueta, um paletó esporte. Três vítimas.

Outro portal.

Danny recuou do quarto e girou para uma pequena quitinete, esperando um jorro gigantesco de carmim. O que viu foi arrumação perfeita: escova, Ajax e uma barra de sabão arrumados numa prateleira acima de uma pia limpa; pratos limpos num secador de plástico; um calendário de 1949 preso à parede, os onze primeiros meses rasgados, sem qualquer anotação na página de dezembro. Um telefone numa mesinha encostada à parede e uma geladeira velha perto da pia.

Nenhum sangue, nenhuma obra de arte de horror. Danny sentiu o estômago se assentar e a pulsação tomar conta, impulsos como choques elétricos. Dois outros defuntos desovados em algum lugar; uma invasão de domicílio em área do DPLA — delegacia de Hollywood, onde a confusão do

caso Brenda Allen tinha sido pior, onde eles mais odiavam o Departamento do Xerife. Sua violação da ordem direta do capitão Dietrich: nada de pegar pesado, nada de bancar a prima-dona na área metropolitana. Não havia como informar o que encontrara. Uma chance de que o assassino trouxesse para cá o número quatro.

Danny bebeu água da pia, lavou o rosto, deixou as mãos enluvadas e as mangas do paletó se encharcarem. Pensou em revirar o barraco em busca de uma garrafa; seu estômago se acomodou; ele pegou o telefone e discou para a delegacia.

Karen Hiltscher atendeu.

— Delegacia de West Hollywood, em que posso ajudá-lo?

A voz de Danny não era dele.

— Sou eu, Karen.

— Danny? Você parece estranho.

— *Só escute.* Estou num lugar onde não deveria estar, e preciso de uma coisa, e preciso que você ligue de volta para cá quando conseguir. E ninguém pode saber. *Ninguém.* Entende?

— Entendo. Danny, por favor não seja tão rude.

— *Só escute.* Quero um relatório verbal seu sobre cada cadáver encontrado nas áreas da cidade e do condado nas últimas quarenta e oito horas, e quero que ligue para cá informando isso, *depressa.* Toque duas vezes, desligue e ligue de novo. Entendeu?

— Entendi. Meu doce, você está todo...

— Droga, *só escute.* Estou no telefone Hollywood-4619, isso é *errado* e posso entrar numa encrenca enorme só por estar aqui, de modo que não conte a ninguém. *Está entendendo, porra?*

Karen suspirou.

— Sim, meu docinho — e deixou seu lado da linha emudecer. Danny desligou, enxugou o suor do pescoço e pensou em água gelada. Viu a geladeira. Estendeu a mão e abriu a porta, disparou para a pia quando percebeu o que havia dentro.

Dois olhos cobertos de um gel claro num cinzeiro. Um dedo humano cortado em cima de um pacote de ervilhas.

Danny vomitou até sentir dor no peito e o estômago se contrair, vazio; abriu a torneira e molhou-se até a água começar a entrar em suas luvas de borracha, e ele perceber que um policial encharcado não poderia fazer perícia numa cena de crime pela qual Vollmer ou Maslick seriam capazes de matar.

Fechou a torneira e sacudiu-se tentando ficar seco, as mãos apoiadas na bancada da pia. O telefone tocou, ele o ouviu como se fosse um tiro, sacou a arma e apontou para nada.

Outro toque, silêncio, um terceiro toque. Danny pegou o fone.

— Sim? Karen?

A garota continuava com sua vozinha cantante.

— Três mortos. Duas mulheres brancas, um homem negro. Uma das mulheres foi suicídio com comprimidos e a outra acidente de carro, e o negro era um mendigo que morreu de frio, e você me deve o Coconut Grove por ter sido tão mau.

Oito paredes cobertas de sangue e uma futura policial que queria ir dançar. Danny gargalhou e abriu a porta da geladeira em busca de mais alívio cômico. O dedo era comprido, branco e fino, e os olhos eram castanhos e começavam a encolher.

— Qualquer lugar, meu doce, qualquer lugar.

— Danny, tem certeza de que você está...

— Karen, escute com muita atenção. Eu vou ficar aqui para ver quem aparece. Você vai fazer turno duplo esta noite?

— Até as oito de amanhã.

— Então faça o seguinte: quero que as comunicações de rádio da cidade e do condado sejam monitoradas para qualquer cadáver de homem branco que for encontrado. Fique na mesa telefônica, mantenha o rádio da cidade e do condado em volume baixo e procure ouvir denúncias de homicídio com vítimas que sejam homens brancos. Ligue para aqui do mesmo jeito que fez antes, se conseguir algum. Entendeu?

— Entendi, Danny.

— E, meu doce, ninguém pode saber. Nem Dietrich nem ninguém do esquadrão. *Ninguém*.

Um longo suspiro. A versão de Karen para Katharine Hepburn exausta.

— Sim, detetive Upshaw — e em seguida um estalo fraco.

Danny desligou e periciou o cafofo.

Raspou amostras de terra e poeira do chão em todos os três cômodos, colocando-as em envelopes transparentes identificados um a um; pegou sua máquina fotográfica Rolleiflex e tirou fotos em grande-angular e closes das marcas de sangue. Raspou, etiquetou e colocou em tubos sangue da banheira, do sofá e da cadeira, sangue da parede, sangue do tapete e sangue do chão;

pegou amostras de fibra dos três conjuntos de roupas e anotou o nome das etiquetas nas lapelas.

O crepúsculo chegou. Danny manteve as luzes apagadas, trabalhando com uma pequena lanterna presa nos dentes. Espalhou pó em busca de impressões digitais, esgotando rolos de superfícies adesivas, conseguindo marcas de uma luva de borracha — mais provavelmente do assassino — e uma mão direita inteira e uma esquerda parcial de alguém desconhecido — que não combinavam com a descrição de impressões de Martin Goines. As impressões de Martin Goines *deveriam* aparecer, ele continuou e foi recompensado — uma da esquerda na bancada da pia. Pensando num assassino tomando banho para se livrar do sangue, examinou cada superfície possível de ser tocada no banheiro — conseguindo um, dois, três dedos e marcas de mão inteira, dedeiras cirúrgicas de borracha, as mãos de um homem grande, muito espaçadas nos pontos em que ele se apoiou na parede da banheira e do chuveiro.

Meia-noite.

Danny tirou o dedo cortado da geladeira, rolou-o sobre a tinta e depois sobre papel. Combinava com o dedo médio direito da mão desconhecida. A área do corte era irregular, logo acima do nó do dedo, cauterizada através de queimadura — carne preta e chamuscada. Danny verificou o aquecedor elétrico na sala de estar. Estava ali: pele frita grudada na resistência; o assassino queria preservar o dedo, um choque para quem descobrisse a carnificina.

Ou estaria planejando voltar com outra vítima?

E será que estaria mantendo vigilância ao barraco para saber quando essa opção acabaria?

Meia-noite e quarenta e cinco.

Fez um último exame no lugar. O único armário estava vazio; não havia qualquer coisa escondida sob os tapetes; um exame da parede com a lanterna deu-lhe outro detalhe em sua reconstrução: aparentemente dois terços do sangue tinham textura uniforme — as vítimas dois e três quase certamente tinham sido mortas ao mesmo tempo. O exame do chão, de joelhos, rendeu-lhe uma última evidência: uma substância pastosa e branca, endurecida, de cheiro neutro. Colocou-a num saco e etiquetou. Ensacou e etiquetou os olhos de Martin Goines, sentou-se na beira não ensanguentada do sofá, com a arma pousada sobre o joelho — e esperou.

A exaustão veio aos poucos. Danny fechou os olhos e viu padrões de sangue superpostos nas pálpebras, branco sobre vermelho, as cores invertidas como negativos fotográficos. Suas mãos estavam entorpecidas por causa das horas trabalhando com luvas de borracha; imaginou o cheiro metálico do cômodo como cheiro de uísque bom, começou a sentir o gosto, fechou o pensamento e repassou teorias na cabeça para que o gosto ficasse longe.

A Tamarind 2.307 ficava a trinta minutos da Strip — o assassino tivera seu tempo máximo de duas horas para brincar com o cadáver de Martin Goines e decorar o barraco. O assassino se dispusera monstruosamente, *de modo suicida*, a matar dois outros homens — provavelmente ao mesmo tempo — no mesmo lugar. O assassino provavelmente tinha o desejo subconsciente de ser capturado, desejo revelado por muitos psicopatas; era um exibicionista e provavelmente estava perturbado porque a morte de Goines praticamente não recebera publicidade. Os outros dois corpos provavelmente tinham sido desovados em algum lugar onde poderiam ser encontrados, o que significava que os dois últimos assassinatos tinham acontecido ontem ou durante a noite. Perguntas: será que os padrões na parede tinham desenho significativo ou eram apenas sangue cuspidos em fúria? O que significava a letra T? *Será que as três vítimas tinham sido escolhidas ao acaso, baseadas no homossexualismo ou no vício de drogas, ou será que conheciam o assassino anteriormente?*

Mais exaustão, a fiação de seu cérebro se esfrangalhando por informações demais, muito poucos fios se conectando. Danny começou a olhar seu relógio de pulso luminoso, para ficar acordado; 3:11 tinham acabado de passar quando ele ouviu barulho na fechadura externa.

Levantou-se e foi até a cortina ao lado do interruptor de luz, a porta a trinta centímetros de distância, o braço com a arma estendido e apoiado com a mão esquerda. O mecanismo de tranca cedeu com um estalo forte; a porta se abriu; Danny apertou o interruptor.

Um homem gordo, com cerca de quarenta anos, foi congelado pela luz. Danny deu um passo adiante, o homem girou para o cano de um revólver .45. Suas mãos saltaram na direção dos bolsos; Danny fechou a porta com o pé e golpeou o rosto dele com o cano da arma, jogando-o contra o papel de parede coberto com ziguezagues de sangue. O gordo soltou um grito, viu de verdade a sujeira na parede e se ajoelhou, com as mãos cruzadas, pronto para implorar.

Danny agachou-se ao lado dele, a arma apontada para o fiapo de sangue que escorria em seu rosto. O homem gordo murmurou ave-marias; Danny procurou as algemas, deixou o .45 de lado, abriu os braceletes e fechou-os ao redor de pulsos pressionados em oração. Os dentes da algaema estalaram; o homem olhou para Danny como se *ele* fosse Jesus.

— Polícia? Você é da polícia?

Danny olhou-o de cima a baixo. Palidez de prisioneiro, sapatos de cadeia, roupas de segunda mão, e grato por um policial apanhá-lo invadindo um domicílio, no mínimo uma violação de condicional e sentença de dez anos. O homem olhou para as paredes, baixou os olhos, viu que estava ajoelhado a cinco centímetros de uma poça de sangue com uma barata morta grudada no meio.

— Que droga, diz que você é...

Danny agarrou a garganta dele e espremeu-a.

— Do Departamento do Xerife. Mantenha a voz baixa e faça jogo limpo comigo e eu deixo você sair andando daqui.

Com a mão livre, revistou os bolsos e a cintura do gordo, tirando carteira, chaves, um canivete e uma bolsa de couro, compacta mas pesada, fechada com zíper.

Soltou a garganta do sujeito e examinou a carteira, largando cartões e papéis no chão. Havia uma carteira de motorista da Califórnia, vencida, em nome de Leo Theodore Bordoni, nascido em 19/6/09, um cartão de identificação da condicional do condado no mesmo nome; uma carteira de doador de sangue declarando que Leo Bordoni, tipo AB positivo, poderia vender seu plasma de novo em 18 de janeiro de 1950. Os cartões eram de corrida de cavalo — canhotos de apostas velhos, recibos, tampas de caixa de fósforo com nomes de cavalos e números de corrida escritos na parte de trás.

Danny soltou o pescoço de Leo Theodore Bordoni, a recompensa do gordo por uma aposta acumulada — reação à gosma de sangue, o tipo sanguíneo e a descrição física — que o eliminavam como suspeito do assassinato. Bordoni gorgolejou e enxugou o sangue do rosto; Danny abriu a bolsa de couro e viu um jogo de ferramentas de ladrão: gazua, cortador de vidro, formão e alavanca para abrir janela, tudo sobre veludo verde.

— Invasão de domicílio, posse de ferramentas de roubo, violação de condicional — disse ele. — Quantas prisões você já teve, Leo?

Bordoni massageou o pescoço.

— Três. Onde está Marty?

Danny apontou para as paredes.

— Onde você acha?

— Ah, meu Deus, caralho.

— Isso mesmo. O velho Martin de quem ninguém sabe grande coisa, a não ser, talvez, você. Você conhece a lei de reincidência do governador Warren?

— É... não.

Danny pegou seu .45 e guardou-o no coldre, ajudou Bordoni a se levantar e empurrou-o contra a única cadeira que não estava encharcada de vermelho e marrom.

— A lei diz que a quarta reincidência lhe custa uma pena de vinte anos a prisão perpétua. Sem apelação, nada. Você afana a porra de um maço de cigarros, e são vinte anos. Então me diga tudo que há para saber sobre você e Martin Goines, ou então vai pegar de vinte para cima em Quentin.

Bordoni girou os olhos pelo cômodo. Danny foi até as cortinas, olhou para os pátios escuros e as casas e pensou em seu assassino abandonando-o, preso numa armadilha pela luz acesa. Apertou o interruptor; Bordoni soltou um longo suspiro.

— Foi ruim mesmo para Marty? Essa é a verdade?

Danny podia ver luzes de néon no Hollywood Boulevard, a quilômetros de distância.

— O pior, de modo que me conte.

Bordoni falou enquanto Danny olhava para o néon e os faróis que passavam.

— Saí de Quentin há duas semanas, sete anos por roubo. Conheci Marty quando ele cumpriu a pena por porte de maconha, éramos colegas. Marty sabia que eu tinha uma data para condicional, e sabia o número da minha irmã em San Francisco. De vez em quando ele me mandava umas cartas depois de ter saído, com um nome falso, sem endereço de remetente, porque estava violando a condicional e não queria que os tiras pusessem a mão nele.

“Então Marty ligou para mim, na casa da minha irmã, há uns cinco dias, talvez no dia 30, talvez no 31. Disse que estava tocando em troca de uma ninharia, e que odiava isso, que estava curado, que ia ficar longe das drogas. Disse que se juntou a um velho parceiro e que eles precisavam de um terceiro homem para uma gangue de invasão de residências. Eu disse que estaria saindo dentro de uma semana mais ou menos, e ele me deu este endereço e disse para eu entrar por conta própria. É assim a minha relação com Marty.”

A escuridão fazia o cômodo pulsar.

— Qual era o nome do parceiro? — perguntou Danny. — De onde Goines o conhecia?

— Marty não disse.

— Ele descreveu o sujeito? Era parceiro de Martin quando ele andava fazendo roubos em 43 e 44?

— Moço, foi uma conversa de dois minutos, eu nem sabia que Marty roubava naquela época.

— Ele mencionou um antigo parceiro que tinha o rosto queimado ou com cicatriz? O cara deve estar com quase trinta anos agora.

— Não. Marty vivia sempre de boca fechada. Eu era o único colega dele em Quentin, e fiquei surpreso quando ele disse que tinha um antigo parceiro. Marty na verdade não era do tipo de ter parceiro.

Danny mudou de marcha.

— Quando Goines mandava cartas, de onde eram remetidas, e o que diziam?

Bordoni suspirou como se estivesse entediado.

Danny pensou em deixar que ele desse uma espiada nos olhos de seu velho colega.

— Desembuche, Leo.

— Vinham de todo o país, e eram só papo furado, coisa de jazz, gostaria que você estivesse aqui, cavalos, beisebol.

— Marty falou de outros músicos com quem ele estava tocando?

Bordoni gargalhou.

— Não. Eu acho que ele tinha vergonha. Ele tocava naquelas boates de cidadezinhas, e só dizia que “eu sou o melhor trombonista que eles já viram”, querendo dizer que Marty sabia que não era grande coisa, mas que aquelas figuras com quem estava tocando eram realmente uma porcaria.

— Ele mencionou alguma outra pessoa, além desse velho parceiro com quem você ia se encontrar?

— Necas. Como eu disse, foi uma conversa de dois minutos.

O letreiro da Miller High Life em cima do Taft Building apagou-se, fazendo Danny estremecer.

— Leo, Martin Goines era homossexual?

— Marty! Você está maluco! Ele nem queria saber de comer os veadinhos em Quentin!

— Alguém lá dava em cima dele?

— Marty preferiria ter morrido antes de deixar um cara comer o rabo dele!

Danny apertou o interruptor, forçou Bordoni a se levantar, puxando-o pelas algemas, e torceu sua cabeça de modo que estivesse ao nível de uma longa mancha de sangue na parede.

— Esse era o seu amigo. Por isso você nunca esteve aqui e nunca me viu. Esse é um incômodo que você não quer, de modo que fique frio e pense nisso como um pesadelo.

Bordoni balançou a cabeça; Danny soltou-o e abriu as algemas. Bordoni juntou suas coisas no chão, tomando um cuidado extra com a bolsa de ferramentas. Junto à porta, falou:

— Esse negócio é pessoal para você, certo?

Buddy Jastrow já se fora há muito. Quatro doses por noite não bastavam. Seus livros didáticos e suas aulas não eram reais.

— É tudo o que eu tenho — disse Danny.

Sozinho de novo, olhou pela janela, observando marquises de cinema se apagarem, transformando o Boulevard em apenas outra rua comprida e estreita. Acrescentou “possível parceiro de roubo” a “alto, grisalho”, “de meia-idade”, “homossexual”, e “conhecedor de heroína”; afastou os protestos de Bordoni, ao dizer que Martin não era bicha, como sendo sinceros mas errados — e perguntou-se quanto tempo poderia permanecer no cômodo sem ficar maluco, sem se arriscar a que o senhorio ou alguém da casa da frente aparecesse.

Procurar luzes de casas que pudessem ser *Ele* olhando de volta era infantil; procurar formas sinistras era um jogo de criança — o tipo de jogo que ele fazia sozinho quando garoto. Danny bocejou, sentou-se na cadeira e tentou dormir.

Chegou perto do sono, um curto-circuito de exaustão em que não estava realmente apagado, em que não podia realmente formar pensamentos e via imagens que ele próprio não estava criando. Letreiros de rua, caminhões, um saxofonista tocando escalas em seu instrumento, padrões florais, um cachorro na ponta de um pau. O cachorro o fez se retorcer; tentou abri-lo os olhos, sentiu-os colados e deixou-se voltar para onde estava. Instrumentos de autópsia saindo quentes de uma autoclave, Janice Modine, um Oldsmobile 39 balançando na suspensão, um olhar dentro, Tim comendo Roxy Beausoleil,

que tinha um trapo encharcado em éter no nariz para não rir, e fingir que estava legal.

Danny sacudiu-se saindo daquilo, olhos abrindo-se para a luz que atravessava uma abertura nas cortinas. Engoliu muco seco, captou uma reprise de sua última imagem, levantou-se e foi à cozinha para um gole de água da pia. Estava tomando uma mão cheia quando o telefone tocou.

Um segundo toque, uma parada, um terceiro toque. Danny atendeu.

— Karen?

A garota estava quase sem fôlego.

— Rádio da área metropolitana. O homem da manutenção do Griffith Park, na trilha que sobe do estacionamento do observatório. Dois homens mortos, o DPLA está indo para lá. Meu docinho, você *sabia* que isso ia acontecer?

— Só finja que não aconteceu — disse Danny, em seguida bateu o telefone, pegou seu kit de coleta de provas e saiu do matadouro estofado. Forçou-se a não correr até o carro, olhos circulando para possíveis espectadores, vendo nenhum. O Griffith Park ficava a um quilômetro e meio. Tirou as luvas de borracha, sentiu a mão pinicar e partiu a toda.

Dois carros oficiais do DPLA chegaram antes.

Danny estacionou junto deles ao pé da trilha de caminhada, o último trecho de asfalto antes da área de montanha que formava o perímetro norte do parque. Não havia outros carros no estacionamento; dava para ver quatro policiais uniformizados adiante, onde a trilha atravessava a floresta, um antigo porto seguro para mendigos e pombinhos que não tinham como pagar um quarto.

Danny marcou a hora — 6:14 da manhã — pegou seu distintivo e começou a subir. Os policiais giraram, com as mãos nos coldres, tremores e aparência enjoada. Danny apontou para seu distintivo.

— Delegacia de West Hollywood. Estou trabalhando no caso de um corpo desovado, e ouvi dizer o que vocês conseguiram pelo rádio da delegacia.

Dois policiais assentiram; dois viraram-se para o outro lado, como se um detetive do condado fosse mais baixo do que lixo. Danny engoliu em seco; a delegacia de West Hollywood ficava a meia hora de distância, mas os idiotas

nem piscaram para a falha temporal. Eles se separaram para lhe permitir a visão; Danny captou um plano médio do inferno.

Dois homens mortos, nus, deitados de lado numa caminha de terra rodeada por arbustos espinhentos endurecidos, camadas de poeira e restos de folhas diziam que estavam ali há pelo menos 24 horas; o estado dos corpos dizia que tinham morrido na North Tamarind 2.307. Danny puxou para trás uma parte do arbusto, ajoelhou-se e fez um zoom com sua câmera humana num close de pesadelo.

Os homens tinham sido postos numa posição de 69 — cabeça na virilha, órgãos genitais enfiados na boca um do outro. As mãos de cada um tinham sido postas nos joelhos do outro; faltava o dedo indicador direito do homem maior. Todos os quatro olhos estavam intactos e arregalados; as costas das vítimas tinham sido retalhadas como as de Martin Goines — e os rostos. Danny examinou as frentes dos corpos pressionadas uma contra a outra; pôde ver sangue e resíduos de entranhas.

Levantou-se. Os patrulheiros fumavam cigarros, arrastando os pés, destruindo a chance de uma perícia bem-sucedida no chão. Um a um, olharam-no; o mais velho dos quatro disse:

— Esses caras se parecem com o seu?

— Quase exatamente — disse Danny, pensando na máquina fotográfica real em seu kit de coleta de provas, fotos para seu dossiê antes que os gorilas do DPLA fechassem o lado *deles* do caso *dele*. — Quem os encontrou?

O policial veterano respondeu:

— O sujeito da manutenção viu um mendigo descendo o morro gritando, por isso foi lá e olhou. Ele ligou para nós, voltou para cima e ficou enjoado. Nós o mandamos para casa, e quando o esquadrão chegar aqui, eles vão mandar você para casa também.

Os outros policiais gargalharam. Danny deixou passar e desceu correndo a trilha para pegar a máquina fotográfica. Estava chegando em seu Chevy quando um carro de policiais à paisana e um furgão do Departamento de Medicina Legal pararam no estacionamento perto dos carros oficiais.

Um homem grande, de rosto carnudo, saiu do carro não oficial e olhou direto para ele. Danny reconheceu-o de fotos de jornais: detetive-sargento Gene Niles, chefe de esquadrão na delegacia de Hollywood, enfiado até as orelhas no caso Brenda Allen, sem indiciamento, mas sem possibilidade de virar tenente e com a carreira estagnada; corria o boato de que ele não pegava dinheiro, só trocava serviços com as garotas de Brenda. As roupas do sujeito

diziam o contrário: um elegante *blazer* de estilo naval e calças de flanela com vincos impecáveis, material sob medida que nenhum policial honesto poderia comprar.

Dois homens do Departamento de Medicina Legal tiraram macas do furgão; Danny viu Niles farejando-o como policial e se aproximando, parecendo cada vez mais curioso e puto; carne estranha em sua área, novo demais para estar trabalhando na Delegacia de Homicídios do centro da cidade.

Ele encontrou-o na metade do caminho, criando uma nova história, coisa plausível para satisfazer um policial esperto. Cara a cara, disse:

— Sou do Departamento do Xerife.

Niles gargalhou.

— Está um tanto confuso com a sua jurisdição, detetive?

O “detetive” era todo escárnio, como um sinônimo de “câncer”.

— Estou trabalhando num homicídio exatamente igual aos dois que você tem ali em cima do morro.

Niles atravessou-o com seus olhos.

— Você dorme com essas roupas, detetive?

Danny apertou os punhos.

— Eu estava numa campana.

— Já ouviu falar em levar uma gilete nos serviços noturnos, *detetive*?

— Já ouviu falar em cortesia profissional, *Niles*?

O sargento Gene Niles olhou para o relógio.

— Um homem que lê jornais. Vamos experimentar isso. Como é que você chega aqui vinte e dois minutos depois de recebermos o aviso na delegacia?

Danny sabia que ter bagos de aço era o único modo de cobrir sua mentira.

— Eu estava na loja de *doughnuts* na Western, e havia um carro oficial com rádio ligado. Como é que *você* demorou tanto? Parou numa manicure?

— Há um ano eu teria quebrado a sua cara por causa disso.

— Há um ano você estava indo a algum lugar. Quer ouvir falar sobre o meu homicídio ou quer ficar fazendo beicinho?

Danny pegou um lenço de linho no *blazer*.

— O despachante disse que parecia um serviço de veado. Odeio serviços de veado, de modo que se você tem outro serviço de veado, não quero ouvir dizer. Vá andando, *detetive*. E consiga uma roupa decente. Mickey Judeu tem uma camisaria, e eu sei que ele dá desconto para todos os veadinhos dele.

Danny voltou ao seu Chevy enxergando vermelho. Desceu pela estrada do parque até a esquina da Los Feliz com Vermont, onde havia um telefone público. Ligou para o Dr. Layman e disse que dois defuntos companheiros de Martin Goines estavam a caminho, pedindo que ele os pegasse para fazer autópsia a qualquer custo. Um minuto depois, o carro de Niles e o furgão da Medicina Legal passaram em direção ao sul, sem luzes ou sirenes ligadas, fracassados matando uma bela manhã de inverno. Danny deu-lhes uma dianteira de cinco minutos, pegou atalhos em direção ao centro e estacionou à sombra de um armazém em frente à área de carga e descarga do necrotério municipal. Catorze minutos se passaram antes que a caravana aparecesse; Niles fez um estardalhaço pastoreando as macas cobertas de lençóis até a rampa; Norton Layman saiu para ajudar. Danny ouviu-o censurando Niles por ter separado os corpos.

Acomodou-se em seu carro para esperar as descobertas de Layman; espreguiçando-se no banco da frente, fechou os olhos e tentou dormir, sabendo que o doutor demoraria quatro horas ou mais fazendo os exames. O sono não chegava; um dia calorento começou a aparecer, esquentando o carro, tornando o estofado pegajoso. Danny começava a apagar, depois ia lembrando suas mentiras, o que ele poderia contar ou não a quem. Podia melhorar a mentira contada aos patrulheiros, bancando o sonso por ter estado na loja de *doughnuts* às seis da manhã, dando a entender que estivera com uma mulher; tinha de convencer Karen Hiltcher a manter escondida sua vigília na Tamarind 2.307. Não podia deixar pessoa alguma ver o conteúdo de seu kit de coleta de provas; tinha de passar ao DPLA a pista da carta que o levava ao barraco de Martin Goines, pós-datando a ocorrência, fazendo com que não parecesse grande coisa, deixando que eles descobrissem a gosma sozinhos. Leo Bordoni era um curinga no baralho, mas provavelmente tinha esperteza bastante para ficar quieto. Danny precisava inventar uma história para o seu paradeiro ontem — um relatório falso para Dietrich era a melhor opção. E o grande medo e as grandes perguntas: se o DPLA examinasse a Tamarind, será que alguém do local falaria do Chevrolet castanho 1947 estacionado durante a noite em frente ao 2.307? Será que ele deveria se aproveitar de sua pista privada, revirar a vizinhança em busca de testemunhas e depois informar sobre a carta, esperando que a pior acusação que pudessem fazer contra ele seria *não* ter seguido a pista? Se o DPLA decidisse não ir fundo nos dois homicídios — Niles, como o policial que atendera ao chamado, odiando “serviços de veado” —, será que eles investigariam a

vizinhança? *Ele* próprio recebera o chamado do Hospital Estadual Lexington, através da mesa telefônica de Karen Hiltcher. Se tudo ficasse estranho, será que ela abriria o bico para se salvar? Será que a rivalidade entre o DXLA e o DPLA reduziria aquela bagunça a algo com o que apenas ele se importava?

O calor refletindo no para-brisa e muitos fios no cérebro entrando em curto-circuito atraíram Danny para o sono. Cãibra e claridade fizeram-no acordar suando e cheio de coceiras; seu pé acertou na buzina e um sono negro e sem sonhos transformou-se em ondas de som ricocheteando em quatro paredes sangrentas. Olhou o relógio, viu 12:10 e pelo menos quatro horas inconsciente; o médico devia ter terminado com seus defuntos. Danny saiu do carro, esticou as cãibras e atravessou a rua até o necrotério.

Layman estava de pé junto à rampa, almoçando numa laje de exame, com um lençol de cobrir corpos servindo como toalha. Viu Danny, engoliu um pedaço de sanduíche e disse:

— Você está mal.

— Tão mal assim?

— Também parece apavorado.

Danny bocejou, o que fez suas gengivas doerem.

— Eu vi os corpos, e não creio que o DPLA se importe. O que é assustador.

Layman enxugou a boca com o canto do lençol.

— Então aqui vão mais alguns sustos para você. Momento da morte: entre 26 e 30 horas atrás. Ambos os homens foram estuprados pelo ânus. Sêmen O positivo. Os ferimentos nas costas foram puro porrete zoot, idênticos em tamanho e conteúdo de fibras aos de Martin Mitchell Goines. O homem cujo dedo falta morreu de um corte na garganta feito por uma faca afiada e serrilhada. Não tenho a causa da morte do outro homem, mas apostaria em overdose de barbitúrico. No nosso amigo sem dedo encontrei uma cápsula furada, coberta de vômito, debaixo da língua. Fiz uns exames nela e consegui um composto caseiro... secobarbital sódico, uma parte, e uma parte esticnina. O secobarbital atacaria primeiro, induzindo à inconsciência, a esticnina mataria. Acho que o sem-dedo teve indigestão, vomitou parte do barbitúrico e lutou para viver... foi então que perdeu o dedo — lutando com o homem da faca. Assim que fizer exame de sangue dos dois homens e bombear seus estômagos, terei certeza. O homem sem dedo era maior... maior corrente sanguínea, de modo que a mistura não o matou como matou nosso outro amigo.

Danny pensou no 2.307, traços de vômito perdidos no sangue.

— E quanto às mordidas na barriga?

— Não humanas, mas humanas. Encontrei saliva O positivo e sucos gástricos humanos nos ferimentos. E as mordidas foram frenéticas e sobrepostas demais para permitir moldes. Mas... consegui três cortes individuais feitos por dentes... largas demais para serem comparadas com qualquer ficha dentária humana, e muito dilaceradas na parte inferior para identificar em qualquer ficha de Departamento de Medicina Legal. Também peguei um pedaço de cimento dental num dos ferimentos. Ele usa dentaduras, Danny. Provavelmente em cima dos próprios dentes. Elas podem ser de aço, podem ser de outro material sintético, podem ser dentes moldados a partir de carcaças de animais. E ele arranhou um modo de mutilar com esses dentes e engolir. Não são dentes humanos, e sei que isso não parece profissional, mas também não creio que esse filho da puta seja.

CAPÍTULO XIV

Ellis Loew realizou a cerimônia em seu escritório, Mal e Dudley Smith como testemunhas oficiais. Buzz Meeks ficou de pé junto à mesa de reuniões, a mão direita levantada; Loew recitou o juramento:

— Você, Turner Meeks, jura realizar leal e conscientemente os deveres de investigador especial, da Divisão do júri de Instrução, da Promotoria Distrital da Cidade de Los Angeles, cumprindo as leis desta municipalidade, protegendo os direitos e a propriedade de seus cidadãos, com a ajuda de Deus?

— Claro — disse Buzz Meeks. Loew entregou-lhe um porta-identidade repleto com uma fotocópia da licença e o distintivo da Promotoria. Mal perguntou-se quanto Howard Hughes estava pagando ao sacana, achando que deveriam ser pelo menos três mil.

Dudley juntou-se a Meeks e Loew num círculo de tapinhas nas costas; Mal creditou um velho boato como ainda válido: Meeks achava que ele estava por trás do tiroteio que lhe garantiu a aposentadoria, Jack D. o culpado, depois esquecendo o ressentimento quando o caipira não estava mais no DPLA. Que ele pensasse assim — qualquer coisa para manter seu novo colega o mais distante que dois policiais fazendo o mesmo serviço poderiam ficar.

E Dudley. E talvez também Loew, agora.

Mal observou os dois fazendo um brinde, Glenlivet em taças de cristal. Levou seu caderno até a extremidade mais distante da mesa, enquanto Meeks e Dudley trocavam frases de efeito, Ellis lançando-lhe um olhar de desprezo que dizia: “Vamos trabalhar.” O pequeno movimento de cabeça de Loew reconhecia que o entrevero entre os dois era apenas temporário. Mal pensou: ele deveria me dever, e agora eu devo a ele. Pegou a caneta para fazer rabiscos, os nós de seus dedos latejavam, ele sabia que Loew estava certo.

Depois da briga com Celeste, ele saía de carro sem direção, até que sua mão começou a inchar, a dor brutal, entorpecendo todos os planos frenéticos de resolver as coisas com o filho. Foi até a recepção do Hospital Central, mostrou o distintivo e recebeu tratamento especial: uma injeção de alguma coisa que o mandou mais alto do que dez pipas, fragmentos de dentes arrancados de seus dedos, limpeza, sutura e curativo. Ligou para casa e falou com Stefan, arengando sobre o motivo de ter feito aquilo, como Celeste o havia ferido de modo pior, como ela queria separar os dois para sempre. O garoto parecera chocado, perplexo, gaguejando detalhes sobre o rosto ensanguentado de Celeste — mas terminara a conversa chamando-o de “papai” e dizendo “eu te amo”.

E aquela pequena injeção de esperança o fez pensar como policial. Ligou para Ellis Loew, contou o que aconteceu, que viriam advogados e uma batalha pela custódia, não deixe Celeste registrar queixa e obter vantagem. Loew assumiu as rédeas, indo de carro até a casa e pastoreando Celeste até o Hospital Presbiteriano de Hollywood, onde o advogado dela esperava. O homem tirou fotos do rosto machucado e ensanguentado; Loew convenceu-o a não deixar Celeste fazer acusações criminais contra um investigador da Promotoria, ameaçando represálias caso ele fizesse isso, prometendo não interceder no caso da custódia se ele concordasse. O advogado concordou; o nariz quebrado de Celeste foi arrumado e dois cirurgiões-dentistas trabalharam em suas gengivas quase destruídas e na ponte dentária. Loew, furioso, ligou para o telefone público onde ele estava esperando e disse:

— Você está sozinho com o negócio do garoto. Nunca mais me peça outro favor.

Então ele voltou para casa, encontrou Stefan dormindo, com bafo do sedativo da velha pátria de Celeste — *schnapps* e leite quente. Beijou o rosto do garoto, levou uma mala com roupa e os dossiês de Lesnick até um motel na Olympic com Normandie, arranjou para que uma policial conhecida verificasse Stefan uma vez por dia, dormiu com o analgésico numa cama estranha e acordou pensando em Franz Kempflerr.

Não conseguia deixar de pensar nele, e não conseguia juntar qualquer racionalização dizendo que Celeste era mentirosa. Deu uma série de telefonemas que lhe garantiram um advogado: Jake Kellerman, um pragmático que disse que o melhor jeito era provocar adiamentos, protelar o julgamento da custódia até que o capitão Considine fosse um herói do júri de instrução. Kellerman alertou-o para ficar longe de Celeste e Stefan, disse que

iria lhe telefonar marcando uma reunião de estratégia para breve, e deixou-o com uma ressaca de Demerol, dedos doloridos e a certeza de que deveria tirar o dia de folga e ficar longe do chefe.

Ainda não conseguia afastar Kempflerr.

Repasar os dossiês de Lesnick era apenas uma distração. Estava montando um caso sobre Claire De Haven, cada anotação a respeito dela cutucava-o; sabia que agora um interrogatório direto estava fora de questão, que encontrar um agente infiltrador seria sua prioridade principal. Mesmo assim, era uma tentação montar o passado da mulher, e quando encontrou uma informação que deixara escapar — Mondo Lopez alardeando ao psiquiatra sobre um vestido que ele roubara numa loja para o aniversário de 33 anos de Claire em maio de 43, definindo a mulher com exatamente a idade *dele* — levou a mulher e o nazista até a principal biblioteca pública para pesquisa.

Examinou microfilmes durante horas, banindo o alemão, colocando a mulher em foco.

Buchenwald libertado, o julgamento de Nuremberg, os maiores nazistas declarando que apenas cumpriam ordens. A incrível brutalidade mecanizada. Sleepy Lagoon uma causa justa defendida por pessoas más. Uma intuição de que Claire De Haven aparecera nas páginas sociais como debutante; confirmação no verão de 1929: Claire aos dezenove anos no baile do Las Madrinhas — uma foto em preto e branco, borrada, que só dava uma leve sugestão de quem ela era. Com Kempflerr eclipsado por Göring, Ribbentrop, Dönitz e Keitel, a mulher surgia muito mais forte. Ligou para o Departamento de Trânsito e conseguiu os dados da carteira de motorista dela, foi até Beverly Hills e manteve sob vigilância sua mansão em estilo espanhol. Duas horas depois, Claire saiu da casa — a foto uma profecia de beleza realizada. Era esguia, cabelos castanho-avermelhados com apenas alguns fiapos de grisalho, e um rosto que era beleza natural e o melhor que o dinheiro poderia comprar — mas *forte*. Seguiu o Cadillac da mulher até o Villa Frascati, onde ela se encontrou com Reynolds Loftis para almoçar — a figura do tipo Sr. Dignidade que ele vira numa dúzia de filmes. Tomou uma bebida no bar e vigiou os dois: o ator bissexual e a Rainha Vermelha deram-se as mãos e beijavam-se por cima da mesa a intervalos de alguns minutos; sem dúvida eram amantes. Lembrou-se de Loftis dizendo a Lesnick: “Claire é a única mulher que já ameí” — e sentiu ciúme.

Taças e cinzeiros bateram na mesa; Mal ergueu os olhos de seus rabiscos — suásticas e nós de força — e viu os colegas caçadores de comunistas olhando-o. Dudley deslizou na direção dele uma taça limpa e a garrafa. Mal empurrou-a de volta e disse:

— Tenente, você estragou a coisa para nós, com os mexicanos. Isto é oficial. Digo que não devemos fazer interrogatórios diretos até que Meeks consiga algum material criminoso e forte que possamos usar como ameaça de indiciamento. Digo para só atacarmos esquerdistas fora da AUFC, transformá-los em testemunhas amigáveis, conseguirmos que eles deem informações e plantarmos um infiltrado assim que conseguirmos alguém. Digo que devemos arrumar alguma cobertura para o que fizemos com os mexicanos, plantando algumas frases nas colunas de política. Ed Satterlee é chapa de Victor Reisel e Walter Winchell, eles odeiam comunistas. O pessoal da AUFC provavelmente lê as colunas dos dois. Algo do tipo: “Equipe do júri de instrução da cidade de Los Angeles indicada para investigar a influência comunista em Hollywood foi debandada devido à falta de verbas e à luta política.” Todo comuna da AUFC sabe o que aconteceu no Variety International no outro dia, e eu digo que devemos colocar uma tampa nisso e deixar que eles adormeçam.

Todos os olhos estavam no irlandês; Mal se perguntou como ele aceitaria o desafio — diante de duas testemunhas da lógica irrefutável. Dudley falou:

— Só posso pedir desculpas por meus atos, Malcolm. Você estava circunspecto, eu fui cabeça-dura, e estava errado. Mas acho que devemos espremer Claire De Haven antes de recuarmos e passarmos a trabalhar confidencialmente. Ela é o fulcro para dedurar todo o cérebro do negócio, para qualquer júri de instrução, ela é uma virgem, denunciá-la desmoralizaria todas aquelas tristes desculpas dos homens apaixonados por ela. Ela nunca foi pressionada pela polícia, e acho que ela pode muito bem se dobrar.

Mal gargalhou.

— Você está subestimando a mulher. E imagino que você deseja ser a pessoa que vai pressioná-la?

— Não, garoto, acho que deve ser você. De todos nós aqui, você é o único que parece ao menos remotamente idealista. Um policial com luvas de pelica, é o que você é, luvas de pelica e traço de temperamento cruel. Você vai derrubá-la com aquele fantástico gancho de direita que ouvi dizer que tem.

Ellis Loew formou com a boca as palavras “não fui eu”, mantendo os olhos fixos na extremidade da mesa onde Mal se encontrava. Buzz Meeks bebericou uísque. Mal se encolheu, tentando imaginar exatamente o quanto Dudley sabia.

— Este é um jogo escroto, tenente. Você estragou o negócio uma vez, e agora está pedindo que eu estrague ainda mais. Ellis, a abordagem direta é babaquice. Diga-lhe isso.

— Mal, controle a sua linguagem porque concordo com Dudley. Claire De Haven é uma mulher promíscua, mulheres assim são desequilibradas, e acho que deveríamos arriscar a abordagem. Enquanto isso, Ed Satterlee está tentando cooptar um homem para nós, um homem que ele conheceu no seminário e que se infiltrou em células comunistas em Cleveland. Ele é um profissional, mas não trabalha por pouco dinheiro. Mesmo que a abordagem a De Haven fracasse e que a AUFC seja alertada contra nós, ele poderá juntar-se a eles de modo tão sutil que não saberão disso nem em um milhão de anos. E tenho certeza de que podemos conseguir o dinheiro para o nosso infiltrado com o Sr. Hughes. Certo, Buzz?

Buzz Meeks piscou para Mal.

— Ellis, se essa garota é uma vagabunda, eu não mandaria um seminarista para trabalhá-la. O próprio Howard poderia servir. Ele gosta de xotas. Talvez você pudesse mandá-lo disfarçado.

Loew revirou os olhos; Dudley Smith gargalhou, como se estivesse ouvindo uma piada engraçadíssima na reunião do Elks Club. Meeks piscou de novo, testando o terreno; foi você quem arranjou para que atirassem em mim em 46? Mal pensou em seu processo de custódia dependendo de um bufão, de um policial violento e um advogado fanático. Só quando Loew bateu na mesa para dispensá-los foi que ele percebeu que iria se encontrar com a Rainha Vermelha cara a cara, atuando como seu próprio peão.

CAPÍTULO XV

Danny passou a manhã seguinte em seu apartamento, colocando em dia o *seu* dossiê, todas as coisas novas que as duas novas vítimas traziam para o *seu* caso.

Depois de vinte e quatro horas havia o seguinte:

Nenhuma identificação das vítimas dois e três; o Dr. Layman, como patologista do DPLA, tinha acesso aos relatórios do Esquadrão de Hollywood e telefonaria quando e se os cadáveres tivessem nomes. Já ligara para dizer que o sargento Gene Niles estava comandando a investigação do DPLA, que não estava dando importância e iria tentar se livrar rapidamente dela para voltar ao roubo de um armazém de peles que prometia notícias de jornal para compensar o estrago que o caso Brenda Allen provocara, custando-lhe a mulher e os filhos. Policiais uniformizados estavam interrogando mendigos no Griffith Park e não chegavam a lugar algum; o próprio Niles arrochava dois vagabundos fichados como molestadores de crianças. O relatório da autópsia feita por Layman, com dezessete páginas — *realmente* confirmando que o menor dos dois homens morreu de uma overdose de barbitúricos — foi ignorado por Niles e o punhado de idiotas uniformizados destacados para trabalhar com ele. O doutor estava convencido de que estava acontecendo uma “síndrome reversa da Dália Negra” — os três defuntos encontrados até agora tinham recebido um total de quatro colunas na parte interna dos jornais, os editores afastando-se porque Martin Goines era lixo, e porque todo o negócio era uma merda de veados que não era possível publicar sem que a Legião da Decência e as Mães Católicas Preocupadas pegassem no seu pé.

O capitão Dietrich ouvira-o ontem, fatos, teorias, omissões, mentiras e sua mentira gigantesca — a cascata da loja de *doughnuts* para encobrir sua ida à Tamarind 2.307, ainda não informada. O capitão balançara a cabeça confirmando, depois disse que *tentaria* conseguir que a bola rolasse entre o DPLA e o DXLA. Detetives do xerifado estavam fora de questão — os outros três homens do esquadrão da delegacia estavam atolados, e o

Departamento de Detetives do Condado consideraria o caso Goines muito pouco importante e muito confuso agora que policiais do DPLA estavam envolvidos. Ele tinha um colega que trabalhava na vigilância diurna em Hollywood — um tenente chamado Poulson, que permanecera com Mickey C. apesar de Brenda A. Falaria com o sujeito sobre a possibilidade de os dois departamentos montarem uma equipe de homicídios conjunta e declarou de novo que achava que isso dependeria da qualidade das vítimas. Se as vítimas dois ou três fossem drogados, ex-presidiários ou bichas — esqueça. Se fossem pessoas decentes — talvez. E a não ser que o caso rendesse algum tutano, com uma equipe do DPLA/DXLA formada, ele estaria fora do caso em dez dias, com Martin Mitchell Goines, morto em 1/1/50, jogado no arquivo morto.

Sobre suas evidências coletadas na Tamarind 2.307:

Com duas exceções, só coisa repetida, o que Hans Maslick chamava de “negativas duplas para provar situações positivas”. Ele obtivera um conjunto de impressões desconhecidas que combinavam com o dedo que faltava no homem mais alto; Layman também tirara as impressões dos dois defuntos. O resíduo de pasta branca que ele envelopara era obviamente o adesivo dental que levara o doutor à sua teoria 99% certa sobre a dentadura. Leo Bordoni não tocou superfícies que retinham impressões enquanto esteve no cômodo; os três jogos de roupas tiveram de ser deixados para trás para o caso de o assassino ser capturado e confessar especificamente tê-las deixado dobradas em cima da privada. Os traços de pó e terra eram inúteis até que ele tivesse um suspeito com quem fazer comparações — deixando-lhe apenas dois saltos para o DPLA e o assassino: suas fotos das marcas de sangue e sua ocasião de investigar sozinho a Tamarind Street se os gorilas do DPLA afrouxassem a investigação deles. Pesadelos e uma grande dificuldade.

Depois de deixar o necrotério no dia anterior, foi até uma loja de material fotográfico e pagou o quádruplo do preço normal para que seus filmes fossem revelados imediatamente. O homem do balcão olhou esquisito para sua aparência desleixada, mas aceitou o dinheiro; ele esperou enquanto o serviço era feito. O homem entregou as cópias e os negativos uma hora depois, comentando: “Essas paredes são o que vocês chamam de arte moderna?” Ele rira, rira e rira enquanto ia para casa — os risinhos morrendo quando prendeu as fotos num quadro de cortiça que pendurara ao lado das caixas de dossiês.

O sangue, em preto e branco brilhante, era dissonante, não natural, as fotos eram coisas que ele jamais poderia deixar que alguém visse, mesmo que

resolvesse todos os homicídios. Era reconfortante pensar nelas como apenas suas; passou horas apenas olhando, vendo desenhos dentro de desenhos. Marcas de pingos tornavam-se estranhos apêndices corporais; marcas de borrifos eram facas cortando-os. Os circuitos visuais ficaram tão ilógicos que ele se voltou para seu livro de história de casos: marcas de borrifos de sangue exemplificadas. Os casos elaborados eram todos na Alemanha e no norte da Europa, psicopatas representando fantasias de vampiro, borrifando o sangue da vítima sobre objetos convenientes, afirmando a loucura com a criação de imagens de pouco ou nenhum significado. Nada que lembrasse a formação da letra T; nada que tivesse a ver com dentaduras.

Dentaduras.

Sua única pista segura vinha das vítimas dois e três.

Não humanos.

Poderiam ser dentes de aço, poderiam ser dentes de plástico, poderiam ser dentes arrancados de carcaças de animais. O próximo passo investigativo era uma caça total à papelada: homens capazes de fazer dentaduras comparados com “alto, meia-idade”, “grisalho”, “sangue O positivo” e a oportunidade temporal.

Agulhas num palheiro.

Ontem ele dera o primeiro passo, verificando listas de laboratórios dentários nos sete catálogos de Páginas Amarelas da cidade e do condado de LA. Havia um total de 349, além de, considerando a possível hipótese da carcaça animal, 93 oficinas de taxidermistas. Um telefonema a um laboratório escolhido ao acaso e uma longa conversa com um gerente solícito garantiu-lhe esta informação: o número 349 era baixo; LA era um grande centro da indústria dentária. Alguns laboratórios não anunciavam nas Páginas Amarelas; alguns dentistas tinham protéticos trabalhando em seus consultórios. Se um homem trabalhasse com dentaduras humanas poderia aplicar a mesma habilidade com dentes de animais ou de plástico. *Ele* não conhecia qualquer laboratório especializado em dentes de animais, boa sorte, detetive Upshaw, você teve o seu trabalho reduzido.

Depois, uma ida à delegacia. Karen Hiltscher estava acabando de voltar para o serviço; ele levou doce e flores para esfriar a curiosidade dela com relação à Tamarind e qualquer reclamação pelo maior dilúvio de trabalho escuso que já colocara em cima dela: todos os dossiês individuais da delegacia e do Departamento do Xerife verificados em busca de homens que já tivessem trabalhado em laboratórios de prótese dentária, além de

eliminações a partir do tipo sanguíneo e descrições físicas; início de ligações para sua lista de laboratórios dentários em busca de empregados do sexo masculino com as mesmas características físicas. A garota recebeu os presentes enquanto um grupo que matava hora na sala de reuniões gargalhava; ela pareceu magoada e chateada, não mencionou o 2.307 e concordou, com um beicinho irritado *à la* Bette Davis, em fazer as investigações em seu “tempo livre”. Ele não pressionou; ela sabia que tinha levado a melhor.

Danny terminou de trabalhar nos dossiês, pensando na Tamarind Street como território virgem para investigação, perguntando-se se o parceiro de roubos que Leo Bordoni mencionara tinha a ver com o caso, se estava ou não ligado ao rapaz de cara queimada no passado de Martin Goines. Agora sua papelada totalizava umas cinquenta páginas; ele passara quinze das últimas 24 horas escrevendo. Resistira ao impulso de rodar pela Tamarind, esperar, olhar, falar com os moradores, agir prematuramente com relação ao DPLA. Se Niles tivesse recebido uma pista sobre o local, o Dr. Layman teria telefonado para ele; provavelmente a rua continuava simplesmente existindo, normal, enquanto os moradores esqueciam pequenos acontecimentos que poderiam resolver seu caso. Telefonar para Dietrich falando da pista do Hospital Lexington, fingindo que tinha acabado de receber o telefonema em casa, depois colocar Karen a par da mentira? Ou fazer isso depois, sem arriscar o contato do capitão com seu colega do DPLA, o serviço conjunto entre as agências, que *ele* pedira?

Sem controvérsia. Danny foi para Hollywood, para a Tamarind Street.

O quarteirão *estava* como sempre, mais quente do que há dois dias, trânsito de pedestres na calçada, gente sentada nas varandas, cortando grama e aparando arbustos. Danny estacionou e fez entrevistas, um zero redondo até o meio da tarde: nenhum acontecimento estranho na vizinhança, nenhum veículo estranho, nenhuma informação sobre Marty Goines, nada incomum acontecendo na Tamarind 2.307, com um apartamento em cima da garagem nos fundos. Ninguém espreitando, nenhum barulho estranho, zero — e ninguém mencionou seu Chevy castanho estacionado na rua. Ele estava começando a se sentir convencido de suas manobras quando uma velha que passeava com um cão parecendo salsicha em miniatura respondeu à sua principal pergunta com um sim.

Há três noites, por volta das dez horas, ela estivera caminhando com Wursti e viu um homem alto com um lindo cabelo prateado caminhando para

a garagem do 2.307, com um “bêbado cambaleando” de cada lado do corpo. Não, ela nunca tinha visto qualquer dos três homens antes; não, nenhum barulho estranho saiu do apartamento sobre a garagem em seguida; não, ela não conhecia a dona da casa da frente; não, os homens não falavam um com o outro, e ela duvidava de que pudesse identificar o homem de cabelos prateados caso o visse outra vez.

Danny deixou a mulher ir embora, voltou ao seu carro, acomodou-se para manter uma vigilância ao 2.307. Instintos golpearam-no com força.

Sim, o assassino acampanava o local para ver se policiais apareciam. Sim, ele já planejava o local de desova no Griffith Park. O nome de Goines jamais chegou aos jornais. Era simplesmente um vagabundo, o assassino sabia que o local de assassinato não estava comprometido pela publicidade de Goines. Os únicos conhecidos de Goines que sabiam da morte eram os jazzistas que ele interrogara, o que eliminava esses músicos como suspeitos — com Goines identificado pela lei, nenhum assassino esperto traria futuras vítimas ao apartamento do sujeito. *O que significava que, se a polícia não aparecesse com força total na Tamarind Street, o assassino poderia trazer outras vítimas para cá. Manter a pista longe do DPLA, manter a campana, rezar para que o assassino não tivesse testemunhado a sua invasão ou a de Bordoni e as entrevistas feitas hoje, fique frio e talvez ele entre dançando na sua vida levando o número quatro pelo braço.*

Danny esperou, olhar fixo na casa, retrovisor ajustado para enquadrar a entrada de veículos. O tempo se esticava; um homem de aparência errada passou, depois duas velhas empurrando carrinhos de compras e um punhado de garotos usando blusões da Hollywood High. Uma sirene soou, aproximando-se; Danny pensou em encrencas no Boulevard.

Depois, tudo aconteceu muito depressa.

Uma velha abriu a porta da frente do 2.307; um carro não oficial lançou-se na entrada de veículos. O sargento Gene Niles saiu, olhou para o outro lado da rua e viu-o — alvo fácil no carro em que ele estivera no Griffith Park na manhã de ontem. Niles começou a se aproximar; a velha interceptou-o, apontando para o apartamento da garagem. Niles parou; a mulher agarrou as mangas de seu paletó; Danny começou a procurar mentiras. Niles deixou-se ser guiado pela entrada de veículos. Danny começou a ter calafrios — e foi para a delegacia inventar alguma cobertura.

Dietrich estava parado junto à entrada do esquadrão, mastigando um cigarro; Danny o pegou pelo braço e guiou-o até a privacidade de sua sala. Dietrich aceitou, girando assim que Danny fechou a porta.

— O tenente Poulson acabou de me ligar. Gene Niles acabou de ligar para ele, porque recebeu um telefonema da senhoria de Martin Goines. Sangue e roupas ensanguentadas espalhados por todo o apartamento de Goines, a um quilômetro e meio do Griffith Park. As duas vítimas do DPLA obviamente foram mortas lá, você foi visto de campana no lugar e fugiu às pressas. Por quê? Que seja uma coisa boa, para eu não ter de suspendê-lo.

Danny tinha a resposta pronta.

— Um homem do Hospital Estadual Lexington ligou para minha casa hoje de manhã e disse que tinha recebido uma carta de Martin Goines, endereçada a outro paciente. O endereço do remetente era North Tamarind 2.307. Eu pensei naquela conversa que nós tivemos, sobre lubrificar as coisas com Poulson, nós cooperarmos mesmo que Niles bancasse o ranzinza. Mas eu não confiava que o DPLA fosse investigar as vizinhanças de modo adequado, por isso fui eu mesmo. Estava tirando um descanso no meu carro quando Niles me viu.

Danny pegou um cinzeiro e apagou o cigarro.

— E não telefonou para mim? Com uma pista tão quente?

— Eu me precipitei, senhor. Desculpe.

— Não sei se engulo a sua história. Por que não conversou com a senhoria antes de investigar as redondezas? Poulson disse que Niles lhe contou que a mulher estava abalada, foi ela quem descobriu a sujeira.

Danny deu de ombros, tentando minimizar a questão.

— Eu bati na porta antes, mas talvez a dona não tenha ouvido.

— Poulson disse que ela parecia uma senhora bem alerta. Danny, você estava na vizinhança aproveitando uma matinê?

A pergunta não fez sentido.

— O que você quer dizer, num cinema?

— Não, numa xota. O seu rabo de saia mora perto daquela loja de *doughnuts*, onde você ouviu sobre a descoberta das vítimas ontem. E a Tamarind fica perto dali. Você estava trepando na hora de serviço?

O tom de voz de Dietrich amaciara; Danny botou as mentiras em dia.

— Fiz as entrevistas, depois fui trepar. Estava descansando no meu carro quando Niles apareceu.

Dietrich sorriu/fez careta; o telefone em sua mesa tocou. Ele atendeu e disse:

— Sim, Norton, ele está aqui. — Ouviu e acrescentou: — Uma pergunta. Você tem as fichas dos dois homens?

Um longo silêncio. Danny ficou balançando sobre os pés junto à porta; Karen Hiltcher abriu-a devagar, largou um punhado de papéis sobre a mesa do capitão e saiu de olhos baixos. Danny pensou: não deixe o capitão dizer a ela que eu tenho uma mulher; não deixe ela dizer a ele que tinha me repassado o telefonema de Lexington.

— Espere, Norton — disse Dietrich. — Quero falar com ele primeiro. — Em seguida, cobriu o fone com a mão e falou com Danny. — Os dois corpos do DPLA foram identificados. São lixo, de modo que estou lhe dizendo agora: nada de investigação juntando as duas polícias, e você tem mais cinco dias para trabalhar com o Goines antes de eu arrancá-lo. O mercado Sun-Fax foi assaltado hoje de manhã e se não resolvermos o caso até lá, quero você nele. Não vou tomar uma atitude por você não ter informado o endereço de Goines, mas estou avisando: fique fora do caminho do DPLA. Tom Poulson é um amigo íntimo, nós continuamos amigos apesar de Mickey e Brenda, e não quero que você estrague isso. Agora, Norton Layman quer falar com você.

Danny pegou o telefone.

— Sim, doutor.

— É sua fonte amigável na cidade. Tem um lápis?

Danny pescou no bolso o bloco e a caneta.

— Manda ver.

— O homem mais alto é George William Wiltsie, data de nascimento 14/9/13. Duas prisões por prostituição masculina, expulso da Marinha em 39 por torpeza moral. O outro homem era ligado a Wiltsie, talvez caso dele. Duane Lindenaur, data de nascimento 5/12/16. Uma prisão por extorsão, em junho de 1941. O caso não foi a julgamento... a pessoa que tinha feito a acusação retirou-a. Não está citado o emprego de Wiltsie; Lindenaur trabalhava como escritor de diálogos na Variety International Pictures. Ambos moravam no Ventura Boulevard, 11.778, no Leafy Glade Motel. O DPLA está indo para lá agora, de modo que fique longe. Isso deixa você feliz?

Danny enumerou mentiras.

— Não sei, doutor.

De seu cubículo Danny ligou para o Setor de Pesquisas e Informações e para o Departamento de Trânsito e conseguiu os registros completos das vítimas dois e três. George Wiltsie foi preso por praticar atos indecentes em bares em 40 e 41; o promotor abandonou as acusações nas duas vezes por falta de provas, e o sujeito possuía uma enorme lista de infrações de trânsito. Duane Lindenaur estava limpo no Departamento de Trânsito, e tinha apenas a acusação de extorsão, abandonada, que o Dr. Layman mencionara. Danny pediu que o funcionário do Setor de Informações enunciasse as prisões das vítimas de acordo com os locais; as prisões de Wiltsie tinham acontecido em jurisdição do município, a de Lindenaur fora na parte sudeste do condado, patrulhada pela delegacia de Firestone. Uma requisição para verificar a ficha de Lindenaur lhe rendeu o nome do policial que fizera a prisão — sargento Frank Skakel.

Danny ligou para o Departamento de Pessoal do Xerifado e ficou sabendo que Skakel continuava trabalhando na delegacia de Firestone. Ligou para ele lá, foi atendido pela telefonista que o passou para o esquadrão.

— É Skakel. Fale.

— Sargento, aqui é o detetive Upshaw, West Hollywood.

— Sim, detetive.

— Estou trabalhando num homicídio que tem ligação com dois outros acontecidos em área do DPLA, e você prendeu uma das vítimas em 41. Duane Lindenaur. Lembra-se dele?

— Lembro. Ele estava chantageando um advogado rico chamado Hartshorn, acusando-o de veadagem. O sujeito gostava de garotos, mas era casado e tinha uma filha que adorava. Lindenaur conheceu Hartshorn através de um serviço de apresentação de “frutas”, transou com ele e ameaçou contar à filha de Hartshorn que ele era veado. Hartshorn ligou para nós, nós arrochamos Lindenaur, depois Hartshorn ficou com medo de testemunhar no tribunal e retirou as acusações.

— Sargento, Hartshorn era alto e grisalho?

Skakel gargalhou.

— Não. Baixo e careca que nem um beagle. O que isso tem a ver com o serviço? Você tem alguma pista?

— Lindenaur está na área metropolitana, e ainda não há pistas reais. O que você achou de Hartshorn?

— Ele não é assassino, Upshaw. É rico, tem influência e não vai dar atenção a você. Além disso, morte de veado não vale o esforço, e Lindenaur

era um vagabundo. Eu digo que *c'est la vie*, deixe as bichas mortas em paz.

De volta à cidade, dessa vez com luvas de pelica, nada para gerar mais mentiras e encrencas. Danny foi até a Variety International Pictures esperando que Gene Niles passasse uma quantidade de tempo decente no Leafy Glade Motel. Com o lado de Goines empacado, as vítimas dois e três eram material quente, e Lindenaur, como escriba de estúdio e chantagista, parecia mais quente do que Wiltsie como garoto de programa.

Facções sindicalistas rivais faziam piquete junto ao portão da frente; Danny estacionou do outro lado da rua, colocou uma plaqueta de “veículo oficial da polícia” no para-brisa, baixou a cabeça e serpenteou através de um labirinto de corpos que sacudiam cartazes. O guarda no portão estava lendo um tabloide de escândalos com uma coluna espalhafatosa sobre os *seus* três assassinatos — detalhes gosmentos vazados por uma “fonte confiável” do necrotério de LA. Danny examinou meia página enquanto pegava o distintivo, com o guarda envolvido na matéria, mastigando um charuto. Agora os dois casos estavam conectados na letra impressa — ainda que apenas pelo *LA Tattler* — e isso significava a possibilidade de mais tinta, noticiário de rádio e televisão, confissões falsas, pistas falsas e montes de besteira.

Bateu na parede; o mastigador de charuto baixou o jornal e olhou para o distintivo estendido.

— Sim? Está procurando quem?

— Quero falar com as pessoas que trabalhavam com Duane Lindenaur.

O guarda nem piscou à menção do nome; o nome de Lindenaur ainda não tinha chegado ao tabloide. Ele verificou um papel numa prancheta e disse:

— Estúdio 23, o escritório ao lado do cenário de internas de *O Massacre do tomahawk*. — Apertou um botão e apontou. O portão foi aberto. Danny abriu caminho por um longo trecho de asfalto cheio de atores fantasiados. A porta do estúdio 23 estava escancarada; logo dentro dela, três mexicanos limpavam tinta de guerra dos rostos. Lançaram olhares entediados para Danny; ele viu uma porta onde estava escrito COPIDESQUE, foi até lá e bateu. Uma voz gritou:

— Está aberta.

Danny entrou. Um jovem magro, vestido de tweed e com óculos de chifre, estava enfiando folhas numa pasta.

— Você é o cara que vai substituir Duane? Ele não aparece há três dias e o diretor precisa de diálogos adicionais rapidinho.

Danny atacou depressa.

— Duane está morto, o amigo dele, George Wiltsie, também. Assassina-
dos.

O rapaz largou a pasta; suas mãos subiram e ajustaram os óculos.

— As-as-assassina-
dos?

— Isso mesmo.

— E o s-s-senhor é policial?

— Detetive do Xerifado. Você conhecia Lindenaur bem?

O rapaz pegou sua pasta e deixou-se cair numa cadeira.

— N-não, não muito bem. Só aqui no trabalho, só superficialmente.

— Você se encontrava com ele fora do estúdio?

— Não.

— Você conhecia George Wiltsie?

— Eu sabia que Duane e ele moravam juntos, porque Duane me contou.

Danny engoliu em seco.

— Eles eram amantes?

— Eu nem sonharia em especular sobre o relacionamento deles. Só sei que Duane era quieto, que era bom para reescrever roteiros e que trabalhava barato, o que é uma grande vantagem neste campo de trabalho escravo.

Houve o barulho de um pé do lado de fora da porta. Danny virou-se e viu uma sombra recuando. Olhando para fora, viu as costas de um homem que caminhava rápido até um lugar onde se encontravam várias câmeras e equipamentos de iluminação. Foi atrás; o homem ficou ali parado, mãos nos bolsos, a pose clássica de “nada tenho a esconder”.

Danny abordou-o, desapontado por ele ser jovem e de estatura média, sem cicatrizes de queimadura no rosto, na melhor das hipóteses um transporte de drogas de segunda classe.

— O que você estava fazendo ouvindo do lado de fora daquela porta?

O sujeito mais parecia um garoto — magro, cheio de acne, voz aguda com um traço de cicio.

— Eu trabalho aqui. Sou cenógrafo.

— O que lhe dá o direito de bisbilhotar o trabalho oficial da polícia?

O garoto ajeitou o cabelo.

— Eu lhe fiz uma pergunta — disse Danny.

— Não, isso não me dá...

— Então por que estava ali?

— Ouvi você dizer que Duane e George estavam mortos, e eu conhecia os dois. Você sabe...

— Não, não sei quem matou os dois, caso contrário não estaria aqui. Você conhecia os dois *bem*?

O garoto brincou com o topete.

— Eu almoçava com Duane, e conhecia George a ponto de dizer olá quando ele vinha pegar Duane.

— Acho que vocês três tinham um bocado de coisas em comum, certo?

— É.

— Você costumava se encontrar com Lindenaur e Wiltsie fora daqui?

— Não.

— Mas vocês conversavam, porque tinham uma quantidade tão grande de coisas em comum, certo?

O garoto olhou para o chão, um dos pés desenhando oitos preguiçosos.

— Sim senhor.

— Então diga-me o que havia entre eles, e quem mais tinha a ver com eles, porque se há alguém por aqui que poderia saber, é você, certo?

O garoto encostou-se num refletor, de costas para Danny.

— Eles estavam juntos há muito tempo, mas gostavam de se divertir com outros caras. Georgie era barra-pesada, e na maior parte do tempo vivia à custa de Duane, mas algumas vezes trabalhava para um serviço de acompanhantes. Não sei mais nada, então posso ir embora agora?

Danny pensou em seu telefonema para a delegacia de Firestone — Lindenaur conhecera o homem a quem chantageou através de “um serviço de apresentação de frutas”.

— Não. Qual o nome do serviço de acompanhantes?

— Não sei.

— Com quem mais Wiltsie e Lindenaur se divertiam? Dê-me alguns nomes.

— Não sei e não tenho nenhum nome!

— Pare de gemer. Que tal um homem alto e grisalho, de meia-idade. Lindenaur ou Wiltsie mencionaram um homem assim?

— Não.

— Aqui há algum homem com esta descrição?

— Há um milhão de homens em LA com essa descrição, então, por favor...

Danny apertou o pulso do garoto, viu o que estava fazendo e soltou.

— Não levante a voz para mim, só responda. Lindenaur, Wiltsie, um homem alto e grisalho.

O garoto virou-se e esfregou o pulso.

— Não conheço nenhum homem assim, mas Duane gostava de caras mais velhos, e ele me dizia que adorava cabelos grisalhos. Está satisfeito agora?

Danny não conseguiu sustentar o olhar dele.

— Duane e George gostavam de jazz?

— Não sei, nós nunca falávamos de música.

— Algumas vezes eles falavam sobre roubo a residências ou sobre um homem próximo dos trinta anos com cicatriz de queimadura no rosto?

— Não.

— Algum deles gostava de animais?

— Não, só de outros caras.

— Saia daqui — disse Danny e em seguida afastou-se, com o garoto ainda encarando-o. Agora a rua asfaltada estava deserta, enquanto o crepúsculo se aproximava. Foi até o portão da frente; uma voz saindo da guarita fez com que parasse.

— Ei, policial. Você tem um minuto?

Danny parou. O homem careca com camisa polo e calças de golfe saiu e estendeu a mão.

— Eu sou Herman Gerstein. Administro este lugar.

Área metropolitana. Danny apertou a mão de Gerstein.

— Meu nome é Upshaw. Sou detetive do Xerifado.

— Ouvi dizer que estava procurando pelos caras com quem um roteirista trabalha. Verdade?

— Duane Lindenaur. Ele foi assassinado.

— Isso é mau. Não gosto quando meu pessoal vai embora sem me dizer. Qual é o problema, Upshaw? Você não está rindo.

— Não foi engraçado.

Gerstein pigarreou.

— A cada um o que lhe é devido. Eu não preciso implorar gargalhadas, tenho comediantes para isso. Antes que vá embora, quero lhe informar uma coisa. Estou cooperando com uma investigação do júri de instrução sobre a influência de comunistas em Hollywood, e não gosto da ideia de policiais estranhos fazendo perguntas por aqui. Entendeu? A segurança nacional está acima da morte de um roteirista.

Danny corrigiu a partir de princípios gerais.

— A morte de um veado roteirista.

Gerstein olhou-o de cima a baixo.

— Bom, isso realmente não foi engraçado, porque eu jamais deixaria um notório homossexual trabalhar no meu estúdio sob qualquer condição. *Jamais*. Está claro?

— Nitidamente.

Gerstein tirou três charutos compridos do bolso da calça e enfiou-os no bolso da camisa de Danny.

— Desenvolva um senso de humor e talvez você vá a algum lugar. E se tiver de aparecer aqui de novo, procure-me primeiro. Entende?

Danny jogou os charutos no chão, pisou neles e saiu pelo portão.

Uma verificação nos jornais locais e mais trabalho telefônico vinham em seguida.

Danny foi até a esquina de Hollywood com Vine, comprou os quatro diários de LA, estacionou numa área proibida e leu. O *Times* e o *Daily News* não tinham coisa alguma sobre o seu caso; o *Mirror* e o *Herald* deram uma nota superficial numa das últimas páginas: “Corpos mutilados encontrados no Griffith Park” e “Indigentes mortos descobertos ao amanhecer” eram as respectivas manchetes. Seguiam-se descrições expurgadas das mutilações; Gene Niles pôs a boca no trombone falando da natureza aleatória do crime. Não havia qualquer menção sobre a identificação das vítimas e nada relativo à morte de Martin Goines.

Havia um telefone público perto da banca. Danny ligou para Karen Hiltcher e conseguiu o que esperava — as indagações nos laboratórios dentários estavam indo muito devagar, dez negativas desde que ele lhe dera o serviço; os telefonemas dela para outras delegacias do DXLA e para o Departamento de Detetives em busca de ladrões que já tivessem trabalhado como protéticos renderam um zero total — não existiam homens assim. Ligações para dois taxidermistas renderam o fato de que todos os animais empalhados usavam dentes plásticos; dentes de animais verdadeiros não apareciam nas dentaduras, só nas bocas de criaturas que continuavam de pé. Danny insistiu para que Karen continuasse tentando, despediu-se com sons de beijo e discou para o Moonglow Lounge.

Naquela noite Janice Modine não trabalhava de garçoneiro, mas John Lembeck estava bebendo no bar. Danny foi legal com o homem a quem deixara de espancar; o ladrão de carros/cafetão foi legal em troca. Danny sabia que ele era bom para alguma informação gratuita, e pediu-lhe dados sobre cafetões homossexuais e serviços de acompanhamento. Lembeck disse que o único serviço de veados que ele conhecia era chique, discreto e administrado por um homem chamado Felix Gordean, um agente de talentos legítimo com escritório na Strip e uma suíte no Chateau Marmont. O próprio Gordean não era fruta, mas fornecia garotos para a elite de Hollywood e para os ricos de LA.

Danny pediu para Lembeck ficar frio e levou sua dica sobre Gordean ao serviço noturno do Setor de Pesquisa e Informações e o Departamento de Trânsito. Dois telefonemas, duas fichas limpíssimas e três endereços elegantes: Sunset 9.817 era o escritório, o Chateau Marmont, mais abaixo na Strip, número 7.941, era o apartamento, uma casa de praia em Malibu: Pacific Coast Highway 16.822.

Com uma moeda de dez e uma de cinco centavos no bolso, Danny aproveitou uma intuição. Ligou para a delegacia de Firestone, foi atendido pelo sargento Frank Skakel e perguntou-lhe o nome do “serviço de apresentação de frutas”, onde o chantagista Duane Lindenaure encontrou o extorquido Charles Hartshorn. Skakel grunhiu e disse que ligaria para Danny no telefone público; dez minutos depois, telefonou e disse que conseguira o relatório de queixa original. Lindenaure conheceu Hartshorn numa festa dada por um homem que era dono de um serviço de acompanhantes — Felix Gordean. Skakel terminava com o *seu* alerta: enquanto estava escavando os dossiês, um colega do esquadrão deu-lhe uma notícia: Gordean estava pagando uma nota preta à Delegacia de Costumes do Xerifado.

Danny foi até o Chateau Marmont, um *apart-hotel* imitando uma ostentosa fortaleza renascentista. O prédio principal era enfeitado de pequenas torres e parapeitos, e havia um pátio interno com bangalôs adornados de modo semelhante, ligados por caminhos — rodeados por cercas vivas altas e perfeitamente aparadas. Luzes de gás na extremidade de postes de ferro fundido iluminavam as placas de endereço; Danny seguiu uma fileira serpenteante de números até o 7.941, ouviu música dançante saindo de trás da cerca viva e foi em direção à porta. Então, um sopro de vento afastou as luzes do céu e o luar captou dois homens em traje de noite beijando-se, balançando-se juntos na varanda escura.

Danny olhou; a lua foi eclipsada por mais nuvens; a porta se abriu e deixou entrar os homens — risos, um *crescendo* de música e alguns segundos de brilho facilitando a entrada deles. Danny prosseguiu na ponta dos pés, espremeu-se entre a cerca viva e a parede da frente e andou cauteloso até uma grande janela panorâmica coberta por cortinas de veludo. Havia um espaço estreito onde as duas dobras de púrpura estavam separadas, com uma tira de luz dando acesso a smokings girando sobre o parquete, tapeçarias na parede, o brilho de copos erguidos. Danny encostou o rosto na janela e olhou.

Tão de perto, captou um borrão distorcido, mau funcionamento da câmera humana. Recuou para que seus olhos pudessem captar um enquadramento mais abrangente, viu smokings entrelaçados em movimento, tangos de rosto colado, só homens. Os rostos estavam encostados um no outro, de modo que não podiam ser distinguidos individualmente; Danny abriu o zoom, fechou, abriu, fechou, até estar encostado no vidro da janela com o arbusto espinhento entre as pernas, os olhos tentando planos médios, closes, rostos.

Mais borrão, vislumbres de braços, pernas, um carrinho sendo empurrado e um homem de branco carregando uma tigela de ponche. Abriu, fechou, abriu, focou melhor, nenhum rosto, depois Tim e Coleman, o sax-alto, juntos, balançando com o jazz. Os espinhos do arbusto doendo; Tim desaparecido, substituído por um louro com jeito de ingênuo. Depois as sombras matando sua visão, suas lentes clareadas por um passo atrás — e uma visão perfeitamente emoldurada de duas bichas gordas, feias, dando beijo de língua, tudo pele oleosa muito raspada e brilhantina luzindo.

Danny foi para casa, vendo San Berdoo em 39 e Tim olhando-o atravessado quando ele não quis ser o segundo com Roxie. Encontrou sua garrafa de reserva, engoliu as quatro doses padrão e viu a coisa pior, Tim reprovando-o, dizendo: “É, era só brincadeira, mas você gostou de verdade.” Mais duas doses, o Chateau Marmont em Technicolor, todos os bonitos que ele sabia que tinham o corpo de Tim.

Então foi direto para a garrafa, bebida de qualidade queimando que nem biritá vagabunda, dando uma de câmera humana com mulheres, mulheres, mulheres. Karen Hiltcher, Janice Modine, strippers que ele havia interrogado por causa de um assalto no Club Largo, peitos e xotas à mostra no camarim, habituadas a homens olhando para aquelas coisas. Rita Hayworth, Ava Gardner, a garota da chapelaria no Dave’s Blue Room, sua mãe saindo da banheira antes de ficar gorda e se tornar testemunha de Jeová. Tudo feio e errado, como as duas bichas no Marmont.

Danny bebeu de pé até que as pernas desmontaram. Ao cair, conseguiu jogar a garrafa na parede. Acertou uma foto erótica das manchas de sangue na Tamarind 2.307.

CAPÍTULO XVI

Mal ajeitou suas mentiras junto à porta e tocou a campainha. Saltos altos sobre madeira dura ecoaram dentro da casa; ele puxou o colete para baixo a fim de cobrir a cintura frouxa — muitas refeições esquecidas. A porta se abriu e a Rainha Vermelha estava ali parada, perfeitamente penteada, elegantemente vestida em seda e tweed — às nove e meia da manhã.

— Sim? O senhor é vendedor? Há um regulamento em Beverly Hills contra vender de porta em porta, o senhor sabe.

Mal sabia que ela sabia que não era assim.

— Sou do escritório da Promotoria.

— Beverly Hills?

— Cidade de Los Angeles.

Claire De Haven sorriu — riso digno de estrela de cinema.

— Minha quantidade de multas como pedestre imprudente?

Dissimulação digna de policial — Mal sabia que ela o identificara como o sujeito bonzinho do interrogatório de Lopez/Duarte/Benavides.

— A cidade precisa de sua ajuda.

A mulher deu um risinho — elegante — e segurou a porta aberta.

— Entre e conte-me sobre isso, Sr...?

— Considine.

Claire repetiu o nome e ficou de lado; Mal entrou numa grande sala de estar mobiliada com motivos florais: divãs com padronagem de gardênia, poltronas de orquídeas, mesinhas e estantes com incrustações de margaridas em madeira. As paredes eram cheias de cartazes de cinema — filmes antinazistas populares no final da década de 30 e início da de 40. Mal foi até um cartaz espalhafatoso alardeando *Alvorecer dos justos* — um russo nobre diante de um camisa-negra com cara de babão brandindo uma Luger. A luz do sol fazia um halo no mocinho; o alemão ficava sombreado no escuro. Com Claire De Haven observando-o, ele contra-atacou.

— Sutil.

Claire gargalhou.

— Artístico. O senhor é advogado, Sr. Considine?

Mal girou. A Rainha Vermelha estava segurando um copo cheio de líquido transparente e gelo. Ele não conseguiu sentir cheiro de gim e apostou em vodca — mais elegante, sem bafo de bebida.

— Não, sou investigador e estou trabalhando na Divisão do Júri de Instrução. Posso me sentar?

Claire apontou para duas poltronas, uma diante da outra, a cada lado de uma mesinha de xadrez.

— Eu estou me esquentando com isto. Gostaria de café ou de uma bebida?

— Não — disse Mal e sentou-se. A poltrona era estofada em couro; as orquídeas eram seda bordada. Claire De Haven ocupou a poltrona do outro lado e cruzou as pernas.

— Você é louco se pensa que algum dia eu seria informante. Não serei, meus amigos não serão, e temos os melhores advogados que o dinheiro pode comprar.

Mal desconsiderou o caso dos três mexicanos.

— Srta. De Haven, isto, no máximo, é uma entrevista para limpar a situação. Meu parceiro e eu abordamos seus amigos na Variety International do modo errado, nosso chefe está muito irritado e nossas verbas foram cortadas. Quando recebemos a primeira papelada sobre a AUFC, material antigo da Comissão de Atividades Antiamericanas, não encontramos o seu nome mencionado, e todos os seus amigos pareciam... bem... bastante doutrinários. Decidi seguir uma intuição e apresentar à senhorita o meu caso, esperando que mantenha a mente aberta e considere razoáveis alguns aspectos do que vou lhe dizer.

Claire De Haven sorriu e bebericou seu drinque.

— O senhor fala muito bem para um policial.

Mal pensou: e você entorna vodca de manhã e trepa com bandidos *cucarachas*.

— Eu cursei Stanford e fui major da Polícia Militar na Europa. Estive envolvido em levantar provas para condenar criminosos de guerra nazistas, de modo que a senhora vê que não sou totalmente desprovido de simpatia por esses cartazes nas suas paredes.

— Além disso, o senhor demonstra bem a empatia. E agora foi empregado pelos estúdios porque é mais fácil ver comunistas do que pagar

salários decentes. Você vai dividir, conquistar, fazer com que as pessoas denunciem e trazer especialistas. E causará apenas sofrimento.

Da zombaria ao frio ultraje em meio segundo, chapado. Mal tentou parecer desprezível, achando que poderia pegar a mulher se lhe desse uma briga difícil, mas a deixasse ganhar.

— Srta. De Haven, por que a AUFC não faz greve para conseguir suas exigências contratuais?

Claire tomou um gole lento.

— Os caminhoneiros iriam entrar e permanecer como trabalhadores temporários.

Uma boa abertura; uma última chance de bancar o bonzinho antes que eles recuassem, plantassem sujeira nos jornais e usassem elementos infiltrados.

— Fico satisfeito por ter mencionado os caminhoneiros, porque eles me preocupam. Caso esse júri de instrução tenha sucesso, e duvido que tenha, o passo seguinte seria uma força violenta contra os caminhoneiros. Eles estão muito infiltrados de elementos criminosos, assim como a esquerda americana está infiltrada de comunistas.

Claire De Haven ficou sentada imóvel, sem aceitar a isca. Olhou para Mal, os olhos demorando-se na automática pendurada em seu cinto.

— O senhor é um homem inteligente, então diga a que veio. Estilo tese, como aprendeu na aula de redação no primeiro ano em Stanford.

Mal pensou em Celeste — combustível para alguma indignação.

— Srta. De Haven, eu vi Buchenwald, e sei que o que Stalin está fazendo é igualmente ruim. Nós queremos chegar ao fundo da influência comunista *totalitária* na indústria do cinema e dentro da AUFC, *acabar com ela*, impedir que os caminhoneiros arrebenhem com vocês durante os piquetes e estabelecer através de testemunho alguma demarcação entre agressão de propaganda comunista *pesada* e atividade política de esquerda legítima. — Uma pausa, um dar de ombros, mãos erguidas num fingimento de frustração.

— Srta. De Haven, eu sou policial. Junto provas para colocar ladrões e assassinos na cadeia. Não gosto deste serviço, mas acho que ele precisa ser feito e vou fazê-lo do melhor modo possível. Dá para ver meu ponto de vista?

Claire pegou cigarros e um isqueiro na mesa e acendeu. Fumou enquanto Mal lançava o olhar pela sala, fingindo irritação por estar perdendo a calma. Finalmente ela disse:

— Ou o senhor é um ator muito bom ou tem alguns homens muito maus acima da sua cabeça. O que é? Honestamente, não sei.

— Não me trate com condescendência.

— Sinto muito.

— Não, não sente.

— Certo, não sinto.

Mal levantou-se e andou pela sala, bancando o homem de frente para o seu infiltrado. Percebeu uma estante cheia de molduras, examinou uma prateleira e viu uma fila de jovens bonitos. Cerca de metade fazia o tipo amante latino — mas Lopez, Duarte e Benavides estavam ausentes. Lembrou-se do comentário de Lopez para Lesnick: Claire era a única gringa que ele conhecera e que o havia chupado, e ele se sentia culpado porque somente putas faziam isso, e ela era a sua Madona comunista. Numa prateleira separada havia uma foto de Reynolds Loftis, sua retidão anglo-saxã parecendo incongruente. Mal girou e olhou para Claire.

— Suas conquistas, Srta. De Haven?

— Meu passado e meu futuro. Loucuras da mocidade empilhadas e o meu noivo à parte.

Chaz Minear tinha sido explícito com relação a Loftis — o que eles faziam, a sensação do peso dele. Mal se perguntou o quanto aquela mulher sabia sobre os dois, se ao menos adivinhava que Minear havia dedurado seu futuro marido à Comissão de Atividades Antiamericanas.

— Ele é um homem de sorte.

— Obrigada.

— Ele não é ator? Acho que levei meu filho a um filme que ele fez.

Claire apagou o cigarro, acendeu outro e ajeitou a saia.

— É, Reynolds é ator. Quando o senhor e seu filho viram o filme?

Mal sentou-se, jogando com datas.

— Logo depois da guerra, acho. Por quê?

— Só uma coisa que eu queria saber, já que estamos falando de modo civilizado. Duvido que o senhor seja tão sensível quanto se retrata, mas se é, eu gostaria de ilustrar um exemplo da dor que homens como você causam.

Mal apontou um polegar para a foto de Loftis.

— Com o seu noivo?

— É. Veja só, o senhor provavelmente viu o filme num cinema que estava passando reprises. Reynolds foi um ator *de muito* sucesso na década de 40, mas a Comissão de Atividades Antiamericanas do Estado da Califórnia

feriu-o quando ele se recusou a testemunhar em 1940. Muitos estúdios não queriam tocar nele por causa de sua política, e o único trabalho que ele conseguiu foi nos estúdios de terceira, com um homem medonho chamado Herman Gerstein.

Mal bancou o idiota.

— Poderia ter sido pior. Muitas pessoas entraram na lista negra por causa da comissão em 47. O seu noivo poderia ter entrado.

Claire gritou:

— Ele *entrou* na lista negra, e aposto que você sabe!

Mal recuou na cadeira; pensava que a tinha convencido de que não conhecia Loftis. Claire baixou a voz.

— Talvez o senhor soubesse. Reynolds Loftis, Sr. Considine. Sem dúvida o senhor sabe que ele pertence à AUFC.

Mal deu de ombros, arranjando uma mentira como cortina de fumaça.

— Quando a senhorita disse Reynolds, achei que era Loftis. Eu sabia que ele era ator, mas nunca tinha visto a foto dele. Olhe, vou lhe dizer por que fiquei surpreso. Um antigo esquerdista disse ao meu parceiro e a mim que Loftis era homossexual. Agora a senhorita está dizendo que ele é seu noivo.

Os olhos de Claire se estreitaram. Por meio segundo ela pareceu uma cascavel à espreita.

— Quem lhe disse isso?

Mal deu de ombros de novo.

— Um cara que costumava frequentar os piqueniques do Comitê de Sleepy Lagoon e caçar garotas lá. Esqueci o nome dele.

Cascavel à espera de um colapso nervoso; as mãos de Claire tremendo, as pernas sacudindo-se, batendo na mesa. Mal encarou os olhos dela e pensou tê-los visto com as íris diminuindo, como se ela estivesse misturando coisa de farmácia na vodca. Segundos se arrastaram; Claire ficou calma de novo.

— Sinto muito. Ouvir Reynolds descrito assim me deixa perturbada.

Mal pensou: não, não deixava — tinha sido Sleepy Lagoon.

— Sinto muito, eu não devia ter dito aquilo.

— Então por que disse?

— Porque ele é um homem de sorte.

A Rainha Vermelha sorriu.

— E não só por minha causa. Vai deixar que eu termine o que eu queria dizer?

— Claro.

— Em 47 alguém denunciou Reynolds à Comissão de Atividades Antiamericanas... só por boatos e por ouvir dizer, e ele *entrou* na lista negra imediatamente. Foi para a Europa e conseguiu trabalho em filmes experimentais de arte dirigidos por um belga que tinha conhecido em LA durante a guerra. Todos os atores usavam máscaras, os filmes criaram uma tremenda agitação, e Reynolds conseguiu sobreviver trabalhando neles. Até mesmo ganhou a versão francesa do Oscar em 48 e conseguiu trabalhos em filmes comerciais na Europa. Agora os *verdadeiros* estúdios de Hollywood estão oferecendo trabalho de verdade para ele em troca de dinheiro de verdade, o que terminará, se Reynolds for chamado diante de outra comissão, de um júri de instrução, de um tribunal ilegal ou do que quer que vocês chamem isso.

Mal levantou-se e olhou para a porta.

Claire falou:

— Reynolds jamais entregará nomes, eu jamais citarei nomes. Não arruine a vida boa que ele está começando a ter de novo. Não me arruine.

Ela até implorava com elegância. Mal fez um gesto que abarcava o estofamento de couro, as cortinas de brocado e uma pequena fortuna em seda bordada.

— Como você pode fazer pregação comunista e justificar tudo isto?

A Rainha Vermelha sorriu, se transformando de pedinte em musa.

— O bom trabalho que faço me permite uma prescrição de coisas boas.

Frase final digna de uma estrela.

Mal voltou ao carro e encontrou um bilhete enfiado debaixo do limpador de para-brisa:

“Capitão, como vai? Herman Gerstein ligou para Ellis com uma reclamação: um detetive do xerife andou se intrometendo na Variety International (homicídio de veado). Ellis falou com o comandante dele (o capitão Al Dietrich) sobre isso, e nós devemos dizer ao garoto para desistir. Vá à delegacia de West Hollywood quando terminar com C.D.H., por favor — D.S.”

Mal foi até a delegacia, puto por uma tarefa estúpida quando deveria estar orquestrando o próximo passo da equipe: matérias de rádio e jornal para convencer a AUFC de que o júri de instrução estava acabado. Viu o Ford de

Dudley Smith no estacionamento, deixou seu carro ao lado e caminhou até a porta da frente. Dudley estava de pé junto ao cubículo do despachante, falando para um capitão do xerife, uniformizado. Uma garota atrás da mesa telefônica estava flagrantemente espreitando, brincando com o fone de ouvido pendurado ao pescoço.

Dudley viu-o e chamou com o dedo; Mal foi até lá e ofereceu a mão ao oficial.

— Mal Considine, capitão.

O homem deu-lhe um aperto de esmagar os ossos.

— Al Dietrich. É bom conhecer uma dupla de rapazes da cidade que parecem seres humanos, e eu estava acabando de dizer ao tenente Smith aqui para não julgar muito duramente o detetive Upshaw. Ele tem um monte de ideias modernas sobre procedimentos e coisas assim, e é meio cabeça-dura, mas basicamente é um policial tremendamente bom. Com 27 anos já ser um detetive deve significar alguma coisa, certo?

Dudley soltou uma gargalhada de tenor.

— Esperteza e ingenuidade são uma combinação forte nos jovens. Malcolm, o nosso amigo está trabalhando no assassinato de um homossexual do condado, ligado a dois casos da cidade. Ele parece estar obcecado como apenas um jovem policial idealista pode ficar. Será que devemos dar ao garoto uma lição gentil sobre etiqueta e prioridades policiais?

— Uma lição breve — disse Mal e virou-se para Dietrich. — Capitão, onde está Upshaw agora?

— Numa sala de interrogatórios ali no corredor. Dois de meus homens capturaram um suspeito de assalto hoje de manhã, e Danny está dando o suadouro nele. Venham, vou mostrar, mas primeiro deixem que ele termine.

Dietrich guiou-os, passando pela sala de reuniões, até um corredor pequeno com cubículos onde havia espelhos que permitiam a visão de fora. Um alto-falante estalava com estática acima da última janela à esquerda.

— Ouçam só, o garoto é bom — disse o capitão. — E tentem ir devagar, ele tem mau humor e eu gosto dele.

Mal caminhou à frente de Dudley até o espelho. Olhando para dentro, viu um bandido que ele arrochara antes da guerra. Vincent Scoppettone, pistoleiro de Jack Dragna, estava sentado numa mesa aparafusada ao chão, as mãos algemadas numa cadeira soldada. O detetive Upshaw estava de costas para a janela pegando água num bebedouro de parede. Scoppettone remexia-

se na cadeira, seu uniforme do condado encharcado de suor nas pernas e nas axilas.

Dudley chegou perto.

— Ah, fantástico. Vinnie, o carcamano. Ouvi dizer que esse cara descobriu que uma das micheteiras dele estava distribuindo seus favores em outro lugar e enfiou uma espingarda calibre doze no canal do amor dela. Deve ter sido uma sujeira, ainda que rápida. Você sabe qual é a diferença entre uma avó italiana e um elefante? Dez quilos e um vestido preto. Não é ótimo?

Mal ignorou-o. A voz de Scoppettone veio pelo alto-falante, sincronizada uma fração de segundo atrás dos lábios.

— Testemunha ocular não significa merda nenhuma. Elas precisam estar vivas para testemunhar. Entendeu?

O detetive Upshaw girou, segurando um copo d'água. Mal viu um homem jovem, de estatura média, feições regulares e olhos castanhos duros, cabelos curtos castanhos e marcas de gilete numa pele pálida mas com sombra densa. Parecia esguio e musculoso — e havia nele algo que lembrava os garotos bonitos das fotos de Claire De Haven. A voz era até mesmo de barítono.

— Baixe o facho, Vincent. Comunhão. Confissão. Descanse em paz.

Scoppettone engoliu a água, cuspiu e lambeu os lábios.

— Você é católico?

Upshaw sentou-se na cadeira à frente.

— Não sou nada. Minha mãe é testemunha de Jeová e meu pai está morto, como você vai estar quando Jack D. descobrir que você está trabalhando por conta própria. Quanto às testemunhas oculares, elas vão testemunhar. Você não vai ter fiança e Jack vai deixar você na mão. Você está encrencado com Jack, caso contrário não estaria fazendo roubos. Desembuche, Vincent. Conte seus outros serviços e o capitão aqui vai recomendar você para uma boa penitenciária agrícola.

Scoppettone tossiu; água escorreu pelo seu queixo.

— Sem as testemunhas, você não tem processo.

Upshaw inclinou-se sobre a mesa; Mal perguntou-se o quanto o alto-falante estaria distorcendo a voz dele.

— Você está acabado com Jack, Vinnie. Na melhor das hipóteses ele deixa passar o assalto ao Sun-Fax, na pior ele manda apagarem você assim que chegar à penitenciária. E a penitenciária vai ser Folsom. Você é um

membro conhecido do crime organizado, e é para lá que eles vão. E o Sun-Fax fica no território de Cohen. Mickey compra lá os cestos de presente que ele manda para molhar a mão dos juízes, e ele vai providenciar para que um desses juízes cuide de seu caso. Na minha opinião, você é estúpido demais para viver. Só um merda estúpido iria assaltar um boteco no território do Cohen. Está querendo começar a porra de uma guerra? Você acha que Jack quer que Mickey pegue no pé dele por causa de um roubo de merreca?

Dudley cutucou Mal.

— Esse garoto é muito bom, muito bom.

— Bom demais — disse Mal. Em seguida empurrou o cotovelo de Dudley para o lado e concentrou-se em Upshaw e em seu estilo verbal; perguntando-se se ele seria capaz de falar jargão comunista tão bem quanto o jargão da bandidagem. Vincent Scoppettone tossiu de novo; estática golpeou o alto-falante, depois morreu transformando-se em palavras.

— Não vai ter guerra. Jack e Mickey estão falando numa trégua, talvez abram algum negócio juntos.

— Sente vontade de falar sobre isso?

— Acha que sou estúpido?

Upshaw gargalhou. Mal captou a falsidade, Scoppettone não interessava a ele — era só um serviço. Mas era um riso falso de classe A — e o garoto sabia espremer sua própria tensão para dentro do sorriso.

— Vinnie, eu já disse que acho você estúpido. Você é a própria cara do pânico, e acho que está tremendamente encrencado com Jack. Vou tentar adivinhar: você fez alguma coisa para sacanear o Jack, ficou apavorado, pensou em dar no pé. Precisava de uma saída, assaltou o Sun-Fax. Estou certo?

Agora Scoppettone estava suando pesado — suor rolava de seu rosto. Upshaw disse:

— Sabe o que mais eu acho? Só um assalto não seria o bastante. Acho que há outros serviços que nós podemos ligar a você. Acho que vou verificar relatórios de assaltos em toda a cidade e no condado, talvez no Condado de Ventura, talvez no de Orange e San Diego. Aposto que se eu mandar suas fotos por aí vou conseguir mais algumas testemunhas oculares. Estou certo?

Scoppettone tentou gargalhar — uma longa fiada de risos guinchados. Upshaw juntou-se e imitou-os até que seu prisioneiro calou a boca. Mal sacou: ele está enrolado, tenso como uma mola de aço, em alguma outra

coisa, e está jogando isso em cima do Vinnie porque ele é o único aqui — e provavelmente não sabe que está fazendo isso.

Retorcendo os braços, Scoppettone disse:

— Vamos fazer um trato. Eu tenho uma coisa ótima.

— Conte.

— Heroína. Um montão de heroína. Aquela trégua da qual eu falei, Jack e Mickey de parceiros. Da marrom mexicana, de qualidade, doze quilos. Tudo para o bairro negro, de qualidade para acabar com os independentes de lá. É a verdade de Deus. Quero que um raio caia na minha cabeça se eu estiver mentindo.

Upshaw macaqueou o tom de voz de Vinnie.

— Então você tem asas guardadas debaixo do colchão, porque o Mick e Dragna como parceiros é babaquice. O negócio do Sherry's foi há seis meses, Cohen perdeu um homem e ele não esquece coisa assim.

— Aquilo não foi o Jack, foi o DPLA. Atiradores da delegacia de Hollywood, um bolo de apostas no qual metade da porra da delegacia entrou por causa da porra da Brenda. Mickey, o judeu, sabe que não foi Jack quem fez.

Upshaw bocejou — escancarado.

— Isso está chato, Vinnie. Crioulos comprando heroína e Jack e Mickey como parceiros é uma porra de dar sono. A propósito, você lê jornais?

Scoppettone balançou a cabeça, espirrando suor.

— O quê?

Upshaw puxou um jornal enrolado do bolso do quadril.

— Isso saiu no *Herald* da terça-feira passada. “Ontem à noite houve uma tragédia num bar ameno no distrito de Silverlake. Um pistoleiro entrou no amigável Moonmist Lounge com uma pistola de grosso calibre. Forçou o barman e três clientes a se deitarem no chão, saqueou a caixa registradora e roubou joias, carteiras e bolsas pertencentes a quatro vítimas. O barman tentou prender o assaltante e ele o nocauteou com a pistola. O barman morreu de ferimentos na cabeça hoje de manhã no Hospital Queen of Angels. As vítimas sobreviventes do assalto descreveram o assaltante como “um branco de aparência italiana, próximo dos quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos”. Vinnie, esse é você.

Scoppettone guinchou:

— Esse aí não sou eu! — Mal inclinou o pescoço e forçou a vista em direção ao que estava escrito no jornal de Upshaw, visualizando uma página

inteira com tabelas das lutas da semana passada no Olympic. Pensou: tire as defesas, solte um blefe, acerte-o uma vez, não perca o controle e você é meu garoto...

— *Esse aí não sou eu, porra!*

Upshaw inclinou-se sobre a mesa, direto na cara de Scoppettone.

— Não estou nem aí, caralho. Esta noite você vai ficar numa fila de identificação, e os três cidadãos honestos do Moonmist Lounge vão olhar para você. Três branquelos que acham que todo carcamano é Al Capone. Olha, não quero você por causa do negócio do Sun-Fax, Vinnie, quero você simplesmente.

— Eu não fiz isso!

— Prove!

— Não posso provar!

— Então você vai ficar com a culpa!

Scoppettone estava colocando todo o corpo dentro da cabeça, a única parte sua que não fora derrubada. Balançou-a; torceu-a; lançou o queixo para trás e para a frente como um aríete tentando derrubar uma cerca. Mal teve um vislumbre: o garoto o fisgara para um roubo de reserva naquela noite; todo o desempenho era orquestrado para o desfecho do jornal. Deu uma cotovelada em Dudley e falou: “É nosso.” Dudley fez o sinal de polegar para cima. Vinnie Scoppettone tentou sacudir-se arrancando a cadeira do chão; Danny Upshaw agarrou um punhado de seu cabelo e deu um tapa em seu rosto — com a frente da mão, as costas, a frente, as costas — até ele afrouxar e murmurar:

— Trato feito. Trato feito. Trato feito.

Upshaw sussurrou no ouvido de Scoppettone; Vinnie balbuciou uma resposta. Mal ficou na ponta dos pés para captar melhor o alto-falante e só ouviu estática. Dudley acendeu um cigarro e sorriu; Upshaw apertou um botão debaixo da mesa. Dois policiais uniformizados e uma mulher com um bloco de estenografia vieram a toda pelo corredor. Eles abriram a porta da sala de interrogatórios e partiram para o show ao vivo; Danny Upshaw saiu e disse:

— Ah, merda.

Mal estudou a reação.

— Bom trabalho, detetive. Você foi tremendamente bom.

Upshaw olhou para ele, depois para Dudley.

— Vocês são da cidade, certo?

— Certo — disse Mal. — Gabinete da Promotoria. Meu nome é Considine, e este é o tenente Smith.

— E isso é sobre?

— Garoto, nós íamos repreendê-lo por ter perturbado o Sr. Herman Gerstein — disse Dudley — mas isso são águas passadas. Agora queremos lhe oferecer um serviço.

— *O quê?*

Mal pegou o braço de Upshaw e guiou-o a alguns passos de distância.

— É um trabalho de infiltração para uma investigação do júri de instrução sobre atividades comunistas nos estúdios de cinema. Um promotor muito bem colocado está comandando o espetáculo, e ele pode conseguir uma transferência temporária com o capitão Dietrich. É um serviço de fazer carreira, e acho que você deveria dizer sim.

— Não.

— Você pode se transferir para o gabinete logo depois da investigação. Vai ser tenente antes dos trinta.

— Não. Não quero.

— *O que você quer?*

— Quero supervisionar o caso de homicídio triplo em que estou trabalhando... para o condado e a cidade.

Mal pensou em Ellis Loew se esquivando, pensou em outros figurões da cidade que ele poderia lubrificar em troca do favor.

— Acho que posso conseguir.

Dudley aproximou-se, deu um tapa nas costas de Upshaw e piscou.

— Há uma mulher de quem você vai ter que ficar perto, garoto. Talvez você tenha de matá-la de tanto trepar.

— Aceito a oportunidade — disse o detetive Danny Upshaw.

Parte 2

UPSHAW, CONSIDINE, MEEKS

CAPÍTULO XVII

Ele era um policial de novo, comprado e pago, junto de gente importante que jogava a sério. O bônus de Howard tinha-o livrado da encrenca com Leotis Dineen, e se o júri de instrução tivesse sucesso em chutar a AUFC para fora dos estúdios, ele estaria praticamente rico. Tinha um jogo de chaves da casa de Ellis Loew e o direito de usar os funcionários da cidade que estariam datilografando e arquivando ali. Tinha uma “lista alvo” de comunas que não haviam sido tocados por júris de instrução. E tinha a *grande* lista: os cabeças da AUFC sobre quem jogar sujeira criminal, sem abordagem direta agora que eles estavam afundados em subterfúgio, com matérias jornalísticas plantadas dizendo que a investigação estava morta. Há uma hora ele mandara sua secretária dar telefonemas pedindo informações ao seu contato federal na cidade, ao Departamento de Trânsito e ao Setor de Informações da cidade e do condado e aos escritórios de registros criminais dos estados da Califórnia, Nevada, Arizona e Oregon, requisitando informações sobre relatórios de prisão de Claire De Haven, Morton Ziffkin, Chaz Minear, Reynolds Loftis e três *cucarachas* que não pareciam coisa boa: Mondo Lopez, Sammy Benavides e Juan Duarte, asteriscos depois de seus nomes, denotando que eram “conhecidos membros de gangues de delinquentes juvenis”. O chefe do esquadrão antigangues da delegacia de Hollenbeck fora o único a telefonar de volta; disse que os três eram maçãs podres — membros de uma gangue de *zooters* no início da década de 40, antes de se limparem e “entrarem para a política”. Sua primeira parada seria em East Los Angeles — assim que a secretária anotasse o resto das respostas aos telefonemas. Buzz olhou a sala ao redor, procurando algo com que matar o tempo, viu o *Mirror* matutino no capacho da porta e pegou-o. Folheou até a página editorial e... bingo! Na coluna de Victor Reisel, menos de 24 horas depois do esperto Mal contar seu plano a Loew.

O título era “Vermelhos 1 — Cidade de Los Angeles 0. Três bolas fora, nenhuma testemunha na base”. Buzz leu:

Tudo se resumiu a dinheiro — o grande denominador comum. Um júri de instrução estava sendo montado, um importante júri de instrução que teria alcance tão amplo quanto as audiências da Comissão de Atividades Antiamericanas de 1947. Mais uma vez a penetração comunista na indústria do cinema seria investigada — desta vez no contexto dos problemas trabalhistas na Cidade dos Anjos.

A Aliança Unida dos Figurantes e Contrarregras está atualmente sob contrato com vários estúdios de Hollywood. Esse sindicato está cheio de comunistas e simpatizantes. A AUFC está fazendo exigências exorbitantes para a renegociação dos contratos, e uma seção local do Sindicato dos Caminhoneiros, que gostaria da oportunidade de chegar a um acordo amigável com os estúdios e tomar o lugar da AUFC em troca de salários e benefícios razoáveis, está fazendo piquetes contra eles. *Dinheiro*. A AUFC defende implicitamente o fim do sistema capitalista e quer ganhar mais com ele. Os caminhoneiros, sem envolvimento ideológico, querem provar sua índole trabalhadora aceitando salários que os anticapitalistas rejeitam. Hollywood, showbiz: é um mundo louco.

Item louco nº 1: os incontáveis filmes pró-Rússia feitos no início da década de 40 foram em grande parte escritos por membros do chamado cérebro da AUFC.

Item louco nº 2: os membros do cérebro da AUFC pertencem a um total de 41 organizações que foram classificadas como fachadas comunistas pela Promotoria Geral do Estado.

Item louco nº 3: a AUFC quer mais daquele imundo lucro capitalista; os caminhoneiros querem empregos para seu pessoal; vários homens patriotas pertencentes à Promotoria Distrital de LA foram selecionados para juntar provas visando a um futuro júri de instrução que tentaria descobrir qual é a profundidade da influência desses membros da AUFC, que tanto amam as verdinhas, no meio cinematográfico. Enfrentemos os fatos: Hollywood é um instrumento inigualável para disseminar propaganda, e os comunistas são o inimigo mais sutil, mais cruelmente inteligente que a América já enfrentou. Tendo acesso ao meio cinematográfico e à sua penetração em nossa vida cotidiana, não há fim para as sementes cancerosas de traição que os vermelhos bem colocados no cinema poderiam plantar — sátiras sutis e ataques contra a América, plantados subliminarmente de modo que o público e o pessoal de cinema honestos não teriam ideia de que estariam sofrendo lavagem cerebral. Os

homens da Promotoria tinham abordado vários subversivos, e estavam tentando fazer com que admitissem seus erros e se apresentassem como testemunhas quando o dinheiro — o grande denominador comum — ergueu sua cabeça para dar ajuda e consolo ao inimigo.

O tenente Malcolm Considine, do Gabinete de Investigações da Promotoria, disse: “A cidade nos prometeu um orçamento, depois recuou. Nós temos pouco pessoal e no momento não temos verba, com uma quantidade de questões criminais atravancando tempo que poderia ser dedicado ao júri de instrução. Talvez possamos recomençar a juntar provas de novo no ano fiscal de 51 ou 52, mas até lá quantas incursões os comunistas terão feito na nossa cultura?”

Quantas? O tenente Dudley Smith, do Departamento de Polícia de Los Angeles, que infelizmente atuou muito pouco tempo como parceiro do tenente Considine na infelizmente curta investigação da Promotoria, disse: “Sim, tudo se resumia a dinheiro. A cidade tem muito pouco, e seria imoral e ilegal buscar verbas de fora. Os vermelhos não hesitam em explorar o sistema capitalista, ao passo que nós vivemos segundo as suas regras, aceitando as poucas fragilidades inerentes a uma filosofia que, afora isso, é justa e humana. Esta é a diferença entre eles e nós. Eles vivem pela lei da selva, nós amamos demais a paz para nos submetermos a ela.”

Vermelhos — 1, a cidade de Los Angeles e o público frequentador de cinema — 0.

É um mundo louco.

Buzz largou o jornal, pensando no louco Dud por volta de 38, usando um soco-ínglês para quase matar de pancada um negro drogado que babou num sobretudo de cashmere com o qual Ben Siegel o subornara. Apertou o botão do interfone.

— Meu doce, já tem algum resultado daqueles telefonemas?

— Ainda estou esperando, Sr. Meeks.

— Estou indo para East LA. Deixe os recados na minha mesa, está certo?

— Sim senhor.

A manhã estava fria, com ameaça de chuva. Buzz pegou a Olympic direto, da Hughes Aircraft até Boyle Heights com um mínimo de sinais vermelhos,

nada de paisagem bonita, tempo para pensar. O 38 que ele pusera no coldre fazia os pneus de sua cintura penderem de modo esquisito; seu distintivo e o formulário de corridas pesavam de modo errado nos bolsos, um lastro nas nádegas que o obrigava a ficar repuxando as calças na virilha, para ajeitar as coisas. Benavides, Lopez e Duarte eram da White Fence, da First Flats ou dos Apaches; os mexicanos dos Heights eram gente boa, ansiosos para parecer direitos e ser bons americanos. Ele conseguiria boas informações — e a ideia o entediava.

Sabia por quê: há anos não estava com uma mulher que não fosse puta ou candidata a estrela querendo se aproximar de Howard. Audrey Anders deixara-o ligado, com a cabeça fervendo tanto por causa dela que até mesmo esse trato que era puro mel com o Gabinete da Promotoria parecia um fracasso. Apostar com Leotis Dineen era pura estupidez; dar em cima de Audrey era estupidez que significava alguma coisa — um motivo para que ele parasse de se empanzinhar com bife de lombo, gratinados e torta de pêssago, e perdesse uma porrada de quilos de modo que seu belo guarda-roupa se ajustasse — ainda que os dois jamais pudessem sair juntos em público.

O centro da cidade veio e foi; a mulher ficou.

Buzz tentou concentrar-se no serviço, virando para o norte na Soto, dirigindo-se para as encostas em patamares que formavam Boyle Heights. Os judeus haviam cedido o bairro para os mexicanos antes da guerra; a Brooklyn Avenue tinha trocado o fedor de pastrami e galinha pelo fedor de milho e porco frito. A sinagoga diante do Hollenbeck Park era agora uma igreja católica; os velhos com solidéus que jogavam xadrez debaixo das pimenteiras foram substituídos por *cucarachas* de calças cáqui com os fundilhos rasgados — pavoneando-se, enfeitados, andando com o passo afetado, falando gíria de cadeia. Buzz circulou o parque, olhando e identificando: desempregados, vinte e poucos anos, provavelmente vendendo baseados de cinquenta centavos e cobrando proteção dos comerciantes judeus pobres demais para se mudar para a nova área kosher de Beverly e Fairfax. White Fence, First Flats ou Apaches, com as tatuagens entre os polegares e os dedos indicadores da mão esquerda entregando. Perigosos quando incendiados por mescal, maconha, bolinhas e xotas; inquietos quando entediados.

Buzz estacionou e enfiou seu cassete na parte de trás das calças, piorando ainda mais a elegância. Aproximou-se de um grupo de quatro jovens mexicanos; dois viram-no chegando e se mandaram, obviamente para

jogar o bagulho no mato em algum lugar, fazer um reconhecimento e ver o que o puto do policial gordo queria. Os outros dois ficaram ali olhando uma briga de baratas: dois insetos numa caixa de sapatos sobre um banco, gladiadores lutando pelo direito de devorar um inseto morto encharcado em xarope de bordo. Buzz verificou a ação enquanto os *cucarachas* fingiam não percebê-lo; viu uma pilha de moedas de dez e vinte e cinco centavos no chão e jogou uma nota de cinco junto.

— Cinquinho na escrota que tem uma mancha nas costas.

Os mexicanos hesitaram; Buzz fez uma avaliação rápida: tatuagens da White Fence em dois magros antebraços direitos; dois moleques magros e maus no limite de peso-galo; uma camiseta suja, uma limpa. Quatro olhos castanhos medindo-o.

— Falei sério. Essa escrota tem estilo. Dança que nem Billy Conn.

Os dois *cucarachas* apontaram para a caixa de sapato; Camiseta Limpa disse:

— *Billy muerto.*

Buzz olhou para baixo e viu o inseto que tinha a mancha de barriga para cima, grudado ao papelão num poço de gosma cor de âmbar. Camiseta Suja riu, pegou as moedas e a nota de cinco; Camiseta Limpa pegou um palito de picolé, levantou a vencedora para fora da caixa e colocou-a na casca de uma pimenteira perto do banco. O bicho ficou ali lambendo as antenas; Buzz falou:

— O dobro ou nada, num truque que aprendi em Oklahoma.

Camiseta Limpa disse:

— Uma porcaria de truque de policial?

Buzz pegou o cassete e balançou-o pela correia.

— Mais ou menos. Tenho algumas perguntas sobre uns garotos que moravam por aqui, e talvez vocês possam me ajudar. Se eu conseguir fazer o truque, vocês falam comigo. Não é coisa de dedo-duro, só umas perguntas. Se eu não conseguir fazer o truque, vocês saem andando. *Comprende?*

O moleque de camiseta limpa começou a se afastar; Camiseta Suja fez com que ele parasse e apontou para o cassete de Buzz.

— O que essa coisa tem a ver com isso?

Buzz sorriu e deu três passos atrás, os olhos na árvore.

— Garoto, ponha fogo na bunda dessa barata e eu mostro.

Camiseta Limpa pescou um isqueiro, acendeu-o e segurou a chama debaixo do inseto vitorioso. O inseto correu árvore acima; Buzz fez pontaria

e mandou o cassete. Ele bateu na árvore e caiu no chão; Camiseta Suja pegou-o e tirou com o dedo a polpa na ponta.

— É ela. Puta que o pariu.

Camiseta Limpa fez o sinal da cruz versão *cucaracha*, a mão direita coçando o saco; Camiseta Suja se persignou do modo padrão. Buzz jogou o cassete no ar, pegou-o com a parte interna do cotovelo, girou-o pelas costas, deixou que ele caísse na calçada e depois colocou-o em posição de descanso com uma puxada na alça. Agora os mexicanos ficaram de queixo caído; Buzz atacou enquanto as bocas ainda estavam abertas.

— Mondo Lopez, Juan Duarte e Sammy Benavides. Eles costumavam aprontar por aqui. Desembuchem legal e eu mostro mais uns truques.

Camiseta Suja cuspiu uma fiada de palavrões em espanhol; Camiseta Limpa traduziu:

— Javier odeia os First Flats que nem um cão. Que nem uma porra de um cão maligno.

Buzz estava se perguntando se Audrey Anders gostaria de seu número com o cassete.

— Então aqueles garotos andavam com os Flats?

Javier cuspiu na calçada — uma resposta eloquente.

— Traidores, cara. Mais ou menos em 43, 44, a Fence e a Fiat tiveram um conselho de paz. Lopez e Duarte deveriam fazer parte dele, mas entraram para a porra dos putos nazistas sinarquistas, depois se juntaram com os putos comunistas de Sleepy Lagoon, quando deveriam estar lutando com a gente. As porras dos Apaches acabaram com a onda dos Flats e dos Fences, cara. Eu perdi meu primo Caldo.

Buzz pegou mais duas notas de cinco.

— O que mais vocês sabem? Sintam-se à vontade para pegar pesado.

— Benavides é que era pesado, cara! Ele estuprou a própria irmã!

Buzz entregou o dinheiro.

— Calma agora. Diga um pouco mais sobre isso, qualquer coisa que você tenha e alguma pista sobre a família. *Tranquilo*.

Camiseta Limpa disse:

— É só um boato sobre Benavides, e Duarte tem um primo veado, de modo que talvez ele também seja. A veadagem corre nas famílias, eu li isso na revista *Argosy*.

Buzz enfiou o cassete de novo nas calças.

— E quanto às famílias? Quem ainda tem família por aqui?

— A mãe de Lopez morreu — disse Javier — e acho que talvez ele tenha uns primos em Bakersfield. Afora o *maricón*, a maior parte do pessoal de Duarte voltou para o México, e sei que os pais daquele puto do Benavides moram na Quarta com Evergreen.

— Uma casa? Um apartamento?

Camiseta Limpa interveio.

— Uma casinha com um bocado de estátuas na frente. — Ele girou um dedo e apontou para a cabeça. — A mãe é maluca. *Loca grande*.

Buzz suspirou.

— É só isso que eu recebo por quinze pratas e o meu show?

— Toda a rapaziada dos Heights odeia aqueles *cabrones*, é só perguntar — disse Javier.

— A gente podia aprontar alguma merda — disse Camiseta Limpa. — Você poderia pagar a gente para fazer isso.

— Tentem ficar vivos — disse Buzz e foi para a Quarta com Evergreen.

O gramado era um templo.

Estátuas de Jesus alinhadas de frente para a rua; atrás delas havia um estábulo feito de um brinquedo de armar, com uma bosta de cachorro repousando na manjedoura do Menino Jesus. Buzz caminhou até a varanda e tocou a campainha; viu a Virgem Maria numa mesinha de canto. Na frente de seu vestido branco havia uma inscrição: “Me foda”. Buzz fez uma dedução rápida: o Sr. e a Sra. Benavides não enxergavam muito bem.

Uma velha abriu a porta.

— *Quién?*

— Polícia, minha senhora, e eu não falo espanhol.

A bruxa segurou uma fiada de contas penduradas no pescoço.

— Eu falo *inglés*. É por causa do Sammy?

— Sim, minha senhora. Como sabe disso?

A velhota apontou para a parede acima de uma lareira de tijolos rachados. Um demônio fora desenhado ali — roupa vermelha, chifres e tridente. Buzz foi até lá e tirou-o. Havia a foto de um garoto mexicano colada onde deveria estar o rosto dele, e uma fileira de estátuas de Jesus espiava do tampo da lareira, lançando-lhe mau-olhado. A mulher falou:

— Meu filho Sammy. Comunista. O diabo encarnado.

Buzz sorriu.

— Parece que a senhora está bem protegida, minha senhora. A senhora tem Jesus nesse cargo.

Mamãe Benavides pegou um punhado de papéis sobre a lareira e entregou-os. O de cima era um material de publicidade do Departamento de Justiça do Estado — as organizações comunistas baseadas na Califórnia em ordem alfabética. O Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon estava marcado, com uma linha entre colchetes ao lado: “Escreva para a caixa postal 465, Sacramento, 14, Califórnia, para Lista de Membros.” A velha agarrou de volta as páginas, folheou-as e bateu com um dedo numa coluna de nomes. Benavides, Samuel Tomás Ignacio, e De Haven, Claire Katherine, estavam marcados com tinta.

— Aí. É a verdade, anticristos, comunista e comunista.

A velha estava com lágrimas nos olhos.

— Bom — disse Buzz —, Sammy tem seu lado mau, mas eu não o chamaria exatamente de demônio.

— É verdade! *Yo soy la madre del diablo!* O senhor prenda-o! Comunista!

Buzz apontou para o nome de Claire De Haven.

— Sra. Benavides, o que sabe sobre esta mulher? Dê-me alguma coisa boa e eu espanco aquele bicho-papão com o meu cassetete.

— Comunista! Viciada em drogas! Sammy levou-a para uma clínica de cura e ela...

Buzz viu uma excelente abertura.

— Onde fica essa clínica, minha senhora? Diga devagar.

— Junto do oceano. Dr. Demônio! Prostituta comunista!

A mãe de Satã começou a uivar de verdade. Buzz se mandou de East LA e foi para Malibu — uma brisa do mar, um médico que lhe devia, nada de brigas de barata, nada de Nossa Senhora com “me foda”.

O Sanatório Pacific ficava no Malibu Canyon, uma fazenda para desintoxicação de drogas e álcool aninhada na encosta dos morros a oitocentos metros da praia. O prédio principal, o laboratório e a área de manutenção eram rodeados por arame farpado eletrificado; o preço para se curar de birita, heroína e vício em farmácia era 1.200 dólares por semana; a heroína para desintoxicação era processada dentro das instalações — segundo um acordo de cavalheiros entre o Dr. Terence Lux, o chefe da clínica, e o

Comitê de Supervisores do Condado de Los Angeles — acordo baseado na premissa de que os políticos de LA que precisassem do lugar poderiam se desintoxicar de graça.

Buzz foi até o portão pensando em todas as indicações que ele dera para Lux — biriteiros e drogados da RKO que eram poupados de cadeia e má publicidade porque o Dr. Terry, cirurgião plástico das estrelas, lhes dava abrigo e uma percentagem de dez por cento para ele. Uma ainda fedia: uma garota que tivera overdose quando Howard chutou-a do primeiro lugar na sua lista de trepadas e mandou-a de volta para se vender em bares de hotel. Ele quase queimou os trezentos que Lux lhe deu pelo serviço.

Buzz tocou a buzina do carro; a voz do vigilante do portão soou no alto-falante:

— Sim, senhor?

Buzz falou no microfone junto à cerca.

— Turner Meeks, para falar com o Dr. Lux.

— Um momento, senhor.

Buzz esperou. Depois:

— Senhor, siga a estrada e pegue a esquerda até o final. O Dr. Lux está na incubadora.

O portão se abriu; Buzz passou pelos prédios da clínica e de manutenção e virou numa estrada que entrava num *canyon* miniatura coberto de mato baixo. No final havia um telheiro: paredes baixas de arame e teto de zinco. Galinhas cacarejavam dentro; algumas das aves guinchavam como se estivessem sendo assassinadas.

Buzz estacionou, desceu e espiou pelo arame. Dois homens com botas de cano alto e roupas de tecido cáqui estavam trucidando galinhas, decepando-as com porretes com lâminas de barbear — os porretes *zoot* que os gorilas do esquadrão antimotim costumavam usar no início da década de 40, castrando bandidos mexicanos ao retalhar suas roupas. Os sujeitos com os porretes eram bons: golpes únicos no pescoço, e partiam para a próxima. As poucas aves que restavam tentavam correr e voar; o pânico fazia com que se jogassem contra as paredes, o teto e os homens com os porretes. Buzz pensou: nada de comer galinha ao Marsala no Derby esta noite, e ouviu uma voz atrás.

— Dois pássaros com uma pedrada. Um mau trocadilho, um bom negócio.

Buzz virou-se. Terry Lux estava parado ali — a própria beleza grisalha, como uma definição de “médico” num dicionário.

— Olá, *doc*.

— Você sabe que eu prefiro doutor ou Terry, mas sempre fechei os olhos para seu estilo tosco. Isso é por causa de negócios?

— Não exatamente. O que é *aquilo*? Você montou seu próprio serviço de bufê?

Lux apontou para o matadouro, agora silencioso, os homens dos porretes jogando galinhas mortas em sacos.

— Dois pássaros com uma pedrada. Há anos eu li um estudo que afirmava que uma dieta com muita galinha é benéfica para pessoas com pouco açúcar no sangue, o que acontece com a maioria dos alcoólatras e viciados em drogas. Primeira pedra. A segunda pedra é minha cura especial para os usuários de narcóticos. Meus técnicos retiram todo o sangue contaminado deles e colocam sangue novo, saudável, cheio de vitaminas, minerais e hormônios animais. De modo que eu tenho uma estufa e um matadouro. É econômico e benéfico para meus pacientes. O que há, Buzz? Se não são negócios, então é um favor. Como posso ajudá-lo?

O cheiro de sangue e de penas o estava fazendo engasgar. Buzz percebeu um sistema de polias ligando os barracões de manutenção à clínica, um teleférico estacionado numa área de embarque, cerca de dez metros atrás do telheiro das galinhas.

— Vamos à sua sala. Tenho umas perguntas sobre uma mulher que, tenho quase certeza, foi paciente sua.

Lux franziu a testa e limpou as unhas com um bisturi.

— Eu jamais divulgo informações confidenciais sobre pacientes. Você sabe. É um dos principais motivos pelos quais o Sr. Hughes e você usam meus serviços exclusivamente.

— Só algumas perguntas, Terry.

— Suponho que dinheiro em vez disso está fora de questão, não é?

— Eu não preciso de dinheiro. Preciso de informações.

— E se eu não der essas informações você leva os seus negócios para outro lugar?

Buzz assentiu, olhando para o teleférico.

— Uma mão lava a outra. Seja legal comigo, Terry. No momento estou trabalhando para a cidade de Los Angeles, e talvez possa sentir vontade de abrir o bico sobre aquela droga que você fabrica aqui.

Lux coçou o pescoço com o bisturi.

— Apenas com objetivos medicinais, e politicamente aprovados.

— Doc, está me dizendo que não negocia o bagulho com Mickey C. em troca das referências *dele*? A cidade odeia Mickey, você sabe.

Lux balançou a cabeça na direção do teleférico; Buzz foi na frente e entrou. O médico apertou o interruptor. Fagulhas soltaram-se dos cabos; eles começaram a subir lentamente e chegaram a uma plataforma adjacente a um pórtico com uma visão espetacular do oceano. Lux guiou Buzz por uma série de corredores brancos e antissépticos até uma pequena sala atulhada de arquivos. Cartazes médicos cobriam as paredes: um ABC visual para cirurgões plásticos, reconstrução facial ao estilo de Thomas Hart Benton.

— Claire Katherine De Haven — disse Buzz. — Ela é uma espécie de comuna.

Lux abriu um armário, folheou pastas, pegou uma e leu a primeira página:

— Claire Katherine De Haven, data de nascimento 5 de maio de 1910. Alcoólatra crônica controlada, esporadicamente viciada em fenobarbital, usuária ocasional de benzedrina, usuária ocasional de heroína. Fez a cura especial da qual lhe falei cerca de três vezes: em 39, 43 e 47. É isso.

— Necas — disse Buzz. — Eu quero mais. Esse seu dossiê cita algum detalhe? Alguma sujeira boa?

Lux levantou a pasta.

— São principalmente gráficos médicos e relatos financeiros. Você pode ler se quiser.

— Não, obrigado. Você se lembra bem dela, Terry. Dá para ver. Então me ponha em dia.

Lux guardou a pasta de novo e fechou o arquivo.

— Ela seduziu alguns de seus colegas pacientes enquanto esteve aqui na primeira vez. Isso causou um tumulto, de modo que em 43 eu a mantive isolada. Nas duas vezes ela estava com remorsos, e na segunda passagem eu lhe dei algum aconselhamento psiquiátrico.

— Você é psiquiatra?

Lux gargalhou.

— Não, mas gosto de fazer com que as pessoas me contem coisas. Em 43 De Haven me contou que queria se reformar porque um namorado mexicano foi espancado nos tumultos dos *zoot suits* e ela queria trabalhar de modo mais eficaz em nome da revolta popular. Em 47 as audiências sobre comunistas lá no leste fizeram com que ela mudasse de direção... um colega dela teve o

você-sabe-o-quê espremido na máquina de moer carne. A Comissão de Atividades Antiamericanas foi boa para os negócios, Buzz. Um bocado de remorsos, overdoses, tentativas de suicídios. Os comunistas com dinheiro são os melhores comunistas, não concorda?

Buzz repassou na cabeça o resto da lista-alvo.

— Quem prendeu o pau na máquina de moer carne? Alguém que andava comendo Claire?

— Não lembro.

— Morton Ziffkin?

— Não.

— Um dos *cucarachas* dela? Benavides, Lopez, Duarte?

— Não, não era mexicano.

— Chaz Minear, Reynolds Loftis?

Bingo em “Loftis” — os músculos do rosto de Lux retesando-se, rodeando um sorriso falso.

— Não, não foram eles.

— Babaquice. Você está entregando isso. *Agora*.

Lux deu de ombros — falso.

— Eu tive uma queda por Claire, e Loftis também. Fiquei com ciúme. Quando você falou dele, isso trouxe tudo de volta.

Buzz gargalhou — seu riso patenteado de chutador de merda.

— Tremenda babaquice. Você só tem uma queda por dinheiro, então me dê algo melhor do que isso, porra.

O médico pegou seu bisturi e bateu-o na perna.

— Certo, vamos tentar o seguinte. Loftis comprava heroína para Claire, e eu não gostava disso; queria que ela ficasse presa a mim. Satisfeito?

Um bom serviço matinal: a mulher era drogada e trepava com mexicanos, Benavides talvez fosse estuprador de crianças, Loftis comprava heroína para uma colega comunista.

— Com quem ele comprava?

— Não sei. *Verdade*.

— Tem mais alguma coisa boa?

— Não. Você tem alguma garota boa rejeitada por Howard para dar tempero à enfermaria?

— Vejo você na igreja, *doc*.

Uma pilha de recados esperava no escritório, resultados parciais dos telefonemas de sua secretária. Buzz folheou-os.

Predominavam multas de trânsito, além de notícias velhas sobre os *cucarachas*: reunião ilegal, agressão não criminosa e espancamento resultando em passagem pelo reformatório juvenil. Nada de sujeira sexual sobre Samuel Tomás Ignacio Benavides, o “demônio encarnado”; nenhuma sujeira política sobre qualquer um dos três membros da White Fence. Buzz pegou o último recado — o telefonema de volta do DP de Santa Monica.

Sr. Meeks

3/44 — R. Loftis e outro homem — Charles (Eddington) Hartshorn, data de nascimento 9/6/1897, interrogados rotineiramente numa batida da Delegacia de Costumes num bar de transviados de S.M. (Knight in Armor — S. Lincoln, 1.684, S.M.) Isso foi conseguido na verificação de fichas de I.C. Avaliação do Departamento de Trânsito e do Setor de Informações sobre Hartshorn: nenhum crime, ficha de trânsito limpa, advogado. Endereço S. Rimpau 419, LA. — Espero que isso ajude — Lois.

South Rimpau 419 ficava em Hancock Park, pura elegância, dinheiro antigo de LA; Reynolds Loftis tinha uma queda por Claire De Haven — e agora parecia que jogava dos dois lados do time. Buzz passou um barbeador elétrico na cara, espirrou colônia nas axilas e escovou da gravata um resto de crosta de torta. Os podres de ricos sempre o deixavam nervoso; podre de rico e veado era uma combinação com a qual ele jamais trabalhara antes.

Audrey Anders ficou grudada nele durante a viagem; ele fingiu que seu Old Spice era o Chanel nº 5 dela nos lugares exatos. South Rimpau 419 era uma mansão em estilo espanhol diante de um gramado gigantesco pontilhado de roseiras; Buzz estacionou e tocou a campainha, com esperança de uma jogada simples: sem testemunhas caso o negócio ficasse feio.

Uma vigia se abriu, depois a porta. Uma loura estilo pêssegos com creme, de uns 25 anos, estava com a mão na maçaneta, a própria pureza numa saia xadrez e blusa rosa abotoada na frente.

— Olá. Você é o homem da companhia de seguros que veio ver papai?

Buzz puxou o paletó sobre a coroa do .38.

— É, sou. Em particular, por favor. Ninguém gosta de discutir esses assuntos sérios na presença da família.

A garota assentiu. Levou Buzz pelo corredor até um estúdio com as paredes cobertas de livros e deixou-o lá, com a porta escancarada. Ele viu uma bancada cheia de bebidas e pensou em tomar uma rapidinha — um gole no meio da tarde poderia lhe dar algum encanto extra.

E então um “Phil, que história é essa de em particular?” tirou-o de suas mãos.

O homem baixo e gorducho, careca e com franja, empurrou a porta. Buzz mostrou o distintivo.

— O que é isso? — perguntou o homem.

— Gabinete da Promotoria, Sr. Hartshorn. Só queria manter sua família fora disso.

Charles Hartshorn fechou a porta e se encostou nela.

— Isso tem a ver com Duane Lindenaaur?

O nome foi um branco para Buzz. Depois lembrou-se da edição vespertina de ontem do *Tattler*: Lindenaaur era uma vítima dos assassinatos de homossexuais de que Dudley Smith lhe contara — o serviço do detetive do xerife que eles tinham acabado de cooptar.

— Não, senhor. Eu trabalho para o Departamento do Júri de Instrução, e nós estamos investigando a polícia de Santa Monica. Queria saber se eles abusaram do senhor quando deram a batida no Knight in Armor em 44.

Veias latejaram na testa de Hartshorn; sua voz tinha uma frieza de advogado numa sala de diretoria.

— Não acredito no senhor. Duane Lindenaaur tentou me extorquir dinheiro há nove anos; alegações espúrias que ameaçou passar para minha família. Na época lidei com o sujeito dentro da lei, e há alguns dias li que ele foi assassinado. Estive esperando a polícia na minha porta, e agora o senhor aparece. Eu sou suspeito da morte de Lindenaaur?

— Não sei e não me importo — disse Buzz. — Isto é sobre a polícia de Santa Monica.

— Não, não é. Isso tem a ver com as alegações espúrias que Duane Lindenaaur fez contra mim e o fato, que nada tinha a ver com isso, de eu estar por acaso num bar frequentado por algumas pessoas não respeitáveis quando aconteceu a batida policial. Tenho um álibi para a hora que os jornais avaliaram para a morte de Duane Lindenaaur e do outro homem, e quero que o senhor o corrobore sem envolver minha família. Se o senhor ao menos der a entender uma palavra para minha mulher e minha filha, terei o seu distintivo e a sua cabeça. Entende?

O tom de voz do advogado estava mais calmo; seu rosto era uma contorção maciça. Buzz tentou a diplomacia de novo.

— Reynolds Loftis, Sr. Hartshorn. Ele foi arrochado junto com o senhor. Diga o que sabe dele, e eu digo ao detetive do xerife que está trabalhando no caso Lindenaur para deixá-lo em paz, que o senhor tem um álibi. Isso parece bom?

Hartshorn cruzou os braços no peito.

— Não conheço nenhum Reynolds Loftis e não faço tratos com policiais gorduchos que fedem a colônia barata. Saia da minha casa agora.

O “Reynolds” de Hartshorn soou totalmente errado. Buzz foi até a bancada, encheu um copo de uísque e caminhou até o advogado com ele.

— Para os seus nervos, Charlie. Não quero que tenha um ataque cardíaco perto de mim.

— *Saia da minha casa, seu vermezinho gorducho.*

Buzz largou o copo, agarrou o pescoço de Hartshorn e lançou-o contra a parede.

— Você está ameaçando a pessoa errada, advogado. A *última* pessoa aqui que o senhor deveria querer sacanear. O negócio é o seguinte: diga o que tem a ver com Reynolds Loftis ou eu entro na sala e digo à sua garotinha que papai gosta de chupar pau no banheiro dos homens do Westlake Park, e que toma no rabo no Selma e no Las Palmas. E se disser uma palavra a alguma pessoa de que eu arrochei você, coloco na *Confidential Magazine* que você come travestis crioulos. *Está entendendo?*

Hartshorn estava vermelho que nem beterraba e jorrando lágrimas. Buzz soltou seu pescoço, viu a marca de uma mão enorme e transformou essa mão num punho. Hartshorn caminhou trêmulo até a bancada e pegou a garrafa de uísque. Buzz lançou um golpe contra a parede, contendo-se no último segundo.

— Abra o bico sobre Loftis, droga. Torne a coisa fácil para que eu possa me mandar daqui, porra.

Barulho de vidro contra vidro, seguido por uma respiração forte e silêncio. Buzz olhou para a parede. Hartshorn falou, a voz num oco de morte:

— Reynolds e eu só... nos divertimos. Nós nos conhecemos numa festa dada por um belga, um diretor de cinema. O homem era muito bem relacionado e dava um monte de festas em boates para o nosso... o pessoal dele. Nunca cheguei a ter um relacionamento sério com Reynolds porque ele

andava com um roteirista, e havia um terceiro homem que os dois queriam. Eu era de fora... de modo que nunca...

Buzz virou-se e viu Hartshorn caído numa poltrona, envolvendo com as mãos um copo de uísque.

— O que mais você sabe?

— Nada. Nunca mais vi Reynolds depois daquela vez no Knight in Armor. Quem você vai...

— Ninguém, Charlie. Ninguém vai saber. Só vou dizer que fiquei sabendo que Loftis é...

— Ah, meu Deus, isso é a caça às bruxas de novo?

Buzz saiu ao som do sacana triste chorando.

A chuva caiu enquanto ele arrochava o sujeito — um verdadeiro agulheiro de chuva, o tipo de dilúvio que ameaçava dissolver os morros no oceano e inundar metade da bacia de Los Angeles. Buzz apostou três contra um que Hartshorn ficaria de boca fechada: dois contra um que mais trabalho policial faria com que ele pirasse; meio a meio que aquele jantar no Nickodell e a noite em casa escrevendo um relatório sobre a sujeirada do dia era a coisa certa. Consequia sentir em si próprio o cheiro do suor do veado, ficando rançoso com seu próprio suor; sentiu a aproximação de um ataque de depressão. A meio caminho do escritório, abriu a janela em busca de ar e de um jorro de chuva, mudou de direção e foi para casa.

Sua casa ficava no Longview Apartments, esquina de Beverly com Mariposa, quatro cômodos no sexto andar, virado para o sul, o cafofo mobiliado com sobras de cenários da RKO. Buzz entrou na garagem, saiu do carro e pegou o elevador. E sentada junto à sua porta estava Audrey Anders num vestido de lamê dourado com listas de cetim, um casaco de visom molhado no colo. Estava usando-o como cinzeiro; quando viu Buzz, falou:

— Modelo do ano passado. Mickey vai me dar um novo — e apagou o cigarro na gola.

Buzz ajudou Audrey a se levantar, segurando as mãos dela um segundo a mais do que o necessário.

— Eu realmente tive esta sorte?

— Não conte com o ovo na galinha. Lavonne Cohen foi viajar com seu clube de *mah-jongg* e Mickey acha que a temporada está aberta para mim.

Esta noite deveria ser no Mocambo, no Grove e mais tarde bebidas com os Gerstein. Inventei uma história e escapei.

— Pensei que você e Mickey estavam apaixonados.

— O amor tem o seu lado avesso. Sabe que você é o único Turner Meeks na lista telefônica central?

Buzz abriu a porta. Audrey entrou, largou o visom no chão e examinou a sala de estar. A mobília incluía sofás de couro e poltronas de *Férias em Londres* e cabeças de zebra de *Bwana das selvas*; as portas de vaivém que levavam ao quarto tinham sido resgatadas do cenário do *saloon* de *Fúria no rio Grande*. O tapete era verde-lima com listras púrpura — a colcha da cama era de uma das caçadoras amazonas de *Canção dos pampas*.

— Meeks, você *pagou* por isso? — perguntou Audrey.

— Presente de um tio rico. Quer uma bebida?

— Eu não bebo.

— Por que não?

— Meu pai, minha irmã e dois irmãos são bêbados, por isso pensei em deixar passar.

Buzz estava pensando que ela estava bonita — mas não tão bonita quanto sem maquiagem e com a camisa de Mickey indo até os joelhos.

— E virou stripper?

Audrey sentou-se, chutou os sapatos e aqueceu os pés no visom.

— É, e não me peça para fazer o truque dos mamilos, porque não vou fazer. Meeks, qual é o problema? Pensei que você ficaria feliz em me ver.

Ele ainda conseguia sentir o cheiro do veado.

— Eu arrochei um sujeito hoje. Foi uma merda.

Audrey retorceu os dedos dos pés, fazendo o casaco pular.

— E daí? É disso que você vive.

— Os caras com quem faço isso geralmente lutam mais.

— Então está me dizendo que é tudo um jogo?

Uma vez ele dissera a Howard que as únicas mulheres que valiam a pena eram as que tinham o número do seu telefone.

— Deve haver alguma coisa que fazemos melhor do que bater cabeça e fazer perguntas uns aos outros.

A Garota Fenomenal chutou o visom, jogando-o no colo.

— O quarto é tão exótico quanto isto aqui?

Buzz gargalhou.

— *Noturno na casbá* e *O paraíso é cor-de-rosa*. Isso lhe diz alguma coisa?

— Esta é outra pergunta. Pergunte *a mim* alguma coisa provocante.

Buzz tirou o paletó, soltou o coldre e jogou-o sobre uma cadeira.

— Certo. Mickey mantém alguém vigiando você?

Audrey balançou a cabeça.

— Não. Mandeí que ele parasse com isso. Fazia com que eu me sentisse barata.

— Onde está o seu carro?

— A três quarteirões de distância.

Tudo luzes verdes para transformar seu melhor passo estúpido num épico.

— Você pensou em tudo.

— Não pensei que você diria não. — Ela acenou com o casaco de visom.

— E eu trouxe uma toalha para de manhã.

Buzz pensou: descanse em paz, Turner Prescott Meeks, 1906-1950. Respirou fundo, contraiu a barriga, empurrou as portas do *saloon* e começou a tirar a roupa. Audrey entrou e riu da cama — colcha de cetim cor-de-rosa, dossel cor-de-rosa, gárgulas cor-de-rosa bordadas no espaldar dos pés. Ela ficou nua simplesmente soltando uma presilha; Buzz sentiu as pernas fraquejarem assim que os seios dela se libertaram. Audrey veio até ele e tirou sua gravata, abriu os botões da camisa, afrouxou seu cinto. Ele tirou os sapatos e as meias ainda de pé; sua camisa caiu no chão através de um tremendo ataque de arrepios. Audrey gargalhou e acompanhou com o dedo os poros eriçados em seus braços, depois passou a mão sobre as partes que ele não podia suportar: sua barriga de melancia, os pneus laterais, as cicatrizes de faca subindo até os cabelos do peito. Quando Audrey começou a lambê-lo ali deu para saber que, para ela, tudo bem; pegou-a no colo para mostrar como era forte — as pernas quase não suportando — e pousou-a na cama. Tirou as calças e as cuecas debaixo da excitação e deitou-se ao lado dela — e em meio segundo ela era toda braços e pernas ao redor dele, cara a cara e boca aberta, empurrando-se contra ele como se ele fosse tudo que ela jamais quisera.

Ele beijou-a — macio, duro, macio; esfregou o nariz no pescoço dela e sentiu o cheiro de sabonete Ivory — não o perfume que ele brincara de imaginar. Tomou os seios dela nas mãos e apertou os mamilos, lembrando-se de tudo que cada policial lhe contara sobre a estrela do Burbank Burlesque. Audrey fazia barulhos diferentes para cada parte que ele tocava; ele beijou e passou a língua entre suas pernas e recebeu um ruído enorme. O ruído

enorme ficou maior e maior ainda; as pernas e os braços dela ficaram espasmódicos. Ela estar tão louca quase o alucinou, e ele entrou nela para poder fazer parte daquilo. Os quadris de Audrey empurrando as cobertas fizeram com que ele explodisse; ele agarrou-a e ela o agarrou, e ele lhe deu toda a força para abafar os espasmos elétricos que restavam nos dois. Com metade do peso dele, mesmo assim ela conseguiu empurrá-lo para cima enquanto continuava gozando — e ele agarrou-lhe a cabeça e enterrou sua cabeça nela até ficar frouxo e ela parar de lutar.

Colchas de cetim cor-de-rosa e suor grudavam os dois. Buzz rolou de lado, com um dedo ao redor do pulso de Audrey para que se mantivessem em contato enquanto recuperava o fôlego. Oito anos sem cigarro e ele ofegava que nem um cão de corrida — e Audrey estava ali deitada, imóvel e calma, uma veia nas costas do braço batendo no dedo dele era a única coisa dizendo que ela ainda disparava por dentro.

O peito dele subiu; ele tentou pensar em algo que dizer; Audrey percorreu com os dedos suas cicatrizes de faca.

— Isso poderia ficar complicado — disse ela.

Buzz recuperou o fôlego.

— Isso significa que você já está pensando em opções?

Audrey fez como se suas unhas fossem garras de animal e fingiu arranhá-lo.

— Eu só gosto de saber em que pé estou.

O momento estava se afastando dele — como se não valesse o perigo. Buzz agarrou as mãos de Audrey.

— Isso significa que estamos pensando numa próxima vez?

— Você não precisava perguntar. Eu teria dito dentro de um minuto, mais ou menos.

— Eu também gosto de saber em que pé estou.

Audrey gargalhou e puxou as mãos.

— Você é culpado, Meeks. Você me fez ficar pensando no outro dia. De modo que o que acontecer é culpa sua.

— Meu doce, não subestime Mickey. Ele é açúcar e tempero com mulheres e crianças, mas mata gente.

— Ele sabe que cedo ou tarde eu vou deixá-lo.

— Não, não sabe. Ele acha que você é uma ex-stripper, uma mulher, tem trinta e poucos anos e não tem para onde ir. Se você lhe der um pouquinho de

sofrimento, talvez isso faça o pau dele endurecer. Mas você ir embora já é outra coisa.

Ela não podia encará-lo.

— Meu doce — disse Buzz —, para onde você iria?

Audrey pegou um travesseiro e o abraçou, encarando-o.

— Tenho um pouco de dinheiro guardado. Vou comprar um terreno no vale e alugar para um shopping center. Eles são o negócio do futuro, Meeks. Mais dez mil e eu posso conseguir quatorze hectares.

Como o terreno dele: uma ninharia por hectare no negócio que deveria tê-lo feito rico.

— Onde você arranjará o dinheiro?

— Economizei.

— Do que Mickey lhe deu?

Audrey surpreendeu-o jogando o travesseiro para longe e cutucando o peito dele.

— Está com ciúme, *meu doce*?

Buzz agarrou seu dedo e deu-lhe um beijinho.

— Talvez só um pouco.

— Bom, não precisa. Mickey está todo enrolado com o negócio dele no sindicato e com a transação das drogas com Jack Dagna, e eu sei como jogar esse jogo. Não se preocupe.

— É melhor saber, meu doce, porque é pra valer.

— Meeks, queria que você parasse de falar do Mickey. Daqui a pouco eu vou começar a procurar debaixo da cama.

Buzz pensou no .38 na sala e no advogado bicha de pescoço machucado e bochechas molhadas de lágrimas.

— Fico satisfeito porque é perigoso estar com você. A sensação é boa.

CAPÍTULO XVIII

Supervisor interino Upshaw.

Chefe da Força-Tarefa. Comandante.

Danny estava de pé na sala de reuniões vazia da delegacia de Hollywood, esperando para se dirigir a *seus* três homens em *seu* caso de homicídio — comandando a festa *no* lugar onde o caso Brenda Allen causou maior sofrimento. Um cartum preso ao quadro de avisos dizia tudo: Mickey Cohen usando solidéu de judeu com um sinal de dólar fixo no cocuruto, controlando dois delegados uniformizados do xerife como se fossem marionetes. Um balão revelava seus pensamentos: *Rapaz, não é que eu sacaneei o DPLA! É bom ter os policiais do condado para limpar minha bunda por mim!* Danny viu buraquinhos por todo o rosto de Mickey; o principal mafioso de LA tinha sido usado como alvo de dardos.

Havia um pódio e um quadro-negro numa das extremidades da sala; Danny encontrou giz e escreveu “detetive D. Upshaw, DXLA” em letras de fôrma. Posicionou-se atrás do pódio como o Dr. Layman em sua aula de medicina legal e forçou-se a pensar em sua outra tarefa, para não ficar nervoso quando chegasse a hora de determinar as regras para *seus* homens, três detetives mais velhos e muito mais experientes do que ele. Aquele serviço estava parecendo um tédio só, talvez uma pequena aplicação de um elixir para manter os maus pensamentos afastados e os negócios encaminhados; era por isso que estava de pé, triunfante, num lugar onde a polícia do condado era mais desprezada do que estupradores de bebês. O negócio era se beliscar para ter certeza de que as grandes coisas que vinham acontecendo não eram apenas um sonho — e ele se beliscou pela décima milionésima vez desde que o tenente Mal Considine fizera a oferta.

Dudley Smith ligara para ele em casa na tarde da véspera, interrompendo um dia comprido acalentando uísque com água e trabalhando em seu dossiê. O irlandês disse para se encontrar com ele e Considine na delegacia de West Hollywood; o negócio estava sendo resolvido através de Ellis Loew, com a

ordem de destacamento temporário aprovada tanto pelo chefe Worton quanto pelo xerife Biscailuz. Tinha escovado os dentes, gargarejado e se forçado a comer um sanduíche antes de se encontrar com eles — antecipando uma pergunta e montando uma mentira para respondê-la. Como já lhe haviam dito que ele seria plantado na Variety International Pictures e sabiam que ele provocara a ira do chefe Gerstein lá, precisava convencê-los de que somente o guarda do portão, o roteirista e Gerstein tinham-no visto em sua função de policial. Foi a *primeira* pergunta de Considine — e um resíduo da calma do *bourbon* ajudou-o a enfrentá-la. Smith engoliu a história inteira, Considine de segunda mão, quando ele fez seu discurso pré-ensaiado dizendo como alteraria completamente o corte de cabelo e as roupas para se ajustar ao papel de comunista idealista. Smith deu-lhe uma pilha de papelada da AUFC para levar para casa e estudar, e fez com que ele examinasse um punhado de relatórios psiquiátricos na presença de ambos; depois era partir para o essencial.

Seu serviço era abordar o que eles supunham ser o elo fraco da AUFC — uma mulher promíscua chamada Claire De Haven —, conseguir entrar nas reuniões de estratégia do sindicato e descobrir o que estavam planejando. Por que não haviam iniciado uma greve? Será que as reuniões envolviam a defesa de uma revolta armada? Existe subversão planejada no conteúdo de filmes? Os cabeças da AUFC tinham caído no disfarce criado por Considine — plantando matéria em jornal e rádio que diziam que a investigação do júri de instrução havia sido cancelada — e qual era a força da conexão entre a AUFC e o Partido Comunista?

Coisa para fazer carreira.

“Você será tenente antes dos trinta.”

“Há uma mulher de quem você precisa se aproximar, garoto. Talvez você tenha de matá-la de tanto trepar.”

Um porrete para esmagar seus pesadelos.

Sentia-se petulante ao sair da reunião, levando debaixo do braço os relatórios não psiquiátricos, prometendo aparecer para uma segunda confabulação naquela tarde na Prefeitura. Voltou ao seu apartamento, ligou para uma dúzia de laboratórios de prótese dentária que Karen Hiltcher não havia contatado e nada obteve, leu uma dúzia de histórias de homicídios de homossexuais sem beber ou pensar no Chateau Marmont. Em seguida começou a sentir-se *muito* petulante, levou as amostras de sangue que pegara na Tamarind 2.307 até o prédio de química da USC e subornou um colega da

aula de medicina legal para examiná-los, esperando que ele pudesse combinar as fotos de sangue borrifado na parede com os nomes das vítimas, fazer uma reconstrução e conseguir outra imagem de seu homem. O colega nem piscou diante do trabalho e fez os exames; Danny levou as informações para casa e juntou com as fotos.

Três vítimas, três tipos sanguíneos diferentes — o risco de mostrar provas obtidas ilegalmente valia a pena. O sangue AB positivo de Martin Goines combinava com a borrifada mais malfeita na parede; ele era a primeira vítima, e o assassino ainda não aperfeiçoara sua técnica de decoração de interiores. George Wiltsie, e Duane Lindenaaur, tipos O negativo e B positivo, tiveram o sangue cuspidos *separadamente*, Wiltsie em desenhos menos intrincados, menos polidos. Conclusões reforçadas e conclusões obtidas: Martin Goines tinha sido vítima da impulsividade, e o assassino partira para ele em fúria total. Apesar de cheio de uma bravata suicida — o que era testemunhado pelo fato de ele ter trazido as vítimas dois e três ao apartamento de Goines — ele precisara ter uma razão fundamental para escolher o Maluco Martin, e que poderia ser uma das três:

Ele conhecia o sujeito e queria matá-lo por ódio — um motivo pessoal bastante definido;

Ele conhecia o sujeito e o considerava uma vítima satisfatória baseada em conveniência e/ou sede de sangue;

Ele não conhecia Martin Goines anteriormente, mas tinha conhecimento íntimo da área de clubes de jazz no bairro negro, e esperava encontrar uma vítima lá.

Mandar *seus* homens fazer novas entrevistas na área.

Sobre Wiltsie/Lindenaaur:

O assassino mordeu, gadanhrou, engoliu e espirrou o sangue de Wiltsie primeiro, porque ele era o que mais o atraía. O relativo refinamento dos desenhos com o sangue de Lindenaaur denotava a satisfação e a saciedade do assassino; Wiltsie, conhecido garoto de programa, era sua primeira atração sexual.

Esta noite, sancionado pelas duas agências, ele arrocharia o agente de talentos/cafetão Felix Gordean, conectado circunstancialmente a Duane Lindenaaur, que transava com Wiltsie — e tentar descobrir melhor quem eram eles.

Danny olhou para o relógio: 8:53; os outros policiais deveriam chegar às nove. Decidiu ficar atrás do pódio, pegou seu bloco de anotações e repassou

as tarefas que havia programado. Um instante depois, ouviu um discreto pigarrear e ergueu os olhos.

Um homem louro e atarracado, com cerca de 35 anos, caminhava na sua direção.

Danny lembrou-se de algo que Dudley Smith dissera: um “protegido” dele no Bureau de Homicídios estaria na “equipe” para lubrificar as coisas e certificar-se de que os outros homens “andassem na linha”. Ele grudou um sorriso no rosto e estendeu a mão; o sujeito apertou-a com força.

— Mike Breuning. Você é Danny Upshaw.

— Sim. Você é sargento?

— Sou sargento, mas me chame de Mike. Dudley manda lembranças e desculpas; o chefe da delegacia aqui disse que Gene Niles precisa trabalhar no caso conosco. Ele foi o policial que encontrou as vítimas, e o Gabinete não pode ceder nenhum outro homem. *C’est la vie*, como eu sempre digo.

Danny encolheu-se, lembrando-se das mentiras que contara a Niles.

— Quem é o quarto homem?

— Um dos seus, Jack Shortell, um sargento da delegacia de San Dimas. Olhe, Upshaw, sinto muito por causa do Niles. Sei que ele odeia o pessoal do xerife e acha que a parte do serviço que está por conta do DPLA deve ser descartada, mas Dudley mandou lhe dizer: “Lembre-se, você é o chefe.” A propósito, Dudley gosta de você. Acha que você vai longe.

O que *ele* percebia sobre Smith era que Smith gostava de machucar pessoas.

— Fantástico. Agradeça ao tenente por mim.

— Chame-o de Dudley, e agradeça você mesmo; agora vocês são parceiros naquele negócio dos comunistas. Olhe, aí estão os outros.

Danny olhou. Gene Niles estava caminhando até a frente da sala, mantendo-se distante de um homem alto com óculos de aro fino, como se todo o pessoal do xerife fosse transmissor de doenças. Sentou-se na primeira fila de cadeiras e pegou um bloco de anotações e uma caneta — sem amenidades, sem reconhecer postos. O homem alto aproximou-se e apertou rapidamente a mão de Breuning e de Danny.

— Eu sou Jack Shortell.

Tinha pelo menos cinquenta anos. Danny apontou para o próprio nome no quadro-negro.

— É um prazer, sargento.

— O prazer é meu, detetive. É o seu primeiro serviço importante?

— É.

— Já trabalhei numa meia dúzia, de modo que não seja orgulhoso demais para pedir ajuda se ficar encalacrado.

— Não serei.

Breuning e Shortell sentaram-se a algumas cadeiras de distância de Niles; Danny apontou para uma mesa na frente do quadro-negro — três pilhas de papelada do DPLA/DXLA sobre as mortes de Goines/Wiltsie/Lindenaur. Nada especulativo a partir de seu dossiê pessoal; nada sobre a pista de Felix Gordean; nada sobre Duane Lindenaur como ex-chantagista. Os homens pegaram cigarros, fósforos, e acenderam; Danny colocou o pódio entre ele e eles e agarrou seu primeiro comando.

— A maior parte do que temos está aqui, cavalheiros. Relatórios de autópsia, fichas policiais, meus resumos como o policial que encontrou a primeira vítima. O DPLA não achou necessário fazer um trabalho de perícia no apartamento onde as vítimas foram mortas, de modo que algumas pistas potenciais foram perdidas. Dos policiais que trabalhavam nos dois casos separados, fui o único a levantar pistas fortes. Anotei uma cronologia separada sobre o que obtive, e incluí cópias a carbono no material oficial para vocês. Vou repassar os pontos-chaves para vocês agora.

Danny fez uma pausa e olhou direto para Gene Niles, que o vinha encarando duramente desde que ele cutucara o DPLA por não ter feito a perícia. Niles não afastou os olhos; Danny apertou as pernas contra o pódio em busca de mais frieza.

— Na noite de primeiro de janeiro fiz entrevistas na South Central Avenue, de onde o carro usado para transportar o corpo de Martin Goines foi roubado. Testemunhas viram Goines com um homem alto, grisalho e de meia-idade, e sabemos pelos relatórios de autópsia que o assassino tem sangue O positivo, tipificado a partir de seu sêmen. Goines foi morto por uma overdose de heroína, Wiltsie e Lindenaur foram envenenados com um composto de secobarbital/estricnina. Todos os três foram mutilados do mesmo modo... cortes com um instrumento conhecido como porrete *zoot*, mordidas em toda a área abdominal com a dentadura que o assassino estava usando. As dentaduras não podiam ser duplicatas de dentes humanos. Ele poderia estar usando dentes de plástico ou duplicatas de dentes de animais ou de aço, mas não humanos.

Danny afastou o olhar de Niles e observou seus três homens. Breuning estava fumando nervoso; Shortell tomava notas; o grande Gene fazia buracos

de cigarro no tampo da mesa. Danny olhou-o exclusivamente e soltou a primeira mentira.

— De modo que temos um homem alto, grisalho, de meia-idade, com sangue O positivo, que pode conseguir heroína e barbitúricos, conhece um pouco de química e sabe fazer ligação direta em carros. Quando aplicou a heroína em Goines, o sujeito enfiou uma toalha na boca da vítima, o que significava que ele sabia que as artérias do coração do sacana iriam estourar e ele vomitaria sangue. De modo que talvez o sujeito tenha algum conhecimento de medicina. Estou apostando que ele sabe fazer dentaduras, e ontem tive uma dica de um informante: Goines estava montando uma gangue para roubar residências. Quando lerem meus relatórios vocês verão que interroguei um vagabundo chamado Chester Brown, um músico de jazz. Ele conhecia Martin Goines no início da década de 40 e declarou que na época ele era ladrão de residências. Brown falou de um rapaz de rosto queimado que era conhecido de Goines, mas não creio que o rapaz se ajuste no quadro geral. De modo que vocês podem acrescentar “possível ladrão de residência” às nossas hipóteses, e vou lhes dizer o que vamos fazer.

“Sargento Shortell, você fará investigações telefônicas sobre a pista da prótese dentária. Tenho uma lista muito comprida de laboratórios dentários, e quero que telefone para eles e fale com a pessoa encarregada dos registros de empregados. Você tem um material sólido para fazer eliminações: tipo sanguíneo, descrição física, as datas dos assassinatos. Também pergunte sobre protéticos que tenham levantado *qualquer* tipo de suspeita no local de trabalho, e se seus instintos lhe disserem que alguém é suspeito mas você não conseguir o tipo sanguíneo, ligue para pedir registros de prisão, de serviço militar ou de hospitais... ou ligue para qualquer lugar em que possa pensar, onde possa conseguir a informação.”

Shortell confirmara com a cabeça o tempo todo, anotando; Danny assentiu para ele e se fixou em Niles e Breuning.

— Sargento Breuning e sargento Niles, vocês vão verificar todos os dossiês de crimes sexuais e das delegacias de Costumes da cidade e do condado, em busca de aberrações com dentadas e eliminar suspeitos potenciais a partir do tipo sanguíneo e da descrição do nosso homem. Quero que sejam examinadas todas as fichas de cada criminoso sexual da área de LA. Quero uma verificação completa do passado de Wiltsie e Lindenaur, e a ficha de prostituição de Wiltsie, em busca de conhecidos dele que tenham as características do nosso sujeito. Quero que comparem as informações sexuais

com as fichas de roubo em busca de homens de meia-idade na região da cidade e do condado, e procurem relatórios de prisão sobre jovens ladrões com marcas de queimadura remontando até 43. Para cada possibilidade que tiverem, quero um conjunto de fotos da polícia.

“Há uma abordagem que deixei de lado por causa de problemas de jurisdição, e é aí que entram as fotos. Quero que cada traficante de heroína e barbitúricos que vocês conheçam veja essas fotos... podem usar de força para arrochá-los, especialmente nos bairros negros. Quero que arrochem os *seus* informantes, que liguem para o comandante de cada esquadrão de Costumes em cada delegacia, metropolitana e do condado, e peçam que eles mandem os policiais verificarem com os informantes sobre boatos de bares de veados. Quem é alto, grisalho, de meia-idade e tem fetiche por mordidas? E quero que liguem para os departamentos de condicional do condado e do estado informando-se sobre drogados ou loucos violentos que tenham recebido condicional. Quero novas entrevistas no Griffith Park, na South Central e na área onde o corpo de Goines foi desovado.”

Breuning gemeu; Niles falou pela primeira vez:

— Você quer um bocado de coisas, Upshaw. Sabe disso?

Danny inclinou-se sobre o pódio.

— É um caso importante, e você vai compartilhar o crédito pela solução.

Niles fungou.

— É sujeira homossexual, nós nunca vamos pegar o cara. E se pegarmos, e daí? Você se importa com quantos veados ele cortou? Eu não.

Danny encolheu-se diante de “homossexual” e “veados”; a sustentação do olhar de Niles fez com que piscasse, e ele percebeu que não usara a palavra “homossexual” em seu perfil do assassino.

— Eu sou policial, por isso me importo. E o serviço é bom para as nossas carreiras.

— Para a *sua* carreira, meu filho. Você tem algum trato com um certo promotor judeu no centro da cidade.

— Niles, corta essa!

Danny olhou em volta para ver quem havia gritado, sentiu a garganta vibrando e viu que agarrara o pódio com dedos azuis-esbranquiçados. Niles lançou-lhe um olhar maligno; Danny não pôde sustentar o olhar. Pensou no resto do discurso e o fez, com um leve tremor na voz:

— Nossa última abordagem é bastante obscura. Todos os três homens foram cortados com porretes *zoots*, que, segundo o Dr. Layman, os policiais

do esquadrão antimotim costumavam usar. Não existem homicídios com porrete *zoot* registrados, e a maioria das agressões com porretes *zoots* foram feitas por brancos contra mexicanos e não foram denunciadas. Verifiquem também isso com seus informantes, e façam suas eliminações segundo o tipo sanguíneo e a descrição.

Jack Shortell ainda estava escrevinhando; Mike Breuning observava-o estranhamente, os olhos estreitos como fendas. Danny voltou-se para Niles.

— Entendeu, sargento?

Niles estava com outro cigarro aceso; ia queimando a mesa com a ponta.

— Você realmente está grudado com os judeus, hein, Upshaw? O que Mickey, o Judeu, está pagando a você?

— Mais do que Brenda lhe pagou.

Shortell gargalhou; o olhar estranho de Breuning abriu-se num sorriso. Niles jogou o cigarro no chão e pisoteou-o.

— Por que você não informou sua pista sobre o barraco de Martin Goines, figurão? Que porra estava acontecendo lá?

As mãos de Danny quebraram um pedaço de madeira do pódio.

— Estão dispensados — disse com a voz de outro homem.

Considine e Smith o esperavam no escritório de Ellis Loew; o grande Dudley estava desligando um telefone com as palavras “obrigado, garoto”. Danny sentou-se à mesa de reuniões de Loew, sentindo que o “garoto” era o puxa-saco do Mike Breuning com um relatório sobre a reunião.

Considine estava escrevendo num bloco de anotações amarelo; Smith aproximou-se e estendeu a mão.

— Como foi sua primeira manhã como chefe da Homicídios, garoto?

Danny sabia que ele sabia — tintim por tintim.

— Foi bem, tenente.

— Me chame de Dudley. Dentro de alguns anos você vai estar num posto acima do meu e deve se acostumar a tratar com condescendência homens que estão muito acima de você.

— Certo, Dudley.

Smith gargalhou.

— Garoto, você é de partir o coração. Ele não é de partir o coração, Malcolm?

Considine puxou a cadeira para perto de Danny.

— Esperemos que Claire De Haven ache isso. Como vai, detetive?

— Bem, tenente — disse Danny, captando algo de errado entre seus superiores; desprezo ou pura tensão funcionando nos dois sentidos, com Dudley Smith na posição mais vantajosa.

— Bom. A reunião correu bem, então?

— Sim.

— Você leu a papelada que nós lhe demos?

— Praticamente decorei.

Considine deu um tapa sobre o bloco de anotações.

— Excelente. Então vamos começar agora.

Dudley Smith sentou-se na extremidade mais distante da mesa; Danny engrenou o cérebro para ouvir e *pensar* antes de falar.

— Aqui vão algumas regras para você seguir — disse Considine. — Um, você vai andar o tempo inteiro no seu carro civil, tanto no serviço de infiltração *quanto* no serviço de homicídio. Estamos montando uma identidade para você, e teremos um roteiro pronto hoje à noite. Você vai ser um esquerdista que mora há anos em Nova York, por isso conseguimos placas de Nova York para o seu carro, e temos todo um passado pessoal para você memorizar. Quando passar pelas várias delegacias para verificar relatórios ou qualquer outra coisa, estacione na rua a pelo menos dois quarteirões de distância, e quando sair daqui, desça e vá até a barbearia. Al, o barbeiro do prefeito Bowron, vai se livrar desse seu penteado e cortar seu cabelo de modo que você pareça menos um policial. Preciso dos números de sua calça, camisa, paletó, suéter e sapato. E quero que se encontre comigo à meia-noite na delegacia de West Hollywood. Terei o seu guarda-roupa de comunista e o roteiro prontos, e terminaremos a sua abordagem. Entendeu?

Danny assentiu, tirou uma folha de papel do bloco de Considine e anotou os tamanhos das roupas.

— Você vai usar essas roupas em todo lugar, garoto — disse Dudley Smith. — No serviço do veado também. Não queremos que seus novos amigos comunas vejam você na rua parecendo um garboso policial jovem. Malcolm, diga ao nosso belo Daniel algumas das frases de De Haven para ele rebater. Vejamos como ele se vira.

Considine falou diretamente para Danny:

— Detetive, eu conheci Claire De Haven, e acho que, para uma mulher, ela é osso duro de roer. É promíscua, pode ser alcoólatra e pode consumir drogas. Temos outro homem verificando o passado dela e o passado de

alguns outros comunistas, de modo que em breve saberemos mais a respeito dela. Eu falei com essa mulher uma vez, e tive a impressão de que ela floresce diante de zombarias e espertezas. Acho que isso a excita sexualmente, e sei que ela se sente atraída por homens da sua aparência em termos gerais. Por isso tentaremos um pequeno exercício agora. Eu lhe direi frases que acho que seriam típicas de Claire De Haven, e você vai tentar responder à altura. Pronto?

Danny fechou os olhos para melhor concentração.

— Vá em frente.

— “Mas algumas pessoas chamam a gente de comunistas. Isso não incomoda você?”

— Esse velho show da letra escarlate não me atinge.

— Bom. Vamos continuar. “Ah, verdade? Políticos fascistas arruinaram muitas pessoas politicamente esclarecidas nos difamando como subversivos.”

Danny pegou uma frase de um musical que tinha visto com Karen Hiltscher.

— Eu sempre tive uma queda por cabelos vermelhos, neném.

Considine gargalhou.

— Bom, mas não chame De Haven de “neném”, ela vai considerar isso condescendente. Aqui vai uma boa. “Acho difícil acreditar que você deixaria o Sindicato dos Caminhoneiros pelo nosso.”

Fácil.

— Os números de comédia de Mickey Cohen são capazes de afastar qualquer pessoa.

— Bom, detetive, mas no seu papel de infiltrado você jamais se aproximaria de Cohen, de modo que não saberia isso a respeito dele.

Danny pensou com força: as revistas de piadas sujas e os romances de terceira que seus colegas carcereiros liam quando ele trabalhou na principal cadeia do condado.

— Mande uma sexual, tenente.

Considine virou para a próxima página de anotações.

— Mas eu sou treze anos mais velha do que você.

Danny fez um tom de voz satírico.

— Um grão de areia no nosso mar de paixão.

Dudley Smith uivou; Considine deu um risinho e disse:

— Você entrou na minha vida exatamente quando estou noiva e vou me casar. Não sei se confio em você.

— Claire, só há um motivo *para* confiar em mim. E o motivo é que perto de você eu não confio em mim mesmo.

— Grande resposta, detetive. Aqui vai uma bola de efeito. “Você está aqui por mim ou pela causa?”

Extrafácil: o herói de um livro de bolso que ele lera trabalhando no turno da noite.

— Eu quero tudo. Só sei disso, é só isso que quero saber.

Considine afastou o bloco de anotações.

— Vamos improvisar a partir daí. “Como você consegue olhar essas coisas de modo tão simplista?”

Suas engrenagens mentais agora estavam clic clic clicando; Danny parou de escavar em busca de frases e voou solo.

— Claire, existem os fascistas e existimos nós, e existe você e eu. Por que você sempre complica as coisas?

Considine, surgindo como uma *femme fatale*.

— “Você sabe que sou capaz de comer você inteiro.”

— Adoro os seus dentes.

— “Eu adoro os seus olhos.”

— Claire, nós estamos lutando contra os fascistas ou assistindo a uma aula de fisiologia?

— “Quando você tiver quarenta, eu estarei com cinquenta e três. Ainda vai me querer?”

Danny, imitando o contralto *vamp* de Considine.

— Nós estaremos dançando juntos em Moscou, meu doce.

— Não tão satírico nas coisas de política. Não sei se confio no senso de humor dela com relação a isso. Vamos partir para a sujeira. “É tão *bom* com você.”

— As outras não passavam de garotas, Claire. Você é minha primeira mulher.

— Quantas vezes você já usou essa frase?

Riso embaraçado — como um detetive rabo de saia que ele conhecia.

— Todas as vezes em que durmo com uma mulher de trinta e cinco anos.

— “E foram muitas?”

— Só alguns milhares.

— “A causa precisa de homens como você.”

— Se houvesse mais mulheres como você por aí, haveria milhões de nós.

— “O que quer dizer com isso?”

— Que realmente gosto de você, Claire.

— “Porquê?”

— Você bebe como um dos rapazes, conhece Marx em prosa e verso, e tem pernas fantásticas.

Dudley Smith começou a bater palmas; Danny abriu os olhos e sentiu que estavam enevoados. Mal Considine sorriu.

— Ela realmente tem pernas fantásticas. Vá cortar seu cabelo, detetive. Vejo você à meia-noite.

O barbeiro do prefeito Bowron amoldou o cabelo crescido de Danny num topete modificado que alterou todo o seu rosto. Antes ele parecia o que era: um anglo-saxão de cabelos escuros e olhos escuros, um policial que usava ternos ou conjuntos de paletó esporte e calças o tempo todo. Agora parecia ligeiramente boêmio, ligeiramente latino, mais descolado. O novo penteado contrastava fortemente com as roupas; qualquer policial que não o conhecesse e visse o volume da arma debaixo da axila esquerda iria arrochá-lo no ato, achando que era algum tipo de capanga fora da lei. A aparência e suas improvisações engraçadinhas tinham-no feito sentir-se abusado, como se o Chateau Marmont fosse um acaso que a conquista de Claire De Haven invalidaria de uma vez por todas. Danny voltou à delegacia de Hollywood para se preparar para a segunda passagem no Marmont e a primeira tentativa com Felix Gordean.

Foi direto ao esquadrão. Mickey Cohen estava execrado nas paredes: desenhos humorísticos mostrando-o enfiando dinheiro nos bolsos do xerife Biscailuz, estalando um chicote numa fileira de cães puxadores de trenó vestidos com uniformes do DXLA, cutucando cidadãos inocentes na bunda com um canivete que se projetava de seu solidéu. Danny captou uma quantidade variegada de olhares frios. Encontrou o cubículo dos registros e partiu para as fichas de criminosos sexuais — apertando as mãos da fera — combustível para o interrogatório de Gordean.

Havia seis armários cheios: pastas mofadas atulhadas com relatórios de ocorrência, fotos presas com cliques na primeira página interna. O arquivo não estava organizado por ordem alfabética, e não havia lógica nas colocações segundo o código penal — as ocorrências homossexuais estavam junto às de exibicionismo heterossexual e molestação de crianças; contraventores e criminosos misturados. Danny examinou os primeiros dossiês no armário de

cima e entendeu por que o sistema era tão mal organizado: os homens do esquadrão queriam aqueles dados fora das vistas e fora das mentes. Sabendo que ele *precisava* olhar, mergulhou fundo.

A maioria do material era homo.

A loja de departamentos Broadway na esquina de Hollywood com Vine tinha um banheiro masculino no quarto andar conhecido como “paraíso do chupador de pau”. Transviados empreendedores haviam feito buracos nas paredes das divisórias, permitindo que os ocupantes de reservados contíguos se juntassem para cópula oral. Se você estacionasse numa estrada do Griffith Park com um lenço azul amarrado na antena do carro, você era bicha. A esquina de Selma com Las Palmas era onde se congregavam ex-presidiários com uma queda por estupro anal e garotos. A inscrição latina no maço de cigarros Pall Mall — “In Hoc Signo Vinctes” — traduzida como “Com este sinal conquistaremos” — era um modo de identificação homossexual — coisa certa quando combinada ao uso de uma camisa verde numa quinta-feira. O musculoso travesti mexicano que chupava marinheiros atrás do Grauman’s Chinese era conhecido como “Dan Jumento” ou “Danielle Jumento” porque ele/ela possuía um pau de 32 centímetros. A empresa de táxi E-Z era administrada por homossexuais, e eles podiam lhe entregar um garoto, filmes pornográficos de veados, gel K-Y extra, bolinhas ou sua bebida alcoólica predileta 24 horas por dia.

Danny continuou lendo, sentindo joelhos e estômago fracos, aprendendo. Quando via uma data de nascimento entre 1900 e 1910 ou acima de 1,82 m de altura na ficha amarela de um homem branco, verificava a tira de fotos; cada um dos homens com quem ele cruzava o olhar parecia feio e patético demais para ser *seu* homem — e o exame do relatório de prisão que vinha em seguida, para verificar o tipo sanguíneo, sempre provava que estava certo. Thomas Milnes, 1,87 m, 4/11/07, mostrava-se para garotinhos e implorava aos policiais que o prendiam para espancá-lo com uma mangueira por causa disso; Cletus Wardell Hanson, 1,85 m, 29/4/04, carregava sempre uma furadeira para abrir caminho para novo território de chupadas. Sua especialidade eram os banheiros masculinos de restaurantes. Quando estava espevitado, colocava o rabo na reta; e enfrentava uma turma de uma vez só, um maço de cigarros para cada homem. Willis Burdette, 1,90 m, 1/12/1900, era um puto de rua sifilítico, espancado até a inconsciência por uma dúzia de bofes para quem passara a doença. Darryl “Azul Lavanda” Wishnick, 1,82 m, 10/3/03, orquestrava orgias nos morros ao redor do letreiro de Hollywood, e

gostava de comer garotos bonitos vestidos com uniformes das Forças Armadas dos Estados Unidos.

Quatro horas direto, quatro arquivos abaixo. Danny sentia o estômago assentando-se ao redor de pontadas de fome e do desejo de uma bebida que ele geralmente tomava no meio da tarde. Isso era reconfortante; bem como o novo penteado pelo qual ficava passando os dedos, e as melhorias na nova identidade que ele mencionaria para Considine à noite: nada em seu apartamento deveria parecer acomodado — ele acabara de chegar de Nova York; deveria deixar a arma, as algemas e o distintivo em casa quando estivesse bancando o comuna. Tudo nas primeiras quatro gavetas era errado para o seu homem, não aplicável para os maus momentos do lado de fora da janela de Felix Gordean. Então chegou ao armário cinco.

Esse conjunto de fichas estava com alguma espécie de ordem — “sem indiciamento”, “acusações retiradas” ou “comparar com futuras prisões” — carimbada na frente de cada pasta. Danny leu o primeiro punhado e entrou direto em sexo de homem com homem que dava em prisão mas não em julgamento: *coitus interruptus* em carros estacionados; transas masculinas denunciadas por senhorias chocadas; encontro clandestino num banheiro onde o proprietário do cinema pôs a boca no trombone, depois voltou atrás com medo de má publicidade. Sexo hetero narrado em políciês hetero: abreviaturas, termos técnicos para os atos, algumas tiradas de humor por parte de gaiatos policiais de Costumes.

Danny sentiu tremores chegando. As pastas tinham duas folhas amarelas gêmeas — duas tiras de fotos, ambos os participantes sexuais em preto e branco. Examinou as páginas em busca de datas de nascimento e características físicas, mas ficava voltando às fotos, superpondo-as uma contra a outra, jogando com os rostos, tornando-os mais bonitos, menos com jeito de cadeia. Depois de meia dúzia de pastas, entrou em sincronia: um olhar nas fotos, um exame do relatório de prisão, de volta às fotos e à ação visualizada com versões mais embelezadas das duas criaturas feias presas com clipe à primeira página. Bocas em bocas; bocas em virilhas; sodomia, felação, sessenta e nove, um trabalho de pornografia da câmera humana, uma vozinha dizendo: “isso é para a investigação”, quando algum detalhe o golpeava com tanta força que seu estômago se retorcia ao ponto de ele achar que as entranhas cederiam. *Nenhuma* característica de um sujeito alto e de meia-idade para fazê-lo parar e pensar; só as fotos, fogo rápido, como filmes em cinemas poeira.

Colchas úmidas de trepadas.

Um louro nu recuperando o fôlego, veias latejando nas pernas.

Planos em zoom de penetrações medonhas.

“É para a investigação.”

Danny interrompeu a fiada de imagens — transformando todos os bonitos em grisalhos, todos com quarenta e poucos, todos no seu assassino. Saber que o assassino só fazia sexo para ferir ajudava a colocar freios nas fantasias; Danny recuperou as pernas e viu que retorcera uma mecha de cabelo ao ponto de arrancá-la do couro cabeludo. Fechou o armário com força; lembrou-se do vernáculo de veados e o interpôs nas perguntas que faria a Felix Gordean — ele próprio como um detetive jovem e esperto que veio preparado, que falaria no nível de qualquer pessoa — mesmo que fosse sexo errado para um cafetão de bichas.

De policial para voyeur e de volta.

Danny foi para casa, tomou um banho e revistou o armário em busca do melhor terno para combinar com o cabelo novo, e terminou por escolher um preto, de lã penteada, que Karen Hiltcher lhe comprara — muito elegante, muito afunilado, muito fino nas lapelas. Quando o vestiu, percebeu que ele o fazia parecer perigoso — e os ombros estreitos delineavam seu revólver .45. Depois de duas doses e de algo para lavar a boca, foi até o Chateau Marmont.

A noite estava úmida e fria, prenunciando chuva; música ecoava pelo pátio interno do Marmont — jorros de cordas, saltos de *boogie* e estranhos *tremolos* de baladas. Danny pegou o caminho até o 7.941, esfregando-se para se acomodar no terno de Karen. O 7.941 estava muito iluminado, as cortinas de veludo pelas quais ele espiara escancaradas; o salão de baile de três noites atrás luzia por trás de uma grande janela panorâmica. Ajeitou o paletó e tocou a campainha.

Carrilhões soaram; a porta se abriu. Um homem baixo, de barba curta e escura e cabelo ralo perfeitamente penteado, estava ali. Usava um smoking com faixa de tecido xadrez na cintura, de onde pendia uma garrafinha de uísque que batia em sua perna. Danny sentiu o cheiro do mesmo Napoleon de cinquenta anos que ele comprava uma vez por ano como recompensa por passar o Natal com a mãe. O homem falou:

— Sim? O senhor é do Departamento do Xerife?

Danny viu que ele havia desabotoado o paletó, deixando a arma exposta.

— Sim. O senhor é Felix Gordean?

— Sim, e não gosto de etiqueta burocrática. Entre.

Gordean ficou de lado; Danny entrou e fez circuitos oculares da sala onde vislumbrara homens dançando e se beijando. Gordean foi até uma estante, enfiou a mão atrás da prateleira de cima e voltou com um envelope. Danny captou o endereço: South Bonnie Brae 1.611, o front de operações da Delegacia de Costumes do Xerife, onde *bookmakers* recalcitrantes eram arrochados, onde prostitutas recalcitrantes prestavam serviços, onde percentagens de proteção eram contabilizadas.

— Eu sempre mando pelo correio — disse Gordean. — Diga ao tenente Matthews que não gosto de pessoas aparecendo com a ameaça implícita de cobranças adicionais.

Danny deixou a mão de Gordean pairar à sua frente — unhas pintadas de amarelo-claro, um anel de esmeralda e provavelmente quase mil em dinheiro.

— Eu não sou coletor de propina, sou um detetive que está trabalhando num homicídio triplo.

Gordean sorriu e segurou o envelope ao lado do corpo.

— Então deixe-me informá-lo do meu relacionamento com o seu departamento, senhor...

— Detetive Upshaw.

— Sr. Upshaw, eu coopero integralmente com o Departamento do Xerife em troca de certas cortesias, e a principal delas é que vocês me contatem por telefone quando precisarem de informações. Está entendendo?

Danny teve uma sensação estranha: o gelo de Gordean o estava deixando gelado.

— Sim, mas já que estou aqui...

— Já que o senhor está aqui, diga-me em que posso ajudá-lo. Jamais fui interrogado por causa de um homicídio triplo antes, e francamente estou curioso.

Danny soltou rapidamente o nome das três vítimas.

— Martin Goines, George Wiltsie e Duane Lindenaur. Mortos. Estuprados e trucidados.

A reação de Gordean foi mais gelo.

— Nunca ouvi falar de Martin Goines. Eu apresentei pessoas a George Wiltsie no correr dos anos, e acho que George mencionou Duane Lindenaur para mim.

Danny sentiu como se estivesse caminhando num iceberg; sabia que não adiantaria tentar tratamento de choque.

— Duane Lindenaaur fazia extorsão, Sr. Gordean. Ele tentou extorquir dinheiro de um homem chamado Charles Hartshorn... que supostamente conheceu numa festa sua.

Gordean ajeitou as lapelas do smoking.

— Conheço Hartshorn, mas não me lembro de ter me encontrado com Lindenaaur. E dou muitas festas. Quando foi esta?

— Em 40 ou 41.

— Já faz muito tempo. O senhor está me olhando de um modo muito aguçado, Sr. Upshaw. Há motivo para isso?

Danny tocou suas próprias lapelas, captou o que estava fazendo e parou.

— Geralmente recebo pelo menos um “meu Deus” ou um tremor quando digo a alguém que um conhecido dele foi assassinado. O senhor nem piscou um olho.

— E o senhor acha isso desanimador?

— Não.

— Curioso?

— Sim.

— Eu sou suspeito desses assassinatos?

— Não. O senhor não se ajusta à descrição do assassino.

— O senhor quer álibis para que eu reafirme minha inocência?

Danny percebeu que estava sendo avaliado por um especialista.

— Tudo bem. Noite de Ano-Novo e a noite de 4 de janeiro. Onde o senhor estava?

Nem um segundo de hesitação.

— Estava aqui, como anfitrião de festas muito frequentadas. Se quiser verificação, por favor peça que o tenente Matthews faça para o senhor. Somos velhos amigos.

Danny viu lampejos de *sua* festa: tangos pretos sobre preto emoldurados em veludo. Estremeceu e enfiou as mãos nos bolsos; os olhos de Gordean mexeram-se rapidamente diante da demonstração de nervosismo.

— Fale-me de George Wiltsie — pediu Danny.

Gordean caminhou até um armário de bebidas, encheu dois copos e voltou com eles. Danny sentiu cheiro de coisa boa e enfiou as mãos mais fundo, para não agarrar.

— Fale-me de George Wilt...

— George Wiltsie era uma imagem masculina que muitos homens achavam atraente. Eu pagava para que ele comparecesse às minhas festas, se

vestisse bem e agisse de modo civilizado. George fez contatos aqui e eu recebia dinheiro desses homens. Imagino que Duane Lindenaur era amante dele. É só o que sei sobre George Wiltsie.

Danny pegou o copo que Gordean estava oferecendo — algo a ver com suas mãos.

— Quem o senhor apresentou a Wiltsie?

— Não lembro.

— O senhor *o quê*?

— Eu dou festas. Os convidados vêm e conhecem os jovens que eu forneço, o dinheiro é mandado discretamente para mim. Muitos de meus clientes são homens casados e com famílias, e manter uma memória em branco é um serviço extra que proporciono a eles.

O copo estava tremendo na mão de Danny.

— O senhor espera que eu acredite nisso?

Gordean bebericou o conhaque.

— Não, mas espero que aceite essa resposta como tudo o que vai conseguir.

— Quero ver os livros de seus serviços, e quero ver uma lista de clientes.

— Não. Eu não anoto coisa alguma. Poderia ser considerado alcoviteiro, o senhor sabe.

— Então cite nomes.

— Não, e não peça de novo.

Danny forçou-se a mal tocar os lábios no copo; a mal sentir o gosto do conhaque. Girou o líquido e sentiu o cheiro, dois dedos circulando a haste da taça — e parou ao ver que estava imitando Gordean.

— Sr. Gor...

— Sr. Upshaw, chegamos a um impasse. Então deixe-me sugerir um meio-termo. O senhor diz que não combino com a descrição do seu assassino. Muito bem, descreva o seu assassino e eu tentarei lembrar se George Wiltsie saiu com um homem assim. Se saiu, passarei essa informação ao tenente Matthews e ele pode fazer o que quiser com ela. Isso irá lhe satisfazer?

Danny emborcou a bebida — estoque pessoal de trinta dólares engolido de uma vez. O conhaque queimou ao descer; o fogo colocou uma rouquidão em sua voz.

— O DPLA está comigo neste caso, e o Gabinete da Promotoria. Talvez eles não gostem de saber que o senhor está se escondendo atrás de um policial corrupto da Delegacia de Costumes.

Gordean sorriu — muito ligeiramente.

— Não contarei ao tenente Matthews que o senhor disse isso, nem direi a Al Dietrich da próxima vez que mandar para ele e para o xerife Biscailuz entradas para jogar golfe no meu clube, e eu tenho *bons* amigos tanto no DPLA quanto no Gabinete. Outra bebida, Sr. Upshaw?

Danny contou para si mesmo — um, dois, três, quatro — esfriando a cabeça quente. Gordean pegou seu copo, foi até o bar, serviu mais e voltou com um novo sorriso — de irmão mais velho querendo pôr à vontade o irmão mais novo.

— O senhor conhece o jogo, detetive. Pelo amor de Deus, pare de bancar o escoteiro indignado.

Danny ignorou o conhaque e examinou os olhos de Gordean em busca de sinais de medo.

— Branco, 45 a 50 anos, magro. Mais de um metro e oitenta e dois, com impressionantes cabelos prateados.

Nenhum medo; um franzido pensativo na testa.

— Lembro de um homem alto do consulado mexicano, de cabelos escuros, que saiu com George, mas ele tinha uns 50 anos na época da guerra. Lembro de vários homens bastante rotundos que achavam George atraente, e sei que ele saía regularmente com um homem muito alto de cabelos ruivos. Isso ajuda?

— Não. E quanto a homens em geral com essa descrição? Há algum que frequenta suas festas ou que usa seus serviços regularmente?

Outro olhar pensativo.

— São os cabelos impressionantes que estragam tudo. Os únicos homens altos e de meia-idade com quem lido são bastante carecas. Sinto muito.

Danny pensou: não, não sente — mas provavelmente está dizendo a verdade.

— O que Wiltsie lhe disse sobre Lindenaur?

— Só que estavam morando juntos.

— O senhor sabia que Lindenaur tentou extorquir dinheiro de Charles Hartshorn?

— Não.

— O senhor ouviu falar de Wiltsie ou Lindenaur fazendo alguma outra extorsão?

— Não, não ouvi.

— E quanto a chantagens em geral? Homens como os seus clientes certamente são suscetíveis a isso, não é?

Felix Gordean gargalhou.

— Meus clientes vêm às minhas festas e usam meus serviços porque eu os isolo de coisas assim.

Danny riu.

— O senhor não isolou Charles Hartshorn muito bem.

— Charles nunca teve sorte; no amor ou na política. Ele também não é assassino. Interrogue-o se não acreditar em mim, mas seja cortês. Charles não suporta muito abuso e tem muito poder legal.

Gordean estava estendendo o copo de conhaque; Danny pegou-o e engoliu a dose inteira.

— E quanto a inimigos de Wiltsie e Lindenaur, conhecidos, sujeitos com quem eles andavam?

— Nada sei sobre isso.

— Por que não?

— Eu tento manter as coisas separadas e circunscritas.

— Por quê?

— Para evitar situações como esta.

Danny sentiu o conhaque pegando, juntando-se às doses que ele tomara em casa.

— Sr. Gordean, o senhor é homossexual?

— Não, detetive. O senhor é?

Danny ruborizou, levantou o copo e descobriu que estava vazio. Ressuscitou uma piada de sua reunião com Considine.

— Aquele velho show da letra escarlate não me convence.

— Não entendo bem a referência, detetive.

— Quero dizer que sou profissional e que não posso ser chocado.

— Então não deveria ruborizar tão fácil, sua cor o trai como sendo ingênuo.

O copo vazio parecia um míssil para ser arremessado; mas Danny contratacou em vez disso com o “ingênuo”.

— Estamos falando de três pessoas mortas. Retalhadas com uma porra de um porrete *zoot*, olhos arrancados, intestinos mastigados. Estamos falando de chantagem, roubo, jazz e sujeitos de cara queimada. E o senhor acha que pode me machucar *me* chamando de ingênuo? O senhor acha que...

Danny parou quando viu o maxilar de Gordean se retesando. O homem olhou para o chão; Danny se perguntou se havia acertado num nervo ou se simplesmente o golpeara por simples repulsa.

— O que é? Diga.

Gordean ergueu os olhos.

— Tenho pouca resistência para jovens policiais metidos a valentes e descrições de violência, e não deveria ter chamado...

— Então me ajude. Mostre sua lista de clientes.

— Não. Eu disse que não mantenho uma lista.

— Então diga o que o incomodou tanto.

— Eu disse.

— E eu não o vejo como uma pessoa tão sensível. Portanto diga.

— Quando o senhor mencionou jazz, isso me fez pensar num cliente, um trompetista a quem eu costumava apresentar pessoas e que gostava de serviço violento. Na época ele me impressionou como uma pessoa instável, mas ele não é alto nem de meia-idade.

— E é só isso?

— O nome dele é Cy Vandrich, detetive. Sua tática lhe rendeu mais do que eu normalmente estaria disposto a compartilhar, portanto esteja agradecido.

— E é só isso?

Os olhos de Gordean estavam vazios, sem revelar mais coisa alguma.

— Não. Dirija todas as suas perguntas futuras através do tenente Matthews e aprenda a tomar conhaque de qualidade devagar; o senhor vai desfrutar muito mais.

Danny jogou sua taça de cristal numa poltrona Luís XV e saiu.

Uma hora e meia para matar antes da reunião com Considine; mais álcool estava fora de questão. Danny foi até o Coffee Bob's e forçou-se a engolir um hambúrguer e uma torta, perguntando-se o quanto do interrogatório de Gordean escorrera por entre as frestas: sua calma, as conexões do cafetão com a polícia e o savoir-faire dele. A comida acalmou-o, mas não respondeu às suas perguntas; arranjou um telefone público e conseguiu informações sobre Cy Vandrich.

Havia apenas um, listado no Departamento de Veículos e no Setor de Pesquisa e Informações: Cyril "Cy" Vandrich, branco, data de nascimento

24/7/18, seis prisões por pequenos roubos, emprego citado como “em trânsito” e “músico”. Atualmente na sexta temporada de observação de noventa dias no Hospício de Camarillo. A telefonista disse a Danny que Vandrich estava sob custódia lá nas duas noites dos assassinatos; que ele ajudava ensinando música aos pirados. Danny disse que talvez aparecesse para interrogar o sujeito; a mulher respondeu que Vandrich podia estar ou não no controle de suas faculdades — ninguém no hospício jamais conseguira adivinhá-lo —, se ele estava inventando ou se era seriamente maluco. Danny desligou e foi para a delegacia de West Hollywood encontrar-se com Mal Considine.

O sujeito estava esperando por ele em seu cubículo, olhando a ampliação da foto de Buddy Jastrow. Danny pigarreou; Considine girou e olhou-o de cima a baixo.

— Gosto do terno. Não está bem ajustado, mas parece algo que um jovem esquerdista poderia usar. Comprou para a tarefa?

— Não, tenente.

— Me chame de Mal. Quero que perca esse hábito de usar o posto, *Ted*.

Danny sentou-se atrás de sua mesa e apontou a cadeira livre para Considine.

— Ted?

Considine sentou-se e esticou as pernas.

— A partir de hoje você é Ted Krugman. Dudley passou no seu apartamento e falou com o zelador, e quando você chegar em casa esta noite encontrará escrito na sua caixa de correspondência T. Krugman. Agora o seu número de telefone está colocado com o nome de Theodore Krugman, de modo que temos uma tremenda sorte de antes você ter mantido o telefone fora da lista. Há uma sacola de papel esperando por você com o zelador... seu novo guarda-roupa, uma identidade falsa e placas de Nova York para o carro. Gostou?

Danny pensou em Dudley Smith dentro do seu apartamento, talvez descobrindo o dossiê particular.

— Claro ten... Mal.

Considine riu.

— Não, você não gosta; tudo está acontecendo rápido demais. Você é chefe de um caso de homicídio, é um infiltrado comunista, está numa tremenda ascensão. Você está *feito*, garoto. Espero que saiba disso.

Danny captou alegria brotando do homem da Promotoria; decidiu esconder as suas caixas dos dossiês e as fotos das manchas de sangue atrás do tapete enrolado no armário do corredor.

— Sei, mas não quero que isso me suba à cabeça. Quando vou fazer minha abordagem?

— Depois de amanhã. Acho que conseguimos enganar a AUFC com as notícias que implantamos no jornal e no rádio, e Dudley e eu vamos nos concentrar nos esquerdistas de fora do sindicato... conhecidos dos cabeças... figuras vulneráveis que talvez possamos convencer a dedurar. Vamos procurar os registros da imigração para podermos arrochá-los com a hipótese de deportação. E Ed Satterlee está tentando conseguir com um grupo rival algumas fotos quentes do Comitê de Sleepy Lagoon. Pode chamar isso de uma guerra em duas frentes. Dudley e eu procurando provas externas, e você internas.

Danny viu Considine como de nervos em frangalhos; viu que o terno *dele* se ajustava como uma barraca, as mangas do paletó passando por punhos manchados e braços compridos e magros.

— Como eu entro?

Considine apontou para uma pasta sobre a cesta de Saída.

— Está tudo aí. Você é Ted Krugman, nascido em 16/6/23, um contrarregra comunista de Nova York. Na verdade, você foi morto num acidente de carro em Long Island há dois meses. Os federais locais esconderam a história e venderam a identidade a Ed Satterlee. Toda sua história passada e seus conhecidos estão lá. Há fotos de vigilância dos conhecidos comunistas, e umas vinte páginas de baboseira marxista, uma aulinha de história para você memorizar. Então, depois de amanhã, por volta das duas, vá ao piquete na Gower Street, fazendo o papel de comunista que perdeu a fé. Diga ao chefe de piquete dos caminhoneiros que a junta trabalhista do centro da cidade mandou você, para trabalhar como capanga a uma prata por hora. O cara sabe quem você é e vai colocá-lo para fazer piquetes com dois outros sujeitos. Depois de cerca de uma hora você vai entrar numa discussão política com esses caras — seguindo o roteiro que escrevi. Uma terceira discussão vai resultar numa briga de socos com um sujeito forte para valer; um instrutor de ginástica da Academia do DPLA. Ele vai dar socos de leve, mas você deve brigar de verdade. Vai levar umas pancadas, mas que diabo! Outro sujeito dos caminhoneiros vai gritar palavrões a respeito de você para o chefe de piquete da AUFC, que, pelo que

esperamos, vai abordá-lo e guiá-lo até Claire De Haven, encarregada da triagem dos membros da AUFC. Nós fizemos um bocado de dever de casa, e não conseguimos situar Krugman em contato direto com qualquer membro da AUFC. Você se parece vagamente com ele e, na pior das hipóteses, terão ouvido falar a seu respeito. Está tudo naquela pasta, garoto. Fotos dos homens com quem você vai fazer isso; tudo.

Um dia limpo para trabalhar nos homicídios; uma noite inteira para se transformar em Ted Krugman.

— Fale-me de Claire De Haven.

— Você tem namorada?

Danny começou a dizer que não, depois lembrou-se do namoro falso que o ajudara a resolver a história da Tamarind.

— Nada sério. Por quê?

— Bom, não sei até que ponto você é suscetível a mulheres em geral, mas De Haven é uma tremenda presença. Buzz Meeks acabou de fazer um relatório dizendo que ela se droga há muito tempo... heroína e bolinhas... mas mesmo assim é uma dona formidável, e tremendamente boa em conseguir o que quer dos homens. De modo que quero que você se certifique de seduzi-la, e não o contrário. Isso responde à sua pergunta?

— Não.

— Quer uma descrição física?

— Não.

— As chances que você tem de trepar com ela?

— Não.

— Quer o passado sexual dela?

Danny lançou sua pergunta antes que pudesse recuar.

— Não. Eu quero saber por que um policial de alto posto tem uma paixonite por uma *socialite* comunista.

Considine ruborizou até ficar rosa — como Felix Gordean dissera que *ele* havia ruborizado. Danny tentou ler o rosto do sujeito e captou: *me pegou*. “Me chame de Mal” gargalhou, tirou a aliança de casamento e jogou-a no cesto de lixo.

— De homem para homem? — disse ele.

— Não, de chefe para chefe.

Considine fez o sinal da cruz na frente de seu colete.

— Das cinzas às cinzas, e nada mau para um filho de um pastor. Digamos apenas que sou suscetível a mulheres perigosas e minha mulher está se

divorciando de mim, de modo que não posso andar por aí caçando e dar munição para ela usar no tribunal. Quero a custódia de meu filho e não vou dar a ela a mínima evidência para estragar o caso. E geralmente não faço confissões a policiais mais jovens.

Danny pensou: esse homem está tão enfiado num limbo que você pode lhe dizer qualquer coisa e ele vai continuar por aí — porque à uma da madrugada ele não tem nenhuma porra de um lugar aonde ir.

— *E é por isso* que você está tão excitado em trabalhar com De Haven?

Considine sorriu e deu um tapa na gaveta de cima da mesa.

— Por que será que estou apostando que há uma garrafa aqui?

Danny sentiu-se ruborizar.

— Porque é esperto?

A mão continuou batendo.

— Não, porque seus nervos estão lá no alto junto com os meus, e porque você sempre fede a Lavis. De chefe para recruta, aqui vai uma lição. Policiais que cheiram a antisséptico bucal gostam de beber. E policiais que bebem e que conseguem manter isso sob controle geralmente são policiais muito bons.

“Policiais muito bons” acendeu uma luz verde. Danny afastou a mão de Considine, abriu a gaveta, e tirou uma garrafa e dois copos de papel. Serviu doses quádruplas e ofereceu; Considine aceitou com um gesto de cabeça; os dois começaram a beber.

— Aos nossos dois casos — disse Danny. Considine brindou.

— A Stefan Heisteke Considine. — Danny bebeu, esquentou-se da cabeça aos dedos dos pés, bebeu; Considine bebericou e apontou o polegar, por sobre as costas, para Harlan “Buddy” Jastrow.

— Upshaw, quem é este cara? E por que você está tão fissurado com esses assassinatos de homossexuais?

Danny travou os olhos com Jastrow.

— Buddy é o sujeito que eu queria pegar, o que era pior, a noz mais difícil de ser quebrada porque simplesmente não estava em lugar algum. Mas há uma outra coisa, e é o simples e puro terror. É um negócio incrivelmente brutal, e acho que pode ser aleatório, mas não acredito muito. Acho que estou lidando com vingança. Acho que todos os métodos do assassino são representações, todas as mutilações são simbólicas da tentativa de ele ajustar seu passado na mente. Fico pensando nisso e fico voltando a vinganças por

causa de antigas coisas erradas. Nada dessa merda cotidiana de trauma da infância, mas coisas grandes, grandes.

Danny fez uma pausa, bebeu e olhou a placa de informações pendurada no pescoço de Jastrow: Cadeia do Condado de Kern, 4/3/38.

— Algumas vezes acho que sei quem é esse sujeito e por que ele faz isso, e que então vou saber de alguma coisa tão grande que poderei resolver todas as coisas cotidianas como se fosse a maior moleza. Eu posso fazer carreira e cuidar do pão com manteiga, porque tudo que já senti sobre o que as pessoas são capazes de fazer veio junto num único serviço, e eu descobri *por quê*. Por *quê*. *Por quê, porra*.

O “E por que você faz o que faz” de Considine saiu muito baixo. Danny olhou para longe de Jastrow e matou sua bebida.

— É, e isso. E por que você está tão ligado na relação entre mim e Claire De Haven. E não diga que é patriotismo.

Considine gargalhou.

— Garoto, você engoliria meu patriotismo se eu lhe dissesse que o júri de instrução me garante o cargo de capitão, investigador-chefe da Promotoria e o prestígio para manter meu filho?

— Sim, mas ainda há De Haven e...

— É, e eu. Vamos só colocar a coisa assim. Eu também preciso saber por *quê*, só que gosto de entrar nisso a distância. Ficou satisfeito?

— Não.

— Não achei que ficaria.

— Você *sabe* por *quê*?

Considine tomou um gole de *bourbon*.

— Não foi difícil descobrir.

— Eu costumava roubar carros, ten... Mal. Eu era o ás dos ladrões de carro no Condado de San Berdoo logo antes da guerra. É uma reviravolta?

O tenente Mal Considine estendeu a perna comprida e puxou o cesto de lixo até a cadeira. Remexeu dentro dele, encontrou a aliança de casamento e colocou-a no dedo.

— Amanhã vou confabular com meu advogado para o caso da custódia, e tenho certeza de que ele vai querer que eu continue usando essa porra.

Danny se inclinou à frente.

— Reviravolta, capitão?

Considine levantou-se e se espreguiçou.

— Meu irmão me chantageava, ameaçava me dedurar ao velho cada vez que eu dizia alguma coisa suja sobre religião. Como a punição do velho por blasfêmia eram dez chicotadas, o velho Desmond costumava conseguir o que queria, e que em geral era eu invadir casas para roubar coisas que ele desejava. Então vamos colocar a coisa assim: eu vi um bocado de coisas que eram bem bonitas e um bocado de coisas que eram bem assustadoras, e gostava. De modo que se tratava de virar ladrão ou espião, e policial parecia um bom meio-termo. E mandar espiões me atraía muito mais do que fazer eu mesmo o serviço, mais ou menos como Desmond na posição de vantagem.

Danny levantou-se.

— Vou pegar De Haven para você. Pode confiar.

— Não duvido, Ted.

— *In vino veritas*, certo?

— Claro, e mais uma coisa. Não vai se passar muito tempo antes que eu seja chefe de polícia ou algo tão grande assim. E vou levar você comigo.

CAPÍTULO XIX

Mal acordou pensando em Danny Upshaw.

Ao rolar para fora da cama, olhou as quatro paredes do quarto 11 do Motel Shangri-Lodge. Uma capa de revista emoldurada em cada parede — testemunhos de Norman Rockwell à feliz vida familiar. Uma pilha de suas roupas sujas junto à porta — e nada de Stefan para levá-las à lavanderia. O quadro de cortiça que ele havia pendurado, uma tarefa se destacando: localizar o Dr. Lesnick. O dedo-duro/psiquiatra não podia ser encontrado em casa ou em seu consultório, e os hiatos de 1942-1944 no dossiê de Reynolds Loftis tinham de ser explicados; ele precisava de uma visão psiquiátrica geral dos cabeças do sindicato agora que a infiltração estava para ser feita, e todos os dossiês terminavam no final do verão do ano passado... por quê?

E as cortinas eram de gaze de algodão; o tapete estava tão puído quanto uma *tortilla*; a porta do banheiro estava rabiscada com nomes e números de telefone — “Cindy Pecadora DU-4927, 95-60-95, adora trepar e chupar” — valia uma telefonada — se algum dia ele voltasse a fazer batidas para a Delegacia de Costumes. E Dudley Smith deveria chegar em vinte minutos — o trabalho de hoje era do tipo policial bom/policial mau: dois roteiristas comunas que tinham evitado intimações por parte da Comissão de Atividades Antiamericanas porque sempre escreviam com pseudônimos e se mandaram do país quando a merda bateu no ventilador em 47. Haviam sido localizados por gente de Ed Satterlee — detetives particulares que estavam na folha de pagamento da Contracorrentes Vermelhas — e os dois homens conheciam intimamente os figurões da AUFC no final da década de 30 e início da de 40.

E ter ficado tão chapa de um subalterno era estranho. Dois drinques compartilhados e eles começaram a mostrar as entranhas um para o outro — má política de cadeia de comando — policiais ambiciosos deveriam manter tudo trancado enquanto subiam a escada.

Mal tomou banho, barbeou-se e se vestiu, bancando o *bookmaker* — De Haven versus Upshaw, sua melhor aposta era no empate. Exatamente às 8:30

uma buzina soou; ele saiu e viu Dudley encostado em seu Ford.

— Bom dia, Malcolm! Não é um dia fantástico?

Foram para oeste pela Wilshire, Mal quieto, Dudley falando de política.

— ...eu estive comparando o modo de vida comunista com o nosso, e fico sempre voltando à família como a espinha dorsal da vida americana. Acredita nisso, Malcolm?

Mal sabia que Loew o pusera em dia com relação a Celeste — que, em termos de parceiro, ele poderia ter arranjado um pior — como Buzz Meeks.

— Ela tem o seu lugar.

— Eu seria um pouco mais enfático com relação a isso, dado o problema que você está tendo para conseguir seu filho de volta. O negócio com o seu advogado está indo bem?

Mal pensou na reunião à tarde com Jake Kellerman.

— Ele vai tentar conseguir adiamentos para mim até que o júri de instrução esteja funcionando e produzindo resultados. Eu tenho a preliminar dentro de uns dois dias, e aí vamos começar a empurrar com a barriga.

Dudley acendeu um cigarro e dirigiu com o dedinho.

— É, um capitão numa cruzada pode convencer o juiz de que água é mais grossa do que sangue. Você sabe, garoto, que eu tenho mulher e cinco filhas. Elas servem bem para manter as rédeas de determinados aspectos desregrados de minha natureza. Uma família é uma coisa essencial para um homem, se ele puder mantê-la em perspectiva.

Mal baixou sua janela.

— Eu não tenho perspectiva com relação ao meu filho. Mas se conseguir manter você em perspectiva até o júri de instrução estar funcionando, estarei em *grande* forma.

Dudley Smith exalou gargalhadas e fumaça.

— Gosto de você, Malcolm, mesmo não sendo uma coisa recíproca. E por falar em família, tenho um servicinho para fazer. Preciso falar com minha sobrinha. Você se importaria de fazer um pequeno desvio até Westwood?

— Um desvio rápido, tenente?

— Muito rápido, tenente.

Mal assentiu; Dudley virou para norte na Glendon e partiu em direção ao campus da UCLA, estacionando numa vaga com parquímetro na Sorority Row. Enquanto puxava o freio de mão, disse:

— Mary Margaret, filha da minha irmã Brigid. Vinte e nove anos e em seu terceiro mestrado porque tem medo de sair e enfrentar o mundo. Triste, não é?

Mal suspirou.

— Trágico.

— Exatamente o que eu estava pensando, mas sem sua ênfase no sarcasmo. E por falar em jovens, qual é sua opinião sobre o nosso jovem colega Upshaw?

— Acho que é inteligente e vai longe. Por quê?

— Bom, garoto, alguns amigos meus dizem que ele não sabe qual é o seu lugar, e o sujeito me impressiona como fraco e ambicioso, o que considero uma combinação perigosa num policial.

O primeiro pensamento de Mal: ele não deveria ter confiado no garoto, porque metade de seu tutano era apenas fachada esperando para rachar.

— Dudley, o que você quer?

— O comunismo derrotado. E por que você não desfruta a visão de jovens estudantes bonitas enquanto falo com minha sobrinha?

Mal acompanhou Dudley subindo a escada de uma mansão espanhola com uma exposição no gramado: símbolos gregos enfiados na grama, em estacas de madeira. A porta estava aberta; a área do saguão agitada: garotas fumando, falando e gesticulando para livros. Dudley apontou para o andar de cima e falou:

— Não demoro.

Mal viu uma pilha de revistas numa mesinha de canto e sentou-se para ler, recebendo olhares curiosos das moças. Folheou uma *Collier's*, uma *Newsweek* e duas *Life* — parando ao ouvir o sotaque de Dudley, furioso, ecoando do corredor do segundo andar.

Ficou mais alto e mais assustador, pontuado por pedidos numa voz gemida de soprano. As garotas olharam para Mal; ele pegou outra revista e tentou ler. A gargalhada de Dudley tomou conta — mais assustadora do que os gritos. Agora as garotas estavam olhando fixamente; Mal largou sua *Weekly Sportsman* e subiu a escada para ouvir.

O corredor era comprido e ladeado por portas estreitas; Mal seguiu a gargalhada até uma porta em que havia uma placa onde estava escrito “Conroy”. Estava aberta alguns centímetros; ele olhou para dentro e viu uma parede dos fundos coberta de fotos de lutadores latinos. Não dava para ver Dudley e a soprano; Mal forçou o ouvido.

— ...touradas, *piñatas* e pesos-galos *cucarachas*. É uma fixação, garota. A sua mãe pode não ter estômago para lhe dar jeito, mas eu tenho.

A soprano, rastejando:

— Mas Ricardo é um rapaz adorável, tio Dud. E eu...

Uma mão gigantesca atravessou a tira de visão de Mal, um tapa transformado numa carícia, uma cabeça com cabelos encaracolados aparecendo e desaparecendo.

— Você não deve dizer que o ama, garota. Não na minha presença. Seus pais são fracos, e esperam que eu assuma uma posição com relação aos homens na sua vida. E sempre vou exercer essa posição, garota. Só lembre da encrenca de que poupei você antes, e agradeça.

Uma garota/mulher gorducha recuou aparecendo, as mãos no rosto, soluçando. Os braços de Dudley Smith rodearam-na; as mãos dela transformaram-se em punhos para impedir que ele completasse o abraço. Dudley murmurou doces nada. Mal voltou para o carro e esperou. Seu parceiro apareceu cinco minutos depois.

— *Toc, toc, toc*, quem está aí? É Dudley Smith, portanto cuidado, comunistas! Garoto, vamos impressionar o Sr. Nathan Eisler com a retidão de nossa causa?

O último endereço conhecido de Eisler era Presidio 11.681, a pouca distância do campus da UCLA. Dudley cantarolava músicas de shows enquanto dirigia; Mal continuava vendo a mão dele em vias de golpear, a sobrinha encolhendo-se para longe do toque amigável do tio. O número 11.681 era uma pequena construção pré-fabricada, cor-de-rosa, no final de um longo quarteirão de casas pré-fabricadas; Dudley estacionou em fila dupla, Mal lembrou fatos do relatório de Satterlee:

Nathan Eisler. Quarenta e nove anos. Judeu-alemão que fugiu de Hitler e companhia em 34; membro do PC de 36 a 40, depois membro de meia dúzia de organizações de fachada comunistas. Co-roteirista em vários filmes pró-russos, seu parceiro de escrita era Chaz Minear; colegas de pôquer de Morton Ziffkin e Reynolds Loftis. Escreveu sob pseudônimos para manter a privacidade profissional; escorregou por entre as mãos dos investigadores da Comissão de Atividades Antiamericanas; atualmente vivia sob a alcunha de Michael Kaukenen, o nome do herói de *Tempestade sobre Leningrado*. Atualmente roteirizando *westerns* B da RKO, sob outro pseudônimo, e quem

assumia a frente do trabalho era um falso escritor politicamente aceitável que recebia 35%. Melhor amigo de Lenny Rolff, colega expatriado, segundo interrogado do dia.

Ex-amante de Claire De Haven.

Pegaram um caminho coberto de brinquedos até a varanda; Mal olhou por uma porta de tela para uma perfeita sala de estar pré-fabricada: móveis de plástico, chão de linóleo, papel de parede reluzente e cor-de-rosa. Crianças guinchavam lá dentro; Dudley piscou e tocou a campainha. Um homem alto e barbado veio até a tela, flanqueado por um menininho e uma menininha. Dudley sorriu; Mal viu o garotinho enfiar o polegar na boca e falou primeiro:

— Sr. Kaukenen, somos da Promotoria, e gostaríamos de falar com o senhor. A sós, por favor.

As crianças comprimiram-se contra as pernas do homem; Mal viu olhos repuxados e apavorados — dois mestiçozinhos assustados por dois bichos-papões enormes. Eisler/Kaukenen gritou:

— Michiko!

Uma japonesa se materializou e afastou as crianças. Dudley abriu a porta sem ser convidado; Eisler falou:

— Vocês estão três anos atrasados.

Mal entrou atrás de Dudley, espantado ao ver como o lugar parecia barato — um barraco de brancos pobres — o lar de um homem que ganhava três mil por semana durante a Depressão. Ouviu as crianças berrando atrás de paredes finas como biscoitos; perguntou-se se Eisler tivera de se adaptar à mesma merda de língua estrangeira que ele — depois imaginou que ele provavelmente aceitava isso a partir de princípios comunistas gerais.

— É uma casa encantadora, Sr. Kaukenen — disse Dudley. — Especialmente a cor.

Eisler/Kaukenen ignorou o comentário e indicou uma porta na sala de estar. Mal entrou e viu um pequeno espaço quadrado que parecia quente e habitável: livros do chão ao teto, poltronas ao redor de uma ornamentada mesinha de centro e uma escrivaninha grande dominada por uma máquina de escrever classe A. Ocupou o lugar mais longe do guincho das vozes infantis; Dudley sentou-se à frente dele. Eisler fechou a porta e disse:

— Eu sou Nathan Eisler, como se vocês já não soubessem.

Mal pensou: nada de policial bonzinho, nada de “eu amei o seu filme *Branding Iron*”.

— Então sabe por que estamos aqui.

Eisler trancou a porta e ocupou a poltrona que restava.

— A cadela está no cio de novo, apesar das informações de que teve um aborto.

— Você não contará a ninguém que o interrogamos — disse Dudley. — Haverá repercussões sérias caso desobedeça.

— Como o quê, Herr...?

Mal interrompeu.

— Mort Ziffkin, Chaz Minear, Reynolds Loftis e Claire De Haven. Estamos interessados nas atividades deles, não nas suas. Se cooperar integralmente conosco, talvez deixemos que testemunhe através de um depoimento. Sem tribunal, provavelmente com muito pouca publicidade. Você se livrou da Comissão de Atividades Antiamericanas, e vai se livrar desta. — Ele parou e pensou em Stefan, com sua mãe maluca e o novo namorado dela. — Mas queremos fatos importantes. Nomes, datas, locais e confirmações. Se você cooperar, se livra. Se não, é uma intimação e interrogatório num tribunal, com um promotor que só posso descrever como um pesadelo. A escolha é sua.

Eisler afastou um pouco a cadeira. De olhos baixos, falou:

— Não vejo essas pessoas há anos.

— Nós sabemos — disse Mal. — E é nas atividades *passadas* deles que estamos interessados.

— E estas são as únicas pessoas de quem vocês querem saber?

Mal mentiu, pensando em Lenny Rolff.

— É. Só eles.

— E quais são essas repercussões de que vocês falaram?

Mal tamborilou na mesa.

— Aborrecimento no tribunal. Sua foto no...

Dudley interrompeu.

— Sr. Eisler, se não cooperar, eu informarei a Howard Hughes que o senhor é o autor de filmes da RKO que atualmente são creditados a outro homem. Esse homem, o seu contato para um emprego como escritor, estará acabado. Informarei ao Ministério do Interior que o senhor se recusou a cooperar com uma instituição municipal que investiga traição, e insistirei para que o Setor de Investigação deles examine *suas* atividades sediciosas com um olho na sua deportação como estrangeiro inimigo e na deportação de sua mulher e seus filhos como potenciais estrangeiros inimigos. O senhor é alemão e sua mulher é japonesa, e como esses dois países foram responsáveis

pelo nosso recente conflito mundial, creio que o Ministério do Interior gostaria de ver vocês dois de volta às respectivas pátrias.

Nathan Eisler havia se curvado, cotovelos nos joelhos, mãos no queixo, cabeça baixa. Lágrimas rolaram por seu rosto. Dudley estalou os dedos e disse:

— Um simples sim ou não será suficiente.

Eisler assentiu; Dudley falou:

— Fantástico.

Mal pegou sua caneta e o bloco.

— Eu sei a resposta, mas diga mesmo assim. Você é ou foi membro do Partido Comunista Americano?

Eisler balançou a cabeça.

— Sim ou não como resposta — disse Mal. — Isto é oficial.

Um “sim” fraco.

— Bom. Onde se localizava sua unidade ou sua célula no partido?

— Eu... eu ia a reuniões em Beverly Hills, West Los Angeles e Hollywood. Nós... nós nos encontrávamos na casa de vários membros.

Mal anotou a informação — taquigrafando tintim por tintim.

— Durante que anos você foi membro do partido?

— De abril de 36 até Stalin provar que o partido...

Dudley interveio:

— Não se justifique, só responda.

Eisler pegou um lenço de papel no bolso da camisa e enxugou o nariz.

— Até o início de 40.

— Aqui vão alguns nomes — disse Mal. — Diga quais dessas pessoas você conhecia como membros do partido. Claire De Haven, Reynolds Loftis, Chaz Minear, Morton Ziffkin, Armando Lopez, Samuel Benavides e Juan Duarte.

— Todos eles — disse Eisler.

Mal ouviu as crianças trombeteando na sala de estar e levantou a voz.

— Você e Chaz Minear escreveram os roteiros de *Alvorecer dos justos*, *Front Leste*, *Tempestade sobre Leningrado* e *Os heróis de Yakustok*. Todos esses filmes esposavam sentimentos russos nacionalistas. Vocês receberam ordens de figuras importantes no Partido Comunista para inserir propaganda pró-russa neles?

— Esta é uma pergunta ingênua — disse Eisler.

Dudley deu um tapa na mesinha de centro.

— Não comente, só responda.

Eisler aproximou a sua cadeira de Mal.

— Não. Não, não me ordenaram isso.

Dudley sinalizou dois dedos na gravata para Mal — *ele é meu*.

— Sr. Eisler, o senhor nega que esses filmes contêm propaganda pró-russa?

— Não.

— O senhor e Chaz Minear chegaram sozinhos à decisão de disseminar essa propaganda?

Eisler se retorceu na cadeira.

— Chaz era responsável por filosofar, enquanto eu fazia com que o argumento falasse de modo mais eloquente em nome das ideias que queríamos levantar.

— Temos cópias desses roteiros — disse Mal. — Com anotações nas passagens de propaganda óbvia. Voltaremos para que você especifique o diálogo que atribui a Minear disseminando as ideias do partido.

Sem resposta.

— Sr. Eisler — disse Mal —, o senhor diria que tem boa memória?

— Sim, eu diria.

— E o senhor e Minear trabalhavam juntos na mesma sala, nos roteiros?

— Sim.

— E houve vezes em que ele disse coisas como “isso é uma propaganda fantástica”, ou “isto é para o partido”?

Eisler continuou se retorcendo, cruzando os braços e as pernas.

— Sim, mas ele só estava sendo satírico, brincando. Ele não...

Dudley gritou:

— Não interprete, só responda!

Eisler gritou de volta.

— Sim! Sim! Sim! Que droga, sim!

Mal fez para Dudley o sinal de parar; falou a Eisler com sua voz mais tranquilizadora:

— Sr. Eisler, o senhor mantinha um diário durante a época em que trabalhou com Chaz Minear?

O homem estava retorcendo as mãos, o lenço de papel rasgando-se entre os dedos azul-esbranquiçados.

— Sim.

— Ele continha anotações relativas às suas atividades no Partido Comunista e ao seu trabalho como roteirista com Chaz Minear?

— Ah, meu Deus, sim.

Mal pensou no relatório dos investigadores de Satterlee: Eisler transando com Claire De Haven entre 38 e 39.

— E anotações relativas à sua vida pessoal?

— Ah, *Gott im Himm...* sim, sim!

— E você ainda tem esse diário?

Silêncio, depois:

— Não sei.

Mal deu um tapa na mesa.

— Tem sim, e vai nos deixar vê-lo. Apenas as anotações políticas adequadas serão postas na transcrição oficial.

Nathan Eisler soluçou baixo. Dudley falou:

— Você nos entregará esse diário, caso contrário iremos reivindicá-lo e policiais uniformizados vão revirar sua pequena habitação, perturbando seriamente sua familiazinha elegante.

Eisler fez um pequeno sinal de cabeça, dizendo que sim; Dudley se recostou na poltrona, cujas pernas estalaram sob seu peso. Mal viu uma caixa de lenços de papel sobre a janela, pegou-a e colocou no colo de Eisler. Eisler aninhou a caixa; Mal falou:

— Vamos levar o diário, e por enquanto vamos deixar Minear de lado. Eis uma pergunta geral. Você já ouviu alguma das pessoas em que estamos interessados defender a tomada do governo dos Estados Unidos através das armas?

Duas sacudidas negativas, Eisler com a cabeça baixa, as lágrimas secando. Mal falou:

— Não como um pronunciamento formal, mas esse sentimento declarado.

— Cada um de nós disse isso com raiva, e nunca significava nada.

— O júri de instrução decidirá o que vocês quiseram dizer. Seja específico. Quem disse isso, e quando.

Eisler enxugou o rosto.

— Claire dizia “o fim justifica os meios” nas reuniões, e Reynolds dizia que não era um homem violento, mas que pegaria um porrete se fôssemos nós contra os chefes. Os garotos mexicanos diziam isso de um milhão de modos diferentes num milhão de contextos, especialmente na época de

Sleepy Lagoon. Mort Ziffkin gritou para que todo mundo ouvisse. Ele era um homem corajoso.

Mal anotou tudo em sua taquigrafia, pensando na AUFC e nos estúdios.

— E quanto à AUFC? Como ela se liga ao partido e aos grupos de fachada aos quais você e os outros pertenciam?

— A AUFC foi fundada enquanto eu estava fora do país. Os três garotos mexicanos arranjaram trabalho como contrarregras e recrutaram membros, assim como Claire De Haven. O pai dela havia atuado como advogado para defender interesses escusos da indústria cinematográfica e ela dizia que pretendia explorar isso e... e...

A cabeça de Mal estava zumbindo.

— E o quê? Diga.

Eisler voltou a torcer os dedos.

— *Diga* — insistiu Mal. — Explorar e o quê?

— Seduzir! Ela cresceu junto ao pessoal do cinema e conhecia atores e técnicos que a desejavam desde que era garota! Ela os seduziu para que fossem membros fundadores e conseguiu que eles recrutassem para ela... ela dizia que era sua penitência por não ter sido intimada pela Comissão de Atividades Antiamericanas!

Um bingo triplo.

Mal forçou sua voz a ficar tão controlada quanto a de Dudley.

— Quem ela seduziu especificamente?

Eisler cutucava, repuxava e rasgava a caixa de lenços de papel.

— Não sei, não sei, honestamente não sei.

— Um monte de homens, alguns homens, quantos?

— Não sei. Suspeito de que apenas alguns poucos atores influentes e técnicos que ela conhecia e que poderiam ajudar o sindicato.

— Quem mais ajudou-a a recrutar? Minear, Loftis?

— Na época Reynolds estava na Europa, Chaz eu não sei.

— O que era discutido nas primeiras reuniões da AUFC? Havia algum tipo de programação ou visão geral na qual eles trabalhavam?

Agora a caixa de lenços era uma pilha de papelão rasgado; Eisler espanou-a para fora do colo.

— Nunca compareci às reuniões deles.

— Nós sabemos. Mas precisamos saber quem, além dos primeiros fundadores, estava lá, e o que era discutido.

— Não sei!

Mal lançou uma bola de efeito.

— Você ainda sente tesão por Claire, Eisler? Está protegendo-a? Você sabe que ela vai se casar com Reynolds Loftis. Como isso faz você se sentir?

Eisler jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Nosso caso foi breve, e desconfio que o belo Reynolds sempre preferirá os garotos.

— Chaz Minear não é um garoto.

— E ele e Reynolds não duraram muito.

— Gente fina você conhece, camarada.

O riso de Eisler ficou baixo, gutural, e tremendamente alemão.

— Prefiro eles ao senhor, *obersturmbahnführer*.

Mal controlou-se olhando para Dudley; o Sr. Policial Mau devolveu-lhe o sinal para cortar essa.

— Deixaremos esse comentário de lado em deferência à sua cooperação, e você pode dizer que esta foi a sua entrevista inicial. Meu colega e eu repassaremos suas respostas, compararemos com nossos registros, e mandaremos de volta uma longa lista de outras perguntas, com detalhes específicos relativos às suas atividades no front comunista e às atividades dos membros da AUFC de quem falamos. Um oficial de justiça do município irá monitorar essa transação, e um repórter do tribunal tomará seu depoimento. Depois dessa entrevista, desde que você responda a mais algumas perguntas agora e permita que levemos o seu diário, terá o status de testemunha amigável e total imunidade com relação a processos.

Eisler levantou-se, caminhou com pernas bambas até a mesa e abriu uma gaveta de baixo. Remexeu dentro dela, tirou um diário com capa de couro, trouxe-o e colocou sobre a mesa.

— Façam as suas perguntas e vão embora.

Dudley moveu a palma da mão devagar para baixo: *vá com calma*. Mal falou:

— Temos uma segunda entrevista esta tarde, e acho que você pode nos ajudar com ela.

Eisler gaguejou.

— O q-que, q-quem?

Dudley, num sussurro:

— Leonard Hyman Rolff.

O interrogado disse com voz rouca a palavra única:

— Não.

Dudley olhou para Mal; Mal colocou a mão esquerda sobre o punho direito: *nada de golpear*.

— *Sim* — disse Dudley. — E não vamos aceitar argumentos, nem discussão. Quero que você pense em alguma coisa vergonhosa que possa incriminar o nosso velho amigo Lenny, algo que outras pessoas saibam, de modo que possamos colocar neles a culpa pela informação. *Você irá informar*, de modo que o aconselho a pensar numa coisa eficaz, algo que afrouxe a língua do Sr. Rolff e poupe você de uma visita minha; sem o meu colega que sabe me conter tão bem.

Nathan Eisler tinha ficado branco como uma lápide. Permaneceu sentado imóvel, aparentemente além das lágrimas, do choque ou da indignação. Mal achou que ele parecia familiar; alguns segundos olhando-o deu-lhe a conexão: os judeus de Buchenwald que só tinham vencido a câmara de gás para afundar numa sepultura através da anemia viral. A lembrança fez com que ele se levantasse e fosse remexer nas estantes; o silêncio mortal continuou. Estava examinando uma prateleira dedicada à economia marxista quando o sussurro de Dudley voltou.

— As repercussões, camarada. Campo de refugiados para seus menininhos mestiços. O Sr. Rolff terá a sua chance de virar uma testemunha amigável, de modo que se ele for do tipo insubordinado, você estará lhe fazendo um favor nos dando informações para convencê-lo a informar. Pense em Michiko forçada a manter o corpo e a alma íntegros no Japão, em todas as ofertas tentadoras que ela receberá.

Mal tentou olhar de volta, mas não conseguiu se obrigar. Fixou-se em *Das Kapital — Uma concordância*, *As teorias de Marx sobre comércio e repressão* e *O proletariado fala*. O silêncio assentou-se em volta; dedos pesados batucavam na mesa. E depois a voz monótona de Nathan Eisler:

— Garotas novas. Prostitutas. Lenny receia que a mulher dele descubra que ele gosta disso.

Dudley suspirou.

— Não é suficiente. Esforce-se mais.

— Ele tem fotos pornográficas das...

— Muito fraco, camarada.

— Ele sonega imposto de renda.

Dudley riu.

— Eu também, e também o meu amigo Malcolm, e o nosso salvador Jesus Cristo também o faria se voltasse e se estabelecesse na América. Você

sabe mais do que está dizendo, então, por favor, retifique esta situação antes que eu perca a cabeça e revogue o seu status de testemunha amigável.

Mal ouviu as crianças rindo lá fora, a menininha guinchando em japonês. Falou:

— Que droga, fale.

Eisler tossiu, respirou fundo e tossiu de novo.

— Lenny não vai falar tão facilmente quanto eu. Ele tem muito a perder.

Mal virou-se, viu uma cabeça da morte e virou-se de novo; Dudley estalou os nós dos dedos. Eisler falou:

— Sempre tentarei pensar que fiz isso por Lenny e sempre saberei que estou mentindo. — Sua próxima respiração funda assobiou; ele soltou rápido, direto para a deduração. — Eu estava viajando com Lenny e a mulher dele, Judith, na Europa em 48. Paul Doinelle estava fazendo sua série mascarada com Reynolds Loftis e deu uma festa para tentar levantar fundos para o próximo filme. Paul queria agradar Lenny e trouxe uma jovem prostituta para ele. Judith não compareceu à festa e Lenny pegou gonorreia com a prostituta. Judith ficou doente e voltou para a América, e Lenny teve um caso com a irmã mais nova dela, Sarah, em Paris. Passou gonorreia para ela. Sarah disse a Judith que estava com a doença, mas não que fora passada por Lenny. Lenny ficou sem fazer amor com Judith durante muitas semanas depois de ter voltado à América enquanto se curava, empregando várias desculpas. Ele sempre ficara com medo de que Judith logicamente ligasse os dois acontecimentos e percebesse o que havia acontecido. Lenny me confidenciou isso, Reynolds e nosso amigo David Yorkin, que, tenho certeza, vocês conhecem de sua maravilhosa lista de organizações de fachada. Como estão tão preocupados com Reynolds, talvez vocês possam dizer que foi ele o informante.

— Que Deus o abençoe, camarada — disse Dudley.

Mal pegou o diário de Eisler, esperando traição suficiente para fazer com que duas divisas prateadas e seu garoto valessem o preço.

— Vamos pegar Lenny.

Encontraram-no sozinho, datilografando numa mesinha de armar, no quintal dos fundos, o tac-tac-tac guiando-os pela lateral da casa até um homem gordo com camisa de havaiano e calças de algodão, catando milho numa antiga

Underwood. Mal viu-o erguer os olhos e soube que aquele sujeito não era presa fácil.

Dudley mostrou o distintivo.

— Sr. Leonard Rolff?

O homem colocou um par de óculos e examinou o distintivo.

— Sim. Vocês são policiais?

— Estamos trabalhando para o Departamento da Promotoria — disse Mal.

— Mas são policiais?

— Somos investigadores da Promotoria.

— Sim, vocês são policiais e não advogados. E seus nomes e seus postos?

Mal pensou no que estavam colocando nos jornais, e soube que não tinha outro recurso.

— Sou o tenente Considine, e este é o tenente Smith.

— Recentemente retratados como lamentando o encerramento do pretense júri de instrução municipal que, pelo que percebo agora, voltou à ordem do dia. A resposta é não, cavalheiros.

Mal bancou o idiota.

— Não o quê, Sr. Rolff?

Rolff olhou para Dudley, como se soubesse que era a ele que tinha de impressionar.

— *Não*, não vou delatar membros da AUFC. *Não*, não vou responder a perguntas relativas a meu passado político ou ao passado de amigos e conhecidos. Caso seja intimado, serei uma testemunha hostil e reivindicarei a Quinta Emenda, e estou preparado para ser preso por desprezar o tribunal. Vocês não podem fazer com que eu cite nomes.

Dudley sorriu para Rolff.

— Respeito homens de princípios, ainda que iludidos. Cavalheiros, poderiam me desculpar um momento? Deixei algo no carro.

O sorriso era de causar gelo. Dudley saiu; Mal entrou com uma interferência:

— Você pode não acreditar, mas na verdade nós estamos do lado da esquerda legítima americana, não comunista.

Rolff apontou para a folha na máquina de escrever.

— Se você fracassar como policial, pode ter uma segunda carreira como comediante. Assim como eu. Os fascistas tomaram minha carreira de roteirista; agora escrevo romances históricos com o pseudônimo de Erica St.

Jane. E meu editor conhece a minha política e não se importa. Assim como o patrão de minha esposa, que tem jurisdição total no estado da Califórnia. Vocês não podem prejudicar qualquer um de nós.

Uma gracinha.

Mal observou Lenny Rolff retomando o trabalho na página 399 de *Atrás dos dobrões perdidos*. O barulho da máquina de escrever preencheu o ar. Olhou para a modesta casa de pedras do escritor e pensou que ele ao menos economizara mais dinheiro do que Eisler, e tivera a sensatez de não se casar com uma japonesa. Mais *tac-tac-tac*; a página 399 tornou-se as páginas 400 e 401 — Rolff realmente mandava ver. Em seguida o sotaque de Dudley, o mais teatral que ele já ouvira.

— Abençoe-me, pai, porque pequei. Minha última confissão foi no dia de São Nunca, porque sou judeu. No momento retificarei essa situação, monsenhores Smith e Considine, meus confessores.

Mal virou-se e viu Dudley segurando uma pilha de fotos; Rolff terminou de datilografar um parágrafo e ergueu os olhos. Dudley empurrou uma fotografia na cara dele; Rolff disse:

— Não. — Calmo. Mal rodeou a mesa e trouxe a foto mais para perto.

Era em preto e branco, turva, uma garota adolescente nua e com as pernas abertas. Dudley leu do outro lado:

— Para Lenny. Você foi o melhor. Com o amor de Maggie, na Minnie Robert's Casbah, 19 de janeiro de 1946.

Mal prendeu o fôlego. Rolff levantou-se, olhou Dudley nos olhos, inexpressivo, e com voz firme.

— Não. Minha mulher e eu perdoamos um ao outro nossas pequenas indiscrições. Caso contrário vocês acham que deixaria as fotos na minha mesa? Não. Ladrão. Fascista parasita. Porco irlandês.

Dudley jogou as fotos sobre o gramado; Mal lançou-lhe o sinal de não bater; Rolff pigarreou e cuspiu no rosto de Dudley. Mal ficou boquiaberto; Dudley sorriu, pegou uma folha do manuscrito e limpou o cuspe.

— Sim, porque a bela Judith não sabe de Sarah e da gonorreia que você passou para ela. E acabo de ter uma intuição de onde você se curou. Terry Lux mantém registros meticulosos, e ele prometeu cooperar comigo, quer você decida ou não.

— Quem lhe contou?

Dudley, fazendo movimentos: *transcrição ipsis litteris*.

— Reynolds Loftis, sob pressão muito menor do que essa à qual você acaba de ser submetido.

Mal pensou no jogo: se Rolff procurasse Loftis, todos os interrogatórios que eles estavam fazendo estariam comprometidos; a AUFC poderia vetar novos membros — com medo de infiltração e estragando a abordagem de Danny Upshaw. Pegou caneta e bloco, puxou uma cadeira e sentou-se; Dudley soltou seu blefe.

— Sim ou não, Sr. Rolff? Dê-me sua resposta.

Veias pulsavam por todo o rosto de Leonard Rolff.

— Sim — disse ele.

— Grande — respondeu Dudley; Mal escreveu *L. Rolff, 8/1/50* no topo de uma folha limpa. O interrogado ajeitou os óculos.

— Testemunho em júri aberto?

Mal aproveitou a deixa.

— Mais provavelmente depoimento. Começaremos com...

Dudley, a voz levantada pela primeira vez:

— Deixe-me ter esta testemunha, advogado. O senhor se importaria?

Mal balançou a cabeça e virou a cadeira, apoiando o bloco de estenografia no encosto.

— Você sabe por que estamos aqui — disse Dudley. — Então vamos ao ponto. Influência comunista no meio cinematográfico. Nomes, datas, locais e palavras sediciosas faladas. Como tenho certeza de que ele está bastante em sua mente, começaremos com Reynolds Loftis. Você já o ouviu defender a derrubada do governo dos Estados Unidos através das armas?

— Não, mas...

— Sinta-se livre para dar informações voluntariamente, a não ser que eu diga o contrário. Você tem alguma informação importante sobre Loftis?

O tom de voz de Rolff baixou.

— Ele fazia seus papéis de policiais de modo a fazer com que a polícia parecesse má. Dizia que estava fazendo sua parte para minar o sistema de jurisprudência americano. — Uma pausa, depois: — Se eu testemunhar em juízo, ele terá chance de falar sobre Sarah e eu?

Mal respondeu, metade verdade/metade mentira.

— É muito pouco provável que ele seja chamado como testemunha, e se ele tentar dar voluntariamente essa informação o juiz não deixará que continue durante dois segundos. Você está coberto.

— Mas fora do tribunal...

— Fora do tribunal você está por conta própria — disse Dudley — e terá de contar com o fato de que a repetição da história faz com que Loftis pareça desprezível.

— Se Loftis contou isso a vocês — disse Rolff —, então ele deve ter sido cooperativo em termos gerais. Por que precisam de informações para usar contra ele?

Dudley, sem perder o pique:

— Loftis informou sobre vocês há meses, quando achávamos que nossa investigação estaria centrada fora da AUFC. Francamente, com os problemas trabalhistas recentes, a AUFC apresenta um alvo muito melhor. E, francamente, você e os outros são muito pouco importantes para nos preocuparmos.

Mal olhou e viu que Rolff engoliu aquilo: seus ombros retos haviam relaxado, e as mãos pararam de se fechar e abrir. Sua pergunta seguinte foi direto ao alvo:

— Como vou saber que vocês não farão a mesma coisa comigo?

— Esse júri de instrução está oficialmente funcionando — disse Mal — e você receberá imunidade, algo que jamais oferecemos a Loftis. O que o tenente Smith disse sobre o problema trabalhista é verdade. É agora ou nunca. E nós estamos aqui para aproveitar a oportunidade.

Rolff encarou-o.

— Vocês admitem seu oportunismo de modo tão aberto que isso lhes dá uma tremenda credibilidade.

Dudley gargalhou.

— Há uma diferença entre nossas facções; nós estamos certos, vocês estão errados. Agora, com relação a Reynolds Loftis. Ele deliberadamente retratava os policiais americanos como misantropos, correto?

Mal voltou à transcrição.

— Sim — disse Rolff.

— Pode se lembrar de quando ele disse isso?

— Numa festa, acho.

— Ah? Uma festa para o partido?

— Não. Não, acho que foi numa festa na época da guerra, uma festa de verão.

— Alguma dessas pessoas também estava presente e fazendo comentários sediciosos: Claire De Haven, Chaz Minear, Mort Ziffkin, Sammy Benavides, Juan Duarte e Mondo Lopez?

— Acho que Claire e Mort estavam lá, mas naquela época Sammy, Juan e Mondo estavam ocupados com o Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon, de modo que não se encontravam.

— Então isso foi no verão de 43 — disse Mal —, mais ou menos na época em que o Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon estava com mais força?

— É. É, acho que sim.

— Pense, camarada — disse Dudley. — Minear era colega de cama de Loftis. Ele estava lá e agindo de modo vociferante?

Mal voltou a anotar, resumindo o exagero de Dudley em perguntas simples; Rolff terminou uma pausa longa.

— O que lembro dessa festa é que foi meu último contato social com as pessoas que vocês mencionaram, até que voltei a ficar amigo de Reynolds de novo na Europa, há alguns anos. Lembro que Chaz e Reynolds tinham andado brigando, e que Reynolds não o levou àquela festa. Depois da festa vi Reynolds perto do carro dele, falando com um jovem com rosto coberto por uma bandagem. Também lembro que o meu círculo de amigos políticos tinha se envolvido com a defesa de Sleepy Lagoon, e eles ficaram chateados quando peguei um serviço em Nova York que me impediu de me juntar ao grupo.

— Vamos falar de Sleepy Lagoon — disse Dudley. Mal pensou em seu memorando para Loew: nada sobre o caso deveria chegar ao júri de instrução; era veneno político que fazia os comunas parecerem bons.

— Pensei que vocês queriam que eu falasse de Reynolds.

— Divague um pouco. Sleepy Lagoon. Foi um tremendo acontecimento, não foi?

— Os garotos que o seu departamento de polícia prendeu eram inocentes. Muitos cidadãos apolíticos, preocupados, juntaram-se à esquerda do sul da Califórnia e garantiram a libertação deles. Isso transformou o caso num tremendo acontecimento, sim.

— Esta é a sua interpretação, camarada. A minha é diferente, mas é isso que torna boa uma corrida de cavalos.

Rolff suspirou.

— O que vocês querem saber?

— Dê-me suas recordações da época.

— Eu estava na Europa durante o julgamento, as apelações e a libertação dos garotos. Lembro do assassinato no verão anterior, acho que 42. Lembro da investigação policial e da prisão dos garotos e de Claire De Haven ficando

ultrajada e arranjando gente para levantar verbas. Lembro de ter pensado que ela estava bajulando seus muitos pretendentes latinos, que este foi um dos motivos de ela ficar tão envolvida com a causa.

Mal interveio, pensando em afastar os fatos da tangente de Dudley, perguntando-se *por que* a tangente.

— Nessas festas para levantar verbas, havia figurões do PC presentes?

— Sim.

— Nós vamos pegar algumas fotos de vigilância do Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon. Pediremos que você ajude a identificar as pessoas que estão nelas.

— Então vai haver mais disso?

Dudley acendeu um cigarro e fez um gesto para que Mal parasse de escrever.

— Esta é uma investigação preliminar. Um oficial de justiça da cidade e um repórter do tribunal virão dentro de alguns dias com uma lista comprida de perguntas específicas sobre pessoas específicas. O tenente Considine e eu prepararemos as perguntas, e se ficarmos satisfeitos com suas respostas vamos lhe mandar um documento oficial de imunidade.

— Então vocês terminaram?

— Ainda não. Vamos voltar a Sleepy Lagoon por um momento.

— Mas eu disse que estava em Nova York na época. Estava lá durante a maior parte dos protestos.

— Mas você conhecia muitas das pessoas principais do Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon. Duarte, Benavides e Lopez, por exemplo.

— Sim. E?

— E foram eles os mais exacerbados em dizer que os pobres garotos mexicanos perseguidos tinham sido presos sob falsos pretextos, não é?

— Sim. Sleepy Lagoon deu origem aos tumultos dos *zoot suits*, com o seu Departamento de Polícia enlouquecendo. Muitos mexicanos foram praticamente espancados até a morte, e Sammy, Juan e Mondo mostraram-se ansiosos em exprimir solidariedade através do Comitê.

Mal girou a cadeira e observou.

Dudley estava numa grande expedição de pesca, juntando uma *enorme* dose de retórica no processo — não era o estilo do sujeito.

— Se isso lhes parece doutrinário — disse Rolff — sinto muito. É simplesmente a verdade.

Dudley fez um ruído baixo, como se desse pouca importância.

— Sempre nos surpreendeu que os supostos cidadãos preocupados jamais tivessem denunciado um assassino ou assassinos adequados para ficar com a culpa do assassinato de José Diaz. Vocês são mestres em criar bodes expiatórios. Lopez, Duarte e Benavides eram membros de gangues que provavelmente conheciam uma quantidade de vagabundos brancos em quem colocar a culpa. Isso alguma vez foi discutido?

— Não. O que você está dizendo é incompreensível.

Dudley lançou uma piscadela para Mal.

— Meu colega e eu sabemos que não é assim. Vamos tentar o seguinte. Os três mexicanos ou algum outro membro do CDSL algum dia proferiram teorias, nas quais acreditavam sinceramente, quanto a quem matou José Diaz?

Trincando os dentes, Rolff disse:

— Não.

— E quanto ao próprio PC? Ele sugeriu algum bode expiatório potencial?

— Eu *disse* a vocês que não. Eu *disse* que estava em Nova York durante a maior parte do tempo do CDSL.

Dudley, ajustando o nó da gravata com um dedo apontado para a rua:

— Malcolm, mais alguma pergunta para o Sr. Rolff?

— Não.

— Ah? Nada sobre a nossa bela Claire?

Rolff levantou-se e estava passando uma das mãos por dentro do colarinho como se não pudesse esperar para dispensar seus inquisidores e tomar um banho. Mal derrubou a cadeira ao se levantar. Tentou descobrir algo para dizer e voltou vazio.

— Não.

Dudley ficou sentado, sorrindo.

— Sr. Rolff, preciso dos nomes de cinco camaradas, pessoas bem conhecidas dos cabeças da AUFC.

— Não. Inequivocamente *não* — disse Rolff.

— Aceito os nomes agora — disse Dudley. — E qualquer lembrança pessoal íntima que você possa nos dar dentro de alguns dias, depois que um colega nosso realizar verificações de passado. Os nomes, por favor.

Rolff firmou os pés na grama, fechou os punhos do lado do corpo.

— Conte a Judith sobre mim e Sarah. Ela não vai acreditar.

Dudley pegou um pedaço de papel no bolso de dentro do paletó.

— Onze de maio de 1948. “Meu querido Lenny. Sinto saudades e quero você dentro de mim apesar daquilo com que estava contaminado. Fico

pensando que obviamente você não sabia disso e que conheceu aquela prostituta antes de nos envolvermos. Os tratamentos são dolorosos, mas fazem com que eu pense em você. E não fosse o medo de Judith descobrir sobre nós, eu estaria falando de você durante todos os instantes em que fico acordada.” Os cofres Armbuster 304 são os mais baratos do mundo, camarada. Um homem na sua posição não deveria ser tão econômico.

Lenny Rolff caiu de joelhos na grama. Dudley ajoelhou-se ao lado e captou uma lista de nomes praticamente inaudível. O último nome, sussurrado, foi “Nate Eisler”. Mal foi em velocidade dupla até o carro, olhando para trás uma vez. Dudley estava observando sua testemunha amigável jogar máquina de escrever, manuscrito, mesa e cadeiras para todo lado.

Dudley levou Mal de volta ao seu motel, sem conversa o tempo inteiro, Mal mantendo o rádio grudado numa estação clássica — material bombástico tocado alto. O adeus de Dudley foi:

— Você tem mais estômago para esse trabalho do que eu esperava.

Mal entrou e passou uma hora no banheiro, até usar toda a água quente da espelunca e o gerente vir bater na porta reclamando. Mal acalmou-o com seu distintivo e uma nota de dez. Colocou o último terno limpo e foi para o centro da cidade encontrar-se com seu advogado.

O escritório de Jake Kellerman ficava na Oviatt Tower, na esquina da Sexta com Olive. Mal chegou cinco minutos antes da hora marcada, examinando a sala de espera desnuda, perguntando-se se Jake sacrificara uma secretária em troca de pagar o aluguel num dos prédios mais elegantes de LA. A primeira confabulação entre os dois tinha sido meio generalizada; essa tinha de ser o tutano.

Kellerman abriu a porta interna às 3:00 em ponto; Mal entrou e sentou-se numa poltrona de couro marrom e simples; Kellerman apertou sua mão depois ficou parado atrás de uma mesa simples, de madeira marrom.

— O dia da preliminar é depois de amanhã — disse ele. — Corte Civil 32. Greenberg está de férias e teremos um *goy* rígido chamado Hardesty. Lamento isso, Mal. Eu queria conseguir para você um judeu que ficasse impressionado com seu trabalho com a Polícia Militar na Europa.

Mal deu de ombros, pensando em Eisler e Rolff; Kellerman sorriu.

— Poderia me esclarecer com relação a um boato?

— Claro.

— Ouvi dizer que você apagou um sacana nazista na Polônia.

— Isso é verdade.

— Você o matou?

O escritório pequeno e desnudo estava ficando atulhado.

— Sim.

— *Mazel tov* — disse Kellerman. Em seguida verificou sua agenda do tribunal e alguns papéis sobre a mesa. — Na preliminar começarei pedindo adiamento e tentarei reforçar um ponto de vista que faça você ser transferido para o sumário de Greenberg. Ele vai adorar você. Como está indo o negócio do júri de instrução?

— Bem.

— Então por que parece tão macambúzio? Olhe, há alguma chance de conseguir sua promoção antes de o júri de instrução ser convocado?

— Não. Qual é a sua estratégia para depois dos adiamentos?

Kellerman enfiou os dois polegares nos bolsos do colete.

— Mal, é um ataque maligno contra Celeste. Ela abandonou o garoto...

— Ela não o abandonou. Os nazistas escrotos pegaram Celeste e o marido e jogaram os dois na porra de Buchenwald.

— Calma, meu chapa. Você me disse que o garoto foi molestado como consequência direta do abandono por parte da mãe. Ela tomava dentro para ficar viva. O seu batalhão da polícia militar conseguiu as fotos dela na entrevista para a libertação; parece Betty Grable comparada com as outras mulheres que saíram vivas. Eu vou matá-la no tribunal com isso; com ou sem Greenberg.

Mal tirou o paletó e afrouxou a gravata.

— Jake, não quero que Stefan ouça essas coisas. Quero que você consiga um documento impedindo-o de ouvir os testemunhos. Uma ordem de exclusão. Você pode fazer isso.

Kellerman gargalhou.

— Não é de espantar que você tenha abandonado a faculdade de Direito. Documentos excluindo crianças menores de ouvir testemunhos em caso de custódia não podem ser legalmente sancionados a não ser que os advogados de ambos os pais aprovem; coisa que o advogado de Celeste jamais permitirá. Se eu derrubá-la no tribunal, e vou fazer isso, ele vai querer Stefan lá, para o caso de ele correr para a mamãe, e não para o papai. Isto está fora de nossas mãos.

Mal viu Stefan Heisteke, Praga, 45, saindo de três anos de comida de cachorro e estupro.

— Consiga isso, ou ataque Celeste com alguma coisa que tenha acontecido depois da guerra.

— Como ela ensinar tcheco para Stefan? Mal, ela não bebe, não dorme com todo mundo nem bate no garoto. Não se pode tirar a custódia da mãe natural porque a mulher vive no passado.

Mal levantou-se, a cabeça latejando.

— Então faça de mim o maior herói desde Lindbergh. Faça com que eu pareça tão bom a ponto de a maternidade parecer uma merda.

Jake Kellerman apontou para a porta.

— Consiga-me um montão de comunistas e farei o máximo possível.

Mal foi até o Pacific Dining Car. A ideia geral era um festim para afastá-lo de Eisler, Rolff e Dudley Smith — a purgação que uma hora de água escaldante não havia realizado. Mas assim que chegou a comida ele perdeu o interesse, agarrou o diário de Eisler e folheou-o até 1938-1939, a época do escritor com Claire De Haven.

Nada explícito, só análise.

A mulher odiava o pai, trepava com mexicanos para provocar a ira dele. Tinha uma paixonite pelo pai e fazia com que seus consortes brancos de esquerda se vestissem de modo tradicional e pretensioso como ele — para que pudesse arrancar suas roupas e brincar de humilhar os substitutos do pai. Odiava o dinheiro e as conexões políticas do pai, estuprava as contas bancárias dele para dar presentes a homens cuja política o velho desprezava; ia fundo no álcool, nas drogas e no sexo, arranjava causas com as quais fazer penitência e moldava-se numa exemplar Joana d’Arc de esquerda: organizando, planejando, recrutando, financiando com seu próprio dinheiro e doações frequentemente garantidas com o próprio corpo. A eficácia política da mulher era tão formidável que ela jamais foi desconsiderada como uma macaca de auditório do partido ou diletante; na pior das hipóteses, apenas sua psique e suas motivações eram consideradas espúrias. O fascínio de Eisler por Claire continuou depois que o caso entre os dois terminou; ele permaneceu amigo dela durante todas as suas ligações com os bandidos *cucarachas*, os períodos de tratamento na clínica de Terry Lux, seu grande número de penitência com relação a Sleepy Lagoon; um namorado mexicano

espancado nos tumultos dos *zoots*, um tempo de molho na clínica do Dr. Terry e depois toda uma temporada social, fria e sóbria, com o CDSL. Impressionante. Afora a fixação lunática de Dudley Smith, os dezessete garotos acusados da morte de José Diaz, segundo todos os relatos, eram inocentes. E Claire Katherine De Haven — vagabunda rica comunista — era uma grande força por trás da liberdade deles.

Mal folheou o diário; as anotações sobre De Haven iam desaparecendo enquanto ele chegava a 44 e 45. Beliscou a comida e voltou através de um punhado de páginas que faziam Eisler parecer inteligente, analítico, um rapaz de bem desviado do bom caminho por professores de faculdade comunas e pelo espectro de Hitler pairando sobre a Alemanha. Até agora zero de evidências importantes — se o diário fosse apresentado ao júri de instrução faria com que Eisler parecesse estranhamente heroico. Lembrando-se do sujeito como amigo de Reynolds Loftis/colega de trabalho de Chaz Minear, Mal revirou páginas procurando por eles.

Minear aparecia como um fraco, passivo, dependente. Mal leu relatos sobre Chaz e Eisler fazendo o roteiro de *Front do Leste e Tempestade sobre Leningrado* por volta de 1942-43, Eisler puto com a preguiça de Minear no trabalho, puto por ele ficar falando o tempo inteiro de Loftis, puto consigo mesmo por desprezar a homossexualidade dos amigos — tolerável em Reynolds porque pelo menos ele não era efeminado. Dava para ver a fúria impotente de Minear crescendo nos dias de Sleepy Lagoon — chorando nos ombros de Eisler por causa de um caso que Loftis estava tendo — “Meu Deus, Nate, ele é só um garoto, e foi desfigurado” — depois recusando-se a ir mais longe no assunto. Percepção tardia: em 47 Chaz Minear se vingou de seu amante infiel — foi ele o dedo-duro que colocou Reynolds Loftis na lista negra da Comissão de Atividades Antiamericanas. Mal fez uma anotação mental: se Danny Upshaw não pudesse se infiltrar na liderança da AUFC, então Chaz Minear, bicha fraca homossexual, poderia estar madura para um arrocho aberto — a denúncia de seu trabalho como dedo-duro poderia fazer com que ele dedurasse de novo.

O resto do diário era um tédio: encontros, comitês, reuniões e nomes para Buzz Meeks verificar junto com os nomes que Dudley coagira Lenny Rolff a dizer. Mal terminou enquanto seu bife esfriava e a salada se encolhia na tigela; percebeu que gostava de Nathan Eisler, e que depois da verificação do diário e da tentativa de jantar, ele não tinha aonde ir a não ser o Motel Shangri-Lodge, e não desejava coisa alguma além de falar com Stefan —

uma violação direta das ordens de Jake Kellerman. Tudo o que o hotel tinha a oferecer eram nomes de mulheres rabiscados na porta do banheiro, e se ligasse para Stefan provavelmente seria atendido por Celeste, a primeira conversa amena desde que reformara o rosto dela. Inquieto, pagou a conta, foi até as colinas de Pasadena e estacionou no meio de um vale totalmente escuro: “Beco da Pólvora”, o lugar onde os recrutas de sua geração no DPLA bebiam, faziam merda e treinavam tiro, com os arbustos de artemísia simulando bandidos.

O chão tinha uma camada grossa de cartuchos disparados; apontando os faróis, Mal viu que as outras gerações de policiais haviam acabado com os arbustos e passado a trabalhar nos pinheiros-anões; as árvores tinham a casca arrancada e estavam cobertas de buracos. Saiu do carro, pegou seu revólver e deu seis tiros para a escuridão; o eco doeu nos ouvidos e o fedor de pólvora era bom. Recarregou e esvaziou de novo o .38; por cima do morro no lado do sul de Pasadena outras armas dispararam, como uma sequência de cães latindo para a lua. Mal recarregou, disparou, recarregou e disparou até que sua caixa de Remingtons estivesse vazia; ouviu risos, uivos, guinchos e depois nada.

O vale se agitou com um vento quente. Mal encostou-se no carro e pensou na Delegacia de Costumes, operações, a recusa de entrar para o esquadrão de combate ao crime organizado, onde você passava pelas portas com o revólver na mão esticada e era respeitado por policiais como Dudley Smith. Na Delegacia de Costumes ele invadiu uma quantidade de bordéis de Chinatown considerados inoperáveis — mandando recrutas jovens para serem chupados, seguidos cinco minutos depois por gorilas que chutavam as portas e técnicos de laboratório com máquinas fotográficas. Todas as garotas tinham acabado de chegar ao país e moravam em casa com *mama-san* e *papa-san*, que pensavam que elas estavam fazendo hora extra na fábrica de camisas Shun-Wong; ele fez um cordão de policiais violentos acompanhá-lo até o escritório do tio Ace Kwan, o principal cafetão chinês de LA. Informou ao tio Ace que, a não ser que ele levasse suas prostitutas para fora do condado, mostraria as fotos aos *papa-sans* — muitos deles ligados à Tong — e iria informá-los de que Kwan-san estava ficando gordo com a dieta de paus caucasianos da filha-san. O tio Ace fez uma reverência, disse sim, cedeu e sempre lhe mandava um pato laqueado e um cartão no Natal, e Mal sempre pensava em repassar o agrado para seu irmão — enquanto ainda falava com ele.

Ele. Desmond.

O grande Des.

Desmond Confrey Considine, que o coagira a entrar em casas escuras e fizera dele um policial, um operador.

Três anos mais velho. Nove centímetros mais alto. Um atleta, bom em fingir devoção para impressionar o reverendo. O reverendo pegou-o roubando um pacote de goma de mascar no Pig and Whistle local e chicoteou tanto a sua bunda que o grande Des estourou um punhado de tendões tentando se libertar das amarras e ficou no banco durante o resto da temporada de futebol, um jogador de primeira com cérebro de terceira e um caso de primeira classe de cleptomania, com o qual agora se sentia aterrorizado: sem pernas e sem bagos, cortesia de Liam Considine, calvinista de primeira linha.

Assim, Desmond recrutou seu irmãozinho desajeitado, achando que a magreza dele lhe permitiria entrar nos lugares que ele agora tinha medo de invadir, conseguiria as coisas que ele queria: a raquete de tênis de Joe Stinson; o rádio de cristal de Jimmy Harris; os dentes de alce de Dan Klein num cordão e todas as coisas boas que ele não suportava ver com os outros garotos. O pequeno Malcolm, que não conseguia parar de blasfemar mesmo depois de o reverendo lhe dizer que, agora que ele estava com quatorze anos, a punição era uma chicotada — e não o jantar de sabão de alcatrão de pinheiro e o óleo de rícino ao qual ele estava acostumado. O pequeno Mally iria se tornar seu ladrão, caso contrário o reverendo ouviria um bocado de coisas sobre Jesus fazendo aquilo com Rex o Cão Maravilha e Maria Madalena embolando-se com Willie, o crioulo velho que entregava gelo no quarteirão deles com um pangaré — coisa que o reverendo sabia que Desmond não tinha imaginação para inventar.

Por isso *ele* roubava, com medo de Desmond, com medo do reverendo, com medo de confiar na mãe por medo de que ela contasse ao marido e ele matasse Des, depois fosse para a cadeia e deixasse todos à mercê do vagabundo Comitê de Caridade Presbiteriana. Com 1,82 m e apenas cinquenta quilos, ele tornou-se o Fantasma de San Francisco, subindo por calhas de chuva e abrindo trancas de janela, roubando para Desmond o lixo de esporte que ele tinha medo demais de usar, livros que ele era estúpido demais para ler, roupas que ele era grande demais para usar. Sabia que enquanto Des guardasse aquelas coisas ele tinha as provas para condená-lo, mas continuava fazendo o jogo.

Porque Joe Stinson tinha uma irmã bonita chamada Cloris, e ele gostava de ficar sozinho no quarto dela, porque Dan Klein tinha um papagaio que comia biscoito na sua mão, como a irmã vagabunda de Jimmy Harris pegou-o atacando a copa na saída, tirou sua virgindade e disse que seu negócio era grande. Porque, a caminho de roubar as *National Geographics* de Biff Rice, ele encontrou o irmãozinho de Biff fora do berço, mastigando um fio elétrico — e colocou-o de volta, deu-lhe leite condensado e talvez tenha lhe salvado a vida, fingindo que era seu irmãozinho e que estava salvando-o de Des e do reverendo. Porque ser o Fantasma de San Francisco era uma compensação por ser magro como um palito, um cê-dê-efe covarde com pai maluco, mãe vítima e irmão idiota.

Até 1º de outubro de 1924.

Desmond o mandara pela segunda vez à casa de Jimmy Harris; ele se espremeu através da portinhola, sabendo que Annie, a vagabunda, estava lá. Ela *estava* lá, mas não sozinha: um policial com as calças de sarja azul baixadas até os tornozelos a estava comendo no tapete da sala de estar. *Ele* ficou boquiaberto, tropeçou e caiu; o policial espancou-o, anéis lacerando seu rosto em frangalhos. Ele mesmo limpou os ferimentos, tentou juntar coragem para invadir a casa de Biff Rice para ver se o bebê estava bem, mas não conseguiu; foi para casa, escondeu o material roubado de Desmond e lhe disse que tinha virado a mesa: com ou sem tendões estourados, tinha de roubar para o ladrão, caso contrário ele contaria tudo ao reverendo. Havia apenas uma coisa que ele queria, e depois poderia parar — um dos negligês de Annie Harris — e *ele* lhe diria quando fazer o serviço.

Ele tocou a casa de Harris, sabendo que Annie atendia ao policial John Rokkas toda tarde de terça-feira, quando o resto da família trabalhava na barraca de produtos dos Harris em Oakland. Numa fria terça-feira de novembro, *ele* abriu a fechadura para Des; Des entrou e saiu vinte minutos depois, completamente arrebitado. *Ele* roubou o produto dos roubos de Desmond e colocou num cofre público, estabelecendo uma paridade de medo entre os dois irmãos Considine. Desmond abandonou o seminário teológico e tornou-se um figurão no mercado de carros usados. Mal foi para Stanford, formou-se e embromou durante um ano a faculdade de Direito, sonhando com aventuras em becos, procurando mulheres à solta e jamais desfrutando realmente da captura. Quando a faculdade tornou-se insuportavelmente chata, entrou para o Departamento de Polícia de Los Angeles, sem saber quanto tempo duraria como policial — ou se ao menos conseguiria ficar. Depois foi

passar o Natal em casa, com vinte anos, um policial apavorado no bairro negro de Nova York. Usou o uniforme no jantar de Natal: talabarte, apito banhado em prata, revólver .38. Desmond, o rei dos automóveis, ainda com as cicatrizes do espancamento pelo policial John Rokkas, ficou aterrorizado com seu novo personagem. *Ele* soube que seria policial até o dia de sua morte.

Mal saltou do irmão para Danny Upshaw, com o vale escuro ao redor, a munição disparada escorregando sob seus pés. Até que ponto ele era bom? O que ele veria? Será que o que ele viu valeria hoje multiplicado por cinquenta — Ellis Loew tocaiando as salas do júri de instrução enrolado na bandeira americana?

“Você tem mais estômago para esse trabalho do que eu esperava.”

Dudley estava certo.

Mal pegou um punhado de cartuchos vazios, jogou-os contra o nada e voltou para o Motel Shangri-Lodge.

CAPÍTULO XX

O esconderijo de Mickey Cohen só tinha gente de pé.

Mick e Davey Goldman estavam trabalhando num novo número para uma boate; usando uma espingarda calibre 12 no lugar de um microfone de pedestal, Johnny Stompanato jogava baralho com Morris Jahelka, repassando planos para a reunião de cúpula entre Cohen e Dragna entre as partidas. E Buzz estava entrevistando os capangas de Mickey que pertenciam ao Sindicato dos Caminhoneiros, anotando boatos de piquetes, uma precaução de último minuto antes que Mal Considine mandasse seu infiltrador.

Até agora, papo comunista chato:

A tal de De Haven e Mort Ziffkin trocavam clichês sobre a derrubada da “aristocracia dos estúdios”; Fritzie Kupferman, o “Fura-gelo”, havia identificado um arquivista dos caminhoneiros como infiltrado da AUFC — há semanas vinham repassando para ele apenas o que queriam que ele ouvisse, deixando que o sujeito cuidasse da caminhonete do almoço para o piquete na Variety International. Mo Jahelka tinha uma sensação curiosa: os piqueteiros da AUFC não estavam lutando quando eram pressionados ou provocados verbalmente — pareciam presunçosos, como se estivessem dando um tempo, até mesmo os velhos esquerdistas de cabeça quente mantinham o jeito frio. Moey parecia pensar que a AUFC tinha algo na manga. Buzz havia enfeitado as declarações de modo a que Ellis Loew pensasse que ele estava trabalhando mais duro do que estava, sentindo-se como um belo e saboroso cristão numa toca de leão, esperando que o leão ficasse faminto e o percebesse.

O leão Johnny Stomp.

O leão Mickey.

Johnny o vinha olhando com ar gélido desde que ele entrara pela porta. Dez dias desde que eliminara a chantagem contra Lucy Whitehall e comprara o carcamano espertinho com cinco notas de cem de Mickey.

“Oi, Buzz”, “Oi, Johnny”, nada mais. Até agora ele já estivera três vezes com Audrey, aquela noite inteira na sua casa, duas rapidinhas na *garçonnière* de Howard nas colinas de Hollywood. Se Mickey tinha algum tipo de vigilância sobre Audrey, era Johnny; se ele ficasse sabendo, seria hipotecar sua vida ao escroto ou matá-lo, sem meio-termo. Se Mickey ficasse sabendo, era o Grande *Adiós*; quando atravessavam seu caminho, o baixinho ficava maligno: ele descobrira o pistoleiro que havia apagado Hooky Rothman, fez-lhe dois buracos nas rótulas, uma noite de agonia com o golpe de misericórdia de Fritzie Kupferman: um furador de gelo no ouvido, Fritzie imitando Toscanini regendo Beethoven, pequenos golpes e giros com seu cassetete antes de atravessar o cérebro do pobre coitado.

O leão Mickey, e esse bangalô de bambu o seu covil.

Buzz colocou o bloco de anotações de lado, olhando uma última vez para os quatro nomes que Dudley Smith havia lhe passado antes: comunas a terem o passado verificado, mais trabalho sujo, provavelmente mais subornos. O leão Mickey e o leão Johnny estavam conversando junto à lareira, uma foto da leoa Audrey de calcinha e adesivos sobre os mamilos na parede acima deles. O Mick chamou-o com um dedo; ele foi até lá.

O comediante estava com o número pronto.

— Um cara vem e me pergunta: “Mickey, como vão os negócios?” Eu digo: “Meu chapa, é como o show business, não há business.” Eu dou uma cantada numa dona, e ela diz: “Eu não deito com qualquer Zé Mané.” Eu digo: “E comigo? Eu sou Mickey!”

Buzz gargalhou e apontou para a foto de Audrey, os olhos fixos em Johnny Stomp.

— Você deveria colocá-la em seu número. A Bela e a Fera. Ia pôr a casa abaixo.

Johnny inabalável; Mickey retorcendo o rosto como se na verdade estivesse considerando a sugestão. Buzz testou o terreno de novo.

— Arranje um crioulo grande para fazer o escada, finja que ele está comendo Audrey. Os crioulos são sempre bons para uma gargalhada.

Mais coisa alguma.

— Não preciso de negros — disse Mickey. — Nos negros eu não confio. O que você consegue se cruzar um crioulo com um judeu?

Buzz bancou o idiota.

— Não sei. O quê?

Mickey esparramou gargalhadas.

— Um zelador que é dono do prédio!

Johnny deu um risinho e pediu licença; Buzz olhou para a Garota Fenomenal aos vinte anos e fez uma rápida aposta: cem contra um que ele sabia menos do que nada a respeito dos dois.

— Você deveria rir mais — disse Mickey. — Não confio em caras que não têm senso de humor.

— Você não confia em ninguém, Mick.

— É? O que você acha disso? Oito de fevereiro na camisaria, meu acordo com Jack D. Doze quilos e meio da mexicana marrom, grana, comida e birita. Todos os meus homens, todos os de Jack. Ninguém armado. *Isso é confiança.*

— Não acredito — disse Buzz.

— No trato?

— No ninguém armado. Você está maluco, porra?

Mickey passou um dos braços pelos ombros de Buzz.

— Jack quer quatro pistoleiros neutros. Ele tem dois gorilas da cidade, eu tenho um detetive do xerife que ganhou o Torneio Luvas de Ouro no ano passado, e ainda me falta um. Quer o serviço? Quinhentos pelo dia?

Ele gastaria o dinheiro com Audrey: suéteres de cashmere apertados, vermelho e rosa, e verde e branco, um número abaixo do dela, para mostrar os peitos.

— Claro, Mick.

O aperto de Mickey ficou mais forte.

— Eu tenho uma loja de fachada na zona sul. Birita do condado, um pouco de agiotagem, um pouco de apostas. Meia dúzia de apontadores. Audrey está cuidando da contabilidade para mim e ela diz que estou sendo comido vivo.

— Os apontadores?

— Tudo leva a crer, mas a fêria diária anda curta. Eu pago salário, e os caras oferecem o material deles mesmos. A não ser arrojando os sujeitos, não tenho como saber.

Buzz livrou-se do braço de Mickey, pensando em apropriação indébita por parte da leoa: Audrey com uma caneta quente e cérebro úmido.

— Quer que eu investigue na moita? Que consiga que o chefe de esquadrão na delegacia de Firestone arroche o pessoal de lá, descubra quem está apostando em quê?

— Confiança. Se você descobrir quem está me sacaneando, eu lhe dou uma força.

Buzz pegou o sobretudo.
— Um encontro quente? — perguntou Mickey.
— Mais quente, impossível.
— Alguém que eu conheço?
— Rita Hayworth.
— É?
— É, confie em mim.
— Ela é ruiva lá embaixo?
— Preta nas raízes, Mickey. Não existe negócio como o show business.

Seu encontro estava marcado para as dez horas no apartamento de Howard, perto do Hollywood Bowl; a falta de reação de Mickey e Johnny e a história da apropriação indébita de dinheiro deixaram-no agitado, o relógio marcado com a hora padrão de Audrey, o que tornava pura baboseira matar uma hora em algum lugar.

Foi até a casa da leoa, estacionou atrás do Packard conversível dela e tocou a campainha.

Audrey atendeu à porta, calças compridas, suéter, e sem maquiagem.

— Você disse que nem queria saber onde eu morava.

Buzz arrastou os pés, bancando um caipira antes de um baile de formatura.

— Verifiquei sua carteira de motorista enquanto você estava dormindo.

— Meeks, esse não é o tipo de coisa que se faz com uma pessoa com quem você está dormindo.

— Você está dormindo com Mickey, não é?

— Mas o que é que isso...

Buzz passou por Audrey, entrou numa sala de estar que parecia um brechó.

— Economizando dinheiro com a mobília para bancar o seu shopping center?

— É. Já que pergunta, estou.

— Meu doce, sabe o que o Mickey fez com o italiano que matou Hooky Rothman?

Audrey bateu a porta e se abraçou.

— Ele espancou o sujeito até perder os sentidos e mandou Fritzie não sei das quantas levá-lo para o outro lado da fronteira do estado e avisar a ele para

não voltar nunca mais. Meeks, o que é isso? Eu não *aguento* você assim.

Buzz empurrou-a contra a porta, prendeu-a ali e colocou as mãos no rosto dela, segurando-a imóvel, as mãos se suavizando quando viu que ela não iria lutar.

— Você está roubando na contabilidade de Mickey porque acha que ele não vai descobrir e que não vai machucá-la se descobrir. E agora sou *eu* que tenho que protegê-la, porque você é idiota demais com os caras com quem você trepa, e estou tão fora de mim com você que é melhor ficar esperta, porra, porque se Mickey machucar você, eu mato ele e toda aquela porra do...

Ele parou quando Audrey começou a gemer e a tentar emitir palavras. Acariciou o cabelo dela, curvando-se para ouvir melhor, transformando-se em geleia ao ouvir:

— Eu te amo também.

Fizeram amor na sala de estar que parecia um brechó, no quarto e no banheiro, Buzz fechando a cortina, Audrey admitindo que também economizara nos equipamentos do banheiro. Ele disse que verificaria com um ex-contador de Dragna, conhecido seu, para mostrar a ela como retrabalhar nos livros de Mickey — ou dar um jeito de jogar a culpa em algum caloteiro inexistente; ela disse que pararia de causar desfalques, iria se ajeitar, agir direito, e jogar no mercado de ações como uma mulher honesta que não trepava com gângsteres ou com coletores de dinheiro pertencentes ao esquadrão anticomunista. Ele disse “Eu te amo” cinquenta vezes, para compensar o fato de ela ter dito primeiro; anotou os números dela, para poder torrar em roupas toda a percentagem que ganhasse; os dois selaram um pacto: ninguém deveria falar de Mickey a não ser que fosse absolutamente necessário, ninguém deveria falar sobre o futuro ou a falta de futuro, dois encontros por semana era o limite, revezando-se nas *garçonnières* de Howard e usando a casa dela ou a dele como uma bonificação ocasional, os carros dos dois deixados em locais onde os bandidos não os vissem. Nada de encontros ao ar livre, nada de viagem juntos, nada de contar a amigos o que estavam fazendo. Buzz pediu que Audrey fizesse o truque dos mamilos para ele; ela fez; ela posou com suas roupas de stripper, depois com todas as roupas do armário. Buzz achou que se gastasse os lucros dos jogos em roupas nas quais queria vê-la, jamais se entediaria por ficar num lugar fechado com ela: poderia tirar as roupas, fazer amor com ela, olhar enquanto ela se vestia de

novo. Pensou que, se os dois ficassem num lugar fechado para sempre, ele lhe contaria tudo a seu respeito, inclusive as merdas, mas contaria devagar, para que ela se acostumasse, não ficasse com medo e fugisse. Ele falava rápido; ela falava rápido; ele deixou escapar sobre o *doberman* que matou ao roubar uma madeireira em Tulsa, em 1921, e ela não se importou. Perto do amanhecer, Audrey começou a dormir e ele começou a pensar em Mickey e ficou apavorado. Pensou em mudar o carro de lugar, mas não queria perturbar o modo perfeito com que sua leoa aninhara a cabeça contra a sua clavícula. O medo ficou pior, por isso ele estendeu a mão para o chão, pegou seu .38 e enfiou sob o travesseiro.

CAPÍTULO XXI

A sala de espera do hospício tinha mesas e sofás forrados de plástico em cores tranquilizadoras: verde-hortelã, azul-gelo, amarelo-claro. Havia obras de arte dos pirados presas às paredes: pintura a dedo e desenhos por números representando Jesus Cristo, Joe DiMaggio e Franklin D. Roosevelt. Danny sentou-se esperando por Cyril “Cy” Vandrich, vestido com roupas de Ted Krugman: calça de brim, camiseta branca, botas de motociclista com biqueira de aço e uma jaqueta de couro de aviador. Passara a maior parte da noite estudando o roteiro de Mal Considine; passara o dia anterior fazendo suas próprias verificações de passado sobre Duane Lindenaur e George Wiltsie, rondando os lugares que costumavam frequentar no vale e conseguindo nada além de um sentimento estranho sobre os dois como lodo homossexual. Entrar no papel de Ted fora um alívio, e quando chegara ao portão do Camarillo o guarda desconfiara de sua figura e das placas de Nova York, e duvidou abertamente de que ele fosse policial, verificando sua identificação e o distintivo e ligando para a delegacia de West Hollywood para confirmar. Até agora Upshaw no papel de Krugman era um sucesso — e o teste final seria esta tarde no piquete.

Um funcionário trouxe para a sala um homem de trinta e poucos anos, vestido de roupa cáqui — um sujeito baixo, magro e de quadris largos, olhos cinzentos fundos e corte de cabelo nos trinqes — um cacho castanho e brilhantinado cobrindo perfeitamente a testa. O funcionário disse:

— Ele — e saiu.

Vandrich suspirou.

— Isso é uma farsa. Eu tenho conexões com a telefonista, ela disse que isso é sobre uns assassinatos, e eu não sou assassino. Vocês, seus palhaços, vivem dando em cima dos músicos de jazz. Estão tentando crucificar Bird há anos, e agora me querem.

Danny deixou passar, avaliando Vandrich, que o avaliava.

— Errado. Isto tem a ver com Felix Gordean, Duane Lindenaur e George Wiltsie. Sei que você não é assassino.

Vandrich deixou-se cair numa cadeira.

— Felix é uma figura. Duane não-sei-das-quantas eu não sei quem é, e George Wiltsie botava enchimento na calça para parecer bem-dotado e impressionar todas as bichas ricas das festas de Felix. E por que você está vestido que nem um malandro? Acha que desse jeito vai me fazer falar? Essa imagem é uma porcaria, e superei isso há muito tempo.

Danny pensou: esperto, ligado no jazz, provavelmente sabendo das coisas. O jeito de malandro não colou; repuxou as mangas da jaqueta, adorando a sensação do couro.

— Você confundiu todo mundo, Cy. Eles não sabem se você é maluco ou não.

Vandrich sorriu; remexeu-se na cadeira e inclinou o quadril na direção de Danny.

— Você acha que eu finjo ser doente?

— Sei que sim, e sei que o juizado de contravenções está cansado de dar noventa dias para as mesmas caras velhas aqui, quando poderiam fichá-los como contraventores reincidentes e conseguir um tempo de prisão. Em Quentin. Lá eles não perguntam, eles pegam.

— Tenho certeza de que você sabe bastante sobre isso, com essa roupa de couro de valentão e coisa e tal.

Danny cruzou as mãos atrás da cabeça, a gola de pelo macio da jaqueta acariciando-o.

— Preciso saber o que você sabe sobre George Wiltsie e Felix Gordean, e talvez o que Gordean sabe ou não sabe sobre algumas coisas. Coopere e você vai sempre pegar os noventa dias. Se me sacanear, o juiz vai receber uma carta dizendo que você escondeu provas num caso de homicídio triplo.

Vandrich deu um risinho.

— Felix foi assassinado?

— Não. Wiltsie, Lindenaur e um trombonista chamado Martin Goines, que costumava usar o apelido de “Cornucópia da Fartura”. Já ouviu falar dele?

— Não, mas sou um trompetista que era conhecido como “Lábios do Êxtase”. É uma expressão de duplo sentido, para o caso de você não ter adivinhado.

Danny riu da resposta.

— Cinco segundos, ou eu saio e vou cutucar o juiz.

Vandrich sorriu.

— Eu topo, senhor policial. E até mesmo lhe dou uma observação introdutória de graça. Mas primeiro tenho uma pergunta. Felix contou a você sobre mim?

— Sim.

Vandrich fez um pequeno show, cruzando as pernas, fazendo movimentos afetados com as mãos. Danny viu aquilo como o escroto dando pinta para derrubar a autoridade; sentiu-se começando a suar, suas roupas de esquerdista quentes demais, demais.

— Olhe, só diga. — Vandrich acalmou-se. — Conheci Felix durante a guerra, quando dei uma de maluco para sair do serviço militar. Eu fazia esse número *em toda parte*. Na época estava vivendo de uma herança, *torrando*. Eu ia às festas de Felix e me ajeitei com George uma vez, e Felix achava que eu era maluco, de modo que, se mandou você me procurar, provavelmente estava armando um jogo. Pronto. Esta é minha observação introdutória gratuita.

E os instintos *dele* com relação a Gordean confirmados: o cafetão não conseguia respirar sem tentar se dar bem — o que significava que ele *estava* escondendo alguma coisa.

— Você é bom — disse Danny. Em seguida pegou seu caderno e virou as páginas até a lista de perguntas que havia preparado. — Roubo de residências, Vandrich. Você sabia que George Wiltsie estava envolvido, ou conhece alguém ligado a Felix Gordean que rouba residências?

Vandrich balançou a cabeça.

— Não. Como eu disse, uma vez eu dancei com George Wiltsie. Conversa não era o forte dele, por isso fomos direto aos finalmentes. Ele nunca falou do tal de Lindenaur comigo. Sinto muito por ele ter sido morto, mas eu só pego coisas bonitas nas lojas, não me associo a ladrões de residências.

Danny escreveu “não”.

— A mesma coisa com relação a dentistas e protéticos, homens capazes de fazer dentaduras.

Vandrich mostrou dentes perfeitos.

— Não, eu não vou a um dentista desde o ginásio.

— Um rapaz, pode-se dizer que era um garoto; com rosto com cicatriz, queimado, enrolado em bandagens. Ele era ladrão, e isso deve ter sido

durante a guerra.

— Não. Nossa. Coisa medonha.

Mais dois “nãos”.

— Um porrete *zoot*. É um porrete de madeira comprido, com uma gilete ou várias giletes presas na extremidade. É uma arma da época da guerra, para cortar os ternos *zoots* que os mexicanos usavam.

Um *argh* duplo e um *argh* para os chicanos vestidos de *zoot suits* em geral.

— Não, não, não, não — sublinhados.

Danny fez sua principal pergunta.

— Homens altos, de cabelos grisalhos, agora com quarenta e poucos anos. Belos cabelos prateados, sujeitos que conhecem clubes de jazz, suficientemente enturmados para comprar drogas. Homossexuais que iam às festas de Gordean na sua época.

— Não — disse Vandrich; Danny virou para uma folha limpa.

— É aqui que você brilha, Cyril. Felix Gordean. Tudo o que você sabe, tudo o que ouviu dizer, tudo o que pensou sobre ele.

— Felix Gordean é... uma... tremenda... figura — fazendo as palavras saírem ciciadas. — Ele não anda com homens, mulheres nem bichos, e seu único tesão é juntar os sujeitos, fazer com que eles admitam o que são e depois... trabalhar de cafetão para eles. Ele tem uma agência de talentos legítima e encontra um monte de rapazes, do tipo realmente sensível e criativo... bem... eles tendem a ser como...

Danny queria gritar BICHA, VEADO, FRUTA, HOMO, PEDERASTA, PANELEIRO, ESCROTO, CHUPADOR DE PAU, e enfiar pela garganta de Vandrich o lodo tirado dos relatórios da delegacia de Hollywood, fazendo-o cuspir aquilo tudo ao ar livre, onde *ele* poderia cuspir em cima. Repuxou as mangas da jaqueta e disse:

— Ele fica excitado fazendo os caras admitirem que são homossexuais, certo?

— É.

— Você pode *dizer*, Vandrich. Há cinco minutos você estava tentando flertar comigo.

— É... é difícil dizer. É uma coisa tão feia, cínica e fria.

— Então Gordean faz esses *homossexuais* se revelarem. E depois?

— Depois ele gosta de mostrá-los em suas festas e resolver as coisas para eles. Conseguir trabalho de ator. Depois recebendo dinheiro pelas

apresentações que faz. Algumas vezes ele dá festas na casa de praia e fica olhando através dos espelhos. Ele pode olhar para dentro, mas os caras no quarto não podem olhar para fora.

Danny lembrou-se de sua primeira passagem pelo Marmont: espiando, seu negócio apertado contra a janela, gostando daquilo.

— Então Gordean é uma porra de um voyeur bicha, ele gosta de olhar homossexuais trepando e chupando. Vamos experimentar o seguinte: *ele guarda registros de seu serviço de apresentações?*

Vandrich empurrara sua cadeira até a parede.

— Não. Pelo menos na época não fazia isso. Diziam que ele tinha uma memória fantástica, e que ficava apavorado com a ideia de escrever coisas... com medo da polícia. Mas...

— Mas o quê?

— M-mas eu o-ouvi dizer que ele adora guardar tudo na cabeça, e uma vez ouvi ele dizer que seu maior sonho era ter alguma coisa sobre todo mundo que ele conhecia e um modo lucrativo de usar isso.

— Como chantagem?

— S-sim, pensei nisso.

— Você acha que Gordean é capaz disso?

Sem ciciar, sem gaguejar ou hesitar.

— Acho.

Danny sentiu a gola de pele macia grudada de suor.

— Saia daqui.

Gordean escondendo as coisas.

A agência de talentos um instrumento para incentivar seu voyeurismo.

Chantagem.

Nenhuma reação suspeita de Gordean com relação a Duane Lindenaur, chantagista; Charles Hartshorn — “baixo e careca como um beagle” — eliminado como suspeito a partir da aparência física, fato apoiado pela avaliação do sargento Frank Skakel sobre o caráter dele e sua opinião sobre Hartshorn — o advogado era inabordável por enquanto. Se o próprio Gordean era alguma espécie de chantagista, isso tinha de coincidir com Lindenaur — os dois circulavam num mundo cheio deles. A agência de talentos era um lugar para começar.

Danny pegou a PCH de volta a LA, todas as janelas abertas para manter a jaqueta vestida e abotoada até em cima. Obedecendo às ordens de Considine, estacionou a três quarteirões da delegacia de Hollywood e caminhou o resto, entrando na sala de reuniões em cima da hora para o encontro que havia convocado para o meio-dia.

Seus homens já estavam lá, sentados na primeira fila de cadeiras, Mike Breuning e Jack Shortell batendo papo e fumando. Gene Niles sentado quatro cadeiras mais longe, remexendo numa pilha de papéis no colo. Danny pegou uma cadeira e sentou-se diante deles.

— Você ainda parece um policial — disse Shortell.

Breuning assentiu, concordando:

— É, mas os comunas não vão perceber. Se eles fossem tão espertos não seriam comunas, certo?

Danny gargalhou.

— Vamos terminar com isso, está bem, Upshaw? — perguntou Niles. — Tenho muito trabalho a fazer.

Danny pegou um bloco e uma caneta.

— Eu também. Sargento Shortell, você primeiro.

— É para já. Liguei para noventa e um laboratórios de prótese dentária, dei a descrição às pessoas encarregadas e tive um total de dezesseis suspeitos: caras estranhos e fichados. Eliminei nove a partir do tipo sanguíneo, quatro estão atualmente presos e falei pessoalmente com os outros três. Nada impressionante, além disso os caras tinham álibis para as horas das mortes. Vou continuar e ligo para você se alguma coisa me parecer estranha.

— É só se certificar de que é uma mordida de dentadura — disse Danny e em seguida virou-se para Breuning. — Mike, o que você e o sargento Niles conseguiram?

Breuning consultou um grande caderno espiral.

— O que conseguimos foi o velho zero a zero. Quanto ao *modus operandi* com a mordida, verificamos os arquivos do DPLA e do DXLA. Encontramos um veado crioulo que arrancou a mordidas o pau do namorado, um cara louro e gordo com ficha de estuprador de criança e que morde garotinhas, e dois caras que combinam com a nossa descrição... todos presos em Atascadero por agressão com agravantes. Quanto aos bares de veado, zero. Gente que morde não fica em bares de homossexuais dizendo: “Eu mordo, quer um pouco?” Os policiais com quem conversei sobre os detalhes riram de mim. Nos dossiês sobre agressores sexuais e na Delegacia de

Costumes, nada. Na Roubo e Furtos a mesma coisa. Fiz uma verificação cruzada, nada apareceu em duplicata. Nada sobre um garoto com cicatrizes de queimadura. Havia seis homens de meia-idade e grisalhos que poderiam ser possíveis, todos estavam sob custódia nas noites dos crimes ou tinham álibis, com testemunhas confiáveis. Quanto às novas entrevistas na área, nada, o negócio já está velho demais. O bairro negro, Griffith Park, a área onde Goines foi desovado, nada. Ninguém viu nada, todo mundo caga e anda. Quanto a verificar com informantes, esqueça. Esse cara é um solitário, eu apostaria minha pensão que ele não se liga à escória criminosa. Verifiquei pessoalmente os três possíveis que consegui com departamentos de condicional do estado e do condado, duas bichas e um que é uma verdadeira doçura, um cara alto e grisalho, tipo pastor, que comeu três fuzileiros na época da guerra, costumava lubrificar a jeba com pasta de dente. Todos os três estavam cumprindo toque de recolher na Midnight Mission; o álibi foi dado por ninguém menos do que a própria irmã Mary Eckert.

Breuning parou, sem fôlego, e acendeu um cigarro. Em seguida, disse:

— Gene e eu arrochamos cada vendedor de heroína no lado sul que pudemos encontrar, e que não eram muitos; a região está seca. Corre o boato de que Jack D. e/ou Mickey C. estão se preparando para soltar uma carga a preço baixo. Nada. Abordamos a questão do músico de jazz, nada com a descrição do nosso homem. A mesma coisa com relação a bolinhas. Nada. E nós pegamos *pesado*.

Niles deu um risinho; Danny olhou para suas próprias garatujas distraídas: uma página de zeros concêntricos.

— Mike, e quanto ao ângulo do porrete *zoot*? Os dossiês sobre agressão e informantes?

Os olhos de Breuning se estreitaram.

— Outro zero. E isso é coisa mexicana antiga, distante demais. Sei que o Dr. Layman identificou os ferimentos das costas como sendo feitos por um porrete *zoot*, mas você não acha que ele poderia estar errado? Por mim, isso não combina.

Um pateta lacaio de Dudley Smith sendo condescendente com Norton Layman, médico, Ph.D. Danny procurou ficar frio.

— Não. Layman é o melhor, e ele está certo.

— Então não creio que seja uma pista verdadeira. Acho que o sujeito apenas leu sobre esses porretes ou viu um dos tumultos com *zoots* e teve a ideia. Ele é uma porra de um psicopata, esse tipo de gente não tem motivos.

Alguma coisa sobre a abordagem de Breuning aos porretes estava errada; Danny deu de ombros para encobrir o pensamento.

— Acho que você está errado. Acho que os porretes *zoot* são essenciais para o modo como o assassino pensa. Meus instintos dizem que ele está se vingando de coisas antigas e que as mutilações específicas fazem parte disso. Por isso quero que você e Niles passem um pente fino nos dossiês nas delegacias dos bairros mexicanos e verifiquem antigos relatórios de ocorrências... 42, 43, por aí, os tumultos *zoot*, Sleepy Lagoon, a época em que os mexicanos andavam agitados.

Breuning encarou Danny; Niles gemeu e murmurou:

— Meus instintos...

— Sargento — disse Danny —, se tem algum comentário, dirija-o a mim. Niles deu um riso.

— Certo. Um: não gosto do Departamento do Xerife do Condado de Los Angeles e do amiguinho dele, o Mickey Judeu, e tenho um colega no condado que diz que você não é isso tudo que finge ser. Dois, venho fazendo um trabalhinho por conta própria e falei com dois caras que receberam condicional de Quentin e disseram que não havia a menor possibilidade de Martin Goines ser bicha; e acredito neles. E três, acho que você me sacaneou pessoalmente ao não ter informado sobre a Tamarind Street, e não gosto disso.

Nada de Bordoni. Nada de Bordoni. Nada da porra de Bordoni. Danny, calmo:

— Não importa do que você gosta ou o que você pensa. *E quem eram os caras que receberam condicional?*

Dois olhares duros grudados um no outro; Niles baixando os olhos para o caderno.

— Paul Arthur Koenig e Lester George Mazmanian. E, quatro, eu não gosto de você.

O blefe lançado. Danny olhou para Niles, e falou para o sargento Shortell do DXLA:

— Jack, há um cartaz no quadro de avisos que sacaneia o nosso departamento. Rasgue-o.

A voz de Shortell, admirando.

— O prazer é todo meu, chefe.

Ted Krugman.

Ted Krugman.

Theodore Michael Krugman.

Ted Krugman, Contrarregra Vermelho Comuna Subversivo Comunista.

Amigo de Jukey Rosensweig da Jovens Atores Contra o Fascismo e de Bill Wilhite, chefe da célula do PC do Brooklyn; ex-amante de Donna Patrice Cantrell, agitadora de esquerda na Universidade de Columbia por volta de 43, suicidou-se em 47 — um mergulho da ponte George Washington quando recebeu a notícia de que seu pai socialista tentara o suicídio ao ser intimado pela Comissão de Atividades Antiamericanas transformando-se num vegetal permanente através da ingestão de um coquetel com pó abrasivo que queimou seu cérebro até deixá-lo semi-idiota. Ex-membro da AFL-CIO, do PC de North Shore Long Island, do Comitê de Defesa dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário, dos Americanos Preocupados Contra a Intolerância, dos Amigos da Brigada Abraham Lincoln e da Liga Pela Justiça Para Paul Robeson. Acampamentos de verão socialistas na infância, evadido do New York City College, não convocado por causa de sua política subversiva, gostava de trabalhar como contrarregra de teatro por causa de todas as pessoas politicamente esclarecidas que era possível conhecer e das xotas. Trabalhou numa grande quantidade de peças da Broadway, além de um punhado de filmes B rodados em Manhattan. Gritador de palavras de ordem, encenqueiro, empedernido. Adorava comparecer a reuniões e passeatas, assinar petições e falar jargão comunista. Ativo na cena de esquerda de Nova York até 42 — depois em lugar nenhum.

Fotos.

Donna Patrice Cantrell era bonita mas dura, uma versão mais suavizada do pai, o engolidor de Ajax. Jukey Rosensweig era um sujeito grande e gordo com olhos estofados tireoidicos e óculos escuros; Bill Wilhite era branquelo e bonito. Seu elenco de personagens coadjuvantes, captado em fotos de vigilância federais, eram apenas rostos grudados a corpos que seguravam placas: nomes, datas e causas na parte de trás, para ajudá-lo com um pouco mais de história.

Estacionado na Gower, logo ao norte da Sunset, Danny repassou seu roteiro e o kit de fotos. Já absorvera os rostos dos astros coadjuvantes: o chefe do piquete dos caminhoneiros a quem ele deveria se apresentar, os gorilas com quem estaria fazendo piquete e com quem discutiria, o fortão da Academia do DPLA com quem brigaria, e finalmente — se a proposta de

Considine se realizasse de modo perfeito — Norman Kostenz, chefe de piquete da AUFC, o homem que iria levá-lo a Claire De Haven. Respirando fundo, trancou a arma, o distintivo, as algemas e a identidade de Daniel Thomas Upshaw no porta-luvas, enfiando as fotocópias da carteira de motorista de Theodore Michael Krugman dentro de sua carteira. Transformação de Upshaw em Krugman completa; Danny saiu caminhando, pronto para agir.

A cena era um pandemônio dividido em duas filas serpenteantes de corpos: AUFC, caminhoneiros, cartazes em pedaços de pau, gritos e guinchos, um metro de calçada separando as facções, uma sarjeta cheia de entulho e paredes dos estúdios envolvendo as duas filas num quarteirão de quatrocentos metros. Jornalistas parados junto aos carros do lado oposto da Gower; caminhonetes com lanches servindo café e *doughnuts*; um punhado de policiais meio velhos comendo sem parar, olhando jornalistas jogar baralho num pedaço de papelão posto em cima do capô de um carro oficial do DPLA. Megafones duelando, bombardeando a rua com guinchos e repetições cobertas de estática: “FORA VERMELHOS!” e “SALÁRIOS JUSTOS AGORA!”

Danny encontrou o chefe do piquete dos caminhoneiros, a cara da foto; o sujeito piscou de lado e entregou-lhe um pedaço de pinho onde estava escrito “AMÉRICA UNIDA: FORA, COMUNISTAS” num papelão reforçado preso ao topo. O sujeito fez todo um blablablá determinando as regras e fazendo com que ele preenchesse um cartão de ponto. Danny viu que o sujeito que estava trabalhando na caminhonete de lanches dos caminhoneiros olhava a transação — obviamente era o infiltrado da AUFC mencionado no pacote de informações de Considine. Os gritos ficaram mais altos; o chefe do piquete empurrou Danny até os seus colegas que estavam marchando, Al e Jerry, que nem nas fotos, em suas maltrapilhas roupas de trabalho. Saudações de valentão, segundo o roteiro: três rapazes durões que não tinham frescura e iam direto ao ponto. Depois ele — Ted Krugman — estrelando seu próprio épico de Hollywood, rodeado por figurantes, uma fileira de mocinhos, uma de bandidos, todos se movimentando, linhas separadas indo em direções opostas.

Marchou, lado a lado com Al e Jerry — profissionais que sabiam o serviço; letrados apontavam para ele: JUSTIÇA FISCAL AGORA!; CHEGA DA AUTOCRACIA DOS ESTÚDIOS!; NEGOCIEM SALÁRIOS JUSTOS! Cotovelos de caminhoneiros enfiando-se em costelas da AUFC; os bandidos

se encolhiam, não davam cotoveladas de volta, continuavam marchando e gritando. Era a câmera humana com uma espécie de visão estereoscópica; Danny continuava imaginando misturadores de concreto, moedores de carne, serras circulares e motores trabalhando sem parar, não deixando que você pensasse ou se fixasse numa imagem só. Continuava falando sua diatribe pré-planejada, garantindo que Jerry soltasse, na bucha, a primeira deixa de Considine:

— Você está falando da porra da linha do partido de Moscou, meu chapa. De que lado você está?

Ele próprio, devolvendo.

— O lado que me paga por hora para fazer piquete, *meu chapa!*

Jerry, agarrando seu braço enquanto o pessoal da AUFC ficava de lado e olhava:

— Isso não basta...

Ele se soltou e continuou andando e gritando segundo o roteiro, segundo o roteiro o chefe do piquete aproximou-se e deu-lhe um aviso sobre trabalho de equipe, empurrando Al e Jerry, fazendo com que todos se apertassem as mãos como garotos num pátio de escola, um punhado de esquerdistas anêmicos olhando tudo. Os três obedeceram, carrancudos; o chefe do piquete foi pisando forte até a caminhonete do lanche; Danny viu-o falando com o sujeito do café — o infiltrado da AUFC — apontando o polegar para a pequena escaramuça que acabara de resolver.

— Não embrome, Krugman — disse Al; Jerry murmurou epítetos anticomunistas; Danny lançou sua arenga “eu sou da turma”, material verdadeiro de Krugman para o caso de os bandidos estarem ouvindo de perto, material que Considine arrancou de um antigo relatório do Esquadrão Anticomunista do DP de Nova York: Sindicatos de Trabalhadores na Indústria do Vestuário espancando cabeças insanamente, os “chefes” dos dois lados fodendo com a hierarquia, ele *implorando* com os filisteus Al e Jerry para ver o *motivo* por trás do que estava dizendo; eles balançando a cabeça e fazendo piquete longe dele, enojados por trabalharem junto de um traidor comunista escroto. Danny marchou, com o cartaz no alto, gritando: “FORA, COMUNISTAS!” a sério, mas saboreando a bola de efeito que tinha acabado de jogar. Sua câmera humana começou a trabalhar, tudo parecia contido e controlado como se ele tivesse acabado de tomar seus quatro drinques e não quisesse um quinto, como se tivesse nascido para isso e aquela merda de veado no apartamento de Gordean não o tivesse realmente afetado. Era como

o caos num vácuo, ser empurrado num moedor de carne e gargalhar enquanto era picado. O tempo passou; Al e Jerry esbarraram nele: uma, duas, três vezes, falando coisas feias com o canto da boca, trazendo com eles o gorila do DPLA na quarta passada, uma tremenda parede bloqueando seu caminho, dedos em seu peito, o gorila *improvisando* a partir do roteiro de Considine:

— Esse cara é um valentão comunista? Para mim ele parece uma velha fraca.

As palavras erradas, então:

— Faça isso ficar bom, seu escroto do condado — sussurrado de perto. Danny improvisou, torcendo para trás os dedos do encenqueiro, estalando-os na última articulação. O sujeito guinchou e mandou um gancho de esquerda; Danny devolveu um esquerda-direita no plexo solar. O sujeito do DPLA dobrou-se ao meio; Danny lançou-lhe um pé direito com biqueira de aço nos bagos, mandando-o contra um grupo de piqueteiros da AUFC.

Gritos ao redor; assobios. Danny pegou um pedaço de pinho descartado e preparou-se para mandá-lo na cabeça de seu astro coadjuvante. Em seguida, uniformes azuis rodearam-no e cassetetes derrubaram-no, e ele foi espancado, levantado, espancado, levantado, derrubado e chutado. Apagou — depois sentiu gosto de sangue e de calçada, e sentiu mãos levantando-o até ele estar cara a cara com Norman Kostenz, parecendo exatamente a foto de vigilância de Mal Considine. Um sujeito amigável que dizia:

— Ted Krugman, hein? Acho que já ouvi falar de você.

A hora seguinte aconteceu em câmera acelerada.

O amigável Norman ajudou-o a se limpar e levou-o a um bar. Danny recuperou-se rapidamente das pancadas, das dores latejantes na parte macia das costas, dentes frouxos, dores na lateral do corpo. Os policiais uniformizados tinham de fazer parte do plano de Considine — improvisando a seu favor — caso contrário teriam rachado sua cabeça de verdade. O roteiro pedia que eles apartassem a briga, separando os combatentes, com algumas pancadas antes de liberá-los. Eles obviamente haviam trabalhando a partir da sua improvisação. Os chutes e o lançamento na sarjeta eram o aparte por ele ter machucado um de seus colegas. Agora a questão era com que força o “Me chame de Mal” viria para cima de Danny pelos danos que ele causara — ele próprio era um ex-homem do DPLA.

No bar tudo era perguntas, de volta a Ted Krugman, sem tempo para pensar em repercussões.

Norm Kostenz tirou sua foto para um registro da agressão e puxou seu saco, um culto à valentia; Danny entrou dentro de Ted, acalentando uma cerveja e uma dose dupla, fingindo que raramente bebia, que era só para aliviar a dor, os ossos espancados por fascistas. O álcool ajudou — tirou parte da dor e fez com que ele movesse os ombros, afastando as pontadas que viriam mais tarde. A biritá desceu. Ele começou a sentir-se bem, orgulhoso de seu desempenho; Kostenz começou a contar como Jukey Rosensweig costumava falar dele e de Donna Cantrell. Danny fez um número choroso sobre Donna, usando-o para prosseguir falando dos anos em que ele desaparecera: o professor Cantrell um vegetal, sua amada Donna morta, os fascistas responsáveis, mas ele atordoado demais pelo sofrimento para organizar, protestar ou contra-atacar. Kostenz perguntou o que ele fizera desde o suicídio de Donna; Danny entregou-lhe um prato com uma mistura de Upshaw/Krugman: histórias da vida real de roubos de carros sob a égide do Ted Vermelho, com a jurisdição falsa da Costa Leste. O amigável Norm engoliu, empolgando-se por associação; pediu uma segunda rodada de bebidas e fez perguntas sobre as guerras na região da indústria do vestuário em Nova York, a Liga Robeson, coisas que Jukey lhe contara. Danny aproveitou, voando alto: nomes e fotos do kit de Considine, longas falações cantando as virtudes de vários esquerdistas, pegando emprestado as personalidades de detetives e moradores de San Berdoo que ele conhecera. Kostenz lambeu o prato e pediu mais; Danny disparou para o céu, todas as dores aplacadas, repuxando as mangas da jaqueta como se fosse sua segunda pele. Teceu contos a partir do nada e dos fatos de Considine: uma longa baboseira sobre a perda de fé política, sua atividade de predador com as mulheres comunistas das fotos de vigilância de Mal, sua longa odisseia atravessando o país e como o ódio por si mesmo e o desejo de avaliar a situação o haviam trazido ao piquete dos caminhoneiros, mas agora ele sabia que jamais poderia ser um capanga dos fascistas — queria trabalhar, lutar, organizar e ajudar a AUFC a acabar com a tirania sangrenta dos chefes dos estúdios. Quase sem fôlego, Norman Kostenz engoliu tudo, levantou-se e disse:

— Você pode se encontrar comigo e com nosso comitê de triagem amanhã? No El Coyote em Beverly, ao meio-dia?

Danny levantou-se, cambaleando, sabendo que isso se devia mais à sua atuação digna do Oscar do que à birita e ao espancamento.

— Estarei lá — disse ele e saudou como vira o tio Joe Stalin fazer num cinejornal.

Danny foi para casa, certificou-se de que seus dossiês e suas fotos estavam seguros no esconderijo, tomou um banho quente e passou linimento nos hematomas que estavam começando a se formar nas costas. Nu, representou frases de apresentação para Claire De Haven na frente do espelho do banheiro, depois vestiu-se com seu guarda-roupa de esquerda: calças de lã com um cinto fino, camiseta, as botas de trabalho e a jaqueta de couro. Ted Krugman e não um policial; admirou-se no espelho, depois foi de carro até a Strip.

A tarde caía, o crepúsculo escurecendo sobre nuvens baixas de chuva. Danny estacionou na Sunset, em frente à agência Felix Gordean, encolheu-se no banco com um binóculo e fixou-se no prédio.

Era uma construção cinza, de um andar, em estilo provincial francês, janelas com venezianas e uma porta em arco, letras *art deco* em latão acima da caixa de correspondência. Havia uma entrada de veículos abrigada, e a portaria iluminada por lâmpadas no teto. Havia três carros estacionados dentro; Danny forçou a vista e anotou três números de placa da Califórnia, de 49: DB6841, GX1167, QS3334.

A escuridão total baixou; Danny manteve os olhos na porta. Às 5:33 um homem branco, com cerca de 25 anos, saiu, entrou no Ford cupê verde GX1167 e partiu. Danny anotou uma descrição do carro e do sujeito, depois voltou para a vigilância. Às 5:47 um LaSalle branco anterior à guerra, placa TR4191, entrou, um sujeito jovem e bonito, de tipo latino, usando paletó de terno e calças pregueadas, saiu, tocou a campainha e entrou na agência. Danny anotou as estatísticas, continuou olhando, viu dois homens mais velhos, de cabelos escuros e vestindo terno saírem, seguirem até a entrada de veículos e entrarem no DB6841 e no QS3334, darem ré e partirem em direções opostas pela Sunset. O sujeito latino saiu dez minutos depois; Danny anotou descrições sobre os homens — nenhum deles combinava com seu suspeito.

O tempo se arrastou; Danny continuou colado, sentindo o cheiro do linimento, sentindo de novo as dores musculares. Às 6:14 um Rolls-Royce

chegou à entrada de veículos; um homem com uniforme de chofer saiu, tocou a campainha da agência, falou no interfone e atravessou para o outro lado, sumindo de vista. As luzes se apagaram dentro, até restar apenas uma janela iluminada.

Danny pensou: o motorista de Gordean, deixando o carro dele; decerto não viria mais qualquer “cliente”. Viu uma cabine telefônica na esquina, foi até lá, deu uma moeda para a caixa e ligou para o número da polícia no Departamento de Trânsito.

— Sim? Quem está requisitando?

Danny olhou para a única luz ainda acesa.

— Detetive Upshaw, delegacia de West Hollywood, e que isso seja rápido.

O funcionário disse:

— Estamos um pouco atolados com os registros de veículos, mas...

— Esta é a linha *da polícia*, e não da Central do Departamento de Veículos. Eu sou um detetive da Homicídios, de modo que fique livre para mim.

O sujeito pareceu chateado.

— Nós estamos ajudando o regis... desculpe, detetive. Dê-me os nomes.

— Só tenho os números e as descrições dos veículos, você me dê os nomes. Quatro placas da Califórnia de 49: DB6841, GX1167, QS3334 e TR4191. Seja rápido.

— Sim, senhor. — A linha zumbiu; Danny ficou olhando a Agência Felix Gordean. Os segundos se esticaram; o homem do DV voltou à linha. — Consegui, detetive.

Danny encostou o bloco de anotações na parede.

— Vá em frente.

— DB6841 é Donald Willis Wachtel, Franklin Street 1.638, Santa Monica. GX1167 é Timothy James Costigan, Saticoy Street 11.692, Van Nuys. Sobre o QS3334 conseguimos Alan Brian Marks com K-S, Quarta Avenida 209, Venice, e o TR4191 é Augie Luis — escreve-se L-U-I-S — Duarte, North Vendome 1.890, Los Angeles. É isso.

Nenhuma fagulha com os nomes — só que o “Duarte” parecia vagamente familiar. Danny desligou no momento exato em que a luz da janela apagou-se; voltou correndo ao carro, entrou atrás do volante e esperou.

Felix Gordean saiu pela porta alguns instantes depois. Verificou a fechadura e apertou o interruptor que apagava as luzes da entrada de veículos,

deu ré no Rolls e fez um retorno, em seguida dirigiu-se para oeste pela Sunset. Danny contou até cinco e foi atrás.

O Rolls era fácil de seguir — Gordean dirigia cautelosamente e ficava na pista do meio. Danny deixou um carro entrar na sua frente e fixou-se na antena do rádio de Gordean, uma longa tira de metal com uma bandeira americana na ponta, e os faróis que vinham na direção contrária faziam com que ela se destacasse como um marco.

Seguiram para oeste, saíram da Strip e pegaram Beverly Hills. Em Linden o carro do meio virou para a direita e depois para o norte; Danny aproximou-se mais de Gordean, tocando os para-choques do Rolls com a luz dos seus faróis, e depois ficando para trás. Beverly Hills transformou-se em Holmby Hills e em Westwood; o tráfego reduziu-se a quase nada. Brentwood, Pacific Palisades, gramados verdes pintalgados de casas em estilo espanhol e terrenos baldios — a Sunset Boulevard serpenteando através de uma escuridão verde quase negra. Danny captou o reflexo de faróis altos atrás.

Acelerou; os faróis vieram com muito mais força, depois desapareceram. Olhou pelo retrovisor. Viu faróis baixos a uma distância de três carros atrás e ninguém mais na estrada. Apertou o acelerador e adiantou-se até que o Rolls de Gordean estava a uma pequena distância do focinho do seu Chevy. Outra olhada no retrovisor; o carro de trás bem na sua bunda.

Estava sendo seguido.

Uma vigilância móvel *nele*.

Três carros rolando em tocaia.

Danny engoliu em seco e vislumbrou uma fileira de terrenos baldios, cheios de terra, do lado direito da rua. Reduziu a velocidade, virou rapidamente para a direita, bateu no acostamento e saiu rabeando sobre a terra cheia de pedregulhos, arruinando o chassi do Chevy. Viu o carro que o seguia na Sunset, as luzes desligadas e disparando; virou rapidamente para a esquerda, reduziu para primeira, saiu da terra para o asfalto bom e duro, faróis altos ligados, segunda e terceira, pedal do acelerador até o fundo. Um sedã marrom do pós-guerra perdendo terreno enquanto ele ganhava; ele direto na bunda do carro, com lama cobrindo a placa traseira, o motorista provavelmente quase cego com suas luzes.

Nesse momento o sedã fez uma curva fechada para a direita e entrou numa rua lateral praticamente às escuras. Danny reduziu, apertou o freio e deu um cavalo de pau, parando o carro de frente para o fluxo do trânsito. Faróis vinham direto em sua direção. Virou a ignição, apertou a embreagem e

o acelerador, subiu no meio-fio e pegou a rua, enquanto buzinas berravam na Sunset.

Havia bangalôs dos dois lados da rua; uma placa dizia que era “La Paloma Dr., 1900N”. Danny acelerou, o asfalto ficando mais íngreme, nenhum outro carro em movimento à vista. As luzes dos bangalôs lhe davam alguma iluminação; La Paloma Drive tornou-se um cume e depois se nivelou — e lá estava seu sedã marrom na beira da rua, a porta do motorista aberta.

Danny parou atrás, acendeu os faróis altos, tirou a arma do coldre. Saiu e foi até lá, estendendo o braço com a arma. Olhou no banco da frente e não viu coisa alguma além de um belo estofado de veludo; deu um passo atrás e identificou um Pontiac Super Chief 48, abandonado numa rua com poucas casas, rodeada por morros totalmente escuros.

Seu coração martelava; a garganta estava seca; as pernas eram manteiga e a mão da arma tremia. Prestou atenção e não ouviu coisa alguma a não ser a si próprio; procurou rotas de fuga e viu uma dúzia de entradas de veículos dando em quintais e toda a parte traseira das montanhas de Santa Monica.

Pensou: *pense no procedimento, vá com calma, você é um chefe da Homicídios trabalhando para duas agências*. O “chefe” acalmou-o; enfiou o .45 na cintura, ajoelhou-se e verificou o banco da frente.

Nada sob os bancos; o registro pendurado na coluna de direção — onde deveria estar. Danny soltou a tira de plástico sem tocar em superfícies lisas, ergueu-a à luz de seu farol e leu:

Wardell John Hascomb, South Iola 9816 1/4, Los Angeles. Número de registro 416893-H Califórnia; número de licença JQ1338, Califórnia.

LA South Central, bairro negro, a área onde o assassino roubou o carro para transportar Martin Goines.

ELE.

Danny sentiu novos tremores, dirigiu de volta à Sunset e foi para oeste até encontrar um posto de gasolina com telefone público. Com mãos trêmulas, enfiou uma moeda na fenda e discou para o Serviço de Informações Policiais do Departamento de Veículos.

— Sim? Quem está requisitando?

— D-detetive Upshaw, delegacia de West Hollywood.

— O cara que ligou há cerca de meia hora?

— Droga... é, e verifique a ficha de roubos para o seguinte: Pontiac Super Chief sedã 1948, Califórnia JQ1338. Se for quente, quero o endereço do local de onde o carro foi roubado.

— Peguei. — Silêncio. Danny ficou parado na cabine telefônica, quente num segundo, gelado no outro. Pegou seu bloco e a caneta, pronto para anotar o que o funcionário lhe desse; viu “Augie Luis Duarte” e percebeu num estalo por que parecia familiar: havia um Juan Duarte no material da AUFC que ele estudara — o que não significava coisa alguma — Duarte era um nome mexicano tão comum quanto Garcia ou Hernandez.

O funcionário voltou.

— É quente, foi roubado do lado de fora da South Normandie, 9.945 esta tarde. O dono é um tal de Wardell J. Hascomb, South Iola...

— Já tenho isso.

— Sabe, detetive, seu parceiro foi muito mais gentil.

— *O quê?*

O funcionário pareceu exasperado, como se estivesse falando com um cretino.

— O detetive Jones, do seu esquadrão. Ele ligou pedindo que eu repetisse os quatro nomes que eu dei, disse que você tinha perdido as anotações.

Agora a cabine ficou completamente gelada. Não existia esse detetive; alguém — provavelmente ELE — o observara acampanando a empresa de Gordean, suficientemente perto para ouvir sua conversa com um funcionário e saber que ele estava requisitando registros de veículos. Danny estremeceu e disse:

— Descreva a voz dele.

— Do seu parceiro? Culto demais para ser um detetive à paisana do condado. Eu...

Danny bateu o fone, deu sua última moeda para o telefone e discou para a linha direta do esquadrão na delegacia de Hollywood. Uma voz atendeu:

— Detetives, Hollywood.

— Sargento Shortell — disse Danny. — Diga que é urgente.

— Certo. — Um estalo baixo, o policial veterano bocejando.

— Sim? Quem é?

— Upshaw. Jack, o assassino esteve me seguindo num carro roubado.

— Que diab...

— Só escute. Eu percebi, e ele deu no pé e abandonou o carro. Anote isto: Pontiac Super 48, marrom, La Paloma Drive, perto da Sunset, nas Palisades, na parte que fica plana perto do morro. Mande um técnico procurar impressões digitais, depois vá fazer entrevistas nas imediações. Ele saiu a pé, e por ali só existem morros, de modo que eu tenho bastante certeza de que ele

já sumiu. Mas faça mesmo assim, e rápido. Não vou estar lá para bancar o cão de guarda.

— Puta que o pariu!

— Isso mesmo. E me consiga o seguinte, verificações de registros desses quatro homens: Donald Wachtel, Franklin 1.638, Santa Monica. Timothy Costigan, Saticoy 11.692, Van Nuys. Alan Marks, Quarta Avenida 209, Venice, e Augie Duarte, Vendome 1.890, LA. Pegou?

— Está feito — disse Shortell. Danny desligou e foi atrás DELE. Voltou a La Paloma e encontrou o carro exatamente como deixara; apontou a lanterna para fora da janela e iluminou bangalôs, becos, quintais dos fundos e os pés dos morros. Maridos e esposas de aparência honesta botando o lixo para fora; cães, gatos e um coioote assustado, hipnotizado pelo clarão nos olhos. Nenhum homem alto, de meia-idade e com um adorável cabelo prateado saindo calmamente de um flagrante de roubo de automóvel. Danny voltou para a Sunset e seguiu devagar até a praia, examinando os dois lados da rua; na Pacific Coast Highway escavou a memória em busca do endereço de Felix Gordean, voltou com PCH 16.822 e rodou até lá.

Era no lado da estrada que dava na praia, uma casa em estilo colonial, de madeira branca, construída sobre estacas enfiadas na areia, “Felix Gordean, advogado” em *art deco* junto à caixa de correspondência. Danny estacionou na frente e tocou a campainha; carrilhões como os do Marmont soaram; um garoto bonito vestido de quimono atendeu. Danny mostrou o distintivo.

— Departamento do Xerife. Estou aqui para ver Felix Gordean.

O garoto ficou parado na porta.

— No momento, Felix está indisposto.

Danny olhou-o de cima a baixo, o estômago se retorcendo diante de cabelos louros saídos direto de uma garrafa de água oxigenada. A sala que fazia fundo para o garoto era ultramoderna, com uma parede inteira espelhada — vidro fumê como os espelhos nas salas de interrogatório da polícia. Vandrich falando de Gordean: sua perversão era olhar homens com homens.

— Diga a ele que é o detetive Upshaw.

— Está tudo bem, Christopher. Eu falo com este policial.

O garoto bonito saltou ao ouvir a voz de Gordean; Danny entrou e viu o sujeito, elegante num robe de seda, olhando para o espelho que permitia a visão do outro lado. Ele continuava olhando.

— Você vai olhar para mim? — perguntou Danny.

Gordean girou devagar.

— Olá, detetive. Esqueceu alguma coisa na outra noite?

Christopher foi para perto de Gordean, dando uma olhada e um risinho para o espelho.

— Quatro nomes sobre os quais preciso de informações — disse Danny.
— Donald Wachtel, Alan Marks, Augie Duarte e Timothy Costigan.

— Esses homens são clientes e amigos meus, e todos estiveram no meu escritório esta tarde. Esteve me espionando?

Danny adiantou-se na direção dos dois, pondo-se num ângulo que o afastava do espelho.

— Seja específico. Quem são eles?

Gordean deu de ombros e pôs as mãos nos quadris.

— Como eu disse, clientes e amigos.

— Como eu disse, seja específico.

— Muito bem. Don Wachtel e Al Marks são radioatores. Tim Costigan era *crooner* de orquestra, e Augie Duarte é um ator iniciante para quem consegui uns comerciais. Na verdade, talvez você o tenha visto na televisão. Arranjei para ele o papel de um colhedor de frutas num comercial para a Associação de Plantadores de Frutas Cítricas da Califórnia.

O garoto bonito estava se abraçando, num transe diante do espelho; Danny cheirou medo em Gordean.

— Lembra-se de como descrevi meu suspeito na outra noite? Alto, grisalho, com uns quarenta e cinco anos?

— Sim. E daí?

— E daí você viu alguém assim perto do seu escritório?

Uma expressão vazia em Gordean; Christopher virando-se do espelho, a boca abrindo-se. Um breve aperto de mão, do cafetão para o garoto bonito; a cara inexpressiva do garoto.

— É isso. Desculpe ter incomodado vocês — sorriu Danny.

Dois homens entraram na sala de estar. Usando cuecas de seda vermelha; um deles estava tirando uma máscara de lantejoulas. Ambos eram jovens e muito musculosos, com pernas raspadas e troncos luzidios com alguma espécie de óleo. Olharam os três ali parados; o mais alto jogou um beijo para Danny, seu parceiro fez um muxoxo, enfiou o dedo dentro da cueca dele e puxou-o para o corredor, para fora das vistas. Atrás ficaram os risinhos; Danny sentiu vontade de vomitar e foi para a porta.

Gordean falou às suas costas:

— Nenhuma pergunta sobre isso, detetive?

Danny girou.

— Não.

— Você não diria que isso é contrário à sua vida? Tenho certeza de que tem uma bela família, uma esposa ou uma namorada, uma bela família que acharia isso chocante. Gostaria de me falar sobre eles tomando um copo daquele bom conhaque Napoleon do qual você gosta tanto?

Durante uma fração de segundo Danny sentiu-se aterrorizado; Gordean e o garoto bonito tornaram-se silhuetas de papel, vilões em quem esvaziar sua arma. Fez meia-volta em direção à porta, saiu e bateu-a.

Vomitou na rua, achou uma mangueira grudada à casa vizinha, bebeu e jogou água no rosto. Mais tranquilo, levou seu Chevy até o lado oposto da PCH e estacionou, com luzes apagadas, para esperar.

O garoto bonito saiu da casa vinte minutos depois, caminhando até uma passagem elevada que dava na praia. Danny deixou que ele chegasse à escada, deu-lhe mais cinco segundos e depois correu. Suas botas de motociclista faziam barulho no cimento; o garoto olhou em volta e parou. Danny reduziu a velocidade e caminhou até ele. Christopher falou:

— Olá. Quer desfrutar a vista comi...

Danny deu-lhe um soco na barriga, agarrou um punhado de cabelos louros de farmácia e estapeou o rosto dele até sentir os nós dos dedos úmidos de sangue. A lua iluminou aquele rosto: sem lágrimas, olhos arregalados e aceitando. Danny deixou o garoto se ajoelhar no cimento e olhou para ele enrolado no quimono.

— Você viu aquele homem perto do escritório de Gordean. Por que não falou?

Christopher enxugou o sangue do nariz.

— Felix não queria que eu falasse com você sobre isso. — Sem choramingo, sem desafio, sem nada na voz.

— Você faz tudo que Felix manda?

— Faço.

— Então você viu um homem assim?

Christopher ficou de pé e se encostou no corrimão com a cabeça baixa.

— O homem tinha um cabelo realmente bonito, como cabelo de estrela de cinema. Eu faço trabalho de arquivista na agência, vi o sujeito no ponto de ônibus na Sunset, um bocado de vezes nos últimos dias.

Danny procurou tirar a dor dos nós dos dedos, esfregando-os na manga da jaqueta.

— Quem é ele?

— Não sei.

— Você viu o sujeito de carro?

— Não.

— Viu alguém falando com ele?

— Não.

— Mas falou com Felix sobre ele?

— S-sim.

— E como ele reagiu?

Christopher deu de ombros.

— Não sei. Ele não costuma reagir muito.

Danny inclinou-se sobre o corrimão, com os punhos apertados.

— É, ele reagiu, e você vai me dizer.

— Felix não queria que eu contasse.

— Não, mas você me conta ou eu machuco você.

O garoto afastou-se, engoliu em seco e falou depressa, recém-transformado em dedo-duro e ansioso para acabar com aquilo.

— A princípio ele ficou apavorado, depois pareceu que estava pensando, e disse que eu deveria apontar o homem para ele, pela janela, na próxima vez em que visse.

— Você viu o sujeito de novo?

— Não. Realmente não vi.

Danny pensou: e nunca vai ver, agora que ele sabe que eu sei que ele estava de tocaia.

— Gordean mantém registros do serviço de acompanhantes?

— Não. Não, ele tem medo disso.

Danny deu uma cotovelada no garoto.

— Vocês gostam de jogos, então aqui vai um. Eu lhe digo uma coisa, você junta essa coisa com Gordean, que é uma pessoa que tenho certeza de que você conhece *muito* bem. E você olha para mim, de modo que eu possa saber se você está mentindo.

O garoto virou-se, de perfil para rosto inteiro, de bonito para espancado e com feições frouxas. Danny tentou fazer cara de mau; lábios trêmulos fizeram com que, em vez disso, ele olhasse para o oceano.

— Gordean conhece algum músico de jazz, sujeitos que ficam nas boates de jazz no bairro negro?

— Acho que não, não é o estilo de Felix.

— Pense rápido. Porrete *zoot*. É um porrete com giletes na ponta, uma arma.

— Não sei do que o senhor está falando.

— Um homem parecido com esse que você viu no ponto de ônibus, um homem que usa os serviços de Gordean.

— Não. Eu nunca tinha visto aquele homem antes, e não conheço nenhum...

— Dentistas, proféticos, homens que sabem fazer dentadura.

— Não, muito barato para Felix. Ah, meu Deus, isso é tão estranho!

— Heroína. Caras que vendem, caras que gostam, caras que podem conseguir.

— Não, não, *não*. Felix odeia gente que se pica, acha que são vulgares. Por favor, podemos acabar com isso depressa? Eu nunca fico tanto tempo longe nos meus passeios e Felix pode se preocupar.

Danny sentiu uma ânsia de golpear de novo; olhou com mais intensidade para a água, imaginando barbatanas de tubarão cortando as ondas.

— *Cale-se e só responda*. Agora o serviço. Felix adora fazer com que os caras se revelem, certo?

— Ah, Jesus; é.

— Alguns daqueles quatro homens que mencionei são veados que ele fez com que abrissem o jogo?

— Eu... eu não sei.

— Veados em termos gerais?

— Donald e Augie, sim. Tim Costigan e Al Marks são apenas clientes.

— Augie ou Don já trabalharam para o serviço?

— Augie sim, é só o que sei.

— Christopher! Você caiu e se afogou?

Danny desviou o olhar, das ondas para a praia. Felix Gordean estava parado na varanda dos fundos, uma figura minúscula iluminada por uma fileira de lanternas de papel, uma porta de vidro entreaberta atrás dele; os dois sujeitos musculosos, quase invisíveis, estavam entrelaçados no chão lá dentro.

— Por favor, posso ir agora?

Danny olhou de volta para os seus tubarões.

— Não conte isso a Gordean.

— O que devo dizer a ele sobre o nariz?

— Diga que uma porra de um tubarão te mordeu.

— Christopher! Você vem?

Danny voltou a La Paloma Drive. Uma lâmpada de arco voltaico iluminava o Pontiac abandonado; Mike Breuning estava sentado no capô de um carro não oficial do DPLA, observando um técnico procurar impressões digitais. Danny desligou o motor e tocou a buzina; Breuning aproximou-se e se inclinou junto à janela.

— Nenhuma impressão, a não ser do crioulo dono do carro; nós o eliminamos a partir de uma ficha de registro de armas que ele tinha arquivada na delegacia. Nenhum registro sobre aqueles quatro nomes que você deu a Shortell, e agora ele está fazendo entrevistas por aí. O que aconteceu? Danny, você disse que o assassino seguiu você?

Danny saiu do carro, puto ao ver que Breuning estava embromando o serviço.

— Eu estava tocaiando um lugar na Strip; uma agência de talentos administrada por um sujeito que é cafetão de veados nas horas vagas. Consegui uns números de placas e liguei para o DV, e alguém ligou depois para lá, dizendo que era policial, e pegou os mesmos números. Fui seguido até aqui, e o sujeito se mandou quando descobri. Esse carro foi roubado no bairro negro; perto de onde foi puxado o carro que transportou Martin Goines. Tenho uma testemunha ocular que viu um sujeito parecido com a descrição do assassino espreitando perto do escritório do cafetão, o que significa que aqueles quatro homens devem ser postos sob vigilância. Agora.

Breuning assobiou; o técnico gritou:

— Nada, a não ser o cara da ficha de eliminação.

— Você e Jack continuem entrevistando os moradores — disse Danny.

— Sei que é uma possibilidade remota, mas façam mesmo assim. Quando terminarem, procurem fichas de empresas de táxi em busca de gente apanhada nas Palisades e no Santa Monica Canyon, e interroguem os motoristas de ônibus que trabalham na linha que passa na Sunset. O sujeito tem que ter saído da área por aí. Ele pode ter roubado outro carro, por isso verifiquem com as delegacias de West LA, com o DP de Santa Monica e com o Departamento do Xerife de Malibu. Vou passar um minuto em casa, depois vou para o Southside dar uma verificada no lugar onde o Pontiac foi roubado.

Breuning pegou um caderno.

— Tudo bem, mas onde você espera conseguir os homens extras para vigiar aqueles sujeitos? Gene e eu já estamos com trabalho até o pescoço, e Dudley me disse que você está ocupado naquele negócio dos comunistas.

Danny pensou em Mal Considine.

— Vamos conseguir os homens, não se preocupe.

A lâmpada de arco voltaico apagou-se; o trecho de estrada ficou escuro.

— Upshaw! — disse Breuning. — O que é que tem esse nome Augie Luis Duarte? O assassino não é mexicano, e nenhuma das vítimas dele era. Por que está interessado no sujeito?

Danny decidiu abrir o jogo sobre Gordean.

— Faz parte de uma pista que estou seguindo sozinho. O cafetão é um sujeito chamado Felix Gordean, e ele tem um serviço de acompanhantes classudo, para homossexuais. George Wiltsie trabalhava para ele, o assassino estava tocaiando o escritório dele, Duarte foi um dos nomes que dei para o funcionário do DV, e ele é um ex-prostituto de Gordean. Satisfeito?

Breuning assobiou de novo.

— Talvez Dudley possa nos conseguir os homens extras. Ele é bom nisso.

Danny voltou ao carro, sentindo uma coisa engraçada — o puxa-saco de Dudley Smith estava concordando com ele. Falou:

— Você e Jack vão trabalhar, e se conseguirem alguma coisa quente, liguem para minha casa. — Em seguida, fez um retorno e pegou a La Paloma até a Sunset, pensando num sanduíche, um drinque fraco e entrevistas no bairro negro. A Sunset estava movimentada com tráfego noturno; Danny virou para o leste e juntou-se a uma fileira de faróis. Seu pensamento ficou lindamente vazio; quilômetros passaram. Depois, chegando à Strip, sentiu-se aterrorizado como no meio segundo na casa de praia — dessa vez por causa de tomadas curtas da câmera humana.

Cy Vandrich dando em cima dele.

Breuning ficando estranho com relação aos porretes zoot, como se um daqueles negócios estivesse retalhando-o. Niles e seus dois libertos sob condicional; seu “eu tenho um colega no condado que diz que você não é tão bom quanto finge ser”.

“Faça isso direito, seu escroto do condado” e um homem do DPLA ensanguentado aos seus pés.

A caçada, como um trabalho de ladrão de carro revertido; tinha de ser ele, não podia ser ele, era errado demais para ser ele e certo demais para não ser ele.

Gordean bancando o leitor de mentes.

Arrochando um homossexual patético.

As tomadas dissolveram-se numa ânsia fria por uma bebida que o acompanhou no resto do caminho até em casa. Danny abriu a porta e piscou para a luz inesperada na sala de estar; viu a garrafa sobre a mesinha de centro e pensou que estava entrando numa alucinação. Sacou a arma, percebeu que estava bancando o maluco e recolocou-a no lugar. Foi até a mesa, viu um bilhete encostado na garrafa e leu.

Ted

Você foi brilhante no piquete hoje. Eu estava acampado num posto de vigilância na De Longpre e vi o negócio todo. A propósito, falei para o sujeito da academia chamá-lo de “escroto do condado”, esperando que isso lhe desse um incentivo a mais para pegar pesado. Sua capacidade excedeu minhas expectativas, e agora devo àquele policial muito mais do que uma garrafa de uísque — você quebrou todos os dedos do cara e aumentou lindamente os bagos dele. Escrevi uma recomendação para ele, e por enquanto ele está pacificado. Mais boas notícias: o capitão Will Bledsoe morreu hoje de manhã de um derrame, e o promotor McPherson me promoveu a capitão e me nomeou investigador-chefe da Promotoria. Boa sorte com o pessoal da AUFC (eu vi Kostenz abordar você), vamos pegá-los direitinho, e depois do júri de instrução vou recomendá-lo como sargento interino do DXLA e começarei a mexer os pauzinhos para levá-lo ao Gabinete. Preciso de um bom executivo, e as divisas de tenente que virão com isso farão de você o mais jovem figurão na história da cidade/condado. Encontre-me amanhã à meia-noite no Pacific Dining Car — vamos comemorar e você pode me colocar em dia sobre seu trabalho.

Seu
Mal

Danny começou a soluçar, soluços violentos que não se transformavam em lágrimas. Continuou soluçando, esquecendo tudo sobre a bebida.

CAPÍTULO XXII

Investigador-chefe da Promotoria.

Duas divisas prateadas, mais 3.500 por ano, prestígio para a batalha da custódia. O comando de 24 detetives tomados de outras agências policiais oriundos da Inteligência e capacidade de coletar provas que fizessem diferença no tribunal. Substancial autoridade *no* processo de decisão: quando procurar ou quando não procurar grandes indiciamentos por crimes. A trilha interna para chefes de detetives do DPLA e Grande Chefe. Poder: inclusive patente acima de Dudley Smith e a obrigação nobre de tornar tolerável uma tarde de trabalho de merda com Buzz Meeks.

Mal entrou no escritório de Los Angeles do Serviço Americano de Imigração e Naturalização. Ellis Loew ligara mais cedo; ele e Meeks deveriam se encontrar no Serviço de Imigração: “Tente enterrar qualquer rixa que exista entre vocês”, e verificar os dossiês do serviço sobre simpatizantes da AUFC nascidos fora dos Estados Unidos, em busca de motivos para deportação. Loew colocara aquilo como uma ordem; capitão ou não, ele não tinha escolha. Além disso, o promotor requisitara um memorando detalhado sobre seus interrogatórios fora da AUFC e uma atualização da investigação em termos gerais — e ele estava atrasado nisso — assistir ao desempenho de Danny Upshaw lhe custara uma tarde — ele bancara o chefe da operação enquanto Dudley estava fora, arrochando os comunas que Lenny Rolff havia dedurado.

Mal acomodou-se na sala de arquivos que o supervisor de registros arranjara para os dois usarem. Olhou o relógio e viu que era cedo: Meeks só chegaria às nove horas. Tinha quarenta minutos para trabalhar antes que o gordo aparecesse. Pilhas de dossiês tinham sido arrumadas numa comprida mesa de metal; Mal empurrou-os para o canto mais distante, sentou-se e começou a escrever.

Memorando — 10/1/50

Para: Ellis Loew
De: Mal Considine
Ellis

Meu primeiro memorando como investigador-chefe da Promotoria — se não fosse confidencial você poderia emoldurá-lo.

Primeiro: Upshaw fez uma abordagem bem-sucedida ontem. Não tive chance de lhe contar pelo telefone, mas ele foi fantástico. Eu observei e vi um membro da AUFC abordá-lo. Deixei um bilhete para Upshaw instruindo-o a se encontrar comigo hoje à noite no Dining Car para um relatório, e aposto que ele já terá feito contato com Claire De Haven. Telefone para você amanhã de manhã, com o relatório verbal baseado no que ele tem a dizer.

Há dois dias Dudley e eu abordamos Nathan Eisler e Leonard Rolff, roteiristas que não foram intimados pela Comissão de Atividades Antiamericanas. Ambos corroboraram Minear e Loftis, os membros da AUFC, como pessoas que planejavam subverter o conteúdo de filmes com doutrina comunista, e ambos concordaram em testemunhar como testemunhas amigáveis. Eisler entregou um diário que confirma ainda mais Claire De Haven como promíscua — boa notícia para Upshaw. Eisler declarou que De Haven recrutou os primeiros membros da AUFC através de meios sexuais — coisa boa a ter num tribunal aberto, caso ela tenha a audácia de querer testemunhar. Rolff deu informações sobre um total de quatro esquerdistas que não pertencem à AUFC. Dudley interrogou dois deles ontem e me telefonou à noite com os resultados: eles concordam em se apresentar como testemunhas amigáveis, corroboraram dizendo hora, data e lugar em que Ziffkin, De Haven, Loftis, Minear e os três mexicanos fizeram declarações incendiárias apoiando a derrubada dos EUA por parte do PC americano, e deram informações sobre um total de mais dezenove comunistas itinerantes. Estou trabalhando num questionário detalhado a ser submetido a todas as testemunhas amigáveis, fatos para você usar na apresentação de abertura, e quero oficiais de justiça discretos para supervisionar a entrega e a coleta da papelada. O motivo é que Dudley é uma presença muito assustadora — cedo ou tarde suas táticas de intimidação sairão pela culatra. A chance de um júri de instrução bem-sucedido depende de a AUFC ser mantida no escuro. Nós os atraímos para o sono, de modo que é melhor manter

Dudley de rédea curta. Se uma de nossas testemunhas amigáveis abrir o bico com a chefia deles, estamos ferrados.

Eis algumas ideias aleatórias:

1. Esta coisa está se transformando numa avalanche, e logo será uma avalanche de papel. Mande aqueles funcionários para a sua casa: estarei enviando relatórios, questionários, resumos de entrevistas criados a partir de detalhes do diário de Eisler. Dudley, Meeks e Upshaw estarão mandando relatórios. Quero todas essas informações cruzadas em busca de clareza.
2. Você estava preocupado com a questão de Upshaw ser mantido secreto. Não se preocupe. Nós verificamos repetidamente. “Ted Krugman” não era conhecido diretamente por qualquer membro da AUFC, na melhor das hipóteses é conhecido de segunda mão, mas ouviram falar dele. Upshaw é um policial muito inteligente. Ele sabe se portar, e suspeito de que está gostando de representar esse papel.
3. Onde está o Dr. Lesnick? Preciso falar com ele, repassar questões psiquiátricas e ter a opinião dele com relação a determinadas partes do diário de Eisler. Além disso, todos os dossiês dele terminam no verão de 49. Por quê? Há um vazio (42-44) no dossiê de Loftis, que combina com a época em que ele alardeava sentimentos comunistas e retratava os policiais na tela como malignos, para “minar o sistema de jurisprudência americano”. Espero que o sujeito não tenha morrido — há dez dias ele parecia quase morto. Mande o sargento Bowman localizá-lo e certifique-se de que ele telefone para mim. Certo?
4. Quando tivermos reunido e organizado nossas provas, precisaremos passar uma boa quantidade de tempo decidindo quais de nossas testemunhas amigáveis chamaremos ao banco. Algumas estarão abaladas e com raiva, graças a Dudley e suas pancadas. Como falei antes, os métodos dele vão acabar saindo pela culatra. Assim que estivermos satisfeitos com o número de testemunhas, quero assumir os interrogatórios e fazê-los sozinho, com luvas de pelica — mais em favor da segurança da investigação do que qualquer outra coisa.
5. Dudley está obcecado com o caso de Sleepy Lagoon e fica o tempo todo puxando o assunto nos nossos interrogatórios. Segundo todos

os relatos, os réus eram inocentes e acho que não devemos levar para o tribunal os testemunhos relativos ao CDSL — a não ser que isso tenha a ver com uma testemunha viável. O caso fez com que a esquerda de LA parecesse bem, e não podemos nos dar ao luxo de fazer com que os membros da AUFC (e são muitos) que também pertenceram ao CDSL fiquem parecendo mártires. Agora tenho um posto acima do de Dudley, e vou fazer com que ele pare com isso. E tentarei, em termos gerais, fazer com que ele vá mais devagar com as testemunhas. À luz do que foi dito acima, e de acordo com meu novo posto e minha promoção, peço que você me promova a comandante desta investigação.

Seu
Capitão M.E. Considine
Investigador-Chefe da Promotoria.

Escrever o novo título fez com que Mal se arrepiasse; pensou em comprar uma caneta elegante para comemorar a ocasião. Foi até a pilha de dossiês, ouviu “Pense rápido” e viu um pequeno objeto azul vindo em sua direção, o lançador era Buzz Meeks. Pegou-o num reflexo — uma caixa de joia, de veludo.

— Uma oferta de paz, chefe — disse Meeks. — Que eu me dane se vou passar o dia com um cara que poderia mandar me matar sem puxar o saco de alguém.

Mal abriu a caixa e viu um par de brilhantes divisas prateadas de capitão. Olhou para Meeks; o gordo disse:

— Não estou pedindo um aperto de mão ou um “nossa, obrigado, meu velho”, mas sem dúvida gostaria de saber se foi você quem mandou aqueles torpedos atrás de mim.

Alguma coisa em Meeks estava estranha: seu encanto escorregadio de sempre estava reduzido, e ele obviamente sabia que o que lhe acontecera em 46 não tinha importância agora. Mal fechou a caixa e jogou-a de volta.

— Obrigado, mas não.

Meeks pegou o presente.

— Minha última tentativa de civilidade, chefe: quando cheguei perto de Laura, não sabia que ela era mulher de um policial.

Mal ajustou a frente do colete; Meeks sempre fazia com que ele sentisse que precisava de uma lavagem a seco.

— Pegue os dossiês da ponta. Você sabe o que Ellis quer.

Meeks deu de ombros e obedeceu, um profissional. Mal mergulhou no primeiro dossiê, leu um longo relatório de verificação do Serviço de Imigração, sentiu um cidadão sólido sem ligação política que fora expulso pela grande inflação europeia, e pôs a pasta de lado. Os dossiês dois e três eram do mesmo tipo: de vez em quando olhava para Meeks que fazia anotações, perguntando-se o que o sacana queria. Quatro, cinco, seis, sete, oito, tudo material de refugiados de Hitler, veneno que fazia parecer justificados os desvios para a esquerda. Meeks captou seu olhar e piscou; Mal viu que ele estava feliz ou divertido com alguma coisa. O nove e o dez passaram, depois uma batida na porta da sala.

— *Toc, toc*, quem está aí? Dudley Smith, portanto, cuidado, comunistas!

— Mal levantou-se; Dudley aproximou-se e lhe deu uma metralhada de tapas nas costas. — Seis anos mais novo do que eu e já é capitão. Que fantástico! Garoto, meus mais calorosos parabéns.

Mal visualizou-se dando broncas no irlandês, fazendo-o engolir ordens e ficar de joelhos.

— Parabéns aceitos, tenente.

— E você está com um humor maligno para combinar com o novo posto. Não concorda, Turner?

Meeks se balançou em sua cadeira.

— Dudley, eu não consigo fazer esse garoto dizer quase nada.

Dudley gargalhou.

— Suspeito de que haja um fúria antiga entre vocês dois. Não sei qual é o motivo, apesar de que uma boa aposta seria *cherchez la femme*. Malcolm, enquanto estou aqui, deixe-me fazer uma pergunta sobre nosso amigo Upshaw. Ele está metendo o nariz na nossa investigação, além do trabalho como infiltrado? Os outros homens na investigação do caso homossexual estão se ressentindo com ele. Acham que é um intrometido.

— Enquanto estou aqui — ecoou Mal — *Cherchez la femme* — trovejou. Mal sabia que Dudley conhecia a história entre ele e Meeks. — Você é tão sutil quanto um trem de carga, tenente. E o que há com você e Upshaw?

Dudley gargalhou; Meeks falou:

— Mike Breuning também está chateado com o garoto. Ele me ligou ontem à noite e me passou uma lista de nomes, quatro caras que Upshaw queria que fossem seguidos. Perguntou se eram do caso dos veados ou do júri

de instrução. Eu disse que não sabia, que nunca tinha me encontrado com o garoto, e que tudo que sei dele é de terceira mão.

Mal pigarreou, incomodado por estarem passando por cima dele.

— Que terceira mão, Meeks?

O gordo sorriu.

— Eu estava investigando uma coisa sobre Reynolds Loftis e consegui uma pista da Delegacia de Costumes de Santa Monica. Loftis foi arrochado num bar de veados em 44, junto com um advogado chamado Charles Hartshorn, que é um figurão no centro da cidade. Eu arrochei Hartshorn, e a princípio ele pensou que eu era um policial da Homicídios, porque ele conhecia um dos homossexuais mortos no caso do Upshaw. Eu sabia que o sujeito não era assassino. Peguei pesado e depois livreí minha cara com ele dizendo que iria manter o pessoal do condado longe.

Mal lembrou-se do memorando de Meeks para Ellis Loew: a primeira corroboração externa que obtiveram sobre a homossexualidade de Loftis.

— Você tem certeza de que Hartshorn não era essencial para o caso do Upshaw?

— Chefe, o único crime daquele sujeito é ser um homossexual com dinheiro e família.

Dudley gargalhou.

— O que é preferível a ser um homossexual sem dinheiro e sem família. Você é um homem de família, Malcolm. Não diria que isso é verdade?

A corrente de Mal arrebentou.

— Dudley, que porra você quer? Estou comandando este serviço e Upshaw está trabalhando para mim. Então me diga por que está tão interessado nele.

Dudley Smith fez um tremendo número de vaudeville: um jovem que acabara de levar uma bronca arrastando os pés, humilhando-se com ombros caídos e o lábio inferior fazendo biquinho.

— Garoto, você magoou meus sentimentos. Eu só queria comemorar sua sorte e deixar claro que Upshaw incorreu na ira dos colegas policiais, homens que não estão acostumados a receber ordem de diletantes de vinte e sete anos.

— A ira de um coletor de dinheiro de Dragna irritado com o Departamento do Xerife e seu protegido, é o que você quer dizer.

— Esta é uma interpretação, sim.

— Garoto, Upshaw é *meu* protegido. E eu sou capitão e você é tenente. Não se esqueça do que isso significa. Agora, por favor, saia e nos deixe

trabalhar.

Dudley fez uma continência rígida e saiu; Mal viu que suas mãos estavam firmes e a voz não tremera; Meeks começou a aplaudir. Mal sorriu, lembrou-se de para quem estava sorrindo e parou.

— Meeks, o que *você* quer?

Meeks balançou sua cadeira.

— Almoçar um bife no Dining Car, talvez umas férias em Arrowhead.

— E?

— Não estou apaixonado por este serviço e não gosto da ideia de você lançando olhos de vodu para cima de mim até isso acabar. E gostei de você enfrentando Dudley Smith.

Mal deu um meio sorriso.

— Vá em frente.

— Você estava apavorado com ele, e mesmo assim deu-lhe uma bronca. Gostei disso.

— Agora eu tenho um posto acima do dele. Há uma semana não tinha.

Meeks bocejou, como se tudo aquilo estivesse começando a entediá-lo.

— Meu chapa, ter medo de Dudley Smith significa duas coisas: que você é inteligente e são. E uma vez tive um posto acima do dele e deixei-o numa boa, porque aquele é um escroto inteligente que jamais esquece. Então, parabéns, capitão Considine, e eu ainda quero almoçar aquele bife.

Mal pensou nas duas divisas prateadas.

— Meeks, você não é do tipo que faz ofertas de paz.

Buzz levantou-se.

— Como eu disse, não estou louco por este trabalho, mas preciso do dinheiro. Então digamos apenas que isso me fez pensar nas amenidades da vida.

— Eu também não estou louco por ele, mas preciso.

— Sinto muito pela Laura — disse Meeks.

Mal tentou se lembrar da ex-esposa nua, e não conseguiu.

— Não fui eu quem mandou atirar em você. Ouvi dizer que foram pistoleiros de Dragna.

Meeks jogou a caixa de veludo para Mal.

— Aceite enquanto estou me sentindo generoso. Acabei de comprar duzentas pratas em suéteres para minha garota.

Mal enfiou a insígnia no bolso e estendeu a mão; Meeks espremeu seus ossos.

— Almoço, chefe?

— Claro, sargento.

Pegaram o elevador até o térreo e saíram para a rua. Havia dois patrulheiros parados na frente de um carro oficial, bebericando café; Mal captou uma fiada de palavras da conversa entre os dois: “Mickey Cohen, bomba, feio.”

Meeks deu uma carteirada nos dois.

— Gabinete da Promotoria. O que vocês acabaram de falar sobre Cohen?

O policial mais novo, cara de recruta imberbe, falou:

— Senhor, nós acabamos de ouvir pelo rádio. A casa de Mickey Cohen acabou de ser bombardeada. O negócio parece feio.

Meeks partiu correndo; Mal acompanhou-o até um Cadillac verde-hortelã e entrou — um olhar para o rosto do gordo perguntando “por quê?” era inútil. Meeks fez um retorno cantando pneu e entrou no tráfego de Westwood e partiu para oeste, atravessando o conjunto da Administração de Veteranos e saindo para a San Vicente. Mal pensou na casa de Mickey Cohen em Moreno; Meeks manteve o pedal no fundo, costurando ao redor de carros e pedestres, murmurando “Porra, porra, porra, porra”.

Em Moreno, virou para a direita; Mal viu carros de bombeiros, radiopatrulhas e altas plumas de fumaça acima do quarteirão. Meeks parou guinchando junto a um cordão de isolamento e saiu; Mal ergueu-se na ponta dos pés e viu uma bela casa espanhola terminando de queimar, o gângster número um de LA de pé no gramado, incólume, arengando para um punhado de chefões da polícia uniformizados. Curiosos apinhavam a rua, a calçada e os gramados adjacentes; Mal procurou Meeks e não pôde vê-lo em qualquer lugar. Virou-se e olhou para trás — e lá estava seu colega do júri de instrução, o mais corrupto policial da história de LA, engajado em puro suicídio.

Buzz havia acabado de ultrapassar a borda da agitação, acalmando com beijos uma loura de parar o trânsito. Mal reconheceu-a das fotos das colunas de fofocas: Audrey Anders, a Garota Fenomenal, a filial de Mickey Cohen. Buzz e Audrey beijavam-se; Mal ficou olhando de longe, depois girou e verificou os flancos dos pombinhos, procurando testemunhas, capangas de Cohen que abririam o bico com o patrão. Toda a multidão estava contida atrás dos cordões de isolamento, ocupada com a falação de Mickey; mesmo assim Mal continuou observando. Sentiu um tapa forte no ombro; Buzz Meeks estava ali enxugando batom do rosto.

— Chefe, eu estou nas suas mãos. Agora vamos para aquele bife?

CAPÍTULO XXIII

— ...e Norm diz que você sabe lutar. Ele é fã de boxe, de modo que isso deve ser verdade. Agora a pergunta é: você está disposto a lutar de outras maneiras; e para nós?

Danny olhou para Claire De Haven e Norman Kostenz, que estavam do outro lado da mesa. Seu teste para emprego já durava cinco minutos; até agora a mulher era totalmente profissional, mantendo o amigável Norm profissional com tapinhas que esfriaram sua arenga sobre a escaramuça no piquete. Uma mulher bonita que precisava ficar tocando as coisas: seus cigarros e o isqueiro, ou Kostenz, quando ele falava demais ou dizia algo que lhe agradava. Cinco minutos e ele já sabia o seguinte sobre representação: boa parte do truque era enfiar no desempenho o que estava realmente acontecendo com você. Ele passara a noite inteira fazendo entrevistas no bairro negro, depois de sair direto de um estranho ataque de soluços, e nada conseguindo sobre o Pontiac roubado, mas sentindo que ELE estava observando; as entrevistas na La Paloma Drive foram um zero, o mesmo na linha de ônibus e nas companhias de táxi, e Mike Breuning ligara para lhe dizer que estava tentando conseguir quatro policiais para seguir os homens da sua lista de vigilância. Sentia-se cansado, tenso, e sabia que isso transparecia; estava ligado no *seu* caso, e não nessa merda comunista, e se De Haven pressionasse por verificações de passado, ele iria bancar o puto e levaria a conversa aos finais: a ressurreição de sua fé política e o que a AUFC tinha para que ele provasse isso.

— Srta. De Haven...

— Claire.

— Claire, eu quero ajudar. Quero entrar em ação de novo. Estou com tudo enferrujado, menos os punhos, e preciso arranjar um emprego logo, mas quero ajudar.

Claire De Haven acendeu um cigarro e mandou uma garçonete embora com um aceno do seu isqueiro.

— Acho que por enquanto você deve abraçar uma filosofia de não violência. Preciso que alguém vá comigo quando eu estiver procurando colaboradores. Dá para ver que você seria bom para me ajudar a garantir contribuições de viúvas da Comissão de Atividades Antiamericanas.

Danny recebeu “viúvas da Comissão de Atividades Antiamericanas” como uma deixa e franziu a testa, ferido por memórias súbitas de Donna Cantrell — um amor quente afogado no rio Hudson.

Claire falou:

— Alguma coisa errada, Ted?

Norm Kostenz tocou a mão dela como se dissesse: “Coisa de homem.” Danny encolheu-se, as dores musculares atacando de verdade.

— Não, você só me fez lembrar de uma pessoa que eu conhecia.

Claire sorriu.

— Fiz com que você se lembrasse ou o que eu disse?

Danny exagerou uma careta.

— As duas coisas, Claire.

— Gostaria de se aprofundar?

— Por enquanto não.

Claire chamou a garçonete e disse:

— Uma jarra de martinis. — A garota afastou-se com uma medida, anotando o pedido.

— Então nada de ações no piquete? — perguntou Danny.

— Ainda não está na hora, mas em breve vamos aprontar algumas — disse Kostenz; Claire silenciou-o: um mero lampejo de seus olhos de fanática. Danny aproveitou, o Ted Vermelho era o sujeito intrometido capaz de pisar nos calos de todo mundo.

— Aprontar o quê? De que vocês estão falando?

Claire brincou com seu isqueiro.

— Norm tem um lado precipitado, e para um fã de boxe ele leu muito Gandhi. Ted, ele está impaciente e eu estou impaciente. Houve o início de uma investigação para um júri de instrução, uma espécie de pequena Comissão de Atividades Antiamericanas, mas agora parece que acabou. Isso ainda assusta. E ouvi o rádio no caminho para cá. Houve outro atentado contra a vida de Mickey Cohen. Cedo ou tarde ele vai enlouquecer e mandar seus capangas no piquete nos atacarem. Nós precisaremos ter câmeras lá para captar isso.

Ela realmente não havia respondido sua pergunta, e o papo de resistência pacífica parecia uma espécie de subterfúgio. Danny preparou-se para soltar uma frase de flerte; a volta da garçonne o impediu.

— Só dois copos, por favor — disse Claire.

— Estou de partida — disse Norm Kostenz e saiu com um aceno de mão. Claire serviu duas doses grandes; Danny levantou o copo e fez um brinde:

— À causa.

— A todas as coisas boas — disse Claire.

Danny bebeu, fazendo careta, um abstêmio marcando pontos com uma mulher beberona; Claire bebeu e disse:

— Ladrão de carros, revolucionário, mulherengo. Estou bem impressionada.

Dar-lhe rédeas, deixar que *ela* faça o movimento, dar corda.

— Não fique, porque é tudo mentira.

— É? O quê?

— Que eu era um garoto vagabundo e revolucionário e um ladrão de carros apavorado.

— E o mulherengo?

A isca no anzol.

— Digamos apenas que eu estava tentando recapturar uma imagem.

— Alguma vez teve sucesso?

— Não.

— Por que ela é tão especial assim?

Danny tomou um gole comprido, a biritá em cima da falta de sono deixando-o turvo.

— Era.

— Era?

Danny sabia que ela ouvira a história da boca de Kostenz, mas foi em frente.

— É, era. Sou um viúvo da Comissão de Atividades Antiamericanas, Claire. As outras mulheres simplesmente não eram...

— Não eram ela.

— Isso, não eram ela. Não eram fortes, nem comprometidas, nem...

— Nem ela.

Danny riu.

— É, nem ela. Merda, estou parecendo um disco arranhado.

Claire gargalhou.

— Eu falaria mais sobre corações partidos, mas você me golpeou.

— Eu só golpeio fascistas.

— Nada de pegar pesado com mulheres?

— Não é meu estilo.

— Ocasionalmente é o meu.

— Estou chocado.

— Duvido.

Danny matou a bebida.

— Claire, eu quero trabalhar para o sindicato, mais do que somente paparicar velhotas em troca de dinheiro.

— Você terá sua chance. E elas não são velhotas; a não ser que você ache que mulheres da *minha* idade sejam velhas.

Uma tremenda abertura.

— Quantos anos você tem? Trinta e um, trinta e dois?

Claire gargalhou com o elogio.

— Diplomata. Quantos anos você tem?

Ted procurou a idade de Ted Krugman, achando-a talvez com um pouquinho de atraso.

— Vinte e seis.

— Bom, eu sou velha demais para garotos e nova demais para gigolôs. O que acha da resposta?

— Evasiva.

Claire gargalhou e acariciou o cinzeiro.

— Vou fazer quarenta em maio. De modo que agradeço pela subtração.

— Foi sincera.

— Não, não foi.

Fisgá-la agora, chegar cedo à estação.

— Claire, eu tenho credibilidade política com você?

— Sim, tem.

— Então vamos tentar o seguinte no outro sentido: eu gostaria de me encontrar com você, fora do trabalho para o sindicato.

Todo o rosto de Claire se suavizou; Danny sentiu uma ânsia de dar um tapa naquela vaca para ela ficar furiosa e ser uma inimiga à altura.

— Falei sério — disse ele. O próprio rapaz sincero, versão comunista.

— Ted, eu sou noiva.

— Não me importo.

Claire enfiou a mão na bolsa, tirou um cartão de visitas perfumado e colocou sobre a mesa.

— Pelo menos devemos nos conhecer melhor. Alguns de nós, do sindicato, vamos nos reunir na minha casa esta noite. Por que não aparece no fim da reunião e diz alô a todo mundo? Depois, se você tiver vontade, podemos dar um passeio e conversar.

Danny pegou o cartão e se levantou.

— A que horas?

— Oito e meia.

Ele estaria lá cedo; puro policial, puro trabalho.

— Estou ansioso por isso.

Claire De Haven havia se recomposto, o rosto calmo e digno.

— Eu também.

Krugman de volta para Upshaw.

Danny foi para a delegacia de Hollywood, estacionou a três quarteirões de distância e caminhou. Mike Breuning recebeu-o na porta da sala de reuniões, rindo.

— Você me deve uma, detetive.

— Por quê?

— Aqueles caras da sua lista estão sendo seguidos. Dudley autorizou, de modo que você deve uma a ele também.

Danny sorriu.

— Ótimo. Quem são os policiais? Você deu meu número para eles?

— Não. São o que você poderia chamar de garotos do Dudley. Você sabe, caras da Homicídios que Dudley criou desde que eram recrutas. São espertos, mas só vão prestar contas a Dud.

— Breuning, esta investigação é minha.

— Eu sei, Upshaw. Mas você tem uma tremenda sorte de conseguir os homens que conseguiu, e Dudley está trabalhando também no serviço do júri de instrução, de modo que ele quer manter você feliz. Tenha um pouco de gratidão. Você não tem posto e está comandando sete homens em tempo integral. Quando eu tinha a sua idade, ficava arrochando mendigos na sarjeta.

Danny passou por Breuning e entrou na sala de reuniões, sabendo que ele estava certo, puto mesmo assim. Policiais à paisana e uniformizados passavam em volta, rindo de algo no quadro de avisos. Danny olhou por cima

dos ombros deles e viu um novo cartum, pior do que aquele que Jack Shortell havia rasgado.

Mickey Cohen, com presas, solidéu e um pau gigantesco, enfiando no rabo de um cara vestido com uniforme do DXLA. Dos bolsos do policial jorravam notas verdes; o balão de fala de Cohen dizia: “Sorria, meu doce! O de Mickey C. é kosher!”

Danny empurrou para o lado uma fileira de policiais uniformizados e arrancou a obscenidade da parede; girou, encarou todo um contingente de policiais inimigos e rasgou o pedaço de papelão. Os homens do DPLA ficaram boquiabertos, fervendo, e simplesmente encarando; Gene Niles passou por eles e olhou Danny de cima a baixo. Falou:

— Conversei com um cara chamado Leo Bordoni. Ele não abriu o bico no ato, mas dava para ver que já tinha sido interrogado. Acho que você arrochou o sujeito, e acho que foi dentro do barraco de Goines. Quando eu descrevi o local foi como se ele já tivesse estado lá, porra.

A não ser por Niles, a sala era um borrão.

— Agora não, sargento — disse Danny, chefão, a voz da autoridade.

— Agora não é o cacete. Acho que você invadiu uma residência na minha jurisdição. Sei que não captou aquela denúncia pelo rádio na loja de *doughnuts*, e tenho uma pista tremendamente boa de onde você conseguiu. Se puder provar, você estará...

— *Niles, agora não.*

— Agora não é o caralho. Eu estava com um ótimo caso de roubo até você chegar com essa sua merda maluca de homossexuais. Você tem uma fixação por veados, está louco por isso, e talvez você seja uma porra de uma bicha!

Danny mandou ver, golpes rápidos de esquerda e direita, socos curtos e velozes que fizeram Niles ficar vermelho, rasgaram seu rosto mas não fizeram seu corpo recuar um centímetro. Os policiais inimigos se dispersaram; Danny acertou um gancho na barriga; Niles se desviou e veio com um *uppercut* forte, mandando Danny contra a parede. Ele ficou ali, um alvo parado, fingindo que havia apagado. Niles telegrafou uma enorme mão direita no meio do seu corpo. Danny se desviou logo antes do contato; o punho de Niles acertou a parede; ele guinchou ao som de ossos se esmagando. Danny deu um passo de lado, girou Niles e aplicou uma série de socos em seu estômago; Niles dobrou-se; Danny sentiu os policiais inimigos se aproximando. Alguém gritou: “Pare com isso!”; braços fortes deram um

abraço de urso e puxaram-no. Jack Shortell se materializou, sussurrando: “Calma, calma”, no ouvido do urso que estava abraçando; os braços soltaram; outra pessoa gritou:

— Comandante do plantão chegando!

Danny ficou frouxo e deixou o policial mais velho levá-lo para uma saída lateral.

De Krugman para Upshaw para Krugman.

Shortell levou Danny de volta ao carro, extraindo uma promessa de que ele tentaria dormir. Danny foi para casa, atordoado num segundo, cheio de tremores no outro. Finalmente, a pura exaustão acertou-o e ele usou a troca de frases entre Ted e Claire para ficar acordado. O papo esperto levou-o direto até a cama, com uma passagem pela garrafa de Mal Considine. Usando a jaqueta de couro de Krugman como cobertor, dormiu imediatamente.

E foi recebido por mulheres estranhas e por ELE.

O baile da escola em San Berdoo, 1939. Glen Miller e Tommy Dorsey no amplificador, Susan Leffert levando-o para fora do ginásio e para dentro do vestiário masculino, uma enorme garrafa de *schnapps* como isca. Dentro, ela abre os botões de sua camisa, lambendo seu peito, mordendo os pelos. Ele tenta juntar entusiasmo olhando para o próprio corpo no espelho, mas continua pensando em Tim; a sensação é boa, mas dói e, afinal de contas, cortar dos dois lados é simplesmente ruim. Ele diz a Susan que conheceu uma mulher mais velha e que quer ser leal. Ela faz com que ele se lembre de Donna Suicida, que lhe comprou sua bela jaqueta de aviador, coisa de verdadeiro herói de guerra. Susan diz: “Que guerra?”; a ação se dissolve porque ele sabe que há algo errado, Pearl Harbor ainda está dois anos no futuro. Em seguida, um homem alto, sem rosto, de cabelos prateados, nu, está ali, girando ao redor dele, e forçar a vista para ver seu rosto faz com que ele amoleça na boca de Susan.

Depois um corredor inteiro de espelhos, ele caçando ELE, Karen Hiltcher, Roxy Beausoleil, Janice Modine e um bando de xotas da Sunset Strip atacando enquanto ele se desculpa.

“Hoje não posso, preciso estudar.”

“Eu não danço, fico sem jeito.”

“Outra hora, certo?”

“Meu doce, vamos manter isso na descrição. Nós trabalhamos juntos.”

“Não quero.”

“Não.”

“Claire, você é a única mulher de verdade que conheci desde Donna.”

“Claire, eu quero te comer inteira, como costumava comer Donna e todas as outras. Todas adoravam isso, porque eu gostava demais de fazer.”

Ele estava ganhando terreno sobre ELE, ganhando foco na compleição gigantesca do sujeito grisalho. A aparição girou; não tinha rosto, mas o corpo de Tim e um negócio maior do que o de Demon Don Eversall, que costumava ficar no chuveiro, juntar água no prepúcio gigantesco, ficar segurando aquele negócio e cantarolar: “Venha beber na minha taça do amor”. Beijos violentos; corpos esmagados um contra o outro, os dois um dentro do outro, Claire saindo do espelho, dizendo: “Isso é impossível.”

Em seguida um tiro, depois outro e outro.

Danny despertou num salto. Ouviu um quarto toque, viu que havia encharcado a cama de suor, sentiu que precisava mijar e jogou a jaqueta para longe, descobrindo que estava com as calças molhadas. Cambaleou até o telefone e conseguiu dizer:

— Sim?

— Danny, é Jack.

— Sim, Jack.

— Filho, eu limpei sua barra com o comandante interino do plantão, um tenente chamado Poulson. Ele é amigo do Al Dietrich, e é razoável com relação ao nosso departamento.

Danny pensou: e Dietrich é amigo de Felix Gordean, que tem amigos no DPLA e no Gabinete da Promotoria, e Niles é amigo de Deus sabe quem no Departamento do Xerife.

— E quanto a Niles?

— Ele foi tirado do nosso serviço. Falei ao Poulson que ele estava perturbando você, que ele provocou a briga. Acho que você vai ficar bem. — Uma pausa, e depois: — Você está bem? Dormiu?

O sono estava voltando; Danny sufocou uma visão DELE.

— É, dormi. Jack, não quero que Mal Considine fique sabendo do que aconteceu.

— Ele é seu chefe no júri de instrução?

— Isso.

— Bom, eu não vou dizer, mas alguém provavelmente vai.

Mike Breuning e Dudley Smith substituíram ELE.

— Jack, preciso trabalhar um pouco para o outro serviço. Ligo para você amanhã.

— Mais uma coisa — disse Shortell. — Nós tivemos alguma sorte nas investigações sobre carros roubados; um Olds foi puxado há dois quarteirões da La Paloma. Abandonado no píer de Santa Monica, sem impressões digitais, mas estou acrescentando “ladrão de carro” às nossas verificações de fichas. E já fizemos 140 verificações em laboratórios dentários. O negócio está indo devagar, mas tenho a impressão de que vamos pegá-lo.

ELE.

Danny riu, os machucados de ontem doendo, novas dores nos ossos disparando nos nós de seus dedos.

— É, nós vamos pegá-lo.

Danny voltou para Krugman com um banho de chuveiro e uma troca de roupas; Ted Vermelho, o garanhão, no paletó esporte de Karen Hiltcher, calças de flanela pregueadas e uma camisa de seda do kit de disfarce de Considine. Foi para Beverly Hills devagar, pela pista do meio, verificando o retrovisor a intervalos de segundos em busca de carros que estivessem acompanhando-o perto demais e um homem sem rosto olhando com intensidade demais, com os faróis altos demais porque no fundo ele queria ser apanhado, queria que todo mundo soubesse POR QUÊ. Nenhum suspeito provável apareceu no espelho; por duas vezes sua lentidão quase o levou a provocar batidas. Chegou à casa de Claire De Haven 45 minutos antes da hora; viu Cadillacs e Lincolns na entrada de veículos, luzes abafadas por trás de cortinas e uma janela lateral estreita aberta para que entrasse ar, coberta por uma cortina — mas aberta. A janela dava para um caminho de pedras e arbustos altos que separavam a propriedade de De Haven da casa vizinha; Danny foi até lá, agachou-se e ouviu.

Palavras chegaram, filtradas através de tosses e interrupções truncadas. Captou um grito de homem: “Cohen e seus lacaios de merda precisam ficar pirados primeiro”; Claire: “Tudo se resume em saber quando apertar.” Um sotaque suave, do Atlântico: “Nós precisamos dar uma saída para os estúdios livrarem a cara, por isso é tão importante saber por quê. O negócio precisa bater no ventilador na hora certa.”

Danny ficava olhando em volta, procurando testemunhas; ouviu uma longa digressão sobre a eleição presidencial de 52 — quem iria concorrer,

quem não iria — isso degenerou numa briga de gritos, infantil, Claire finalmente dominando com sua opinião sobre Stevenson e Taft, lacaios fascistas de várias espécies. Houve algo sobre um diretor de cinema chamado Paul Doinelle e seus clássicos “estilo Cocteau”; depois um dueto quase completo: o homem de voz suave rindo de “paixões antigas”, um homem com um estentóreo sotaque sulista dando um desfecho: “Mas eu consegui Claire.” Danny lembrou-se dos dossiês psiquiátricos: Reynolds Loftis e Chaz Minear eram amantes há anos; Considine disse-lhe que agora Claire e Loftis estavam noivos e iriam se casar. Ele deu saltos mortais com o estômago e olhou para o relógio: 8:27, hora de encontrar o inimigo.

Foi até a porta e tocou a campainha. Claire abriu e disse:

— Bem na hora — Danny viu que a maquiagem e o terninho dela encobriam as rugas e revelavam as curvas melhor do que o pó compacto e o vestido no restaurante.

— Você está linda, Claire.

Claire sussurrou:

— Guarde isso para mais tarde — pegou seu braço e guiou-o até a sala de estar, decoração elegante e sutil estragada por cartazes de cinema emoldurados: títulos comunistas para o pacote do júri de instrução. Havia três homens de pé segurando bebidas: um cara de aparência semítica vestido de tweed, uma figura pequena e bem arrumada usando suéter de tenista e calças brancas, e a figura cuspida e escarrada DELE — um homem com juba prateada, próximo dos cinquenta, pelo menos 1,87 m, tão esguio quanto Mal Considine, porém dez vezes mais bonito. Danny encarou o rosto dele, pensando que alguma coisa nos olhos era familiar, depois olhou para o outro lado — bicha, ex-bicha ou o que quer que fosse, ele era apenas uma imagem — um comuna, não um assassino.

Claire fez as apresentações.

— Cavalheiros, Ted Krugman. Ted, da esquerda para direita temos Mort Ziffkin, Chaz Minear e Reynolds Loftis.

Danny apertou as mãos deles, ouvindo:

— E aí, pugilista? — de Ziffkin.

— Um prazer — de Minear, e um sorriso torto de Loftis, um aparte implícito: eu deixo minha noiva se divertir com caras mais novos. Danny deu ao homem alto o aperto de mão mais forte, indo fundo em Ted K.

— O prazer é todo meu, e estou ansioso para trabalhar com vocês.

Minear sorriu; Ziffkin disse:

— É isso aí, garoto.

Loftis disse:

— Que você e Claire tenham uma boa conversa sobre estratégia, mas traga-a para casa cedo, ouviu? — Um sotaque sulista, mas sem xarope e outro aparte: ele iria dormir com De Haven esta noite.

Danny riu, sabendo que havia acabado de memorizar as feições de Loftis; Claire suspirou:

— Vamos, Ted. A estratégia espera.

Os dois saíram. Danny pensou em perseguições de carro e guiou Claire até o dele.

— Onde você quer estrategizar? — disse ela; o aparte *dela*, sua paródia sobre Loftis bancando o espertinho. Danny abriu a porta do carona, tendo uma ideia: rondar o bairro negro com a coloração protetora de uma mulher a reboque. Fazia quase duas semanas desde que ele fora entrevistar pessoas lá, provavelmente não seria reconhecido em seu figurino de não policial, e ontem mesmo ELE estivera perto do South Side.

— Eu gosto de jazz. E você?

— Adoro. E conheço um lugar fantástico em Hollywood.

— Eu conheço uns lugares incríveis na South Central. O que diz?

Claire hesitou, depois disse:

— Claro, parece divertido.

Para o leste na Wilshire, sul na Normandie. Danny dirigia rápido, pensando na reunião da meia-noite e em maneiras de esfriar Considine com relação ao entrevero com Niles; continuou verificando o retrovisor de modo casual, dando um sorriso de presente a Claire a cada vez, para que ela pensasse que ele estava pensando nela. Nada estranho apareceu no espelho; o rosto de Reynolds Loftis permaneceu em sua mente, um não rosto para fazer *o rosto* saltar e mordê-lo. Claire fumava um cigarro atrás do outro e batucava com as unhas no painel.

O silêncio parecia bom, dois idealistas em pensamento profundo. Para o leste na Slauson, sul na Central, mais olhadas pelo retrovisor agora que estavam no terreno DELE. Danny parou em frente ao Club Zombie. Claire falou:

— Ted, de que você está com medo?

A pergunta pegou-o verificando a cintura atrás do cassetete que sempre levava quando ia ao bairro negro; parou e agarrou o volante, Ted comuna, o perseguido colega dos negros.

— Dos caminhoneiros, acho. Estou enferrujado.

Claire pôs uma das mãos na bochecha dele.

— Você está cansado, solitário e tenso. Quer tanto agradar e fazer a coisa certa que isso quase parte o meu coração. — Danny apoiou-se na carícia, um travo na garganta como quando viu a garrafa de Considine. Claire afastou a mão e beijou o lugar em que ele havia tocado.

— Eu adoro gente perdida. Venha, meu fortão silencioso. Vamos ouvir música e dar as mãos, e *não* vamos falar de política.

O travo se manteve; o beijo continuava quente. Danny foi na frente de Claire até a porta; o segurança do dia do Ano-Novo encarou-o como se ele não passasse de outro branco fanático por jazz. Claire chegou perto no momento exato em que o ar frio levou-o de volta ao normal: Krugman, o comuna, saindo com uma mulher, Upshaw, o policial de homicídios, fazendo hora extra. Pegou o braço dela e guiou-a para dentro.

O interior do Zombie estava exatamente como há duas semanas, com um conjunto ainda mais barulhento, mais dissonante, sobre o palco. Dessa vez a clientela era totalmente de negros: um mar de rostos pretos destacados por iluminação colorida, uma tela piscante onde um rosto branco grisalho ia se destacar e gritar: “Eu!” Danny deu uma nota de cinco ao *maître* e pediu uma mesa perto da parede, de onde desse para ver a pista; o homem levou-o a um lugar perto da saída dos fundos, anotou os pedidos de um duplo com água e um martíni seco, fez uma reverência e um gesto para uma garçonete. Danny acomodou Claire na cadeira mais perto do palco; ele pegou a que dava para o bar e a plateia.

Claire cruzou os dedos com os de Danny e ficou batucando o ritmo com as mãos dos dois, uma batida suave, contraponto para o *bebop* guinchado que inundava o salão. As bebidas chegaram; Claire pagou — um nota de cinco para a garçonete mulata, a mão livre erguida para recusar o troco. A garota afastou-se; Danny bebericou *bourbon* — negócio barato, da casa, que queimava. Claire apertou sua mão; ele apertou de volta, grato pela música alta que tornava impossível falar. Olhando para a multidão, sentiu que ELE aqui era quase igualmente impossível — saberia que agora a polícia o identificara como ladrão de carros no bairro negro — evitaria a South Central como se fosse a peste.

Mas o lugar parecia bom, seguro e escuro. Danny fechou os olhos e ouviu a música, a mão de Claire na sua ainda marcando o tempo. O ritmo do conjunto era complexo: bateria lançando a melodia para o sax, o sax retorcendo-a em digressões, voltando para acordes cada vez mais simples, depois o tema principal, depois o trompete e o baixo levantando voo, enlouquecendo com *riffs* cada vez mais e mais complicados. Prestar atenção nos solos era hipnótico; metade dos sons eram feios e estranhos, fazendo com que ele desejasse a volta dos temas simples, bonitos. Danny ouvia, ignorando a bebida, tentando identificar a música e prever para onde ela ia. Sentia que estava conseguindo a sincronização quando um *crescendo* surgiu do nada, os músicos pararam de tocar, aplausos irromperam como trovões e luzes fortes se acenderam.

Claire largou sua mão e começou a aplaudir; um mulato com cara de malandro esperto passou pela mesa, dizendo:

— Olá, meu doce. Não vejo você há um tempão.

Claire desviou os olhos; Danny levantou-se; o mulato disse:

— Esquece os velhos amigos, vê lá se eu me importo — e continuou deslizando.

Claire acendeu um cigarro, com o isqueiro trêmulo.

— Quem era ele? — perguntou Danny.

— Ah, amigo de um amigo. Eu já tive uma queda por músicos de jazz.

O mulato fora até o palco; Danny viu-o passar alguma coisa para a mão do baixista, um lampejo de verde captado ao mesmo tempo. Considine sobre De Haven: ela era viciada em pico e devota de bolas.

Danny sentou-se; Claire apagou o cigarro e acendeu outro. As luzes diminuíram; a música começou — uma balada lenta e romântica. Danny tentou a manobra de acompanhar o ritmo, mas a mão de Claire não se mexia. Os olhos dela estavam dardejando pelo salão; ele viu a porta de saída do outro lado se abrir, revelando Carlton W. Jeffries, o maconheiro que ele havia arrojado para conseguir informação sobre traficantes de heroína. A porta lançou uma tira de luz até Claire De Haven com olhos assustados de coelho, uma garota branca e rica com uma queda pelo *bas-fond*, e com medo de que mais embaraços pudessem arruinar seu encontro com um policial disfarçado a fim de indiciá-la por traição. A porta se fechou; Danny sentiu o medo dela saltar para ele e transformar o lugar bom, escuro e seguro em algo mau, cheio de crioulos malucos da selva que iriam comê-lo inteiro, vingando-se de todos os crioulos que ele havia arrojado.

— Claire, vamos sair daqui, certo?

— É, vamos.

A volta foi Claire agitada o tempo inteiro, arengando sobre o que realizara com quais organizações — uma litania que parecia inofensiva e provavelmente não continha um fiapo de informação que Considine e Loew achassem interessante. Danny deixou aquilo passar por cima, pensando em sua reunião, perguntando-se o que Leo Bordoni dissera a Gene Niles, se Niles tinha realmente uma fonte no condado capaz de dizer que ele estivera no 2.307, e se ele pudesse provar isso, será que alguém se importaria? Será que deveria amaciar Karen Hiltcher em termos gerais, já que ela era a única possibilidade *real* de deduração, mesmo sendo improvável que sequer conhecesse Niles? E como ele afastaria a culpa pela briga? Como fazer Considine pensar que estava certo seu futuro executivo espancar um dos subordinados, quando aquele sujeito poderia muito bem estar com ele na palma da mão?

Danny entrou no quartirão de Claire, pensando em boas frases de saída; ao reduzir a velocidade e parar já estava com duas prontas. Sorriu e preparou-se para representar; Claire tocou o rosto dele, com mais suavidade do que da primeira vez.

— Desculpe, Ted. Foi um primeiro encontro abominável. Podemos marcar para outra vez?

— Claro — disse Danny, ficando todo quente, o travo de novo.

— Amanhã à noite, aqui? Só nós, estratégia e qualquer outra coisa que der vontade?

A mão dela mudara de direção, os nós dos dedos marcando de leve a linha de seu maxilar.

— Claro... querida.

Então ela parou, olhos fechados, lábios entreabertos. Danny partiu para o beijo, querendo a mão macia, não a boca faminta pintada de vermelho-rosado. Assim que se tocaram, ele congelou e quase se afastou rapidamente. A língua de Claire deslizou sobre seus dentes, sondando. Ele pensou em Reynolds Loftis, deu o rosto à mulher e foi fundo.

CAPÍTULO XXIV

Mal observava Buzz Meeks comer, pensando que amor suicida devia ser bom para o apetite: o gordo havia devorado um prato de camarões empanados, duas costeletas de porco de grossura dupla com cebolas, e agora estava matando um pedaço gigantesco de torta de pêssago enterrada em sorvete. Era a segunda refeição que faziam juntos, entremeadas pelo trabalho nos dossiês do Serviço de Imigração e sua passada pelo escritório de Jake Kellerman; no almoço Meeks havia devorado um bife de lombo, batatas fritas e três porções de pudim de arroz. Mal beliscava um prato de salada de frango e balançava a cabeça; Meeks falou:

— Um garoto em crescimento precisa se alimentar. A que horas Upshaw deve aparecer?

Mal olhou o relógio.

— Eu disse a ele meia-noite. Por quê? Você tem planos?

— Umazinha com meu doce. Howard está usando o apartamento dele perto do Bowl, por isso vamos nos encontrar na casa dela. Eu disse que estaria lá no máximo à uma, e pretendo ser pontual.

— Meeks, você está tomando precauções?

— Nós usamos o método do ritmo. Na casa dela quando o ritmo de Howard nos empurra. — Ele enfiou a mão nos bolsos do paletó e pescou um envelope. — Esqueci de lhe dizer. Quando você estava no seu advogado, Ellis apareceu. Eu dei a ele seu memorando, ele leu e escreveu um para você. Parece que o seu garoto andou trocando socos com um detetive do DPLA. Ellis pediu para ler isso e agir de acordo.

Mal abriu o envelope e tirou um pedaço de papel coberto com a letra de Ellis Loew. Leu:

M.C.

Concordo de todo o coração com tudo, menos com a avaliação sobre os métodos de Dudley. O que você não percebe é que Dudley é tão eficaz

que os métodos dele minimizam a chance de que testemunhas potenciais abram o bico e passem informações sobre nós à AUFC. Além disso, não posso lhe dar o comando da investigação, não com a aversão óbvia que existe entre você e Dudley. Isso irritaria um homem que até ontem tinha o mesmo posto que você, e com muitos anos a mais de serviço. Vocês são iguais nesta investigação e, assim que formos para o tribunal, você nunca mais precisará trabalhar com ele.

Fiquei sabendo de uma coisa sobre o detetive Upshaw. Um tal de sargento Breuning (DPLA) ligou para me dizer que esta tarde Upshaw brigou com outro detetive do município (o sargento G. Niles), por causa de uma observação estúpida que Niles fez sobre “bichas”. À luz do comando interagências que arranjamos para Upshaw, isto é intolerável. Breuning também declarou que Upshaw exigiu quatro policiais para trabalho de vigilância, e que Dudley, querendo mantê-lo feliz, arranhou os homens. Isto também é intolerável. Upshaw é um policial jovem e sem experiência que, mesmo talentoso, não tem o direito de fazer essas exigências. Quero que você o informe, a sério, de que não toleraremos mais brigas ou comportamento de prima-dona.

No momento o sargento Bowman está procurando o Dr. Lesnick. Também espero que ele não morra — ele é um acréscimo valioso à nossa equipe.

E.L.

P.S. — Boa sorte no tribunal amanhã. Sua promoção e seus serviços atuais devem ajudá-lo a garantir um adiamento. Acho boa a estratégia de Jake Kellerman.

Mal embolou o papel e jogou-o para qualquer lugar; ele quicou na parte de trás do reservado e caiu no prato de manteiga de Meeks.

— Calma, parceiro — disse Buzz. Mal ergueu os olhos e viu Danny Upshaw aparecendo.

— Sente-se, detetive — disse ele, irritado até perceber que as mãos do garoto estavam tremendo.

Danny sentou-se no reservado ao lado de Meeks.

— Turner Meeks — disse Buzz, e apertou sua mão; Danny assentiu e virou-se para Mal.

— Parabéns, capitão. E obrigado pela garrafa.

Mal encarou seu infiltrado, pensando que nesse momento ele não parecia um policial sequer de longe.

— Obrigado, e o prazer foi meu. E, antes de passarmos aos negócios, o que aconteceu com o sargento Niles?

Danny agarrou um copo vazio.

— Ele teve uma ideia maluca de que invadi o lugar onde a segunda e a terceira vítima foram encontradas. Essencialmente, o sujeito está irritado por receber ordens minhas. Jack Shortell disse que o comandante do plantão o afastou do caso, de modo que acho que ele não vai pegar mais no meu pé.

A resposta soou ensaiada.

— É só isso? — perguntou Mal.

— Sim.

— E você invadiu o lugar?

— Não, claro que não.

Mal pensou na observação sobre “bichas”, mas deixou passar.

— Certo, então considere isto uma reprimenda, de Ellis Loew e de mim. Chega. *Ponto final*. Não deixe isto acontecer de novo. Entendeu?

Danny levantou o copo, parecendo chateado ao ver que estava vazio.

— Sim, capitão.

— Ainda é “Mal”. Quer comer alguma coisa?

— Não, obrigado.

— Uma bebida?

Danny empurrou o copo para longe.

— Não.

— Guarde os punhos para o torneio de boxe da polícia — disse Buzz. — Conheci um cara que virou sargento batendo em sujeitos que o chefe dele odiava.

Danny gargalhou; Mal desejou que ele tivesse pedido uma dose para acalmar os nervos.

— Conte-me sobre sua abordagem. Você se encontrou com De Haven?

— Sim, duas vezes.

— E?

— Ela está dando em cima de mim.

Seu subordinado estava ruborizando. Mal falou:

— Fale sobre isso.

— Ainda não há muito a contar. Tivemos um encontro esta noite, marcamos outro para amanhã. Fiquei ouvindo do lado de fora da casa dela

enquanto acontecia uma reunião, e peguei umas coisas. Muito vagas, mas o bastante para dizer que eles têm algum tipo de projeto de extorsão contra os estúdios, e que estão planejando coordenar isso com o momento em que os caminhoneiros ficarem enlouquecidos no piquete. De modo que diga a Mickey para manter os rapazes dele sob controle. Deu para ver que essa proposta é importante para a estratégia deles, e, quando me encontrar com De Haven amanhã, vou pressionar em busca de detalhes.

Mal pensou naquilo, achando que parecia confirmar sua opinião sobre os cabeças da AUFC: eles tinham má-fé, falavam muito, esperavam para agir na hora certa e deixavam que acontecimentos externos determinassem o momento.

— Quem você conheceu, além de Kostenz e De Haven?

— Loftis, Minear e Ziffkin, mas só brevemente.

— Que impressão teve deles?

Danny fez um gesto de mão aberta.

— Na verdade, não me impressionaram. Só falei com eles durante cerca de um minuto.

Buzz deu um risinho e afrouxou o cinto.

— Você teve sorte de o velho Reynolds não dar em cima de você, em vez da De Haven. Um cara novo e bonito como você provavelmente iria deixar aquele velho galinha com um metro de pau duro.

Danny ruborizou de novo. Mal pensou nele trabalhando em dois casos de 24 horas por dia, espremendo os dois em um dia de 24 horas. Falou:

— Conte como está indo seu outro serviço.

Os olhos de Danny dardejavam, saltando pelos reservados vizinhos, demorando-se nos homens no balcão antes de voltarem a Mal.

— Devagar mas bem, acho. Montei meu próprio dossiê em casa, com todas as evidências e todas as minhas impressões, e isso ajuda. Está sendo feito um bocado de verificações de fichas, e até agora isso anda devagar, mas firme. Acho que estou me aproximando é das vítimas, montando uma ideia geral sobre elas. Ele não é um psicopata aleatório, *sei* disso. Se eu chegar mais perto, talvez precise de uma isca para atraí-lo. Seria possível conseguir outro homem?

— Não. — Mal observou os olhos de Danny acompanhando dois homens passando pelo reservado. — Não depois de sua briga com Niles. Você conseguiu aqueles quatro policiais que o Dudley Smith lhe arranjou...

— Eles são homens do Dudley, não meus! Nem mesmo vão prestar contas a mim, e Mike Breuning está me provocando! E acho que ele está atrapalhando o serviço inteiro!

Mal deu um tapa na mesa, atraindo os olhos de Danny de volta para ele.

— Olhe para mim e ouça. Quero que se acalme e vá devagar com as coisas. Você está fazendo todo o possível nas duas tarefas e, tirando o que aconteceu com Niles, está realizando um ótimo trabalho. Agora você perdeu um homem, mas tem os policiais que requisitou, de modo que imagine que compensou as suas perdas, baixe a cabeça e seja um profissional. *Seja um policial.*

Os olhos de Danny, turvos, permaneceram em Mal. Buzz falou:

— Detetive, você tem alguma pista forte com relação às suas vítimas, alguma coisa que se possa chamar de denominador comum?

O subordinado falou para o superior.

— Um homem chamado Felix Gordean. Ele é um cafetão de homossexuais ligado a uma das vítimas, e *sei* que o assassino tem algum tipo de fixação por ele. Ainda não peguei muito pesado com o cara, porque ele dá dinheiro para a Delegacia Central de Costumes, e disse que tem influência com o DPLA e o Gabinete.

— Bom, eu nunca ouvi falar nele — disse Mal. — E sou um figurão do Gabinete. Buzz, você conhece esse cara?

— Claro que conheço, chefe. Grande figura na cidade, maior ainda no condado. Um veado maligno, joga golfe com o xerife Eugene Biscailuz, e no Natal bota um troco no bolso de Al Dietrich também.

Enquanto Buzz dizia as palavras, Mal soube que era um dos melhores momentos de sua vida:

— Vá firme com ele, Danny. Eu seguro a barra, e se alguém incomodá-lo, você tem o investigador-chefe da Promotoria da cidade de Los Angeles dando apoio.

Danny levantou-se, aparentando uma gratidão de partir a alma.

— Vá para casa e durma, Ted. Tome uma dose por mim — acrescentou Mal.

O infiltrado partiu, fazendo uma continência para seus colegas policiais; Buzz expirou devagar.

— Aquele garoto está montado num galho alto de árvore, olhando para baixo, para um sujeito velho e alto segurando uma serra, e você tem mais colhões do que cérebro.

Era praticamente a melhor coisa que alguém já lhe dissera.

— Coma outro pedaço de torta, meu chapa — disse Mal. — Estou pagando a conta.

CAPÍTULO XXV

Barulho na janela do corredor, três passos suaves no chão do banheiro.

Buzz estremeceu, rolou para longe de Audrey, enfiou a mão sob o travesseiro e pegou seu .38, camuflando o movimento com um suspiro de sono. Mais dois passos, Audrey roncando, a luz através de uma abertura nas cortinas se eclipsou. Uma forma vindo para o seu lado da cama; o som de um cão de arma sendo puxado:

— Mickey, você está morto.

Buzz empurrou Audrey para o chão, para longe da voz; um silenciador estalou e um clarão saindo do cano iluminou um homem grande com sobretudo escuro. Audrey gritou; Buzz sentiu o colchão se rasgando a dois centímetros de suas pernas. Com um só movimento, agarrou seu cassete na mesinha de cabeceira e girou-o na direção dos joelhos do sujeito; o aço engastado em madeira fez ossos estalarem; o homem cambaleou na direção da cama. Audrey guinchou:

— Meeks!

Um tiro furou a parede mais distante; outro meio segundo de luz saindo do cano permitiu que Buzz enxergasse. Agarrou o sobretudo do sujeito e puxou-o para a cama, apertou sua cabeça com um travesseiro e deu-lhe dois tiros na cara.

As explosões soaram abafadas; Audrey guinchando era que nem sirene. Buzz rodeou a cama e deu-lhe um abraço de urso, matando os tremores dela com seu próprio corpo que se sacudia. Sussurrou:

— Vá para o banheiro, mantenha a luz apagada e a cabeça baixa. Isso era para o Mickey, e se há um homem de apoio lá fora, ele está vindo. Mantenha-se abaixada e fique calma, porra.

Audrey recuou de joelhos; Buzz foi para a sala de estar, entreabriu as cortinas da frente e olhou para fora. Do outro lado da rua havia um sedã estacionado, que antes não estivera ali; não havia outro carro junto ao meio-fio. Ele fez uma revisão do que provavelmente acontecera.

Ele se parecia com Mickey a distância; *ele* dirigia um Eldo 48 verde. A casa de Mickey foi bombardeada ontem; Mickey, mulher e buldogue de estimação sobreviveram. *Ele* estacionou seu carro a três quarteirões de distância, como sempre; uma vigilância precária convenceu o pistoleiro de que *ele* era Mickey, um caipira baixo e gordo substituindo um judeu baixo e gordo.

Buzz continuou olhando o sedã; o carro permaneceu imóvel, sem brilho de cigarro. Cinco minutos passaram-se; nenhum policial ou homem de apoio apareceu. Buzz tomou aquilo como uma jogada solitária, voltou ao quarto e acendeu a luz do teto.

O cômodo fedia a pólvora; a cama estava encharcada de sangue; o travesseiro totalmente saturado de carmim. Buzz levantou-o e ergueu a cabeça do defunto. Não tinha rosto, não havia ferimentos de saída, todo o vermelho brotava pelos ouvidos. Revirou os bolsos do sujeito — e baixou um tremendo nervosismo.

Um distintivo e identificação do DPLA: Sargento-detetive Eugene J. Niles, delegacia de Hollywood. Um cartão do Automóvel Clube, informações sobre o veículo no canto inferior esquerdo — Ford sedã Crown Victoria 46, placa da Califórnia, 49, JS1497. Uma carteira de motorista da Califórnia em nome de Eugene Niles, residente na Melbourne Avenue 3.987, Hollywood. Chaves de carro, outras chaves e pedaços de papel com o endereço de Audrey e uma planta que parecia do apartamento de Mickey em Brentwood.

Velhos boatos, novos fatos, tremores de matar.

O DPLA estava por trás do tiroteio no Sherry's; Jack D. e Mickey haviam selado a paz; Niles trabalhava na delegacia de Hollywood, o olho da tempestade Brenda Allen. Buzz atravessou a rua sob aceleração máxima do medo, viu que o sedã era um Vicky 46 JS1497, destrancou o porta-malas e correu de volta. Pegou uma colcha grande, enrolou Niles e a arma dele, colocou-o sobre o ombro, levou-o até o Vicky e trancou-o no porta-malas, dobrando-o ao lado do estepe. Ofegando, coberto de suor e trêmulo, voltou e enfrentou Audrey.

Ela estava sentada no vaso, nua, fumando. Meia dúzia de guimbas caídas no chão; o banheiro era uma nuvem de tabaco. Parecia uma mulher de Marte: lágrimas haviam dissolvido sua maquiagem e o batom ainda estava borrado do amor que os dois haviam feito.

Buzz ajoelhou-se diante dela.

— Querida, eu cuido disso. O negócio era para o Mickey, de modo que acho que estamos bem. Mas preciso ficar longe de você durante um tempo, só para o caso desse sujeito ter algum parceiro; não quero que eles descubram que era você e eu em vez de você e Mickey.

Audrey largou o cigarro no chão e apagou-o com o pé descalço, sem registrar dor. Falou:

— Certo — um grasnido rouco de fumante.

— Pegue a roupa de cama e queime no incinerador. Há balas no colchão e na parede, arranque-as e jogue fora. E não conte *a ninguém*.

— Diga que vai estar tudo bem.

Buzz beijou os cabelos dela, vendo os dois atados com correias na câmara de gás.

— Querida, claro que vai estar tudo bem.

Buzz levou o carro de Niles até as colinas de Hollywood. Encontrou ferramentas de jardinagem no banco de trás, um trecho de terreno liso perto da estrada de acesso ao letreiro de Hollywood, e enterrou o pretenso assassino de Mickey Cohen num buraco com cerca de 2 m x 2 m x 2 m, trabalhando com uma pá de terra e um ancinho. Bateu a terra com força para que os coiotes não sentissem cheiro de carne podre e ficassem com fome; cobriu com galhos e mijou em cima: um epitáfio para um colega mau policial que o colocara na maior encrenca de sua vida encrencada. Enterrou a arma de Niles debaixo de um arbusto, dirigiu o carro em direção ao vale, limpou-o, arrancou o distribuidor e deixou-o numa garagem abandonada em cima do Morro do Suicida — um lugar onde os jovens iam trepar perto do Hospital de Veteranos de Sepulveda. Impossível de ser dirigido, o Vicky se transformaria em peças de reposição em menos de 24 horas.

Eram quatro e meia da madrugada.

Buzz caminhou até o Victory Boulevard, pegou um táxi para a esquina de Hollywood com Vermont, caminhou os oitocentos metros restantes até a Melbourne Avenue. Encontrou um telefone público, procurou “Eugene Niles” no catálogo, discou o número e deixou tocar vinte vezes — ninguém atendeu. Localizou o número 3.987 — o apartamento de baixo, à esquerda, num prédio de estuque cor-de-rosa com quatro apartamentos — e entrou usando as chaves de Niles, decidido a procurar uma coisa: provas de que outros homens estavam no atentado contra Mickey.

Era uma típica moradia de solteiro: um cômodo funcionando como sala de estar/quarto, com cama embutida na parede, banheiro, quitinete. Havia uma mesa diante de uma janela fechada com tábuas; Buzz foi direto até lá, usando as fraldas da camisa para segurar tudo em que tocava; depois de dez minutos tinha sólidas provas circunstanciais:

Um certificado da Escola de Demolição do Exército dos Estados Unidos, Camp Polk, Louisiana, declarando que o cabo Eugene Niles terminara com sucesso um curso sobre explosivos em dezembro de 1931 — o escroto tinha sido responsável pela bomba debaixo da casa de Mickey.

Cartas da ex-mulher de Niles, condenando-o por trepar com as putas de Brenda Allen. Ela lera a transcrição do júri de instrução e sabia que o marido participara dos delitos cometidos na delegacia de Hollywood — o motivo de Niles para querer Mickey morto.

Uma caderneta de endereços que incluía nomes e números de telefones de quatro capangas de Jack Dragna, nome e endereço de três outros coletores de dinheiro para Dragna — policiais que ele conhecia quando estava no DPLA — e uma anotação estranha: “Karen Hiltcher, Departamento do Xerife de W. Hollywood” com “!!!!” grandes e em tinta vermelha. Afora isso, mais verificações sobre o ódio de Niles contra Mickey antes da trégua com Jack Dragna. Tudo somado, parecia uma jogada solitária e mal planejada, Niles desesperado quando sua bomba não havia transformado o Mick em merda.

Buzz apagou as luzes e na saída limpou os dois lados da maçaneta. Caminhou até a esquina de Sunset com Vermont, largou as chaves do carro e da casa de Niles num bueiro e começou a gargalhar, sentindo loucas pontadas no lado do corpo. Tinha acabado de salvar a vida do homem mais perigoso e mais generoso que ele já conhecera, e não havia como lhe contar. O riso ficou pior, até que ele se dobrou e teve de sentar-se num banco de ônibus. Gargalhou até que o desfecho da piada veio como um soco de tirar o fôlego — e então congelou.

Danny Upshaw espancara Gene Niles. Os policiais da cidade odiavam os policiais do condado. Quando fosse sentida a falta de Niles, o pessoal do DPLA partiria como moscas sobre merda para cima de um garoto novato que já estava atolado em merda até o joelho.

CAPÍTULO XXVI

Danny estava tentando pegar Felix Gordean sozinho.

Começara a campana no estacionamento do Chateau Marmont; Gordean frustrou-o indo de carro para o escritório com Christopher Garoto Bonito a reboque. A chuva jorrara durante as três horas em que ele havia ficado de olho na porta da frente da agência; nem um carro chegara à entrada de veículos, a rua estava inundada e Danny estava estacionado numa área sujeita a reboque, com sua identidade, o distintivo e o .45 em casa porque na verdade ele já era o vermelho Ted Krugman. A jaqueta de couro de Ted e a aprovação de Considine mantinham-no quente e seco com a janela levemente entreaberta; Danny decidiu que se Gordean não saísse do escritório até uma da madrugada ele iria arrochá-lo ali mesmo.

Era 0:35 quando a porta se abriu. Gordean saiu andando, abriu um guarda-chuva e atravessou rapidamente a Sunset. Danny ligou o limpador de para-brisa e o observou entrando no Cyrano's, o porteiro puxando o saco como se ele fosse o cliente mais popular dali. Deu trinta segundos para Gordean se acomodar, levantou a gola e correu, tentando se proteger da chuva.

O porteiro olhou-o de um jeito estranho, mas deixou que entrasse; Danny piscou água, viu paredes de ouro e veludo vermelho, um comprido bar de carvalho e Felix Gordean bebericando um martíni numa mesa lateral. Abriu caminho através de um punhado de sujeitos com cara de homens de negócios e sentou-se na frente dele; Gordean quase engoliu o palito que estava mordiscando.

— Quero saber o que você sabe — disse Danny. — Quero que me conte tudo sobre os homens que você apresentou, e quero um relatório sobre todos os seus clientes. Quero isso agora.

Gordean brincou com o palito.

— Mande o tenente Matthews me ligar. Talvez ele e eu possamos chegar a um acordo.

— Foda-se o tenente Matthews. Você vai me contar o que eu quero saber? *Agora?*

— Não, não vou.

Danny sorriu.

— Você tem quarenta e oito horas para mudar de ideia.

— Ou?

— Ou vou levar tudo o que sei a seu respeito aos jornais.

Gordean estalou os dedos; um garçom se aproximou; Danny saiu do restaurante e entrou na chuva, lembrou-se da promessa de telefonar para Jack Shortell, entrou na cabine telefônica em frente à agência, discou para o esquadrão da delegacia de Hollywood e ouviu:

— Sim? — O próprio Shortell falando, a voz tensa.

— É Upshaw, Jack. O que você tem sobre...

— O que nós temos é outro. O DPLA encontrou-o ontem à noite, num aterro à margem do rio Los Angeles. O Dr. Layman está trabalhando nele agora, de modo que...

Danny deixou o fone pendurado e Shortell gritando: “Upshaw!”; partiu feito louco para o centro da cidade, estacionou em frente à área de carga do necrotério metropolitano e quase tropeçou num defunto que ia entrando sobre uma maca. Jack Shortell já estava lá, suando, o distintivo preso na frente do paletó; viu Danny, bloqueou o caminho para a sala de exames de Layman e disse:

— Prepare-se.

Danny segurou o fôlego.

— Para quê?

— É Augie Luis Duarte, um dos caras que estavam na sua lista para ser seguido. Os patrulheiros que o encontraram fizeram a identificação a partir da carteira de motorista. O DPLA estava com o defunto desde a meia-noite e meia de ontem... o sujeito do esquadrão que pegou o caso não sabia da nossa equipe. Breuning esteve aqui e acabou de sair, estava reclamando que Duarte estragou a campana *dele* de ontem à noite. Danny, sei que isso é bobagem. Andei telefonando ontem à noite, procurando você, para dizer que as nossas investigações sobre o roubo de carro e os porretes *zoot* não deram em nada. Falei com uma funcionária da delegacia de Wilshire, e ela me disse que Breuning esteve lá a tarde inteira com Dudley Smith. Liguei de novo, mais tarde, e a funcionária disse que eles ainda estavam lá. Breuning disse que os outros três homens ainda estão sob vigilância, mas não acredito.

A cabeça de Danny martelava; os eflúvios do necrotério reviravam sua barriga e faziam arder os cortes de gilete na barba. Foi direto até uma porta onde estava escrito “Dr. Norton Layman”, empurrou-a e viu o maior médico-legista do país escrevendo numa prancheta. Uma forma despida estava deitada numa laje atrás dele; Layman deu um passo de lado como se quisesse dizer:

— Deleite seus olhos.

Augie Duarte, o mexicano bonito que tinha saído pela porta da agência Gordean há duas noites, estava deitado numa bandeja de aço inoxidável. Estava sem sangue; marcas de mordida de onde brotavam tubos intestinais cobriam sua barriga; marcas de mordida subiam pelo tronco num padrão livre de sobreposições. As bochechas estavam cortadas até as gengivas e o osso do maxilar, e seu pênis fora decepado, inserido no corte mais profundo e retorcido de modo que a cabeça se projetava da boca, os dentes travados no prepúcio, o *rigor mortis* mantendo intacta aquela obscenidade. Danny deixou escapar bruscamente:

— Ah, Deus, porra, não.

— A chuva drenou o corpo e manteve os cortes limpos — disse Layman.

— Encontrei uma lasca de dente num deles e fiz um molde. É indubitavelmente de animal. Mande um funcionário levá-lo a um perito ortodontista no Museu de História Natural. Está sendo examinado agora.

Danny arrancou seu olhar do cadáver; saiu até a área de embarque procurando Jack Shortell, engasgando com o fedor de formol, os pulmões ansiosos por ar puro. Um grupo de mexicanos com ar de família consternada estava parado junto à rampa de embarque, olhando para dentro; uma figura com jeito de *cucaracha* encarava-o com dureza extra, Danny tentou ver Shortell, depois sentiu uma mão no ombro.

Era Norton Layman. Ele disse:

— Acabei de falar com o homem do museu, ele identificou meu espécime. O assassino usa dentes de texugo.

Danny viu um T de sangue em papel de parede barato. Viu Ts em preto e branco, Ts queimados no rosto de Felix Gordean, Ts sobre todos os imigrantes ilegais que seguravam rosários e se agarravam sofrendo juntos. Viu Ts até que Jack Shortell subiu pela área de embarque e agarrou seu braço e ele se ouviu dizendo:

— Chame o Breuning. Não confio em mim mesmo para fazer isso.

Depois viu puro sangue.

CAPÍTULO XXVII

Uma campana ao seu próprio filho.

Mal sentou-se na escada do lado de fora da Divisão 32 da Corte Civil de Los Angeles. Estava flanqueado por advogados fumando; ficar de costas para eles mantinha distante a conversa casual enquanto procurava Stefan, Celeste e o advogado dela. Quando os visse, seria uma rápida confabulação no banheiro masculino: não acredite nas coisas feias que ouvir a meu respeito; quando meu advogado falar coisas medonhas sobre sua mãe, tente não ouvir.

Faltavam dez minutos; nada de Stefan, Celeste e advogado. Mal ouviu um jorro animado de conversa atrás dele.

— Você conhece Charlie Hartshorn?

— Claro. Um sujeito legal, ainda que meio sentimentalóide. Ele trabalhou de graça na defesa de Sleepy Lagoon.

— Bom, ele está morto. Suicídio. Enforcou-se em casa ontem à noite. Casa linda, perto da Wilshire com Rimpau. Deu no rádio. Uma vez eu fui a uma festa naquela casa.

— Coitado do Charlie. Que vergonha.

Mal virou-se; os dois homens tinham ido embora. Lembrou-se de Meeks lhe dizendo que Reynolds Loftis era ligado a Hartshorn através de uma batida num bar de veados, mas ele não havia mencionado que o sujeito estava ligado ao Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon. Não havia qualquer menção a Hartshorn em qualquer dos dossiês psiquiátricos ou do júri de instrução, e Meeks também dissera que o advogado havia aparecido — como não suspeito — na investigação de homicídios de Danny Upshaw.

A coincidência de Hartshorn fervilhava; Mal se perguntou como Meeks receberia o suicídio — ele disse que havia batido no sujeito por causa da veadagem. Olhando para a rua, viu Celeste, Stefan e um sujeito novo com uma pasta saírem de um táxi; seu garoto olhou para o alto, iluminou-se e partiu correndo.

Mal encontrou-o na metade da escada, levantou-o gargalhando e girou-o de cabeça para baixo e depois levantou-o de novo. Stefan guinchou; Celeste e o sujeito da pasta aceleraram o passo; Mal jogou o filho sobre o ombro, marchou rapidamente para dentro e foi direto para o banheiro dos homens. Sem fôlego, baixou Stefan e disse:

— O seu pai é capitão. — Enfiou a mão nos bolsos e tirou uma das insígnias que Buzz lhe dera. — Você é capitão também. Lembre-se disso. Lembre-se disso se o advogado da sua mãe começar a falar mal de mim.

Stefan apertou as divisas prateadas; Mal viu que ele tinha aquele olhar assustado de garoto gordo, de quando Celeste o entupia de comida tcheca.

— Como você está? Como sua mãe está tratando você?

Stefan falou hesitante, como se tivesse sido forçado a falar a língua da outra pátria desde a separação.

— *Mutti...* quer que a gente se mude. Ela disse que nós... nós devemos mudar antes de ela decidir casar com Rich-Richard.

Richard.

— Eu... eu não gosto de Richard. Ele é bom com *mutti*, mas é m-mau com o c-c-cachorro dele.

Mal passou os braços ao redor do garoto.

— Não vou deixar que isso aconteça. Ela é uma mulher maluca, e não vou deixar que leve você.

— Malcolm...

— *Papai*, Stefan.

— Papai, por favor, não bata em *mutti* de novo. *Por favor*.

Mal abraçou Stefan com mais força, tentando espremer para fora as palavras ruins e fazer com que ele dissesse: “Eu te amo.” O garoto parecia errado, frouxo, como se fosse errado demais ele ser uma criança.

— Sssh. Eu nunca mais vou bater nela, e nunca deixarei que ela tire você de mim. Sssh.

A porta se abriu atrás deles; Mal ouviu a voz de um antigo meirinho da cidade que vinha trabalhando há séculos na Divisão 32.

— Tenente Considine, o tribunal está se reunindo e eu devo levar o menino para as câmaras.

Mal deu um último abraço em Stefan.

— Eu sou capitão agora. Stefan, vá com este homem e eu vejo você lá dentro.

Stefan abraçou-o de volta — com força.

O tribunal reuniu-se dez minutos depois. Mal sentou-se com Jake Kellerman numa mesa de frente para a bancada do juiz; Celeste, seu advogado e Stefan estavam sentados em cadeiras colocadas diagonalmente em frente ao banco de testemunhas. O velho meirinho entoou:

— Atenção, atenção, o tribunal está em sessão, presidido pelo meritíssimo Arthur F. Hardesty.

Mal levantou-se. Jake Kellerman sussurrou:

— Num segundo o velho escroto vai dizer: “Que os advogados se aproximem.” E vou pedir um adiamento para daqui a um mês, citando seus deveres no júri de instrução. Depois, conseguiremos outro adiamento até que o júri se reúna e você se transforme em ouro. *Depois*, vamos conseguir o Greenberg para você.

Mal agarrou o braço de Kellerman.

— Jake, faça isto acontecer.

Kellerman sussurrou extrabaixo:

— Farei. Só reze para que não seja verdade um boato que ouvi.

O juiz Arthur F. Hardesty bateu seu martelo.

— Que os advogados se aproximem.

Jake Kellerman e o advogado de Celeste aproximaram-se, espremendo-se ao redor de Hardesty; Mal se esforçou para ouvir e não captou coisa alguma a não ser algaravia — Jake parecendo agitado. O ajuntamento terminou com uma batida de martelo; Kellerman voltou, fumegando.

— Sr. Considine — disse Hardesty —, o pedido de seu advogado, de adiamento por um mês, foi negado. Apesar de seus deveres na polícia, tenho certeza de que conseguirá arranjar tempo para se consultar com o Sr. Kellerman. Todas as partes irão se encontrar aqui na minha câmara dentro de dez dias, na segunda-feira, 22 de janeiro. Os dois litigantes devem estar prontos para testemunhar. Sr. Kellerman, Sr. Castleberry, certifiquem-se de que suas testemunhas sejam informadas da data e que tragam quaisquer documentos que os senhores desejam que sejam considerados como evidência. Esta preliminar está encerrada.

O juiz bateu o martelo; Castleberry levou Celeste e Stefan para fora. O garoto virou-se e acenou; Mal fez para ele o V da vitória, tentou sorrir e não conseguiu. Seu filho desaparecera num instante; Kellerman disse:

— Fiquei sabendo que Castleberry ouviu falar de sua promoção e ficou furioso. Ouvi dizer que ele deixou vazar as fotos do hospital para um dos subordinados de Hardesty, que contou ao juiz. Mal, sinto muito, e estou

furioso. Vou contar a Ellis o que Castleberry fez e me certificar de que aquele vagabundo seja esmagado.

Mal olhou para o lugar de onde seu filho havia acenado.

— Esmague-a. Não precisa se conter. Se Stefan tem de ouvir, ele tem de ouvir. Simplesmente acabe com ela, porra.

CAPÍTULO XXVIII

Olhando a sala de Ellis Loew, Buzz fez apostas.

Vinte contra um que o júri de instrução faria um monte de indiciamentos de pessoas da AUFC; vinte contra um de que os estúdios iriam chutá-las segundo a cláusula de traição antes da palavra oficial, com os caminhoneiros assinando contrato para ocupar o lugar delas dentro de 24 horas. Se convencesse Mickey a aceitar apostas para essas coisas, poderia fazer uma fé e se dar bem a partir da bonificação de Howard. Porque a ação no pequeno posto de comando de Loew dizia que os comunas estavam comprando passagens só de ida para o xilindró.

A não ser pelas mesas e cadeiras separadas para os funcionários, toda a mobília fora retirada e empilhada no quintal de trás. Arquivos atulhados de depoimentos de testemunhas amigáveis cobriam a lareira; um quadro de cortiça estava pregado na janela da frente, espaço para relatórios dos quatro investigadores da equipe: M. Considine, D. Smith, T. Meeks e D. Upshaw. A pilha de formulários de interrogatórios do capitão Mal — perguntas sob medida para esquerdistas individuais, feitas e autenticadas por oficiais de justiça da cidade — era grossa; os relatórios de campo de Dudley formavam uma pilha cinco vezes maior — agora ele havia transformado quatorze testemunhas hostis em dedos-duros amigáveis, e nesse processo conseguira saber sujeiras sobre mais de cem informantes. Seus próprios relatórios ocupavam seis páginas: Sammy Benavides comendo a irmã, Claire De Haven se aplicando heroína e Reynolds Loftis como frequentador de bar de veados, o resto era pouca coisa, de dar sono comparada com as colaborações de Mal e Dudley. O material de Danny Upshaw tinha duas páginas — especulação do que ouvira às escondidas e o namoro com a Claire comuna — ele e o garoto não estavam exatamente queimando celeiros no esforço de destruir a Conspiração Comunista. Havia mesas com cestos de “entrada” e “saída” para troca de informações, mesas para as provas fotográficas que o maluco Ed Satterlee estava acumulando, uma gigantesca caixa de papelão cheia de

nomes, datas, organizações políticas e confissões documentadas: comunas, simpatizantes e agitadores que abraçavam a Mãe Rússia e pediam o final dos EUA através de meios justos ou não. E — do outro lado do maior trecho de parede despida — o gráfico de conspiração feito por Ed Satterlee, seu instrumento para pressionar durante o júri de instrução.

Na coluna horizontal, os cabeças da AUFC; em outra, os nomes das organizações de fachada comunistas às quais eles pertenciam; numa coluna vertical em cima do gráfico os nomes de testemunhas amigáveis e seu “poder de acusação” avaliado com estrelas, e linhas descendo até se cruzarem com os cabeças e as organizações de fachada. Cada estrela era a avaliação de Satterlee sobre o número de dias de testemunho que uma testemunha amigável valia, com base no simples poder de hora, lugar e ouvir dizer: que comuna estivera onde, dissera o quê, e que vermelho cantado em prosa e verso estivera lá para ouvir — uma fartura de informações capaz de fritar o cérebro, embolar a mente, superestupenda e absolutamente espantosa, impossível de ser negada.

E ele continuava vendo Danny Upshaw bem no meio daquilo, pisando em merda, mesmo que o garoto estivesse do lado dos anjos.

Buzz caminhou até a varanda dos fundos. Estivera pensando em rotas de fuga sob o disfarce de escrever relatórios durante horas; três telefonemas haviam resolvido a farra de desfalques de Audrey. Um foi para Mickey, contando-lhe um épico tortuoso sobre como um apostador havia desfalcado um apontador anônimo que estava comendo a irmã do apostador e não podia entregá-lo, mas finalmente fez com que ele devolvesse os seis mil que havia apanhado — a quantia exata que Audrey arrancara de Mick. O segundo foi para Petey Skouras, um apontador de confiança que concordou em bancar o idiota apaixonado que finalmente fez o bem para o chefe em troca de cem pratas — sabendo que Johnny Stompanato viria farejar o nome que Buzz não entregara, iria encontrá-lo agindo de modo estranho e arrancaria dele uma confissão — o dinheiro devolvido era sua garantia de que aquela era sua única punição. O terceiro foi para um agiota independente: sete mil dólares a 20%, oito e quatrocentos em 10 de abril — sua mulher fora de encrenca, o presente dele pelo sofrimento dela: Gene Niles com a cara explodida em sua cama. No final das contas, graças a Deus pelo serviço moleza com os comunistas. Se um não sucumbisse ao tesão pelo outro, ele e sua leoa provavelmente sobreviveriam.

O garoto ainda era o curinga que ele não sabia como jogar.

Fazia doze horas desde que revirara o apartamento de Niles. Será que deveria voltar e fazer com que parecesse que Niles havia fugido? Será que deveria ter plantado alguma merda incriminadora? Quando sentissem falta do escroto, será que o DPLA iria identificá-lo como a maçã podre de Dragna e deixar a coisa por aí? Será que iriam denunciá-lo por ter colocado a bomba e pelo atentado contra Mickey? Será que presumiriam um assassinato e ficariam loucos para encontrar o matador?

Buzz viu Dudley Smith e Mike Breuning no fim do quintal, parados perto do sofá de Ellis Loew, deixado na chuva porque o promotor colocava os negócios acima do conforto. O sol da tarde estava no alto; Dudley estava rindo e apontando para lá. Buzz viu nuvens escuras chegando do oceano. Pensou: conserte isso, conserte isso, conserte isso, seja um solucionador. Seja o que o capitão Mal mandou o garoto ser.

Seja um policial.

CAPÍTULO XXIX

Danny destrancou a porta e apertou o interruptor na parede. Os Ts de sangue que ele estivera vendo desde o necrotério transformaram-se na sua sala de estar, simples e bem arrumada, mas com algo estranho. Examinou a sala ponto por ponto até captar: o tapete estava franzido perto da mesinha de centro — ele sempre o ajeitava com o dedo do pé na saída.

Tentou lembrar-se se tinha feito isso *hoje* de manhã. Lembrou-se de quando se vestira como Ted Krugman, do nu até a jaqueta de couro na frente do espelho do banheiro; lembrou-se de ter saído pensando em Felix Gordean, o “pegue pesado com ele, Danny” de Mal Considine ressoando nos ouvidos. Não se lembrava do gesto metódico com o tapete, provavelmente porque Ted K. não fazia o tipo meticuloso. Nenhuma outra coisa na sala parecia fora de lugar; não havia como ELE invadir o apartamento de um policial...

Pensou em seu dossiê, correu para o armário do corredor e abriu a porta. Estava lá, fotos e papéis intactos, cobertos pelo tapete repuxado do modo exato. Verificou o banheiro, a cozinha e o quarto, viu as mesmas coisas de sempre, sentou-se numa poltrona junto ao telefone e folheou o livro que havia trazido.

A família das doninhas — fisiologia e hábitos, retirada de uma estante dos fundos da livraria Stanley Rose's.

Capítulo 6, página 59: O Texugo.

Membro da família das doninhas, originário do Canadá, do noroeste do Pacífico e da parte superior do Meio-Oeste, com cerca de vinte a vinte e cinco quilos; para o seu tamanho, é o animal mais maligno da terra. Absolutamente sem medo e conhecido por atacar animais muitas vezes maiores; conhecido por afastar ursos e pumas dos animais que mataram. Uma fera que não suporta ver outras criaturas desfrutando uma boa refeição — frequentemente atacando-as só para pegar o que resta da comida. Equipado com um sistema digestivo altamente eficiente: os texugos comem depressa, digerem depressa, defecam depressa e estão sempre famintos; possuem um

gigantesco apetite que combina com sua malignidade geral. Tudo que os sacaninhas queriam fazer era matar, comer e ocasionalmente trepar com outros membros de sua prole misantrópica.

T

T

T

T

T

T

T

T

O Texugo.

Alter ego de um assassino que morde, refocila, estupra, come carne humana, com fome imensa: sexual e emocional. Um homem que possuía total identificação com um animal obscenamente voraz, uma identidade que ele assumira para consertar antigos malfeitos, mutilações animais sendo os meios específicos, *sua específica reconstrução interna do que lhe fora feito*.

Danny virou para as fotos na parte de trás do livro, rasgou três fotografias de texugos, procurou em seu dossiê as fotos sangrentas do 2.307 e fez uma colagem em cima da cama. Colocou aquele medonho parente da doninha no meio; acendeu o abajur sobre a coleção de imagens, recuou, olhou e pensou: uma criatura gorda, que arrasta os pés, com olhos pequenos, pelo grosso e castanho para proteger do frio. Rabo fino, nariz curto, pontudo, unhas afiadas e dentes compridos e afiados expostos para a câmera. Uma criança feia que sabia que era feia e compensava isso ferindo as pessoas a quem culpava de terem feito com que ficasse assim. Clarões enquanto se fundiam o animal e o 2.307: de algum modo o assassino fora desfigurado ou pensava que era; como as testemunhas o identificavam como não tendo marcas faciais, a desfiguração poderia estar em algum lugar de seu corpo. O assassino achava que era feio e ligava isso ao sexo, donde a bochecha de Augie Duarte cortada até o osso, com o negócio se projetando da boca. Um grande salto, todo instinto, mas dando a sensação de tremendamente sólido: ELE conhecia o garoto ladrão de cara queimada, que era jovem demais para ser o próprio assassino; ELE tirou inspiração ou sexo de seu desfiguramento — daí o corte facial. As agressões com porrete *zoot* estavam sendo procuradas em delegacias de toda a cidade; o *modus operandi* dos roubos de carro estava sendo examinado; Danny disse a Jack Shortell para começar a telefonar para

criadores de animais selvagens, fornecedores de zoológicos, caçadores e vendedores de peles, e fazer remissão recíproca entre eles e técnicos dentários e ir *em frente*. Ladrão, fã de jazz, com acesso a heroína, fazedor de dentes, ladrão de carro, cultuador de animais, bicha, homo, pederasta, veado e devoto de prostitutas. A coisa estava ali esperando por eles, algum fato num dossiê policial, algum protético tranquilo dizendo: “É, lembro desse cara.”

Danny anotou suas novas impressões, pensando em Mike Breuning sacaneando-o ao não vigiar Augie Duarte, e os outros vigilantes provavelmente eram cascata. A única motivação possível de Breuning era ser paternalista com ele — mantê-lo feliz no caso de homicídios para que ele fosse um bom agente anticomunista e mantivesse Dudley Smith feliz em sua cruzada antivermelha. Shortell telefonara para os outros três homens, alertara-os do possível perigo e estava tentando marcar entrevistas: o único policial em quem ele podia confiar, Jack iria contatar os “rapazes” de Dudley para ver se os três “amigos” de Gordean tinham estado sob alguma vigilância. Ele próprio ficara do lado de fora da agência de Gordean procurando mais placas de carro, mais vítimas potenciais, mais informações e talvez Gordean sozinho para um pequeno arrocho — mas a entrada de veículos permanecera vazia, o cafetão não aparecera e não houvera tráfego na sua porta da frente — a chuva provavelmente mantivera os “clientes” e “amigos” longe. E ele tivera de interromper a campana para o encontro com Claire De Haven.

Um barulho seco ecoou do lado de fora da porta — o som do jornaleiro jogando o *Evening Herald*. Danny saiu e pegou-o, examinando uma manchete sobre Truman e embargos comerciais, abrindo na segunda página para a hipótese remota de haver uma matéria sobre seu caso. Outro exame lhe disse que a resposta era não; uma pequena coluna no canto inferior direito chamou sua atenção.

Advogado Charles Hartshorn Comete Suicídio — Servia à Elite da Sociedade e aos Infelizes da Sociedade

Hoje de manhã Charles E. (Eddington) Hartshorn, 52 anos, proeminente advogado da sociedade que defendia causas sociais, foi encontrado morto na sala de estar de sua casa em Hancock Park, aparentemente um suicídio por asfixia. O corpo de Hartshorn foi descoberto por sua filha Betsy, 24 anos, que tinha acabado de chegar em casa de uma viagem, e contou ao repórter Bevo Means: “Papai andava melancólico. Um homem esteve aqui falando com ele — papai tinha certeza de que isso tinha a ver com

uma investigação de um júri de instrução do qual ele tinha ouvido falar. As pessoas sempre o incomodavam porque ele fez trabalho voluntário para o Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon, e eles achavam estranho que um homem rico quisesse ajudar mexicanos pobres.”

O tenente Walter Reddin, da delegacia de Wilshire, do DPLA, disse: “Foi suicídio por enforcamento, puro e simples. Não havia bilhetes, mas também não havia qualquer sinal de luta. Hartshorn simplesmente arranhou uma corda, uma trave no teto e fez isso, e é uma tremenda pena que a filha tivesse de encontrá-lo.”

Hartshorn, sócio da Hartshorn, Welborn & Hayes, deixou a filha Betsy e a esposa Margaret, de 49 anos. Ainda não foram divulgadas informações sobre os serviços fúnebres.

Danny largou o jornal, perplexo. Hartshorn tinha sido extorquido por Duane Lindenaur em 1941; Felix Gordean disse que ele comparecia às suas festas e era “infeliz no amor e na política”. Ele jamais interrogara o sujeito por dois motivos: não se ajustava à descrição do assassino; a extorsão acontecera há quase nove anos; o sargento Frank Skakel, que investigara a chantagem, tinha dito que Hartshorn iria se recusar a falar do incidente com a polícia — e enfatizou precedentes antigos. Hartshorn não passava de outro nome no dossiê, um nome tangente que levava a Gordean. Nada no advogado parecera errado; a não ser a observação estranha de Gordean sobre “política”, não havia coisa alguma que o revelasse como tendo uma queda por causas nobres, e não havia qualquer anotação sobre ele no dossiê do júri de instrução — apesar da preponderância de informações sobre Sleepy Lagoon. *Mas ele foi interrogado por um membro da equipe do júri de instrução.*

Danny ligou para o número de Mal Considine no Bureau da Promotoria, ninguém respondeu, e ligou para a casa de Ellis Loew. Três toques, depois:

— Sim? Quem é? — o sotaque caipira de Buzz Meeks.

— É o detetive Upshaw. Mal está por aí?

— Ele não está, detetive. Aqui é o Meeks. Precisa de alguma coisa?

O sujeito parecia contido. Danny falou:

— Você sabe se alguém interrogou um advogado chamado Charles Hartshorn?

— Sim, eu interroguei. Semana passada. Por quê?

— Acabei de ler no jornal que ele se matou.

Um longo silêncio, um longo suspiro.

— Ah, merda — disse Meeks.

— O que você quer dizer?

— Nada, garoto. Isso tem a ver com seu caso de homicídio?

— É. Como você sabia?

— Bom, eu arrochei o Hartshorn, e ele achou que eu era policial da Homicídios, porque um cara que tentou chantageá-lo por causa de veadagem há anos tinha acabado de ser morto. Isso foi mais ou menos na época em que você se juntou a nós, e eu lembrei de alguma coisa do tal de Lindenaur que vi nos jornais. Garoto, fui policial durante anos, e esse tal de Hartshorn não estava escondendo nada, a não ser o fato de que gosta de garotos, por isso não falei com você sobre ele; só achei que ele não era suspeito.

— Meeks, mesmo assim você deveria ter me contado.

— Upshaw, você me deu uns subsídios com relação à bicha velha. Eu lhe devo isso, porque tive de pegar pesado com ele, e compensei dizendo que ia manter os detetives da Homicídios longe dele. E garoto, aquele pobre coitado não poderia matar uma mosca.

— Merda! Para começar, por que você foi falar com ele? Porque ele estava ligado ao Comitê de Sleepy Lagoon?

— Não. Eu estava procurando sujeiras sobre os comunistas e fiquei sabendo que Hartshorn foi preso com Reynolds Loftis num bar de veados em Santa Monica em 44. Queria ver se poderia conseguir mais sujeiras sobre Loftis com ele.

Danny encostou o telefone no peito de modo que Meeks não o ouvisse respirando descontrolado, não ouvisse seu cérebro martelando os fatos que ele acabara de saber e o modo como eles *poderiam realmente se encaixar*:

Reynolds Loftis era alto, grisalho e de meia-idade.

E era ligado a Charles Hartshorn, um suicida, vítima de chantagem de Duane Lindenaur, a vítima de homicídio número três.

E era o amante homossexual de Chaz Minear por volta do início dos anos 40; nos dossiês psiquiátricos do júri de instrução, Sammy Benavides tinha mencionado o “puto” Chaz comprando sexo através de “um serviço de encontro com garotos” — possível referência ao serviço de apresentações de Felix Gordean, que empregava as vítimas de assassinatos George Wiltsie e Augie Duarte.

Ontem à noite, no bairro negro, Claire De Haven estivera completamente nervosa; o assassino pegara Goines naquele quarteirão e um vendedor de drogas no Zombie havia se dirigido a ela. Claire descartara o assunto, mas a

equipe do júri de instrução sabia que ela se drogava há muito tempo. Será que ela servira de avião para a droga que havia matado Martin Goines?

As mãos de Danny arrancaram o fone de seu peito; ele ouviu Meeks do outro lado da linha:

— Garoto, você está aí? Você está aí, garoto? — E conseguiu colocar o fone junto ao queixo.

— É, estou aqui.

— Há alguma coisa que você não está me contando?

— Sim... não... porra, não sei.

A linha ficou quieta por bons e longos segundos; Danny olhou para suas fotos do texugo; Meeks falou:

— Detetive, está me dizendo que Loftis é suspeito dos seus assassinatos?

— Estou dizendo que *talvez*. Um talvez bem forte. Ele combina com a descrição do assassino. E ele... combina.

— Puta que o pariu — disse Buzz Meeks.

Danny desligou, pensando que, na mente, havia beijado Reynolds Loftis — e gostado.

De Krugman para Upshaw para Krugman, puro policial da Homicídios.

Danny foi até Beverly Hills, sem perseguição pelo retrovisor. Sua câmera humana focalizou Reynolds Loftis trucidando como texugo; a combinação das fotos do 2.307, o corpo de Augie Duarte e o rosto bonito de Loftis refocilando-se em gosma fez com que ele pisasse na embreagem, mudando de marcha quando não precisava, só para manter as imagens um pouquinho a distância. Ao parar, viu as luzes da casa acesas — alegres, como se as pessoas dentro não tivessem o que esconder; foi até a porta e encontrou um bilhete debaixo da aldrava: “Ted. Volto em alguns minutos. Esteja à vontade — C.”

Mais “nada a esconder”. Danny abriu a porta, entrou e viu uma escrivaninha encostada à parede junto à escada. Um abajur lançava luz sobre ela; havia papéis esparramados sobre o papel mata-borrão, sobre eles uma pasta de papéis, de couro, nada a esconder, como néon piscando. Foi até lá, pegou-a e abriu; na página de cima estava datilografado com clareza: “ATAS E COMPARECIMENTO, COMITÊ EXECUTIVO DA AUFC, REUNIÕES DE 1950.”

Danny virou a primeira página. Mais datilografia perfeita: a reunião/festa de Ano-Novo em 31/12/49. Estavam presentes — assinaturas rabiscadas — C. De Haven, M. Ziffkin, R. Loftis, S. Benavides, M. Lopez, e um nome riscado, ilegível. Os tópicos de discussão foram: “tarefas nos piquetes”, “relatório do secretário”, “relatório do tesoureiro” e “contratar ou não detetives particulares para examinar os registros criminais dos piqueteiros do Sindicato dos Caminhoneiros”. A reunião começou às onze da noite e terminou às seis da manhã; Danny encolheu-se diante da sugestão: a pasta poderia ser montada como um álibi para Reynolds Loftis — ele estava ali na hora em que Martin Goines foi sequestrado e morto — e as atas não continham qualquer coisa muito subversiva.

Muita coisa para esconder nada.

Danny folheou, encontrando uma reunião em 4/1/50, as mesmas pessoas presentes durante a provável hora dos assassinatos de Wiltsie/Lindenaur, o mesmo nome estranho rabiscado, os mesmos tópicos tediosos sendo discutidos. E Loftis estava com Claire ontem à noite quando Augie Duarte provavelmente foi apagado — ele teria de verificar com o Dr. Layman a hora provável da morte. Álibis perfeitos de grupo, sem traição colateral, Loftis não era ELE, a não ser que todos os cabeças estivessem por trás das mortes — o que era ridículo.

Danny parou de pensar, recolocou a pasta, enfiou as mãos trêmulas nos bolsos quentes de couro. Era coisa demais com nada para esconder, porque não havia nada a esconder, porque nenhum dos cabeças do grupo sabia que ele era um policial de homicídios, Loftis poderia ter forjado seu nome, um álibi corroborado cinco vezes seria fortíssimo no tribunal, ainda que quem sustentasse álibi fossem traidores comunistas, nada disso significava coisa alguma, mantenha seus casos, suas identidades e seja um policial.

A casa estava ficando quente. Danny tirou a jaqueta, pendurou-a num cabide, entrou na sala de estar e fingiu admirar o cartaz de *Tempestade sobre Leningrado*. Isso o fez se lembrar dos filmes estúpidos aos quais Karen Hiltcher o obrigava a ir; estava fazendo uma anotação mental para lubrificá-la com relação ao caso do 2.307 quando ouviu:

— Ted, como você vai?

ELE.

Danny girou. Reynolds Loftis e Claire estavam tirando os casacos no saguão. Ela parecia perturbada; ele parecia bonito, como um conhecedor culto de esportes sangrentos. Danny falou:

— Oi. É bom ver vocês, mas tenho más notícias.

— Ah! — disse Claire; Loftis esfregou as mãos e soprou nelas.

— Que más notícias?

Danny aproximou-se para observar as reações dos dois.

— Saiu nos jornais. Um advogado chamado Charles Hartshorn matou-se. A notícia dizia que ele havia trabalhado para o CDSL, e dava a entender que estava sendo assediado por uns policiais fascistas da Promotoria.

Reações limpas: Claire limpando o casaco, dizendo:

— Nós ouvimos dizer. Charlie era um bom amigo de nossa causa. — Loftis retesando-se só um pouco; talvez ele e o advogado tenham tido algo sexual.

— Aquele júri de instrução deu em nada, mas levou Charlie junto. Ele era um homem frágil e gentil, e homens assim são presa fácil para os fascistas.

Danny captou: ele está falando de si próprio, ele é fraco, Claire é sua força. Aproximou-se para um close e atacou:

— Li uma matéria num tabloide dizendo que Hartshorn foi interrogado com relação a vários assassinatos. Um veado maluco estava matando pessoas que ele conhecia.

Loftis virou as costas, passando para um ataque de tosse vergonhosamente falso; Claire bancou a atriz coadjuvante, curvando-se para ele com o rosto virado para o outro lado:

— Isso é ruim para sua bronquite.

Danny manteve o close e examinou com o cérebro o que seus olhos não podiam ver: Claire dando coragem ao noivo; Loftis, o ator, sabendo que rostos não mentem, mantendo o seu escondido.

Danny foi para a cozinha e encheu um copo com água da pia, uma pausa para dar tempo de recuperação aos atores. Voltou devagar e encontrou os dois agindo de modo casual, Claire fumando, Loftis encostado na escada, tímido, um cavalheiro sulista que achava tossir uma coisa sem classe.

— Pobre Charlie. Ele gostava da diversão grega de vez em quando, e tenho certeza de que os poderes estabelecidos teriam adorado crucificá-lo por isso também.

Danny entregou-lhe a água.

— Eles são capazes de crucificar você por qualquer coisa. É uma vergonha o que aconteceu com Hartshorn, mas, pessoalmente, eu gosto de mulheres.

Loftis bebeu, pegou seu sobretudo e piscou.

— Eu também — disse ele, em seguida beijou Claire na bochecha e saiu pela porta.

— Nós tivemos sorte até agora — disse Danny. — Ontem à noite, o seu amigo Charlie.

Claire jogou sua bolsa sobre a mesa onde estava a pasta de reuniões — casual demais. O olhar estudado demais dizendo que ela havia arrumado a natureza-morta para ele — o álibi de Loftis —, *mesmo eles não podendo saber quem ele era*. Os fios de quem era quem, quem conhecia quem, quem sabia o quê emaranharam-se de novo; Danny cancelou-os com uma piscadela.

— Vamos ficar aqui, hein?

— É minha ideia, também — disse Claire. — Quer ver um filme?

— Você tem um aparelho de televisão?

— Não, bobo. Eu tenho uma sala de projeções.

Danny deu um sorriso tímido, o proletário Ted espantado com os costumes de Hollywood. Claire pegou sua mão e guiou-o, passando pela cozinha até uma sala forrada de estantes, a parede da frente coberta por uma tela de projeção. Um sofá de couro, comprido, dava para a tela; havia um projetor montado num tripé a pouco mais de um metro atrás, um rolo de filme já colocado. Danny sentou-se; Claire apertou botões, diminuiu as luzes e aninhou-se junto dele, as pernas enroladas debaixo da saia. Luz ocupou a tela, o filme começou.

Um padrão de teste; uma fusão em preto e branco; uma loura tesuda e um mexicano com penteado rabo de pato tirando a roupa. Cenário de quarto de motel: cama, parede de estuque descascado, lâmpadas com *sombrero* e um cartaz de tourada na porta do armário. Tijuana, puro e simples.

Danny sentiu a mão de Claire tateando. A loura revirou os olhos para o céu; tinha acabado de ver o pau do seu astro — enorme, cheio de veias, torto no meio como uma varinha rdomânica. Ela fez um salamaleque na frente dele, caiu de joelhos e começou a chupar. A câmera captou suas cicatrizes de acne e as marcas de picadas dele. Ela chupava enquanto o vagabundo girava os quadris; ele tirou da boca da mulher e jorrou.

Danny olhou para outro lado; Claire tocou sua coxa. Danny encolheu-se, tentou relaxar mas continuou encolhendo-se; Claire tateou uma cordilheira de músculos tensos a centímetros do negócio dele. O vagabundo comeu a espinhenta por trás, a penetração em close. O estômago de Danny roncou — pior do que roncaria se ele estivesse sem comer. A mão de Claire continuou

sondando; Danny sentiu-se encolhendo — como num chuveiro frio, quando você encolhe até virar quase nada.

A loura e o mexicano trepavam com abandono; Claire massageava músculos que não cediam. Danny começou a ter câibras, agarrou a mão de Claire e apertou-a contra seu joelho, como se estivessem de novo no clube de jazz e ele estivesse controlando a situação. Claire afastou-se; o filme terminou com um close da loura e do mexicano dando beijo de língua.

O filme estalou, saindo do cilindro; Claire levantou-se, acendeu as luzes e trocou de rolos. Danny saiu da câibra para sua melhor versão de Ted Krugman à vontade — pernas cruzadas frouxas, mãos cruzadas atrás da cabeça. Claire virou-se e disse:

— Eu estava guardando isso para depois da cama, mas acho que talvez possamos precisar agora.

Danny piscou — toda a sua cabeça estremecendo — Ted matador de mulheres. Claire ligou o projetor e apagou as luzes; voltou ao sofá e aninhou-se de novo. A segunda metade da sessão dupla chegou à tela.

Nada de música, nada de créditos de abertura, nada de subtítulos como nos antigos filmes mudos — só a escuridão — pontos verdes eram a única indicação de que o filme estava rodando. A escuridão se partiu nos cantos da tela, uma forma surgiu e uma cabeça de cachorro entrou em foco: um pit-bull usando máscara. O cão latiu para a câmera, a câmera ficou escura de novo, depois dissolveu-se lentamente em branco.

Danny lembrou-se do criador de cães e de sua história sobre figuras de Hollywood comprando pit-bulls para filmar; saltou para os homens mascarados na casa de Felix Gordean; viu que havia fechado os olhos e estava prendendo o fôlego, melhor pensar em quem sabia o quê, disse o quê, mentiu o quê. Abriu os olhos, viu dois cães rasgando-se mutuamente, vermelho de desenho animado saltando em padrões surreais sobre o celuloide preto e branco, desaparecendo e colorindo o sangue real com sua cor real, um borribo turvando as lentes da câmera, primeiro de cinza, em seguida vermelho de desenho animado. Pensou em Walt Disney enlouquecendo; como se em resposta a isso, um Pato Donald de aparência maligna surgiu na tela, com um falo peludo pendendo até os pés membranosos. O pato saltou, com fúria impotente como o Donald de verdade; Claire gargalhou; Danny viu os cães latindo circular um ao redor do outro, o cão mais escuro saltando contra o meio do corpo do cão malhado, mergulhando com os dentes. E ele soube que seu assassino, quem quer que fosse, ficara louco assistindo a esse filme.

Uma tela preta; Danny ficando com a cabeça leve de tanto prender o fôlego, sentindo os olhos de Claire. Depois um trecho todo em cores, homens nus circulando uns aos outros como os cães, indo uns para os outros com bocas que sugavam, sessenta e nove em closes, um recuo da câmera e Felix Gordean numa fantasia vermelha de diabo, saltitando, cabriolando. Danny ficou duro; a mão de Claire foi para lá — como se ela *soubesse*. Danny retorceu-se, tentou fechar os olhos, *não pôde* e continuou olhando.

Um corte rápido, depois Christopher Garoto Bonito, nu e duro, apontando o negócio dele para a câmera, a cabeça quase eclipsando a tela como se fosse um aríete gigante, bordas brancas ao fundo parecendo lábios separados e dentes mantendo a imagem intacta, através do *rigor mortis*...

Danny deu um salto, correu a toda até a frente da casa, encontrou um banheiro e trancou a porta. Esfriou os tremores com uma litania: SEJA UM POLICIAL, SEJA UM POLICIAL, SEJA UM POLICIAL; obrigou-se a pensar em *factos*, abriu o armário de remédios e de imediato conseguiu um: um frasco de secobarbital, o bilhete para a morte de Wiltsie e Lindenaur num vidrinho, os comprimidos para dormir de Reynolds Loftis administrados por D. Waltrow, médico, 14/11/49. Remexendo nas prateleiras de unguentos, pomadas e outras pílulas, não encontrou mais coisa alguma; percebeu uma segunda porta, escancarada, perto do box do chuveiro.

Abriu-a e viu uma salinha toda aconchegante, mais estantes, poltronas arrumadas ao redor de uma otomana de couro, outra mesa com outro papel mata-borrão cheio de papéis. Verificou os papéis — roteiros de cinema mimeografados com rabiscos a mão nas margens — abriu gavetas e encontrou pilhas de papel timbrado de Claire De Haven, envelopes, rolos de selos e uma antiga carteira de couro. Abrindo-a, viu documentos de identidade de Reynolds Loftis com prazo de validade vencido: cartão de biblioteca, cartões de filiação a organizações comunistas, uma carteira de motorista da Califórnia de 36 com uma etiqueta presa na parte de trás, dados sobre emergência médica — alérgico a penicilina, leve artrite crônica, *sangue O positivo*.

ELE?

Danny fechou as gavetas, destrancou a porta do banheiro, passou uma toalha no rosto e caminhou devagar de volta à sala de projeção. As luzes estavam acesas, a tela vazia e Claire sentada no sofá. Ela disse:

— Eu não sabia que um rapaz valentão como você seria tão sensível.

Danny sentou-se ao lado dela, as pernas dos dois encostando-se. Claire se afastou, depois inclinou-se à frente. Danny pensou: *ela sabe, ela não pode saber.*

— Não sou propriamente um esteta.

Claire colocou a mão quente em seu rosto; o rosto dela estava frio.

— Verdade? Todos os meus amigos do partido em Nova York eram loucos pelo Novo Drama, pelo Kabuki e coisas do tipo. Esse filme não fez você se lembrar de Cocteau, só que com um pouco mais de senso de humor?

Ele não sabia quem era Cocteau.

— Cocteau nunca me empolgou. Nem Salvador Dali ou qualquer um desses caras. Sou apenas um sujeito comum de Long Island.

A mão de Claire continuou acariciando. Estava quente, mas a suavidade de morrer da noite passada desaparecera.

— Eu costumava veranear em Easthampton quando era menina. Era lindo.

Danny gargalhou, feliz por ter lido a brochura de turismo de Considine.

— Huntington não era exatamente Easthampton, meu doce.

Claire encolheu-se diante do tratamento, começou a afastar a mão, depois veio com mais carícias. Danny falou:

— Quem fez aquele filme?

— Um homem brilhante chamado Paul Doinelle.

— Só para os amigos verem?

— Por que diz isso?

— Porque é pornografia. Não é possível lançar filmes assim. É contra a lei.

— Você diz isso com tanta veemência, como se estivesse preocupado com uma lei burguesa que impede a criação artística.

— Era feio. Eu só estava me perguntando que tipo de homem gostaria de uma coisa assim.

— Por que você diz “homem”? Eu sou mulher e aprecio esse tipo de arte. Você tem uma visão muito rígida, Ted. É uma característica ruim para as pessoas que participam de nossa causa. E *sei* que aquele filme excitou você.

— Não é verdade.

Claire gargalhou.

— Não seja tão evasivo. Diga-me o que quer. Diga o que quer fazer comigo.

Ela só ia trepar com ele para saber do que ele sabia, o que significava que ela sabia, o que significava...

Danny fez uma expressão vazia para Claire e beijou seu pescoço e seu rosto; ela suspirou — falsa — parecendo exatamente uma garota do Club Largo fingindo que striptease era um êxtase. Ela tocou as costas dele, o peito e os ombros — mãos tateando — era como se estivesse tentando se conter para não esganá-lo. Ele tentou beijar seus lábios, mas a boca de Claire permaneceu trincada; ela enfiou a mão entre suas pernas. Ele estava congelado e encolhido ali, e a mão dela tornava a coisa pior.

Danny sentiu que todo seu corpo o sufocava. Claire afastou as mãos, levou-as às costas e tirou o suéter e o sutiã num só movimento. Seus seios eram cheios de sardas — marcas que pareciam cancerosas — o esquerdo era maior e pendia estranho, e os mamilos eram escuros, chatos e rodeados por pele enrugada. Danny pensou em traidores e mexicanos sugando-os; Claire sussurrou:

— Aqui, neném — um acalanto para, como uma mãe, levá-lo a dizer o que ele sabia, quem ele conhecia, o que ele mentia. Ela levou os seios na direção de seu rosto; ele fechou os olhos e não conseguiu; pensou em garotos, em Tim e NELE, e não conseguiu...

— Mulherengo? — disse Claire. — Ah, Ted, como é que você conseguiu inventar essa charada?

Danny empurrou-a, saiu batendo portas e foi para casa pensando: *ELA NÃO PODE SABER QUEM EU SOU*. Dentro, foi direto para sua cópia do pacote do júri de instrução, revirou páginas para provar com certeza, viu “Juan Duarte — um dos cabeças da AUFC, ator extra/contrarregra na Variety International Pictures” numa ficha pessoal, saltou para Augie Duarte engasgado no próprio pau numa laje de necrotério, saltou para os três mexicanos no cenário de *O massacre do tomahawk* no dia em que ele interrogou os conhecidos de Duane Lindenaur, saltou para Norm Kostenz tirando sua foto depois da briga no piquete. Saltou, saltou, saltou, saltou para dois saltos finais: o mexicano no necrotério que o olhou de modo estranho era um ator mexicano no cenário do filme, tinha de ser parente de Augie Duarte, Juan Duarte, o comunista *cucaracha* ator/contrarregra. O nome riscado nas atas das reuniões tinha de ser o dele, o que significava que ele viu a foto de Kostenz e disse a Loftis e Claire que Ted Krugman era um detetive de polícia trabalhando na morte de Augie.

O que significava que a pasta de atas era um álibi armado.

O que significava que o filme era um instrumento para testar suas reações e descobrir o que ele sabia.

O que significava que a vaca vermelha estava tentando fazer com ele o que Mal Considine o mandara fazer com ela.

O QUE SIGNIFICAVA QUE ELES SABIAM QUEM ELE ERA.

Danny foi até a prateleira acima da geladeira, o lugar onde havia colocado seu personagem de detetive D. Upshaw. Pegou o distintivo e as algemas e segurou-os contra o corpo; tirou o revólver .45 do coldre e apontou para o mundo.

CAPÍTULO XXX

O chefe de detetives Thad Green assentiu primeiro para Mal, depois para Dudley Smith.

— Cavalheiros, eu não teria chamado os senhores tão cedo se isso não fosse urgente. O que vou lhes dizer ainda não foi vazado, e terá de continuar assim.

Mal olhou para seu mentor no DPLA. O homem, raramente sério, parecia quase fúnebre.

— O que é, senhor?

Green acendeu um cigarro.

— A chuva provocou alguns deslizamentos de terra nos morros. Há cerca de uma hora foi encontrado um corpo na estrada de acesso para o letreiro de Hollywood. É do sargento Eugene Niles, delegacia de Hollywood. Enterrado, com um tiro no rosto. Liguei para Nort Layman pedindo que fizesse um exame rápido, e ele tirou duas balas 38 da caixa craniana. Foram disparados de um revólver Iver-Johnson especial da polícia, que, como vocês sabem, é material padrão do DPLA/DXLA. Niles foi visto pela última vez anteontem na delegacia de Hollywood, onde teve uma briga de socos com o colega de vocês no júri de instrução, o detetive Daniel Upshaw. Vocês dois andaram trabalhando com Upshaw, e os chamei em busca de suas conclusões. Mal, você primeiro.

Mal obrigou-se a engolir o choque, pensar, depois falar:

— Senhor, não creio que Upshaw seja capaz de matar um homem. Eu o repreendi com relação a Niles anteontem, e ele recebeu a censura como um bom policial. Parecia aliviado por Niles estar fora do caso de homicídios que ele está chefiando, e todos nós sabemos que Niles estava enfiado até aqui no caso Brenda Allen. Ouvi dizer que ele coletava dinheiro para Jack Dragna. Eu olharia primeiro para Jack e Mickey, antes de acusar um colega policial.

Green assentiu.

— Tenente Smith?

— Senhor, discordo do capitão Considine. O sargento Mike Breuning, que também estava trabalhando nesse caso de homicídio com Upshaw, disse que Niles tinha medo do rapaz, e que estava convencido de que Upshaw cometera uma invasão de domicílio em território do DPLA para conseguir provas. Niles contou ao sargento Breuning que Upshaw mentiu sobre o modo como ficou sabendo da segunda e da terceira vítimas, e que estava tentando levantar acusações criminais contra ele. Além disso, Niles estava convencido de que Upshaw tinha uma fixação muito estranha nesses assassinatos dos invertidos com os quais estava tão preocupado, e o fato de Niles ter chamado Upshaw de “bicha” foi o que precipitou a briga. Um informante meu me contou que Upshaw foi visto ameaçando um conhecido cafetão de veados chamado Felix Gordean, um homem que, pelo que sabemos, dá muito dinheiro para a Delegacia de Costumes do Departamento do Xerife. Gordean contou ao meu homem que Upshaw é maluco, obcecado com alguma espécie de conspiração homossexual, e que fez perguntas sobre extorsão a ele, ameaçando ir aos jornais a não ser que ele lhe desse informações especiais, informações que, segundo Gordean, nem sequer existem.

Mal aproveitou a deixa.

— Quem é seu informante, Dudley? E por que você e Breuning se preocupam tanto com Upshaw?

Dudley sorriu, um tubarão meigo.

— Eu não gostaria de que o comportamento instável e violento daquele garoto perturbasse o trabalho para o nosso júri de instrução e, assim como você, eu não divulgaria o nome dos meus informantes, capitão.

— Não, mas você seria capaz de sujar um irmão policial. Um homem que considero um jovem policial dedicado e brilhante.

— Sempre ouvi dizer que você tem uma queda pelos seus subordinados, Malcolm. Deveria ser mais circunspecto em revelar isso. Especialmente agora que é capitão. Pessoalmente, considero Upshaw capaz de assassinato. A violência costuma ser a província dos homens fracos.

Mal pensou que, com as condições corretas e uma bebida a mais, o garoto poderia atirar a sangue-frio. Falou:

— Chefe, Dudley é persuasivo, mas não creio que Upshaw tenha feito isso.

Thad Green apagou o cigarro.

— Vocês dois estão envolvidos de modo muito pessoal. Colocarei alguns policiais sem preconceito nesse trabalho.

CAPÍTULO XXXI

O telefone tocou. Danny estendeu a mão para a extensão junto à cama, viu que tinha apagado no chão e tropeçou em garrafas vazias e pastas de dossiês até chegar nele.

— Sim? Jack?

— Sou eu — disse Jack Shortell. — Está ouvindo?

Danny piscou, afastando a luz maligna do sol, pegou papel e um lápis.

— Vá em frente.

— Primeiro lugar, a história de Breuning estar vigiando as pessoas que você pediu era falsa. Liguei para uma pessoa que me devia favores na Delegacia de Homicídios do DPLA, verifiquei as fichas de serviço dos homens que Dudley usa regularmente, e descobri que todos estão trabalhando em tempo integral em tarefas comuns. Procurei Gene Niles para ver se podia jogar conversa mole com ele e conseguir mais informações, mas o sacana não está em lugar algum. O DPLA fez entrevistas na área onde o corpo de Duarte foi encontrado: eles é que receberam o chamado, e um detetive recruta do esquadrão da Central pegou o caso. Nada até agora. O Dr. Layman está examinando o local em busca de vestígios, ele quer um trabalho de perícia completo sobre Duarte para poder colocá-lo em seu próximo livro. Ele acha que a chuva vai estragar tudo, mas está tentando mesmo assim, e na autópsia a história é igual às três primeiras: sedado, estrangulado, mutilado após a morte. Liguei para os outros homens que estão na lista que você pediu para serem seguidos, e eles estão tirando férias até que esse negócio se resolva. Danny, você conhecia aquele tal de Hartshorn, que você disse que se matou?

— Sim, e não sei se isso tem a ver com o nosso caso.

— Bom, passei na delegacia de Wilshire e verifiquei o relatório, e parece limpo: nada de entrada forçada, nada de luta. A filha de Hartshorn disse que o pai andava melancólico por causa do seu júri de instrução.

Danny estava ficando nervoso; a cena com De Haven estava voltando: ela sabia, eles sabiam, chega de Ted Vermelho.

— Jack, você tem alguma coisa quente?

— Talvez quente demais. Fiquei acordado a noite inteira com o negócio do texugo, e tenho uma grande pista sobre um velho chamado Thomas Cormier, soletra-se C-O-R-M-I-E-R. Ele é um naturalista amador, acho que podemos dizer que é famoso. Mora em Bunker Hill e aluga bichos da família da doninha; para filmes e shows de animais. Ele tem um lote de texugos trancados um a um, o único lote conhecido em LA. Agora escute, porque é aí que fica bom.

“Ontem à noite passei pela delegacia de West Hollywood para falar com um colega meu que acaba de ser transferido. Ouvi a garota da mesa telefônica falando mal de você ao sargento de plantão. Aí banquei o bonzinho e joguei conversa fora com ela. Ela disse que estava embromando nos telefonemas para os protéticos porque achava que você só estava usando-a. Ela me deu uma lista com anotações, negativas sobre a descrição do assassino, mas uma positiva para os dentes de animal: Laboratório Dental Joredco, na esquina de Beverly com Beaudry. Eles fazem dentaduras de animais para taxidermistas, e são o único laboratório de LA que trabalha com dentes de animais de verdade... aquela pista sua dizendo que todos os taxidermistas usam dentes plásticos era errada. E a esquina de Beverly com Beaudry fica a sete quarteirões da casa de Thomas Cormier... South Corondelet, 343.”

Quentíssimo e mordendo.

— Estou indo — disse Danny e desligou.

Deixou de lado o arrocho contra Felix Gordean, limpou e guardou seus dossiês, limpou sua pessoa e vestiu-se como Daniel T. Upshaw, policial, até mesmo com distintivo, arma e identidade oficial. Com Ted Krugman morto e enterrado, dirigiu para Bunker Hill.

South Corondelet 343 era um casa vitoriana com beirais e empenas, sanduichada entre terrenos baldios na borda oeste do morro. Danny estacionou na frente e ouviu animais latindo; seguiu os sons pela entrada de veículos e rodeou até chegar a um pátio traseiro, em terraços, com uma visão de cartão-postal do Angel's Flight. Barracões com teto de metal corrugado eram arrumados em forma de L, um em cada nível do gramado; as estruturas tinham na frente cercas de arame grosso, e o L mais comprido tinha o que parecia um gerador na parte de trás. Todo o pátio fedia a animais, mijo de animais e bosta de animais.

— O cheiro está incomodando, policial?

Danny virou-se. O leitor de mentes era um velho grisalho usando calças de algodão e botas até os quadris, vindo em sua direção e acenando um charuto gordo que se fundia perfeitamente com o cheiro de merda e o tornava pior. Ele sorriu, acrescentando mau hálito aos eflúvios.

— Você é da Regulamentação de Animais ou do Departamento de Saúde?

Danny sentiu o sol e o cheiro trabalhando juntos em sua pele cheia de biritá, lixando-o.

— Sou detetive da Homicídios do Departamento do Xerife. O senhor é Thomas Cormier?

— Sou, e nunca matei ninguém e não me associo a assassinos. Tenho alguns mustelídeos assassinos, mas eles só matam os roedores que eu lhes dou de comer. Se for crime, assumo a culpa. Mantenho meus mustelídeos em cativeiro, de modo que se eles fizeram alguma coisa errada, eu pago a conta.

O homem parecia inteligente demais para ser maluco. Danny falou:

— Sr. Cormier, ouvi dizer que o senhor é especialista em texugos.

— Esta é a verdade de Deus. Tenho onze em cativeiro neste instante, minha pequena unidade de refrigeração os está mantendo frios e confortáveis, como eles gostam.

Danny sentiu-se enjoando com a fumaça de cigarro e o mau hálito; forçou-se a ser profissional.

— É por isso que estou aqui, Sr. Cormier. Quatro homens foram mortos entre a noite de Ano-Novo e hoje. Foram mutilados por um homem que usava dentaduras com dentes de texugo. Há um laboratório de prótese dentária a alguns quarteirões daqui... o único em LA que faz dentaduras com dentes verdadeiros de animais. Acho uma coincidência estranha, e pensei que talvez o senhor pudesse me ajudar.

Thomas Cormier apagou o charuto e guardou a guimba no bolso.

— É a coisa mais estranha que ouvi em todo o tempo que estou neste planeta, o que remonta a 1887. O que mais o senhor tem sobre o assassino?

— Ele é alto, de meia-idade e grisalho. Conhece o mundo do jazz, é capaz de comprar heroína, sabe circular entre garotos de programa. — Parou, pensando em Reynolds Loftis, imaginando se tinha alguma coisa sobre ele que não fosse circunstancial. — E é homossexual.

Cormier gargalhou.

— Parece um sujeito agradável, e lamento não poder ajudar. Não conheço ninguém assim e, se conhecesse, acho que ficaria de costas para a parede e com meu rifle de confiança a postos para quando ele aparecesse. E esse cara adora *Gulo luscus*?

— Se o senhor quer dizer texugos, sim.

— Meu Deus. Bom, admiro o gosto dele pelos mustelídeos, embora não o modo como demonstra a apreciação.

Danny suspirou.

— Sr. Cormier, sabe alguma coisa sobre o Laboratório Dental Joredco?

— Claro, fica ali adiante. Acho que eles fazem dentaduras de animais.

Uma tomada limpa. Danny viu tomadas do filme de Claire De Haven, visualizou *ELE assistindo, ficando excitado, querendo mais*.

— Gostaria de ver os seus texugos.

— Pensei que nunca ia pedir — disse Cormier e caminhou à frente de Danny para o barracão com refrigeração. O ar passou de quente para gélido; os latidos se transformaram em rosnados; formas escuras saltaram e bateram contra as telas de arame na frente das jaulas.

— *Gulo luscus* — disse Cormier. — Carcaju, espírito maligno, para os índios. O carnívoro mais insaciável e, peso por peso, o mamífero mais maligno. Como eu disse, admiro o gosto do seu assassino.

Danny encontrou um bom ângulo do sol — um quadrado de luz numa jaula do meio; agachou-se e olhou, o nariz perto do arame. Dentro, uma criatura comprida andava de um lado para o outro, girando em círculos, latindo para as paredes. Seus dentes brilhavam; suas garras raspavam o chão; parecia um músculo enrolado que não pararia de se enrolar até matar e dormir saciado — ou morrer. Danny olhou, sentindo o poder da fera, sentindo ELE sentindo-a; Cormier falou:

— O *Gulo luscus* é duas coisas: inteligente e intratável. Sei que eles desenvolvem um gosto pelos cervos, escondem-se entre as árvores e jogam cascas de árvores comestíveis para atraí-los, depois saltam e rasgam a jugular do cervo penetrando até a traqueia. Assim que sentem o cheiro de sangue, não param de insistir. Ouvi falar de texugos atacando pumas feridos em batalhas de acasalamento. Eles saltam por trás, tiram pedaços e saem correndo, um pedacinho de carne aqui e ali até que o puma praticamente morre de tanto sangrar. Quando o pobre coitado está quase morto, o *Gulo* ataca de frente, arranca com as garras os olhos do puma e come como se fossem bolas de chiclete.

Danny encolheu-se, transpondo a imagem: Martin Goines, ELE, a criatura que ele estava olhando.

— Preciso dar uma olhada nos seus registros. Todos os texugos que o senhor emprestou para filmes e shows de animais.

— Policial, não é possível emprestar *Gulos*, por mais que eu gostasse de ganhar o dinheiro. Eles são minha paixão particular, eu os amo e os mantenho porque eles servem à minha reputação como mustelideólogo. Se você emprestar *Gulos*, eles atacam qualquer coisa, homem ou animal, que esteja ao alcance. Um dos meus foi roubado da jaula há cinco ou seis anos, e meu único consolo foi que o ladrão sem dúvida foi mutilado.

Danny ergueu os olhos.

— Fale sobre isso. O que aconteceu?

Cormier pegou sua guimba de charuto e ficou brincando com ela.

— No verão de 42 eu trabalhava à noite no zoológico de Griffith Park, como zoólogo residente fazendo pesquisa sobre os hábitos noturnos dos mustelídeos. Eu tinha alguns texugos, de um grupo mais antigo, que estavam ficando muito gordos. Sabia que alguém devia estar alimentando-os, e comecei a encontrar carcaças extras de camundongos e hamsters nas jaulas. Alguém estava levantando as portinholas de comida e alimentando os meus *Gulos*, e achei que fosse algum garoto da vizinhança que tivesse ouvido falar de minha reputação e quisesse ver por si mesmo. Para dizer a verdade, isso não me incomodou e me deu uma sensação agradável, porque ali havia alguém que gostava de *Gulos*, e coisa e tal. Depois, no final de julho, isso parou. Eu soube que parou porque não havia mais carcaças extras nas jaulas, e meus *Gulos* voltaram ao peso normal. Passou-se cerca de um ano e meio, e uma noite meu *Gulo* Otto foi roubado. Eu ri feito o diabo. Achei que o alimentador queria ter um *Gulo* e roubou Otto. Otto era uma pistola. Se o ladrão conseguisse ficar com ele, tenho certeza de que Otto o morderia bastante. Liguei para hospitais por aqui para ver se tinham costurado uma vítima de mordidas, mas não tive resposta, nada do Otto.

Morderia bastante.

Danny pensou em sedação — um texugo recebendo uma forte dose de barbitúrico e sendo roubado — ELE com seu próprio mascote maligno. Olhou de volta para a jaula; o texugo percebeu alguma coisa e saltou contra o arame, fazendo ruídos guinchados que pareciam Ts sangrentos. Cormier riu e disse:

— Juno, você é uma pistola. — Danny chegou o rosto perto do arame, sentindo o hálito do animal.

— Obrigado, Sr. Cormier — em seguida afastou-se e foi até o Laboratório Dental Joredco.

Estava quase esperando um letreiro de néon na fachada, uma boca de animal arreganhada, os números do endereço na forma de dentes. Estava errado: o laboratório era apenas um prédio de estuque castanho, e o único anúncio era um letreiro sutil sobre a porta.

Danny estacionou na frente e entrou numa minúscula área de recepção: uma secretária atrás de uma escrivaninha, uma mesa telefônica e um calendário artístico na parede — 1950 repetido uma dúzia de vezes, belos animais selvagens representando janeiro para as lojas locais de taxidermia. A garota sorriu para ele e disse:

— Sim?

Danny mostrou o distintivo.

— Departamento do Xerife. Gostaria de falar com o encarregado.

— Com relação a?

— Com relação a dentes de animais.

A garota apertou um botão no interfone e disse:

— Policial para vê-lo, Sr. Carmichael. — Danny olhou fotos de alces, ursos, lobos e búfalos; percebeu um esguio leão-da-montanha e pensou num texugo atacando-o, matando-o com pura persistência maligna.

Uma porta interna se abriu; um homem de jaleco branco ensanguentando entrou.

— Sr. Carmichael? — perguntou Danny.

— Sim, Sr.?

— Detetive Upshaw.

— E a que se deve isso, detetive?

— Refere-se a dentes de texugo.

Nenhuma reação além de impaciência — o homem obviamente ansioso para voltar ao trabalho.

— Então não posso ajudá-lo. O Joredco é o único laboratório em Los Angeles que faz dentaduras de animais e jamais fizemos para um texugo.

— Por quê?

— Por quê? Porque os taxidermistas não empalham texugos... não são um item que as pessoas querem em sua casa ou na casa de campo. Trabalho aqui há treze anos e jamais recebi um pedido para dentes de texugo.

Danny pensou.

— Alguém que tenha aprendido aqui os rudimentos de como fazer dentaduras de animais poderia fazer isso?

— Sim, mas seria uma coisa sangrenta e muito desajeitada sem as ferramentas adequadas.

— Isso é bom. Porque estou procurando um homem que gosta de sangue. Carmichael enxugou as mãos no jaleco.

— Detetive, a que se deve isso?

— Homicídio quádruplo. Até quando remontam os seus registros de empregados?

O “homicídio quádruplo” tocou Carmichael — ele pareceu abalado sob o jeito brusco.

— Meu Deus. Nossos registros remontam a 1940, mas a Joredco emprega principalmente mulheres. O senhor não acha...

Danny estava pensando que Reynolds Loftis não mancharia as mãos num lugar daqueles.

— Acho que talvez. Fale-me dos homens que o senhor teve trabalhando aqui.

— Não foram muitos. Francamente, as mulheres trabalham por salário menor. Nossa equipe atual está aqui há anos, e quando recebemos pedidos de urgência, contratamos desempregados e garotos dos ginásios Lincoln e Belmont para fazer o trabalho mais grosseiro. Durante a guerra recrutamos um monte de empregados temporários assim.

A conexão Joredco — estranhamente — parecia estar se encaixando, com Loftis se desencaixando.

— Sr. Carmichael, o senhor tem um plano de saúde para os empregados regulares?

— Sim.

— Posso ver os seus registros?

Carmichael virou-se para a recepcionista.

— Sally, deixe o detetive não-sei-das-quantas aqui ver os arquivos.

Danny deixou a observação passar; Carmichael saiu de novo pela porta interna. Sally apontou para um arquivo.

— Sujeito escroto, se o senhor me perdoa a palavra. Os arquivos médicos estão na gaveta de baixo, homens junto com mulheres. O senhor não acha que um assassino de verdade trabalhou aqui, acha?

Danny riu.

— Não, mas talvez um monstro de verdade.

Demorou uma hora para examinar as fichas médicas.

Desde novembro de 1939 dezesseis homens tinham sido contratados como técnicos de prótese dentária. Três eram japoneses, contratados imediatamente após o fim da internação dos nipônicos nos campos em 44; quatro eram caucasianos, agora com trinta e poucos anos; três eram brancos e agora de meia-idade; seis eram mexicanos. Todos os dezesseis homens, num ou noutro momento, doaram sangue para a campanha anual da Cruz Vermelha. Seis dos dezesseis possuíam sangue O positivo, o tipo humano mais comum. Três dos homens eram mexicanos, dois japoneses — mas mesmo assim a Joredco parecia o lugar certo.

Danny foi até a oficina e passou outra hora conversando com os técnicos, conversando enquanto eles arrancavam dentes de trechos de gengivas retiradas de cabeças de alces, ursos e porcos-do-mato da ilha Catalina. Fez perguntas sobre homens altos e grisalhos que agiam de modo estranho; jazz, heroína, sujeitos com fixações por texugos. Respirava sangue e infecção dentária animal e enfatizava o comportamento estranho entre trabalhadores temporários que vinham e iam; jogou verde sobre um belo ator de Hollywood que poderia ter aparecido por ali. Os técnicos fizeram cara inexpressiva, disseram não e trabalharam ao seu redor; sua única pista era material de eliminação: a maioria dos temporários era composta por mexicanos, imigrantes que cursavam os ginásios Belmont e Lincoln sem visto permanente no país, veteranos dos matadouros de Vernon, onde o trabalho era duas vezes mais nojento e o dinheiro ainda pior do que os baixos salários pagos pelo Sr. Carmichael. Danny saiu pensando que Reynolds Loftis desmaiaria no segundo em que entrasse na linha de montagem do Joredco; pensando que o ator poderia ser apenas uma ligação circunstancial. Mas Joredco/Cormier ainda pareciam a coisa certa; o sangue e a podridão cheiravam como algo que ELE adoraria.

O dia estava esquentando; calor que parecia muito pior por ter vindo depois da chuva. Danny sentou-se no carro e suou a bebida da noite passada;

pensou em eliminações, pensou que as agências de trabalho temporário não mantinham registros para evitar impostos, que os escritórios de emprego para estudantes de segundo grau eram possibilidades remotas que ele precisava tentar mesmo assim. Foi até o Ginásio Belmont, falou com o conselheiro de empregos, ficou sabendo que os registros só remontavam a 1945, e verificou as referências para o Joredco — 27 — todos mexicanos e japoneses. Mesmo sabendo que o limite de idade era errado, repetiu o processo no Lincoln: mexicanos, japoneses e um garoto branco deficiente mental contratado porque era suficientemente forte para levantar duas carcaças de veado ao mesmo tempo. De dar arrepios. Mas o fato de parecer o lugar certo continuava cutucando-o.

Foi a um bar em Chinatown. Depois de duas doses do uísque batizado da casa, soube que este era seu último dia como chefe de Homicídios: quando contasse a Considine que Ted Krugman estava acabado, seria lançado de volta à delegacia de West Hollywood, levando alguma culpa grande caso Ellis Loew pensasse que ele prejudicara a chance de montar um júri de instrução bem-sucedido. Poderia continuar procurando por ELE nas horas de folga — mas havia uma boa chance de que Felix Gordean conversasse com seus colegas de golfe, o xerife Biscailuz e Al Dietrich, e que ele fosse mandado de volta ao serviço uniformizado na rua ou na cadeia. Fizera de Gene Niles um inimigo e emputecera Dudley Smith e Mike Breuning; Karen Hiltcher não bancaria mais a garota boazinha para ele; se Niles pudesse provar a invasão do 2.307 ele estaria realmente encrencado.

Mais duas doses; fiapos quentes afastando a melancolia. Tinha um amigo com posto e tutano — se conseguisse compensar por ter estragado seu serviço de infiltração, ainda poderia contar com o pistolão de Considine. Uma última hipótese; ELE de novo, ELE puro e abstrato, como se jamais tivesse havido um tempo em que ele não existisse, mesmo que os dois tivessem estado juntos por apenas algumas semanas. Pensou NELE, livre de Reynolds Loftis e da noite passada com Claire, recuando cronologicamente, parando em Augie Duarte morto numa laje de aço inoxidável.

Os cortes no rosto. Salto para a frente até o trabalho da noite passada com o dossiê. Seu instinto: o assassino conhecia o colega de Martin Goines — o garoto com o rosto coberto de bandagem — e tirou inspiração sexual dele. Salto para Thomas Cormier, cujos texugos eram alimentados — cultuados? — durante o verão de 48, verão de Sleepy Lagoon, quando os porretes zoots estavam principalmente em uso. Interpretação de Cormier: um garoto da

vizinhança. Salto para o Joredco. Eles contratavam jovens, talvez jovens saídos das agências de trabalho temporário onde não havia registros. O garoto queimado era branco; todas as referências das escolas de segundo grau eram de mexicanos e japoneses, a não ser pelo retardado que não combinava. Talvez os trabalhadores com quem ele havia trabalhado jamais tivessem encontrado o garoto porque ele só trabalhara ali brevemente, talvez tivessem se esquecido dele, talvez simplesmente não o tivessem percebido. Salto para a frente até agora. O garoto de cara queimada era ladrão de residências — Chester Brown disse que ele roubava com Goines por volta de 43 e 44, o rosto coberto de bandagens. Se fosse ele quem tinha roubado o texugo de Thomas Cormier cerca de dezoito meses depois do culto no verão de 42, e se ele fosse um garoto da área, poderia ter cometido outros roubos na região de Bunker Hill durante o mesmo período.

Danny foi para a Delegacia de Rampart, a divisão do DPLA que cuidava dos delitos em Bunker Hill. O nome de Mal Considine garantiu-lhe a atenção do tenente do esquadrão; alguns minutos depois ele estava num depósito mofado verificando caixas de relatórios de ocorrência descartados.

As caixas eram marcadas de acordo com o ano; Danny encontrou duas caixas onde estava escrito “1942”. Os relatórios dentro estavam soltos, fichas de muitas páginas grampeadas e sem cópias a carbono no meio. Não havia rima ou razão para a ordem em que estavam arquivados — roubos de bolsas, carteiras, pequenos delitos, invasões de residência, exibicionismo e vadiagem, tudo empilhado junto. Danny sentou-se numa caixa de relatórios de 48 e começou a trabalhar.

Examinou os cantos superiores da direita em busca dos números do Código Penal — roubo a residência, 459.1. As duas caixas de 42 tinham trinta e um; o próximo passo era a localização. Levou os relatórios para o esquadrão, sentou-se numa mesa vazia diante de um mapa de parede mostrando a Divisão Rampart e procurou nomes de ruas em Bunker Hill. Depois de quatro relatórios encontrou um: depois de mais seis, outros três. Memorizou os dez quarteirões de norte para sul e oito de leste para oeste no morro, verificou o resto das páginas e terminou com onze roubos a residências em Bunker Hill no ano de 1942, ocorrências não resolvidas. E todos os onze endereços estavam a pouca distância da casa de Thomas Cormier e do Laboratório Dental Joredco.

Em seguida, as datas. Danny folheou rapidamente os relatórios de novo; a hora e a data da ocorrência eram datilografadas na base de cada primeira

página. 16 de maio de 1942, 1º de julho de 1942, 27 de maio de 1942, 9 de maio de 1942, 16 de junho de 1942 e mais seis até completar onze: uma farra de roubos a residências não resolvidos. De 9 de maio a 1º de agosto de 1942. Com a cabeça zumbindo, leu “itens roubados” — e viu por que a Rampart não tinha posto muitos homens para pegar o ladrão:

Joias de pouco valor, retratos de família, bijuterias, dinheiro tirado de bolsas e carteiras. Um relógio de parede *art deco*. Uma caixa de charutos, de cedro. Uma coleção de estatuetas de vidro. Um faisão empalhado, um lince empalhado montado em pau-rosa.

Mais ELE, mais Loftis não sendo ELE. Tinha de ser.

Danny sentia arrepios, como se estivesse pendurado em fios elétricos. Voltou para o depósito, encontrou as caixas de 43 e 44, olhou dentro delas e conseguiu zero roubos de bugigangas em Bunker Hill — os únicos relatórios de ocorrências de roubos a residências naqueles anos denotavam *verdadeiros* 459.1, objetos realmente valiosos levados; os relatórios de roubos resultantes em prisão já tinham sido verificados na cidade e no condado. Danny terminou e chutou as caixas; dois fatos chutaram-no.

O assassino foi identificado como de meia-idade; tinha de ser conectado ao ladrão cultuador de texugos — um jovem — que estava emergindo do trabalho de hoje. Chester Brown lhe dissera que Martin Goines e seu cúmplice de cara queimada tinham roubado residências no vale de San Fernando de 43 a 44; as delegacias de lá poderiam ter relatórios de ocorrências — ele poderia ir até lá depois de dar um arrocho num certo contrarregra comuna. E o verão de 42 era o auge do blecaute na época de guerra, o toque de recolher era rigidamente imposto, e eram feitas fichas de interrogatório de campo sobre pessoas apanhadas na rua depois das dez da noite — quando o amante de texugos tinha mais probabilidade de estar à solta. Se as fichas foram guardadas...

Danny virou o depósito de cabeça para baixo, jogando para longe caixas vazias; suou a biritá do almoço, ficou cheio de teias de aranha, mofo e bosta de rato. Encontrou uma caixa marcada “IC 41-43”, folheou as primeiras fichas e viu que estavam — espantosamente — em ordem cronológica. Continuou folheando; o final da primavera e o verão de 42 renderam oito nomes: oito homens brancos entre dezenove e quarenta e sete anos detidos por estarem na rua depois do toque de recolher, interrogados e soltos.

As fichas eram preenchidas atabalhoadamente: todas tinham o nome, a raça e a data de nascimento do interrogado; apenas metade tinha o endereço

— na maior parte dos casos eram hotéis do centro da cidade. Cinco dos homens seriam agora de meia-idade e possibilidades para ELE; os outros três eram jovens que poderiam ser o garoto de rosto queimado antes das queimaduras — ou — se *ele* era tangencial ao caso — o vizinho de Thomas Cormier amante de texugos.

Danny enfiou os cartões no bolso, foi até um telefone público e ligou para Jack Shortell na delegacia de Hollywood. O tenente do esquadrão completou o telefonema; Shortell atendeu parecendo preocupado.

— Sim? Danny?

— Sou eu. O que há de errado?

— Nada, só que estou sendo olhado de modo estranho por cada gorila da cidade aqui, como se de repente eu fosse *pior* do que veneno. O que você conseguiu?

— Nomes, talvez um quente no meio. Falei com aquele tal de Cormier e fui ao Joredco. Não consegui juntar os dois de cara, mas tenho bastante certeza de que nosso sujeito chegou muito perto dos texugos de Cormier. Lembra daquele cúmplice de roubos de Martin Goines, de quem lhe falei?

— Lembro.

— Acho que tenho uma pista para ele, e acho que ele tem a ver. Houve alguns roubos de residências não resolvidos em Bunker Hill, entre maio e agosto de 42. Só bobagem roubada, bem perto de Cormier e do Joredco. Na época o DPLA estava impondo o toque de recolher, e peguei oito possíveis fichas de investigação de campo da área — de maio a agosto. Tenho a impressão de que os assassinatos resultam daí... da época do assassinato de Sleepy Lagoon e do CDSL... e preciso que você faça as eliminações, endereço atual, tipo sanguíneo, trabalho como técnico de laboratório dental, registros criminais e o resto.

— Vá em frente. Estou anotando.

Danny pegou suas fichas.

— Algumas têm endereços, outras não. Um, James George Whitacre, data de nascimento 5/10/03, Havana Hotel, Nona com Olive. Dois, Ronald Dennison, 30/6/20, sem endereço. Três, Coleman Masskie, 9/5/23, South Beaudry 236. Quatro, Lawrence Thomas Waznicki, com K-I, 29/11/08, Bunker Hill Avenue 641 1/4. Cinco, Leland Hardell, 4/6/24, American Eagle Hotel, 4th Street com Hill. Seis, Loren Harold Nadick, 2/3/02, sem endereço. Sete, David Villers, 15/1/04, sem endereço. E Bruno Andrew Gaffney, 29/7/06, sem endereço.

— Tudo anotado. Filho, você está chegando perto?

Outro choque elétrico. Os roubos em Bunker Hill terminavam em 1º de agosto de 1942. O assassinato de Sleepy Lagoon — *as roupas das vítimas estavam cortadas com um porrete* zoot — ocorreram em dois de agosto.

— Quase, Jack. Com algumas respostas certas e sorte, esse escroto é meu.

Danny foi para a Variety International Pictures enquanto o crepúsculo baixava e os piquetes encerravam o dia. Estacionou à vista, colocou um letreiro com “veículo oficial da polícia” no para-brisa e prendeu o distintivo na frente do paletó; foi até a guarita do guarda, nenhum rosto familiar, puto por ser ignorado. O homem do portão deixou-o entrar; ele foi direto ao estúdio 23.

O letreiro na parede dizia que *O massacre do tomahawk* ainda estava em produção; a porta estava aberta. Danny ouviu tiroteios, olhou para dentro e viu um cowboy e um índio trocando tiros na frente de morros de papier-mâché. As luzes estavam brilhando sobre eles, as câmeras rodavam; o mexicano que ele tinha visto do lado de fora do necrotério estava jogando neve falsa na frente de outro cenário: búfalos pastando, pintados em papelão.

Danny grudou-se à parede enquanto se aproximava; o mexicano olhou para baixo, largou a vassoura e partiu correndo, bem na frente das câmeras. Danny correu atrás dele, escorregando em flocos de sabão; a filmagem parou; alguém gritou:

— Juan, que droga! Corta! Corta!

Juan saiu correndo por uma porta lateral, batendo-a; Danny atravessou o cenário, reduziu a velocidade e abriu a porta. Ela foi batida contra ele, aço reforçado jogando-o para trás. Escorregou em neve falsa, conseguiu sair e viu Duarte correndo por um beco na direção de uma cerca de arameado.

Danny correu a toda; Juan Duarte chegou à cerca e começou a subir. Prendeu as pernas da calça; chutou, puxou e se retorceu para se soltar. Danny chegou perto, puxou-o para baixo pela cintura e levou uma mão direita com força na cara. Atordoados, soltaram; Duarte caiu em cima dele.

Danny jogou o joelho para cima; um golpe espasmódico; Duarte socou para baixo, errando, esmagando o punho no pavimento. Danny rolou para longe, veio por trás dele e prendeu-o com todo o peso; o mexicano ofegou:

— Puto fascista escroto fascista policial fascista escroto.

Danny pegou as algemas, algemou a mão esquerda de Duarte e prendeu o outro bracelete à cerca. O mexicano virou de barriga para baixo e tentou rasgar a cerca, cuspido xingamentos em espanhol; Danny recuperou o fôlego, deixou Duarte sacudir-se e gritar até cansar, depois ajoelhou-se ao lado.

— Sei que você viu minha foto, e me viu no necrotério e me dedurou para Claire. Não me importo e estou cagando e andando para a AUFC e a porra da ameaça vermelha. Quero pegar o assassino de Augie e tenho uma pista que se liga a Sleepy Lagoon. Agora, você pode falar comigo ou posso prendê-lo por agressão a um policial. Decida agora.

Duarte sacudiu a corrente da alçema; Danny falou:

— Mínimo de dois a cinco anos, e estou cagando e andando para a AUFC.

Uma multidão se formava no beco; Danny acenou para que se afastassem; eles recuaram com olhares de lado e lentos movimentos de cabeça.

— Tire essas coisas de mim e *talvez* eu fale com você — disse Duarte.

Danny abriu as algemas. Duarte esfregou o pulso, levantou-se, ficou com as pernas bambas e escorregou até sentar-se, de costas para a cerca. Falou:

— Por que um pistoleiro contratado pelos estúdios está ligando para o meu primo veado morto?

— Levante-se, Duarte.

— Eu falo melhor em cima da minha bunda. Responda. Por que você se importa com um *maricón* que queria ser um puto de um astro de cinema como todos os outros putos nessa puta dessa cidade?

— Não sei. Mas quero prender o cara que matou Augie.

— E o que isso tem a ver com você tentar se aproximar de Claire De Haven?

— Eu lhe disse que não estou ligando para isso.

— Norm Kostenz disse que você liga. Quando falei com ele que você era da porra da lei, ele disse que você deveria receber a porra de um Oscar pela bela representação de Ted Krug...

Danny agachou-se junto de Duarte, segurando a cerca.

— Vai abrir o bico ou não?

— Vou abrir, *pendejo*. Você disse que achava que o assassinato de Augie tinha a ver com Sleepy Lagoon, e isso atraiu meu interesse. Charlie Hartshorn também achava isso, de modo que...

A mão de Danny sacudiu a cerca; ele encostou todo o corpo nela para ficar firme.

— O que você disse?

— Eu disse que Charlie Hartshorn pensava a mesma coisa, de modo que talvez um puto de um policial não seja totalmente venenoso.

Danny deslizou cerca abaixo, para olhar Duarte bem de perto.

— Conte-me tudo, devagar e com calma. Você sabe que Hartshorn se matou, não sabe?

— Talvez tenha se matado. Diga você.

— Não, você me diz, porque não sei e preciso saber.

Duarte olhou para Danny, franziu os olhos, como se não pudesse descobrir qual era a dele.

— Charlie era advogado. Era um *maricón*, mas não era fresco. Trabalhou para Sleepy Lagoon, preenchendo relatórios e outras merdas de graça.

— Sei disso.

— Certo. Aqui vai o que você não sabe, e é para ver o tipo de sujeito que ele era. Quando você me viu no necrotério, foi a minha segunda vez lá. Recebi um telefonema de um colega que trabalha lá, mais ou menos à uma da manhã, e ele me falou do Augie; os cortes com porrete *zoot*, coisa e tal. Fui à casa de Charlie. Ele tinha pistolão na justiça e eu queria saber se ele poderia forçar a polícia a fazer uma boa investigação da morte de Augie. Ele disse que tinha sido arrochado por um policial sobre a morte de um cara chamado Duane Lindenaur, mesmo o policial tendo fingido que não se importava com isso. Charlie leu um jornal de escândalos dizendo que Lindenaur e um palhaço chamado Wiltsie tinham sido cortados com um porrete *zoot*, e o meu colega do necrotério disse que Augie também tinha sido cortado assim. Falei com o Charlie e ele teve a ideia de que as três mortes tinham a ver com Sleepy Lagoon. Ele ligou para os policiais e falou com o mesmo cara chamado sargento Bruner ou não sei o quê...

Danny interrompeu.

— Breuning? Sargento Mike Breuning?

— É, é ele. Charlie contou a Breuning o que acabei de contar a você, e Breuning disse que ia se encontrar com ele na casa dele naquela hora, para falar disso. Aí eu saí. De modo que se Charlie achava que o negócio tinha alguma coisa a ver com essa teoria de Sleepy Lagoon, talvez você não seja tão *cabrón*.

O cérebro de Danny partiu em aceleração máxima:

A curiosidade de Breuning sobre as investigações com os porretes *zoot*, o fato de ele não levá-las a sério. Sua estranha reação aos quatro nomes a serem vigiados — Augie Duarte escolhido — porque era mexicano, conhecido de um membro do Comitê de Sleepy Lagoon? Mal contando-lhe que Dudley Smith pediu para entrar na equipe do júri de instrução, mesmo que, como tenente de Homicídios do DPLA, não houvesse motivo para ele trabalhar no serviço. A história de Mal: *Dudley interrogando brutalmente Duarte/Sammy Benavides/Mondo Lopez, enfatizando o caso Sleepy Lagoon e a culpa dos dezessete rapazes originalmente acusados do crime — mesmo que as perguntas não tivessem a ver diretamente com a AUFC.*

Hartshorn mencionando “porrete *zoot*” no telefonema para Breuning.

Relatório oral de Jack Shortell: Dudley Smith e Breuning tinham sido vistos batendo papo na delegacia de Wilshire na noite de anteontem — a noite em que Hartshorn se matou. Será que tinham dado uma corrida à casa de Hartshorn — a cerca de um quilômetro e meio da delegacia, matado o sujeito e voltado para a delegacia, esperando que ninguém os tivesse visto sair e voltar — um perfeito álibi policial? E por quê?

Juan Duarte o fitava como se ele viesse do espaço sideral; Danny esfriou o cérebro até o ponto em que pudesse falar.

— Pense rápido: músicos de jazz, roubos de residência, texugos, heroína, serviços de acompanhamento para veados.

Duarte deslizou cerca de um metro para longe.

— Acho que tudo isso fede. Por quê?

— Um garoto que adora texugos.

Duarte pôs um dedo na cabeça e girou.

— *Loco mierda*. Um texugo é uma porra de um roedor, certo?

Danny pensou nas garras de Juno atacando.

— Tente isto, Duarte: Sleepy Lagoon, o Comitê de Defesa, de 42 a 44 e Reynolds Loftis. Pense devagar, vá com calma.

— Fácil. Reynolds e o irmão mais novo dele.

Danny começou a dizer: “O quê?”, parou e pensou. Tinha lido todo o pacote do júri de instrução duas vezes na chegada e duas vezes ontem à noite; lera os registros psiquiátricos duas vezes antes de Considine pegá-los de volta. Em toda a papelada não havia qualquer menção ao fato de Loftis ter um irmão. Mas havia um hiato — de 42 a 44 — no dossiê psiquiátrico de Loftis.

— Fale do irmão mais novo, Duarte. Direitinho e devagar.

Duarte falou rapidamente.

— Ele era um vagabundo, um sujeito torto. Reynolds começou a trazê-lo mais ou menos na época em que o CDSL estava a toda. Esqueci o nome do garoto, mas era um garoto, dezoito, dezenove anos, por aí. Estava com o rosto coberto de bandagem. Tinha entrado num incêndio e se queimado muito. Quando as queimaduras se curaram e as bandagens, a gaze e aquela merda toda saiu, todas as garotas do Comitê acharam que ele era bem bonito. Parecia com Reynolds, mas era ainda mais bonito.

Os novos fatos se juntando começaram a fazer *toc, toc, toc*, batidas numa porta que ainda estava longe de se abrir. Um irmão de Loftis com a cara queimada colocava de novo o ator no papel DELE, mas contradizia seu instinto de que o assassino retirava a inspiração sexual da desfiguração do rapaz; fazia parecer que o fanático por texugos e o cara queimado eram a mesma pessoa, e trazia a possibilidade de que ele fosse um cúmplice nos assassinatos — um novo modo de explicar o novo jorro de contradições de idade.

— Fale do garoto. Por que você o chamou de vagabundo?

— Ele estava sempre grudado com os mexicanos. Ele contou uma história fajuta de como um homem grande e branco matou José Diaz, como se a gente devesse gostar dele porque dizia que o assassino não era mexicano. Todo mundo sabia que o assassino era mexicano; os policiais simplesmente pegaram os mexicanos errados. Ele contou uma história maluca sobre ter visto o assassinato, mas não tinha nenhum detalhe real, e quando os caras pressionaram, ele fechou o bico. O CDSL recebeu umas cartas anônimas dizendo que um branco tinha feito aquilo, e dava para ver que o garoto tinha mandado as cartas, era coisa de gente maluca. O garoto disse que estava fugindo do assassino, e uma vez eu falei: “*Pendejo*, se o assassino o estiver procurando, que porra você está fazendo vindo nessas passeatas onde ele podia pegar seu rabo maluco?” O garoto disse que tinha proteção especial, mas não queria dizer mais nada. Como eu falei, ele era um sujeito torto. Se não fosse irmão do Reynolds, ninguém iria tolerá-lo.

Toc, toc, toc, toc.

— O que aconteceu com ele?

Duarte deu de ombros.

— Não sei. Não vejo o cara desde o CDSL, e acho que ninguém mais viu. Reynolds não fala dele. É estranho. Acho que não ouço Chaz, Claire ou Reynolds falando dele há anos.

— E quanto a Benavides e Lopez? Onde eles estão agora?

— Numa locação de um outro puto de um filme de cowboys. Você acha que esse negócio do irmão de Reynolds tem alguma coisa a ver com Augie?

Danny pensou na pergunta. O irmão de Reynolds Loftis era o garoto ladrão de cara queimada, cúmplice de Martin Goines, muito possivelmente o ladrão/amante de texugos de Bunker Hill. Os roubos de domicílio em Bunker Hill tinham parado em 1º de agosto de 42; na noite seguinte José Diaz foi morto em Sleepy Lagoon, a uns cinco quilômetros a sudeste de Bunker Hill. O irmão mais novo alegou que havia testemunhado um “homem branco grande” matando José Diaz.

Toc, toc, toc. Salto, salto, salto.

Dudley Smith era um homem branco grande com uma tendência profundamente cruel. Juntou-se à equipe do júri de instrução com um desejo de afastar testemunhos incriminatórios de Sleepy Lagoon, pensando que, com acesso a testemunhas e à papelada do caso, poderia impedir que surgissem evidências prejudiciais. O telefonema de Hartshorn para Mike Breuning falando do porrete *zoot* o apavorara; ele e Breuning, ou um dos dois sozinho, tinha saído da delegacia de Wilshire para falar com o sujeito; Hartshorn estava tendo suspeitas. Premeditadamente, ou de última hora, Smith e/ou Breuning mataram-no, fingindo suicídio. *Toc, toc, toc* — alto como trovão — com a porta ainda fechada para a pergunta mais importante: *como o fato de Smith matar José Diaz, suas tentativas de manter oculta qualquer evidência possível e o fato de ele ter matado Charles Hartshorn ligava-se aos assassinatos de Goines/Wiltsie/Lindenaur/Duarte? E por que Smith matou Diaz?*

Danny olhou as portas dos estúdios ao redor, tendo vislumbres: o velho oeste, selva pantanosa, árvores numa floresta.

— *Vaya con Diós* — disse ele, deixou Duarte sentado ali e foi para casa atacar o arquivo do júri de instrução, pensando que finalmente estava conseguindo ser detetive aos olhos de Maslick e Vollmer. Entrou em seu prédio, leve como ar; apertou o botão do elevador e ouviu passos atrás. Virando-se, viu dois homens grandes com armas sacadas. Tentou pegar sua própria arma, mas um punho grande com um soco-inglês nocauteou-o primeiro.

Acordou algemado a uma cadeira. Sua cabeça estava tonta, os pulsos latejando e a língua parecia enorme. Seus olhos se fixaram num cubículo de interrogatório, três homens turvos sentados ao redor de uma mesa, um grande revólver preto pousado no meio. Uma voz falou:

— Os revólveres .38 são o calibre padrão do seu departamento, Upshaw. Por que você usa um .45?

Danny piscou e tossiu um pulmão sangrento. Piscou de novo e reconheceu o homem da voz: Thad Green, chefe de detetives do DPLA. Os dois homens flanqueando Green entraram em foco: eram os maiores policiais à paisana que ele já vira.

— Eu lhe fiz uma pergunta, detetive.

Danny tentou lembrar a última vez em que tomara uma bebida, veio com Chinatown e soube que não podia ter ficado maluco tomando bebida batizada. Tossiu em seco e disse:

— Vendi quando passei a detetive.

Green acendeu um cigarro.

— Este é um delito interdepartamental. Você se considera acima da lei?

— Não!

— Sua amiga Karen Hiltcher diz o contrário. Ela diz que você a manipulou em troca de vários favores desde que passou a ser detetive. Ela contou ao sargento Eugene Niles que você invadiu a Tamarind, 2.307 e soube que duas vítimas de assassinato tinham sido mortas recentemente lá. Contou ao sargento Niles que a sua história sobre uma namorada perto da loja de *doughnuts* na Franklin com Western é mentira, que ela lhe passou a informação que tinha captado no rádio da polícia metropolitana. Niles ia denunciá-lo, detetive. Você sabia disso?

A cabeça de Danny zumbia. Ele engoliu sangue; reconheceu o homem à esquerda de Green como o que usava o soco-inglês.

— Sim. Sim. Eu sabia.

— Para quem você vendeu seu .38?

— Um cara num bar.

— Isso é uma contravenção, detetive. Uma acusação criminal. Você realmente não se importa muito com a lei, se importa?

— Sim, sim, me importo! Eu sou um policial! Droga, o que é isso?

O homem do soco-inglês disse.

— Você foi visto discutindo com um conhecido agenciador de homossexuais chamado Felix Gordean. Está na folha de pagamento dele?

— Não!

— Na folha de pagamento de Mickey Cohen?

— Não!

Green assumiu.

— Você recebeu o comando de uma equipe de Homicídios em troca de seu trabalho para o júri de instrução. O sargento Niles e o sargento Mike Breuning acharam muito estranho que um jovem oficial inteligente estivesse tão preocupado com vários assassinatos de veados. Gostaria de nos dizer por quê?

— Não! Que porra é essa? Eu invadi a Tamarind! O que vocês querem de mim, porra?

O terceiro policial, um sujeito enorme, tipo halterofilista, falou:

— Por que você e Niles brigaram?

— Ele estava jogando a história da Tamarind Street na minha cara, ameaçando me dedurar.

— E isso deixou você furioso?

— É.

— A ponto de brigar?

— É!

— Ouvimos uma versão diferente, detetive — disse Green. — Ouvimos dizer que Niles chamou você de bicha.

Danny congelou, procurou uma saída e se manteve frio. Pensou em dedurar Dudley e deixou de lado; eles jamais acreditariam — *ainda*.

— Se Niles disse isso, não ouvi.

O policial do soco-inglês gargalhou.

— Tocou num ponto sensível, meu filho?

— Não fode!

O policial halterofilista deu-lhe um tapa com as costas da mão; Danny cuspiu no rosto dele. Green gritou:

— Não!

O homem do soco-inglês passou o braço pelo halterofilista e segurou-o; Green acendeu outro cigarro, na guimba do anterior. Danny falou, sem fôlego:

— *Diga por que isso tudo.*

Green acenou, afastando os gorilas para a parte de trás do cubículo, tragou a fumaça e apagou o cigarro.

— Onde você estava anteontem à noite entre duas da madrugada e sete da manhã?

— Em casa na cama. Dormindo.

— Sozinho, detetive?

— É.

— Detetive, durante esse tempo o sargento Niles foi morto a tiros, depois enterrado nas colinas de Hollywood. Sabia disso?

— Não!

— Diga quem fez isso.

— Jack! Mickey! Niles era uma porra de um corrupto!

O policial do soco-inglês deu um passo adiante; o policial halterofilista agarrou-o, murmurando:

— Cuspa na minha camisa marca Hathaway, seu defensor de veados. Gene Niles era meu chapa, meu chapa do Exército, seu amante de veados.

Danny comprimiu os pés no chão e empurrou a cadeira contra a parede.

— Gene Niles era um coletor de propina incompetente, um filho da puta!

O halterofilista atacou, direto para a garganta de Danny. A porta do cubículo se abriu e Mal Considine entrou correndo; Thad Green gritou comandos impossíveis de ser ouvidos. Danny ergueu os joelhos, virando a cadeira; as mãos monstruosas do policial fecharam-se no ar. Mal chocou-se contra ele, dando socos curtos; o policial do soco-inglês puxou-o para longe e o empurrou até o corredor. Gritos de “Danny!” ecoaram; Green ficou parado entre a cadeira e o monstro, dizendo “Não, Harry, não”, como se estivesse repreendendo um monstruoso cão mal-educado. Danny comeu linóleo e guimbas de cigarro, ouviu: “Segure Considine em algum lugar”, foi levantado, com cadeira e tudo, para uma posição ereta. O homem do soco-inglês foi para trás dele e abriu suas algemas; Thad Green estendeu a mão para o seu .45 sobre a mesa.

Danny levantou-se, cambaleando; Green estendeu-lhe a arma.

— Não sei se você fez isso ou não, mas há um modo de descobrir. Compareça de volta aqui à Prefeitura, sala 1.003, amanhã ao meio-dia. Você fará um teste com polígrafo e pentotal, e serão feitas muitas perguntas sobre esses homicídios em que você está trabalhando, e sobre seu relacionamento com Felix Gordean e Gene Niles. Boa noite, detetive.

Danny cambaleou até o elevador, desceu para o térreo e saiu, as pernas voltando lentamente. Atravessou o gramado na direção do ponto de táxi da Temple Street, parando ao ouvir uma voz baixa.

— Garoto.

Danny congelou; Dudley Smith saiu de uma sombra.

— Está uma noite fantástica, não é? — disse ele.

Papo furado com um assassino.

— Você matou José Diaz. Você e Breuning mataram Charles Hartshorn.

E eu vou provar isso.

Dudley Smith sorriu.

— Nunca duvidei da sua inteligência, garoto. Da sua coragem, sim. Da sua inteligência, nunca. E admito que subestimei sua persistência. É que sou humano, você sabe.

— Ah, não é.

— Sou feito de carne e osso, garoto. Eros e pó como todos nós, frágeis mortais. Como você, garoto. Arrastando-se em esgotos em troca de respostas que era melhor não ter.

— Você está acabado.

— Não, garoto, você está. Andei falando com meu velho amigo Felix Gordean, e ele me pintou um quadro vívido do seu surgimento. Garoto, depois de mim, Felix tem o melhor olho para fraquezas que já encontrei. Ele sabe, e quando você fizer aquele teste no detetor de mentiras amanhã, o mundo inteiro saberá.

— Não — disse Danny.

— Sim — disse Dudley Smith, em seguida deu-lhe um beijo de cheio nos lábios e afastou-se assobiando uma canção de amor.

Máquinas que sabem. Drogas que não deixam você mentir.

Danny pegou um táxi para casa. Abriu a porta e foi direto atrás de seus dossiês: fatos que era possível montar em busca da verdade, Dudley e Breuning e ELE identificado às 11:59, uma reviravolta de último minuto, como nos filmes. Acendeu a luz do corredor, abriu a porta do armário. Nenhuma caixa com dossiês, os tapetes que os cobriam muito bem dobrados no chão.

Arrancou o tapete do corredor e procurou embaixo, revirou o armário do quarto e esvaziou as gavetas, rasgou a cama e arrancou o armário de remédios da parede do banheiro. Virou de cabeça para baixo a mobília da sala de estar, olhou debaixo das almofadas e jogou longe as gavetas da cozinha até que o chão estivesse totalmente coberto de talheres e pratos quebrados. Viu uma

garrafa pela metade junto ao rádio, abriu-a, descobriu que os músculos da garganta estavam contraídos demais e jogou-a longe, derrubando as venezianas. Foi até a janela, olhou para fora e viu Dudley Smith num halo da luz da rua.

E ele sabia que ele sabia. E amanhã todos saberiam.

Isca de chantagem.

Seu nome em dossiês sexuais.

Seu nome surgindo em papos de veados no Chateau Marmont.

Máquinas que sabiam.

Drogas que não deixavam você mentir.

Agulhas de polígrafo tremulando no papel a cada vez que lhe perguntavam por que ele se importava tanto com uma fiada de assassinatos de veados homos frutas bichas.

Sem adiamento.

Danny sacou sua arma e enfiou o cano na boca. O gosto de óleo o fez engasgar, e ele viu como ficaria, os policiais que iriam encontrá-lo fazendo piadas sobre por que ele fizera assim. Pousou o .45 e foi até a cozinha.

Armas para tudo quanto é canto.

Pegou uma faca de gume serrilhado. Testou o peso, descobriu que era substancial e disse adeus a Mal, a Jack e ao doutor. Desculpou-se pelos carros que tinha roubado e pelos caras que espancou e que não mereciam, que simplesmente estavam lá quando ele queria bater em alguma coisa. Pensou em seu assassino, pensou que ele assassinava porque alguém o transformara no que ele era. Ergueu a faca e o perdoou; encostou a faca na garganta e cortou-se de orelha a orelha, até a traqueia, num golpe limpo.

Parte 3

O TEXUGO

CAPÍTULO XXXII

Uma semana depois Buzz passou pela sepultura, a quarta visita desde que o DXLA enterrara o garoto às pressas. O lote era num local barato do cemitério de East LA; a lápide dizia:

Daniel Thomas Upshaw
1922-1950

Nada de amado de alguém.

Nada de filho de alguém.

Nenhuma cruz gravada na pedra e nada de descanse em paz. Nada suculento para atrair o interesse de um passante, como “assassino de policial” ou “quase chefe do Gabinete da Promotoria”. Nada para dizer a verdade a quem tivesse lido a meia coluna mentirosa sobre a morte accidental do garoto — um escorregão de uma cadeira, um mergulho de cara num suporte de facas.

Vítima fácil.

Buzz curvou-se e arrancou um tufo de capim; a coronha da arma com que matara Gene Niles pressionou contra a lateral de seu corpo. Levantou-se de novo e chutou a lápide; pensou que “passeio grátis”, “trabalho fácil” e “sorte de caipira idiota” também poderiam parecer bons, seguido por um solilóquio sobre os últimos dias do detetive Danny Upshaw, um monte de detalhes numa lápide alta como um arranha-céu, como aquelas que os crioulos cafetões praticantes de vodu compravam para si próprios. Porque o detetive Upshaw estava voduzando-o, pequenas agulhas enfiadas num bonequinho gordo do Buzz Meeks.

Mal telefonara para ele dando a notícia. A chuva havia desenterrado o corpo de Niles. O DPLA pegou Danny como suspeito, arrochou-o e soltou-o com ordens para se apresentar para um teste com detetor de mentira e pentotal no dia seguinte. Quando o garoto não apareceu, gorilas do DPLA invadiram sua casa com força total e o encontraram morto no chão da sala de

estar, garganta cortada, a casa revirada. Nort Layman, perturbado, fez a autópsia, louco para declarar que era um 187, as provas não permitiram: as impressões digitais na faca e o ângulo do corte e da queda diziam “suicídio”, caso encerrado. O doutor disse que o ferimento mortal era “espantoso” — nenhuma marca de hesitação, Danny Upshaw queria demais, e agora.

O DXLA organizou o enterro em tempo recorde; quatro pessoas compareceram: Layman, Mal, um policial do condado chamado Jack Shortell e ele próprio. A investigação dos homossexuais foi imediatamente debandada e Shortell partiu para férias no interior de Montana; o DPLA fechou o livro sobre Gene Niles, o suicídio de Upshaw era a confissão que precisavam e a viagem para a câmara de gás. As relações entre a cidade e o condado ficaram piores do que nunca — e ele patinava em gelo finíssimo, tentando encontrar um ângulo para salvar o rabo dos dois, sem sorte, tarde demais para fazer algum bem pelo garoto.

Passeio grátis.

O que continuava incomodando-o era que ele havia resolvido primeiro a farra de desfalques de Audrey. Petey Skouras devolveu a Mickey a grana que a leoa havia roubado; Mickey foi generoso e deixou-o partir apenas com uma surra: Johnny Stomp e um trabalhinho com cassete nos rins. Petey partiu para San Francisco — mesmo que o Mick, impressionado com seu arrependimento, dissesse que poderia mantê-lo na folha de pagamento. Petey melhorara ainda mais sua solução dando no pé; Mickey, o próprio Sr. Exuberância, aumentara para mil pratas seu pagamento para o serviço de guarda na transação com as drogas, dizendo que o encantador tenente Dudley Smith também trabalharia como pistoleiro de plantão. Mais dinheiro em seu bolso — enquanto Danny Upshaw subia ao cadafalso.

Sorte de caipira idiota.

Mal recebeu pessimamente tudo aquilo, ficando bêbado dois dias, ficando sóbrio com um ataque frontal direto contra a ameaça vermelha. Um esquerdista arrochado disse a Dudley Smith que Claire De Haven identificara “Ted Krugman” como policial; Mal ficou furioso, mas o consenso da equipe era de que agora eles já tinham testemunhos suficientes de informantes para derrubar a AUFC sem o trabalho infiltrado de Upshaw. A data do sumário estava sendo marcada; se tudo corresse bem, o júri de instrução seria convocado em duas semanas. Mal tinha ido fundo, crucificando comunistas para conseguir tutano para *a sua* batalha judicial. Tinha virado o diário de Nathan Eisler de cabeça para baixo em busca de nomes, transformando em

informantes quatro dos homens a quem Claire De Haven prestara serviços para começar seu sindicato. Agora seu quarto no motel Shangri-Lodge parecia a sala de estar de Ellis Loew: gráficos, mapas e remissões recíprocas, a ode de Mal a Danny Upshaw, tudo aquilo provando uma coisa: os comunistas gostavam de falar. E quando o júri de instrução ouvisse essa conversa, provavelmente não teria cabeça para dar um passo adiante: que os escrotos tristes e iludidos falavam porque não tinham colhões para fazer outra coisa.

Buzz chutou a lápide outra vez; pensou que o capitão Mal Considine quase se convencera de que a AUFC era uma tremenda ameaça à segurança interna da América — de que precisava acreditar nisso para poder manter o filho e ainda assim chamar-se de gente boa. As chances de os comunistas de Hollywood subverterem o país com seus filmes B de propaganda, suas passeatas e seus piquetes: trinta trilhões contra um, tão remoto quanto Marte. Todo aquele negócio era uma fraude, uma jogada para economizar dinheiro dos estúdios e transformar Ellis Loew em promotor distrital e governador da Califórnia.

Coletor de dinheiro.

Solucionador de problemas.

Estivera patinando desde o momento em que Mal telefonou dando a notícia. Ellis mandou que ele fizesse verificações de passado dos nomes que constavam no diário de Eisler; ele ligou para o Setor de Pesquisa e Informações, recebeu o material e parou por aí. Mal mandou que ele fizesse entrevistas telefônicas com informantes da Comissão de Atividades Antiamericanas no leste; ele deu um terço dos telefonemas, superficialmente, fez metade das perguntas que deveria fazer e montou as respostas compondo duas páginas por pessoa, material fácil para sua secretária datilografar. Seu grande serviço era localizar o Dr. Saul Lesnick, o principal informante do júri de instrução; patinara totalmente nesse serviço — e continuou patinando em termos gerais. E sempre na mesma direção — na direção de Danny Upshaw.

Quando soube que a cortina de silêncio estava instalada, foi até San Bernardino, dar uma olhada no passado do garoto. Falou com sua mãe viúva, uma velha desbotada que vivia da assistência social; a mulher disse que não comparecera ao enterro porque Danny fora grosseiro com ela nas últimas visitas, e que desaprovava o fato de ele beber. Fez com que ela falasse; ela pintou um quadro de Danny na infância como inteligente e frio, um jovem que lia, estudava e ficava sozinho. Quando o pai morreu, ele não demonstrou

tristeza; gostava de carros, de consertar coisas e de livros de ciência; nunca andava atrás de garotas e sempre mantinha o quarto impecável. Desde que se tornou policial, visitava-a apenas no Natal e no aniversário, nunca mais, nunca menos. Tirou nove direto no segundo grau e dez direto no básico da faculdade. Ignorava as vagabundas que o perseguiam; gostava de carros envenenados. Tinha um amigo íntimo: um rapaz chamado Tim Bergstrom, agora professor de educação física no ginásio de San Berdoo.

Buzz foi até a escola e mostrou o distintivo para Bergstrom. O sujeito vira a notícia de jornal sobre a morte de Upshaw, disse que Danny havia nascido para morrer jovem, e aprofundou isso tomando cerveja num bar ali perto. Disse que Danny gostava de entender coisas como motores e aritmética, que roubava carros porque adorava o perigo, que estava sempre tentando provar a si mesmo, mas que não falava disso. Dava para ver que era maluco por dentro, mas não dava para entender como ou por quê; dava para ver que era mesmo inteligente, mas não dava para saber o que terminaria fazendo com o cérebro. As garotas gostavam dele porque era misterioso e bancava o difícil; era um fantástico lutador de rua. Há anos, bêbado, Danny contou-lhe uma história sobre ter testemunhado um assassinato; que foi então que teve vontade de ser policial, de estudar coisas de medicina legal. Era um bebedor frio: o álcool só o tornava mais fechado, mais misterioso e mais persistente, e cedo ou tarde dava para ver que persistiria com a pessoa errada e seria morto — o que o surpreendia era Danny ter morrido acidentalmente. Buzz deixou isso passar e disse:

— Danny era veado? — Bergstrom ruborizou, retorceu-se, engasgou na cerveja e disse:

— Diabo, não — e dois segundos depois estava mostrando fotos da mulher e dos filhos.

Buzz voltou para LA, ligou para um colega do condado, ficou sabendo que a ficha pessoal de Danny Upshaw fora arrancada, e que para todos os objetivos o garoto jamais fora membro do Departamento do Xerife do Condado de Los Angeles. Fez uma viagem até a delegacia de West Hollywood, conversou com os caras do esquadrão, ficou sabendo que Danny jamais aceitava suborno ou comerciava xotas; jamais se aproveitou de sua informante Janice Modine ou da telefonista Karen Hiltcher — ambas loucas para dar para ele. Os colegas detetives de Upshaw ou respeitavam seu cérebro ou o descartavam como um idiota idealista com um traço maligno; diziam que o capitão Al Dietrich gostava dele porque trabalhava duro, era metódico

e ambicioso. Buzz pensou nele como um garoto que se formara das máquinas para as pessoas na hora errada, procurando O QUÊ? num rio de merda, recebendo a pior resposta que dois casos ruins tinham para dar, e terminando morto porque não podia mentir para si próprio.

Daniel Thomas Upshaw, 1922-1950. Veado.

Turner Prescott Meeks, 1916-? Passeio grátis porque o garoto não pôde suportar a coisa.

“A coisa” poderia ser qualquer outra coisa. Danny Upshaw não matou Gene Niles. Mal disse que Thad Green e dois gorilas tinham pegado pesado com ele; provavelmente contaram que Niles o chamara de bicha e repassaram o que Dudley Smith havia contado a Mal e Green: que Danny foi visto arrochando Felix Gordean. Com a pendência de um teste de polígrafo e do soro da verdade, Green deixou o garoto ir para casa com sua arma, esperando que ele poupasse ao DPLA a encrenca de um julgamento e a revelação de Niles como coletor de dinheiro para Dragna. Danny cedera — mas pelo motivo errado, e não com sua arma.

Bode expiatório.

Que de algum modo rira por último.

Ele não conseguia dormir por merda nenhuma; quando cochilava durante três ou quatro horas sonhava com todas as bostas que tinha feito: garotas do interior coagidas para a cama de Howard; heroína contrabandeada e vendida para Mickey, dinheiro no bolso, a droga desviada para o braço de algum viciado. Dormir com Audrey era a única cura — desde a morte de Niles ela vinha se portando maravilhosamente, e tocá-la e mantê-la em segurança mantinha o garoto longe. Mas as quatro noites que tinham passado na casa de Howard também eram perigosas, e a cada vez que a deixava ele ficava apavorado e sabia que tinha de fazer algo a respeito.

Um dos modos era manter longe de Mal o que sabia sobre Danny. O policial não podia acreditar que o garoto tivesse matado Niles, e tinha sido bastante astuto em denunciar os pistoleiros de Cohen pelo serviço — ele vira Danny interrogar um capanga de Dragna chamado Vinnie Scoppettone, que abriu o bico sobre o tiroteio no Sherry's: atiradores do DPLA. Mas era só até aí que ia sua reconstrução, e ele ainda idealizava Upshaw como um jovem policial inteligente destinado ao posto e à glória. Manter o segredo do garoto era o início.

Buzz apontou um dedo para a lápide e decidiu dois fatos. Um: quando o DPLA invadiu a casa de Upshaw, encontraram-na totalmente revirada; North

Layman fez uma perícia, encontrou impressões de Danny numa porrada de móveis caídos e disse que ele tinha enlouquecido nos últimos momentos da vida. O relatório de propriedade do DPLA — inventário do conteúdo do apartamento — não mencionava a papelada do júri de instrução *ou* o dossiê pessoal que Danny mantinha com relação a seus homicídios. Buzz invadiu a casa e revistou-a com cuidado extra; não havia qualquer dossiê escondido dentro dos quatro cômodos. Mal estava lá quando o corpo foi descoberto; disse que o DPLA lacrou a casa direitinho, e saíram apenas Danny e a faca. Dois: na noite em que morreu, Danny ligou para ele: estava espantado ao ver que seus dois casos haviam se cruzado na encruzilhada de Charles Hartshorn e Reynolds Loftis.

“Detetive, está me dizendo que Loftis é suspeito de seus assassinatos?”

“Estou dizendo que talvez. Um talvez bem forte. Ele se ajusta à descrição do assassinato... e se ajusta.”

De modo algum Danny Upshaw era vítima de assassinato. De modo algum o ladrão do dossiê revirou seu apartamento. Dudley Smith tinha uma estranha fixação no garoto, mas não havia motivo para ele roubar os dossiês, e se tivesse roubado, teria fingido um assalto à residência.

Pessoa ou pessoas desconhecidas — um bom ponto de partida para alguma compensação.

Buzz encontrou Mal no quintal dos fundos de Ellis Loew, sentado num sofá desbotado pelo sol, examinando papéis. Parecia mais magro do que magro, como se estivesse passando fome para chegar a peso-galo.

— Oi, chefe.

Mal assentiu e continuou trabalhando.

— Quero falar com você — disse Buzz.

— Sobre o quê?

— Não sobre uma conspiração comunista, isso é certo.

Mal conectou uma série de nomes com linhas a lápis.

— Sei que você não leva isto a sério, mas é sério.

— É uma moleza séria, isso admito. E claro que quero minha parte. Só que no momento estou com outros bichos-papões na cabeça.

— Como quem?

— Como Upshaw.

Mal pousou o papel e o lápis.

— Ele é bicho-papão do DPLA, não seu.

— Tenho certeza de que ele não matou Niles, chefe.

— Já falamos disso, Buzz. Foi Mickey ou Jack, e nós jamais poderemos provar isso, nem em um milhão de anos.

Buzz sentou-se no sofá — fedia a mofo, e algum caçador de comunistas queimara os braços com pontas de cigarro.

— Mal, lembra do Upshaw contando sobre o dossiê que tinha sobre os assassinatos dos veados?

— Claro.

— Foi roubado do apartamento dele, e também a cópia do pacote do júri de instrução.

— O quê?!

— Tenho certeza. Você disse que o DPLA lacrou a casa e não levou nada, e verifiquei a mesa de Upshaw na delegacia de West Hollywood. Um monte de papelada velha, mas necas sobre os 187 e o júri de instrução. Você estava tão absorvido caçando comunas que provavelmente nem pensou nisso.

Mal bateu de leve em Buzz com o lápis.

— Está certo, não pensei, e que o você está pescando? O garoto está morto e enterrado, ele estava encrencado com aquela invasão de domicílio, provavelmente estava acabado como policial. Danny poderia ter sido melhor, e sinto falta dele. Mas ele cavou a própria sepultura.

Buzz agarrou a mão de Mal.

— Chefe, *nós* cavamos a sepultura dele. Você o forçou muito com De Haven e eu... ah, foda-se.

Mal soltou a mão.

— Você o quê?

— O garoto tinha uma fixação por Reynolds Loftis. Nós conversamos pelo telefone na noite antes de ele morrer. Ele tinha lido sobre o suicídio de Charles Hartshorn, o jornal o identificava como advogado de Sleepy Lagoon, e o sujeito aparecia como pista em dois dos homicídios de Upshaw; Hartshorn foi chantageado por uma das vítimas. Conteí a ele que Loftis foi preso com Hartshorn num bar de veados em 44, e o garoto ensandeceu. Ele não sabia que Hartshorn estava envolvido com Sleepy Lagoon, e isso com certeza o deixou fora de si. Perguntei se Loftis era suspeito, e ele disse: “Um talvez bem forte.”

— Você falou com aquele homem do condado, o tal de Shortell, sobre isso?

— Não, ele está de férias em Montana.

— Mike Breuning?

— Não confio em que ele vá responder direto. Lembra de como Danny contou que Breuning embromou o serviço e estava pegando no pé dele?

— Meeks, sem dúvida você demorou a me contar isso.

— Eu estive pensando, e demorei para descobrir o que ia fazer.

— E o que é?

Buzz sorriu.

— Talvez Loftis seja um suspeito quente, talvez não. De qualquer modo, vou encontrar aquele assassino de veados, quem quer que ele seja.

Mal sorriu.

— E depois?

— Depois prendê-lo ou matá-lo.

— Você perdeu a cabeça.

— Eu estava pensando em pedir a você para se juntar comigo. Um capitão que perdeu a cabeça tem mais respaldo do que um policial solitário com uns parafusos soltos.

— Eu tenho o júri de instrução, Meeks. E depois de amanhã é o julgamento do divórcio.

Buzz estalou os dedos.

— Você está nessa comigo?

— Não. É maluquice. E não vejo você como um tipo capaz de fazer gestos dramáticos.

— Eu devo isso a ele. Nós devemos a ele.

— Não, está errado.

— Pense nas possibilidades, chefe. Loftis como um assassino psicopata. Você o prende antes de o júri de instrução se reunir, e a AUFC vai descer pela privada com barulho tão grande que vai ser ouvido em Cleveland.

Mal gargalhou; Buzz gargalhou e disse:

— Vamos dar uma semana mais ou menos para isso. Vamos pegar o que for possível no dossiê do júri de instrução e falaremos com Shortell para ver o que ele tem. Vamos pegar pesado com Loftis, e se a coisa der em nada, paciência.

— Há o júri de instrução, Meeks.

— Um comunista como Loftis preso por quatro 187 torna você tão grande que nenhum juiz nesse estado irá sacaneá-lo com o caso de custódia. Pense nisso.

Mal partiu seu lápis em dois.

— Preciso de um adiamento *agora*, e não vou aprontar para cima do Loftis.

— Isso quer dizer que você está dentro?

— Não sei.

Buzz partiu para o golpe final.

— Bom, que merda, *capitão*. Pensei que apelar para sua carreira iria convencê-lo, mas acho que estava errado. Pense só em Danny Upshaw e em como ele queria isso, e em como você ficou excitado ao mandá-lo atrás de Claire De Haven. Pense em como talvez ela e Loftis brincaram com aquele garoto virgem pouco antes de ele cortar a própria garganta. Então você...

Mal deu um tapa na cara de Buzz.

Buzz sentou nas mãos para não contra-atacar.

Mal jogou sua lista de nomes na grama e disse.

— Estou dentro. Mas se isso foder com meu trabalho no júri de instrução, vai ser você e eu de verdade. Isso é garantido.

Buzz sorriu.

— Sim senhor, capitão.

CAPÍTULO XXXIII

— Presumo que isto signifique que todos os fingimentos foram deixados de lado — disse Claire De Haven.

Uma introdução fraca — ele sabia que ela identificara Upshaw e o trabalho para o júri de instrução. Mal falou:

— Isto tem a ver com quatro assassinatos.

— É?

— Onde está Reynolds Loftis? Quero falar com ele.

— Reynolds está fora, e já lhe disse antes que ele não citará nomes.

Mal entrou na casa. Viu a primeira página do *Herald* da quarta-feira passada sobre uma poltrona; sabia que Claire vira a matéria sobre a morte de Danny, inclusive com a foto da Academia do Departamento do Xerife. Ela fechou a porta. *Seu modo* de parar de fingir — queria saber o que *ele* tinha.

Mal falou:

— Quatro assassinatos. Sem fundo político, a não ser que você me diga o contrário.

— E digo que não sei do que está falando.

Mal apontou para o jornal.

— O que há de tão interessante nas notícias da semana passada?

— Um pequeno obituário triste sobre um rapaz que conheci.

Mal entrou no jogo.

— Que tipo de rapaz?

— Acho que apavorado, impotente e traiçoeiro o descreve muito bem.

O epitáfio aferroou. Mal perguntou-se pela décima milionésima vez o que Danny Upshaw e Claire De Haven tinham feito um com o outro.

— Quatro homens estuprados e retalhados. Sem material político para você se sentir nobre a respeito. Quer descer de seu alto pedestal comunista e dizer o que sabe a respeito? O que Reynolds Loftis sabe?

Claire foi até ele, perfume direto na sua cara.

— Você mandou aquele garoto trepar comigo para pegar informações. E agora você quer fazer sermão sobre decência?

Mal agarrou seus ombros e apertou-os; estava com toda a noite de estudos de relatório na cabeça.

— Primeiro de janeiro, Martin Goines sequestrado na South Central, recebeu uma dose de heroína, foi mutilado e morto. Quatro de janeiro, George Wiltsie e Duane Lindenaur, sedados com secobarbital, mutilados e mortos. Quatorze de janeiro, Augie Luis Duarte, a mesma coisa. Wiltsie e Duarte eram garotos de programa, sabemos com certeza que alguns homens de seu sindicato frequentam-nos e a descrição do assassino é exatamente a de Loftis. Ainda quer bancar a boazinha?

Claire retorceu-se; Mal viu-a como alguma coisa errada de tocar e soltou. Ela foi até uma escrivaninha junto à escada, pegou um caderno com capa de couro e entregou a ele.

— Nos dias primeiro, quatro e quatorze de janeiro Reynolds estava aqui, à minha vista e à vista de outras pessoas. Você é louco em pensar que ele poderia matar alguém, e isso prova.

Mal pegou o caderno, folheou-o e devolveu.

— É falso. Não sei o que significam os nomes riscados, mas só a sua assinatura e de Loftis são verdadeiras. As outras estão rabiscadas, e as minutas se parecem com “Dick e Jane entram para o Partido”. É falso, e você estava com ele preparado. Agora explique isso ou eu consigo um mandado de busca para Loftis.

Claire segurou o caderno com força.

— Não acredito nessa ameaça. Acho que é só algum tipo de vingança pessoal.

— Só responda.

— Minha resposta é que seu jovem detetive Ted ficou me pressionando sobre o que Reynolds estava fazendo naquelas noites, e quando descobri que ele era policial pensei que devia estar convencido de que Reynolds fez alguma coisa terrível. Reynolds estava aqui nas reuniões, de modo que deixei isto para que o garoto visse, para que ele não comesse um terrível *pogrom* circunstancial.

Resposta perfeita.

— Você não sabia que um grafólogo comeria esse caderno no tribunal?

— Não.

— E o que acha que Danny Upshaw estava tentando provar contra Loftis?

— Não sei! Algum tipo de traição, mas não assassinatos sexuais!

Mal não podia dizer se ela tinha levantado a voz para cobrir uma mentira.

— Por que não mostrou a ata verdadeira a Upshaw? Você estava se arriscando a que ele identificasse esta como falsa.

— Não podia. Um policial provavelmente consideraria nossas atas verdadeiras uma traição.

“Traição” era um disparate; profundidade vinda de uma vagabunda que abria as pernas para qualquer um que usasse calças. Mal gargalhou, controlou-se e parou; Claire falou:

— Pode dizer o que é tão divertido?

— Nada.

— Você está condescendente.

— Vamos mudar de assunto. Danny Upshaw tinha um dossiê sobre os assassinatos e o material foi roubado do apartamento dele. Sabe alguma coisa sobre isso?

— Não. Não sou ladra. Nem comediante.

Ficar furiosa arrancou dez anos da idade dela.

— Então não dê a si própria mais crédito do que merece.

Claire levantou uma das mãos, depois controlou-se.

— Se você não considera que eu e meus amigos somos sérios, por que está tentando manchar nosso nome e arruinar nossas vidas?

Mal controlou uma resposta engraçadinha; falou:

— Quero conversar com Loftis.

— Você não respondeu a minha pergunta.

— Sou eu quem está perguntando. Quando Loftis vai voltar?

Claire gargalhou.

— Ah, meu policial, o que seu rosto acaba de dizer! Você sabe que isso é uma fraude, não sabe? Você acha que nós somos muito pouco eficazes para sermos perigosos, o que é quase tão errado quanto pensar que somos traidores.

Mal pensou em Dudley Smith; pensou na Rainha Vermelha comendo Danny Upshaw vivo.

— O que aconteceu entre você e Ted Krugman?

— Fale os nomes certos. Está dizendo detetive Upshaw, não é?

— *Só diga.*

— Eu digo que ele era ingênuo, ansioso para agradar, e um blefe com relação às mulheres. E digo que não deveria ter mandado um patriota

americano tão frágil atrás de nós. Frágil e desajeitado. Ele *realmente* caiu num faqueiro?

Mal girou a mão aberta; Claire encolheu-se diante do golpe e deu um tapa de volta, sem lágrimas, só batom borrado e o inchaço formando-se no rosto. Mal virou-se e se apoiou no corrimão, com medo do modo como estava; Claire falou:

— Você poderia simplesmente desistir. Poderia denunciar como isto é errado, dizer que somos pouco eficazes e que não valemos o dinheiro e o esforço, e mesmo assim ficar parecendo um policial grande e forte.

Mal sentiu sangue nos lábios.

— Eu quero isso.

— Para quê? Glória? Você é inteligente demais para patriotismo.

Mal viu Stefan dando adeus; Claire falou:

— Pelo seu filho?

Tremendo, Mal falou:

— O que você disse?

— Não somos os idiotas que você acha, capitão recentemente promovido. Sabemos contratar detetives particulares e eles sabem verificar registros e antigos boatos. Sabe, fiquei impressionada com o nazista que você matou, e bastante surpresa por você não poder ver os paralelos entre aquele regime e o seu.

Mal continuou olhando para longe; Claire deu um passo mais perto.

— Entendo o que deve sentir por seu filho, e acho que nós dois sabemos que a solução está vindo.

Mal soltou-se do corrimão e olhou para ela.

— É, a solução está vindo, e esta conversa não aconteceu. E ainda quero falar com Reynolds Loftis. E se ele matou aqueles homens, eu vou pegá-lo.

— Reynolds não matou ninguém.

— Onde ele está?

— Vai voltar esta noite, e então você pode falar com ele. Ele vai convencê-lo, e eu faço um trato. Sei que você precisa de um adiamento para o julgamento da custódia, e tenho amigos no tribunal que podem conseguir isso. Mas não quero Reynolds emporcalhado para o júri de instrução.

— Você não pode estar falando sério.

— Não me subestime. Reynolds foi muito magoado em 47, e não creio que ele possa passar por isso de novo. Farei qualquer coisa possível para ajudar com relação a seu filho, mas não quero que Reynolds seja magoado.

— E você?
— Eu aguento o tranco.
— É impossível.
— Reynolds não matou ninguém.
— Talvez seja verdade, mas ele foi citado como subversivo muitas vezes.
— Então destrua esses depoimentos e não convoque essas testemunhas.
— Você não entende. O nome dele está espalhado em toda a nossa papelada, mais de mil vezes.

Claire segurou os braços de Mal.

— Só me diga que vai tentar mantê-lo longe de muito sofrimento. Diga sim e eu dou uns telefonemas, e você não precisará ir a julgamento amanhã.

Mal viu-se alterando transcrições, mudando nomes de lugar e realinhando gráficos para apontar para outros comunistas, indo mano a mano: sua habilidade editorial versus a memória de Dudley Smith.

— Faça isso. Esteja com Loftis aqui às oito horas e diga-lhe que vai ser feio.

Claire afastou as mãos.

— Não vai ser pior do que o seu precioso júri de instrução.

— Não banque a nobre comigo, porque sei quem você é.

— Não me sacaneie, porque posso usar meus amigos para arruiná-lo.

Um trato com verdadeiro demônio vermelho: o adiamento comprando-lhe tempo para inocentar um subversivo, pegar um assassino e se garantir como herói. E talvez contrariar Claire De Haven.

— Não vou sacanear você.

— Terei de confiar em você. E posso pedir uma coisa? Extraoficialmente?

— O quê?

— Sua opinião sobre esse júri de instrução.

— É um tremendo desperdício e uma tremenda vergonha.

CAPÍTULO XXXIV

Mickey Cohen estava tendo um ataque histérico; Johnny Stompanato colocava mais combustível; Buzz observava — cagando-se de medo.

Estavam no esconderijo do Mick, rodeados por capangas. Depois da bomba debaixo da casa, Mickey mandou Lavonne de volta ao leste e mudou-se para o bangalô de Santa Monica, perguntando-se quem diabo queria matá-lo. Jack D. ligou para dizer que não era ele — Mickey acreditava. Brenda Allen continuava na cadeia. Os policiais da cidade tinham se acomodado em fogo baixo, e policiais plantando bombas pareciam ficção-científica. Mickey decidiu que eram os comunistas. Algum comuna, especialista em explosivos que tinha ficado sabendo que ele bancava os caminhoneiros, perdeu a cabeça e colocou a bomba que destruiu 34 de seus ternos feitos sob medida. Era uma conspiração comunista — não podia ser outra coisa.

Mickey tinha começado a berrar há meia hora, e os assuntos iam de Audrey não dar mais para ele até a resistência pacífica no piquete e como ele iria acabar com a AUFC. Tempo de comédia até Johnny Stomp aparecer e começar a fazer *sua* conspiração.

O Adônis carcamano trouxe más notícias: quando Petey Skouras fugiu para San Francisco levou uma semana de recibos — Audrey havia lhe dito, quando ele pegou o dinheiro do South Side. Buzz aproximou-se da conversa, pensando que a leoa não podia ser suficientemente estúpida para tentar lucrar com a fuga de Petey. O próprio Petey tinha de ter feito isso — sua bonificação além da surra de mil dólares. As notícias de Johnny ficaram piores: ele deu umas pancadas com bastão de beisebol num cara da lista de caloteiros, que lhe disse que Petey não tinha dado os desfalques, Petey jamais protegeria o irmão de uma namorada porque Petey gostava de garotos — jovens escuros — um vício que ele contraíra num campo do Exército americano no Alabama. Então Mickey ensandeceu, borrifando cuspe como um cão raivoso, cuspiendo palavrões em iídiche, fazendo seus capangas judeus se encolherem. Johnny tinha de saber que essa história contradizia a história

de Buzz; o fato de que ele não o encarava por um segundo sequer entregava isso. Quando Mickey parasse de arengar e começasse a pensar, também perceberia isso — e então começaria a fazer perguntas e seria um outro épico tortuoso para explicar a mentira, algo do tipo Skouras protegia o irmão de seu *namorado*, e ele não queria que o pobre Petey devoto do amor grego ficasse manchado como partidário dos gregos. Mickey acreditaria nele — provavelmente.

Buzz pegou seu bloco de anotações e escreveu um memorando para Mal e Ellis Loew — informações abreviadas de três pistoleiros que estavam fazendo hora extra como piqueteiros. O consenso deles: a AUFC ainda estava se dando tempo, esperando que os caminhoneiros se incendiassem para chutar algumas bundas, a única novidade era um furgão de aparência suspeita estacionado na Gower, um homem com uma câmera de cinema na parte de trás. O homem, um sujeito com pinta de estudioso e óculos de Trotski, foi visto falando com Norm Kostenz, o chefe de piquete da AUFC. Conclusão: a AUFC queria que os caminhoneiros perdessem o controle, para que eles pudessem captar as brigas em filme. Terminado o trabalho, Buzz ficou ouvindo Mickey arengar e verificou suas anotações verdadeiras — os dossiês do júri de instrução e do psiquiatra relidos e juntados com alguns registros de sondagem e uma breve conversa com o parceiro de Jack Shortell na delegacia de San Dimas. Shortell voltaria de Montana amanhã; então Buzz poderia encontrar-se com ele para uma verdadeira passada no caso Upshaw. O parceiro disse que Jack disse que Danny parecia pensar que os assassinatos resultavam da época do assassinato de Sleepy Lagoon e do CDSL — foi a última coisa que o garoto falou antes de o DPLA agarrá-lo. Com isso em mente, Buzz juntou a teoria aos fatos de seu dossiê.

Conseguiu:

Danny lhe disse que Reynolds Loftis se ajustava à descrição do suspeito — e em termos gerais — “ele se ajusta”. Charles Hartshorn, um suicida recente, foi arrojado com Loftis num bar de bichas em 44.

Dois nomes idênticos e verificações no Setor de Pesquisa e Informações e no Departamento de Trânsito renderam-lhe Augie Duarte, vítima de assassinato número quatro, e seu primo, figurão do CDSL/AUFC, Juan Duarte, atualmente trabalhando na Variety International Pictures — num estúdio perto da sala onde a vítima número três, Duane Lindenaur, trabalhava como roteirista. O advogado do CDSL, Hartshorn, foi chantageado por Lindenaur há anos — uma verificação no relatório criminal levou-o a um

sargento do DXLA chamado Skakel, que também conversara com Danny Upshaw. Skakel contou-lhe que Lindenaur conheceu Hartshorn numa festa dada pelo empresário bicha Felix Gordean, o homem em quem Danny disse que o assassino tinha uma fixação.

A primeira vítima, Martin Goines, morreu de overdose de heroína. A noiva de Loftis, Claire De Haven, era viciada em pico; ela se curou três vezes com o Dr. Terry Lux. Terry disse que Loftis comprava heroína para ela.

Do relatório de Mal sobre o interrogatório de Sammy Benavides/Mondo Lopez/Juan Duarte:

Benavides gritou alguma coisa sobre Chaz Minear, o veado que era caso de Loftis, ter comprado garotos num “puto de um serviço de acompanhantes” — o de Gordean?

Também sobre Minear: em seu dossiê psiquiátrico, Chaz justificava ter dedurado Loftis à Comissão de Atividades Antiamericanas apontando para um terceiro homem num triângulo amoroso — “se você soubesse quem ele era, entenderia por que eu fiz isso”.

Duas coisas estranhas:

As páginas que iam de 1942 a 44 estavam faltando no relatório psiquiátrico de Loftis, e o Dr. Lesnick não podia ser encontrado. No interrogatório dos três mexicanos, um dos caras havia murmurado um aparte — o CDSL tinha cartas denunciando um “homem branco grande” pelo assassinato de Sleepy Lagoon.

Aparte estranho, totalmente circunstancial — mas sólido demais para ser coincidência.

O telefone tocou, interrompendo a falação de Mickey sobre comunistas. Buzz atendeu; Johnny Stomp observou-o conversando.

— Sim. Capitão, é você?

— Sou eu, Turner, meu garoto.

— Você parece feliz, chefe.

— Acabei de conseguir um adiamento de noventa dias, por isto estou feliz. Você fez o dever de casa?

Stompanato ainda estava olhando. Buzz falou.

— Claro que sim. Circunstancial mas denso. Falou com Loftis?

— Encontre-se comigo na Canon Drive 463 em uma hora. Nós o temos como testemunha amigável.

— Sem sacanagem?

— Sem sacanagem.

Buzz desligou. Johnny Stomp piscou para ele e virou-se de novo para Mickey.

CAPÍTULO XXXV

Fachos de faróis giraram sobre a rua, bateram em seu para-brisa e se afastaram. Mal ouviu uma porta de carro batendo e ligou os faróis altos; Buzz se aproximou e disse:

— Você fez o *seu* dever de casa?

— Sim. Como você disse, circunstancial. Mas está lá.

— O que deduziu disso tudo, capitão?

Mal escondeu o acordo com De Haven.

— Danny não foi muito sutil ao tentar saber com Claire o paradeiro de Loftis nas datas dos assassinatos, por isso ela falsificou uma ata de reuniões; com álibi para Loftis nas três noites. Ela diz que as reuniões aconteceram, e que ele estava lá, mas que eles estavam planejando coisas sediciosas. Que por isso enfeitou o negócio. Disse que Loftis está limpo.

— Você acredita?

— Talvez, mas minhas entranhas me dizem que eles estão ligados ao negócio todo. Esta tarde verifiquei os registros bancários de Loftis remontando até 40. Três vezes, na primavera e no verão de 44, ele fez retiradas de dez mil dólares. Na semana passada ele fez outra retirada. Interessante?

Buzz assobiou.

— Da época em que estão faltando coisas no dossiê de Reynolds. Tem de ser chantagem. Essa coisa toda cheira a chantagem. Quer que a gente banque mocinho e bandido para ele?

Mal saiu do carro.

— Você vai ser o bandido. Eu tiro De Haven do caminho, e nós trabalhamos o sujeito.

Foram até a porta e tocaram a campainha. Claire De Haven atendeu; Mal falou:

— Vá para algum lugar durante umas duas horas.

Claire olhou para Buzz, demorando-se no seu terno velho e no casaco.

— Vocês não devem tocar nele.

Mal apontou um polegar para as costas.

— Vá a algum lugar.

— Sem agradecimento pelo que fiz?

Mal captou Buzz captando.

— Vá a algum lugar, Claire.

A Rainha Vermelha passou por eles, saindo pela porta; manteve-se distante de Buzz. Mal sussurrou:

— Sinais de mão. Três dedos na gravata significam bata nele.

— Você tem estômago para isso?

— Tenho. E você?

— Uma pelo garoto, chefe.

— Ainda não vejo você fazendo o gênero sentimental.

— Acho que cachorro velho pode aprender. O que acabou de acontecer com você e a princesa?

— Nada.

— Claro, chefe.

Mal ouviu uma tosse na sala de estar; Buzz falou:

— Eu começo com ele.

Uma voz gritou:

— Cavalheiros, podemos acabar logo com isso?

Buzz entrou primeiro, assobiando para a mobília; Mal veio atrás, olhando longamente para Loftis. O cara era alto e grisalho, como a descrição de Upshaw para o suspeito; era espantosamente bonito aos cinquenta anos mais ou menos, e todos os seus modos eram pretensamente elegantes — vestido com calças de tweed e um suéter de cardigã, esparramado no sofá, um joelho cruzado sobre o outro.

Mal sentou-se junto dele; Buzz deixou-se cair numa poltrona, soltando o fôlego.

— Você e aquela doçura da Claire vão se casar, não é?

— É, vamos.

Buzz sorriu, suave e despretensioso.

— Isso é uma doçura. Ela vai deixar você comer garotos nas horas vagas? Loftis suspirou.

— Não tenho de responder a essa pergunta.

— Não tem é o caralho. Responda, responda agora.

Mal interveio:

— O Sr. Loftis está certo, sargento. Esta pergunta não é pertinente. Sr. Loftis, onde o senhor estava nas noites de primeiro, quatro e quatorze de janeiro deste ano?

— Estava aqui, nas reuniões do comitê executivo da AUFC.

— E o que foi discutido nessas reuniões?

— Claire disse que eu não precisaria falar isso com vocês.

Buzz fungou.

— Você recebe ordens de uma mulher?

— Claire não é uma mulher comum.

— Claro que não. Uma puta rica e comunista que dorme com um veado não é coisa comum para mim.

Loftis suspirou de novo.

— Claire me disse que isso seria feio, e estava certa. Também disse que seu único objetivo era se convencerem de que não matei ninguém, e que eu não tinha de discutir as questões da AUFC que foram abordadas naquelas três noites.

Mal sabia que Meeks deduziria o acordo com Claire em pouco tempo; juntou-se a seu parceiro bancando também o bandido.

— Loftis, não creio que você tenha matado alguém. Mas acho que está muito enfiado em algumas outras coisas, e não estou falando de política. Nós queremos o assassino, e você vai nos ajudar a pegá-lo.

Loftis lambeu os lábios e cruzou os dedos; Mal tocou a gravata: *vá fundo*. Buzz falou:

— Qual é o seu tipo sanguíneo?

— O positivo.

— É o tipo sanguíneo do assassino, chefe. Sabia disso?

— É o tipo de sangue mais comum entre as pessoas brancas, e seu amigo acabou de dizer que não sou mais suspeito.

— O meu amigo é muito gentil. Você conhece um trombonista chamado Martin Goines?

— Não.

— Duane Lindenaaur?

— Não.

— George Wiltsie?

Tique: Loftis cruzando e recruzando as pernas, lambendo os lábios.

— Não.

— Não sabe o cacete. *Entregue*.

- Eu disse que nunca o conheci!
- Então por que fala dele no tempo passado?
- Ah, meu Deus...

Mal mostrou dois dedos, depois a mão esquerda sobre o pulso direito: *ele é meu, não bata.*

- Augie Duarte, Loftis. E quanto a ele?
- Não conheço — língua seca sobre lábios secos.

Buzz estalou os dedos — alto. Loftis encolheu-se; Mal falou:

— George Wiltsie era um garoto de programa. Você alguma vez usou os serviços dele? Diga a verdade ou meu parceiro vai ficar furioso.

Mal olhou para o próprio colo.

- Sim.
- Quem arranjou isso?
- Ninguém arranjou! Foi só... um encontro.
- Um encontro pelo qual você pagou, chefe? — perguntou Buzz.
- Não.
- Felix Gordean combinou para você — disse Mal. — Certo?
- Não!
- Não acredito.
- Não!

Mal soube que uma admissão explícita estava fora de questão; deu um soco forte no ombro de Loftis.

- Augie Duarte. Ele foi só um encontro?
 - Não!
 - Diga a verdade, ou deixo você sozinho com o sargento.
- Loftis juntou os joelhos e curvou os ombros.

- Sim.
- Sim o quê?
- Sim. Tivemos um encontro uma vez.

— Você parece o típico homem de uma noite só — disse Buzz. — Um encontro com Wiltsie, um encontro com Duarte. Onde conheceu esses caras?

- Em lugar nenhum... num bar.
- Que bar?
- O Oak Room, o Biltmore, o Macombo, não sei.

— Você está me irritando, rapaz. Duarte era mexicano e esses lugares não aceitam mexicanos, de modo que tente outra vez. Você esteve metido nos lençóis com duas vítimas de assassinato. Onde você os conheceu?

Reynolds Loftis ficou enroscado e quieto; Buzz falou:

— Você pagou a eles, certo? Isso não é pecado. Eu já paguei xotas. Então por que alguém do seu tipo não pagaria garotos?

— Não. Não. Não, isso não é verdade.

Mal, muito baixo:

— Felix Gordean.

Loftis, tremendo:

— Não não não não não.

Buzz girou um dedo e alisou a gravata — o sinal para mudança de direção.

— Charles Hartshorn. Por que ele se matou?

— Ele foi torturado por pessoas como vocês!

Mal, mudando de direção:

— Você comprava heroína para Claire. Com quem comprava?

— Quem contou isso? — Loftis realmente parecendo indignado.

Buzz inclinou-se e sussurrou:

— Felix Gordean.

Loftis sacudiu-se para trás e bateu com a cabeça na parede. Mal falou:

— Duane Lindenaar trabalhava na Variety International, onde seus amigos Lopez, Duarte e Benavides estão trabalhando. Juan Duarte é primo de Augie Duarte. Você costumava participar dos filmes da Variety International. Duane Lindenaar estava chantageando Charles Hartshorn. Por que você não junta tudo isso para mim?

Loftis estava suando; Mal captou um tremor em *chantagem*.

— Três vezes em 44 e uma vez na semana passada você sacou dez mil de sua conta bancária. Quem está chantageando você?

O sujeito estava jorrando suor. Buzz mostrou um punho discretamente; Mal balançou a cabeça e fez para ele o sinal de mudança de direção. Buzz falou:

— Fale do Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon. Aconteceu alguma coisa estranha, certo?

Loftis enxugou o suor da testa e falou, a voz falhando:

— Que coisa estranha?

— Como as cartas que o comitê recebeu dizendo que um homem branco, grande, matou José Diaz. Um policial nosso colega parecia achar que esses três assassinatos tinham a ver com Sleepy Lagoon, época dos porretes *zoot*. Todas as vítimas foram cortadas com porretes *zoot*.

Loftis retorceu as mãos, soltando mais suor; seus olhos estavam vítreos. Mal podia ver que Meeks procurara um golpe suave — coisas inócuas a partir de suas anotações de interrogatórios — mas veio com um porrete. Buzz parecia desorientado; Mal deu uma acalmada no seu bandido.

— Loftis, quem está chantageando você?

Loftis guinchou:

— Não. — Mal viu que ele havia suado totalmente as roupas.

— O que aconteceu com o CDSL?

— Não!

— Gordean está chantageando você?

— Recuso-me a responder porque minha res...

— Você é uma bosta comunista. Que tipo de traição vocês estão planejando nas reuniões? Fale disso!

— Claire disse que eu não precisaria falar!

— De quem era aquela bunda que você e Chaz Minear estavam disputando durante a guerra? Quem era aquele veado?

Loftis soluçou, gemeu e conseguiu soltar um guincho meio cantarolado:

— Recuso-me a responder porque minhas respostas podem me incriminar, mas jamais feri qualquer pessoa e tampouco meus amigos, de modo que, por favor, não nos machuque.

Mal fechou um punho, o anel de pedra de Stanford para fora, para causar o máximo de dano. Buzz pôs uma das mãos sobre seu próprio punho e apertou-o, um novo semáforo: *não bata nele ou eu bato em você*. Mal ficou apavorado e partiu para a grande munição verbal: Loftis não sabia que Chaz Minear o havia dedurado para a Comissão de Atividades Antiamericanas.

— Você está protegendo Minear? Não devia, porque foi ele quem dedurou você aos federais. Foi ele quem pôs você na lista negra.

Loftis enrolou-se numa bola; murmurou seu discurso da Quinta Emenda, como se o interrogatório dos dois fosse legal e um advogado fosse surgir resgatando-o. Buzz falou:

— Seu merda idiota, nós poderíamos ter pegado ele.

Mal virou-se e viu Claire De Haven ali parada. Ela estava dizendo “Chaz” e repetindo e repetindo.

CAPÍTULO XXXVI

A ação no piquete estava fervendo.

Buzz observava da passarela externa na Variety International, a três andares de altura. Jack Shortell e Mal deveriam telefonar; Ellis Loew ligara para ele em casa, arrancando-o de outro pesadelo com Danny. A ordem do promotor: convencer Herman Gerstein a botar mais cinco mil na caixinha do júri de instrução. Herman estava fora — provavelmente dando um banho de língua em Betty Grable — e não havia coisa alguma para ele fazer além de ficar furioso com o estrago de Considine e observar a preliminar de uma chacina na rua.

Dava para ver claramente: um capanga dos caminhoneiros com um bastão de beisebol estava parado junto do furgão com a câmera da AUFC; quando a merda batesse no ventilador e o filme rodasse, ele seria o encarregado de neutralizar o cinegrafista e arrebentar o equipamento. O pessoal dos caminhoneiros estava com cartazes que tinham suportes duplos e triplos, a parte de segurar protegida com fita adesiva, porretes perfeitos. Quatro rapazes bons de briga estavam parados perto da caminhonete de lanche dos comunistas — o número exato para virá-la e esquentar de café o sujeito que estava dentro. Há um minuto ele tinha visto um pistoleiro de Cohen fazer uma entrega discreta: armas antimotim com balas de borracha, enroladas em cueiros como o menino Jesus. Adiante, na De Longpre, os caminhoneiros tinham *sua* equipe de cinema a postos: atores/piqueteiros que apareceriam, provocariam do modo exato e iriam certificar-se de que alguns piqueteiros da AUFC os atacassem; três cinegrafistas estavam na traseira de uma caminhonete coberta de lona. Quando a poeira baixasse, os rapazes de Mickey sobreviveriam no celuloide como os mocinhos.

Buzz continuava visualizando Mal na frente da ação. O capitão quase estragara o sigilo profissional do Dr. Lesnick com relação aos dossiês psiquiátricos, entregando a história de que Minear havia dedurado Loftis — justo quando estavam se aproximando da história da chantagem e de Felix

Gordean. Ele o puxara para fora da casa rapidamente, para que não continuasse estragando a cobertura da equipe — se tivessem sorte, De Haven e Loftis imaginariam que uma fonte da Comissão de Atividades Antiamericanas tinha contado a eles sobre Minear. Para um policial inteligente, o capitão Malcolm Considine continuava dando passos estúpidos: era vinte contra um de que ele fizera um trato com Claire Vermelha pelo adiamento do caso da custódia; dez contra um que seu ataque contra Loftis chegara perto de mandar isso para o espaço. A bicha velha não era um assassino, mas o vazio de 42 a 44 em seu dossiê psiquiátrico — uma época que ele ficava apavorado em lembrar — dizia volumes, e ele e De Haven estavam parecendo os principais suspeitos do roubo da papelada do garoto. E o fato de o Dr. Lesnick não estar em lugar algum começava a parecer tão errado quanto Mal foder com o sonho dele mesmo.

O pessoal dos caminhoneiros estava passando garrafas; a AUFC marchava e gritava seu refrão triste e velho: “Salários justos agora”, “Acabem com a tirania dos estúdios”. Buzz pensou num gato em vias de saltar sobre um camundongo que mordiscava queijo na borda de um penhasco; dispensou a matinê e entrou na sala de Herman Gerstein.

O magnata ainda não estava; a telefonista do estúdio sabia que deveria transferir seus telefonemas para a linha particular de Herman. Buzz sentou-se atrás da mesa de Gerstein, farejou sua caixa de charutos, admirou as fotos das estrelas na parede. Estava especulando sobre sua bonificação no júri de instrução quando o telefone tocou.

— Alô?

— Meeks?

Não era Mal, nem Shortell; mas uma voz familiar.

— Sou eu. Quem está falando?

— Johnny.

— Stompanato?

— Como eles esquecem rápido.

— Johnny, por que está me telefonando?

— Como eles esquecem rápido as coisas boas que fazem. Eu lhe devo uma, lembra?

Buzz lembrava da história de Lucy Whitehall — parecia há um milhão de anos.

— Vá em frente, Johnny.

— Estou lhe pagando de volta, seu merda maluco. Mickey sabe que Audrey foi quem deu o desfalque. Eu não contei a ele, e até guardei segredo sobre o que você armou com Petey S. Foi o banco. Audrey colocou a grana do desfalque no Banco de Hollywood onde Mick deposita o dinheiro das percentagens das corridas. O gerente suspeitou e ligou para ele. Mickey está mandando Fritzie para pegá-la. Você está mais perto, de modo que estamos quites.

Buzz viu o Fritzie Fura-gelo pegando pesado.

— Você sabia sobre nós?

— Achei que Audrey parecia nervosa ultimamente, por isso a acompanhei até Hollywood, e ela se encontrou com você. Mickey não sabe sobre você e ela, de modo que fique frio.

Buzz mandou um beijo molhado no telefone, desligou e telefonou para o número de Audrey; ouviu sinal de ocupado, desceu até o estacionamento dos fundos onde estava seu carro. Atravessou sinais vermelhos e amarelos e pegou todos os atalhos que conhecia a toda velocidade; viu o Packard de Audrey na entrada de veículos, subiu no meio-fio e patinou na grama. Deixou o motor ligado, sacou seu .38, correu até a porta e abriu-a com o ombro.

Audrey estava sentada em sua espreguiçadeira comprada num brechó, o cabelo com rolinhos, creme no rosto. Viu Buzz e tentou se cobrir; Buzz foi direto até ela e começou a beijá-la, ficando todo gosmento. Falou entre beijos:

— Mickey sabe que você deu o desfalque.

Audrey guinchou:

— Isso não é justo! E você não deveria me ver assim!

Buzz pensou em Fritzie K. ganhando terreno, agarrou a leoa e arrastou-a até o cano. Falou sem fôlego:

— Ventura, pela Pacific Coast Highway, e eu estou logo atrás de você. Não é o Beverly Wilshire, mas é seguro.

— Cinco minutos para pegar minhas coisas?

— Não.

— Ah, merda. Eu realmente gostava de L.A.

— Diga adeus a ela.

Audrey arrancou um punhado de rolinhos e enxugou o rosto.

— Tchau, L.A.

A caravana de dois carros chegou a Ventura em uma hora e dez. Buzz escondeu Audrey na cabana que ficava no limite de suas terras. Escondeu o Packard dela num bosque de pinheiros, deixou todo o seu dinheiro a não ser uma nota de dez e uma de um, e disse para telefonar para um amigo seu na delegacia do xerife de Ventura e conseguir um lugar para ficar — o homem lhe devia quase tanto quanto ele devia a Johnny Stompanato. Audrey começou a chorar quando percebeu que realmente era tchau LA, tchau casa, conta bancária, roupas e tudo o mais a não ser seu amante barra-pesada; Buzz beijou-a tirando o resto do creme, disse que ligaria para o colega para lubrificar as engrenagens e telefonaria para ela na casa do sujeito à noite. A leoa deixou-o com um suspiro de olhos secos.

— Mickey era bom com dinheiro, mas era uma porcaria na cama. Tentarei não sentir falta dele.

Buzz foi direto para Oxnard, a próxima cidade ao sul. Encontrou um telefone público, ligou para Dave Kleckner no tribunal de Ventura, combinou para que ele pegasse Audrey e ligou para seu próprio número na Hughes Aircraft. Sua secretária disse que Jack Shortell havia telefonado; ela pediu que ele ligasse para o escritório de Herman Gerstein e para a extensão de Mal Considine no Gabinete. Buzz trocou seu dólar em moedas de dez centavos e pediu que a telefonista ligasse para Madison-4609; Mal atendeu:

— Sim?

— Sou eu.

— Onde você está? Estive tentando encontrá-lo a manhã inteira.

— Ventura. Um servicinho.

— Bom, você perdeu o melhor. Mickey ficou pirado. Deu carta branca aos rapazes na Gower Gulch, e eles estão arrebetando cabeças enquanto nós falamos. Acabo de receber um telefonema de um tenente do esquadrão antimotim, e ele disse que é o pior que já viu. Quer fazer uma aposta?

As chances de ele tirar a leoa do país: meio a meio.

— Chefe, Mickey está pirado por causa de Audrey, isso foi provavelmente a gota d'água. Ele descobriu que ela estava dando desfalque na agência de empréstimos.

— Meu Deus. Ele sabe sobre...

— Não, e quero manter a coisa assim. Por enquanto ela está escondida aqui, mas isso não pode durar para sempre.

— Arranjaremos alguma solução. Você ainda está a fim da vingança?

— Mais do que nunca. Falou com Shortell?

— Há dez minutos. Você tem alguma coisa onde escrever?

— Não, mas tenho memória. Manda ver.

— A última coisa que Danny conseguiu foi uma conexão entre o Laboratório Dentário Joredco, em Bunker Hill... eles fazem dentaduras de animais... e um naturalista que cria texugos a alguns quarteirões de distância. North Layman identificou marcas de mordida nas vítimas como sendo de dentes de texugo; o negócio é esse.

— Santo Cristo.

— É, e fica mais estranho. Um: Dudley Smith jamais mandou seguir os homens que Danny queria sob vigilância. Shortell descobriu e não sabe se isso significa alguma coisa ou não. Dois: a fixação de Danny no assassinato de Sleepy Lagoon e no CDSL tem uma ligação com um cúmplice de Martin Goines em roubos a residências; era um rapaz no início dos anos 40; um garoto com a cara queimada. Bunker Hill teve um monte de invasões de domicílios não solucionadas no verão de 42 e Danny deu a Shortell oito nomes tirados de fichas de interrogatórios de campo. Na época havia toque de recolher, de modo que ele encontrou um monte de fichas. Shortell fez eliminações a partir dos nomes e surgiu com um homem com sangue O positivo: Coleman Masskie, nascido em 9/5/23, South Beaudry, 236, Bunker Hill. Shortell acha que esse sujeito tem a possibilidade de ser o colega de roubos de Goines.

Buzz decorou os números.

— Chefe, esse tal de Masskie nem tem vinte e sete anos, o que de certa forma contradiz a teoria do assassino de meia-idade.

— Eu sei e isso também me incomoda. Mas Shortell acha que Danny estava perto de resolver o caso; e *ele* acha que esse ângulo do roubo de residências era quente.

— Chefe, temos de arrochar Felix Gordean. Ontem à noite estávamos chegando perto, quando você...

Silêncio, depois Mal, parecendo desgostoso.

— É, eu sei. Olhe, pegue a pista de Masskie, eu vou interrogar Juan Duarte. Vou colocar quatro homens do Gabinete para encontrar o Dr. Lesnick, e se o velho estiver vivo e se for possível achá-lo, ele é nosso. Vamos nos encontrar esta noite na frente do Chateau Marmont, às cinco e meia. Vamos dar uma prensa no Gordean.

- Vamos fazer isso.
- Você deduziu sobre mim e De Haven?
- Levei uns dois segundos. Você não acha que ela vai te sacanear?
- Não, tenho um ás na manga. Você é a mulher de Mickey Cohen. Meu Deus.
- Está convidado para o casamento, chefe.
- Fique vivo para isso, garoto.

Buzz pegou a Pacific Coast Highway até LA, pegou a Wilshire a leste para Bunker Hill. Nuvens escuras se juntavam, ameaçando um dilúvio para encharcar o sul, talvez desenterrar mais alguns defuntos, fazer mais uns sujeitos intratáveis quererem vingança. O número 236 da South Beaudry era uma construção vitoriana de aluguel barato, todas as tábuas descascadas pelo tempo e lascadas; Buzz parou e viu uma velha tirando folhas com um ancinho no gramado da frente, tão danificado quanto a casa.

Saiu e se aproximou dela. De perto ela mostrava uma verdadeira beleza desbotada: pele pálida, quase transparente sobre malares de *haute couture*, lábios cheios e os cabelos grisalhos mais agradáveis que ele já vira. Apenas os olhos eram estranhos, brilhantes demais, saltados demais.

— Minha senhora? — disse Buzz.

A velha apoiou-se no ancinho; havia uma folha presa nos dentes — e era a única folha de todo o gramado.

— Sim, meu jovem? Veio aqui fazer uma contribuição para a cruzada da irmã Aimée?

— A irmã Aimée já não existe há bastante tempo, minha senhora.

A mulher estendeu a mão — com aparência velha e artrítica — mão de mendiga. Buzz soltou algumas moedas nela.

— Estou procurando um homem chamado Coleman Masskie. Conhece? Ele morava aqui há sete, oito anos.

Agora a velha sorriu.

— Lembro bem do Coleman. Eu sou Delores Masskie Tucker Kafesjian Luderman Jensen Tyson Jones. Sou mãe de Coleman. Coleman era um dos escravos mais dedicados que consegui para fazer proselitismo pela irmã Aimée.

Buzz engoliu em seco.

— Escravos, minha senhora? E sem dúvida a senhora tem muito nomes.

A mulher gargalhou.

— Tentei lembrar meu nome de solteira um dia desses, e não consegui. Veja só, meu jovem, tive muitos amantes em meu papel de criadora de filhos para a irmã Aimée. Deus me fez linda e fértil para que eu pudesse dar acólitos à irmã Aimée Semple McPherson, e o Condado de Los Angeles me deu muitos dólares de compensação para que eu pudesse alimentar os meus pequenos. Alguns cínicos me consideram uma fanática que mama nas tetas da previdência social, mas é o demônio falando. Você não acha que gerar uma boa prole branca para a irmã Aimée é uma vocação nobre?

— Claro que sim, e eu mesmo estava pensando em fazer isso. Minha senhora, onde Coleman está agora? Tenho algum dinheiro para ele, e acho que ele vai repassar uma parte para a senhora.

Delores raspou a grama com o ancinho.

— Coleman sempre foi generoso. Eu tive um total de nove filhos... seis meninos, três meninas. Duas das meninas tornaram-se seguidoras da irmã Aimée; uma, tenho vergonha de dizer, virou prostituta. Os garotos foram embora quando fizeram quatorze ou quinze anos... oito horas de oração por dia e de leitura da Bíblia era muito cansativo para eles. Coleman ficou mais tempo... até os dezenove anos. Eu lhe dei uma dispensa: nada de orações e de leitura da Bíblia porque ele fazia tarefas para a vizinhança e me dava metade do dinheiro. Quanto dinheiro você deve a Coleman, meu jovem?

— Um monte. Onde está Coleman, minha senhora?

— Acho que no inferno. Os que renegam a irmã Aimée estão condenados para sempre a um caldeirão fervilhante de pus e sêmen de negros.

— Minha senhora, quando viu Coleman pela última vez?

— Acho que vi no outono do final de 1942.

Uma resposta meio sã — combinava com o calendário de Upshaw.

— O que o velho Coleman estava fazendo na época, minha senhora?

Delores arrancou a folha do ancinho e esmagou-a, transformando em pó.

— Coleman estava desenvolvendo costumes mundanos. Ouvia discos de jazz numa vitrola, andava por aí de noite e largou a escola prematuramente, o que me deixou com raiva, porque a irmã Aimée prefere que seus escravos tenham diploma do segundo grau. Ele arranhou um trabalho medonho num laboratório dentário e, falando francamente, virou ladrão. Eu achava badulaques estranhos no quarto dele, mas não liguei quando ele confessou suas transgressões contra a propriedade privada e prometeu dar dez por cento dos lucros para a irmã Aimée.

Laboratório Dental, Coleman ladrão de residências — a teoria de Upshaw aparecendo.

— Minha senhora, foi nesse ano de 42 que Coleman andou roubando?

— Sim. No verão antes de ele sair de casa.

— E Coleman tinha o rosto queimado? Ele foi desfigurado de algum modo?

A velha ficou pasma.

— Coleman era uma beleza escrava personificada! Era tão bonito quanto um ídolo das matinês!

— Desculpe por falar da aparência do rapaz. Minha senhora, quem era Masskie? O pai do garoto?

— Na verdade, não lembro. Eu me dividia bastante com os homens no início da década de 20, e só assumi os sobrenomes que tinham dotes grandes, os melhores para quando eu entoava meus sortilégios reprodutivos. Exatamente quanto dinheiro você deve a Coleman? Ele está no inferno, você sabe. Se me der o dinheiro talvez consiga um adiamento para a alma dele.

Buzz pegou sua última nota de dez.

— Minha senhora, a senhora disse que Coleman se mandou no outono de 42?

— Sim, é verdade, e a irmã Aimée lhe agradece.

— Por que ele foi embora? Para onde ele foi?

Delores pareceu apavorada, sua pele afundou sobre os malaras e os olhos saltaram mais um cinco centímetros.

— Coleman foi procurar o pai, quem quer que ele fosse. Um homem mau com sotaque mau veio perguntando por ele, e Coleman ficou apavorado e fugiu. O homem do sotaque continuou voltando com perguntas sobre o paradeiro de Coleman, mas invoquei a força da irmã Aimée e ele desistiu.

Época do assassinato de Sleepy Lagoon; Dudley Smith pedindo para entrar para a equipe do júri de instrução; Dudley Smith saindo dos trilhos e pegando pesado com relação ao assassinato de José Diaz e o CDSL.

— Minha senhora, está falando de um sotaque irlandês? Um homem grande, com pouco menos de quarenta anos na época, cara vermelha, cabelos e olhos castanhos?

Delores fez sinais, as mãos no peito e no rosto, como se tivesse guardando-se de vampiros num antigo filme de terror.

— Arreda, Satanás! Sinta o poder da Igreja dos Quatro Quadrados, do Templo do Ângelus e da irmã Aimée Semple McPherson, e não responderei a

mais nenhuma pergunta até que você dê um tributo adequado em dinheiro. Afaste-se de mim ou arrisque-se a ir para o inferno!

Buzz revirou os bolsos em busca de merrecas; ele conhecia uma parede de tijolos quando via.

— Minha senhora, diga à irmã Aimée para segurar os cavalos dela; eu vou voltar.

Buzz foi para casa, arrancou uma foto do então patrulheiro Dudley Smith do livro do ano da Academia do DPLA e partiu para o Chateau Marmont. O crepúsculo e uma chuva leve caíam enquanto ele estacionava na Sunset, perto da entrada principal; estava pensando em se enroscar com a leoa quando Mal bateu no para-brisa e entrou no carro.

— Tranquilo — disse Buzz. — E você?

— Tranquilo e meio.

— Chefe, o negócio parece um ricochete e contradiz de novo o “meia-idade”.

Mal esticou as pernas.

— O meu negócio também. North Layman ligou para Jack Shortell, ele ligou para mim. O doutor andou examinando o rio Los Angeles perto de onde o corpo de Augie Duarte foi encontrado; ele quer uma perícia completa para um livro que está escrevendo. Veja só: ele encontrou fios de peruca grisalha com sangue O positivo, obviamente de um arranhão na cabeça, no ponto exato onde o assassino teria de estar para escalar uma cerca e fugir. É por isso que o seu ricochete tem a ver.

— E por que Loftis não tem? Chefe, acha que alguém está tentando encrencar aquele veado velho?

— Isso me ocorreu, sim.

— O que conseguiu com Juan Duarte?

— Coisas de dar medo, pior do que os dentes de texugo. Danny falou com Duarte, sabia disso?

— Não.

— Foi logo antes de o DPLA agarrá-lo. Duarte contou a Danny que por volta da época do CDSL Reynolds Loftis tinha um irmão bem mais novo andando com ele... que se parecia com ele. A princípio o garoto estava com o rosto coberto de bandagens, porque tinha se queimado num incêndio. Ninguém sabia o quanto ele se parecia com Loftis até que as bandagens

foram retiradas. O garoto deu com a língua nos dentes nos comícios do CDSL, falando que um homem branco e grande matou José Diaz, mas ninguém acreditou. Supostamente ele estava fugindo do assassino, mas quando Duarte disse: “Por que você está vindo aqui onde o assassino poderia vê-lo?”, o irmão falou: “Eu tenho proteção especial.” Buzz, não há anotações sobre um irmão mais novo de Loftis em quaisquer dos dossiês do júri de instrução. E o negócio fica melhor.

Buzz pensou: sei que fica. E se perguntou quem diria primeiro “Dudley Smith”.

— Vá em frente. O meu material combina com isso.

— Duarte foi procurar Charles Hartshorn logo antes do suposto suicídio — disse Mal — para ver se ele conseguiria que os policiais dessem alguma força na investigação do assassinato de Augie. Hartshorn disse que tinha sido arrojado por causa do assassinato de Duane Lindenaur. Você, parceiro. E ele leu sobre as mutilações com os porretes *zoot* nas outras vítimas num jornal de escândalos e pensou que as mortes poderiam estar conectadas ao CDSL. Então Hartshorn ligou para o DPLA e falou com um tal de sargento Breuning, que disse que iria lá imediatamente. Duarte saiu, e na manhã seguinte o corpo de Hartshorn foi encontrado. Bingo.

Buzz falou primeiro:

— Dudley Smith. Ele era o homem branco e grande, e entrou para a equipe para poder manter sob controle os testemunhos sobre o CDSL. Por isso estava interessado em Upshaw. Danny estava ligado nas mutilações com os porretes *zoots* e Augie Duarte, primo de Juan, estava na lista de pessoas a ser seguidas. Por isso Dudley fez com que os caras não fossem seguidos. Ele foi com Breuning ver Hartshorn, e alguém disse a coisa errada. E foi a própria festa da gravata, *bye, bye*, Charlie.

Mal bateu no painel.

— Não posso acreditar, porra.

— Eu posso. Agora aqui vai uma boa pergunta. Você esteve perto do Dudley muito mais do que eu ultimamente. Ele está ligado às mortes dos veados?

Mal balançou a cabeça.

— Não. Estive botando o cérebro para trabalhar nisso, e não consigo somar dois e dois. Dudley queria que Upshaw entrasse para a equipe, e não poderia estar menos incomodado com homossexuais mortos. Foi quando

Danny falou de “porrete *zoot*” e “Augie Duarte” que Dudley ficou apavorado. José Diaz não era um *zooter*?

— As roupas dele foram retalhadas com um porrete *zoot*, acho que lembro disso. Você tem algum motivo para Dudley ter matado Diaz?

— Talvez. Eu fui com Dudley visitar a sobrinha dele. Aparentemente ela tem uma queda por mexicanos e Dudley não suporta isso.

— Motivo meio fraco, chefe.

— Dudley é insano! Que porra mais você quer?!

Buzz apertou o braço do parceiro.

— Calma, garoto, e ouça a minha história. A louca da mãe do Coleman Masskie bateu um papo comigo. Ela teve um monte de filhos com pais diferentes, não sabe quem é de quem. Coleman saiu de casa no outono do final de 42. Ele era ladrão de residências, gostava de jazz, trabalhou naquele laboratório dentário. Tudo isso se ajusta à ideia de Upshaw. Agora, veja só: verão de 42, um homem grandalhão e com sotaque forte aparece perguntando pelo Coleman. Descrevi Dudley, a velha ficou aterrorizada e fechou o bico. Acho que Coleman estava fugindo do homem grande e branco, que é Dudley, que apagou José Diaz; e Coleman viu isso. Acho que a gente deve dar um aperto no Gordean agora, depois voltar e jogar conversa mole para aquela velha e tentar ligá-la a Reynolds Loftis.

— Eu vou cuidar do Dudley — disse Mal.

Buzz balançou a cabeça.

— Pense nisso com mais calma. Não há prova, nenhuma evidência do que aconteceu com Hartshorn, é um homicídio de um *cucaracha* que aconteceu há oito anos. Um policial com a fama do Dudley. Você está tão pirado quanto ele se acha que isso vai dar certo.

Mal forçou um sotaque de tenor.

— Então vou matá-lo, *garoto*.

— Vai é o caralho.

— Eu já matei um homem antes, Meeks. Posso fazer de novo.

Buzz viu que ele estava decidido — gostando da visão de cima do penhasco.

— Parceiro, um nazista na guerra não é a mesma coisa.

— Você sabia disso?

— Por que acha que sempre tive medo de que fosse você, em vez de Dragna, que tinha atirado contra mim? Se um sujeito de boas maneiras como você mata uma vez, *pode* fazer isso de novo.

Mal gargalhou.

— Você já matou alguém?

— Reivindico a Quinta Emenda, chefe. Agora quer ir dar um arrocho naquele cafetão de veados?

Mal assentiu.

— O número do lugar é 7.941; acho que é lá na parte dos bangalôs.

— Você vai ser o bandido esta noite. Você é bom nisso.

— Você na frente, rapaz.

Buzz tomou a dianteira. Eles atravessaram o saguão e saíram por uma porta lateral para o pátio; estava escuro, e cercas vivas altas escondiam os bangalôs. Buzz acompanhou os números marcados em postes de ferro fundido, viu 7.939 e disse:

— Tem de ser o próximo.

Tiros.

Um, dois, três, quatro — perto, no lado ímpar do caminho. Buzz sacou seu .38; Mal sacou o dele e apontou. Correram até o 7.941, grudaram-se à parede de lados opostos da porta e prestaram atenção. Buzz ouviu passos dentro, afastando-se dos dois; olhou para Mal, contou um dois três nos dedos, girou e chutou a porta.

Dois tiros estouraram a madeira acima de sua cabeça; um cano de arma reluziu de uma sala escura no fundo. Buzz jogou-se no chão; Mal caiu em cima dele e atirou duas vezes, às cegas; Buzz viu um homem de braços e pernas arreganhados no tapete, o roupão de seda amarela encharcado de vermelho da bainha até a gola. Dinheiro enrolado em cintas de banco rodeavam o corpo.

Mal saiu tropeçando. Buzz deixou-o, ouviu ruídos ocos, estalos, vidro quebrando e nenhum tiro a mais. Levantou-se e verificou o defunto — um homem elegante, de barba bem aparada, bem manicurado e do qual não restava muito tronco. As cintas de banco estavam marcadas com Beverly Hills Federal, e havia pelo menos três mil em pacotes de quinhentos ao alcance da mão. Buzz resistiu; Mal voltou, ofegante. Guinchou:

— Carro esperando. Sedã branco último modelo.

Buzz chutou um pacote de verdinhas; elas bateram num F.G. na manga do morto.

— Beverly Hill Federal. Era de onde Loftis sacava o dinheiro?

— Isso mesmo.

Sirenes a distância.

Buzz deu adeus ao dinheiro.

— Loftis, Claire, o assassino. O que você acha?

— Vamos à casa deles agora. Antes que o pessoal do xerife pergunte o que nós...

— Carros separados — disse Buzz e partiu correndo o mais rápido possível.

Mal chegou primeiro.

Buzz viu-o de pé do outro lado da rua, em frente à casa de De Haven, fez o retorno e desligou o motor. Mal encostou-se na janela.

— Por que demorou?

— Eu corro pouco.

— Alguém viu você?

— Não. Você?

— Acho que não. Buzz, nós não estivemos lá.

— Dia a dia você está ficando melhor nesse jogo, chefe. O que viu aqui?

— Dois carros com motor frio. Olhei por uma janela e vi De Haven e Loftis jogando baralho. Eles estão limpos. Acha que o assassino fez aquilo?

— Necas. Está errado. Ele é a porra de um psicopata que cultua um bicho, e minha opinião abalizada é de que psicopatas que cultuam animais não portam armas. Estou pensando em Minear. Ele combina com Loftis, e nos dossiês havia uma linha que levava até ele, dizendo que ele gostava de comprar garotos.

— Você pode estar certo. Agora a tal de Masskie?

— South Beaudry 236, chefe.

— Vamos lá.

Buzz chegou primeiro; tocou a campainha e ficou cara a cara com Delores vestida num roupão branco comprido. Ela disse:

— Você trouxe um tributo monetário para a irmã?

— O encarregado do dinheiro vai chegar num minuto. — Ele pegou a foto de Dudley Smith. — Minha senhora, era esse sujeito que estava perguntando pelo Coleman?

Delores piscou para a foto e se persignou.

— Arreda, Satanás. É, é ele.

Na bucha, mais um para Danny Upshaw.

— Minha senhora, a senhora conhece o nome Reynolds Loftis?

— Não, não creio.

— Alguém chamado Loftis?

— Não.

— Há alguma chance de a senhora ter se relacionado com um homem chamado Loftis mais ou menos na época em que Coleman nasceu?

A velha fez um muxoxo.

— Se com “relacionou” você quer dizer me engajei em atividades reprodutivas para a irmã Aimée, a resposta é não.

— Minha senhora, a senhora disse que Coleman foi procurar o pai quando partiu em 42. Se a senhora não sabia quem era o pai dele, como o garoto soube onde procurar?

— Vinte dólares para a irmã Aimée e eu lhe mostro.

Buzz pegou seu anel do segundo grau.

— É seu, meu doce. Mostre.

Delores examinou o anel, enfiou-o no bolso e se afastou; Buzz ficou na varanda perguntando-se onde Mal estaria. Minutos se arrastaram; a mulher voltou com um velho caderno com capa de couro. Falou:

— A genealogia da minha produção de escravos. Tirei fotos de todos os homens que me deram sua semente, com comentários apropriados na parte de trás. Quando Coleman decidiu que tinha de procurar seu pai, ele procurou neste livro fotos dos homens com quem mais se parecia. Escondi o livro quando o homem do sotaque apareceu, e ainda quero vinte dólares por essa informação.

Buzz abriu o caderno, viu que as páginas continham fotos grampeadas de dúzias de homens, chegou perto da luz da varanda e começou a examinar. Depois de quatro páginas, uma foto atraiu seu olhar: um Reynolds Loftis enfeitadamente jovem, enfeitadamente bonito, num terno de tweed. Tirou a foto e leu o que estava escrito na parte de trás.

— Randolph Lawrence (um nome de guerra?), ator com emprego temporário, no Ramona Pageant, 30 de agosto de 1922. Um verdadeiro cavalheiro sulista. Boa cepa branca. Espero que sua semente brote fértil.

Em 1942: Coleman, ladrão de residências, protético, amante de animais violentos, testemunha Dudley Smith matando José Diaz, vê esta foto ou outras e localiza o papai Reynolds Loftis. Em 1943: Coleman, o rosto queimado num incêndio???, comparece aos comícios do CDSL com seu pai/falso irmão, fala do homem branco e grande, ninguém acredita. De 1942 a

1944: hiato no relatório psiquiátrico de Loftis. Em 1950: Coleman assassino. Será que o psicopata estava tentando colocar a culpa no papai/Reynolds pelos assassinatos de veados, vestindo-se como o próprio Loftis — e os fragmentos de peruca encontrados pelo Dr. Layman seriam a evidência final?

Buzz estendeu a foto.

— Este é Coleman, minha senhora?

Delores sorriu.

— Bem próximo. Que homem bonito. Uma vergonha eu não me lembrar do tempo que passei com ele.

Uma porta de carro bateu; Mal saiu e subiu correndo a escada. Buzz puxou-o para o lado e mostrou a foto.

— Loftis, 1922. Apelido Randolph Lawrence, ator com emprego temporário. Ele é pai de Coleman, e não irmão.

Mal bateu na foto.

— Agora estou me perguntando como o garoto se queimou, e por que a charada do irmão. E você estava certo com relação a Minear.

— O que quer dizer?

— Liguei para o Departamento de Trânsito. Minear tem um Chrysler New Yorker sedã branco 49. Passei pela casa dele em Chapman Park, na vinda para cá. Estava na garagem do prédio, quente, e parecia que o carro estava no Marmont.

Buzz passou um dos braços pelos ombros de Mal.

— Presentes numa manjedoura. E aqui vai outro. Aquela mulher maluca na porta identificou Dudley numa foto que tenho. Ele é o homem do sotaque.

Mal olhou para Delores.

— Você acha que Dudley roubou os dossiês de Danny?

— Não, acho que ele teria fingido um roubo. Coleman é o nosso assassino, chefe. Agora só precisamos encontrá-lo.

— Merda. Loftis e Claire não vão falar. Sei disso.

Buzz afastou seu braço.

— Não, mas aposto que podemos espremer o Chaz bonitinho. Ele teve um caso com Loftis em 43 e 44, e conheço um bom artista do arrocho para nos ajudar. Dê vinte pratas àquela dona e vou telefonar para ele.

Mal estendeu a mão para a carteira; Buzz entrou na casa e encontrou um telefone perto da porta da cozinha. Ligou para informações, conseguiu o número que queria e discou. A voz de barítono carcamano de Johnny Stompanato lubrificou a linha.

— Fale comigo.

— É Meeks. Quer ganhar um dinheiro? Bancar o capanga número um num serviço de arrocho, para garantir que meu colega não fique maluco e machuque alguém?

— Você é um homem morto — disse Johnny Stomp. — Mickey descobriu sobre você e Audrey. Os vizinhos viram você levando-a embora, e tenho sorte de ele não ter descoberto que lhe dei a dica. Foi bom conhecer você, Meeks. Sempre achei que tinha estilo.

Saia do caminho, Danny Upshaw. O gordo está vindo. Buzz olhou para Mal pagando à mãe do assassino, teve uma ideia — ou a ideia o teve.

— Cabeça a prêmio?

— Dez mil. Quinze se pegarem você vivo, para que Mickey possa se divertir.

— Merreca. Johnny, quer ganhar vinte mil para trabalhar duas horas?

— Você me mata. Daqui a pouco vai me oferecer um encontro com Lana Turner.

— Estou falando sério.

— Onde vai conseguir essa grana?

— Terei dentro de duas semanas. Trato?

— O que o faz pensar que vai viver tanto assim?

— Você não é jogador?

— Ah, merda. Trato feito.

— Ligo para você — disse Buzz e desligou. Mal estava junto dele, balançando a cabeça.

— Mickey sabe?

— É, Mickey sabe. Você tem uma cama?

Mal deu um soco de leve no braço de Buzz.

— Garoto, acho que as pessoas estão começando a descobrir a verdade sobre você.

— O que quer dizer?

— Descobri uma coisa hoje.

— O quê?

— Você matou Gene Niles.

CAPÍTULO XXXVII

A opinião de Mal sobre Johnny Stompanato: duas partes de encanto escorregadio, duas partes de malandro que sabe das coisas, seis partes de malignidade. Sua opinião sobre a situação inteira: Buzz estava condenado, e a voz dele falando com Audrey ao telefone dizia que sabia disso. Coleman preso por quatro assassinatos sexuais e mais indiciamentos do grande júri somavam-se para que Stefan fosse largado na sua porta como um presente de Natal. O *Herald* e o *Mirror* estavam aproveitando o assassinato de Gordean, nenhum suspeito, matérias ocas dizendo que a vítima era um empresário honesto, sem qualquer menção ao dinheiro do banco — os oficiais que atenderam ao caso provavelmente engordaram. Os jornais colocaram a AUFC como instigadora do tumulto que os caminhoneiros começaram; Buzz ficou impressionado com o tiro no escuro que ele deu em relação a Gene Niles e acreditou em sua promessa de não abrir o bico. O gordo ia dar uma prensa na sobrinha de Dudley enquanto ele e Stompanato prensavam Chaz Minear, e quando os dois tivessem localizado Coleman, ele ligaria para seus contatos nos jornais para que pudessem estar lá na hora da captura: primeiras entrevistas com o capitão Malcolm E. Considine, captor do monstro texugo. E em seguida Dudley Smith.

Estavam sentados no carro de Stompanato, às oito da manhã, uma campana de policial com mafioso. Mal sabia o que encontraria; Buzz dera as informações a Johnny e molhara a mão do porteiro do prédio de Minear. O homem lhe disse que todos os dias Chaz saía para tomar o café da manhã às oito e dez, mais ou menos. Andava até o Wilshire Derby, na Mariposa, e voltava com o jornal mais ou menos às nove. Buzz deu-lhe uma nota de cem para sumir entre nove e meia e dez; durante aquela meia hora eles teriam uma boa oportunidade.

Mal vigiava a porta; Stompanato manicurava as unhas com um canivete e cantarolava ópera. Às 8:09 um homem baixo com suéter e calças de tênis entrou no Conquistador Apartments; o porteiro fez sinal de positivo.

Stompanato cortou uma cutícula e sorriu; Mal elevou o quociente de malignidade dele até o espaço.

Esperaram.

Às 9:30 o porteiro bateu no quepe, entrou num carro e saiu; às 9:33 Chaz Minear entrou no prédio segurando um jornal. Stompanato guardou o canivete; Mal falou:

— Agora.

Marcharam rapidamente para o saguão. Minear estava verificando sua caixa de correspondência; Johnny Stomp foi na frente até o elevador e abriu a porta. Mal demorou-se junto a um espelho, ajeitando a gravata, tendo uma visão reversa de Minear pegando cartas, Stompanato mantendo a porta do elevador aberta com o pé, sorrindo como um bom vizinho. O pequeno Chaz caminhou e entrou na armadilha; Mal foi atrás dele, empurrou o pé de Johnny e deixou a porta fechar.

Minear apertou o botão do três. Mal viu a chave da porta já em sua mão, agarrou-a e deu-lhe um soco rápido. Minear largou o jornal e a correspondência e se dobrou ao meio; Johnny grudou-se à parede, uma das mãos no pescoço dele. Minear ficou roxo-azulado; parecia que seus olhos iriam saltar. Mal falou com ele, imitando Dudley Smith.

— Sabemos que você matou Felix Gordean. Nós éramos sócios dele no serviço com o Loftis, e você vai contar tudinho sobre Reynolds e o filho dele. Tudinho, *garoto*.

A porta se abriu; Mal viu “311” na chave e um corredor vazio. Saiu, localizou o apartamento quatro portas adiante. Abriu e ficou de lado. Stompanato forçou Minear a entrar e soltou seu pescoço; Chaz caiu, tentando respirar. Mal falou:

— Você sabe o que perguntar a ele. Faça isso enquanto procuro os dossiês.

Minear tossiu palavras; Johnny pisou em seu pescoço. Mal tirou o paletó, arregaçou as mangas e saiu revirando.

O apartamento tinha cinco cômodos: sala, quarto, cozinha, banheiro, estúdio. Mal atacou o estúdio primeiro: era o mais distante de Stompanato e do maricas. Um rádio foi ligado, o seletor passando por jazz, jingles comerciais e noticiário, parando numa ópera, um barítono e um soprano partindo um para cima do outro por sobre uma orquestra trovejante. Mal pensou ter ouvido Minear gritando; a música aumentou de volume.

Mal trabalhou.

O estúdio — escrivaninha, arquivos e um gaveteiro — guardava pilhas de roteiros de cinema, cópias a carbono das cartas políticas de Minear, correspondência para ele, lembretes variados e um revólver .32, tambor vazio, cano com pólvora. O quarto era decorado em tons pastel e cheio de pilhas de livros; havia um armário cheio de roupas caras e fileiras de sapatos arrumados em suportes. Uma penteadeira antiga tinha gavetas cheias de tratados de propaganda; debaixo da cama havia apenas outros sapatos.

A ópera continuava uivando; Mal olhou o relógio, viu 10:25, uma hora já e dois cômodos limpos. Examinou superficialmente o banheiro; a música parou; Stompanato pôs a cabeça na porta. Falou:

— A bicha abriu o bico. Diga a Meeks que é melhor ficar vivo para me dar meu dinheiro.

O valentão estava com as bochechas esverdeadas. Mal falou:

— Vou olhar a cozinha e depois falo com ele.

— Esqueça. Loftis e Claire não-sei-das-quantas estão com os dossiês. Venha, você tem de ouvir isto.

Mal seguiu Johnny até a sala de estar. Chaz Minear estava sentado empertigado numa cadeira de vime; havia inchaços nas suas bochechas e o sangue se coagulava abaixo das narinas. Suas roupas brancas de tênis continuavam imaculadas, os olhos estavam desfocados, ele mostrava um riso exausto, quase feliz. Mal olhou para Stompanato; Johnny disse:

— Enfiei meia garrafa de Beefeaters nele. — Em seguida deu um tapinha no cassete pendurado no cinto. — *In vino veritas, capisce?*

Danny Upshaw lhe dissera a mesma coisa — na única vez em que tinham bebido juntos. Mal sentou-se numa cadeira diante de Minear.

— Por que você matou Gordean? Diga.

Minear, com um sotaque tranquilo do Leste:

— Orgulho.

Ele parecia orgulhoso.

— O que quer dizer? — perguntou Mal.

— Orgulho. Gordean estava atormentando Reynolds.

— Ele começou a atormentá-lo em 44. Você demorou um bocado para se vingar.

Minear focalizou Mal.

— A polícia disse a Reynolds e Claire que dedurei Reynolds à Comissão de Atividades Antiamericanas. Não sei como eles sabiam, mas sabiam. Os dois me pressionaram com relação a isso, e dava para ver que o pobre

coração de Reynolds estava partido. Eu sabia que Gordean o estava chantageando de novo, por isso cumpri a penitência. Claire, Reynolds e eu tínhamos nos aproximado de novo. Era bom ter amigos, e foi medonho quando eles começaram a me odiar.

A conversa o estava incomodando — fora ele quem tinha dedurado o dedo-duro.

— Por que você não pegou o dinheiro?

— Ah, meu Deus, não podia. Isso teria destruído o gesto. E Claire tem todo o dinheiro do mundo. Ela o divide generosamente com Reynolds... e com todos os seus amigos. Você não é de fato um criminoso, é? Você parece mais um advogado ou um contador.

Mal gargalhou — uma bicha camicase e romântica o identificara.

— Sou policial.

— Vocês vão me prender?

— Não. Você quer ser preso?

— Quero que todo mundo saiba o que fiz por Reynolds, mas...

— Não quer que saibam por quê? Porque Gordean estava chantageando Loftis?

— É. Verdade.

Mal mudou de direção.

— Por que Reynolds e Claire roubaram os dossiês de Upshaw? Para proteger vocês todos do júri de instrução?

— Não.

— Por causa do irmão mais novo de Reynolds? Do *filho dele*? Era o dossiê *de homicídio* de Upshaw que interessava mais a eles?

Minear ficou mudo; Mal acenou para que Stompanato fosse para os fundos do apartamento.

— Chaz, você já disse uma vez. Agora precisa dizer a mim.

Sem resposta.

— Chaz, eu faço um trato. Garanto que todo mundo saberá que você matou Gordean, mas não vou deixar Reynolds ser magoado de novo. O que você vai conseguir é o que você quer. Reynolds saberá que você teve coragem e que se vingou por ele. Vai amar você de novo. Vai perdoar você.

“Amar você” e “perdoar você” fizeram Minear chorar, jorros de lágrimas que ele enxugou com as mangas do suéter.

— Reynolds me deixou por causa dele. Foi por isso que o entreguei ao Comitê de Atividades Antiamericanas.

Mal inclinou-se mais para perto.

— Deixou você por quem?

— Por *ele*.

— Quem é “ele”?

— O irmãozinho de Reynolds era na verdade filho dele. A mãe era uma mulher religiosa maluca com quem Reynolds teve um caso. Ela tirou o dinheiro dele e ficou com o garoto. Quando Coleman fez dezenove anos, fugiu da mulher e encontrou Reynolds. Reynolds pegou-o e fez dele seu amante. Ele me deixou para ficar com o próprio filho.

Mal empurrou a cadeira para trás. A confissão era um filme de horror do qual ele queria fugir gritando. Falou, antes que se mandasse de verdade:

— Conte tudo.

Minear ergueu a voz, como se tivesse medo de que o confessor fosse fugir; acelerou, como se estivesse ansioso para ser absolvido ou punido.

— Felix Gordean estava chantageando Reynolds por volta de 44. De algum modo descobriu a respeito dele e Coleman, e ameaçou contar isso a Herman Gerstein. Gerstein odeia homens como nós e teria arruinado Reynolds. Quando aquele policial apareceu interrogando Felix sobre os três primeiros assassinatos, Felix somou dois e dois. George Wiltsie tinha estado com Reynolds; Martin Goines e Coleman eram jazzistas. Depois Augie Duarte foi morto e mais detalhes saíram nos jornais. O homem deixou escapar algumas coisas e Felix sabia que Coleman tinha de ser o assassino. Ele renovou suas exigências de chantagem e Reynolds lhe deu mais dez mil.

“Claire e Reynolds confiaram em mim, e eu sabia que podia compensar pela informação que dei sobre ele. Depois dos primeiros três assassinatos eles sabiam que tinha de ser Coleman; leram um tabloide que dava os detalhes sobre as mutilações, e souberam a partir dos nomes das vítimas. Souberam antes que o policial tentasse se infiltrar na AUFC, estavam procurando Coleman para tentar fazer com que ele parasse. Juan Duarte viu Upshaw no necrotério quando Augie estava lá, e o reconheceu por uma foto que Norman Kostenz tirou. Ele disse a Claire e Reynolds quem Upshaw realmente era, e os dois ficaram apavorados. Tinham lido que a polícia estava procurando um homem que se parecia com Reynolds, e pensaram que Coleman poderia estar tentando incriminar o pai. Deixaram pistas para livrar Reynolds, e eu segui Upshaw quando ele saiu da casa de Claire. No dia seguinte Claire mandou Mondo Lopez abrir a fechadura do apartamento dele e procurar coisas sobre os assassinatos — coisa que o ajudassem a encontrar Coleman. Mondo

encontrou os dossiês e levou para Claire. Ela e Reynolds estavam desesperados para fazer com que Coleman parasse e impedir que...”

Impedir que todo o épico de terror arruinasse Reynolds Loftis de um modo pior do que o júri de instrução jamais poderia.

Mal pensou em Claire — aterrorizada com uma observação inofensiva sobre Sleepy Lagoon na primeira vez em que os dois haviam conversado; pensou no rosto queimado de Coleman, pôs isso de lado e foi direto para a mulher.

— Claire e Coleman. O que há entre eles?

A bicha redentora ficou agitada.

— Claire sustentou Coleman na época do CDSL. Ele estava apaixonado por ela, e contou-lhe que sempre pensava nela quando estava com Reynolds. Ela ouviu todas as suas fantasias medonhas e violentas. Perdoou os dois por estarem juntos. Ela sempre foi muito forte e sempre aceitou. Os assassinatos começaram algumas semanas depois de os jornais publicarem os anúncios de casamento. Quando Coleman ficou sabendo que Reynolds ia ter Claire para sempre, isso deve tê-lo deixado louco. Você vai me prender agora?

Mal não conseguiu se obrigar a dizer não e desmoronar Chaz Minear de vez. Não podia dizer coisa alguma, porque Johnny Stompanato tinha acabado de entrar na sala com seu encanto escorregadio recolocado no lugar, e ele só conseguia pensar que jamais poderia manter Stefan a salvo do horror.

CAPÍTULO XXXVIII

Mary Margaret Conroy estava se revelando uma tremenda mexicanófila.

Buzz a acompanhara da república onde ela morava até um café na União Estudantil da UCLA; ela era uma fragilidade tímida na presença de um *cucaracha* bonito chamado Ricardo. A conversa dos dois era toda em espanhol, e tudo que ele identificou foram palavras como “*corazón*” e “*felicidad*”, coisas de amor que ele reconhecia das vitrolas automáticas nos restaurantes mexicanos. Dali, a sobrinha de Dudley Smith, uma garota com cara de bolacha, foi para uma reunião na Liga Pan-Americana de Estudantes, a uma aula de história da Argentina, almoço, e mais namoro com Ricardo. Agora estava há mais de uma hora presa numa sala de aulas com “arte dos maias”, e quando saísse ele faria a pergunta — ou dá ou desce.

Ficava vigiando o flanco, vendo bandidos em toda a parte, como Mickey com relação aos comunas. Só que no seu caso era real: o próprio Mickey, capangas de Cohen armados com furadores de gelo, cassetetes, garrotes, armas com silenciadores que poderiam deixá-lo morto em meio à multidão, vítima de ataque cardíaco, os otários chamando a ambulância enquanto o pistoleiro se afastava. Continuou verificando rostos e continuou tentando não fazer apostas, porque era um apostador bom demais para dar muita chance a si próprio e a Audrey.

E estava com uma ressaca monstruosa.

E suas costas doíam dos cochilos bêbados no chão de Mal Considine.

Os dois tinham ficado acordados a maior parte da noite, planejando. Buzz ligou para Dave Kleckner em Ventura — Audrey estava segura na casa dele. Tinha ligado para Johnny Stomp com os detalhes sobre o arrocho de Minear e deu a Mal as informações sobre Gene Niles. Mal disse que o havia identificado como assassino por uma intuição — aquela vingança pelo Danny era tão contrária ao seu estilo que ele sabia que a dívida tinha de ser gigantesca. Mal ficou choroso com relação ao garoto, depois ficou louco com Dudley Smith — Dudley culpado pelo que aconteceu com José Diaz, Charles

Hartshorn, supressão de evidência e uma porrada de fichas de conspiração, Dudley sugando gás em Quentin. Jamais deu o salto seguinte: os poderes estabelecidos nunca permitiriam que Dudley Smith fosse julgado por qualquer coisa — seu posto, seus pistolões e sua reputação eram imunidade diplomática.

Em seguida falaram de rotas de fuga. Buzz manteve sua ideia — teria parecido tão louco quanto Mal tentar acabar com Dudley. Falaram sobre esconderijos na Costa Leste, barcos para a China, trabalhos como mercenário na América Central, onde os chefões locais pagavam bons pesos a gringos para manter a ameaça vermelha afastada. Falaram dos prós e contras de levar Audrey, deixar Audrey, a leoa guardada em algum lugar durante uns dois anos. Chegaram a uma conclusão: ele daria mais umas 48 horas para a vingança, depois se enfiaria num buraco em algum lugar.

Soou uma campainha de sala de aula; Buzz ficou puto: Mary Margaret Conroy jamais daria com a língua nos dentes, só confirmaria por suas ações — tudo que ele estava fazendo era ceder ao tesão de Mal por Dudley. “A arte dos maias” liberou um redemoinho de estudantes, Mary Margaret a mais velha por uns bons dez anos de diferença. Buzz acompanhou-a até o lado de fora, deu um tapinha em seu ombro e disse:

— Srta. Conroy, poderia lhe falar durante um segundo?

Mary Margaret virou-se, abraçando seu punhado de livros. Olhou Buzz com desgosto e disse:

— O senhor não é do corpo docente, é?

Buzz forçou-se a não gargalhar.

— Não, não sou. Meu doce, você não diria que o tio Dudley foi muito longe para afastar José Diaz de você?

Mary Margaret ficou branca como um lençol e desmaiou sobre a grama.

Dudley culpado pela morte de Diaz.

Buzz deixou Mary Margaret na grama com um pulso firme e colegas estudantes aproximando-se em bando. Saiu do campus rapidamente e foi à casa de Ellis Loew aproveitar uma intuição: a ausência do Dr. Lesnick enquanto a loucura da AUFC estava a toda era estranha demais. Os quatro detetives do Gabinete que tentavam encontrar o homem estavam preenchendo relatórios na casa; e poderia haver neles alguma coisa que lhe desse uma fagulha além da intuição e do tremor que a causara: todos os dossiês

psiquiátricos terminavam no verão de 49, ainda que os chefões da AUFC continuassem consultando Lesnick. Esse fato fedia tremendamente.

Buzz estacionou no gramado da frente de Loew, já apinhado de carros. Ouviu vozes vindo do pátio dos fundos, rodeou e viu Ellis com sua corte no quintal. O champanhe estava esfriando no carrinho de gelo; Loew, Herman Gerstein, Ed Satterlee e Mickey Cohen estavam levantando taças. Dois rapazes de Cohen montavam sentinela de costas para ele; ninguém o vira ainda. Ele se escondeu atrás de uma treliça e ouviu.

Gerstein estava exultando: a culpa pela briga do piquete ontem caiu sobre a AUFC; a equipe de filmagem dos caminhoneiros deixou vaziar sua versão do tumulto às Atualidades Movietone, que daria à matéria o título de “Violência vermelha varre Hollywood” e iria projetá-la em cinemas de todo o país. Ellis veio com suas boas novas: os membros do júri de instrução que estavam sendo nomeados pelo Conselho Municipal pareciam muito simpáticos, sua casa estava apinhada de grandes provas, um bocado de indiciamentos parecia iminente. Satterlee ficou falando sobre o clima perfeito, que o júri de instrução era uma coisa maravilhosa, uma coisa que nunca mais se repetiria. O escroto parecia à beira de pedir que todos se ajoelhassem em oração; Mickey calou-o e, pouco sutilmente, começou a fazer perguntas sobre o paradeiro do investigador especial Turner “Buzz” Meeks.

Buzz foi até a frente da casa e entrou. Datilógrafos datilogravavam; arquivistas arquivavam; havia documentação suficiente na sala para fazer confete para um milhão de desfiles. Foi até o quadro de relatórios e viu que ele fora substituído por toda uma parede de fotografias.

Carimbos federais de identificação de provas estavam presos às bordas; Buzz viu “CDSL” uma dúzia de vezes e olhou mais de perto. As fotos obviamente eram as de vigilância que Ed Satterlee estivera tentando comprar com um grupo rival; outro exame e ele percebeu que *todas* as fotos estavam marcadas com CDSL, as datas de 43 e 44 na parte de baixo, as fotos arrumadas cronologicamente, provavelmente esperando algum trabalho artístico: círculos nos rostos de comunistas conhecidos. Buzz pensou: Coleman, e começou a procurar um rosto enrolado em bandagens.

A maioria das fotos era tirada de cima, mostrando grupos; algumas eram trechos ampliados onde os rostos eram reproduzidos mais claramente. A qualidade de todas era excelente — os federais conheciam seu serviço. Buzz viu alguns rostos borrados, brancos demais nas fotos anteriores, fotos de multidão da primavera de 43; acompanhou as fotos pela parede, esperando

Coleman sem gaze e curativos, uma ajuda para identificar o assassino em pessoa. Vislumbrou bandagens por todo o verão de 43; pequenos olhares para Claire De Haven e Reynolds Loftis pelo caminho. Depois — blam! — uma visão de Reynolds Loftis que era bem estranha; era o próprio veado bonito, com os dentes muito curtos, com cabelo demais.

Buzz verificou a data — 17/9/43 — verificou de novo os vislumbres de Loftis, verificou de novo as roupas do homem coberto de bandagens. O cabelo de Reynolds havia rareado notavelmente; os dois jovens Reynolds tinham a cabeça cheia de pelos densos. Em três das fotos tiradas de cima, o sujeito da bandagem usava uma camiseta listrada; no close, Reynolds jovem demais usava a mesma coisa. Juan Duarte dissera a Mal que o “irmão mais novo” de Reynolds se parecia com ele — mas *este homem* era Reynolds em todos os aspectos, a não ser no cabelo, cada plano facial e cada ângulo exatamente como o do pai — uma imagem espelhada de papai vinte anos mais novo.

Buzz pensou em semântica, pensou que “parecido” podia ser um sinônimo inepto para “gêmeos idênticos”; Delores Masskie tinha dito que a semelhança era “bastante próxima”. Ele pegou uma lente na mesa de um datilógrafo; acompanhou as fotos, procurando por outros Coleman. Na terceira encontrou um plano próximo do rapaz com um homem e uma mulher; levou a lente até lá e forçou a vista ao máximo.

Nenhum tipo de cicatriz de queimadura; nada de pele marcada e brilhante; nenhuma mancha irregular onde a carne tinha sido chamuscada.

Duas fotos adiante, uma coluna abaixo. Dez de novembro de 1943. O garoto de lado, virado para Claire De Haven, sem camisa. Cicatrizes profundas, perfeitamente retas no braço direito, uma fileira, cicatrizes idênticas às que viu no braço de um ator da RKO que teve o rosto reconstruído depois de um acidente de automóvel, cicatrizes que o ator mostrara com orgulho, dizendo-lhe que apenas o Dr. Terry Lux fazia enxertos de braço. A pele ali era a melhor, tão boa que valia a remoção de tecido na parte superior do corpo. O ator disse que Terry fizera com que ele se parecesse *exatamente* como antes do acidente — quando olhava para si próprio nem ele poderia dizer qual era a diferença.

Terry Lux havia desintoxicado Claire De Haven três vezes em sua clínica; Terry Lux tinha trabalhadores que matavam galinhas com porretes *zoots*.

Terry Lux lhe disse que Loftis costumava comprar heroína para Claire; Martin Goines foi morto por uma overdose de heroína. Terry Lux diluía a

morfina para suas curas de drogados nas instalações de sua clínica.

Buzz manteve a lente virada para a parede, continuou examinando. Teve uma visão das costas de Coleman sem camisa, viu um retalho de cicatrizes perfeitamente retas que o fez pensar em ferimentos causados por porretes *zoots*; encontrou outras fotos de grupo que pareciam mostrar Coleman dando em cima de Claire De Haven. Evidências fortes: Coleman Masskie Loftis fez cirurgia plástica para se parecer mais com o pai. Ele se parecia suficientemente com o pai para identificá-lo antes na foto de Delores; agora ele *era* ele. Sua “proteção especial” contra Dudley Smith estava sendo o disfarce como Loftis.

Buzz arrancou da parede a melhor foto de Coleman, enfiou no bolso e encontrou uma mesa cheia de relatórios dos homens do Gabinete. Examinou rapidamente as últimas informações; tudo que os policiais tinham feito era interrogar a filha de Lesnick que acabara de sair sob condicional — ela disse que o homem tinha quase morrido do câncer de pulmão e estava pensando em se internar numa casa de repouso para fazer exames. Estava para enfiar no bolso uma lista de sanatórios locais quando ouviu “traidor”, e viu Mickey e Herman Gerstein parados a pouco mais de um metro.

Cohen com a possibilidade de atacar, mas meia dúzia de testemunhas estragando a chance. Buzz falou:

— Suponho que isso significa que meu trabalho como segurança está acabado. Não é, Mick?

O sujeito parecia tão magoado quanto furioso.

— Seu traidor *goy* de merda. Escroto. Comunista. Quanto dinheiro lhe dei? Quanto dinheiro conseguiu para você e você me fez uma coisa dessas?

— Demais, Mick.

— Essa não é uma resposta inteligente, seu merda. Você deveria implorar. Deveria implorar para eu não acabar com você lentamente.

— Ajudaria?

— Não.

— Pois é, chefe.

— Herman — disse Mickey. — Saia desta sala. — Gerstein saiu. Os datilógrafos continuaram datilografando e os arquivistas continuaram arquivando. Buzz provocou um pouco o baixinho.

— Sem mágoas, hein?

— Vou fazer um trato com você, porque quando eu digo “trato”, sempre se pode confiar. Certo?

“Confiar” e “trato” eram a obrigação moral do sujeito — por isso ele fora trabalhar com ele em vez de com Siegel ou Dragna.

— Claro, Mick.

— Mande Audrey de volta para mim e eu não toco num fio de cabelo dela e não vou devagar com você. Confia na minha palavra?

— Confio.

— Confia em que vou pegar você?

— Você é o favorito nas apostas, chefe.

— Então seja inteligente e faça isso.

— Sem trato. Tome cuidado, judeu. Vou sentir falta de você. Vou mesmo.

Sanatório Pacific — rápido.

Buzz saiu da Pacific Coast Highway e buzinou junto ao portão; o interfone respondeu:

— Sim?

— Turner Meeks para falar com o Dr. Lux.

Sons de estática durante uns bons dez segundos, depois:

— Estacione à esquerda perto da porta onde está escrito “visitantes”, atravesse o saguão e pegue o elevador até o segundo andar. O doutor irá recebê-lo na sala dele.

Buzz fez isso, estacionando, atravessando o saguão. O elevador estava em uso; pegou a escada até o segundo andar, viu a porta aberta, ouviu “babuíno de Oklahoma” e parou antes de dar o último passo.

A voz de Terry Lux:

— ...mas eu preciso falar com ele, ele é um contato com Howard Hughes. Escute, deve haver alguma coisa que me interesse nos jornais de hoje; um sujeito com quem eu negociava foi assassinado. Acabei de ouvir pelo rádio, de modo que vá me pegar todos os diários de LA enquanto falo com esse palhaço.

Apostas na relação Lux-Gordean: seis por um como havia. Buzz voltou até o carro, pegou seu cassete, enfiou na parte de trás das calças e demorou-se para entrar. O elevador estava vazio; empurrou o botão do número 2 e subiu pensando em como Terry gostava de dinheiro, em como ele se importava pouco em saber de onde o dinheiro vinha. A porta se abriu; o próprio Dr. Drogas estava ali para recebê-lo.

— Buzz, há quanto tempo não o vejo.

O corredor da administração parecia deserto — nenhuma enfermeira ou auxiliar à vista.

— Como vai, Terry?

— Isso tem a ver com negócios, Buzz.

— Claro que sim, chefe. E extradiscreto. Você tem um lugar onde a gente possa falar?

Lux guiou Buzz pelo corredor, até uma salinha com arquivos e cartazes sobre reconstrução facial. Fechou a porta; Buzz trancou-a e encostou-se nela. Lux falou:

— Que diabo você está fazendo?

Buzz sentiu o cassetete cutucando a coluna.

— Primavera de 43, você fez uma cirurgia plástica no filho de Reynolds Loftis. Fale-me disso.

— Não sei do que você está falando. Verifique meus dossiês de 43, se quiser.

— Isto não é negociável, Terry. É você desembucha tudo, inclusive Gordean.

— Não há o que negociar, porque não sei do que você está falando.

Buzz pegou o cassetete e acertou Lux atrás dos joelhos. O golpe lançou-o contra a parede; Buzz agarrou um punhado de seus cabelos e bateu com o rosto dele contra o portal. Lux deslizou até o chão, deixando um rastro de sangue no mogno envernizado, balbuciando:

— Não me bata. Não me bata.

Buzz deu um passo atrás.

— Fique aí, o chão combina com você. Por que cortou o garoto para ele se parecer com o pai? Quem mandou fazer isso?

Lux inclinou a cabeça para trás, gorgolejou e sacudiu-se como um cão esparrinhando água.

— Você me arranhou. Você... você me arranhou.

— Faça uma plástica. E me responda.

— Loftis me mandou fazer. Ele me pagou bastante dinheiro, e pagou para que eu não contasse a ninguém. Loftis e o psicopata tinham essencialmente a mesma estrutura óssea, e fiz o serviço.

— Por que Loftis quis isso?

Lux sentou-se e massageou os joelhos. Seus olhos dardejaram para um interfone sobre um arquivo, fora de seu alcance; Buzz esmagou o

equipamento com seu porrete.

— Por quê? E não me diga que Loftis queria que o garoto se parecesse com ele para ser astro de cinema.

— Ele me disse isso!

Buzz bateu com o porrete na perna dele.

— Por que chamou Coleman de psicopata?

— Ele fez o pós-operatório aqui, e o peguei atacando o viveiro! Ele estava cortando as galinhas com um daqueles porretes *zoots* que meus homens usam! Estava bebendo o sangue delas!

— E isso é um psicopata, sem dúvida. — Buzz pensou que Terry *tinha* de estar limpo quanto ao conhecimento de crimes: o idiota pensava que as galinhas eram o pior que acontecera. — Chefe, que tipo de negócio você fez com Felix Gordean?

— Eu não matei ele!

— Sei disso, e tenho bastante certeza de que não sabe quem fez. Mas aposto que falou com ele alguma coisa sobre Reynolds Loftis por volta de 43 ou 44, e Gordean começou a ganhar dinheiro discretamente com isso. Parece certo?

Lux ficou quieto; Buzz falou:

— Responda, ou começo a trabalhar nos seus rins.

— Quando eu contar isso a Howard, você estará encrencado.

— Eu terminei com Howard.

Lux deu um passo óbvio:

— Dinheiro, Buzz. É isso que você quer, certo? Você tem uma ideia de como conseguir e precisa de ajuda. Estou certo?

Buzz girou o cassete, segurando a alça. A ponta acertou Lux no peito; Buzz puxou-o de volta como um iô-iô. Lux guinchou diante da pequena maravilha; Buzz falou:

— Coleman, Loftis e Gordean. Junte os três.

Lux levantou-se e ajeitou as dobras do jaleco. Falou:

— Mais ou menos um ano depois da cirurgia de Coleman, fui a uma festa em Bel Air. Loftis e o suposto irmão mais novo estavam lá. Fingi que não os conhecia, porque Reynolds não queria que as pessoas soubessem da cirurgia. Mais tarde, naquela noite, eu estava passando pelas cabanas. Vi Coleman e Loftis se beijando. Isso me deixou louco. Eu tinha feito a plástica do garoto para um perverso incestuoso. Eu sabia que Felix gostava de chantagear

veados, por isso vendi a ele a informação. Achei que ele tinha chantageado Loftis. Não fique tão chocado, Meeks. Você teria feito a mesma coisa.

A citação do dossiê de Minear:

“Se você soubesse quem *ele* era, saberia por que o dedurei” — a única referência que o Dr. Lesnick deixou passar para as mãos do júri de instrução — *o velho informante meio morto tinha de conhecer a história inteira*. Buzz olhou para Lux recolhendo-se de volta em sua dignidade, empurrou-o contra a parede e o manteve ali com o cassete.

— Quando viu Coleman pela última vez?

A voz de Lux estava aguda e fraca.

— Por volta de 45. O paizinho e o filhinho devem ter brigado. Coleman veio me procurar com dois mil e disse que não queria ficar tão parecido com o pai. Pediu que eu quebrasse seu rosto cientificamente. Eu lhe disse que, como gosto de infligir dor, só receberia mil e quinhentos. Prendi-o numa cadeira de dentista, calcei luvas de boxe e quebrei cada osso de seu rosto. Mantive-o sob morfina enquanto ele se recuperava no galinheiro. Ele partiu com um pequeno vício em morfina e hematomas não tão pequenos. Começou a usar barba, e tudo que restou de Reynolds eram seus olhos. Agora, quer tirar essa porcaria desse porrete de mim?

Bingo — o ângulo de Goines com a heroína. Buzz afastou o porrete.

— Eu sei que você dilui sua própria morfina aqui, nas instalações.

Lux tirou um bisturi do bolso e começou a limpar as unhas.

— Com autorização da polícia.

— Você me disse que Loftis comprava heroína para Claire De Haven. Você e ele usam os mesmos fornecedores?

— Alguns. Negros com conexões com policiais no sul da cidade. E só lido com lacaios oficialmente sancionados... como você.

— Coleman tem informações sobre eles?

— Claro. Depois da primeira cirurgia eu lhe dei uma lista. Ele tinha uma paixonite por Claire e disse que queria ajudá-la a conseguir a coisa, ele próprio bancar o avião para que ela não tivesse de se encontrar com crioulos. Quando ele partiu, depois de minha segunda cirurgia, provavelmente passou a usar para seu vício próprio.

Uma salva de palmas para Coleman Loftis: ele abandonou a morfina e assumiu o assassinato com culto ao texugo.

— Quero essa lista. Agora.

Lux abriu o arquivo junto ao telefone demolido. Puxou um papel e estendeu a mão para algumas folhas em branco; Buzz falou:

— Eu fico com o original — e agarrou-o.

O médico deu de ombros e voltou a limpar as unhas. Buzz começou a afastar o cassete; Lux falou:

— Sua mãe não lhe disse que não é educado ficar encarando?

Buzz continuou quieto.

— Faz o tipo forte, silencioso. Estou impressionado.

— Estou impressionado com você, Terry.

— Como assim?

— Com sua capacidade de recuperação. Aposto que você se convenceu de que essa pequena humilhação não aconteceu de fato.

Lux suspirou.

— Eu sou Hollywood, Buzz. O que vem fácil vai fácil, e já é uma memória fraca. Tem um segundo para uma pergunta?

— Claro.

— Com que isso tem a ver? Tem de haver dinheiro em algum ponto. Você não trabalha de graça.

Adiós, Terry.

Buzz deu uma pancada no rim de Lux. Seu golpe mais forte com o cassete. O bisturi caiu da mão do médico. Buzz pegou-o, deu um chute nos bagos de Lux, empurrou-o contra a parede e colocou a palma de sua mão direita encostada nela, estilo Jesus. Lux gritou; Buzz enfiou o bisturi na mão e martelou-o até o cabo com o cassete. Lux gritou mais um pouco, os olhos revirando para trás. Buzz enfiou um punhado de dinheiro em sua boca.

— Isso tem a ver com pagar uma dívida. Isto é para o Coleman.

CAPÍTULO XXXIX

Mal fez outro circuito até a casa de De Haven, perguntando-se se eles sairiam e permitiriam que ele olhasse os dossiês, perguntando-se se já sabiam sobre Gordean. Se Chaz Minear houvesse telefonado, eles teriam de correr até ele; o assassinato estava na primeira página em todas as estações de rádio, e seus amigos tinham de saber que Loftis pelo menos conhecia o sujeito. Mas os dois carros continuavam ali parados, e não havia coisa alguma que ele pudesse fazer além de esperar, ir em frente, esperar para investir.

Canon Drive até Elevado, Comstock até Hillcrest e Santa Monica, e girando de novo — fazer vigilância parado era um convite a que os ubíquos policiais de Beverly Hills o abordassem, fora de sua jurisdição e preparando-se para cometer um delito classe B. A cada vez que passava pela casa ele imaginava mais horrores dentro — Loftis e o próprio filho, uma faca contra a parte dele que vivia para proteger Stefan. Duas horas circulando deixaram-no tonto; ele ligara para a telefonista de Meeks e deixara uma mensagem: encontre-me na Canon Drive — mas o Caddy de Buzz ainda não aparecera, e a coisa ia chegando ao ponto em que ele estava prestes a entrar pela porta apontando a arma.

Rodeando Santa Monica até a Canon, Mal viu um jornaleiro jogando jornais nas varandas e nos gramados, teve uma ideia, parou três casas à frente da de Claire e fixou a varanda no retrovisor. O garoto jogou o jornal e acertou a porta; a porta se abriu e um braço andrógino pegou o jornal. Se eles ainda não sabiam, logo saberiam. E se os cérebros tivessem controle sobre o medo eles pensariam *Chaz*.

Um lento minuto se passou. Mal bateu e achou um suéter velho no banco de trás — bom para socar uma janela. Mais um punhado de segundos lentos, depois Claire e Loftis saindo apressados até o Lincoln na entrada de veículos. Ela sentou-se ao volante; ele ao lado; o carro deu uma ré e foi para o sul — na direção da casa de Minear.

Mal foi até a casa — um homem alto e digno com terno de colete e carregando um suéter dobrado. Viu uma janela lateral junto à porta, socou-a, estendeu a mão e abriu a fechadura. A porta se escancarou; Mal entrou, fechou a porta e trancou-a com o trinco de cima.

Havia pelo menos quinze cômodos para examinar. Mal pensou: armários, escritórios, lugares com mesas — e atacou a escrivaninha perto da escada. Abriu meia dúzia de gavetas, revirou um armário de casacos ali perto, tateando em busca de pastas e papéis soltos, além de olhar.

Nada do butim.

De volta à parte de trás da casa, mais dois armários. Aspiradores de pó e vassouras para tapete, casacos de visom, uma oração para seu velho Deus presbiteriano: por favor, não deixe que eles tenham guardado num cofre. Um escritório perto de um banheiro dos fundos. Estantes, uma escrivaninha — oito gavetas com pot-pourri — roteiros de cinema, papel timbrado, velhos papéis pessoais de Loftis, e nenhum fundo falso ou compartimento secreto.

Mal saiu do escritório por uma porta lateral e sentiu cheiro de café. Seguiu o cheiro até uma sala grande com uma tela de cinema e um projetor no fundo. Uma mesa com bule de café e vários papéis estava estacionada bem no meio, com duas cadeiras enfiadas debaixo — cena de estudo. Foi até lá, começou a ler e viu como Danny Upshaw poderia ter sido bom.

O garoto organizava com limpeza, pensava com inteligência, escrevia com clareza e teria resolvido facilmente os quatro assassinatos se o DPLA lhe desse mais um ou dois dias. Estava ali em seu primeiro relatório resumido, página três, sua segunda testemunha ocular sobre o assassinato de Goines. Claire e Reynolds haviam marcado com um círculo a informação, confirmando o que Minear tinha dito: eles estavam tentando encontrar o filho de Loftis.

Página três.

Testemunha Coleman Healy, interrogado por Danny Upshaw no primeiro dia em que trabalhou integralmente no caso.

Ele tinha menos de trinta anos — a idade certa. *Ele* era descrito como alto, magro e usando barba, que sem dúvida era falsa, que ele tirava ao fazer o papel de seu pai/amante. Ele *de frente* confirmou a visão lateral que um barman fizera de si próprio — preenchendo com a parte da meia-idade. *Ele* era a primeira — e única, segundo Jack Shortell — testemunha a identificar Martin Goines como homossexual, a primeira pista homossexual que Upshaw recebera afora as mutilações. Ponha maquiagem em Coleman, e ele pareceria

ter meia-idade; junte tudo isso aos fios de peruca grisalha que o Dr. Layman encontrara junto ao rio Los Angeles e você tinha Coleman Masskie/Loftis/Healy cometendo assassinatos devido à sua luxúria por sangue e a algum tipo de desejo de vingança contra o estuprador incestuoso Reynolds.

Mas uma coisa não combinava: Danny interrogara Coleman e conhecera Reynolds. Por que não deu o salto para a semelhança óbvia entre os dois?

Mal folheou o resto das páginas, sentindo o garoto dando-lhe tutano. Tudo era perfeitamente lógico e com uma inteligência ousada: Danny estava começando a captar totalmente a psique do assassino. Havia um relatório de seis páginas sobre sua invasão à Tamarind Street — ele *realmente* fizera isso, o último a chegar é mulher do padre, fodam-se as regras rígidas da cidade/condado; receou que o DPLA o arruinasse, por isso não fez o teste com polígrafo que o teria inocentado da morte de Niles, e partiu desta para melhor. Havia fotografias mostrando padrões de sangue, misturadas aos relatórios; o próprio Danny deve tê-las tirado. Ele se arriscara fazendo uma perícia em território inimigo. Mal sentiu lágrimas nos olhos, viu-se construindo o processo de Ellis Loew com evidências coletadas por Danny, levando seu próprio nome a disparar para o alto a partir disso. O assassino texugo na câmara de gás — mandado para lá pelos dois e pelo amigo mais improvável que um policial de alto posto já tivera: Buzz Meeks.

Mal enxugou os olhos; fez uma pilha arrumada das páginas e fotografias. Viu letra feminina nas margens de uma lista de pessoas interrogadas no bairro negro: hotéis do South Side e clubes de jazz com marcas de verificação ao lado da letra de Danny. Enfiou essa página no bolso, juntou o resto do dossiê e saiu pela porta da frente carregando-o. Ao puxar o trinco, ouviu uma chave entrar na fechadura. Abriu a porta corajosamente, como Danny Upshaw na Tamarind Street.

Claire e Loftis estavam ali na varanda; olharam para o vidro partido, depois para Mal e sua braçada de papéis. Claire falou:

— Você rompeu o nosso acordo.

— Foda-se o nosso acordo.

— Eu ia matá-lo. Finalmente achei que não havia outro modo.

Mal viu uma sacola de compras nos braços de Loftis; percebeu que eles não tiveram tempo de procurar Minear.

— Pela justiça? Pela justiça dos homens?

— Acabamos de falar com nosso advogado. Ele disse que não há como você provar alguma acusação de homicídio contra nós.

Mal olhou para Loftis.

— Tudo vai ser revelado. Você e Coleman, tudo. O júri de instrução e o julgamento de Coleman.

Loftis ficou atrás de Claire, cabeça baixa. Mal olhou para a rua e viu Buzz saindo de seu carro. Claire abraçou o noivo; Mal falou:

— Vão cuidar do Chaz. Ele matou um homem por você.

CAPÍTULO XL

Para o bairro negro no carro de Mal, a lista de traficantes de heroína apanhada com Lux e a lista de Danny/Claire grudadas no painel. Mal dirigia; Buzz perguntava-se se havia matado o cirurgião plástico das estrelas; os dois falavam.

Buzz fez o relatório primeiro: a confirmação gemida de Mary Margaret e Lux, menos a crucificação. Falou da cirurgia plástica em Coleman, um estratagema para mantê-lo livre de Dudley e realizar a perversão do pai; Lux entregando a Gordean a informação sobre o incesto com objetivos de chantagem, a história do rosto queimado um instrumento para esconder a perversão dos colegas esquerdistas de Loftis, as bandagens simplesmente para curar cicatrizes da cirurgia. Buzz guardou para o final o lance de Lux quebrando de novo a cara de Coleman; Mal uivou e usou esse ponto para continuar contando sobre o saxofonista Healy, interrogado por Danny Upshaw no dia de Ano-Novo — por isso o garoto nunca saltara para uma semelhança perfeita entre Loftis/Coleman — ela não existia mais.

A partir daí Mal falou sobre Coleman. A pista introdutória de Coleman sobre Martin Goines como bicha, Coleman enfatizando o homem alto, grisalho, Coleman usando peruca grisalha e provavelmente maquiagem quando pegava as vítimas, tirando a barba com a qual Upshaw o vira. Loftis e Claire tinham mandado Mondo Lopez roubar os dossiês de Danny quando descobriram que ele estava trabalhando nos assassinatos de homossexuais — Juan Duarte informara que ele era policial. Mal relatou o interrogatório de Minear, Coleman o terceiro ponto do triângulo amoroso entre 42 e 44, Chaz matando o chantagista Gordean para se redimir aos olhos de Claire e Loftis, Claire e Loftis procurando Coleman. E ambos concordavam: Martin Goines, antigo colega de Coleman, provavelmente fora uma vítima que surgira casualmente — ele estava lá quando o homem-texugo *precisava* matar. As vítimas dois, três e quatro eram para fazer ligação com papai Reynolds — uma tática infernal de incriminação.

Chegaram à Central Avenue, silenciosa durante o dia, um quarteirão de fachadas espalhafatosas — o Taj Mahal, palmeiras cheias de luzes natalinas, claves musicais de lantejoulas, tiras zebradas e um grande bicho-papão de gesso com olhos vermelhos brilhantes. Nenhuma das boates parecia aberta: porteiros/leões de chácara e funcionários de estacionamento varrendo guimbas e vidros quebrados eram os únicos cidadãos na rua. Mal estacionou e pegou o lado oeste; Buzz pegou o leste.

Falou com leões de chácara; falou com funcionários de estacionamento, entregou todo o dinheiro que não tinha enfiado na garganta de Terry Lux. Três dos negros lhe deram um “hein?”; dois não viam Coleman, o tocador de sax-alto, há duas semanas; um palhaço numa túnica de almirante roxa disse que ouvira dizer que Healy estava tocando numa boate particular de negros em Watts, onde deixavam os branquelos tocar se fossem bons e mantivessem as mãos cor de lírio longe das gatas de cor. Buzz atravessou a rua e começou a fazer perguntas indo em direção ao parceiro; mais três “hein?” e Mal veio trotando até ele.

— Falei com um cara que viu Coleman semana passada no Bido Lito’s. Disse que ele estava falando com um velho judeu doente, à beira da morte. O cara disse que ele parecia um dos velhos inimigos do jazz do asilo que fica na 78 com Normandie.

— Você pensou em Lesnick? — perguntou Buzz.

— Estamos na mesma pista, garoto.

— Pare de me chamar de garoto, isso me dá arrepios. Chefe, li um memorando do Gabinete na casa de Ellis. A filha de Lesnick disse que o pai estava pensando em se internar numa casa de repouso. Havia uma lista delas, mas não pude pegar.

— Vamos primeiro à tal na Normandie. Você conseguiu alguma coisa?

— Coleman pode estar tocando numa boate particular de crioulos em Watts.

— Merda. Eu trabalhei há anos na delegacia da 77th e havia toneladas de lugares assim. Mais nenhum detalhe?

— Necas.

— Vamos, pé na estrada.

Chegaram rapidamente à Casa de Repouso Estrela de Davi, Mal atravessando sinais amarelos, trinta quilômetros acima da velocidade limite. Era uma estrutura baixa, de estuque castanho; parecia uma prisão de segurança mínima para pessoas desejosas de morrer. Mal estacionou e foi

direto à mesa da recepção; Buzz encontrou um telefone público do lado de fora e procurou “sanatórios” nas Páginas Amarelas.

Havia 34 no Southside. Buzz arrancou a página; viu Mal parado junto ao carro e foi até lá balançando a cabeça.

— Uns trinta e quatro por aqui. Uma porra de um dia comprido.

— Nada lá dentro — disse Mal. — Nenhum Lesnick registrado, ninguém morrendo de câncer de pulmão na enfermaria. Nenhum Coleman.

— Vamos tentar os hotéis e os traficantes. Se não der resultado, pegamos umas moedas e começamos a telefonar para os sanatórios. Você sabe, acho que Lesnick está fugindo da lei. Se era ele com Coleman, ele está de algum modo envolvido nisso e não iria se registrar com o próprio nome.

Mal bateu no capô do carro.

— Buzz, Claire anotou aquela lista de hotéis. Minear disse que ela e Loftis estavam tentando encontrar Coleman. Se eles já tentaram...

— Isso não quer dizer nada. Coleman foi visto por aqui no espaço de uma semana. Ele podia estar circulando, mas sempre ficava perto da música. Há alguma coisa entre ele e música, porque ninguém o viu tocando um instrumento, agora aqueles crioulos ali dizem que ele é um bom saxofonista. Acho que devemos ir para os hotéis e os traficantes enquanto ainda é dia; quando escurecer vamos para aquelas boates de crioulos.

— Vamos.

Tevere Hotel na 34 com Beach — nenhum branco residindo. Hotel Galleon na 91 com Bekin — o único homem branco ali era um bêbado de 150 quilos enfiado num quarto de solteiro com sua esposa negra e os quatro filhos. Voltando ao carro, Buzz verificou as duas listas e agarrou o braço de Mal.

— Epa!

— O quê?

— Algo combinando. Purple Eagle Hotel, 96 com Central, na lista de Claire. Roland Navarette, quarto 402 no Purple Eagle, na lista de Lux.

— Você demorou um bocado.

— A tinta está toda borrada.

Mal entregou-lhe as chaves.

— Você dirige, vou ver o que mais você deixou passar.

Foram para o sudeste. Buzz raspava as marchas e ficava apertando a embreagem; Mal estudou as duas listas e disse:

— É a única coisa que combina. Sabe o que estou pensando?

— O quê?

— Lux conhece Loftis e De Haven, e Loftis costumava comprar o bagulho para Claire. Eles poderiam também ter acesso aos fornecedores de Lux.

Buzz viu o Purple Eagle — um prédio de seis andares, de blocos de concreto, com uma coleção de enfeites de capô, cromados, fixos sobre um toldo roxo em mau estado. Falou:

— Pode ser — e estacionou em fila dupla; Mal saiu primeiro e praticamente correu para dentro.

Buzz alcançou-o na recepção. Mal estava mostrando o distintivo para o funcionário, um negro magro com os punhos da camisa abotoados num saguão onde fazia um calor sufocante. Ele estava murmurando: “Sim senhor, sim senhor, sim senhor”, um olho em Mal, uma das mãos esticando-se debaixo da mesa.

Mal falou:

— Roland Navarette. Ele ainda está no 402?

O viciado falou, a mão ainda se esticando:

— Não senhor, não senhor.

Buzz girou e agarrou seu pulso no momento exato em que ele estava pegando um embrulho de droga. Torceu os dedos para trás; o viciado começou:

— Sim senhor, sim senhor, sim senhor.

— Um homem branco — disse Buzz —, perto dos trinta anos, talvez com barba. Músico de jazz. Ele compra heroína com Navarette?

— Não senhor, não senhor, não senhor.

— Garoto, diga a verdade ou quebro a mão que você usa para descabelar o palhaço e te joga no xilindró da 77.

— Sim senhor, sim senhor, sim senhor.

Buzz o soltou e pôs o embrulho sobre a mesa. O funcionário esfregou os dedos.

— Um homem branco e uma mulher branca vieram perguntar a mesma coisa há vinte minutos. Eu disse a eles, digo a vocês, Roland tomou jeito, não vende mais bagulho pra ninguém.

Os olhos do vagabundo foram até um telefone interno; Buzz arrancou-o e jogou no chão. Mal correu para a escada.

Buzz bufou atrás dele, pegando-o no patamar do quarto andar. Mal estava no meio de um corredor fedendo a podre, com a arma sacada, apontando para

uma porta. Buzz recuperou o fôlego, sacou sua arma e foi até lá. Mal contou; no três chutaram a porta. Um negro de cuecas manchadas estava sentado no chão enfiando uma agulha no braço, empurrando o êmbolo, sem perceber o ruído e dois homens brancos que apontavam armas para ele. Mal chutou suas pernas e arrancou a seringa de seu braço; Buzz viu uma nota de cem debaixo de outra seringa sobre a penteadeira e soube que Claire e Loftis tinham comprado uma boa quantidade.

Mal estava esbofeteando o traficante, tentando trazê-lo de volta do sétimo céu; Buzz sabia que era inútil. Arrastou-o para longe de Mal, levou-o até o banheiro, enfiou sua cabeça no vaso sanitário e deu a descarga. Roland Navarette voltou à Terra com tremores, arrepios e engasgos; a primeira coisa que viu fora da privada foi um .38 na cara. Buzz falou:

— Para onde você mandou os brancos que estavam procurando Coleman?

— Cara, isso é uma falsidade — disse Roland Navarette.

Buzz engatilhou o revólver.

— Não me obrigue.

— Coleman está tocando tarde da noite num lugar na 106 com Avalon.

Watts, a toda e sem sirene. Buzz segurava o cassetete; Mal pisava fundo em meio ao trânsito do crepúsculo. A 106 com Avalon era o coração do coração de Watts: cada barraco de papel alcatroado no quarteirão tinha bodes e galinhas atrás de cercas de arame farpado. Buzz pensou em negros enlouquecidos sacrificando-os em rituais de vodu, talvez convidando Coleman para um cozido de texugo e uma noite de jazz. Viu uma fileira de luzes azuis piscando ao redor da porta de uma construção de esquina, feita de estuque; falou:

— Pare, estou vendo.

Mal virou à direita e desligou o motor junto ao meio-fio. Buzz apontou para o outro lado da rua.

— Aquele carro branco estava na entrada de veículos de De Haven. — Mal assentiu, abriu o porta-luvas e tirou um par de algemas. — Eu ia deixar os jornais presenciarem isso, mas acho que não há tempo.

— Talvez ele não esteja aqui — disse Buzz. — Loftis e Claire podem estar esperando, ou já pode ter havido problemas. *Você está pronto?*

Mal assentiu.

Buzz viu um grupo de negros fazendo fila perto da porta iluminada de azul e começando a entrar. Fez um gesto para que Mal saísse do carro; apressaram-se pela calçada e entraram atrás do último aficionado de jazz.

O porteiro era um negro gigantesco com camisa azul de tocador de bongô. Começou a bloquear o caminho, depois recuou e fez uma reverência — óbvia cortesia à polícia. Buzz entrou primeiro. A não ser por luzes de Natal azuis presas nas paredes com fita adesiva e um pequeno refletor iluminando o bar, o lugar estava escuro. Havia gente sentada em mesas dobráveis viradas para o palco e para um conjunto silhueteado por mais luzes azuis: lâmpadas de pisca-pisca cobertas por celofane. A música era uma merda de rachar o ouvido, um passo abaixo do ruído. Trompete, baixo, bateria, piano e trombone eram negros com camisas azuis de tocadores de bongô. O sax-alto era Coleman, sem barba, uma lâmpada azul partida piscando através dos olhos de papai Reynolds.

Mal cutucou Buzz e falou alto em seu ouvido.

— Claire e Loftis no balcão do bar. No canto, encolhidos.

Buzz girou, viu os dois, meio gritou para ser ouvido:

— Coleman não pode vê-los. Vamos pegá-lo quando essa porcaria de barulho parar.

Mal foi para a parede da esquerda, de cabeça baixa, em direção ao tablado; Buzz seguiu a pouco mais de um metro atrás, arrastando os pés um pouco: não estou me entregando, não sou policial. Quando estavam quase na beira do palco, olhou de novo para o bar. Claire continuava ali; Loftis não; uma porta do lado direito do salão estava acabando de se fechar, mostrando uma réstia de luz.

Buzz deu um tapinha em Mal; Mal apontou como se já soubesse. Buzz tirou a arma do coldre e colocou no bolso direito da calça; Mal estava com a sua apertada contra a perna. Os crioulos pararam de tocar e Coleman solou: guinchos, sons raspados, buzinas, latidos, rosnados, roncoss — Buzz pensou em animais gigantescos rasgando carne ao ritmo da música. Houve um ruído lamentoso que parecia continuar para sempre, Coleman apontando o sax para as estrelas. As luzes azuis morreram; o lamento virou uma nota grave, *shub-shub-shub* na escuridão, e morreu. Luzes de verdade se acenderam e a plateia partiu para junto do palco, aplaudindo.

Buzz abriu caminho por entre o ajuntamento de corpos, Mal ao lado, extra alto nas pontas dos pés. Todo mundo ao redor era negro; Buzz piscou

em busca de branco e viu Coleman, sax erguido acima da cabeça, passando pela porta lateral da direita.

Mal olhou para ele; Buzz olhou de volta. Eles empurraram, socaram, esbarraram, deram cotoveladas e joelhadas abrindo caminho, recebendo cotovelos, empurrões e bebidas jogadas no rosto. Buzz chegou à porta enxugando ardor de *bourbon* dos olhos; ouviu um grito e um tiro do outro lado — e Mal atravessou a porta com a arma na frente.

Outro tiro; Buzz correu atrás da sombra de Mal. Um fétido corredor de linóleo. Duas formas lutando no chão a seis metros de distância; Mal apontando; a mão da arma sustentada pela outra. Um sujeito negro surgiu de um corredor lateral e tentou bloquear sua mira; Mal atirou nele duas vezes. O homem se desencostou da parede e caiu de cara; Buzz olhou para os dois no chão. Era Loftis sendo estrangulado por Coleman Healy, grandes e feias dentaduras cor-de-rosa com presas em sua boca. O peito de Coleman estava ensanguentado; Loftis estava encharcado de vermelho-escuro nas pernas e na virilha. Havia um revólver caído ao seu lado.

Mal gritou:

— Coleman, recue!

Buzz deslizou pela parede, apontando o .38, procurando uma mira limpa no homem-texugo. Coleman deu um berro abafado pela dentadura e arrancou com a mordida um pedaço do nariz do pai; Mal disparou três vezes, acertando Loftis na lateral do corpo e no peito, arrancando-o da coisa que o atacava. Coleman envolveu papai com os braços como um animal sedento de sangue e foi em direção à sua garganta. Buzz apontou para a cabeça voraz; Mal bloqueou seu braço e disparou de novo, um ricochete que rasgou as paredes com ziguezagues. Buzz soltou-se e deu um tiro; Coleman agarrou o ombro; Mal pegou suas algemas e correu para lá.

Buzz jogou-se no chão e tentou encontrar uma mira; as pernas e o paletó de Mal tornaram isso impossível. Ele se levantou e correu; viu Coleman pegar a arma no chão e apontar. Um, dois, três tiros. Mal foi erguido acima do chão e girou com o rosto explodido. O corpo desmoronou na frente dele; Buzz andou até Coleman; Coleman riu por trás de presas sangrentas e levantou a arma. Buzz atirou primeiro, esvaziando o revólver na dentadura de texugo, gritando quando finalmente chegou a um cartucho vazio. Continuou gritando, e ainda estava gritando quando irrompeu uma porrada de policiais, tentando arrancar Mal Considine dele.

Parte 4

O BLUES DO CAÇADOR DE VERMELHOS

CAPÍTULO XLI

Dez dias se passaram; Buzz escondeu-se num motel em San Pedro. Johnny Stompanato trouxe-lhe informações e incomodou-o pedindo o pagamento pela participação no arrocho de Minear; o restaurante chinês mais adiante na rua entregava três refeições gordurosas por dia; os jornais e o rádio davam mais informações. Ele telefonava para Audrey em Ventura todas as noites, tecendo para ela altas histórias sobre o Rio e Buenos Aires, de onde o governo americano não poderia extraditá-los, e Mickey era pão-duro demais para mandar homens até lá. Falava do último e mais louco esquema para ganhar dinheiro em sua carreira em LA, perguntando-se se sobreviveria para gastar os lucros. Ouvia música caipira, e Hank Williams e Spade Cooley faziam coisas terríveis com ele. Sentia uma falta terrível de Mal Considine.

Depois do tiroteio um exército do DPLA calou os cidadãos e removeu os corpos. Quatro mortos: Coleman, Loftis, Mal e o leão de chácara da porta de trás em quem ele atirara. Claire De Haven havia desaparecido — provavelmente tinha mandado Reynolds em sua missão lunática, ouviu os tiros, decidiu que uma redenção por noite bastava, e calmamente pegou um táxi para casa a fim de planejar mais revoltas populares, estilo Beverly Hills. Ele acompanhou Mal até o necrotério e fez uma declaração no esquadrão da 77, ligando as mortes de Healy/Loftis aos assassinatos de homossexuais e insistindo em que o falecido detetive Danny Upshaw recebesse o crédito pela solução do caso. Sua declaração escamoteava as ilegalidades feitas por ele e Mal; não mencionou Felix Gordean, Chaz Minear, Dudley Smith ou Mike Breuning. Que o fruta Chaz vivesse para desfrutar de sua redenção; o maluco Dud era grande demais para ser denunciado pelo assassinato de José Diaz ou pelo “suicídio” de Charles Hartshorn.

Lendo nas entrelinhas dos jornais, era possível acompanhar o desfecho: o assassinato de Gordean sem solução, sem suspeitos; o tiroteio explicado como Mal e ele “seguindo uma pista de um caso antigo”. A morte do crioulo atribuída a Coleman. Nenhum ângulo com relação a comunistas ou veados

em todo o caso — Ellis Loew tinha muitas conexões na imprensa e odiava complicações. Reynolds e seu filho/amante foram descartados como “velhos inimigos resolvendo uma disputa” — o disparate para suplantar todos os disparates.

Mal Considine teve enterro de herói. O prefeito Bowron compareceu, bem como todo o conselho municipal de LA, a comissão de supervisores e seletos chefes do DPLA. Dudley Smith fez um necrológio comovente, citando a “grande cruzada” de Mal contra o comunismo. O *Herald* publicou uma foto de Dudley apertando o queixo de Stefan, o filho de Mal, exortando-o a “entrar para a tropa”.

Johnny Stomp era o seu conduto para informações sobre o júri de instrução, de Ellis Loew para Mickey para ele — e parecia haver material de 24 quilates em todas as frentes:

Loew começaria na próxima semana sua apresentação de provas — perfeita noção de tempo — a AUFC ainda estava recebendo o impacto de editoriais de rádio e jornal culpando-a pelo derramamento de sangue na Gower Gulch. Herman Gerstein, Howard Hughes e dois outros chefes de estúdios tinham dito a Loew que expulsariam a AUFC no dia em que o júri de instrução fosse convocado — rompendo o contrato sindical baseados nas cláusulas com letras miúdas relativas à expulsão por atividades subversivas.

Outras alegres notícias de Johnny: Terry Lux sofrera um derrame — resultado de “prolongada privação de oxigênio” causada por um monte de dinheiro na boca e uma artéria estourada na mão direita. Estava se recuperando bem, mas os tendões arruinados naquela mão iriam impedi-lo de realizar cirurgias plásticas de novo. Mickey Cohen tinha aumentado o prêmio pela cabeça de Meeks para vinte mil dólares; Buzz aumentou seu pagamento pelo serviço com Minear para 25.000, de modo que Stompanato não pusesse uma bala na sua cabeça. Mick estava arrancando os cabelos por causa de Audrey; montara um templo com as lembranças de Audrey: suas fotos de publicidade como stripper, as roupas que usava quando era estrela principal do Burbank em 38. Mickey trancou todo o material em seu quarto no esconderijo e passava horas extasiado. Algumas vezes dava para ouvi-lo chorar como um bebê.

E o próprio Turner Meeks, dono do verdadeiro amor da Garota Fenomenal, estava ficando gordo, gordo, mais gordo à custa de pato *moo shoo*, porco agridoce, *chop suey* de camarão e bife *kowloon* — uma porrada de últimas refeições para um homem condenado. Faltando um dia para sua

jogada pelo dinheiro, ele sabia que havia duas coisas que queria saber antes de enfiar a cabeça no laço da forca: toda a história sobre Coleman e por que a AUFC ainda não fizera seu esquema de extorsão contra os estúdios — qualquer que ele fosse. E ele tinha uma ideia de que sabia onde encontrar as respostas.

Foi até o escritório do motel, trocou uma nota de cinco por moedas e foi à cabine telefônica do estacionamento. Pegou a lista de casas de repouso que havia arrancado das Páginas Amarelas no dia do tiroteio e começou a telefonar, fazendo papel de policial. Achava que Lesnick estaria escondido com um nome falso, mas mesmo assim dizia seu nome verdadeiro aos empregados com quem falava, junto com “velho”, “judeu”, “morrendo de câncer do pulmão”. Estava três dólares e dez centavos mais pobre quando uma garota falou:

— Está parecendo o Sr. Leon Trotsky.

Ela prosseguiu dizendo que o velho saíra contra o conselho médico e deixara o novo endereço: o Seaspray Motel, Hibiscus Lane, 10.671, Redondo Beach.

Uma piada barata de comunista tornando fácil identificá-lo.

Buzz foi até uma locadora e alugou um velho sedã Ford, pensando que ele parecia ter a frente muito comprida para ser um carro de aluguel. Pagou uma semana adiantado, deixou o funcionário olhar sua carteira de motorista e pediu-lhe uma caneta e papel. O funcionário obedeceu; Buzz escreveu:

Dr. Lesnick

Eu trabalhei um tempo com o júri de instrução. Estava presente quando Coleman e Reynolds Loftis foram mortos e sei o que aconteceu com eles entre 42 e 44. Não deixei essas informações vazarem. Verifique os jornais caso não acredite. Preciso sair de Los Angeles por causa de umas encrencas e gostaria de falar com o senhor sobre Coleman. Não contarei ao júri de instrução o que o senhor me contar — eu iria me machucar se fizesse isso.

T. Meeks.

Buzz foi até o Seaspray Motel, esperando que a morte de Mal tivesse afastado os homens do esquadrão que estavam procurando Lesnick. Havia um pátio para automóveis no final de uma rua sem saída que dava na praia; o

escritório tinha a forma de um foguete espacial apontado para as estrelas. Buzz entrou e bateu na sineta.

Um rapaz com espinhas medonhas veio dos fundos.

— Quer um quarto?

— O Sr. Trotski ainda está vivo?

— Por pouco. Por quê?

Buzz entregou-lhe o bilhete e uma nota de cinco.

— Ele está aí?

— Ele sempre está aí. Aqui ou na praia. Para onde iria? Dançar?

— Dê-lhe o papel, filho. Fique com os cinco. Se ele disser que fala comigo, a nota de Abraham Lincoln tem uma irmã.

O garoto espinhento fez um gesto para que Buzz saísse; Buzz ficou perto do carro e viu-o seguir até o meio do pátio e bater numa porta. A porta se abriu, o garoto entrou; um minuto depois, voltou trazendo duas cadeiras de praia, com um velho curvado segurando seu braço. A intuição funcionou; Lesnick queria um ouvido amigável na sua despedida.

Buzz deixou que os dois chegassem até ele. O velho estava com a mão estendida já há dez metros; os olhos brilhantes de doença, o rosto era de um bege lamacento, e tudo nele parecia escavado. Sua voz era forte — e o sorriso que vinha junto dizia que ele estava orgulhoso do fato.

— Sr. Meeks?

Buzz deu um pequeno aperto na mão, com medo de quebrar ossos.

— Sim, doutor.

— E qual é o seu posto?

— Não sou policial.

— É? E o que estava fazendo com o júri de instrução?

Buzz entregou uma nota de cinco ao funcionário e pegou as cadeiras de praia. O garoto saiu sorrindo; Lesnick segurou o braço de Buzz.

— Por que, então? Eu tinha pensado que todos os lacaios de Ellis Loew eram policiais.

O peso de Lesnick era quase nada — uma brisa mais forte sopraria o escroto até Catalina.

— Eu fiz aquilo pelo dinheiro — disse Buzz. — Quer conversar na praia?

Lesnick apontou para um lugar perto de algumas pedras — livre de vidros e embrulhos de doce. Buzz guiou-o até lá, as cadeiras um esforço maior do que o homem. Ajeitou os assentos um de frente para o outro, de perto, para

poder ouvir caso a voz do doutor sumisse; acomodou-o e o viu encolher-se em dobras de tecido atalhado. Lesnick falou:

— Quer saber como fui convencido a virar informante?

Verdadeiro comportamento de dedo-duro — ele precisava se justificar. Buzz sentou-se e disse:

— Não tenho certeza.

Lesnick sorriu, como se estivesse satisfeito por poder contar.

— Em 1939, representantes do governo federal me ofereceram uma chance de garantir a libertação de minha filha da prisão Tehachapi, onde ela foi encarcerada por atropelamento com morte. Na época eu era o analista oficial do PC de Los Angeles, e continuei a ser. Eles me disseram que se eu lhes desse acesso a meus dossiês psiquiátricos para avaliação por parte da equipe da sondagem feita em 1940 pelo procurador-geral e por outras sondagens que pudessem aparecer, eles soltariam Andrea imediatamente. Como Andrea ainda tinha um mínimo de mais quatro anos para cumprir e me contara histórias terríveis sobre o abuso que as carcereiras e suas colegas prisioneiras lhe infligiam, não hesitei um segundo em concordar.

Buzz deixou Lesnick recuperar um pouco de fôlego — e cortou para Coleman.

— E o motivo para você não liberar o dossiê de Loftis entre 42 e 44 foi porque Coleman era citado o tempo inteiro. Certo?

— É. Isso significaria muito sofrimento desnecessário para Reynolds e Coleman. Antes de eu entregar os dossiês, verifiquei outras referências com relação a Coleman. Chaz Minear aludia a Coleman, mas só de modo tortuoso, de modo que entreguei o dossiê dele. Fiz o mesmo tipo de correção quando dei os dossiês aos investigadores da Comissão de Atividades Antiamericanas, mas menti e lhes disse que o dossiê de Loftis tinha sido perdido. Não pensei que Ellis Loew acreditaria nessa mentira, por isso simplesmente escondi parte do dossiê de Reynolds e tive esperanças de que morreria antes que eles me pedissem.

— Por que não destruiu simplesmente esse negócio?

Lesnick tossiu e encolheu-se mais fundo no roupão.

— Eu tinha de continuar estudando-o. Isso me compelia tremendamente. Por que você abandonou o júri de instrução? Foram questões morais com relação aos métodos de Ellis Loew?

— Simplesmente achei que a AUFC não valia o trabalho.

— Sua declaração nos jornais lhe dá credibilidade, e me vejo pensando exatamente em quanto você sabe.

Buzz gritou por cima de um súbito ruído de ondas:

— Eu trabalhei nos assassinatos *e* no júri de instrução! O que não sei é a história!

O barulho do oceano diminuiu; Lesnick tossiu e falou:

— Você sabe tudo...

— Doutor, sei o negócio do incesto, da cirurgia plástica e tudo sobre Coleman tentar incriminar o pai. A única outra pessoa que sabia disso era aquele capitão da promotoria que foi morto no clube de jazz, e acho que você quer contar o que sabe, caso contrário não faria esse número juvenil do “Trotsky”. Faz sentido, psiquiatra?

Lesnick riu, tossiu, riu.

— Você entende o conceito de motivação subliminar, Sr. Meeks.

— Eu tenho meio cérebro, chefe. Quer ouvir minha teoria de por que o senhor escondeu os dossiês a partir do verão de 49?

— Por favor, exponha.

— O pessoal da AUFC que sabia das coisas estava falando do casamento de Reynolds e Claire e de como Coleman receberia isso. Certo?

— É. Eu temia que os investigadores vissem as referências sobre Coleman e tentassem localizá-lo como uma de suas testemunhas amigáveis. Claire tentou manter as notícias do casamento fora da imprensa, de modo que Coleman não visse, mas não teve sucesso. A um preço terrível, como tenho certeza de que você sabe.

Buzz olhou para a água, num silêncio de pedra: seu truque predileto para abrir suspeitos. Após cerca de um minuto, Lesnick falou:

— Quando a segunda e a terceira vítimas foram citadas nos tabloides de escândalo, eu soube que o assassino só podia ser Coleman. Ele foi meu analisando na época do CDSL. Eu sabia que devia estar morando em algum lugar perto dos clubes de jazz da Central Avenue, e o localizei. Houve um tempo em que fomos íntimos, e eu achava que podia conversar com ele, levá-lo até uma instituição trancada e acabar com aquele morticínio insensato. Augie Duarte mostrou que eu estava errado, mas tentei. *Eu tentei*. Pense nisso antes de me julgar com muita dureza.

Buzz olhou para o morto-vivo.

— Doutor, não estou julgando ninguém nessa porra. Só estou indo embora dentro de um ou dois dias, e tenho certeza de que o senhor gostaria

de completar o que não sei.

— E ninguém mais ficará sabendo?

Buzz jogou algumas migalhas para Lesnick:

— O senhor tentou poupar sofrimento para seus amigos ao mesmo tempo em que participava do jogo, e eu também já fiz truques assim. Tenho dois amigos que gostariam de saber por quê, mas nunca saberão. Então, será que o senhor poderia simplesmente me contar?

Saul Lesnick contou. Demorou duas horas, com muitas pausas longas para sugar ar e manter-se com combustível. Algumas vezes olhava para Buzz, outras vezes olhava para o oceano. Hesitou em alguns dos trechos piores, mas continuou contando.

1942.

Blecautes na época da guerra em LA, toque de recolher às dez da noite. Coleman tinha dezenove anos, morava em Bunker Hill com sua mãe maluca, Delores, e duas meias-irmãs. Usava o sobrenome “Masskie” porque a mamãe procriadora de escravos precisava de um nome paterno para ganhar pagamentos da assistência social para o filho, e as sete letras ressoavam com os preceitos da irmã Aimée sobre numerologia. Coleman abandonou o Ginásio Belmont quando não o deixaram tocar na banda da escola; ele ficou de coração partido quando o mestre da banda lhe disse que os floreios estúpidos que ele fazia ao saxofone eram apenas ruído que indicavam não haver talento, apenas pulmões fortes.

Coleman tentou entrar no Exército dois meses após Pearl Harbor; foi reprovado no exame físico por causa de joelhos fracos e um cólon espasmódico. Distribuiu filipetas para o Templo do Ângelus, ganhou dinheiro suficiente para comprar um novo sax-alto e passava horas estudando acordes e tabelas de improvisação que só soavam boas para ele. Delores não o deixava se exercitar em casa, por isso ele levava o instrumento para os morros do Griffith Park e buzina para os esquilos, coiotes e cães vadios que andavam por lá. Algumas vezes ia até a biblioteca no centro da cidade e ouvia discos com fones de ouvido. Seu predileto era “Wolverine Blues” (Blues do texugo), cantado por um crioulo velho chamado Hudson Healy. O negro mastigava as palavras e mal dava para ouvi-lo; Coleman inventou sua própria letra, coisas sujas sobre texugos trepando, e algumas vezes cantava junto, baixinho. Ouvia tanto o disco que gastou os sulcos até o ponto em que

mal dava para escutar alguma coisa, e começou a cantar um pouco mais alto para compensar. Finalmente, a velhota que cuidava da sala da vitrola percebeu sua letra e deu-lhe um pontapé no traseiro. Durante semanas ele batia punheta fantasiando Coleman, o texugo, estuprando-a pelo rabo.

Delores continuava incomodando Coleman, pedindo dinheiro para a irmã Aimée; ele arrumou trabalho no Laboratório Dental Joredco e dava-lhe uma percentagem. O trabalho era arrancar dentes de animais decapitados, e ele adorava. Observava os trabalhadores mais hábeis fazendo dentaduras com os dentes, moldando plástico e gesso para transformar em dentaduras que poderiam morder por toda a eternidade. Roubou um par de dentaduras de puma e usava-as enquanto tocava sax nos morros. Fingia que era um puma e que Delores e seus falsos irmãos e irmãs tinham medo dele.

O Joredco mandou Coleman embora quando o chefe arranhou uma família de imigrantes ilegais que trabalharia por uma quantia extremamente baixa. Coleman ficou magoado e tentou conseguir um emprego em dois outros laboratórios dentários, mas descobriu que o Joredco era o único que fazia dentaduras com dentes *verdadeiros* de animais. Passou a espreitar depois do escuro — escuro *de verdade* — todo mundo escondido atrás de cortinas de blecaute para que os japoneses não vissem todas as luzes e fizessem com LA o que tinham feito com Pearl Harbor.

Coleman compunha músicas na cabeça enquanto vagueava; a curiosidade quanto à vida atrás das cortinas quase o enlouquecia. Havia uma lista na parede de uma barbearia local: cidadãos de Bunker Hill que eram *bons* cidadãos trabalhando no serviço de defesa. A lista dizia quem estaria trabalhando em que dias, de dia ou de noite. Coleman levava os nomes até o catálogo de telefone e descobria os endereços; dali dava telefonemas — fingindo fazer recenseamento — e descobria quem era casado e quem não era. Solteiro e trabalhando à noite significava uma incursão de Coleman.

Ele pilhou algumas vezes: atravessando uma janela destrancada, abrindo uma porta de tela, algumas vezes arrebatando uma fechadura. Pegava pequenas coisas e dinheiro para tirar Delores do seu pé. A melhor coisa que pegou foi um puma empalhado. Mas Coleman simplesmente gostava de *estar* nas casas vazias. Era divertido fingir ser um animal que apreciava música. Era divertido estar em lugares escuros e fingir que dava para ver no escuro.

No início de junho, Coleman estava no bonde em Hill Street e ouviu dois caras falando sobre um estranho chamado Thomas Cormier e os animais fedorentos que ele mantinha atrás de sua casa em Carondelet. Um homem

recitou os nomes: fuinhas, furões, texugos e lontras. Coleman ficou excitado, telefonou para Thomas Cormier bancando o recenseador e ficou sabendo que ele trabalhava de noite no zoológico de Griffith Park. Na noite seguinte, armado com uma lanterna, visitou os texugos e se apaixonou por eles.

Eram malignos. Eram ferozes. Não aceitavam merda de ninguém. Tentavam comer a frente das jaulas para chegar até ele. Tinham um rosnado que parecia as notas agudas de seu sax.

Coleman partiu; não roubou a casa porque queria continuar voltando para mais visitas. Leu o folclore sobre texugos e se deliciou com as narrativas de sua selvageria. Colocou armadilhas para ratos em Griffith Park e trazia os bichos para os texugos comerem mortos. Trazia hamsters e dava vivos aos texugos. Acendia a lanterna nos texugos e via enquanto eles se banquetevavam com seus presentes. Gozava sem encostar em si próprio enquanto olhava.

O verão de Coleman foi estragado por Delores, que o incomodava por mais dinheiro. No final de julho ele leu no jornal sobre um solteirão da cidade que trabalhava no turno da tarde na Lockheed e era dono de uma valiosa coleção de moedas. Decidiu roubá-la, vender e dividir o dinheiro com Delores para que ela o deixasse em paz.

Na noite de 2 de agosto Coleman tentou, e foi capturado dentro da casa pelo dono e dois amigos seus. Partiu para os olhos do dono como um bom texugo — sem sucesso — mas conseguiu escapar. Correu os seis quarteirões até em casa, encontrou Delores e um homem estranho fazendo sessenta e nove num sofá com as luzes acesas, sentiu repulsa e fugiu de casa em pânico. Tentou fugir para a casa dos texugos, mas o homem da coleção de moedas e seus colegas — seguindo-o de carro — encontraram-no. Levaram-no até o parque de Sleepy Lagoon e o espancaram; o homem da coleção de moedas queria castrá-lo, mas seus amigos o contiveram. Deixaram-no ali espancado e sangrando, compondo música na cabeça.

Coleman cambaleou até um pequeno morro coberto de grama e viu — *ou pensou ter visto* — um homem branco e grande espancando um jovem mexicano com os punhos, rasgando suas roupas com um porrete com giletes. O branco falava sem parar com um sotaque forte:

— *Cucaracha* imundo! Vou te ensinar a não andar com garotas brancas e limpas!

O sujeito atropelou o rapaz com um carro e foi embora.

Coleman examinou o mexicano e descobriu que estava morto. Foi para casa, mentiu a Delores sobre seus ferimentos e gastou um tempo

recuperando-se. Dezesete garotos mexicanos foram indiciados pelo assassinato em Sleepy Lagoon; seguiu-se um tumulto social por causa da inocência deles; rapidamente os garotos foram julgados e ficaram um tempo na cadeia. Coleman mandou cartas anônimas para o Departamento de Polícia de LA durante o julgamento — descrevia o monstro que tinha passado a chamar de homem de voz escocesa, e contou o que realmente acontecera. Meses se passaram; Coleman tocava seu sax, com medo de roubar casas, com medo de visitar seus amigos texugos. Fazia biscates durante o dia e dava a maior parte da grana para manter Delores longe do seu pé. Até que um dia o próprio homem de voz escocesa subiu os degraus da South Beaudry 236.

Delores e suas meio-irmãs estavam fora; Coleman escondeu-se, percebendo o que devia ter acontecido: ele tinha deixado impressões digitais nas cartas e o Voz Escocesa pegou os bilhetes e comparou as impressões com aquelas em seu dossiê do serviço militar seletivo. Coleman escondeu-se longe de casa durante todo aquele dia e o dia seguinte; Delores contou-lhe que um “homem mau” o estava procurando. Ele sabia que precisava fugir, mas não tinha dinheiro; teve uma ideia: examinar o caderno de antigas paixões de sua mãe maluca, em busca de homens com quem se parecesse.

Coleman encontrou quatro fotos de um ator desconhecido chamado Randolph Lawrence — as datas nas costas das fotos e uma forte semelhança facial diziam-lhe que era o seu pai. Pegou duas das fotos, partiu para Hollywood e contou uma história fajuta a uma funcionária do sindicato dos atores de cinema. Ela acreditou em sua história resumida sobre abandono dos pais, verificou os dossiês do sindicato e informou-lhe que Randolph Lawrence era na verdade Reynolds Loftis, um ator de certa fama: Belvedere 816, de Santa Monica Canyon.

O filho apareceu à porta do pai. Reynolds Loftis sentiu-se tocado, ficou pasmo com a história do homem de voz escocesa, admitiu a paternidade e abrigou Coleman.

Loftis estava vivendo com um roteirista chamado Chaz Minear; os dois eram amantes. Eram membros da comunidade esquerdista de Hollywood, devotos do cinema de vanguarda. Coleman espionou-os na cama — ao mesmo tempo amou e odiou aquilo. Foi com eles a festas dadas por um cineasta belga; o sujeito realizava filmes com homens nus e cães que o faziam lembrar de seus texugos — e os filmes deixaram-no obcecado. Reynolds era generoso com dinheiro e não se importava com que ele passasse os dias no quintal dos fundos buzinando seu sax-alto. Coleman começou a

frequentar clubes de jazz no vale e conheceu um trombonista chamado Maluco Martin Goines.

O Maluco Martin era viciado em heroína, vendia maconha, roubava residências e era músico de segunda. Era a sarjeta da sarjeta, com um dom legítimo: ensinar roubo e música. Martin ensinou Coleman a fazer ligação direta em carros e a realmente tocar o sax-alto, mostrando-lhe como moldar notas, ler música, pegar seu repertório de ruídos e pulmões fortes e usá-lo para fazer sons que significavam alguma coisa.

Agora era o inverno de 43. Coleman estava perdendo a aparência de garoto, ficando bonito. Reynolds passou a demonstrar isso a ele, fisicamente afetuoso — montes de abraços e beijos no rosto. De repente, acreditou na história do homem da voz escocesa. Entrou para o Comitê de Defesa de Sleepy Lagoon — um assunto quente para a esquerda agora que os dezessete rapazes tinham sido condenados — para provar sua fé em Coleman.

Reynolds mandou Coleman ficar calado sobre o homem da voz escocesa — ninguém acreditaria nele, e o importante era tirar os pobres rapazes perseguidos da cadeia. Contou-lhe que o voz escocesa jamais seria preso, mas o homem mau provavelmente ainda procurava Coleman — que precisava de um disfarce protetor para ficar livre dele. Reynolds levou Coleman ao Dr. Terence Lux e fez com que seu rosto fosse fisicamente alterado segundo especificações próprias. Enquanto se recuperava na clínica, Coleman enlouqueceu, matando galinhas no viveiro, fingindo que era um texugo enquanto bebia o sangue delas. Recebeu alta da clínica e começou a roubar com o Maluco Martin, o rosto coberto de bandagens como um monstro do cinema; foi para os comícios do CDSL com seu pai atento — e contra sua vontade contou a história de José Diaz e do homem da voz escocesa. Ninguém acreditou, todo mundo o tratava de modo paternalista como o maluco irmão mais novo de Reynolds Loftis que se queimara num incêndio — mentiras que o pai lhe mandara contar. Depois as bandagens saíram e Coleman era o seu pai vinte anos mais novo. E Reynolds seduziu seu próprio reflexo jovem.

Coleman concordou. Sabia que estava livre do Voz Escocesa; enquanto se recuperava da cirurgia não sabia como ficaria seu novo rosto, mas agora sabia que era lindo. A perversão era medonha, mas continuamente excitante, como se fosse um texugo rondando uma casa estranha e escura 24 horas por dia. Fazer o papel de um irmão mais novo platônico era um subterfúgio intrigante; Coleman sabia que papai tinha pavor de que o segredo dos dois

fosse revelado e manteve silêncio — também sabia que Reynolds estava indo aos comícios e doando dinheiro para as causas porque sentia-se culpado por tê-lo seduzido. Talvez a cirurgia não tivesse sido para sua segurança — só para a sedução. Chaz mudou-se — amargo por ter sido corneado —, recusando a oferta de Reynolds para transformar aquilo num *ménage à trois*. Então Minear partiu para uma farra sexual, um garoto de programa de Felix Gordean diferente a cada noite — Reynolds vivia aterrorizado com a possibilidade de seu ex-amante contar a eles sobre o incesto, e também passou a se encontrar com um punhado de prostitutas, pelo sexo e para tentar ficar sabendo. Coleman sentia ciúme mas não falava, e a súbita frugalidade do seu pai e a demonstração de nervosismo convenceram-no de que Reynolds estava sendo chantageado. Então Coleman conheceu Claire De Haven e se apaixonou por ela.

Ela era amiga e confrade de Reynolds em várias organizações de esquerda, e tornou-se confidente de Coleman. Coleman começara a achar intolerável o sexo com o pai, fingia que o sujeito era Claire para conseguir passar as noites junto. Claire ouviu as histórias de horror de Coleman e o convenceu a procurar o Dr. Lesnick, psiquiatra aprovado pelo PC — Saul jamais violaria o segredo de um analisando.

Lesnick ouvia Coleman — numa série de sessões arduamente detalhadas de duas horas. Acreditou que a história de Sleepy Lagoon tinha sido fabricada em dois níveis: Coleman precisando justificar a procura do pai e sua própria homossexualidade latente; Coleman querendo atrair favores dos latinos do CDSL dizendo que o assassino era branco — e não os membros de gangues mexicanas que não tinham sido encontrados e que eram os assassinos, segundo a comunidade de esquerda. Afora isso, acreditava nas narrativas de Coleman, consolava-o e insistia para que rompesse o caso com o pai.

Loftis também era paciente de Lesnick; Lesnick sabia que Reynolds estava louco de culpa por causa do caso, dando cada vez mais dinheiro para cada vez mais causas — especialmente o CDSL —, um complemento para a alavanca de manipulação que usara com o objetivo de conseguir que Coleman consentisse com a cirurgia plástica. Coleman sentia a realidade se fechando ao redor e começou a visitar de novo os texugos de Thomas Cormier, alimentando-os e amando-os. Uma noite sentiu uma ânsia incrível de acarinhar e segurar um. Abriu uma das jaulas, tentou abraçar a fera e teve os braços completamente mordidos. Brigou com o texugo e venceu estrangulando-o. Levou a carcaça para casa, tirou a pele, comeu a carne crua

e fez dentaduras com os dentes, usando-as quando estava sozinho, fingindo ser o texugo, espreitando, trepando, matando.

O tempo passou.

Convencido por Claire e Lesnick, Reynolds rompeu a ligação com Coleman. Coleman ressentiu-se por seu poder sexual estar sendo usurpado e começou a odiar totalmente o pai. Os garotos condenados pela morte em Sleepy Lagoon foram inocentados e soltos da prisão — o CDSL fora o principal responsável para garantir essa justiça. Claire e Coleman continuaram a se falar, mas agora esporadicamente. Coleman comprava heroína no South Side para ela se aplicar; Claire ficava mais perturbada do que agradecida pelo gesto, mas fez o empréstimo de dois mil dólares que Coleman pediu. Ele usou o dinheiro para pagar uma segunda cirurgia com Terry Lux, o doutor partindo para seu rosto com pesadas luvas de boxe, depois trancando-o no viveiro com morfina e seringas para mantê-lo sem dor. Coleman leu textos de anatomia e fisiologia; saiu da clínica, abandonou a droga a frio e apareceu na porta de Claire preto e azul, mas sem se parecer com o pai. Quando pediu a Claire para dormir com ele, ela fugiu horrorizada.

1945.

Coleman mudou-se de Los Angeles, a repulsa de Claire um vento quente nas suas costas. Rodou o país e tocou o sax-alto com bandas avulsas, pegando o sobrenome de Hudson Healy. Em 47 Reynolds Loftis apresentou-se à Comissão de Atividades Antiamericanas, recusou-se a informar e entrou para a lista negra; Coleman leu sobre isso e adorou. Coleman estava vivendo num mundo de raiva impactada: fantasias de machucar o pai, possuir Claire, estuprar homens que olhassem para ele do modo errado e comer sua carne com os dentes de texugo que ainda carregava para toda parte. Compor música e tocar era a única coisa que o mantinha inteiro. Depois, de volta a LA no fim de 49, leu que papai e Claire iam se casar. Seu mundo puído, montado toscamente, desmoronou.

As fantasias de Coleman subiram até um ponto em que ele nem podia pensar em música. Sabia que tinha de realizar as fantasias e construir um objetivo nelas, claro e preciso como aquilo que sua música significava para ele. Ficou sabendo da participação de Reynolds na AUFC e soube quando aconteciam as reuniões do comitê executivo. Decidiu matar os parceiros sexuais de seu pai — aqueles de quem se lembrava da época do rompimento de papai com Chaz. Coleman lembrava-se da cara e do nome de George Wiltsie e do amante latino Augie, mas eles jamais poderiam identificá-lo: na

época ele tinha o disfarce protetor de um despretensioso irmão mais novo. Lembrava-se de outras conquistas de Reynolds estritamente pela cara, mas sabia que bares eles frequentavam. Encontrar vítimas seria fácil, o resto era mais difícil.

O plano:

Matar os amantes de Reynolds nas noites de reuniões da AUFC, disfarçado de Reynolds, espalhando a semente O positivo idêntica à de Reynolds, largando pistas para apontar Reynolds como o assassino, forçando-o a — na pior das hipóteses — ser implicado nos assassinatos, ou — uma punição mediana — cuspir como álibis suas traiçoeiras reuniões da AUFC. Papai poderia ser condenado pelos crimes; poderia ser suspeito e ter de admitir sua homossexualidade à polícia; poderia ficar sujo na imprensa, e se usasse os preciosos saraus no sindicato como álibis, poderia arruinar sua carreira no cinema recentemente ressuscitada, por causa das ligações com comunistas.

Coleman sabia que precisava de dinheiro para financiar sua farra de assassinatos, e só estava ganhando uns trocados quando tocava na Central Avenue. Na noite de Natal cruzou com seu velho colega Martin Goines no Bido Lito's. Martin ficou surpreso — e feliz — era a primeira vez que via Coleman depois das bandagens, anos haviam se passado, o garoto se tornara um homem com um novo rosto — e não era um mau saxofonista. Coleman sugeriu que eles voltassem a invadir residências; o Maluco Martin concordou. Fizeram planos de conversar depois do Ano-Novo; depois, no início da noite de Ano-Novo, Goines viu Coleman do lado de fora do Malloy's Nest e disse-lhe que tinha ligado para um colega de Quentin em San Francisco, Leo Bordoni, e o convidara a entrar para o bando. Coleman, furioso por não ter sido consultado — mas sem demonstrar — decidiu que Goines não falara dele nem o descrevera para Bordoni, e decidiu que seu velho professor de jazz era uma bela isca para texugo. Pediu a Martin para se encontrar com ele na esquina da 67 com Central à meia-noite e quinze e para não falar a respeito — havia um motivo.

Coleman foi para seu quarto e pegou a peruca grisalha e o kit de maquiagem que comprara para imitar Reynolds. Fez um porrete *zoot* com uma tábua que encontrara no lixo e um pacote de cinco giletes. Sabia que a AUFC estava dando uma festa/reunião naquela noite, comprou quatro papелotes de heroína e uma seringa com seu antigo fornecedor Roland Navarette, puxou um Buick destrancado na 67, tocou em sua última sessão no

Zombie, entrou como Coleman no banheiro dos homens no posto Texaco da 68, saiu como papai.

Martin chegou exatamente na hora, mas bêbado — nem piscou diante do disfarce de Coleman. Coleman nocauteou-o na calçada com um porrete, segurou-o contra o ombro como um colega bêbado, levou-o ao Buick e fez ligação direta. Aplicou em Martin uma grande dose de droga, levou-o à sua casa em Hollywood, aplicou mais outros três papelotes, e enfiou o capuz de um roupão de tecido atoalhado em sua boca, para que não vomitasse sangue nele quando suas artérias cardíacas estourassem. O coração de Martin estourou legal; Coleman estrangulou o resto de sua vida, retalhou suas costas com o *zoot*, arrancou seus olhos como tentara fazer com o sujeito da coleção de moedas na época de Sleepy Lagoon. Estuprou aquelas órbitas vazias; colocou os dentes de texugo e se banqueteu, espirrando sangue nas paredes enquanto ouvia loucos improvisos de sax-alto na cabeça. Quando terminou, deixou os olhos na geladeira, vestiu Goines com o roupão de atoalhado branco, levou-o escada abaixo e colocou-o no banco de trás do Buick. Ajustou o espelho retrovisor para poder observar Martin com sua cabeça sem olhos, balançando; dirigiu até a Sunset Strip debaixo de chuva, pensando em papai e Claire tendo cada orifício penetrado até os dentes. Depositou Martin num terreno baldio na Allegro, o próprio território das frutas, um corpo exposto como a Dália Negra. Se ele tivesse sorte, a vítima número um receberia uma publicidade equivalente à dela.

Coleman voltou à sua música, à sua outra vida. O assassinato de Goines não provocou a publicidade que ele esperava — a Dália era uma mulher linda, Martin um vagabundo anônimo. Coleman alugou carros e patrulhava a Tamarind 2.307 em horas variadas, nenhum policial apareceu — ele poderia usar o lugar de novo. Conseguiu o endereço de George Wiltsie no catálogo telefônico e decidiu que Wiltsie seria a vítima número dois. Passou noites percorrendo bares de veados perto do apartamento, viu Wiltsie nesses lugares, mas sempre na companhia de seu caso, um sujeito que ele chamava de “Duane”. Quase decidiu deixar o sacana viver, mas pensar nas possibilidades de um assassinato em duo deixou-o excitado, e fez com que ele se lembrasse de Delores fazendo sessenta e nove com o homem. Então Duane falou com um barman que trabalhava na Variety International — antiga área do papai.

Providência.

Coleman abordou George e Duane, carregando um pequeno kit de morte que produzira: cápsulas de secobarbital compradas com Roland Navarette e estriçnina da farmácia. Proporção dois para um, barbitúrico e veneno — furinhos de alfinete nas cápsulas para um efeito rápido. Coleman sugeriu uma festa em “sua casa” em Hollywood; George e Duane aceitaram. No caminho, em seu carro alugado, deu-lhes uma garrafinha de uísque para beber. Quando estavam meio altos, ele perguntou se gostariam de experimentar uma viagem de verdade. Os dois engoliram ansiosos as pílulas mortais; quando chegaram ao barraco de Martin os dois estavam tão tontos que Coleman teve de ajudá-los a subir. Lindenaur chegou morto, Wiltsie num sono profundo. Coleman despiu-os e partiu para trabalhar com o *zoot* no morto.

Wiltsie acordou e lutou para viver. Coleman decepou um dos dedos do veado defendendo-se e matou-o com uma facada na garganta. Com ambos mortos, ele foi o *zooter*, o texugo, estuprou do modo padrão e desenhou imagens musicais e um T marca registrada nas paredes. Colocou o dedo de Wiltsie na geladeira; deu um banho de chuveiro em Duane e George, livrando-os do sangue, embrulhou-os em cobertores, carregou-os para baixo e foi até o Griffith Park, seu antigo território de buzinar o sax. Despiu-os e carregou-os até a trilha de caminhada; colocou-os no sessenta e nove para que o mundo visse. Se *ele* fosse visto, seria visto como seu pai.

Dois acontecimentos coincidiram.

O Dr. Saul Lesnick, perto da morte e querendo que alguém compensasse suas perdas morais, leu um tabloide de escândalos relatando os assassinatos de Wiltsie/Lindenaur. Lembrou de Wiltsie como um nome que surgira numa sessão psiquiátrica de Reynolds Loftis há anos; os cortes *zoot* fizeram-no lembrar das fantasias de Coleman com relação ao homem da voz escocesa e as armas no galinheiro de Terry Lux. O que finalmente o convenceu de que Coleman era o assassino foi a fome por trás das marcas descritas de modo oblíquo. Coleman era a fome personificada. Coleman queria ser o animal mais maligno e insaciável da Terra, e agora estava provando que era.

Lesnick sabia que a polícia mataria Coleman caso o pegasse. Sabia que tinha de tentar levá-lo para uma instituição trancada antes que ele matasse mais alguém, ou decidisse partir para Reynolds e Claire. Sabia que Coleman tinha de estar perto da música, e encontrou-o tocando numa boate na Central Avenue. Recuperou a confiança de Coleman como a única pessoa que nunca o magoara, garantiu-lhe um apartamento barato na Compton e falou, falou, falou com ele, escondendo-o quando um amigo da comunidade esquerdista

lhe disse que Reynolds e Claire também estavam procurando Coleman. Coleman estava experimentando momentos de clareza — um comportamento padrão nos psicopatas sexuais que sucumbiram ao assassinato para satisfazer a luxúria. Arrancou a história de seus três primeiros assassinatos; Lesnick sabia que andar como chofer de um morto no banco de trás e levar as vítimas era pura tentativa subconsciente de ser apanhado. Existiam caixotes psicológicos que poderiam ser abertos por um psicólogo hábil usando cunhas — a redenção de Saul Lesnick por dez anos dedurando pessoas que ele amava.

Coleman começava a lutar contra seus desejos, usando música. Estava trabalhando numa longa peça solo cheia de silêncios fantasmagóricos para significar mentiras e duplicidades. Os *riffs* enfatizariam os sons agudos especiais que ele conseguia com o sax, altos a princípio, depois ficando mais suaves, com longos intervalos de silêncio. A música terminaria numa escala de notas que iriam diminuindo de volume, e depois o silêncio sem interrupção — que Coleman via como mais alto do que qualquer ruído que ele poderia produzir. Queria chamar esta composição de “O Grande Deserto”. Lesnick disse que se ele fosse para um hospital, sobreviveria para executá-la. O doutor via Coleman hesitando, ganhando clareza. Depois Coleman contou-lhe sobre Danny Upshaw.

Ele se encontrara com Upshaw uma noite depois de matar Martin Goines. O detetive estava fazendo uma investigação de rotina e Coleman lhe dera seu álibi de “eu estava à vista de todos durante a noite inteira” sabendo que Upshaw tinha acreditado. Essa crença significava que Goines mantivera o bico calado sobre o encontro com ele, e Coleman aproveitou a oportunidade para mentir dizendo que Martin era bicha, e para soltar pistas sobre o papai alto e grisalho. Tirou Upshaw da mente e prosseguiu com seu plano, matando Wiltsie e Lindenaur, tentando decidir entre Augie Duarte ou outro caso de papai que ele conhecia como a vítima número quatro. Mas começara a ter sonhos com o jovem detetive, sonhos ferventes que diziam que ele realmente era o que papai tentara torná-lo. Decidiu assassinar Reynolds e Claire se não conseguisse enfiar o papai até o pescoço na lama — pensou que acrescentar mais sangue ao seu cozido iria lhe dar mais tempero, e fazer com que ele sonhasse com as mulheres que um dia amou.

O plano não deu certo. Coleman teve mais sonhos com Upshaw, mais fantasias com Upshaw. Estava fantasiado de papai e no processo de tocaiar o escritório de Felix Gordean em busca de pistas de antigos amantes de

Reynolds quando viu Upshaw também fazendo vigilância; ele estava perto quando Upshaw telefonou para a linha de informações do Departamento de Trânsito da polícia. Captou o que ele havia falado, e seguiu Upshaw no Pontiac que havia roubado — só para ficar perto dele. Upshaw descobriu que estava sendo seguido; veio uma caçada; Coleman fugiu, roubou outro carro, ligou para o Departamento de Trânsito e fingiu ser parceiro do detetive. Um dos nomes que o funcionário leu de novo para ele foi Augie Duarte; Coleman decidiu que era a providência de novo, e a partir daí decidiu que ele era a vítima quatro. Foi até a casa de praia de Gordean, viu o carro de Upshaw, escondeu-se e ouviu Gordean e um de seus capangas falando. O cafetão/especialista em veados disse:

— Aquele policial vai acabar desenrustindo. Eu sei disso.

No dia seguinte Coleman entrou no apartamento de Upshaw e saboreou-o. Não viu lembranças de mulheres, nada além de uma casa muito arrumada, impessoal. Então Coleman *soube*, e começou a sentir uma identificação completa com Upshaw, uma simbiose. Naquela noite Lesnick deixou o apartamento para pegar remédio no Hospital Geral do condado, pensando que a fixação de Coleman em Upshaw iria conscientizá-lo de sua homossexualidade, fazer com que ele parasse, ficasse num beco sem saída. Estava errado. Coleman pegou Augie Duarte num bar do centro da cidade, sedou-o e levou-o a uma garagem abandonada em Lincoln Heights. Estrangulou-o, retalhou-o, comeu-o e violentou-o como papai e todos os outros tinham tentado fazer com ele. Deixou o corpo à beira do rio Los Angeles, voltou para a Compton e disse a Lesnick que finalmente colocara Upshaw em perspectiva. Iria competir com o sujeito, assassino contra detetive. Saul Lesnick saiu do apartamento e pegou um táxi de volta para sua casa de repouso, sabendo que Coleman Healy iria continuar trucidando até ser trucidado. E o psiquiatra frágil e velho estivera tentando desde então arrumar coragem para uma morte de misericórdia.

Lesnick terminou sua narrativa com um hábil floreio de contador de histórias, tirando um revólver das dobras do roupão. Disse:

— Vi Coleman mais uma vez. Ele tinha lido que Upshaw morreria acidentalmente e ficou muito perturbado. Tinha acabado de comprar narcóticos com Navarette e ia matar outro homem, um homem que trabalhara como figurante num dos filmes de Reynolds, viciado em ópio. O sujeito

tivera um pequeno caso com Reynolds e Coleman ia matá-lo. Ele me disse, como se soubesse que eu não faria coisa alguma para impedir. Comprei esta arma numa loja de penhores em Watts. Ia matar Coleman naquela noite, mas você e o capitão Considine o encontraram primeiro.

Buzz olhou para o revólver. Era velho, enferrujado e provavelmente falharia, como a percepção idiota do psiquiatra de que Sleepy Lagoon fora uma fantasia. Coleman teria dado um tapa para arrancá-lo de sua mão ossuda antes que o velho pudesse puxar o gatilho.

— Está satisfeito com o modo como tudo acabou, doutor?

— Não. Sinto pena de Reynolds.

Buzz pensou em Mal atirando direto no papai — querendo Coleman vivo para sua carreira e talvez algo a ver com o filho dele.

— Tenho uma pergunta de policial, doutor.

— Por favor. Faça.

— Bom, eu pensava que Terry Lux tinha contado a Gordean toda a sujeira que ele usou para chantagear Loftis. Sua história me faz pensar que Chaz Minear contou alguns detalhes a Felix, detalhes que ele juntou ao chantagear Loftis pela segunda vez, há pouco tempo. Coisas que o fizeram pensar que Coleman estava matando pessoas.

Lesnick sorriu.

— É, Chaz contou a Felix Gordean muitas coisas sobre a estada de Coleman na clínica, coisas que ele pôde usar como pistas ao juntar com novos fatos que saíram nos jornais. Eu li que Gordean foi assassinado. Foi o Chaz?

— Foi. Isso lhe agrada?

— É um pequeno final feliz, sim.

— Algum pensamento sobre Claire?

— Sim. Ela irá sobreviver como uma tigresa ao *pogrom* do seu júri de instrução. Encontrará outro homem fraco para proteger e outras causas para defender. Fará o bem para pessoas que merecem e não comentarei sobre o caráter dela.

— Antes que as coisas saíssem de controle, parecia que a AUFC estava preparando algum esquema de extorsão contra os estúdios. Você estava fazendo jogo duplo? Escondendo coisas que ouvia como psiquiatra para ajudar o sindicato?

Lesnick tossiu e disse:

— Quem quer saber?

— Dois homens mortos e eu.
— E quem mais ficará sabendo?
— Só eu.
— Acredito. Por quê, não sei.
— Os mortos não têm motivo para mentir. Ande, doutor. Desembuche.
Lesnick acariciou seu berro de loja de penhores.

— Eu tenho informações comprovadas sobre o Sr. Howard Hughes e sua queda por garotas menores de idade, e muitas informações sobre atores da RKO e da Variety International e sobre as curas de narcóticos pelas quais eles passam periodicamente. Tenho informações sobre as associações de muitos executivos de estúdios com o submundo, inclusive um cavalheiro da RKO que atropelou e matou quatro pessoas de uma família com seu carro. A prisão foi resolvida e o caso nunca chegou a julgamento, mas essa simples alegação seria tremendamente embaraçosa. De modo que a AUFC não está sem armas, você sabe.

— Chefe, já cafetizei garotas para Howard e combinei a maioria das curas de drogas. Tirei aquele cara da RKO da força e levei o pagamento para o juiz que iria indiciá-lo. Doutor, os jornais jamais publicariam o que o senhor tem, e as rádios jamais colocariam no ar. Howard Hughes e Herman Gerstein gargalhariam da extorsão na sua cara. Eu sou o melhor solucionador de problemas que esta cidade já viu, e acredite em mim, a AUFC está crucificada.

Saul Lesnick levantou-se, cambaleou mas continuou de pé. Falou:

— E como você vai resolver isto?

Buzz entrou na questão.

Quando voltou ao motel, havia um bilhete do gerente na porta: “Ligar para Johnny S.” Buzz foi até o telefone público e discou o número de Stompanato.

— Fale comigo.

— É Meeks. O que há?

— O seu fim, mas espero que não o fim do meu dinheiro. Acabo de conseguir uma pista, através de um amigo de Mickey. O DPLA fez uma perícia de balística rotineira daquele tiroteio na boate em que você esteve. Aquele figurão legista, o Layman, examinou o relatório sobre os balaços que eles tiraram do tal assassino de quem você me falou. Pareceu familiar, por isso ele verificou de novo. As balas da sua arma eram iguais às que eles

tiraram de Gene Niles. O DPLA acha que você matou Niles e estão em força total atrás de você. Com ordem de atirar para matar. E, odeio dizer, mas você me deve um monte de dinheiro.

Buzz suspirou.

— Johnny, você é um homem rico.

— O quê?

— Encontre-se comigo amanhã ao meio-dia — disse e desligou. Ligou para um número de East LA e foi atendido:

— *Quién? Quién és?*

— Fale inglês, Chico, é Meeks.

— Buzz! Meu *padrone*!

— Estou mudando minha encomenda, Chico. Não é uma 30-30, prefiro uma de cano serrado.

— Calibre doze, *padrone*?

— Maior, Chico. A maior que você tiver.

CAPÍTULO XLII

Era uma espingarda calibre 10 com cano de trinta centímetros. Os cartuchos eram de carga tripla, chumbo grosso. As cinco cargas na culatra bastavam para transformar a camisaria de Mickey Cohen e o pessoal da alta conferência sobre drogas em comida de cachorro. Buzz estava carregando a arma numa caixa de persiana, embrulhada com papel natalino.

Seu calhambeque alugado estava junto à calçada, a meio quarteirão ao sul da Sunset. O estacionamento da camisaria estava apinhado de carangos de judeus e carcamanos; havia uma sentinela parada junto à porta da frente, afastando fregueses; o homem junto à porta dos fundos parecia meio adormecido, sentado numa cadeira e pegando em cheio o sol do fim da manhã. Dois pistoleiros neutros contratados — Dudley e o quarto homem — tinham de estar lá dentro, no meio da ação.

Buzz acenou para o sujeito da esquina — seu cúmplice pago antecipadamente, recrutado num bar. O cara entrou no estacionamento parecendo furtivo, experimentando maçanetas de Cadillacs e Lincolns, rodeando a última fileira de carros perto da cerca. Buzz aproximou-se devagar, esperando que a sentinela percebesse e partisse para cima.

O sujeito que tomava banho de sol demorou quase um minuto para se sacudir, perceber e ir até lá, uma das mãos dentro do bolso do paletó. Buzz correu a toda velocidade, gordura leve sobre pés calçados com tênis.

A sentinela girou no último segundo; Buzz mandou a caixa de Natal na cara dele e derrubou-o em cima do capô de um Continental 49. O homem sacou o revólver; Buzz deu-lhe uma joelhada nos bagos, golpeou seu nariz com a palma da mão e viu a .45 automática bater no asfalto. Outra joelhada deixou-o caído e gemendo; Buzz chutou a arma para longe, rasgou a caixa e usou a coronha da espingarda de cano serrado para deixá-lo quieto.

O cúmplice sumiu; a sentinela estava sangrando na boca e no nariz, mergulhada no país dos sonhos — talvez de vez. Buzz enfiou no bolso o trabuco caído, foi até a porta dos fundos e entrou.

Risos e diálogos de bons companheiros estrondeando; um pequeno corredor com provadores de ambos os lados. Buzz chegou perto de uma cortina, puxou um canto e olhou.

A conferência de cúpula ia a todo vapor. Mickey Cohen e Jack Dragna estavam rasgando seda um para o outro, parados junto a uma mesa coberta de frios, garrafas de cerveja e bebida destilada. Dave Goldman, Mo Jahelka e Dudley Smith tomavam uísque; uma fileira de capangas de Dragna estava parada junto às cortinas da janela da frente. Johnny Stompanato não estava à vista porque ele provavelmente estava a meio caminho de San Pedro, esperando que um certo gordo sobrevivesse à manhã. Perto da parede esquerda, o verdadeiro negócio acontecia: dois sujeitos com cara de mexicanos contando uma pasta cheia de dinheiro enquanto um homem do Mickey e um homem do Jack testavam o pó branco-acastanhado em sacolas de papel reforçado, dentro de outra pasta. Seus sorrisos diziam que o gosto do bagulho era bom.

Buzz puxou a cortina para o lado e entrou na festa, encaixando um cartucho na câmara para atrair alguma atenção. O barulho fez cabeças se virarem, bebidas e pratos de comida caírem; Dudley Smith sorriu; Jack Dragna olhou para o cano. Buzz viu um sujeito com cara de policial junto aos mexicanos. Vinte contra um que ele e Dudley eram os únicos armados; Dud era inteligente demais para tentar alguma coisa. Mickey Cohen pareceu magoado. Falou:

— Deus é minha testemunha: vou fazer pior com você do que o cara que acabou com Hooky Rothman.

Buzz sentiu todo o corpo flutuando para longe. Os mexicanos começavam a parecer apavorados; uma batida na janela traria o homem de fora; foi até o lugar onde podia ver cada rosto na sala e ajeitou o cano da arma para uma sequência em leque: Jack e Mickey vaporizados no segundo em que ele puxasse o gatilho.

— O dinheiro e a droga numa de suas sacolas de roupa, Mick. Agora e devagar.

— Dave — disse Mickey —, ele vai atirar. *Obedeça.*

Buzz viu Dave Goldman atravessar sua visão e começar a falar espanhol baixo com os mexicanos. Com o canto do olho viu sacolas de papel e verdinhas sendo postas numa bolsa com zíper, lona marrom com filetes vermelhos e a cara de Mickey Cohen estampada na frente. Mickey falou:

— Se você me mandar Audrey de volta eu não toco num fio de cabelo dela e não vou devagar com você. Se eu a encontrar com você, não posso prometer misericórdia. Mande Audrey de volta para mim.

Um trato de um milhão de dólares indo para o espaço — e Mickey Cohen só conseguia pensar numa mulher.

— Não.

O zíper da bolsa foi fechado; Goldman caminhou com ela bem devagar. Buzz estendeu o braço esquerdo reto; Mickey estava tremendo como um viciado morrendo de vontade de se aplicar. Buzz se perguntou o que diria em seguida; o pequeno grande homem disse:

— *Por favor.*

A bolsa de roupa acomodada; Buzz sentiu o braço pendendo para baixo. Dudley Smith piscou. Buzz falou:

— Vou voltar para pegar você, garoto. Diaz e Hartshorn.

Dudley gargalhou.

— Você não viverá até lá.

Buzz recuou até as cortinas.

— Não saiam pela porta dos fundos, ela está preparada com uma bomba.

— *Por favor* — disse Mickey Cohen. — Você não pode fugir com ela. Não vou tocar num só cabelo dela.

Buzz saiu.

Johnny Stompanato o esperava no motel, deitado na cama e ouvindo uma ópera no rádio. Buzz largou a sacola de roupas, abriu o zíper e tirou dez maços de notas de dez mil dólares. O queixo de Johnny caiu; seu cigarro bateu no peito e fez um buraco na camisa. Ele apagou a guimba com um travesseiro e disse:

— Você conseguiu.

Buzz jogou o dinheiro na cama.

— Cinquenta para você, cinquenta para a Sra. Celeste Considine, South Gramercy 641, LA. Faça a entrega e diga que é para a educação do garoto.

Stompanato juntou o dinheiro numa pilha e ficou babando.

— Como você sabe que não vou ficar como tudo?

— Você gosta demais do meu estilo para me sacanear.

Buzz foi até Ventura, estacionou na frente da casa do detetive Dave Kleckner e tocou a campainha. Audrey atendeu. Estava usando uma camisa velha do Mickey e calça de brim, como na primeira vez em que ele a beijara. Ela olhou para a bolsa de roupas e disse:

— Está planejando ficar um tempo?

— Talvez. Você parece cansada.

— Fiquei acordada a noite inteira, pensando.

Buzz pôs as mãos no rosto dela, ajeitando uma mecha de cabelo.

— Dave está em casa?

— Dave está de serviço até tarde. E acho que ele está apaixonado por mim.

— Todo mundo está apaixonado por você.

— Por quê?

— Porque você faz com que eles tenham medo de ficar sozinhos.

— Isso incluiu você?

— Eu especificamente.

Audrey saltou em seus braços. Buzz soltou a bolsa e chutou-a para dar sorte. Carregou a leoa para o quarto da frente e foi na direção do interruptor; Audrey agarrou sua mão.

— Deixe acesa. Quero ver você.

Buzz tirou a roupa e sentou na beira da cama; Audrey ficou nua lentamente e pulou em cima dele. Os dois se beijaram dez vezes mais demorado do que geralmente, e se intoxicaram com tudo o mais que já haviam feito juntos. Buzz entrou nela rápido, mas mexeu-se extradevagar; ela empurrava com os quadris com mais força do que da primeira vez. Ele não podia suportar e não queria; ela ficou louca quando ele ficou. Como na primeira vez, os dois jogaram as cobertas para fora da cama e se abraçaram, suando. Buzz lembrou-se de como passara um dedo ao redor do pulso de Audrey para que os dois continuassem se tocando enquanto ele recuperava o fôlego. Fez isso de novo, mas dessa vez ela apertou sua mão inteira como se não soubesse o que o gesto significava.

Enroscaram-se, Audrey aconchegando-se. Buzz olhou o quarto estranho. Pedidos de passaporte e pilhas de folhetos turísticos da América do Sul estavam sobre a mesinha de cabeceira, e caixas de roupas femininas arrumadas junto à porta perto de uma mala nova em folha. Audrey bocejou, beijou seu peito como se fosse hora de dormir e bocejou de novo. Buzz falou:

— Meu doce, alguma vez Mickey bateu em você?

Um balançar bêbado de cabeça em resposta.

— A gente fala depois. Fala *muito* depois.

— Alguma vez ele fez isso?

— Não, só homens. — Outro bocejo. — Sem papo sobre Mickey. Lembra de nosso trato?

— É, lembro.

Audrey apertou-o e acomodou-se no sono. Buzz pegou o folheto que estava mais perto, uma propaganda do Rio de Janeiro. Folheou páginas, viu que Audrey havia circulado listas com chalés oferecendo taxas especiais para recém-casados e tentou visualizar um fugitivo assassino de policial e uma stripper de 37 anos torrando ao sol da América do Sul. Não conseguiu. Tentou visualizar Audrey esperando-o enquanto ele tentava vender doze quilos de heroína para algum mafioso renegado que já não tivesse ouvido falar do roubo e da cabeça a prêmio. Não conseguiu. Tentou visualizar Audrey com ele quando o DPLA se aproximasse, policiais gloriosos, cheios de tesão, segurando o fogo porque o assassino estava com uma mulher. Não conseguiu. Pensou em Fritzie, o Fura-gelo, encontrando os dois juntos, partindo maluco com o furador de gelo contra a cara de Audrey — e essa imagem era fácil. Mickey dizendo “por favor” e ficando piegas com o perdão era ainda mais fácil. Buzz ouviu a respiração de Audrey; sentiu sua pele suada esfriando. Tentou visualizá-la arranjando algum emprego de contadora, indo para casa em Mobile, Alabama, e conhecendo um bom corretor de seguros que procurasse por uma bela sulista. Não conseguiu. Fez uma última grande tentativa dos dois comprando a saída do país com um grande cartaz de procura-se assassino de policial mostrando a sua cabeça. Tentou com força extra, extra — e não conseguiu um modo de fazer com que a ideia grudasse.

Audrey estremeceu e rolou para longe dele. Buzz viu Mickey cansado dela dentro de alguns anos, largando-a em troca de alguém mais jovem, com um belo dinheiro pela separação. Viu policiais do xerife, da cidade, federais e capangas de Cohen caçando seu rabo caipira até a Lua. Viu Ellis Loew e Ed Satterlee na maior tranquilidade e o velho Dr. Lesnick provocando-o com “e como você vai solucionar isso?”.

Lesnick provocou a ação. Buzz levantou-se, foi até a sala de estar, pegou o telefone e pediu que a telefonista o ligasse com Los Angeles CR-4619. Uma voz atendeu:

— Alô?

Era Mickey.

Buzz falou:

— Ela está na Montebello Drive 1.006, em Ventura. Machuque-a e eu vou com você mais devagar do que você jamais pensou em ir comigo.

Mickey falou:

— *Mazel tov*. Meu amigo, você ainda está morto, mas está morto muito rápido.

Buzz pousou o fone gentilmente, voltou ao quarto e se vestiu. Audrey estava na mesma posição, a cabeça enterrada no travesseiro. Não havia como ver seu rosto. Falou:

— Você foi a única — e apagou a luz.

Pegou sua bolsa de roupas na saída e deixou a porta destrancada.

Passando por estradas secundárias chegou ao vale de San Fernando logo depois das sete e meia — noite aberta, preta e estrelada. A casa de Ellis Loew estava escura e não havia carros estacionados na frente.

Buzz rodeou até a garagem, quebrou uma tranca da porta e empurrou-a. A luz captou uma lâmpada pendurada num fio. Puxou o interruptor e viu o que queria numa prateleira baixa: duas latas de gasolina. Pegou-as, viu que estavam quase cheias, levou até a porta da frente e entrou com sua chave de investigador especial.

Um clarão rápido da luz do teto; a sala de estar totalmente branca — paredes, mesas, caixas de papelão, prateleiras e montes de papel —, o disparo de Loew e companhia em direção à Lua política, do tipo que só acontece uma vez na vida. Gráficos, mapas e milhares de páginas de testemunhos obtidos por coação. Caixas de fotografias com rostos marcados para provar traição. Uma porrada enorme de mentiras reunidas para provar uma única teoria na qual era fácil de acreditar porque acreditar era mais fácil do que atravessar a superabundância de bosta e dizer: “Errado.”

Encharcou com gasolina paredes, prateleiras, mesas e pilhas de papel. Encharcou as fotos do Comitê de Sleepy Lagoon, rasgou os gráficos de Ed Satterlee, esvaziou as latas no chão e fez uma trilha de gasolina até a varanda. Acendeu um fósforo, jogo-o e viu o branco se transformar em vermelho e explodir.

O fogo se espalhou para trás e para cima; a casa se transformou num gigantesco lençol de chamas. Buzz entrou no carro e se afastou, brilho vermelho iluminando o para-brisa. Pegou ruas secundárias em direção ao

norte até o brilho desaparecer e ele ouvir sirenes uivando na direção oposta. Quando o barulho morreu, ele estava subindo no pé das colinas, Los Angeles apenas um borrão de néon no retrovisor. Tocou seu futuro ali no banco: espingarda de cano serrado, heroína, 150 mil. A sensação não era correta, por isso ligou o rádio e encontrou uma estação de música caipira. A música era melosa demais e triste demais, como um lamento por uma época em que tudo era barato. Mesmo assim ouviu. As canções fizeram-no pensar em si próprio, em Mal e no pobre Danny Upshaw. Incorrigíveis, policiais patifes e caçadores de comunistas. Três homens perigosos que foram para locais desconhecidos.

JAMES ELLROY nasceu em Los Angeles, em 1948, filho de um contador que trabalhava para astros do cinema e de uma enfermeira. Após o divórcio dos pais, morou com a mãe até 1958, quando ela foi assassinada, crime jamais solucionado. Sua juventude antecipava um futuro sem perspectivas: Ellroy viciou-se em drogas e acabou preso diversas vezes por furto. Nos anos 70, recuperado, começou a dedicar-se à literatura, e em pouco tempo consagrou-se como um dos maiores autores americanos da atualidade, renovando de maneira irreversível toda a ficção policial contemporânea.